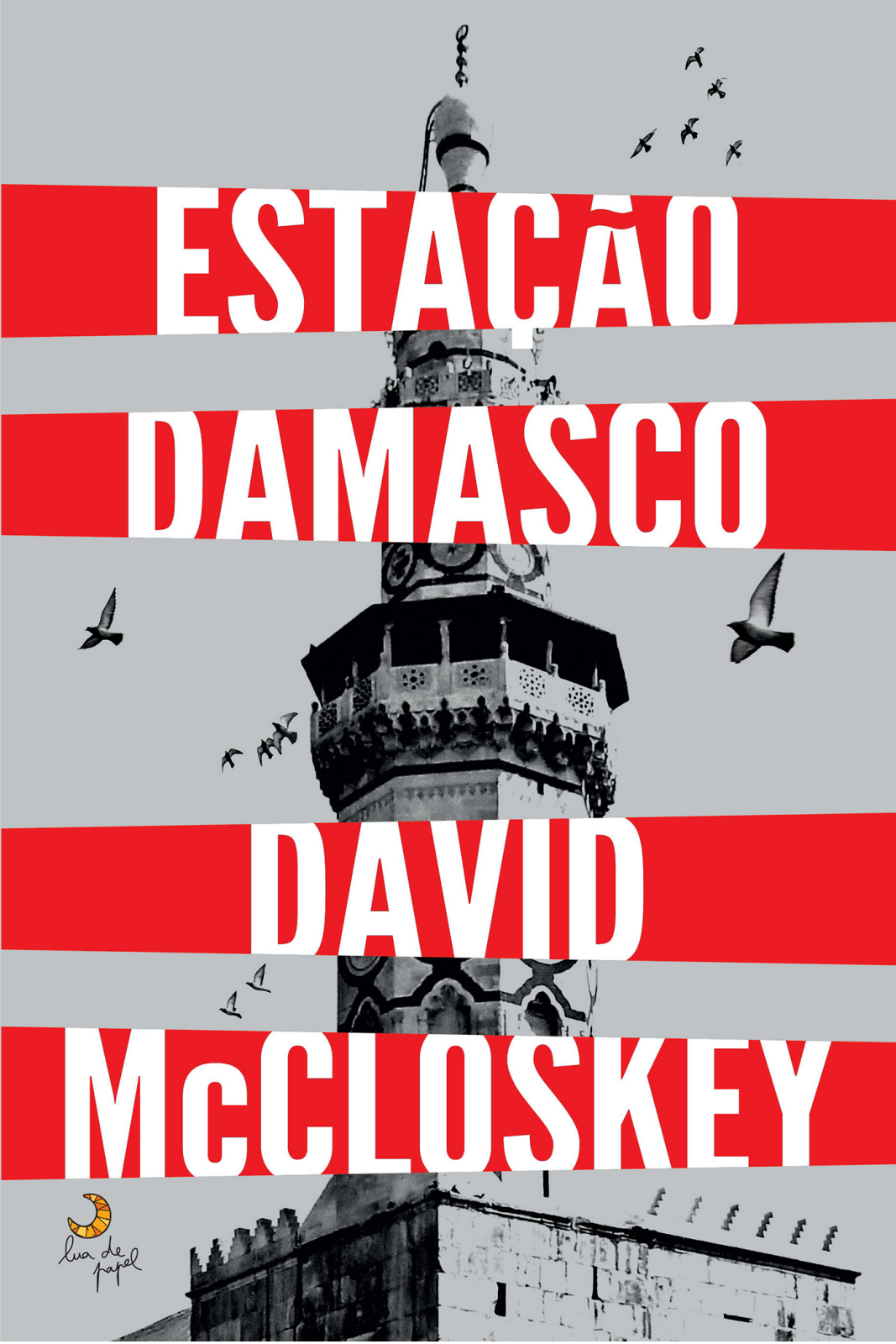




ESTAÇÃO

DAMASCO

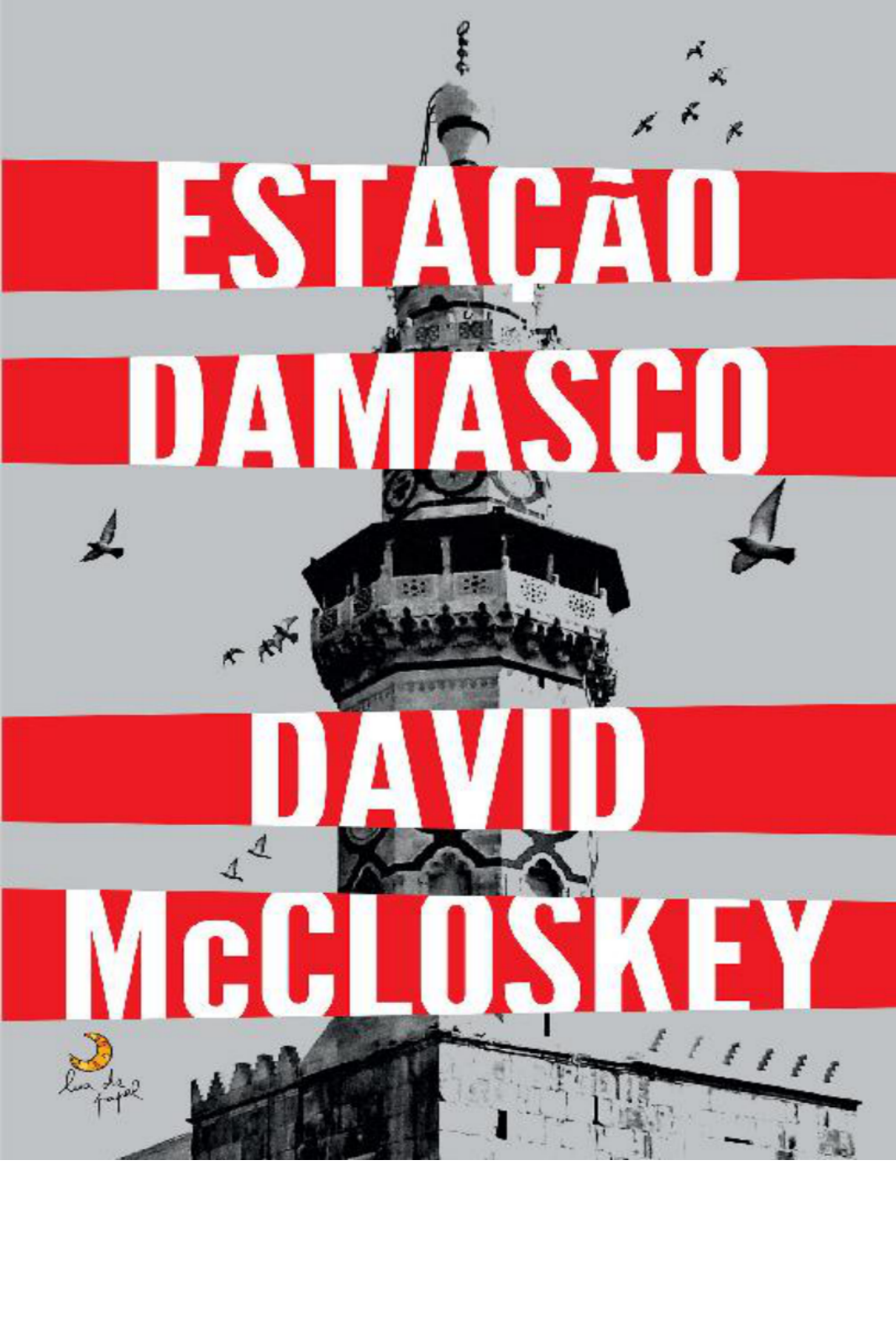
DAVID

MCCLOSKEY



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



ESTAÇÃO DAMASCO

DAVID McCLOSKEY



Ficha Técnica

Título: Estação Damasco
Título original: Damascus Station
Autor: David McCloskey
Revisão: Laura Alves
Adaptação de capa: Lua de Papel
Mapa de Damasco: Michael Borop, World Sites Atlas
ISBN: 9789892353678

LUA DE PAPEL
[Uma chancela do grupo Leya]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

©2021, David McCloskey
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

luadepapel@leya.pt
www.luadepapel.pt
www.leya.pt



Capa

Ficha Técnica

Primeira Parte - Homicídios

1

2

3

4

5

6

Segunda Parte - Recrutamento

7

8

9

10

11

12

13

14

15

Terceira Parte - Bombas

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

Quarta Parte - Perseguidos

34

35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50

Quinta Parte - Liberdade

51
52
53
54
55
56

Agradecimentos

David McCloskey

Estação Damasco

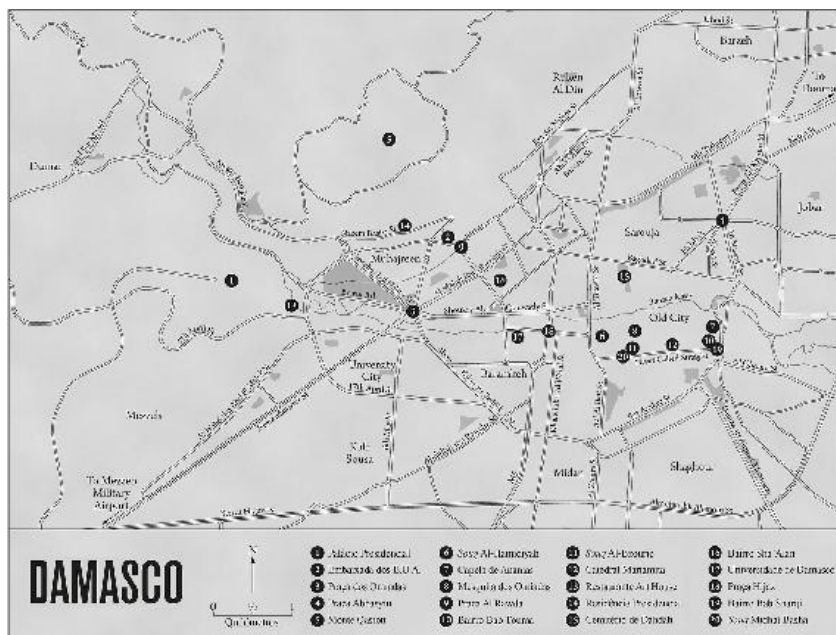
Damascus Station

Tradução de
Raquel Dutra Lopes

Para Abby, meu amor e coconspiradora.
E para a Síria e o seu povo, por um futuro
mais luminoso do que o passado.

Damasco viu tudo o que alguma vez sucedeu na terra e que perdura. Contemplou os ossos carcomidos de um milhar de impérios, e verá os túmulos de outro milhar até morrer.

— *MARK TWAIN*
A Viagem dos Inocentes, 1869



Primeira Parte

Homicídios

Os primeiros anos da rebelião síria

Ao fim de oito horas da rota de detecção de vigilância, Sam moderou a força com que agarrava o volante e a sua pulsação começou a abrandar. Tinha feito três paragens em Damasco e arredores, e executara as voltas planeadas na RDV, a rota de detecção de vigilância, sempre atento a observadores, com os olhos a dardejar entre os espelhos retrovisores. Demorara-se em cada paragem, a tentar atrair vigilância da oposição. O calor ardia através do para-brisas e o ar condicionado tinha dificuldade em fazer-lhe frente. Doíam-lhe as costas e tinha a impressão de que ficara com os ombros permanentemente curvados. Chegou a uma zona com trânsito e teve de parar num cruzamento, por sorte à sombra de palmeiras e pinheiros. Tamborilou os dedos no volante e verificou os espelhos enquanto o semáforo se mantinha no vermelho, comparando cada veículo com um catálogo mental dos automóveis que fora vendo desde o início do dia. O semáforo passou a verde. Um agente do Mukhabarat de blusão de cabedal avançou para a estrada de mão erguida e fez sinal ao primeiro carro da fila para que não se mexesse. Um automóvel atrás dele apitou. Outro agente do Mukhabarat arrastou um cavalete de serrador decorado com autocolantes do presidente Bashar al-Assad e fez sinal ao primeiro carro para que avançasse. Alguém gritou que aquilo era um posto de controlo.

Embora já fosse o sexto daquele dia, a pulsação de Sam voltou a acelerar. Não ter cobertura oficial significava que estava tudo em jogo. Não teria imunidade diplomática caso fosse apanhado. Não haveria qualquer troca de prisioneiros. Desapareceria para uma prisão subterrânea. Só um psicopata é que não ficaria nervoso a conduzir num país hostil sem uma linha de salvação.

Retirou o passaporte do bolso do peito e pousou-o no painel de instrumentos. O documento era canadiano, azul-escuro (de turista) e incluía

uma fotografia de um homem chamado James Hansen. A foto era de Sam, tal como a data de nascimento. Fora buscar o documento de identificação ao Serviço Canadano de Informações de Segurança em Otava, num lodoso dia de primavera, depois de percorrer os escritórios da Orion – Investimentos Imobiliários, Lda., recentemente estabelecida, ainda que inexistente. O disfarce estava completamente ancorado – seres humanos atenderiam os telefones e responderiam a *e-mails* – e os canadianos ficaram satisfeitiíssimos por participarem, em troca de um lugar à mesa das reuniões de informação depois de Komodo estar a salvo em Langley. Afinal, mesmo que sejam amistosos, os serviços secretos não partilham, negoceiam.

Komodo era um dos operacionais mais produtivos do estábulo da Estação de Damasco. De meia-idade, solitário, um pouco esquisito a julgar pelos relatórios que enviava, era um cientista de nível médio no Centro de Investigação e Estudos Científicos da Síria. Este, conhecido pela sigla inglesa SSRC, era a organização responsável pelas armas químicas de Assad. A Agência de Segurança Nacional julgava que os sírios tinham conseguido penetrar no sistema secreto de comunicações de Komodo, pelo que, ao longo de um dia frenético, Langley criara um plano de extração que implicava que Sam fosse de automóvel até à Síria sob pretextos comerciais para retirar o operacional do país. A CIA também decidira extrair Val Owens, a agente supervisora de Komodo. Sam e Val tinham estado juntos no Iraque, na primeira missão dela, que fora a terceira dele. Tinham-se tornado chegados, como família. Val era uma amiga, a vida de um operacional estava em jogo e, enquanto pensava nessas duas coisas e um soldado lhe acenava para que avançasse, o seu ritmo cardíaco tornou a acelerar.

Um soldado jovem de olhos duros e bigode fino aproximou-se da janela do lado do condutor e pediu-lhe os documentos. Sam manteve o contacto visual por um segundo respeitoso e depois deu-lhe o passaporte – já aberto na página do visto sírio de 90 dias – e voltou o olhar para a autoestrada, através do para-brisas. O soldado folheou o caderno, olhou em redor como que a perguntar-se se deveria chamar o supervisor e depois fitou-o de olhos semicerrados.

– Porquê na Síria? – perguntou-lhe num inglês com um sotaque muito carregado.

– Negócios – respondeu Sam em árabe.

O soldado assentiu a um dos camaradas que se aproximavam, com os olhos a perscrutar nervosamente os carros estacionados e os edifícios. O regime controlava aquela parte da cidade, mas por vezes rebeldes e jiadistas atacavam os postos de controlo. Explosões de bombistas suicidas, foguetes anticarro, as táticas de disparar em movimento que ele vira durante a sua digressão em Bagdade – tudo isso era cada vez mais comum em Damasco. O soldado cerrou o maxilar e espalmou o passaporte na mão aberta.

– Abra o porta-bagagens – disse-lhe.

Sam carregou no botão para abrir a porta da bagageira. Outro soldado levantou-a e retirou de lá a mala de viagem de Sam, deixando-a cair no chão.

– Está trancada? – perguntou-lhe.

– Não – respondeu Sam. Ouviu o fecho-éclair a abrir-se e o som abafado de roupas a serem atiradas para dentro do carro.

– Porque é que não está nada dobrado? – perguntou o outro soldado.

– Porque já passei por vários postos de controlo hoje – explicou Sam.

– Alugado? – quis saber o primeiro soldado, batendo na porta do lado do condutor com a coronha da sua AK-47.

Sam assentiu com a cabeça.

– Documentos.

Sam abriu o porta-luvas e entregou-lhe um conjunto de papéis que indicavam que o carro pertencia aos Serviços de Aluguer Arco-Íris em Amã, na Jordânia. Enquanto o soldado revia os documentos, Sam afastou da mente a imagem do mecânico da Estação de Amã a usar um manequim que correspondia precisamente à altura e peso de Komodo (1,65 metros, 65 quilos) para ilustrar como dobrar um ser humano de forma a caber no compartimento do porta-bagagens criado para o efeito.

O soldado devolveu-lhe os documentos.

– Que tipo de negócios, Mr. Hansen?

– Investimentos imobiliários. Umas moradias aqui, talvez algumas casas na Cidade Velha.

– As moradias agora estão baratas.

– Sim. – Sam sorriu. – Sim, estão.

– Está tudo bem com a mala – disse o homem atrás do automóvel.

O soldado devolveu-lhe o passaporte e resmungou:

– Pode circular.

Depois de se livrar do posto de controlo, virou o carro para a autoestrada M1 e rumo à Cidade Velha ao som do *maghrib*, a chamada para a oração do pôr-do-sol, feita pelos almuadens nas mesquitas. O trânsito do final de dia era ligeiro. Os sírios tinham passado a apressar-se a ir para casa ao cair da noite, para evitarem os morteiros trocados entre o regime e os rebeldes.

À medida que o sol ia mergulhando abaixo da linha do horizonte atrás de si, o seu corpo concordou com o que a sua mente já concluía: estava indetetável. Livre de vigilância. Por um momento, sentiu alívio. Depois as dúvidas recomeçaram, um ritual de RDV para todos os agentes a trabalhar num caso desde os primeiros exercícios na Quinta. Aquela era a merda da Missão. O facto puro e simples de nunca se poder ter a certeza, de ser sempre mais fácil abortar quando se estava encoberto do que concretizar o ato operacional sabendo ser possível estar enganado.

Por isso, deixou as perguntas fluírem.

Teria sido desmascarado pelo *Lexus* preto com a porta do lado do passageiro raspada, em Yaafour? Teria ele visto o táxi amarelo e empoeirado que agora ia atrás de si logo depois do segundo posto de controlo, naquela moradia de mau gosto com a piscina em forma de ampulheta? Seria o clarão de luz de uma janela num apartamento durante o último posto de controlo um posto fixo de vigilância? Meteu uma pastilha de hortelã-pimenta na boca. Mascou devagar, enquanto fitava pelo parabrisas gasto à medida que Damasco se aproximava. Era tremendamente difícil detetar repetições nas RDV. Queria sair para a rua, mas não tinha quaisquer motivos para o fazer. Os subúrbios de Damasco tinham passado a ser uma zona de guerra e Sam era James Hansen, investidor imobiliário. James Hansen não faria paragens aleatórias numa zona de guerra. James Hansen apressar-se-ia a ir para a sua casa arrendada na Cidade Velha e passaria a noite na cama antes de voltar para Amã.

Estacionou o *Land Cruiser* a dois quarteirões da casa secreta. Abriu um mapa amarelado em cima do tejadilho e fingiu perscrutar as ruelas serpenteantes em busca do seu destino. Era a última oportunidade de abortar a missão. Inspirou profundamente e sentiu na pele o ar fresco da noite. Não sentiu a nuca a arrepiar-se. Não se sentia observado. Olhou em volta, pegando no mapa como um turista idiota numa última tentativa de procurar observadores na noite. Olhou para a estrada correta e atirou o mapa para o lugar do morto.

Retirou o *Mercedes* da frente de uma casa nos arredores de Bab Touma. Os canadianos tinham escolhido um local ideal na cintura externa da Cidade Velha: a casa secreta Arquimedes tinha um acesso facilitado às ruelas serpenteantes e às estradas apertadas do centro – o que era ideal para vigilância e deteção –, bem como às estradas mais largas em redor, o que a tornava acessível de carro. A casa era um palácio otomano de três andares que ocupava o que lhe parecia ser meio quarteirão. Era invulgar haver garagens em Damasco, sendo consideradas inestéticas num casarão imponente e antigo como aquele. Para conseguir a funcionalidade sem sacrificar a estética, aquele proprietário – um operacional canadiano de apoio – tinha criado uma porta elaborada que parecia ser uma das paredes exteriores da casa.

Sam carregou num botão oculto ao lado de um candeeiro a gás na parede norte. Esta abriu-se com um rangido e ele meteu o carro em marcha atrás na garagem. Apesar do tamanho da moradia, o corredor atrás da garagem era estreito. Ao fundo, o chão de mármore dava lugar a umas portas com quatro metros e meio de altura, cujo rendilhado de ferro exibia expressões do Corão que formavam dúzias de painéis intrincados. Sam abriu as portas que davam para o pátio interior. Uma fonte borbulhava no centro, rodeada por pequenos grupos de laranjeiras e limoeiros. Galhas invisíveis grasnaram avisos assim que entrou. A leste, ressoou uma saraivada de morteiros e ele encolheu-se instintivamente antes de recuar

para o corredor e fechar as portas.

Os canadianos tinham incluído uma planta da casa nas informações de contacto, pelo que não teve qualquer dificuldade em orientar-se pelos corredores sinuosos do piso térreo até à cozinha. Num armário bafiento encontrou os artigos que tinha pedido: um pacote de barras de *granola* com alto teor calórico, um estojo com dez comprimidos de *Xanax* de dois miligramas, um concentrador de oxigénio portátil, uma bolsa de hidratação *CamelBak* e fraldas para adultos. Encheu a *CamelBak* com água e retirou uma fralda da embalagem. Enfiou tudo numa grande mala preta, que fechou em seguida.

Voltando à garagem, abriu a bagageira do *Land Cruiser*. Deslizou a tampa do compartimento junto aos assentos traseiros, por baixo do espaço da bagageira, fazendo girar uma série de discos na ordem exata que lhe fora demonstrada em Amã. Passou a mão pelo forro fino do compartimento. Era de silicone preto, transportado de uma cave de Langley para a Estação de Amã por mala diplomática e feito para absorver o calor, tornando objetos quentes por baixo dele invisíveis a sensores infravermelhos. Atirou a mala lá para dentro, desejando que a CIA incluisse pílulas de cianeto naqueles *kits*, como os russos faziam para os seus operacionais. Um operacional da CIA capturado na Síria podia contar com meses de interrogação e tortura. Se Sam estivesse na pele de Komodo, ia querer essa pílula.

*

Para dissipar o *stress*, Sam fez séries de flexões e abdominais durante 30 minutos. Quando acabou, tomou um duche quente. Val estava 15 minutos atrasada. Já não precisava de verificar as horas em relógios. O treino na Quinta assegurara-se disso.

Vestiu uma camisa branca lavada e um fato cinzento-claro, e voltou para a cozinha, para ver se encontrava café. Descobriu uma velha cafeteira coberta de pó, juntamente com uma chaleira elétrica e uma lata de café moído. Não verificou a data de validade porque não lhe importava. Precisava da cafeína.

Infundiu o café, deixou a caneca arrefecer e depois bebeu-o em três tragos. Encheu-a de novo, a admirar o vapor que se escapava. Ligou para um número de telefone memorizado e pediu uma atualização sobre a aquisição do Dubai. A voz do outro lado, um operacional de apoio sírio que não conhecia o verdadeiro significado de nenhum dos códigos predefinidos, disse-lhe que a transação estava suspensa. Sam pediu-lhe que confirmasse.

– Está suspensa, Mr. Hansen.

Sam acabou a segunda caneca de café em dois tragos e atirou-a ao chão, fazendo-a em cacos.

*

A perspectiva da detenção iminente de Komodo e a segurança cada vez mais deteriorada na Síria obrigara a CIA a ignorar o manual habitual de extrações: passar o operacional entre casas secretas durante semanas, deixar as coisas amainar, e depois fazê-lo então sair clandestinamente do país. Komodo estava sob vigilância havia semanas. Os três deixariam a Síria a partir daquela casa secreta.

Sam deitou-se na cama ainda de fato, com o coração a galope por causa da adrenalina e da cafeína. Se o Mukhabarat tivesse apanhado Komodo, em seguida iria atrás de Val. E tudo o que ele podia fazer era esperar por Val. O que mais se fazia, naquele trabalho, era esperar. A espera, porém, criava um desconforto intenso que o levava a querer beber meia garrafa de uísque ou tomar um par de *Xanax* da bolsa de Komodo. Alguns agentes tentavam amortecer a ansiedade com álcool, drogas ou mulheres. Isso dava sempre merda, ou se acabava dispensado do serviço, ou pior. Um dos seus colegas de recrutamento da Quinta – um agente clandestino a operar na Bielorrússia – tinha sido encontrado pendurado de uma viga no seu apartamento de Minsk, com comprimidos, seringas e garrafas de vodka vazias espalhadas pelo chão.

A Missão podia ser desgastante.

Eram quase duas da manhã. Ouviu uma porta a ranger algures na casa e depois passos num corredor.

Encontrou Val na cozinha, com um pé a dar toques no chão e uma mão trêmula a pôr café na cafeteira. Entornou uma colherada de café moído e bateu com as mãos na bancada.

– Foda-se, foda-se, foda-se! – gritou. – Três janelas. Falhou três janelas de oportunidade para o apanharmos.

A sua constituição retesada ia-se enchendo de ar enquanto inspirava profundamente, tentando acalmar-se. Ligou a chaleira elétrica e deslizou para o chão, encostada aos armários. Sam sentou-se ao lado dela. Ambos ficaram em silêncio à medida que a chaleira ganhava vida e borbulhava. Val era ágil e esguia, tal como ele a recordava em Bagdade, mas deixara o cabelo louro crescer bem abaixo dos ombros. Sam passou-lhe o braço à volta e ela deixou cair a cabeça no ombro dele.

Uns minutos depois, ele levantou-se e foi buscar uma sacola vermelha ao compartimento do *Land Cruiser*. Voltou à cozinha e atirou-a a Val. Continha um passaporte canadiano que, como o de Sam, ostentava a fotografia dela e um nome falso. Ela examinou os disfarces – peruca, óculos, uma barriga de espuma para lhe acrescentar nove quilos – feitos à medida para corresponder à foto.

– Meu, morena e com excesso de peso fico horrível.

– Eu sei. Foi por isso que o escolhi.

Ela sorriu, mas depois o seu rosto ensombrou-se.

– Temos de lhe dar mais umas horas para dar o sinal de emergência. Depois, se continuar a não aparecer, vamos.

Ficaram sentados no chão da cozinha à espera de um sinal de que Komodo tivesse tornado a aparecer, do nascer do dia, de que o Mukhabarat arrombasse a porta. Revezavam-se a vigiar enquanto o outro descansava, mas nenhum deles conseguiu dormir, e naquele momento ambos esfregavam os olhos a arder ao ouvirem um guincho metálico na rua. O protestante ao microfone bradava *Selmiyeeh, selmiyyeh* – Pacífico, pacífico – e os murmúrios da multidão reverberavam dentro da casa.

– Os protestos de sexta-feira estão a começar – disse Sam.

– A praça Abbassin fica a uns quarteirões a norte daqui – disse ela, ensonada. – Os grandes comités da oposição e as páginas de *Facebook* convocaram uma manifestação para hoje. Querem acampar até o regime cair. Mas hoje começaram cedo. Devíamos ir embora o quanto antes.

Sam espreitou por uma das janelas, vendo a grande multidão a passar pela rua lá em baixo.

– Vai ser o maior protesto em Damasco até agora – comentou ela. – É capaz de se tornar violento. – Val voltou a sentar-se e cruzou os braços em cima da mesa. – Acho que ele desapareceu.

– Provavelmente – disse Sam enquanto se levantava. – Mas agora falemos de qualquer coisa que não seja esta operação falhada. Devíamos ir embora.

Ela ia abrir a boca para falar quando as gralhas lá fora grasnaram e a nuca de Sam ficou completamente arrepiada. Val fechou a boca e Sam viu-lhe nos olhos arregalados que ela pressentia a mesma perturbação.

Selmiyeeh, selmiyyeh.

Levantaram-se. A cadeira de Sam guinchou no chão, naquele silêncio abafado.

Selmiyyeh, selmiyyeh. A porta antiga da casa gemeu ao ser arrancada das dobradiças.

Só em criança é que Mariam vira ajuntamentos tão grandes na Síria. Comprimida entre os manifestantes, aproximou-se da praça Abbassin com a multidão a cantar. Levavam cartazes feitos à mão, muitos tinham pintado os rostos e alguns carregavam geleiras, como se se preparassem para um piquenique. Um homem corpulento à sua esquerda levava uma cadeira desdobrável e uma pequena bandeira verde, branca e preta, o símbolo da rebelião. De cada vez que um dos líderes do protesto bradava ao microfone, o homem levantava a bandeira acima da cabeça. Uma mulher à sua direita levava uma menina pela mão, com a palavra LIBERDADE estampada na pequena *t-shirt* cor-de-rosa. Mariam correspondeu ao olhar da criança quando elas passaram rapidamente por si. A menina fez-lhe um V com os dedos antes de desaparecer no meio da mole. A praça pulsava de energia, mas tudo o que Mariam sentia era um medo crescente. Trabalhava no Palácio, pelo que sabia que o governo não deixaria que aquilo se desenvolvesse demasiado. Entretanto, tinha coisas para fazer.

Da praça, um megafone guinchava: *Selmiyyeh, selmiyyeh*.

No extremo sul de Abbassin, Mariam viu que a praça – que na verdade era uma rotunda – desaparecera sob a multidão. Uma amálgama de cabeças, ombros, bandeiras e estandartes substituíra estradas e pavimento. Ela estava ali para proteger Razan, a sua prima adorada. Imprudente, despreocupada. Simples de seguir. Envolta na bandeira da rebelião, provavelmente um pouco pedrada, Razan marchava para Abbassin sob cartazes a exigir liberdade, o fim do estado de emergência e novas eleições. Tudo razoável. Tudo traição, em termos legais. Mariam tinha noção disso e avançava, abafando a vontade de gritar à prima que voltasse para casa. Que evitasse a praça, o protesto. Vamos embebedar-nos. Como nos velhos tempos. Razan continuava a marchar para o centro da praça, rumo a um palco improvisado com pedaços de madeira e móveis tomados de empréstimo de casas de simpatizantes da oposição. Mariam procurou agentes do Mukhabarat e colocou-se suficientemente longe do palco para

poder alegar ser uma transeunte inocente. *Fui comprar bolos e apenas observei a manifestação traidora, senhor agente*, praticou ela vergonhosamente as palavras em silêncio. Tem sempre uma história pronta para os burros do Mukhabarat, como Razan gostava de dizer.

Mariam parou numa loja de doces que ficava mesmo no início da praça. O som da multidão já se tornara ensurdecedor, uma espécie de estroinice que ela nunca ouvira na Síria. Os grandes ajuntamentos só eram permitidos para os comícios ensaiados e obrigatórios que o antigo Presidente, pai do atual, fazia no estádio que ficava mesmo ao lado da praça. Nessa altura, ela era uma menina pequena imersa na multidão, a recitar um cântico que o declarava o maior farmacêutico do país. “O cavaleiro galante da Síria!”, instavam-nos os agentes do governo a cantar. “O Leão de Damasco!” É mesmo bom farmacêutico, o Presidente?, perguntara Mariam depois ao pai, já com idade suficiente para compreender que tais perguntas se faziam em privado, se era que se faziam. Ele limitara-se a sorrir, afagando-lhe o cabelo e, depois de olhar em redor com um ar comprometido, sussurrara-lhe ao ouvido: É um bom mentiroso, *habibti*.

Dois rapazes elegantes e enérgicos subiram ao palco. Exigiram a demissão do Presidente e a multidão aplaudiu em sinal de aprovação. Mariam viu um agente do Mukhabarat de blusão de cabedal a filmar as massas. Provavelmente, era apenas um de centenas. O tamanho da multidão, que ao início fora um conforto, enchia-a agora de terror. Os seus olhos procuraram a prima junto ao palco. Um protestante sem rosto passara-lhe um megafone. Mariam começou a avançar. Estava na altura de arrancar aquela *bint mbarih*, aquela cabra ingénua, do palco, antes que acabasse morta.

Assim que avançou, surgiu uma sombra no chão à sua frente, como tinta espalhada na terra.

Mariam deteve-se, olhou para cima e viu um homem de preto no telhado da loja de doces. Tinha um lenço a cobrir-lhe o nariz e a boca e empunhava uma grande arma. Levou uma mão à cabeça como se estivesse a usar um auscultador e olhou para outro telhado do outro lado da rua, onde um homem vestido da mesma forma estava a montar uma arma num tripé. Um dos jovens tinha um megafone e bradava para que o Presidente Assad – o patrão dela, para todos os efeitos – legalizasse novos partidos políticos. Mas Mariam deixou-se ficar atrás da loja de doces. À sua frente passou um cartaz que dizia: A LIBERDADE COMEÇA QUANDO NASCEMOS. NA SÍRIA, COMEÇA QUANDO MORREMOS. Viu um casal jovem a beijar-se no meio da multidão, uma mulher atarracada com uns seios impossivelmente pesados a dançar em frente a um cartaz que dizia: ASSAD, TOCA A ACORDAR, O TEU TEMPO ESTÁ A ACABAR.

Mariam observou a prima a subir ao palco com o megafone. A multidão festejou. Ela olhou para cima e já não via os homens nos telhados. Razan tinha umas calças de ganga pintadas e uma *t-shirt* com a bandeira de

três estrelas. Ergueu uma mão desafiante, exigiu liberdade, declarou que o povo queria a queda do regime. A prima dizia *Selmiyyeh, selmiyyeh*, e a multidão ecoava.

– Ele é um carnicheiro, um tirano – guinchava Razan. – Assad tem de se afastar, tem de se demitir.

E então Mariam tentou realmente mexer-se – parecia que tinha os músculos em brasa –, mas em vez disso, deu por si colada à parede da loja de doces e não tardou a sentir a deslocação de ar provocada pelos soldados que passavam por si a correr. A insanidade daquilo que Razan acabara de gritar acometeu-a e Mariam sentiu-se como se estivesse a ver-se do exterior, a ver o seu próprio corpo gritar uma torrente de palavrões à estúpida e corajosa prima.

Viu um agente do Mukhabarat camuflado entre a multidão a sussurrar para o rádio. Depois, houve um disparo. E outro. E outro. Um dos rapazes enérgicos do palco caiu, envolto em vermelho e rosa. Mariam colou-se mais à parede, com as costas frias apesar de a pedra estar muito quente. O ar silenciou-se e os estandartes começaram a cair à medida que as pessoas fugiam.

Então as armas do Mukhabarat começaram a varrer a multidão, disparos esporádicos e hesitantes antes de estabelecerem um ritmo à medida que os atiradores ganhavam coragem. Uma mulher jovem de *hijab* branco ergueu os braços para se defender dos golpes de um bastão. Um agente do Mukhabarat bateu com o bastão na cabeça de outro homem uma, duas, três vezes, até a abrir. O homem tentou manter-se de pé, mas as suas pernas cederam e o agente empurrou-o para o chão e tornou a dar-lhe com o bastão.

– Sai daí, sai daí! – gritou Mariam em vão a Razan. Mas a prima não a ouvia e, de qualquer forma, nunca lhe daria ouvidos.

– Liberdade – bradava ela. – Liberdade! Liberdade!

Nessa altura as armas dos telhados rugiram e as balas de alto calibre começaram a atravessar pele, cartazes e bandeiras. Algo jorrou para o rosto de Mariam e ela olhou para baixo, a pestanejar, a amaldiçoar a prima, enquanto o limpava dos olhos. Era sangue, mas não sabia de onde teria vindo. Apalpou a cabeça, as pernas, o peito. Tudo estava intacto. A multidão passou por si a correr à medida que os disparos metralhavam. Razan mantinha-se, desafiadora, ao comando do palco, agarrada ao megafone enquanto a multidão debandava como gnus.

Um agente corpulento do Mukhabarat saltou para o palco a brandir o seu bastão.

– Liberdade – ouviu Mariam a prima gritar pelo megafone. – Queremos liberdade.

Depois Razan pousou o megafone e o homem aproximou-se. Ela olhou para o céu, para a montanha Qasioun, e fechou os olhos. Então, ele abateu o bastão sobre a cabeça dela.

– Sam, eu não caibo – sibilara-lhe Val. – Não caibo, meu. O Komodo é um anão e eu tenho 1,80 metros. – Sam tinha uma mão numa das suas ancas e empurrava-a, enquanto Val tentava dobrar as pernas para caber no compartimento clandestino do *Land Cruiser*. Ela praguejava e fazia esgares à medida que ele lhe dobrava os membros como se fizesse *origami*. Sam ouvia gritos na casa, os passos a aproximarem-se. Gritavam o nome dela enquanto revistavam as divisões. Tinham ido ali para a levar.

Ela soltou aquela risada desesperada que ele reconhecia de Bagdade e que queria dizer: *Isto foi tudo pelo cano*. Saiu do compartimento. Apesar de ter um mau pressentimento, voltou a perguntar-lhe se queria arriscar, sabendo qual seria a resposta:

– E se fosses simplesmente à frente?

– Já ouviste o que estão a gritar ali, nem pensar, meu. Eu tenho o passaporte diplomático. Tenho imunidade. Vou ficar bem. Tu é que estás tramado se formos apanhados.

Ele assentiu com a cabeça. Tivera de fazer a proposta, mas ambos eram profissionais e sabiam o que tinha de ser feito. Deu-lhe um beijo na face. Ela esboçou um sorriso ténue e carregou no botão na parede. A porta da garagem rangeu ao abrir-se lentamente.

– Tomamos um copo lá em casa daqui a umas semanas – disse ela, e voltou para dentro da casa secreta.

[*Vozes inaudíveis e o som de papéis a restolhar*]

Isto está ligado? [*Resposta abafada, ruídos*]

Melhor? OK. Este é o segundo interrogatório conjunto de contraespionagem e segurança de Samuel Joseph, agente de operações GS-12, após o seu regresso de Damasco. Encontramo-nos na Estação de Amã, no dia 26 de março, uma da tarde, hora local. Confira-se o esboço do comunicado 2345 para a primeira parte do depoimento de Mr. Joseph com a descrição da operação de extração na Síria.

Os agentes interrogadores são Tim McManus da Contraespionagem e

Lloyd... [A *tossir*] Passe-me... obrigado.

[*Sons impercetíveis*]

Lloyd Craig, da Segurança. Vamos percorrer um conjunto de perguntas de acordo com o nosso entendimento da operação.

P. Por favor, indique o seu nome para que fique registado.

R. Samuel Joseph.

P. Valerie Owens disse-lhe que o operacional, Komodo, falhou três janelas horárias para ser recolhido?

R. Já falámos disso, Tim. Sim. Ela disse que ele faltou às três.

P. E a RDV era de um só sentido? Ela ia deixar a Síria convosco?

R. Tim, tenho a impressão de que estamos a andar para trás.

[*Papéis a serem remexidos, conversa inaudível*]

P. Ela não falou da RDV depois de ter chegado à casa secreta?

R. Não.

P. Isso é invulgar?

R. Sendo bem-sucedida, não. Se a Val achasse que estava a ser seguida, não teria completado a RDV. Teria abortado a missão e ido para casa.

P. Como é que sabes isso?

R. Já servi com ela, em Bagdade. Merda, Lloyd, temos...

P. Sam, temos de fazer estas perguntas. O quartel-general mandou-as há mais de uma hora.

R. Está bem, está bem. A Val era uma agente excecional. Obtivemos os nossos certificados de operações em áreas de acesso interdito juntos. Se chegou à casa secreta, era porque achava que estava indetetável.

P. Conhecia-la bem?

R. Sim. Éramos chegados.

[*Vozes sussurradas, tosse*]

R. Pergunta e pronto.

P. É que... [*Tosse*]

R. Pergunta lá, Tim.

P. Alguma vez estiveste romanticamente envolvido com Miss Owens?

R. Não.

P. Obrigado. E tu próprio não detetaste qualquer vigilância em momento algum enquanto estiveste na Síria?

R. Não.

P. [*Som de papel a restolhar*] Esta é uma planta da casa secreta. Podes apontar e dizer-nos onde forçaram as entradas?

R. Entraram pela porta da frente. Aqui. Usaram um aríete, acho. Também partiram pelo menos uma das janelas que dão para a rua. Esta. Tendo em conta a rapidez com que chegaram à garagem, diria que pelo menos uns dois devem ter saltado um dos muros para o pátio, mas não tenho a certeza. Estavam a invadir a casa. Nós fugimos para o carro. Por este corredor e depois para o pátio. Foi então que me pareceu ouvir alguns a trepar os muros. Chegámos à garagem e...

P. Espera aí, Sam, o quartel-general tinha uma dúvida específica aqui. [*Papéis a restolhar*] Porque é que não vieram embora os dois na frente do carro, para a trazer para casa?

R. Tanto eu como a Val falamos árabe fluentemente. Ouvimos a equipa do Mukhabarat gritar o mesmo vezes sem conta enquanto revistavam as divisões da casa: Ela não está aqui. Diziam o nome dela. Estavam à procura dela, não de mim. Não podíamos arriscar-nos a que nos vissem juntos.

P. Foi então que tentaram o compartimento oculto do *Land Cruiser*?

R. Sim. Ela não cabia.

P. O que fizeram, então?

R. Tomámos uma decisão. Ela fica e aguenta a bronca porque tem imunidade diplomática. Fazem-lhe perguntas, declaram-na *persona non grata* e ela depois vem para casa.

P. E se tu fosses apanhado...

R. Se eu fosse apanhado, desaparecia para sempre numa masmorra síria, à pala do passaporte de turista canadiano. Foi a decisão operacional correta e qualquer Comité de Avaliação de Pares vai apoiá-la.

P. Não estamos a pôr isso em causa, Sam. Então, já tens a mala de viagem no carro. E depois?

R. Ela abre a porta da garagem e eu saio e dirijo-me para a fronteira.

P. Do Mukhabarat ninguém te vê?

R. Não deviam saber que a casa tinha uma garagem, ou uma saída desse lado. Tanto quanto sei, nem viram o carro.

P. Mencionaste ao Chefe de Estação de Amã que ouviste qualquer coisa enquanto te afastavas?

R. Sim.

P. Podes dizer-nos o que é que ouviste?

R. A Val a gritar.

*

Sam parou o ficheiro áudio no computador. Ao reparar que estava a tamborilar os dedos no tampo da mesa, juntou as mãos no colo. Depois fitou a parede enquanto o grito de Val lhe percorria a mente. Ao contrário do que acontecia com a maioria dos seus homólogos na Direção de Operações, a parede de Ed Bradley, Diretor de Operações do Sudoeste Asiático, estava vazia. Na prateleira de trás havia uns quantos presentes de amigos especiais, incluindo um chapéu australiano de aba larga semidobrado e a AK-47 de Khalid Sheikh Mohammed. Mas, empoleirada noutra prateleira, encontrava-se a menina dos olhos de Bradley – um sistema de mísseis neutralizado, que lhe fora oferecido por ter liderado o Programa Stinger contra os Sovietes no Afeganistão. Dizia-se que o lançador não tinha sido devidamente desmantelado. Certa vez, uma visita tinha puxado o gatilho, acendendo-o como se fosse uma árvore de Natal.

Mais afastada, à secretária de Bradley, estava Procter, Chefe de Estação de Damasco, regressada a Langley para lidar com as consequências da captura de Val Owens.

Depois daquele primeiro encontro, Sam concluiria que Artemis Aphrodite Procter, cujo pai era obcecado por mitologia grega, devia mais ao espírito do primeiro nome do que ao do meio.

Procter tinha muitas características, e uma delas era ser baixa. Mal chegava ao metro e meio. O seu cabelo preto, uma explosão de caracóis como se estivesse ligada a uma tomada elétrica, contrastava com a pele pálida e sardenta. Tudo nela se retesava e esticava com músculo. Mesmo por baixo da blusa, Sam via-lhe os contornos dos braços tonificados e a largura dos ombros. Lembrou-se do que um dos espões dela em Moscovo lhe dissera: “É uma Coelhinha *Energizer* com as pilhas todas, meu. Não é à toa que lhe chamam a Proctologista. É intensa. E, se abrandas, ela come-te vivo.” O agente também lhe tinha falado de um plano operacional que ele delinear a que Procter se referira num comunicado como sendo uma “bosta”. “Ela enviou mesmo esse comunicado para a secretaria da Casa da Rússia”, dissera ele. “E, sabes que mais, tinha razão. Aprendi muito com ela.”

Procter tirou qualquer coisa de entre os dentes. Bradley deitou a mão ao ombro de Sam, pegou num termo de café que tinha em cima da secretária e sentou-se à mesa. Media 1,87 metros e era um antigo defesa da Universidade do Texas que se esforçara muito – até desistir – por perder o sotaque arrastado da juventude. A presença física bruta disfarçava uma intuição finamente apurada e a argúcia de um profissional operacional. No entanto, atualmente Bradley vivia entre crises no Médio Oriente, mestres políticos impacientes e supervisores pomposos no Congresso. O seu rosto revelava o *stress*.

– O grito – disse Procter, interrompendo o silêncio. – De que género foi?

– De dor. Deram-lhe uma tarefa de todo o tamanho.

Ele desviou o olhar da parede e fitou-a.

– Há pistas?

– Uma, na verdade – respondeu Procter. – Chegou ontem à noite. Intercetámos a informação de que uma agência do Mukhabarat chamada Gabinete de Segurança deteve recentemente um cidadão norte-americano. Até agora a informação não foi corroborada, mas parece credível.

– Nunca ouvi falar de um Gabinete de Segurança – disse Sam.

– Honestamente, nós também não – admitiu Procter. – Mas fizemos alguma pesquisa e descobrimos algumas menções em documentos desviados no final do ano passado. Ao que parece, Assad queria alguém que vigiasse o resto do Mukhabarat, por isso pôs um general, Ali Hassan, a chefiar esse gabinete, e atribuiu-lhe uma carretada de poder dentro do Palácio. O tio é um verdadeiro filho do regime. O irmão é Rustum Hassan,

comandante da Guarda Republicana.

– Seria uma boa notícia se fossem os sírios a tê-la – comentou Bradley.
– Pelo menos assim o nosso governo pode pressionar o deles.

– Assad já terá recebido o aviso de que vamos responsabilizar o regime dele se acontecer alguma coisa – disse Procter. – Mas eles continuam a negar que a tenham sob sua custódia. A Casa Branca e os cretinos do Capitólio podem achar bem deixar alguém dos nossos numa prisão durante semanas, mas eu não. Se arranjar o número de telefone desse Ali Hassan, vou ligar-lhe diretamente, Ed. Mandar-lhe uma mensagem.

– Não estamos a ameaçá-los de todo? – perguntou Sam. Levou a mão ao nó da gravata, dando-lhe folga sem sequer pensar nisso. – Que merda. Ela está detida de forma ilegal.

Bradley lançou-lhe um olhar furioso.

– O Presidente tem uma estratégia mais ampla para gerir na Síria, que vai além de todos nós, Sam. Ela tem o passaporte diplomático. Não tarda vamos tê-la de volta.

– E até aí, vamo-nos limitar a avisá-los vezes sem conta, sem impor consequências? – perguntou Sam.

Bradley encolheu os ombros e serviu-se de mais café do termo.

– Concordo contigo, mas é essa a política da Casa Branca agora. Esperamos. Vamos tê-la de volta, só vai levar tempo. Os sírios teriam de ser loucos para lhe fazerem algo mais do que pô-la numa cela e fazerem-lhe perguntas cordiais. Hão de libertá-la. E sim, Artemis, se a Agência de Segurança Nacional nos arranjar o número, deveríamos ter uma conversa com o general Hassan.

Bradley olhou para o relógio da parede.

– Tenho de apanhar um carro daqui a uns minutos. Espera-me uma tarde inteira a ser interrogado lá no Capitólio.

– SSCI? – perguntou Sam a Bradley, pronunciando apropriadamente como *Sissy* o acrónimo do Comité Seletor do Senado para os Serviços Secretos.

– Sim, os Sissies, sem tirar nem pôr – respondeu Bradley, cerrando e agitando o punho direito. – Querem fazer-me perguntas sobre a Val.

Sam despediu-se de Procter com um aperto de mão e a Chefe saiu. Sam deixou-se ficar, a examinar o lançador *Stinger* enquanto Bradley preparava a sua pasta com cadeado para o interrogatório no Capitólio.

– Ouvi dizer que ela é um bocado passada – disse Sam.

– A Procter?

– Sim.

– É especial. A propósito, tens planos para o jantar?

– Tenho um frango assado e um *pack* de seis cervejas no frigorífico que, tirando isso, está vazio – disse Sam.

– Bom. Traz a cerveja. Vem jantar comigo e com a Angela hoje lá na quinta. Tenho uma coisa para ti.

- O que é?
- Uma distração.

Sam enfrentou a hora de ponta na 267 e na Greenway durante quase duas horas para chegar à quinta de Bradley, uma experiência esgotante, equiparada a conduzir por Damasco em estado de guerra.

Estacionou no acesso de gravilha da quinta. As colinas de Blue Ridge entreviam-se no horizonte, com o pôr do sol a criar uma fita laranja que recuava por trás delas. Três cavalos pastavam ao longo da vedação de pedra e, quando saiu do carro, Sam lembrou-se de que se tinha esquecido da cerveja. Estava a pensar se deveria ir a uma loja quando Angela Bradley abriu a porta da casa.

– Olá, Sam! – Cumprimentou-o com um abraço e levou-o para a cozinha. – O Ed está lá em baixo na Caixa – como ela chamava à Unidade de Informação Sensível e Compartimentada, ou SCIF, na cave, que lhe permitia receber telefonemas do trabalho e ler relatórios e telegramas a partir de casa. Angela detestava a Caixa. Uma das suas condições para que Ed aceitasse o cargo no Departamento do Médio Oriente fora a quinta com cavalos nos arredores rurais de Washington. Isso acrescentava-lhe uma hora de carro de e para o trabalho, mas, quando o marido resistira, ela dissera simplesmente:

– Estou-me a cagar para isso, Ed.

Sem lhe perguntar, Angela abriu uma *Coors Light* e fê-la deslizar na direção dele pela bancada. Depois abriu uma para si, sentou-se em cima da bancada como uma menina de escola e começou a interrogá-lo.

- Como está a família?
- Bem, estão todos bem.
- Namoradas?
- Nenhuma por agora.
- Estou a ver. Que pena. E a seguir para onde vais?
- Os poderes superiores andam a tratar disso.
- O Ed precisa de tomar a porra de uma decisão, hã?
- Sim, senhora.

Com o interrogatório terminado, Angela assentiu com a cabeça, embora Sam não fizesse ideia de a quê ou para quê. Ela limpou as mãos a um pano e anunciou que iam comer bifes. A frigideira de ferro forjado não tardou a começar a ferver e mais duas *Coors* foram abertas quando ouviram os passos de Ed nas escadas.

Angela passou uma cerveja ao marido com uma mão e virou a carne com a outra. Ele abriu a boca para falar, mas Angela deteve-o.

– Ouçam, rapazes, conhecem as regras – disse Angela. – Tenho direito a 30 minutos sem conversa de trabalho.

– Sim, minha senhora – respondeu Sam, imitando-lhe o sotaque arrastado o melhor que era capaz.

Em troca, ela mostrou-lhe o dedo do meio.

Afinal, teve direito a 45 minutos.

Depois Sam e Ed levantaram a mesa, lavaram a loiça e, como era costume, levaram seis cervejas numa geleira de esferovite para o alpendre das traseiras. Os mosquitos zumbiam à volta das luzes do alpendre.

Cada um bebeu meia lata em silêncio. Depois passaram a histórias de guerra do Cairo, os “lembras-te daquela vez em que” de velhos amigos a beberem juntos.

Angela abriu a porta de rede enquanto Sam acabava mais uma cerveja.

– Vou-me deitar. Sam, passas cá a noite?

– Importam-se? – perguntou ele.

– Claro que não – respondeu Ed. – Podemos sair juntos para o trabalho amanhã.

– Calculei – disse Angela. – Ficas no quarto ao lado da Caixa. Há lençóis e tudo no armário lá em baixo. Boa noite, querido. – Depositou um beijo na testa de Bradley e desapareceu dentro de casa.

Sam arrancou a argola da lata vazia e fitou as montanhas ensombrecidas. Agarrou na última rodada da geleira e atirou uma lata a Ed.

– Tenho uma coisa de que preciso que trates – disse Bradley por fim. – É capaz de te animar depois desta desgraça com a Val.

– Que se passa?

– Fazer o aquecimento para uma tentativa de recrutamento em Paris. Uma delegação do Palácio da Síria vai encontrar-se com uns quantos membros exilados da oposição. Como os oficiais do governo sírio não saem muito de Damasco, vale a pena tentar. Tu és o candidato perfeito: um recrutador de topo do Departamento do Médio Oriente, falas árabe fluentemente e já recrutaste sírios. Há vários funcionários sírios a viajar; vais ter de determinar qual será o mais indicado para abordar.

Ainda antes de Bradley ter aberto a boca, Sam sabia que aceitaria o que quer que ele lhe propusesse. Mas queria aproveitar a sensação estonteante e agradável que se tinha instalado no seu corpo, pelo que fez perguntas desnecessárias, para as quais já conhecia as respostas.

– A Estação de Paris não está interessada?

– Estamos a tentar manter os franceses fora disto, portanto não queremos usar talento local de que eles possam estar a par.

– Nunca me mandas para sítios bonitos. Isto vai ser uma mudança bem-vinda, para variar dos buracos do inferno do costume. Posso levar os Banditos? Eles conhecem Paris e vamos precisar de contravigilância.

Bandito era o nome de código dos gémeos de Kassab: Elias, Yusuf e Rami. Todos eram agentes de apoio à CIA. Os irmãos eram cidadãos com dupla cidadania, síria e norte-americana, de uma opulenta família cristã que tinha concessionários automóveis na Síria e no Líbano. A família vivia sobretudo em Beirute e Istambul, preferindo gerir os concessionários à distância. Durante o tempo que passara em Istambul, Sam tinha forjado

uma amizade próxima com os irmãos, a qual acabara por se transformar em recrutamento. Eles garantiam carros e casas seguras, para além de realizarem vigilância básica para a Estação de Beirute. Ocasionalmente, Sam lia relatórios que iam chegando, tendo ficado a saber que todos tinham passado em testes de polígrafo.

– Sim, trá-los. – Bradley fez uma pausa para enxotar um mosquito. – Também tomei a liberdade de sequestrar uns quantos recursos analíticos para ti. Eles podem pôr-te a par da situação na Síria e ajudar-te a preparar a apresentação. Olha, vou para a cama... já se passaram seis dias, mas continuo com *jet lag* da viagem ao Cairo. – Bradley levantou-se e ia abrir a porta quando parou e tornou a olhar para Sam. – Pensa bem na operação, OK? Um funcionário do Palácio seria peixe graúdo. Basicamente, agora andamos às cegas na Síria.

– Claro – disse Sam. – E, Ed, mais uma coisa. – Bradley virou a cabeça, ainda com a porta entreaberta. – Para o meu próximo destacamento. Tenho uma proposta.

– Sim? – perguntou Bradley, fechando a porta para se virar para Sam.

– E se fosse Damasco?

Bradley esboçou um sorriso ténue e olhou para as montanhas.

– Precisas de boas pessoas lá – continuou Sam. – É um posto duro, agora, nada de famílias. Eu não tenho essa complicação. Posso ajudar lá. Posso ajudar-te a ti e à Procter.

– Isto é uma jogada de vingança ou isso? Queres vingar-te dos sírios por causa da Val?

– Diz-me tu em que outro sítio eu poderia ser mais útil. Tu próprio o disseste. Andamos às cegas na Síria. O meu árabe levantino é bastante bom, não tens de me mandar para uma escola de línguas em Rosslyn durante um ano, já estou preparado. Além disso, se enredar um desses sírios quando vier de Paris, vou poder trabalhar de dentro de Damasco.

– A Procter é um osso duro de roer – disse Bradley.

– E então?

Bradley encolheu os ombros.

– Então, pode ser uma miséria, se vocês não se entenderem.

– Há uma guerra civil a arder – disse Sam. – Não vai ser fácil, sem contar com a Procter.

Bradley esboçou um sorriso sarcástico.

– Não estou a brincar, Ed. Quero esse posto. E nunca te peço nada.

– Está bem. Combinado. Damasco será. Amanhã pomos as coisas em andamento.

Bradley abriu a porta cujas dobradiças rangiam e entrou em casa. Sam foi ao frigorífico buscar mais uma cerveja. Abriu-a no alpendre e fechou os olhos. O grito de Val tornou a passar-lhe pela mente antes de desaparecer no ar ameno da noite.

No dia seguinte, Sam caminhou até aos escritórios dos analistas no Edifício do Novo Quartel-General – um caixote de aço e vidro em frente ao betão do Quartel-General Original. O centro da sala de conferências era uma mesa a imitar madeira, rodeada pelas típicas cadeiras giratórias governamentais: algumas novas e ergonómicas, enquanto os rangidos e gemidos de outras sugeriam que teriam sido adquiridas quando Carter era presidente. Na parede havia quatro relógios com os fusos horários de Washington, Rabat, Telavive e Bagdade – os limites aproximados da oficina de análise do Médio Oriente e do Norte de África. Como por piada, cada relógio estava entre quatro e sete minutos atrasado. A parede interior era uma salganhada aleatória de prémios e placas, muitos bastante datados (“Citação de Unidade de Mérito – Registos de Camp David”, “Chefe de Equipa do Ano – Erin Yazgall”), outros minúsculos e incompreensíveis para um operacional de visita (“Artigo do Mês de Investigação de Serviços Secretos Mundiais – James Debman”)

Dois analistas encontravam-se ali sentados, a discutir. Levantaram-se quando Sam entrou na divisão.

Zelda Zaydan era magra e tinha cabelo preto a dar-lhe pelos ombros. O seu nariz romanesco fazia lembrar um bico e ela estava a usar um fato preto que lhe assentava mal, com um lenço cor-de-rosa.

Já James Debman era um gorducho de camisa branca de mangas curtas e um garrido laço cor de laranja. Ofereceu uma mão suada a Sam, que não teve alternativa senão aceitá-la, e fez-lhe sinal para que se sentasse. Zelda deslizou uma pilha gigante de papéis e pastas por cima da mesa.

– Isto é o que a nossa equipa produziu nos últimos seis meses, devia ler – indicou-lhe Debman. E recostou-se, a remexer na proteção de plástico a lascar do distintivo azul que trazia pendurado ao pescoço. Fitou-o e depois disse: – Sabemos que teve uma data de destacamentos no Médio Oriente, mas nunca na Síria. O que será mais útil abordarmos?

– A informação habitual que dão aos agentes – disse Sam. Ele conhecia a fundo o país, sobretudo pelo tempo que passara no Iraque, mas até então não prestara muita atenção à análise da CIA.

Os olhos de Debman pestanejaram de emoção. Pôs de parte os tópicos que tinha preparado para a reunião, resmungando *demasiado coordenado e atenuado* na direção de Zelda. Tossicou, bebeu um trago de água de uma garrafa grande e estalou os dedos.

– A nossa história começa em 1930.

Zelda revirou os olhos.

*

Aquele era o ano do nascimento de Hafez al-Assad, pai do atual presidente sírio, e, segundo parecia a Sam, um pouco recuado demais na cronologia.

Zelda era da mesma opinião.

– Raios, Debman, fazes sempre o mesmo – disse ela, elevando o tom da voz. – Começa pela guerra. As coisas relevantes.

"O que se passa é o seguinte – disse, afastando uma madeixa da cara. – Antes da guerra, a Síria tinha-se tornado uma coisa frágil. Sim, era estável... – Debman fez o sinal de aspas no ar quando Zelda disse aquela palavra – ...mas o Estado propriamente dito tinha-se esvaziado. Não têm petróleo, pelo que Assad não pode disfarçar os deslizos e subornar a população com dinheiro. O patronato que existia abarcava um número pequeno de pessoas, sobretudo membros da família Assad. Isso irritou muita gente. Todas as operadoras de comunicações, por exemplo, são do presidente do primo. Uma grande seca no norte e no leste levou mais de um milhão de pessoas para oeste, para bairros de lata nos arredores das grandes cidades. Desestabilizador. As forças de segurança são brutais e absolutamente ubíquas: é preciso ter aprovação delas para construir um segundo andar na casa, para se casar. Coisas mundanas. Isso irritava toda a gente.

– Brutalidade quotidiana – disse Debman. – Absolutamente banal.

Zelda parecia ter vontade de o estrangular com a corrente que lhe segurava o distintivo. Sam ter-se-ia dado por satisfeito com o laço cor de laranja.

Alguém abriu a porta da sala de conferências, apressando-se a recuar.

– Onde é que eu ia? – perguntou Zelda. – Oh, pois. – Bebeu água. – Acontecem as coisas na Tunísia e no Egito. Alguns sírios põem-se a pensar: e porque não nós? As achas estão secas como tudo, só precisamos de uma fagulha. Há uns quantos protestos pequenos em Damasco. Nada. Há um no sul, um sítio qualquer chamado Daraa. Fui lá uma vez. Não é uma vila feliz. O Mukhabarat tortura uns miúdos. Bum. Protesto, mortes, funerais, mortes. Enxaguar e repetir. Surgem protestos noutras cidades. Transforma-se num movimento à escala nacional. As manifestações tornam-se grandes, mas grandes a sério. Dezenas de milhares numa sexta-feira em Hama. As imagens recolhidas por satélite são uma loucura. E o regime não faz ideia do que fazer. Quero dizer, pensem nisso. Podiam simplesmente avançar de armas a disparar e cilindrar os manifestantes. Como o pai dele fez em Hama, em 1982, quando destruiu praticamente a cidade toda para suprimir uma rebelião.

– Mais de dez mil mortos, mas ninguém está realmente de acordo em relação aos números – acrescentou Debman, fazendo um gesto de mau gosto com a mão a cortar o pescoço.

Zelda franziu o cenho.

– Mas que raio, Debman? Comporta-te. Seja como for, o regime não faz isso. Pelo contrário, têm muita conversa. Em certa medida, no início foram contidos, apesar de toda a cobertura mediática que dizia o contrário. Oferecem concessões políticas pouco sinceras que não satisfazem ninguém. Por vezes abatem protestantes de propósito, outras vezes é por acidente, por

vezes não disparam de todo e permitem os protestos. E então, finalmente, o regime passou para uma estratégia de terra queimada, porque esgotou as outras opções. Matar toda a gente.

– Confuso, Sam, foi confuso – disse Debman, limpando os óculos à camisa. – O regime acabou por queimar as pontes. Sem forma de voltar atrás, resistiu. – Bebeu mais um pouco e limpou a boca à mão.

– Bom, a que é que isto levou? – perguntou Zelda retoricamente. Debman começou a responder; ela interrompeu-o com um aceno da mão. – Em primeiro lugar, não suprimiu a oposição. Fortaleceu-a, sobretudo os elementos islâmicos e jiadistas mais radicais. A violência ajudou-os a justificar a necessidade de armas para se oporem ao regime. Em segundo lugar, polarizou o país, criando divisórias sectárias e étnicas. De forma geral, aproximou os grupos minoritários – cristãos, alauitas, drusos – do regime. A maioria sunita formou a oposição. A família Assad é alauita, recordemos. A Síria é uma nação muito diversa, Sam. Quer os cristãos, quer os alauitas, por exemplo, constituem cerca de 10 por cento da população total. O regime foi bem-sucedido a unir a maioria dos grupos minoritários (e muitos dos árabes sunitas abastados, na verdade). Estes não têm outras opções. Em terceiro lugar, transformou o próprio governo numa grande milícia radicalizada.

– Só que, em vez de venerar Alá, venera Bashar – disse Debman.

– Há um abismo enorme entre as comunidades que apoiam a oposição e a facção pró-regime – disse Zelda.

Debman riu-se.

– Sim, por exemplo, o lado do regime tem eletricidade e comida, e a oposição não.

– Os responsáveis políticos estão mesmo interessados em algumas das instituições sírias – disse Zelda. – Em primeiro lugar, o Palácio. É, para todos os efeitos, o gabinete pessoal de Bashar, inclui os conselheiros seniores e ligações a todas as agências governamentais importantes. Por exemplo, ele acaba de criar uma coisa chamada Gabinete de Segurança, para tratar dos assuntos mais sensíveis do Mukhabarat. Ali Hassan é quem está ao comando. Bashar gere o país a partir do Palácio. Em segundo lugar está a Guarda Republicana. É a principal força militar da Síria, e à cabeça está o general Rustum Hassan, irmão de Ali. Rustum é a ponta bicuda da lança militar e serve de mão autoritária de Bashar no Centro de Investigação e Estudos Científicos da Síria, o SSRC. Consolidaram e centralizaram o controlo porque as instituições estatais estão a enfraquecer. Deserções, campanhas rebeldes de assassínios. Tudo isso vai pesando.

– Então qual é o futuro que veem? – perguntou Sam.

Zelda levantou-se, de mãos atrás das costas, e espreitou pela janela.

– O regime mantém-se – disse ela. – Porque é uma coisa mais profunda do que a família Assad, do que a sua comunidade alauita, ou até do que o seu aparato repressivo. Assenhorou-se tão profundamente da nação e dos

órgãos estatais que se revelou mais forte do que todos nós julgávamos. Tem os recursos, a lealdade e a impiedade para o fazer. E quanto ao que aí vem... Os protestos, a esperança, tudo isso se foi. Completamente despedaçado. As negociações são fogo de vista, porque não há qualquer possibilidade de acordo. Ambos os lados acreditam que têm de vencer.

– E ambos acreditam que podem fazê-lo – disse Debman. – Os jiadistas, que operam a rebelião no terreno, e os assadistas, a milícia que se disfarça de governo. Os restantes, as pessoas a tentarem sobreviver, que mantêm a cabeça baixa, veem-se perante essa escolha.

Outra pessoa espreitou para a sala e, numa voz aguda e insistente, disse-lhes que precisavam da sala, que já estavam cinco minutos atrasados.

– É uma luta até à morte – concluiu Zelda, enquanto reuniam os ficheiros. – É o Octógono.

Nessa tarde, Zelda ajudou Sam a fazer pesquisas biográficas e a investigar os sírios que iam viajar para Paris, integrando a delegação do Palácio.

Os resultados preliminares do Diretor de Operações Administrativas da Síria chegaram a altas horas naquela noite. Sam e Zelda comeram cachorros-quentes da máquina de venda automática *Hormel*, no edifício do Quartel-General Original. A CIA era o único sítio onde Sam alguma vez vira uma máquina de venda automática de cachorros-quentes. Sempre quisera tirar-lhe uma fotografia, mas não era permitido entrar no edifício com câmaras.

Sentado ao lado de Zelda no cubículo da analista, Sam deu uma dentada no cachorro-quente e leu os resultados sobre uma funcionária, Mariam Haddad.

1. RESULTADOS PRELIMINARES (1 DE 2): NACIONAL SÍRIA É CONSULTORA POLÍTICA DO PALÁCIO, RESPONDENDO A CONSELHEIRA PRESIDENCIAL BOUTHAINA NAJJAR. PROVA COLATERAL A INDICA QUE TEM 35 ANOS E É DE ETNIA SÍRIO-CRISTÃ. PROVA COLATERAL B INDICA CONTACTO REGULAR COM FUNCIONÁRIOS SENIORES DO PALÁCIO, INCLUINDO O PRESIDENTE ASSAD E O CONSELHEIRO JAMIL ATIYAH.
2. RESULTADOS PRELIMINARES (2 DE 2): PROVA C INDICA QUE MÃE FOI ENCARREGADA DE NEGÓCIOS EM PARIS ATÉ SE REFORMAR. O PAI, O MAJOR-GENERAL GEORGES HADDAD, COMANDA O III BATALHÃO DO EXÉRCITO SÍRIO, ATUALMENTE EM ALEPO. PROVA D INDICA QUE TIO PATERNO, DAOUD HADDAD, É CORONEL NO RAMO 450 DO SSRC.
3. O DEPARTAMENTO DE CONTRAESPIONAGEM APOIA O DESENVOLVIMENTO DE CONTACTO COM NACIONAL SÍRIA, DEPENDENDO DA CONCORDÂNCIA DO DEPARTAMENTO DO MÉDIO ORIENTE.

– Bem relacionada – disse Sam.

– Uma verdadeira filha do regime – assentiu Zelda, a mordiscar uma caneta. – É preciso uma família assim para se conseguir um emprego no Palácio.

Sam virou-se na cadeira para encarar a analista.

– A Mariam pode ser interessante – disse. – Os funcionários de nível médio têm acesso a muita coisa e são menos dedicados ao regime. Além disso, se ela alguma vez conseguisse arrancar informação ao tio, poderíamos meter-nos no programa de armas químicas. Consegue sacar os relatórios das provas?

Zelda assentiu com a cabeça e começou a vasculhar pela galáxia de bases de dados dos serviços secretos da CIA. Tudo junto, era uma mistura de relatórios exclusivos que se sobrepunham, como se uma metralhadora disparasse diagramas de Venn. Ela praticamente colou a cara ao ecrã enquanto digitava.

– Encontrei uma coisa – disse ao fim de uns minutos. Sam girou na cadeira atrás dela para ver. Era um relatório roubado do Mukhabarat, a descrever um protesto em Damasco. Sam verificou a data. 25 de março. O dia em que tinham levado Val. O relatório dizia que o Mukhabarat tinha detido uma jovem chamada Razan Haddad. Ele parou de ler.

– É um apelido comum – disse. – Como Smith.

– Eu sei, mas veja no fim do relatório. Um comentário do autor.

Sam leu: *Prisioneira libertada na sequência de pedido formal cuja origem foi identificada num funcionário da Segurança Política associado ao Batalhão III.*

– A unidade do pai de Mariam.

– Sim. Não me ocorre uma boa razão para que outra pessoa a combater em Alepo telefonasse para uma divisão do Mukhabarat em Damasco, a pedir a libertação de alguém.

– Familiares detidos são um bom combustível para recrutamento – disse Sam. – Eu tive um tipo na Arábia Saudita cujo irmão tinha sido torturado. Manteve a boca fechada, mas passou mais de 15 anos a espiar para nós. Vingança silenciosa.

Terminou o cachorro-quente.

– Encontrámos a nossa miúda.

Mariam fitava a imagem de Fatimah Wael, anexada ao ficheiro amarelado em cima da mesa. A foto do Mukhabarat, tirada no início da última detenção de Fatimah, já estava desgastada. Passou os dedos pelos rebordos e concentrou-se nos olhos atormentados de Fatimah. Por norma, naqueles álbuns do Mukhabarat, os olhos tinham um aspeto mortiço. Mas Fatimah tinha o olhar de uma mulher que suportara toda uma vida de tarefas e se mantinha de pé. Mariam pôs a foto de lado e tornou a rever o conteúdo do dossiê enquanto a sua chefe falava ao telefone.

Mariam leu a primeira página: um resumo das detenções de Fatimah. A maioria ao abrigo da lei de emergência que já tinha décadas e dava ao Estado uma autoridade abrangente para castigar crimes vagos, incluindo o de “sedição” (Tradução: participação em protesto pacífico) e “cooperação prejudicial com uma potência estrangeira” (Tradução: discussões políticas com o embaixador francês em Damasco). O ficheiro tinha pelo menos dez centímetros de espessura. Incluía todos os relatórios submetidos sobre Fatimah, remontando ao início dos anos 1990, quando, aos 22 anos, tinha cometido a insensatez de enviar um artigo para publicação num jornal, no qual apelava à renúncia do Assad mais velho. Cinco anos de prisão, de 2003 a 2008. Acusação: Sedição. Agora, Fatimah era uma exilada, ora em França, ora em Itália. Uma síria corajosa a liderar a oposição no estrangeiro, respeitada por muitos dos grupos combatentes no terreno. Um espinho constante no flanco de Assad.

Mariam pousou o ficheiro quando a chefe, a conselheira política do presidente, Bouthaina Najjar, terminou o seu telefonema. Bouthaina tinha-a encarregado das negociações com os oposicionistas instalados no estrangeiro, nomeadamente o Conselho Nacional, o grupo abrangente que alegava representar os combatentes no terreno. O objetivo de Mariam era simples: persuadi-los a repudiar os combatentes islâmicos que lideravam a guerra civil, a denunciar os outros exilados e a voltar depois ao país, onde a segurança e o perdão lhes seriam garantidos, em troca de silêncio. Tratava-

se da missão mais importante de Mariam até à data, e prometia ser um degrau para coisas maiores.

Bouthaina juntou-se-lhe à mesa, abriu o seu próprio ficheiro sobre Fatimah e, como fazia sempre que se concentrava, começou a mordiscar os seus óculos *Gucci*.

– Então, Mariam, o que pensa? Que ângulo devemos adotar em Paris?

Mariam alisou a saia bege e tirou um relatório do ficheiro.

– A intercetção de sinais de comunicação dos iranianos no apartamento de Fatimah em Paris e na vila da Toscana foi soberba – disse Mariam. – E deixa claro que ela sente a falta da Síria. Vive bem no estrangeiro, mas Damasco é o seu lar. Ela vai querer negociar. – Mariam bebericou o seu café. – Mas o preço deve ser alto.

Folheou a pilha de relatórios. O seu polegar parou num que tinha marcado na noite anterior, de pernas cruzadas em cima da cama a usar uma *t-shirt* comprida, enquanto se preparava para aquela discussão. Já ia na quarta caneca de café.

– Aqui está. Três relatórios de fontes da oposição: Paris, Roma, Istambul. Todos alegam corrupção e utilização indevida de fundos. Aqui está um divertido. – Deslizou-o sobre o tampo da mesa até Bouthaina, que colocou os óculos para o ler. – É uma conta que o Conselho Nacional tentou submeter ao Ministério dos Negócios Estrangeiros de França, para uma série de quartos no Hotel Bristol. Uma delegação vinda de Istambul.

– Só querem o melhor – disse Bouthaina, estalando a língua.

– Os quartos custavam 1200 euros por noite. Parece que todos quiseram um quarto individual.

– Claro. – Bouthaina esboçou um sorriso trocista enquanto mordida a ponta de um *croissant*.

– Os franceses recusaram pagar, por isso o Conselho vai ter de assumir o custo. Há uma dúzia de outros exemplos do género, e poderá ver nos relatórios que os gastos perdulários estão a causar fissuras entre alguns dos líderes superiores, entre os quais Fatimah, que detesta o desperdício.

– Como é que estes tolos pensam que fazem alguma diferença? – perguntou Bouthaina. – Nós estamos a combater terroristas. Estes idiotas divertem-se em Paris.

Mariam passou-lhe um memorando.

– A minha proposta: segurança garantida para o regresso a Damasco, em troca de uma descrição pública dos rebeldes como terroristas e silêncio após a sua chegada.

– Ao início, ela vai recusar. É teimosa.

Mariam respeitava Fatimah por isso. Seríamos irmãs noutra vida, pensou, num mundo que não existe.

– Concorde. Mas Fatimah é o pilar do Conselho Nacional. Se ela o abandonar, vai colapsar. Se ela não cooperar, deveríamos empregar métodos menos agradáveis.

Mariam fez deslizar outro papel sobre o tampo da mesa. Era apenas uma folha. A folha que a deixara indisposta enquanto a digitava na cama.

– Esta é a lista de parentes de Fatimah ainda nas fronteiras da Síria, por ordem de proximidade. Se ela não concordar com as nossas condições, proponho que comecemos as detenções pelo topo, até ela concordar. Vou dar-lhe esta lista em Paris.

Bouthaina sorriu, apreciando o combate.

– Aprovado. Concordo que, infelizmente, será necessário recorrermos à força. – Retirou os óculos e pousou-os na mesa. Em seguida, olhou para a porta, para confirmar que estava fechada. – Antes de irmos para Paris – continuou –, deve saber que uma das minhas fontes do gabinete de Jamil Atiyah me disse que o velho pedófilo está a conspirar contra nós. Ele quer que a nossa viagem fracasse.

Jamil Atiyah era outro conselheiro do Presidente no Palácio. Ele e Bouthaina detestavam-se e travavam uma batalha territorial contínua por influência no interior do Palácio. A predileção de Atiyah por raparigas menores de idade, tipicamente angariadas em viagens diplomáticas ao Sudeste Asiático, era bem conhecida. Mas isso ainda não fora suficiente para o banir. Bouthaina continuava a procurar as armas burocráticas apropriadas para o conseguir.

– O que acha que ele está a planear? – perguntou Mariam. Atiyah tinha feito de outros membros daquele gabinete exemplos para instilar medo e desestabilizar Bouthaina. Adnan, um auxiliar administrativo, certa vez passara três noites no hospital, depois de uma visita dos brutamontes de Atiyah.

– Não sei. Tenha apenas cuidado – disse Bouthaina. – Ele é um velho sacana astuto e brutal.

*

Se havia coisa em que a família de Mariam Haddad acreditava, era em organizar festas. Com um primo que finalmente ia casar, havia uma desculpa. Arrendaram o pátio interior de um restaurante luxuoso no Bairro Cristão de Damasco, que fora em tempos uma mansão otomana.

As mesas foram dispostas no pátio de mármore à volta da fonte. Um empregado passou por Mariam com uma garrafa de champanhe enterrada em gelo. Ela tinha escolhido um vestido justo de seda preta e sentia-se tanto bela como poderosa ao deslizar até à mãe para lhe depositar um beijo numa face coberta de maquilhagem. Por instinto, procurou o pai e o irmão ausentes. Era um hábito difícil de abandonar. Eles eram oficiais de artilharia em Alepo, e estavam ausentes havia cerca de seis meses. É Estalinegrado na Síria, dissera-lhe o irmão durante um telefonema. Mariam aceitou um copo de champanhe de um empregado e falou de pequenos nadas: roupas, compras, a noiva insípida do primo.

Não se tinham poupado a despesas. Folhas de parra recheadas, *tabbouleh* e *baba ghanoush* com zâtar eram levados em carrinhos e rapidamente devorados pelo clã. Havia pratos de *dawood basha* – almôndegas sírias –, de *kibbe*, *kebabs* de todos os tipos, peixe branco frito coberto de malaguetas, guisados com alho-francês, tomate e quiabo, e travessas de sobremesas de um chefe pasteleiro famoso de Souq Al-Hamadiya. A um canto do pátio iluminado, uma banda ia tocando.

O tio de Mariam, Daoud, entretinha a sua corte numa das mesas maiores. Mariam tinha acabado uma dança embaraçosa com um primo muito bêbedo quando ele a chamou.

– Todos sentimos a falta do teu pai e do teu irmão – disse Daoud. – Eu tinha de o dizer, mas não temos de falar mais disso. Em breve vais vê-los.

Mariam assentiu com a cabeça e esboçou um sorriso frágil e ténue.

– Obrigada, tio.

O tio Daoud rodopiou champanhe no seu copo cheio e ergueu-o para observar as bolhas.

– Como está a Razan? – perguntou.

– Está melhor. Não é intenção dela ignorá-lo, tio, está só...

Daoud ergueu a mão.

– Eu percebo que ela não queira ser vista em público. Mas diz-lhe que ligue ao seu pai.

– Vou dizer, tio. Ela está só triste. Está a recuperar. Está embaraçada.

– Está zangada – concluiu ele. – Tal como eu. – Afastou o copo de champanhe. – Mas ainda assim gostava que ela tivesse vindo esta noite. Obrigada por a deixares ficar em tua casa, Mariam. Isso significa muito. Ela adora-te. E, sem a Mona... – interrompeu-se. Mencionar a tia Mona continuava a ser difícil, apesar de ela ter morrido havia mais de dez anos. – Só quero dizer que, com uma casa vazia e um pai consumido pelo trabalho, aquele não seria um bom lugar para ela. Sei que ela aprecia estar no teu apartamento.

– Sempre fomos chegadas, como irmãs.

– Eu sei. Eu e o teu pai tivemos a sorte de termos filhas com dois meses de diferença.

Mariam queria mudar de assunto, mas o tio Daoud precisava de falar. Mariam fez sinal a um empregado e pediu-lhe uísque. As sobranceiras do empregado arquearam-se de surpresa. Ele afastou-se.

– Diz-lhe que continuamos a procurar o rufia do Mukhabarat que fez aquilo. Temos pistas, mas ainda não temos um nome – disse o tio Daoud.

– Direi. É muito importante para ela que o tio e o pai estejam a procurar.

Ele assentiu com a cabeça. O empregado voltou com um copo de uísque. Mariam pegou na *flûte* de champanhe do tio, despejou-o e substituiu-o por um pouco do seu uísque. Ele sorriu.

– Sempre foste uma de nós, Mariam, desde que eras pequena. – Bebeu

um pequeno golo. – Um membro dos conselhos de guerra. – Olhou para um casal que deslizava pela pista de dança, enquanto outras pessoas se agrupavam à volta e assobiavam. – Eu e o teu pai assumimos as nossas posições para proteger *isto* – disse ele, com a mão a abarcar o pátio cheio. – Para manter uma grande família cristã a salvo na Síria. Vê o que fizemos. O teu pai no exército, em Alepo. Eu... – Esboçou um sorriso ténue, deixando a frase no ar.

Nunca falavam do trabalho de Daoud. O Centro de Investigação e Estudos Científicos, Ramo 450. Segurança e transporte de armas químicas.

Daoud bebeu mais uísque.

– A nossa família fez o que nos foi pedido. Somos leais, silenciosos e complacentes, a troco de segurança. Somos sírios exemplares. O regime não cumpriu a sua parte. Vê o que aconteceu à Razan. E não temos a que recorrer. Estamos presos. – Com um novo trago, algo cintilou nos olhos de Daoud, como se soubesse que falara demais. Desviou o olhar, fitando a dança.

– A Razan sempre foi rebelde, tio – disse Mariam, odiando-se por aquelas palavras, como se a prima impetuosa o tivesse merecido. – Há de dar a volta.

Ele indicou a pista de dança com um aceno da cabeça.

– Vamos?

*

Mariam chegou ao seu apartamento quase de madrugada e deparou-se com Razan ainda acordada, esparramada no sofá com um pijama de seda enrugado e a ver uma entrevista a Fatimah Wael no canal Al Jazeera. Mariam desligou o televisor e afastou as pernas da prima para se sentar ao lado dela. Em cima da mesa estava uma garrafa de vinho branco vazia.

– Cheiras bem – disse Razan, com o olho esquerdo colado ao ecrã escurecido. O direito continuava vendado. Como um pirata, dissera ela num dos seus momentos de maior ligeireza. O golpe no rosto tinha-lhe aberto uma cratera no olho. Ainda não recuperara a visão. Os médicos não sabiam se isso alguma vez aconteceria.

– O teu pai tem saudades tuas – disse Mariam. – Por amor de Deus, telefona-lhe. A culpa não é dele.

– Eu sei. Foi divertido?

– Sim. – Mariam falou-lhe da família, do restaurante, da dança. O olho de Razan fê-la sentir-se culpada por tudo isso. – Porque é que estás a esconder-te dele?

– Do meu pai?

– Sim.

– Não sei.

– Também me odeias? – perguntou-lhe Mariam. – Eu trabalho no

Palácio. Não sou melhor do que o teu pai.

Razan encolheu-se sobre si mesma e olhou para baixo.

– Não vos odeio, nem a ti nem a ele. – Caiu-lhe uma lágrima do olho esquerdo. Ela limpou-a com força. – Odeio o homem que fez isto. Odeio a nossa prisão. – Encostou-se ao ombro de Mariam, tocando ao de leve na pele por baixo da venda. Fungou. – Os médicos dizem que não devo chorar. Que isso atrasa a cicatrização.

*

Mariam deixou Razan no sofá e foi para o quarto, deixando as luzes apagadas. Despiu o vestido e ficou de roupa interior junto à cama. Estava ofegante, cerrava e descerrava os punhos, repetidamente.

Começou com os pontapés frontais, saltando para trocar de lado, mais depressa, pegando na raiva interior e livrando-se dela a cada golpe. Ouvia o ar a estalar a cada movimento, sentia a humidade suada que se lhe acumulava nas costas e na testa. Passou para o chão para fazer flexões, esticando e esforçando os braços até ficar com os músculos a arder. Levantou-se e começou a dar golpes com a palma da mão, imaginando que partiam o nariz do atacante de Razan. Mais depressa, Mariam, mais depressa, dizia-lhe o instrutor de Krav Maga em Paris, tantos anos antes, não pares. Mexe-te.

O general Ali Hassan estava bem familiarizado com a morte, já que matara a própria mãe nas suas primeiras horas neste mundo e muitas outras pessoas nas quatro décadas subseqüentes. E agora, no auge da guerra civil síria, voltava a cortejar a morte enquanto passava uma lâmina por baixo da pele do polegar esquerdo do espião da CIA Marwan Ghazali. O homem gritou e Ali afastou o canivete, limpou-o com um pano e devolveu-o ao bolso da camisa.

– As inconsistências não serão toleradas – disse Ali, sentando-se à frente do prisioneiro. – Já lho tinha explicado.

Ghazali estava nu, preso a uma cadeira instável junto a uma mesa. Atrás dele, holofotes brilhavam. O coronel Saleh Kanaan, um dos adjuntos de Ali, acenou com várias folhas que estavam em cima da mesa. Ali já sabia o que continham.

– No terceiro rascunho, Marwan, disse que só se tinha encontrado com a sua supervisora da CIA, Valerie Owens, em Damasco – disse Ali. Levou a mão a outra folha e deslizou-a para o prisioneiro, que tentou pestanejar e ler, mas parecia só conseguir focar-se na destruição do polegar. – Eu leio-o por si. No seu quarto testemunho, menciona um encontro com Owens em Abu Dhabi. – Virou para outra página. – Mas no quinto rascunho, o encontro em Abu Dhabi desapareceu. Só Damasco.

Ali acendeu um cigarro e reclinou-se na cadeira.

– Agora, por favor, conte-me: o que aconteceu em Abu Dhabi?

– Enganei-me – implorou Ghazali. – Não dormia há dias, estava delirante. Expliquei isso ao seu ajudante. – Apontou para Kanaan. Estava a bater os dentes de frio.

– Está a mentir – disse Ali, arrastando a cadeira para se aproximar mais. – Diga-me a verdade e podemos evitar mais problemas. O que aconteceu em Abu Dhabi?

Ghazali deixou cair a cabeça e começou a gemer.

– Nunca me encontrei com ninguém lá.

Ali suspirou. Antes de se ter juntado ao Mukhabarat, tinha sido investigador criminal. Investigara homicídios, assaltos e, uma vez, uma crucificação grotesca que ainda via quando fechava os olhos. A dor física, por si só, não era a forma mais eficaz de obter a verdade; era melhor cansar um espião ao longo de meses de isolamento e interrogatórios constantes. Por fim, o prisioneiro desorientado perdia a vontade ou a capacidade de manter a fachada, e ia-se abaixo. Então, revelava tudo.

Mas tinha de haver consequências quando um prisioneiro mentia. Essa era uma das regras.

Ali retirou o canivete do bolso da camisa. Ghazali gritou.

*

Ali enxaguou a camisa e limpou o canivete num dos lavatórios da casa de banho da cave. Secou-o e devolveu-o ao bolso da camisa, antes de acender mais um *Marlboro*. O fumo espalhou-se pela divisão sem ventilação enquanto espremia a camisa.

Tal como calculava, Ghazali encontrara-se uma vez com Owens em Abu Dhabi. Entregara-lhe documentos roubados nesse encontro.

Apagou o cigarro e subiu as escadas até ao seu gabinete, semicerrando os olhos para se proteger da luz da manhã que entrava pelas janelas. Foi até à janela, de onde observou um caça, um *MiG* comprado aos russos, a disparar pelo céu antes da aurora e a largar a sua carga num subúrbio controlado por rebeldes. As vidraças estremeceram e ergueu-se fumo sobre os escombros do que, até então, tinham sido prédios.

Acendeu outro cigarro e olhou para o retrato do presidente Bashar al-Assad, pendurado por cima da sua porta. Todos os burocratas e funcionários dos serviços de segurança tinham um.

Ali era esguio, mas apresentava um rolo de gordura ventral, fruto de quase duas décadas de noitadas e do *stress* residual de investigações de crimes, espionagem e, agora, a guerra civil. Uma melena de cabelo preto estava penteada para trás sobre um crânio com olhos intensos, um nariz entortado a meio para a direita e um maxilar forte. Uma cicatriz com textura subia-lhe pela lateral do pescoço e acabava na parte de baixo da face. Por vezes, dava-lhe comichão.

Olhou para o labirinto de bermas de betão no exterior do edifício de dez andares. Uma tabuleta já gasta dizia “MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E DA REFORMA AGRÁRIA DA REPÚBLICA ÁRABE DA SÍRIA”. Era uma mentira, mas não intencional. Simplesmente, ninguém se dera ao trabalho de a tirar.

Agora, o edifício hospedava o Gabinete de Segurança, uma agência dos serviços secretos associada ao Palácio Presidencial. Era um dos muitos serviços de segurança da Síria. Que Ali soubesse, havia 17 organizações de segurança na Síria em tempos de guerra. O mundo da polícia secreta – o

Mukhabarat, como eram conhecidas essas instituições no seu todo – era uma misturada bizantina de agências sobrepostas, de egos concorrentes e de redes invisíveis de patronato. Até oficiais seniores, como Ali, tinham dificuldade em compreender os limites e as jurisdições que as separavam. O presidente, à semelhança do seu pai, criara-o propositadamente dessa forma – para ser mais fácil usar uma instituição contra a outra. No entanto, à medida que a guerra civil ardia e que os rebeldes, os *irhabiiun*, os terroristas, se iam entranhando, o presidente estabelecera o Gabinete de Segurança para realizar as caçadas mais sensíveis. E pusera Ali a comandá-lo.

Ali apagou o cigarro e olhou para o relógio de pulso. Estava na hora de falar com Valerie Owens. Agarrou no seu maço de *Marlboro* e voltou a descer para a cave.

A cave do Gabinete de Segurança estava cheia de salas húmidas, fileiras de arquivadores e caixas a abarrotar de estudos agrícolas dos anos 1970. Ali e a sua equipa tinham convertido o espaço num viveiro de celas e salas de interrogatório. O espaço fora insonorizado, munido com câmaras e microfones e equipado com camas que eram lajes de betão e baldes a fazer as vezes de latrinas. Os pisos de várias divisões tinham sido ladrilhados e apetrechados com pequenos escoadouros para receber os resíduos dos interrogatórios.

Kanaan abriu a porta da cela e Ali entrou. Owens estava deitada na sua laje de betão, passando o tempo a fitar o teto. Continuava com uma ligadura na cabeça, para proteger as fraturas da violência durante a sua detenção. Ele dera ordens diretas para que ela não fosse magoada, e, furioso, suspendera o oficial idiota que a tinha golpeado.

Ali sentou-se aos pés de Owens. Falaram em árabe.

– General, tinha-lhe pedido que não fumasse aqui.

– Com certeza, Miss Owens – disse Ali, apagando o cigarro no chão. Depois, a sorrir, acendeu outro e soprou a primeira baforada numa nuvem sobre a laje dela. Owens fez um esgar de desprezo. – Queria perguntar-lhe novamente como comunicava com Marwan Ghazali aqui em Damasco. – Examinou-lhe os olhos, em busca de uma centelha de reconhecimento e, em vez disso, viu ódio. Aquela estava bem treinada. Duas semanas de frio e desconforto, e não revelara o que quer que fosse de valor.

Owens sentou-se e passou as mãos pelo cabelo louro, emaranhado e oleoso devido ao tempo passado na cela. O lado da laje onde o seu cabelo tinha estado brilhava de óleo.

– Já falámos disto, general. Não conheço esse Marwan Ghazali. Sou segunda...

– Sim, sim – disse Ali. – Segunda secretária da Embaixada dos Estados Unidos da América. Eu sei. Será que devo voltar a passar as imagens do seu carro... com as suas matrículas do corpo diplomático... a passar pela localização onde Ghazali nos disse ser a combinada para a sua retirada do

país? Talvez seja melhor voltarmos a ver a gravação, Miss Owens?

Valerie levantou-se e espreguiçou o corpo ágil. Mais magro, conforme ele viu quando a camisa subiu e lhe expôs as costelas inferiores.

– Já vimos a gravação, general – disse ela. – Andava às compras. Já lhe mostrei nos seus mapas bonitos as lojas que visitei. Agora, por favor, deixe-me falar com a embaixada. A minha detenção aqui é ilegal.

Ali ignorou o pedido, como tinha feito todos os dias ao longo das duas últimas semanas.

– Ghazali contou-nos muitas coisas. Na verdade, acabamos de saber de um encontro em Abu Dhabi. Bastante interessantes, os documentos que Ghazali roubou. Mas, Miss Owens, o que realmente me interessa são os métodos de comunicação que ele utilizava consigo. Havia algum dispositivo? Se me falar do dispositivo e me disser onde está, talvez eu a deixe telefonar à embaixada. Uma oferta razoável, não é?

Owen deitou-se novamente na laje.

– Não conheço nenhum Marwan Ghazali. Sou uma diplomata dos Estados Unidos, segunda secretária...

Ali interrompeu-a com um aceno e levantou-se, fechou a porta e deixou-a às escuras.

Eram dez da noite quando o motorista de Ali o deixou à porta do seu apartamento. Os gémeos estavam a dormir. Layla estava reclinada no sofá, a ler e a beber vinho. Como era hábito, ela não lhe fez perguntas sobre o seu dia e ele nada adiantou sobre o assunto. Serviu-se de um copo alto, sentou-se ao lado dos pés dela e começou a massajá-los. Ela pousou o livro e fechou os olhos.

– O que é tu e os miúdos fizeram hoje? – perguntou ele.

– Cala-te e continua só a massajar – disse ela.

Ele assim fez, seguindo o seu instinto bem afinado para seguir ordens.

Passados alguns minutos, Ali merecera a resposta dela:

– Fomos às compras... as filas estavam tremendas e havia muito pouca carne esta semana, a propósito... e depois brincámos por aqui. Foi um bom dia. Ah... com menos força. – Ela fez um esgar enquanto ele carregava num ponto de pressão junto ao calcanhar direito.

Ele observou-a no sofá. Tinha o cabelo preto sobre o descanso do braço, o robe de seda aberto a expor-lhe as pernas e as unhas dos pés recém-pintadas. A mão dele ia subindo lentamente pela perna direita à mostra quando o telefone do apartamento tocou. Qualquer pessoa que valesse a pena atender tinha o seu número de telemóvel, pelo que ele ignorou o toque e voltou a concentrar-se nos pés de Layla, já que a mão dela, ainda que a brincar, lhe bloqueara os avanços para norte.

Ouviram então alguém a bater à porta. Primeiro uma batida, depois uma rápida sucessão de toques e o som de gritos no corredor. Viu, pelo orifício da porta, a Sra. Ghraoui, viúva, vizinha do lado e única ocupante do apartamento 46. Tinha o cabelo em desalinho e a maquilhagem pesada

marcada por rios de lágrimas. Ali fez sinal a Layla, que foi à porta e convidou a senhora a entrar.

– Ele foi-se, foi-se, foi-se, levaram-no, levaram-no para algum sítio – foi tudo o que disse durante os primeiros minutos. Só depois de uma chávena de chá a Sra. Ghraoui conseguiu finalmente explicar-se: o filho tinha sido detido num posto de controlo do governo. Talvez tivesse sido no dia anterior, ou no dia antes desse, ela não sabia. Tinha acabado de saber por um sobrinho que era polícia e que tinha visto o nome numa lista de detenções recentes em Damasco. A Guarda Republicana prendera-o e isso era tudo o que ela sabia.

Ali teve vontade de fumar outro cigarro enquanto ela soluçava. Mesmo sem quaisquer pormenores, sabia que o rapaz seguiria um caminho habitual pelo sistema. Primeiro, seria levado para um centro de detenção improvisado, onde o acusariam de traição. Em segundo lugar, haveria um interrogatório violento, com o nível de dor a aumentar à medida que o tempo dava lugar a um círculo infinito. Em terceiro, quando a confissão tivesse sido extraída, haveriam de o enviar para Saydnaya, onde seria torturado por diversão e enforcado. Os mortos eram atirados para valas comuns do lado de fora da prisão. Vários operadores de retroescavadoras tinham sido requeridos ao Ministério da Habitação para ajudarem no trabalho de escavar sepulturas.

É claro que havia dois desvios possíveis. Ou o detido tinha a boa sorte de se deparar com um dos poucos agentes do Mukhabarat que realmente era um investigador criminal capaz de avaliar as evidências, ou conhecia alguém com *wasta*, influência, que podia intervir por ele. Era por isso que ela ali estava. Tinha noção de que Ali era um general e decerto sabia que o irmão dele, Rustum, era o comandante poderoso da Guarda Republicana.

– Será que pode ajudar, general? – perguntou ela. – Só quero saber onde ele está. – Esfregou os olhos, espalhando maquilhagem pelas faces e pelo nariz.

Ali não sabia por que razão o rapaz tinha sido detido, mas podia adivinhar. O seu documento de identidade emitido pelo governo revelaria que tinha nascido numa aldeia a norte de Homs, atualmente controlada por um emir rebelde que a reclamava como seu califado. Juntando-se isso a álcool, ou a um tenente da Guarda Republicana mais agressivo, e, de repente, estava-se a avançar pelos canais da detenção.

Não que lhe importasse muito o motivo para o terem levado. Conhecia o rapaz desde que tinha 5 anos, ele costumava brincar com os gémeos. Não era jiadista, criminoso ou insurgente. Ali também vira o interior da prisão improvisada que o irmão Rustum construía no estádio: os corpos esqueléticos a acumularem-se junto à vedação de arame farpado, a sinfonia de gemidos sem rosto que ecoava pelos canos da cave, o cheiro a antisséptico da sala – com um ralo no centro entupido com material informe. Já lá tinha ido, para recuperar o filho espancado do seu médico. Mas nem

ele era tão poderoso que pudesse limitar-se a entrar por ali e levar o rapaz. Vira-se forçado a submeter-se a Rustum, o que era, por si só, uma tortura. Tinham acabado por lhe dar autorização para levar o rapaz, que encontrara acorrentado a um cano, numa poça de sangue cediço. Nessa noite, Ali bebera até adormecer.

Assentiu com a cabeça.

– Vou encontrá-lo. Espere em casa até eu lhe telefonar.

Ela assentiu com a cabeça e depois olhou de relance para Layla, que parecia muito cansada. Ali pensou que ela era capaz de lhes pedir para passar a noite ali, mas felizmente a mulher levantou-se para se ir embora e Layla acompanhou-a à porta. Ali foi para a sala de estar, agarrou no maço de *Marlboro* e acendeu mais um cigarro, a debater internamente se poderia esperar pela manhã para telefonar a Rustum. Decidiu agir. Podiam levar o rapaz a qualquer momento e, quando isso acontecesse, ele estaria perdido. Marcou o número. Três toques e depois uma voz que disse:

– Olá, mano mais novo.

Ali mordeu o interior da bochecha.

– Mano mais velho, como estás?

– A acabar umas burocracias. O que queres?

– Tens um rapaz preso. Gostaria de ver como está.

Rustum remexeu ruidosamente alguns papéis para transmitir a sua agitação.

– Outra vez, Ali? Tens de deixar o sistema judicial resolver as coisas, não podemos intervir em todos os casos.

Ah, sim, o mesmo sistema judicial que amarrou o filho do meu médico a um cano de uma prisão por se ter juntado a um grupo do Facebook que criticava o governo?, era o que Ali tinha vontade de dizer, mas mordeu a língua, já que dizer o que queria iria pôr fim à conversa e condenaria o rapaz. Escolheu as palavras com cautela.

– O detido é de uma boa família – disse Ali. – Eu e a Layla conhecemo-lo bem. Responsabilizo-me por ele.

– Pensas demasiado como um detetive – disse Rustum, exasperado. – Uma manta de medo mantém as coisas estáveis, e o teu trabalho de detetive abre buracos nessa manta. Mas está bem. Estou cansado e é tarde. Como é que ele se chama?

– Obrigado, mano mais velho. O nome é Ghraoui.

– Telefone-te daqui a uns minutos para te dar a localização e tratar do que for necessário. – Uma pausa, o som de papéis a serem mexidos. – Oh, e Ali? O traidor ou a mulher da CIA já revelaram um dispositivo?

Tinha havido perguntas intermináveis sobre o aparelho que Marwan Ghazali tinha usado para comunicar com Valerie Owens. Ghazali confessara que comunicava com a CIA através de *websites* secretos. Ali sabia que isso era verdade, pois tinha sido assim que o tinha apanhado, depois de obter alguma ajuda dos seus conselheiros técnicos iranianos.

Também sabia por que razão Rustum queria um dispositivo da CIA, pois o responsável técnico do Ministério Iraniano dos Serviços Secretos e Segurança tinha explicado isso a ambos. Os persas acreditavam que podiam conseguir usar um dispositivo para empregar uma arma cibernética, não muito diferente do vírus *Stuxnet* de Israel, numa das plataformas de satélite da CIA. Isso permitiria que Damasco e Teerão lessem comunicações secretas e identificassem mais espões.

– A história de Ghazali não se alterou quanto a esta questão do *website*.

– Tens insistido o suficiente?

– Escuridão, frio, fome, cortes, e ele não mudou a história, mano mais velho – disse Ali. – A resposta é decepcionante, mas ele não está a mentir. Tenho a certeza.

– O que tem dito a agente da CIA? – quis saber Rustum.

– Continua a negar ser da CIA. Não ofereceu nada de valor.

– Devíamos ser mais brutos com ela.

– Ordens do presidente, mano mais velho. Mantemos a americana fora disto. Por ora, só perguntas. Nada físico.

– Estou a esforçar-me por mudar isso, mano mais novo. Gostaria que fizessem um interrogatório como deve ser a ambos, tanto à mulher da CIA como ao Ghazali. Já não é sem tempo.

Ali coçou a cicatriz e abriu o frigorífico em busca de algum petisco. Viu um pacote de cenouras e, pela primeira vez desde que regressara a casa, pensou no polegar esquerdo de Marwan Ghazali e no risco que corria por manter uma agente da CIA detida, a pedido do presidente. De mãos vazias, fechou a porta do frigorífico.

– Porquê o interesse súbito em encontrar mais espões, mano mais velho? – perguntou.

– Fazes demasiadas perguntas, Ali. Sempre um detetive, nunca um soldado.

– Cabe-me a *mim* encontrar os espões. O que se passa, Rustum? – perguntou Ali de novo.

– Esta vida está cheia de perguntas sem resposta – disse Rustum. – Vou encontrar o rapaz. – E desligou.

Layla surgiu, vinda da sala.

– Vais sair esta noite?

Ele assentiu com a cabeça. Ela deu-lhe um beijo na face, pegou no seu livro e desapareceu para o quarto.

*

O rapaz, filho da vizinha, estava num antigo armazém que fora recentemente convertido num centro de detenção. A chegada de Ali era esperada, graças a Rustum, e o capitão ao comando da unidade acompanhou-o de imediato à cela do rapaz. Um cheiro indescritível

escapou-se da cela quando o capitão abriu a porta enferrujada. Enquanto o guarda dava um passo atrás, Ali olhou para dentro da sala, vendo os olhos angustiados de uns 75 homens enfiados num espaço do tamanho da sua sala de estar. O oficial chamou o rapaz e a mole de homens foi-se mexendo até que um jovem ensanguentado coxeou até à frente. Ali assentiu com a cabeça ao oficial.

– Vou dizer aos meus guardas que o tragam enquanto tratamos da burocracia – disse o oficial com frieza, antes de fechar a porta.

No gabinete do capitão, Ali reviu os documentos. O rapaz tinha sido espancado e, segundo o capitão de serviço, “examinado”.

– Qual é a acusação? – perguntou Ali ao capitão depois de assinar os papéis.

– Sentimento antigovernamental.

– O que é que isso quer dizer, capitão?

O capitão pôs as mãos atrás das costas.

– Faltou ao respeito de um dos nossos oficiais.

– Estou a ver – disse Ali. – Tinha estado a beber?

– Sim.

– Planeavam libertá-lo depois de lhe darem uma lição? – perguntou Ali.

O capitão ficou em silêncio.

– O que examinaram? – quis saber Ali. – E porquê?

– Levámos a cabo uma revista de corpo inteiro para garantir que não estava armado. – O capitão esboçou um sorriso ténue. – Como precaução.

Um coronel da Guarda Republicana emergiu de uma sala nas traseiras, segurando o rapaz pelo ombro. Este tinha o rosto azul e negro, além de avermelhado de lágrimas. O cheiro a fezes instalou-se de imediato no gabinete.

– Ele cagou-se nas calças durante o exame – disse o coronel com um encolher de ombros. Depois apontou para o rosto inchado do rapaz como se revelasse uma pintura e puxou-o pelo colarinho para lhe fitar os olhos. – Se te voltarmos a ver, nunca mais daqui saís. Entendido?

O rapaz assentiu com a cabeça.

– É todo seu – disse o coronel, atirando-o para Ali. O rapaz caiu no chão.

Ali levou-o de carro até ao prédio, com as janelas abertas para atenuar o cheiro a excrementos. Não falaram até ele estacionar em cima do passeio. Não havia outros lugares.

– Diz que foste assaltado e espancado – disse Ali. – Levaram-te a carteira. Nunca mais voltas ao sítio onde te apanharam. – O rapaz assentiu com a cabeça. O sistema tinha reclamado mais um. – Eu não vou contar a ninguém – disse Ali.

O rapaz deixou cair a cabeça no tabliê e chorou.

Rustum e Basil Mahkluf, o tenente preferido do irmão, chegaram ao Gabinete de Segurança bem cedo na manhã seguinte, levando consigo papéis gravados com o selo de falcão de Qureish do presidente. Ali perscrutou o documento e atirou os papéis para cima da secretária depois de ler as primeiras linhas. *“Por decreto presidencial, de acordo com os poderes outorgados pela Lei de Emergência de 1963, a investigação ao traidor Marwan Ghazali será transferida de imediato do Gabinete de Segurança para a Guarda Republicana...”* Ali afastou mais uns papéis, sentou-se à mesa e acendeu um cigarro sem perguntar aos convidados se também queriam fumar.

Basil, o carrasco de Rustum – o irmão mais novo que Ali não era e nunca poderia ser – puxou uma cadeira para perto de Ali. Era seco e tinha a pele pálida e acinzentada. O cabelo ralo contrastava com o bigode farto à Saddam Hussein, sobre o qual ele passava frequentemente a língua, um gesto que Ali julgava ser inconsciente. Tinha uns pés gigantescos, desproporcionados em relação ao resto do corpo. Mas Basil distinguia-se sobretudo por duas características: os olhos cor de água de lavar pratos e a voz baixa e rouca. Os primeiros pareciam ser um reflexo perfeito de um desalmado vazio interior. A segunda resultava de uma traqueia despedaçada pela Irmandade Muçulmana durante a última rebelião, no inverno de 1982.

Rustum confiava a Basil as tarefas mais sensíveis. Oficialmente, Basil geria a Diretoria da Guarda Republicana de Mísseis e Foguetões. Era responsável por todas as armas estratégicas do arsenal de Assad.

Ali também lera os relatórios sobre Basil, elaborados pelos médicos da Guarda Republicana. Mandara Kanaan roubá-los aos Registos. *É propenso a estados de fuga, comandante*, escrevera o psicólogo depois de uma das consultas de Basil. *Há períodos em que se desassocia do ambiente, porventura a reviver acontecimentos traumáticos. Fala frequentemente de Hama, como se ainda lá estivesse. Por vezes fala de si mesmo na terceira pessoa. Diz que é um comanche, comandante. Um nativo de uma tribo índia da América do Norte, ao que parece. Diz esta palavra em inglês durante as nossas consultas.*

Basil ganhara a alcunha “Comanche” durante o inverno em Hama. Ali ouvira as histórias, tal como todas as outras pessoas do regime.

– Basil – disse Ali. – Fico satisfeito por ver que pôde tirar algum tempo da gestão das nossas forças de mísseis e foguetões para conduzir um interrogatório de somenos. É mesmo um homem dos sete ofícios.

– O toque pessoal é importante para mim – rouquejou Basil. Nem sequer esboçou um sorriso sardónico.

– Trouxeram uma carrinha de transporte, ou devo arranjar uma para o prisioneiro? – perguntou Ali.

Rustum estava junto à janela, a sorrir.

– Achei que podíamos tratar disso aqui.

– E assegure-se de que a sala tem um ralo no meio – disse Basil. – Não quero deixá-lo com muito para limpar.

– Mano mais velho, não é assim que...

Rustum ergueu a mão.

– Agora sou eu o responsável por esta investigação, mano mais novo. Põe Ghazali na sala de interrogatório grande e assegura-te de que o Basil tem aquilo de que precisa.

– E tragam a Valerie Owens – disse Basil. – Também tenho perguntas para lhe fazer. – E lambeu o bigode.

Ainda sob os efeitos do *jet lag*, Sam foi diretamente do Aeroporto Charles de Gaulle até à Estação de Paris depois de uma noite insone no lugar do meio em classe económica – entretenimento durante o voo: avariado –, ensanduichado entre um volumoso residente de Montana e uma criança que achou que seria divertido passar o voo a dar-lhe cotoveladas no braço. O táxi deixou-o na embaixada, uma mansão bege numa esquina verdejante da Place de la Concorde. Apesar de ser cedo, Sam teve de esperar na fila para mostrar o distintivo e o passaporte negro. Tudo o que queria era um banho quente e uma sesta matinal no seu quarto de hotel, mas tinha de entrar na rede da Agência para ver se teriam chegado despachos durante a noite acerca da operação de recrutamento de Haddad.

Uma agente de apoio da Estação foi ao seu encontro assim que ele deixou a fila e acompanhou-o na subida de quatro andares pela grande escadaria de mármore. Sam deixou o telemóvel num dos cubículos e seguiu-a para o interior da câmara da estação, enquanto ela marcava o código e a porta se abria.

– Janelas, hã? – disse ele, observando a sala espaçosa.

– Na Europa, as nossas estações têm janelas. Também temos bom café. – Ela apontou para a *kitchenette*. Ele agarrou num acesso de serviço temporário, enfiou-o num computador e começou a ler os despachos. Ali estava, felizmente, a confirmação de que a equipa de vigilância Bandito chegara a Paris. Os três irmãos encontrar-se-iam com ele naquela tarde, para começarem os ensaios. Reviu os mapas que mostravam o hotel que hospedaria a delegação síria e as rotas prováveis que seriam tomadas. Tornou a estudar a única fotografia de Mariam Haddad que a CIA possuía. Tinha sido tirada para o seu distintivo de identificação do Palácio, antes de todo o diretório digital ser copiado por um ladrão de documentos da CIA. Ficou parado por um segundo, fascinado pela foto.

– Isso – disse uma voz atrás de si –, é um grande desenvolvimento.

Sam virou-se e viu Peter Shipley, o Chefe da Estação de Paris, a sorrir.

Nunca se tinham cruzado, mas conhecia-lhe a reputação e a sua amizade com Ed Bradley. Shipley fora Chefe em Cabul nos primeiros tempos da guerra do Afeganistão, e salvara o presidente afegão de uma tentativa de assassinio durante uma das suas reuniões. Como acontecia com muitos oficiais destacados, o casamento de Shipley não sobrevivera e a esposa, que era francesa, partira para Paris com os filhos. Ele tinha pedido aquele posto para ficar perto da família e tentar resolver as coisas.

– É bom vê-lo, Chefe – disse Sam, a apertar-lhe a mão. Com aprovação, reparou que Shipley bebia o seu café simples.

– É no caso da síria que está a trabalhar?

– É ela, sim. Oficial do Palácio. Mariam Haddad. As probabilidades são baixas. Acho que há uns dois anos que não recrutamos um sírio.

– Mas vamos tentando, não vamos? – Shipley indicou o seu gabinete com um aceno da cabeça. – Há notícias de Damasco. A NSA descobriu a linha telefónica do escritório de Ali Hassan.

– Quando?

– Ontem à noite. O Bradley acaba de aprovar a operação. A Procter vai fazer a chamada daqui a uns minutos. Pede que estivesse presente.

No gabinete do Chefe, Sam olhou pela janela para a Place de la Concorde enquanto Shipley marcava um número. A voz característica de Procter atendeu.

– Peter? Ele está contigo? – Shipley e Procter conheciam-se do Afeganistão.

– Está, pois, Artemis. Acabado de aterrar e com ar disso.

Shipley fez sinal a Sam para que se sentasse à mesa e passou-lhe uma folha. Era um despacho impresso de uma operação, da Agência de Segurança Nacional para a Estação de Damasco, com um número de telefone.

– Aqui em Damasco é quase hora do almoço, por isso vamos tentar apanhá-lo agora – disse Procter. – Pus um dos agentes de telecomunicações da Estação a mexer na origem da chamada. Se o Hassan tiver um identificador de chamadas, vai parecer que lhe estão a ligar do interior do Palácio. Vamos usar um desses robôs esquisitos para a minha voz parecer a de um gajo. Sam, intervém se eu meter a pata na poça a falar árabe. Vamos todos soar iguais, não é, Stapp?

– Sim, Chefe – disse Stapp, o agente de telecomunicações. – Basicamente, pusemos isto a funcionar como uma chamada de conferência, mas tudo o que saia do nosso lado vai passar por um modulador. Vai soar como uma voz masculina grave.

– Um rascunho do guião está anexado ao despacho – disse Procter.

– Artemis, não vinha nenhum anexo neste despacho – disse Shipley. – De que guião estás a falar?

O telefone tinha começado a tocar. Procter ficou calada e não respondeu.

O telefone tocou cinco vezes.

– Fala o general Ali Hassan – disse uma voz em árabe.

– Ouça com atenção, general – disse Procter na mesma língua. – Só vai receber um aviso.

Um homem não podia vingar no regime sírio sem paranoia. Até os burocratas mais bem-adaptados e aparentemente relaxados a tinham. Aquele medo incómodo de que um rival os suplantasse. De que lhes batessem à porta a meio da noite. De que as suas esposas e filhos fossem ameaçados. Ali não se considerava excessivamente paranoico por gravar a maioria das conversas que tinha no telefone do gabinete. Era uma questão de prudência e autoproteção, embora soubesse que os serviços secretos da Força Aérea tinham aquele telefone monitorizado, um facto que descobrira, ironicamente, porque a sua própria organização colocara escutas em várias das linhas deles. Meio segundo após o início da conversa, assim que ouviu a voz grave e robótica, Ali ligou o gravador.

Ele estudara inglês durante uns meses em Moscovo. Seria o primeiro a admitir que os tutores não haviam sido os melhores, mas tinha desenvolvido uma certa familiaridade com a língua e considerava que a dominava. A chamada que acabava de receber – a que fora submetido, na verdade – fora realizada sobretudo em árabe, mas nalguns pontos desviara-se para um inglês coloquial que ele não compreendia. Kanaan estudara na Universidade do Dakota do Norte, nos anos 1990, quando as negociações de paz entre a Síria e Israel tinham fomentado alguma boa vontade entre os governos sírio e norte-americano. A família de Kanaan aproveitara e enviara-o para estudar nos Estados Unidos. Regressara a falar fluentemente, ainda que com uma cadência inexplicável que não se assemelhava de todo aos sotaques norte-americanos que Ali conhecia.

Ali desligou o gravador e afastou-se da mesa para espirrar. Kanaan estava sentado do outro lado. Ali acendeu um cigarro e foi até à janela. Kanaan tinha estado ligeiramente divertido a escutar a conversa, mas agora fitava um ponto a uma meia distância, calculando as implicações. Ali olhava pela janela, consumindo o cigarro em silêncio. Um helicóptero sobrevoava Douma. Viu algo, provavelmente uma bomba de barril, cair do casco para o solo. Virou-se.

– Rebobine – disse Ali. – Quero ouvir outra vez.

*

Ali Hassan: *Quem fala?*

Interlocutor anónimo: *Não interessa. Sabemos que tem Valerie Owens detida. Queremos que seja libertada hoje e devolvida à embaixada norte-americana.*

Ali Hassan: *Quem fala?*

Interlocutor anónimo: *Já lhe disse que não interessa. E deixe-me falar com*

*clareza: sabemos que a tem no Gabinete de Segurança, general.
Consideramo-lo responsável pela segurança dela.*

[Som de um isqueiro a acender-se.]

Interlocutor anónimo: *Estou?*

Ali Hassan: *Não conheço nenhuma Valerie Owens. É da CIA?*

Interlocutor anónimo: *Já calculava que fosse dizer isso, douchebag.*

*

– Ponha em pausa – disse Ali. Olhou para Kanaan, que engoliu em seco.

– Que palavra em inglês foi aquela no final?

Os olhos de Kanaan semicerraram-se, contemplativos.

– É calão americano para um homem que é um idiota mas não o sabe.

– Porque é que é um “saco”?

– A primeira parte da palavra é uma referência a produtos femininos.

– Guardados num saco?

– Sim.

Ali franziu o sobrolho.

– Ponha outra vez a correr.

*

Ali Hassan: *É da CIA, sim? Vou informar o presidente acerca desta chamada.*

Interlocutor anónimo: *Consideramo-lo pessoalmente responsável, general, compreende? Liberte-a já.*

Ali Hassan: *Já lhe disse que não sei do que está a falar. Adeus.*

Interlocutor anónimo: *Não desligue. [Resmungos inaudíveis e gritos] Você é responsável. E se ela for magoada vou lidar pessoalmente consigo, Ali. Se lhe toca num cabelo que seja, arranco-lhe os tomates e dou-lhos a comer. Vou...*

[Ali Hassan termina a chamada.]

*

– Essa última parte – disse Ali. – Imagino que seja tudo em inglês, porque a pessoa ficou muito zangada. Compreendo que me disse para não desligar, mas não percebi o resto. Falava muito depressa.

Kanaan fez-lhe um resumo.

– Os meus próprios testículos? Foi o que ele disse?

Kanaan assentiu com a cabeça.

– E a parte sobre o cabelo dela?

– É uma expressão que quer dizer que, se a magoarmos, por pouco que seja, vão castigar-nos. Se lhe tocarmos num só cabelo. – E Kanaan puxou o

seu, para enfatizar.

Ali tornou a franzir o sobrolho, levantou-se para tirar outro *Marlboro* da secretária e acendeu-o de frente para a janela.

– Obrigado, por agora é tudo.

Kanaan parou à entrada.

– General, um adjunto do gabinete do seu irmão telefonou e perguntou quando estará terminado o relatório final sobre a mulher da CIA. Disse que o seu irmão esperava receber uma cópia hoje.

Ali assentiu com a cabeça.

– Deixe-me lê-lo uma última vez. Espere aqui.

Pegou no relatório conciso que tinha preparado para o presidente, no qual descrevia os acontecimentos que tinham tido lugar na sua sala de interrogatório dois dias antes. Ele e Rustum tinham-se desentendido quanto a quem deveria escrevê-lo. O Comanche encostara uma faca à garganta de Kanaan e tornara a escolha simples.

– Escreves tu, mano mais novo – dissera Rustum. Ali abriu a pasta bege e voltou a lê-lo. Pousou-o e fitou a segunda página, que incluía a fotografia.

Chamou Kanaan e passou-lhe a pasta.

– Faça cópias e depois envie-as. Ficamos com os originais.

Kanaan assim fez e devolveu a pasta ao gabinete de Ali.

Pegando na pasta, Ali desceu as escadas até à cave. Acendeu um cigarro enquanto avançava às escuras até um arquivador em particular. Tinha um cofre no seu gabinete, como todos os oficiais seniores do regime, mas isso era geralmente a primeira coisa a ser levada num raide político ou anticorrupção. A sua casa também podia ser devassada, e ele ainda não tinha o necessário acesso ao estrangeiro para manter uma conta bancária na Suíça. Por ora, servia-se dos arquivadores agrícolas como caixa-forte. Foi no ficheiro que abriu então, identificado como “Nível das Águas do Lago Assad, Relatórios e Análise, 1988-1992”, que colocou a fotografia, aninhando-a ao lado da cassete de vídeo com a gravação do interrogatório. Fechou o arquivador.

De volta ao gabinete, acendeu outro cigarro e ligou para casa. Viu as horas.

– *Habibti*, tu e os meninos já comeram?

*

No apartamento, Ali atirou Sami para o ninho de almofadas em cima da cama. O menino guinchou de felicidade enquanto voava pelo ar. Depois Ali uivou como um lobo e perseguiu Bassam para fora do quarto e pela sala. Apanhou-o perto da cozinha, onde Layla estava a preparar um jantar tardio. Levantando-o, encostou os lábios à barriga do filho e fingiu que soprava bolhas de sabão. O menino riu-se e depois Ali sentiu Sami agarrar-lhe as pernas enquanto subia para os seus sapatos e se agarrava a ele enquanto

caminhavam. Caíram todos no sofá. Umas mãos pegajosas taparam-lhe os olhos e Sami disse:

– Quem é, papá, quem é?

Ali despendeu-o antes de o passar para a frente para lhe fazer cócegas na grande barriga de miúdo. O rapaz espojou-se no sofá, a guinchar, encantado. Ali perseguiu Bassam até ao quarto dos gémeos e, ao apanhá-lo, pô-lo ao ombro para o devolver ao sofá, onde estava o irmão. Os meninos ficaram a saltar no sofá e Ali foi ter com Layla à cozinha, para a ajudar a terminar a refeição.

– É uma boa surpresa ter-te em casa mais cedo – disse ela. Ele parou junto à porta e não respondeu, a vê-la cortar pimentos. Ela fatiava-os com gestos precisos, mas fortes, levando a faca até à tábua de cortar. Cortava rapidamente, tratando de um pimento laranja comprido, pondo os pedaços de parte e passando para um verde. Golpe, golpe, golpe na madeira. Deslizou mais rodela de pimento para os pratos dos filhos e depois serviu um pouco de húmus ao lado. – Faço para ti também, antes de voltares para o escritório.

Tirou outro pimento laranja da embalagem e começou a cortá-lo. Separou o pé com um último golpe da faca e colocou-a de parte com um floreado.

Ali encostou-se à ombreira da porta e sorriu-lhe. Ela passou-lhe dois pratos. Ele pousou-os na mesa da cozinha e depois pegou em dois copos com bonecos do *Toy Story* e começou a enchê-los de água. Layla abraçou-o por trás enquanto ele estava ao lava-loiça.

– Estou contente por estares em casa – disse ela. Ele sentiu o cabelo dela a rasar-lhe ao de leve pelo ombro enquanto ela lhe beijava o pescoço.

Se lhe tocam nem que seja num cabelo...

A água correu-lhe pelos dedos trémulos quando o primeiro copo derramou, demasiado cheio. Praguejou em voz baixa, despejou parte da água e secou as mãos.

– Estás bem? – perguntou Layla.

– Claro, *habibti*. – E virou-se para lhe dar um beijo na testa.

Depois, voltou-se para a sala de estar.

– Meninos, o jantar está pronto – chamou.

2. Calão em inglês norte-americano para “idiota”. A palavra remete para um aparelho de higiene feminina (N. do T.)

Segunda Parte

Recrutamento

A operação de contravigilância focada em Mariam Haddad tinha ganhado forma ao longo de dois dias de planeamento na sala de estar de uma casa segura da Estação de Paris, perto da Place des Vosges, no badalado bairro de Marais. Sam, habituado a imóveis mais sórdidos da Divisão do Médio Oriente, ficou surpreendido ao verificar que se tratava de um elegante *pied-à-terre* instalado por trás de uma porta grossa de madeira, no quinto andar de um edifício de pedra bege. As janelas abriam-se para a praça lá em baixo. A vista era de telhados e chaminés: uma copa de cinzas, âmbares e ocres. Contudo, agora a elegante sala de jantar estava pejada de mapas, imagens de satélite, caixas de piza e embalagens descartadas de comida chinesa.

Durante a noite, percorriam as rotas e ensaiavam a dança de troca de lugar de coreógrafo, a pessoa da equipa de vigilância que se manteria atenta a Mariam. Os Banditos – os trigêmeos de Kassab – tinham conquistado o apodo nas ruas de Beirute, em operações similares para determinar se o Hezbollah estava a vigiar agentes da Estação da CIA. Porém, os franceses não tinham investido em câmaras de videovigilância como os britânicos. E os cortes orçamentais nos serviços de segurança de França, segundo um relatório que Sam lera, tinham levado a cancelamentos gerais de operações de vigilância interna que não tivessem fundamentos antiterroristas. A possibilidade de os franceses os embaraçarem nas ruas era baixa.

– A sério, Sam, então – disse Rami. – Esta operação, Paris, tudo isto é como umas férias agradáveis.

O trio tinha estado debruçado sobre uma imagem de satélite das ruas em volta do hotel da delegação síria, cada um a soprar numa embalagem de pato à Pequim. Sam riu-se.

– Qual é a graça? – perguntou Rami. Os três irmãos olharam para Sam.

– Vocês podem não parecer irmãos – disse ele –, mas têm os mesmos tiques.

– Trigêmeos a fazer vigilância, estás louco, Sam? – dissera Bradley ao

saber que ele queria recrutá-los. – O objetivo de uma operação de vigilância é evitar ser detetado, não que haja três oportunidades de se ver o mesmo tipo. – No despacho seguinte, Sam incluíra fotografias. Rami: atarracado e com duplo queixo. Yusuf: alto e magro. Elias: o perfeito meio-termo.

Rami comeu um pouco de pato e revirou os olhos.

– Seja como for – disse Sam –, talvez sejam umas férias para vocês, mas eu é que tenho de abordar uma síria na rua.

A abordagem (amigável, não fria, porque a CIA tinha informação sobre os antecedentes de Haddad) poderia ser considerada o ato mais difícil e incerto de recrutamento. Sam aproximar-se-ia dela em público e, numa questão de segundos, tentaria convencê-la a encontrar-se com ele num local discreto. A CIA nunca podia saber ao certo como é que o alvo iria reagir. Um agente que Sam tinha conhecido em Istambul fora empurrado por um lança de escadas abaixo depois de abordar um oficial do GRU russo à saída do metro. Abordá-los sempre em terra firme, dissera ele.

Sam debruçou-se sobre o mapa e apontou para uma escadaria de pedra na margem do Sena, a uns quarteirões do hotel de Mariam. Um dos irmãos tinha-a assinalado com um marcador vermelho.

– Esse sítio não é bom.

*

A manhã trouxe a luz brilhante da primavera e a monotonia da espera, o primeiro ato essencial e mais entorpecedor de qualquer operação de vigilância. Sam já tinha emborcado dois cafés e estava um pouco nervoso por causa da cafeína quando as portas duplas do hotel se abriram e Mariam Haddad emergiu para a Rue de Rivoli, que estava repleta de lojas de luxo, cafés com toldos ao vento e butiques com os melhores produtos.

– Saiu – disse Sam para o auscultador encriptado. Instalado na padaria do outro lado da rua, acabou a terceira chávena de café e comeu o que restava de um *pain au chocolat*.

Deixou umas quantas moedas na mesa e levantou-se. Estava na hora de começar o baile. Iriam os sírios manter-se em cima dela todo o dia, só para jogar pelo seguro? Iriam os rapazes da La Piscine, a DGSE, a Direção-Geral de Segurança Externa de França, tentar recrutá-la? Um dia de observação, de bater o terreno, dar-lhe-ia uma resposta rápida.

– Entendido – disseram os trigémeos de Kassab em uníssono, das suas posições espalhadas pelas artérias da vizinhança, uma equipa posicionada para a seguir por onde quer que ela avançasse.

– Está com roupa de ginástica, parece uma corrida matinal – disse Sam. – Tivemos sorte.

Uma corrida seguiria quase de certeza ao longo de uma rota que só Mariam conheceria. Isso queria dizer que quaisquer equipas opostas de

vigilância teriam de se valer muito de recursos móveis – pessoas, carros, motos – para a seguir, deixando pistas para Sam e os Banditos. Seria difícil a Sam e a sua equipa detetarem posições fixas – carros estacionados, câmaras previamente colocadas, pessoas em cafés – em terreno estrangeiro. As equipas móveis mexiam-se. O movimento podia ser detetado.

Ela ficou no passeio em frente ao hotel a fazer alongamentos e a apreciar o ar primaveril.

Ainda se parecia com a única fotografia roubada que a CIA possuía. E, tal como fizera com a foto, Sam observou-a durante um pouco mais do que seria profissionalmente necessário. Tinha cabelo castanho que lhe chegava a meio das costas, malares bem definidos e um nariz arredondado e natural. Devia ter dispensado a cirurgia plástica comum a tantas sárias de classe alta.

Ela prendeu o cabelo num rabo de cavalo e olhou em redor, como que a ponderar a rota a tomar.

Um jovem empresário que passou por ela foi contra os costumes parisiños e sorriu-lhe, ao que ela correspondeu com um sorriso descontraído que lhe revelou as covinhas nas faces.

Em seguida, correu rumo às Tulherias a bom ritmo.

– Vai na tua direção, Rami – disse Sam. – Para sul, pela Castiglione.

Foi buscar a *Vespa* alugada que tinha deixado no passeio.

– Entendido. A avançar para o cruzamento. – Rami marcaria a direção que ela tomava e iria atrás dela, ou indicaria o caminho a Sam ou a um dos irmãos. Tinham de a seguir, mas sem a assustar, o que implicava mudarem constantemente de papéis, de maneira a não revelarem a sua presença.

Sam foi de *Vespa* até à Place de la Concorde, onde assumiria a posição de Rami. Passou pelo obelisco central da Concorde e apanhou um semáforo vermelho perto da ponte mesmo antes do Sena.

– Ela, hã, não é o típico alvo de vigilância, Sam – disse Rami. – É mais... como é que se diz...

– Bonita? – perguntou Sam. Pelo rádio, ouviram Yusuf a rir-se.

– Eu ia dizer voluptuosa – disse Rami.

– É tal e qual como o alvo que vigiamos em Istambul – disse Sam. – Só que, neste caso, é uma mulher, não um general saudita, e parece pesar bem menos de 130 quilos. Considerem-se afortunados.

– Ela está a atalhar pelo jardim em direção ao rio – disse Rami pelo rádio, a ofegar. – Há um tipo mais jovem, com cerca de 1,80 metros, de *t-shirt* e calções pretos, a correr atrás dela. É capaz de não ser nada. Mas tem um ar levantino.

– Entendido – disseram todos.

– Rami, estou parado num semáforo fora da Concorde – disse Sam. – Podes entrar o suficiente no jardim para ver para que lado ela vai quando chegar ao rio?

– Sim – disse Rami, com a respiração ofegante. Sam esperou um

pouco. – Vai na tua direção. O tipo virou com ela. Há uns 20 metros.

Uma volta. Ainda não havia motivo para preocupação. A contravigilância requeria tempo. Duas horas de observação seriam inconclusivas. Mas dez, doze, um dia inteiro – então, por norma, já se ficava a saber. O semáforo continuava vermelho. Ele levou uma pastilha à boca. A observação deixava-o irrequieto. Cinco carros à frente estava a passeadeira. Sam viu Mariam a atravessá-la rapidamente. O corredor do sexo masculino mantinha os olhos fixos nela.

Algo parecia estar mal. Sam virou à direita para seguir o rio que corria mais abaixo. Deixou de ver Mariam a partir da estrada. Ouviu a buzina de um dos *Bateaux Mouches* no rio. Um bando de pombos dispersou no ar enquanto ele avançava.

Sam queria ver melhor o outro corredor, cuja presença já o inquietava. A sensação era uma velha amiga desde os tempos da Quinta, o sinal de que havia observadores à espreita. Era necessário talento para um único seguidor manter uma presença clandestina durante um período longo. Até quem não tinha treino de vigilância e contravigilância tendia a reparar, mais cedo ou mais tarde. E a DGSE francesa – esses não usariam um tipo óbvio como aquele para liderar a equipa no terreno. Sam acelerou a moto, subindo para o passeio ao chegar à escadaria de pedra seguinte que dava para o passadiço à beira-rio.

– Vou continuar a pé.

Desceu a escadaria, chegando ao fundo a uns 40 metros atrás do homem que seguia Mariam. Sam correu atrás dele. Já podia atentar a pormenores: ritmo, linha de visão, sinais subtis transmitidos a uma equipa oculta por um rádio num auscultador, como Sam fazia. Ela acelerou. Era rápida. As calças de ganga e a *t-shirt* de Sam começavam a colar-se-lhe ao corpo suado, e ele sabia que não poderia correr assim durante muito tempo sem dar nas vistas.

– O tipo está a ir atrás dela – disse Sam. – Vou subir para a estrada. Continuo a correr lá em cima. Yusuf, tu ficas com eles se eu ficar muito para trás.

– Entendido.

Sam subiu por umas escadas de pedra na ponte seguinte, que dava para um parque folhoso mas cheio de garrafas de vidro e beatas. Correu ao longo do rio, esquivando-se a grupos ociosos de peões, carrinhos de bebé e passeadores de cães, cujas trelas cruzavam o caminho como arames estrategicamente colocados para o fazerem tropeçar. Um velhote a passear um buldogue arquejou quando Sam saltou por cima da trela.

Quando chegou à ponte Alma, Sam pensou ter a resposta: o corredor de negro subiu os degraus atrás de Mariam, chegou ao cimo e trocou umas palavras com outro jovem em roupa de ginástica. O novo corredor, de calções vermelhos e largueirões, partiu atrás dela, seguindo no seu encalço.

– Ela tem rasto, malta – disse Sam. – O corredor acabou de passar o

bastão a umas pernas novas.

*

Já certos de que Mariam estava a ser seguida, Sam e os Banditos propuseram-se a descobrir a identidade de quem o fazia. Deixaram Mariam e concentraram-se no que não tardaram a determinar ser uma equipa de três homens. Todos sírios ou libaneses, concordavam os Banditos. Os dois mais jovens, ambos atléticos, e um terceiro, um homem mais velho e corpulento – “Definitivamente sírio”, disse Elias, “com aquele ar do Mukhabarat, a sensibilidade de um troglodita e o bigode antiquado” – que se revelou ao comunicar com o Calções Vermelhos com um gesto pouco discreto através da montra de uma livraria.

Os observadores sírios seguiram Mariam até ela voltar para o hotel, e depois reapareceram para a escoltar numa ida às compras pelas Galeries Lafayette. Em nenhum momento tentaram detetar ou despistar vigilância.

A vigia continuou até ela se juntar aos camaradas do Palácio num jantar em Saint Honoré. Depois, quando Mariam se encontrava em segurança no conforto do seu quarto de hotel, Sam e os Banditos deixaram-na para se reunirem na casa segura em Marais. Yusuf contribuiu para a elegância do local com duas pizzas de *pepperoni* da *Pizza Hut* e uma dúzia de garrafas de cerveja francesa barata.

Sam fez um esgar.

– Mas que raio, meu, estamos na capital mundial da comida e tu insistes que a gente coma esta porcaria? Há dois dias que é só *take-away* nojento.

Yusuf encolheu os ombros.

– Estamos de vigia, comemos piza da *Pizza Hut*.

– Em equipa que ganha... – resumiu Elias.

Pousaram a piza na mesa de centro – comprada na feira da ladra por um agente de apoio da Estação de Paris com olho para antiguidades – e aperceberam-se de que a casa segura não tinha um abre-garrafas. Por tradição, não bebiam durante a fase de planeamento de uma operação, e não tinham reparado nessa falha até então.

– Inacreditável – disse Sam.

Nenhum deles tinha isqueiro, pelo que Sam foi buscar uma faca de cozinha e tentou soltar as caricas. A lâmina partiu-se quase de imediato. Só fizeram uma pequena lasca na mesa ao fazerem pressão com o rebordo da carica antes de a baterem contra a madeira, soltando-a. Sam afastou os fragmentos de teca e bebeu um grande trago de cerveja.

– Espiões franceses? – perguntou Rami quando voltaram ao tema.

– Parece improvável – disse Sam. – Os franceses não são tão descuidados. São os sírios.

Sam puxou uma fatia de piza e levou-a à boca, apercebendo-se então de

que a base continuava ligada ao resto por um fio de 30 centímetros de queijo.

– Vocês estão a gozar comigo com esta comida? Isto é o melhor que conseguem fazer?

*

A equipa síria complicava a operação. Sam tinha de a abordar em privado, e não poderia ser na rua. Poderia tentar aproveitar uma lacuna na vigilância dos sírios, mas isso seria arriscado. Se a vissem a falar com um norte-americano na rua, mesmo que casualmente, poderiam fazer-lhe perguntas. Ele poderia colocá-la em perigo. Não, Sam precisava de uns minutos com Mariam num sítio onde fosse normal falar por instantes com um norte-americano.

Por isso, foi até à Estação de Paris para ler comunicações operacionais intercetadas e reformular o plano. Uma informática chamada Lisa que fora emprestada pela Segurança Nacional ajudava a compilar as gravações relevantes: uns quantos telefonemas de Bouthaina Najjar a um amante ainda não identificado – “Mas provavelmente não vai querer ouvir isso”, disse ela, coradíssima, “são um bocado gráficos” – e uma chamada gravada entre Mariam e o pai. Sam constatou que gostava de ouvir o árabe cantado dela e o seu riso. Quando a conversa se centrou na batalha em Alepo (o comentário da Segurança Nacional: “O III Exército de George Haddad está destacado em Alepo desde outubro”), a voz de Mariam contraiu-se e o pai dela ficou mais calado e evasivo.

– Desligue isso – disse Sam com brusquidão. – Têm direito a privacidade.

A informática carregou no botão para parar.

– Alguma coisa sobre o horário da delegação? – quis saber Sam.

– Uma coisa – disse ela. Ele virou a cadeira para o computador e imprimiu um pequeno relatório da NSA, datado de seis dias antes. Era uma conversa intercetada entre o embaixador francês em Damasco e o assessor do ministro dos Negócios Estrangeiros de França. O embaixador explicava que, apesar da questão das relações públicas, seria útil para a relação do ministro dos Negócios Estrangeiros com Bouthaina se houvesse um evento social durante a visita dela. O assessor concordava, desde que não tivesse de estar presente. Seria importante que se encontrassem representados vários parceiros estrangeiros, em particular norte-americanos, concluiu o embaixador, antes de desligar abruptamente.

Sam agarrou no papel e foi até ao gabinete de Peter Shipley. Esperou do lado de fora enquanto o Chefe concluía uma chamada telefónica tensa com a ex-mulher, acerca do teste de matemática do filho. Não era a melhor altura para espicaçar o urso, mas Sam não tinha alternativa. O evento diplomático seria a sua melhor oportunidade de abordar Mariam. Ao ouvir

Shipleigh pôs o auscultador do telefone, bateu à porta.

Shipleigh fez-lhe sinal para que entrasse e pôs uns óculos de ver ao perto para examinar o relatório. Ao fim de uns segundos, pôs a folha na secretária.

– Raios partam. – Recostou-se na cadeira e enfiou o polegar no suspensório esquerdo. – A Embaixada passa a vida a esconder-nos estas merdas. Tem a certeza de que ela tem escolta?

– Sim.

Ele assentiu com a cabeça.

– Espere uns minutos lá fora, que isto vai ser feio.

Sam sentou-se num sofá verde e felpudo na sala de espera do gabinete durante três minutos enquanto Shipleigh telefonava ao embaixador norte-americano em França: um executivo farmacêutico, financiador político de placa dourada, acumulador de informação útil. Era difícil distinguir os pormenores do que diziam, mas o tom era claro. Os gritos começaram no final do primeiro minuto, atingiram o crescendo a meio do segundo e foram-se reduzindo a uma conversa sibilada no terceiro. O telefonema terminou com a batida cerimoniosa de um telefone seguro numa secretária e o resmonear nada ambíguo da palavra “cabrão” pelo Chefe da Estação de Paris.

Quando este abriu a porta, ainda tinha o rosto vermelho de raiva, mas Sam descortinou um sorriso trocista a surgir no esgar de Shipleigh.

– Consegui-lhe um convite. Amanhã à noite. Palais Louis Philippe. Oito da noite. Vista algo elegante.

*

A maior parte dos recrutamentos demorava meses, ou até anos. O que separava os recrutadores, essa raça rara, do resto dos agentes, era a capacidade de identificarem pessoas com o acesso certo, de forjarem uma relação com elas e de, depois, convencerem-nas a trabalhar para a CIA. Sam fizera-o 15 vezes nos seus dez anos ao serviço, de longe mais do que qualquer outro da sua turma da Quinta. Conhecia as pessoas, compreendia como funcionavam e era capaz de as perceber. Tinha tagarelado com príncipes sauditas, membros do Mukhabarat egípcio, apostadores itinerantes em Las Vegas e sindicalistas de fábricas de farinha no Minesota. Recrutar agentes era o seu desporto.

A Quinta fornecia um guião tripartido para encontros públicos e oficiais, que era o seguinte: travar conversa, obter o máximo de informação possível sobre o alvo (sem levantar suspeitas), combinar um encontro subsequente num ambiente mais privado. Tudo se resumia a química. Sam tinha uma noite para começar o processo. Se estabelecessem uma ligação, ela poderia aceder a encontrar-se com ele no dia seguinte. Caso contrário, estaria tudo terminado.

Patridge, uma Conselheira Política de Estado, mostrou os convites à porta de um edifício palaciano a uns quantos quarteirões do edifício dos Negócios Estrangeiros, no Quai d'Orsay. Havia uns 20 manifestantes reunidos ali fora, a agitar bandeiras sírias rebeldes com três estrelas e a brandir cartazes variados. Uma patrulha de *gendarmes* andava pelo passeio, com os rádios a crepitar com estática, metralhadoras apontadas para o pavimento. Junto à porta enorme, um funcionário de *smoking* indicou-lhes com um gesto que entrassem. Sem lhe dirigir sequer uma palavra, Patridge desapareceu para ir confraternizar com outros convidados.

O salão estava decorado ao estilo de uma festa empresarial: era cavernoso, com painéis de madeira e lustres, dois bares e uma mesa para *hors-d'oeuvre*. Sam serviu-se de um prato de espetadas de frango e sentou-se sozinho num dos bancos altos para avaliar o ambiente da sala. Ao fim de uma espetada, viu que as nações estavam agrupadas, na maioria a falar entre si. Remexeu na gravata.

Quando a viu, ela tentava escapar de uma conversa com um diplomata atarracado, cuja casa, calculava Sam, ficaria algures a leste da Cortina de Ferro. Com um sorriso, observou o desconforto subtil mas crescente de Mariam, que planeava a sua fuga da conversa. Os olhos dela perscrutavam o salão, à procura de ajuda.

Até que encontrou o olhar dele.

O que o olhar dela lhe comunicava era universal: *Preciso de uma saída*. Era o momento de aproveitar a oportunidade. Aproximando-se, ele deu-lhe um abraço caloroso e, num árabe fluente, perguntou-lhe como estava. Sentiu-se aliviado quando ela correspondeu ao abraço e disse ao diplomata que tinha de pôr a conversa em dia com o amigo. Com um ar irritado, o eslavo foi-se embora.

A imagem de Mariam naquele vestido perduraria na mente de Sam. Sedoso e vermelho-vivo, quase da cor do batom dela, era justo acima das ancas antes de fluir até ao chão. Ela tinha o cabelo apanhado, revelando grande parte das costas.

– Sam Joseph – sussurrou ele enquanto se instalavam a uma mesa com bancos altos, ainda a fingirem ser velhos amigos enquanto o eslavo zangado curava as feridas do outro lado do salão com uma nova bebida. Aceitaram champanhe de um empregado que ia a passar.

– Mariam Haddad – sussurrou ela também. Sorriu e olhou para Sam. – Americano?

Ele assentiu com a cabeça, correspondendo-lhe ao olhar.

– O seu árabe é excelente.

– Obrigado. Muita prática. De onde é que conhece ali o Igor?

– Quem? Oh. Chama-se Nikolay, acho. Búlgaro.

– Oh, hã, pois, Igor era só uma forma genérica de... Esqueça. Sim, o Nikolay.

– Só o conheci hoje, infelizmente. Obrigada por me salvar, já agora. –

Ela tinha passado para um inglês praticamente impecável.

– Claro – disse Sam. – Agora está com a mira numa amiga minha. Mas ela merece.

Mariam riu-se enquanto observavam Nikolay ir direito a Patridge.

– O seu inglês é perfeito, a propósito – disse ele. – Onde é que aprendeu?

Passou por eles um empregado com uma travessa de tostas com uma misteriosa carne cinzenta por cima. Sam fez-lhe sinal para que se afastasse.

– Tive lições aqui quando era pequena – disse ela. – A minha mãe era diplomata. Aproveitou a colocação em Paris e ajudou-me a aprender francês e inglês. E também a lutar. – Ofereceu-lhe um sorriso ameaçador e bebericou o champanhe.

Ele bebeu também, analisando-lhe a linguagem corporal para perceber se o comentário sobre lutar teria sido dito a brincar.

Ela ajustou o vestido.

– Estou a falar a sério – disse ela.

Ele achava que sim.

– A sua mãe queria que aprendesse autodefesa?

– Claro. Como adora escândalos, recomendou-me Krav Maga.

Ele sorriu, já sem saber se ela estaria a ser sarcástica. Ela percebeu.

– Que melhor forma de trocar as voltas aos sionistas do que vencê-los no seu próprio jogo? – brincou ela. – Conhece o teu inimigo.

Ele riu-se. Mariam esboçou um sorriso trocista, que desapareceu quando um sírio de bigode e com um fato pelo menos dois tamanhos abaixo do que devia usar se aproximou da mesa, recordando-a bruscamente de que todas as interações com norte-americanos tinham de ser comunicadas. Evidentemente, não sabia que Sam falava árabe, pois fez vários comentários pejorativos enquanto apontava para ele. Calculou que fosse o brutamontes do Mukhabarat que controlava o pessoal da embaixada, e limitou-se a sorrir-lhe com um ar estúpido.

Ela revirou exageradamente os olhos.

– É claro que sei, Mohannad – disse ela em árabe, como se Sam não entendesse. – Preencho o relatório de manhã. Por amor de Deus, vá incomodar outra pessoa.

Virou-lhe costas. Com o rosto contraído, ele foi-se embora, a lançar um olhar zangado a Sam.

Beberam champanhe em silêncio até Mohannad chegar ao bar e começar a devorar tostas, ainda a fitá-los. Depois, ela virou-se para Sam.

– O Mohannad é muito desconfiado e gosta de escrever relatórios – disse em inglês.

– Se calhar podíamos continuar a nossa conversa amanhã à noite enquanto tomamos um copo? – perguntou ele. Já tinha escolhido um pequeno bar perto da Sorbonne.

Ela bebericou champanhe, mantendo o olhar fixo no dele.

- Onde? – perguntou.
- Que tal no Au Torchon? No Bairro Latino. Diga a que horas.
- Oito e meia? Tenho reuniões até às sete.
- Perfeito. Vemo-nos lá então.

Ela tocou com o seu copo vazio no dele e afastou-se. Ele deu por si a fitá-la enquanto ela se afastava e depois acabou o seu champanhe. Havia muito que processar: a caricatura inicial da princesa do deserto sensual e de pele morena a transformar-se na diplomata que falava inglês e sabia Krav Maga, até chegar à profissional capaz que tinha a coragem de fazer frente a Mohannad. E ainda aquele vestido.

– Mais champanhe, *monsieur*? – perguntou um empregado, interrompendo-lhe o pensamento. Depois de recusar, tentou lançar um último olhar a Mariam, mas não teve sorte.

À saída, sorriu a Patridge, que continuava enredada na conversa do búlgaro encorpado.

Na manhã seguinte, Sam, Procter e Bradley reuniram-se numa videoconferência segura para discutir a sensatez de um encontro com Mariam se a equipa síria continuasse a segui-la.

– Uma conversa breve numa festa – disse Procter –, isso não tem problema. O brutamontes da segurança da embaixada apresenta um relatório, ela diz que um norte-americano a encurralou, nada de mais. Mas um segundo encontro? Isso deixa-te no radar do Mukhabarat.

– Concordo. Assegura-te de que ela está livre antes de te encontrares com ela – decretou Bradley.

Sam, dispensado da vigilância, bebericava café a um quarteirão do Au Torchon, escutando a conversa dos Banditos, que continuavam a sua vigília.

– Até agora, ela está livre, Sam – disse Yusuf. – Venho atrás do táxi.

– Vou para o restaurante – disse Sam, pousando o café.

– Entendido.

Ele tinha escolhido o Au Torchon porque tinha uma sala nas traseiras e três saídas possíveis. Os Banditos observariam do exterior. Sam largaria o auricular de rádio encriptado e em vez disso teria um telefone descartável, que os Banditos contactariam se a equipa síria se aproximasse do restaurante.

Foi para a sala das traseiras e encontrou uma pequena mesa a um canto. Dois estudantes universitários franceses estavam sentados do outro lado da sala, encostados um ao outro. Um casal idoso arrastava os pés atrás dele.

Sam tirou o auricular – costumava ser malvisto pelos potenciais ativos – e enviou uma mensagem de texto aos Banditos: *No restaurante. Passo para o telemóvel.*

A resposta de Elias: *A cinco minutos daí. Ainda nada.*

Sam fingiu perscrutar o menu enquanto considerava a tarefa que tinha pela frente. A Estação de Paris sublinhara nas comunicações intercetadas o itinerário da viagem da delegação síria: planeavam ficar em Paris mais

quatro dias. Ele poderia continuar a desenvolver o caso em Damasco, mas seria mais complicado. O tempo urgia.

Rami: *A chegar. Nada.*

Aquela covinhas cumprimentaram-no quando Mariam entrou na sala das traseiras. Usava umas calças de ganga escuras, uns saltos altos de camurça cinzenta e um *top* branco e leve. Com o risco um pouco à esquerda, o cabelo caía-lhe sobre os ombros.

– Ora, olá – disse ela num tom divertido.

Sam, que estava de fato azul e camisa branca – tinha dispensado a gravata – levantou-se para a cumprimentar.

– Estou a ver que escapou ao seu amigo – disse ele.

– Às vezes ele deixa-me sair da masmorra, e outras vezes eu saio sem lhe dizer – respondeu ela. – Preenchi um relatório escandaloso a seu respeito hoje de manhã e ele ficou satisfeito.

Sam sorriu, curioso com o que estaria realmente no relatório.

– Um copo de vinho?

Ela sentou-se e pegou no menu.

– Sim, mas eu peço. Você parece-me ser mais... como é que se diz em inglês?

– Mais dado à cerveja?

– Um homem de gostos simples.

– Isso funciona.

Ela sorriu e depois chamou o empregado, fez-lhe umas quantas perguntas num francês impecável e pediu algo da carta de vinhos.

O empregado voltou com dois copos de um vinho tinto de uma aldeia chamada Gigondas.

– Fui lá com a minha mãe. Há uma vida – disse Mariam. Provou o vinho e assentiu ao empregado, que se afastou.

– Quanto tempo viveu em Paris? – perguntou-lhe Sam em árabe.

– Dois anos. Tinha 16 anos quando cheguei, 18 quando fomos embora. Voltei para ir para a faculdade. O meu pai fazia questão de que eu frequentasse a Universidade de Damasco.

Ele sabia que ela esperaria perguntas acerca do trabalho. Conversa acerca do conflito na Síria, as discussões com a oposição. Ele não queria falar de nada disso, não com ela, não naquele momento. Precisava de alimentar o recrutamento estabelecendo a ligação, levando-a a falar de si mesma.

– Do que é que gosta mais em Paris? – perguntou ele.

Ela bebeu um pouco de vinho.

– Da liberdade – disse ela, com os dedos a passar pelo pé do copo.

– Conte-me.

Ela sorriu e bebeu mais.

– Quando cheguei, tinha 16 anos e nunca tinha saído da Síria. Estávamos em maio. Lembro-me de sair do nosso apartamento. Caminhei

ao longo do rio Sena, à luz do sol. Sentia uma leveza no ar. É difícil descrevê-la. Era como se alguém nos tivesse estado a carregar com uma mão no peito, não com força, mas o suficiente para sentirmos a pressão. Eu tinha passado toda a vida com essa pressão, mas, em Paris, a mão levantou-se e lembro-me de fechar os olhos e simplesmente respirar. E então desatei a correr, com o casaco ao vento e as lágrimas a correrem-me pela cara. – Ela riu.

Sam sorriu.

– Toda a gente deve ter achado que estava louca.

Ela resfolegou, o mesmo som das gravações da NSA.

– Comprei cigarros. Quando caiu a noite, eu estava em frente ao Sacré-Coeur, em Montmartre, a ver as luzes da cidade lá em baixo. Fumei e observei aquele mar cintilante.

– A respirar? – Ele sorriu.

Ela tornou a resfolegar.

– Sempre que podia. À espera de que a mão voltasse, mas não voltou. O mundo era leve. E depois, do nada, uma mulher aproximou-se de mim. Era jovem, muito magra, com o cabelo louro acinzentado curto e uns malares lindos e largos, uma pele leitosa. Pediu-me lume. Acendi-lhe o cigarro e ela sentou-se e ali ficámos a olhar para o fundo da colina. Ela contou-me que tinha fugido de casa. Perguntei-lhe porquê. Ela disse-me que tinha de ser livre. Que agora já era. Fitou-me os olhos e perguntou-me se eu era livre. Eu disse-lhe que não sabia. Ela acabou o cigarro e foi-se embora.

Sam bebeu um golo de vinho.

– Quer comer alguma coisa? – perguntou ele.

– Não, estou bem, obrigada. Então, acabo de lhe contar uma história acerca de mim. Conte-me alguma coisa acerca de si. Algo divertido. Não uma cronologia. Uma história. – Ela reclinou-se na cadeira e esboçou um sorriso trocista enquanto rodopiava o copo de vinho na mesa. – Conte-me uma história louca, Sam.

O casal idoso do outro lado da sala, que entretanto se sentara do mesmo lado de uma mesa de quatro lugares, começara a beijar-se. Ele apontou para eles. Ao vê-los, Mariam conteve uma risada e virou-se de novo para Sam.

– Que queridos – comentou em árabe. – Mas isso não vai livrá-lo de contar uma história.

Ele riu-se.

– Está bem. Cresci no Minesota, é um estado no norte do país. Numa cidade pequena chamada Shermans Corner. Quinta, fábrica de farinha, tudo muito classe operária. Tinha uns 20 anos, por aí, quando uns tipos da fábrica me convidam para um jogo de póquer. E eu limpo a mesa.

– É bom a jogar às cartas?

– Tornei-me obcecado. Li tudo o que podia, via torneios de póquer na TV e tapava o sítio do ecrã que mostrava as cartas, para adivinhar o que

tinham os jogadores. Estava sempre a ganhar, até que um dos tipos me abordou com uma proposta: um torneio de póquer, com apostas bem altas, num casino índio fora da cidade. Cinco mil dólares para entrar, 250 mil para o vencedor. Perguntou-me: se uns quantos deles contribuíssem, eu jogava? Ficaria com 25 por cento do prémio.

– Deixe-me adivinhar, ganhou?

– Ganhei. Sessenta e dois mil dólares. Enquanto voltava para casa, olho à minha volta no carro, aqueles tipos todos que iam voltar para as mulheres, os filhos e a fábrica, e pensei: isto é um bilhete de saída. Eles deixaram-me em casa, eu subi as escadas, enchi um saco de viagem, meti-me no carro até Mineápolis e comprei um bilhete de ida para Las Vegas. Fiquei lá. A minha mãe estava furiosa.

– Eu também ficaria, se o meu filho se limitasse a ir-se embora. Então, deixe-me adivinhar, foi para Las Vegas, ganhou milhões e decidiu que não precisava de mais dinheiro, então, porque não fazer alguma coisa incrível, como juntar-se ao Corpo Diplomático e viajar pelo mundo?

Ele riu-se.

– Quem me dera. Ao início dei-me bem. Encontrava os jogos certos, jogava pelo seguro, em termos gerais. Se dava por mim a perder o controlo, ia-me embora. Tornei-me ainda mais obcecado com o jogo, uma espécie de distúrbio obsessivo-compulsivo. Em breve estou perto dos 150 mil e a coisa começa a mexer comigo. Entrei num jogo grande e privado, de apostas altas. Apostei tudo.

– O que aconteceu?

– Perdi. Lembro-me de ter feito as contas: três anos de salário na fábrica evaporaram-se ali. Enquanto eu me ia embora a arrastar os pés, o anfitrião, um tipo chamado Max, diz-me para parar. Eu viro-me e ele pergunta-me porque é que jogo. E eu encolho os ombros e respondo: para ganhar. Tenho a certeza de que lhe dei assim uma resposta à fedelho. Perguntei-lhe porque é que isso lhe importava. Ele disse que não lhe importava. Mas que sabia que eu estava a mentir, ou que vivia enganado. Tinha-o visto nos meus olhos, durante o jogo. Só ganhar não vai ser suficiente para ti, Sam. Precisas de mais.

– O que é que ele queria dizer com isso? – perguntou Mariam.

– Fomos até uma janela. Ele tinha um lugar no Bellagio, um casino grande na Strip. Disse-me que eu podia ficar com isso tudo. Podia recuperar o dinheiro num par de meses, conduzir o *Aston Martin*, ficar com a casa em Los Angeles, Tahoe, onde quisesse. Disse-me que se tinha debatido com aquilo. Vegas tinha-o consumido, deixara-o vazio. Perguntou-me se eu queria fazer uma contribuição. Eu não fazia ideia do que é que ele estava a falar. Mas respondi-lhe que sim. Algo tinha feito sentido. Aquele vazio que eu tinha sentido no Minesota e depois em Las Vegas, era como se estivesse à deriva, longe de qualquer coisa que interessasse realmente.

– Isso, ou o facto de ter acabado de perder mais de 100 mil dólares – disse Mariam com um sorriso.

Sam riu-se.

– Também havia isso. Mas, seja como for, esse tipo afinal ajudava a encontrar gente para o Corpo Diplomático. E aqui estou eu.

– Muito pouco convencional – disse ela, como se soubesse que alguns daqueles factos eram falsos. Sam acabou o vinho. Ela aproximou-se mais. – Obrigada por me ter contado.

Depois de ela pedir outra garrafa, Sam disse-lhe que lhe tinha acabado de revelar a coisa mais louca que alguma vez fizera.

– Qual é a sua?

– Não me vai perguntar pela Síria, pelas discussões com a oposição? – perguntou ela, a rir. – Não tem de escrever relatórios para Washington?

– A minha pergunta é mais interessante – disse ele.

O rosto dela ensombrou-se enquanto bebia um golo generoso de vinho.

– Está bem. Uma vez, fui a um protesto.

– Eu sabia que era uma rebelde. – Sam estava a brincar, mas reparou nos dedos dela a agitarem-se à volta do copo de vinho. – Desculpe – disse ele. – Não queria trivializar o assunto. Podemos falar de outra coisa.

Ela considerou a sugestão e bebeu mais um pouco.

– Não, está tudo bem. É só que nunca contei isto a ninguém.

E ali estava, um segredo. A mente dele fotografou o momento, como fizera com todos os ativos que recrutara. Depois de um potencial espião revelar um segredo acerca de si mesmo, ele sabia que, mais cedo ou mais tarde, revelaria algum que pertencesse ao seu governo.

– O que aconteceu? – insistiu Sam com delicadeza.

– Tenho uma prima encantadora e impetuosa chamada Razan – disse ela. – Somos quase da mesma idade. É como se fôssemos irmãs. A Razan tinha um amigo num dos comités de coordenação da oposição, os *tansiqiyas*, em Damasco. Organizavam protestos. Os Haddad são uma grande família cristã damascena, bastante conhecida. E os cristãos têm, em grande medida, ficado fora da revolta, esperando que chegue ao fim. Os organizadores do protesto disseram que seria útil que a Razan participasse. Isso demonstraria a solidariedade dos cristãos com a oposição. Ela contou-me, o que mostra que somos mesmo muito próximas. Apesar de eu trabalhar no Palácio, ela contou-me.

– E você seguiu-a até lá?

Mariam assentiu com a cabeça, medindo as palavras, ainda a manter um muro a separá-la daquele norte-americano.

– Segui. – Mariam acabou o seu copo, voltou a servir-se e fitou-o diretamente para lhe passar uma mensagem. – Fui para a proteger, não por apoiar o protesto.

– OK – respondeu ele em voz baixa.

Mariam observou-lhe o rosto, como que para confirmar que a

mensagem fora recebida. Sam examinou-lhe os olhos, a linguagem corporal, aquelas ancas a mexerem-se na cadeira. Intuíra a tensão, mas queria que fosse ela a tomar a iniciativa. Manteve-se em silêncio, criando espaço.

– Deram um megafone a Razan. Ela fez declarações públicas infelizes, a criticar o presidente. Eu vi aquilo, afastada da multidão, como uma espetadora.

– O que é que o Mukhabarat fez?

– Impediu-a, claro. Alguém lhe bateu com um bastão no olho direito. Arrastaram-na dali, espancaram-na, prenderam-na. Ela passou uns dias na prisão. O meu pai conseguiu que a libertassem. Teve sorte. Mas ainda não vê desse olho.

– O que é que você fez?

– Eu não fiz nada.

Sam pousou a mão na mesa, com os dedos esticados, convidativos. Ela pousou a mão na dele, quente, delicada e suave. Ofereceu-lhe um sorriso ténue, com covinhas, um agradecimento por deixar a história ficar por ali.

Sam tentou recordar-se de que aquilo era um encontro de desenvolvimento de um agente, não um encontro amoroso, e que havia certos limites que era preciso respeitar. Um deles, bem sabia, enquanto olhava para as mãos em cima da mesa, era evitar contacto físico. Um agente podia usar a atração física como mecanismo influenciador, mas sob nenhuma circunstância devia ser complacente com o ativo, ou consigo mesmo. E ele sabia que estava a ser complacente.

– Eu provavelmente devia voltar para o hotel – disse Mariam, retirando a mão.

– Por quanto tempo fica em Paris?

– Uns dias, até ao final da semana.

– Posso voltar a vê-la? – Assim que as palavras lhe saíram, ele perguntou-se por que razão as teria dito assim, como se fosse um encontro amoroso.

Ela parecia ter vontade de dizer que sim, mas, em vez disso, respondeu:

– Não sei se será boa ideia. Vou andar muito ocupada. E você, bem, é americano.

Ela olhou para a mão dele em cima da mesa e desviou o olhar.

Ele sabia que devia respeitar a primeira recusa. Os bons recrutas não são coagidos. Há que deixá-los escolher.

– Compreendo – disse ele. Pegou na caneta dentro da bolsa de couro que tinha a conta e escreveu um número de telefone num guardanapo. – Este é o meu número – disse. – Adorava continuar a nossa conversa. Voltar a vê-la. Vou passar o resto da semana por cá. Tempo pessoal. – Deslizou o papel pelo tampo da mesa. Ela olhou para o guardanapo, insegura, e depois guardou-o na mala.

A sala das traseiras tinha-se esvaziado, os casais franceses tinham saído

havia muito.

Mariam deixou-lhe uma marca de batom vermelho na face direita antes de se ir embora. Tentou limpá-la e mostrou-lhe os dedos manchados, com um sorriso malandro no rosto.

– Não tirei tudo.

Ele riu-se e puxou-a para um abraço. Ela inclinou-se para trás e correspondeu ao abraço antes de uma despedida apressada e de desaparecer na noite nublada.

Mariam acordou na manhã seguinte e pensou na mão de Sam esticada sobre a mesa, a convidar a sua. Porque lhe tinha contado aquelas coisas? Ainda não entendia o que a levava a abrir-se tão completamente a um diplomata desconhecido. E norte-americano, ainda por cima. Pensou no número de telefone escrito no guardanapo, entretanto dobrado e guardado na carteira atrás de um cartão de crédito. Estremeceu. Devia rasgá-lo e mandar os pedaços pela sanita. Sabia isso. Não obstante, não o fizera. Não fazia sentido, mas assim era.

Levantou-se e fez a rotina de Krav Maga até já não conseguir mexer-se. Suada, tomou um banho, vestiu um robe e pediu que lhe levassem um *macchiato* e um brioche ao quarto. Fitou a caneca e o seu cérebro começou a fazer perguntas simples, as perguntas que a torturavam. Quem és tu? Porque é que estás a fazer isto? Porque é que vieste a Paris para ameaçar Fatimah Wael?

Contudo, não respondeu. Em vez disso, foi ao armário, vestiu uma saia lápis preta, uma blusa bege fluida, calçou uns sapatos pretos de salto alto e escolheu um colar simples de pérolas Mikimoto, um presente da sua mãe. Prendeu o cabelo e aplicou batom vermelho ao espelho. Apreciou o seu aspeto: elegante, simples, o oposto dos brutamontes do Mukhabarat que costumavam ameaçar Fatimah. Eu sou o rosto jovem da nova Síria, Fatimah. Junta-te a mim e renuncia à rebelião. Volta para casa. Ou serás destruída.

Desceu as escadas e encontrou Bouthaina a tomar o pequeno-almoço na sala de refeições junto ao átrio. A sua equipa de guarda-costas encontrava-se na mesa atrás, fazendo lembrar felinos da selva. Bouthaina tinha um caderno aberto em cima da mesa e, com dedos frenéticos, ia enviando mensagens de texto pelo telemóvel.

– Mariam, minha querida, não vou poder acompanhá-la hoje de manhã com a Fatimah. E, de facto, sou capaz de ter de encurtar a minha estada. Há drama em Damasco.

Enviou outra mensagem de texto. Mariam viu um telefonema de número não identificado a surgir-lhe no ecrã.

– Merda – resmungou Bouthaina. – Vá à reunião e vemo-nos depois. – Olhou para outra mensagem. – Merda.

*

Um motorista da embaixada foi buscá-la ao hotel às oito. Tinha chovido de manhã cedo e as ruas de Paris estavam escorregadias e cheias de poças oleosas, pelo que as pessoas que passeavam cães usavam botas de cano alto. Os empregados dos cafés por que passavam secavam as cadeiras com panos. Foram até à embaixada para que Mariam trouxesse de lá as suas armas burocráticas: documentos, ficheiros, nomes.

Fora da embaixada, o motorista atalhou pelo meio de um grupo de manifestantes. Um tinha um cartaz que dizia DR. MORTE por cima do retrato de Assad. Mariam inspirou profundamente quando passaram pelos portões. Alguns manifestantes bateram no tejadilho e nas janelas à medida que o automóvel ia passando. Um jovem sírio apontou para ela pela janela.

– És a escrava do carnicero – disse-lhe. Pespegou um cartaz improvisado na janela. Nele, havia fotos de cadáveres: alguns em escombros, outros alinhados em *kaffans*, os sudários. O homem apontou de novo para Mariam. Ela desviou o olhar dele e concentrou-se numa fotografia de uma morta parecida com alguém que conhecera certa noite, numa Síria de há muito tempo.

*

No terceiro ano de estudantes na Universidade de Damasco, Mariam e Razan bebiam.

Também iam às compras, almoçavam juntas, dançavam, namoravam, arranjavam-se, fumavam, trocavam mexericos, consumiam, ignoravam. Eram tempos estonteantes para filhos e filhas do regime. Bashar ascendera recentemente à presidência, na sequência da morte do pai. Os jornais falavam de mudança: afinal, o antigo presidente estivera 30 anos no poder. Abriram-se salões políticos nas casas de vários opositores geriátricos. Políticos ocidentais foram a Damasco. Bashar passeava-os pela Cidade Velha, no seu *Volkswagen Golf*, e eles tiravam fotografias. Bashar era jovem. Sabia usar computadores. Tinha sido médico. Tinha estudado em Londres. A sua esposa, Asma, como Razan gostava de dizer, era uma beldade. A *Vogue* pô-la na capa (“Uma Rosa no Deserto”).

No entanto, dentro do regime, o dinheiro e o poder fluíam para um grupo restrito de indivíduos em redor do novo presidente. Primos, amigos de confiança, famílias influentes – quem estava dentro ganhava fortunas no petróleo, nas telecomunicações e em concessionários de automóveis.

Razan, já impetuosa e rebelde, e atraída pelo marxismo, explicava a

Mariam como funcionava o sistema. Deitada no quarto do dormitório que partilhavam, de *top* de alças branco e calças de ganga, ia tomando tragos de uma garrafa de vodca, com um cinzeiro cheio de beatas ao pé da cabeça.

– O dinheiro, as licenças e as posições são controladas por Bashar e por uns quantos à volta dele – disse ela. – Depois estes distribuem-nos a uma segunda camada, que faz o mesmo por uma terceira, e por aí afora. – Pousou a garrafa de vodca, deu uma passa no cigarro e esticou os braços na carpete, até o *top* subir e revelar a sua cintura morena. Tinha feito um *piercing* no umbigo. Um escândalo total. – Isso cimenta o controlo de Assad sobre a Síria. *Suriya al-Assad*. A Síria de Assad. – Esboçou um sorriso malicioso e passou a garrafa a Mariam.

Esta pousou o bloco de desenho e bebeu um trago, arqueando as sobrancelhas à prima. Perscrutou o quarto, a imaginar onde o Mukhabarat poderia ter instalado microfones. Razan não queria saber. Sorriu e perguntou a Mariam:

– Sabes para onde vai tudo?

– Para o fundo – disse Mariam, a beber a vodca barata.

Razan abriu a porta do armário partilhado e acenou com um par de *Louboutins*, imediatamente reconhecíveis pelas solas vermelhas. Não que Mariam tivesse alguma dificuldade em identificar os sapatos com um salto de 12 centímetros. Eram seus. Um de vários pares que possuía.

– De Assad para o nosso armário – disse Razan num tom arrastado, com a força da vodca a surtir efeito. – Com uns desvios pelo caminho, claro. Pelo exército e o SSRC para os nossos pais, e depois para nós. – Remexeu na gaveta das joias, mostrando peças de ouro enquanto continuava o seu monólogo. Depois agarrou nos seios e passou os dedos pela testa (recentemente aumentados e injetada, respetivamente) e disse: – Cortesia de Sua Excelência Bashar al-Assad – e fez uma cortesia e riu-se a resfolegar como Mariam. Encostou-se à parede, estonteada pelo álcool.

– *Habibti*, temos de lá estar daqui a 15 minutos – disse Mariam, a olhar para o relógio.

Esquecendo a política, Mariam e Razan prepararam-se para a festa. Puseram sapatos – “os *Louboutins* de Assad”, disse uma Razan cada vez mais inebriada –, vestidos curtos e justos e maquilhagem, e apanharam um táxi até ao Art House, o restaurante que tinha sido alugado para celebrar o aniversário de uma amiga. Enquanto o táxi acelerava pelas ruas de Damasco, Razan encostou a cabeça ao ombro de Mariam.

– O que é que nos acontece quando a vida nos apanhar? – perguntou Mariam.

– Casam-nos para nos reproduzirmos – respondeu Razan.

– Acho que tens razão.

– A única forma de evitar o programa de reprodução é conseguir um bom emprego – disse Razan. – Assim, temos opções.

Endireitou-se e espreitou pela janela. Mariam fez o mesmo, vendo a

cidade cheia e lustrosa pela janela. Damasco, oh, Damasco. Mariam adorava a forma como brilhava no centro, como um coração pulsante de néon a alimentar o corpo gangrenoso do país.

Ela quase conseguia esquecer o peso no peito. Quase.

Mariam lembrava-se de mais vodka, de dançar e de beijar um dos rapazes da turma de História, mas depois Razan, com aquele brilho maléfico no olhar, disse:

– Vamos fazer uma saída de campo, *habibti*.

E a prima – Deus me ajude, pensou Mariam – de alguma maneira conseguira o carro de um amigo e levava-as para leste pela M5, saindo da cidade em direção aos subúrbios. Mariam achava que talvez tivesse perdido os sentidos, não se lembrava de muito depois de ter deixado o Art House. Então Razan começou a fumar e as janelas estavam abertas. Enrique Iglesias gritava na rádio enquanto Razan batia no volante com as palmas das mãos e dançava no seu lugar. As luzes da autoestrada giravam e Mariam lutava para se endireitar.

Depois do que pareceram uns 30 minutos – mas talvez tivesse sido mais tempo, Mariam não tinha a certeza –, perguntou a Razan para onde raio estavam a ir.

– Vamos sair, *habibti* – disse-lhe ela. – Para ver as vistas.

Razan estava um pouco mais sóbria. O carro ia praticamente a direito, fosse como fosse. Mas perto de um sítio chamado Harasta, Mariam viu uma tira de metal na estrada e Razan foi contra ela e ouviram um baque seco. Razan começou a praguejar e a rever os indicadores luminosos, pousando-lhe os dedos em cima como se fossem talismãs. Saiu da M5. As ruas estavam escuras e Mariam sentia olhos por trás de janelas fechadas a examinarem o *BMW* de vidros foscos. Passaram por várias mesquitas, uma loja de produtos eletrónicos, um restaurante abandonado aos gatos vadios. Mariam viu uma mulher de *niqab* – algo que não se via no centro de Damasco – a caminhar atrás de um homem e de um bando de crianças pequenas. Montes de lixo acumulavam-se nas ruas. Razan desviou-se de um saco de lixo ao passar por outra mesquita, a praguejar, com o pneu já a ajeitar à medida que a estrada o ia desfazendo.

– Acho que não estão habituados a ver mulheres cristãs a conduzirem *BMW* – gritou Razan para se fazer ouvir com a barulheira. O *stress* arrancou Mariam à neblina da vodka.

Então o pneu cedeu e a jante atingiu o pavimento. Voaram fagulhas. Razan tornou a praguejar e fez o carro parar numa rua sem nome e sem luz. Encontraram o pneu sobressalente debaixo da bagageira, mas nenhuma delas sabia mudar um pneu.

Juntas, examinaram a escuridão – onde estariam os candeeiros de iluminação pública? –, o silêncio profundo e o cheiro a esgoto que permeava o ar. Mariam disse:

– Estamos a 15 minutos de casa e eu nunca me senti tão longe.

- Que subúrbio é este? – perguntou Razan.
- Tu é que conduziste, idiota.
- E então?
- Passámos Harasta, não passámos?
- Sim.
- Douma, então. Estamos em Douma.

Foram a pé em busca de ajuda. Duas raparigas cristãs meio bêbedas e com o corpo descoberto, vestidas para uma festa. Por milagre, encontraram uma oficina a uns quarteirões a norte. Já passava da meia-noite. Estava às escuras, mas, apesar disso, Razan bateu à porta.

- Razan, o que estás a fazer? Estamos a meio da noite.
- Quanto dinheiro tens?
- Não muito.
- Damos-lhes o que tivermos.

À terceira batida, um homem de barba cerrada e negra e um rosto duro abriu a porta. Ao ver duas desconhecidas à sua frente, fechou a porta de imediato. Razan levantou o punho para bater de novo, mas Mariam apanhou-lhe o braço no ar.

- Não – disse. – Basta.

A discutir, viraram-se para se irem embora quando a porta voltou a abrir-se. Estava uma velha à entrada, a usar o *niqab*.

- O que querem? – perguntou-lhes.
- O nosso carro foi-se abaixo a uns quarteirões daqui, naquela direção – disse Mariam. – Pneu furado.

A mulher esperou em silêncio, como se aquela fosse uma má resposta.

– Estávamos com esperança de que pudesse chamar-nos um táxi ou que alguém fosse ver o carro – continuou Mariam.

- Sabem que horas são?
- Sim. Pedimos desculpa. Acabámos de ficar sem carro.
- Onde é que iam?
- Dar uma volta – disse Razan.

A mulher fitou-a como se a resposta fosse ridícula. Mariam deu por si a concordar. Observou aquela mulher, quase completamente tapada, e sentiu um embaraço cósmico por existir naquele momento terrível. Tinha vontade de atirar os seus *Louboutins* – os *Louboutins* de Assad – para um dos montes de lixo de Douma. A mulher era capaz de estar a ter o mesmo pensamento, pois fitou-lhe os sapatos por um instante e depois olhou-lhe para o rosto.

- Entrem – disse-lhes.

Levou-as por um corredor apinhado até uma cozinha e apontou para uma mesa de plástico encardido. Deixou-as ali para ir falar com o marido. A porta para um quarto nas traseiras estava entreaberta. Mariam vira pelo menos oito, talvez nove crianças a dormir em mantas esburacadas no chão. Quando a mulher voltou, viu Mariam a olhar para as crianças e disse:

– Seis são minhas, as outras são da família do meu marido, do leste. A seca destruiu-lhes as quintas e os rebanhos. Não tinham outro sítio para onde ir. O meu marido vai ver do carro. Onde é que está?

– A uns quarteirões daqui, naquela direção – disse Razan, a apontar. A velha assentiu com a cabeça.

– É um *BMW* – acrescentou Mariam, esperando que ela não levasse a mal.

A mulher tornou a assentir com a cabeça. Mariam teve a impressão de lhe ver o rosto enrugar-se com um sorriso por baixo do *niqab*, que retirou então na presença das duas jovens. Tinha um rosto marcado pelo tempo, cabelo grisalho e dentes a fazerem lembrar grãos de milho. Era impossível adivinhar que idade teria, mas, pela simetria do rosto, Mariam percebeu que fora bonita antes de a vida ter interferido.

– Chamo-me Mariam – disse-lhe. – E esta é a minha prima Razan.

– Umm Abiha – disse a velha.

O marido passou pela cozinha com uma caixa de ferramentas e evitando contacto visual com elas. Umm Abiha falou-lhe do carro. Razan deslizou a chave na direção dele e ele retirou-a da mesa. Quando ele estendeu a mão, Mariam viu as cicatrizes de facadas e as marcas de queimaduras que lhe cobriam o braço esquerdo, narrando uma história de lâminas e fogo. Muitas das queimaduras eram pequenas e circulares. Razan dirigiu-lhes um olhar demorado que não escapou a Umm Abiha. Depois de o marido ter saído, ela levantou-se para aquecer uma chaleira enferrujada. Enquanto ela abria um armário à procura do chá, a vergonha de Mariam tornou a vir à tona quando viu o pouco que havia nas prateleiras e as baratas em fuga. Pensou na despensa da mãe, onde havia sempre pão fresco, vegetais e especiarias.

– Saydnaya – disse Umm Abiha.

– O quê? – replicou Razan com rispidez. Não estava a ler bem os sinais. Provavelmente por causa da fadiga e da vodka.

– As queimaduras que viram nos braços do meu marido. Fizeram-lhas na prisão. Em Saydnaya. Ele esteve lá três anos.

– Peço desculpa – disse Mariam. – Não queríamos ficar a olhar.

Umm Abiha pousou a chaleira no fogão e acendeu o lume. Sentou-se de novo à mesa.

– Disseram que ele contrabandeava armas – explicou, mais uma vez como se adivinhasse os pensamentos de Mariam. Depois encolheu os ombros, como quem diz: *Quem sabe se é verdade?* A chaleira assobiou e Umm Abiha serviu três chávenas de chá amargo. Razan pediu açúcar; Mariam pontapeou-a por baixo da mesa.

O rosto de Umm Abiha corou e ela abanou a cabeça.

– Não temos – disse. Sentou-se e fitou Mariam. Toda ela parecia cansada, pensou Mariam, mas os olhos estavam vivos.

Envergonhada por aquelas *sharameet* cristãs, calculou Mariam, Umm

Abiha sentou-se e bebericou o seu chá como um instrutor a considerar uma lição punitiva. Durante algum tempo, ninguém falou. Uma menina frágil emergiu do quarto das traseiras e sentou-se ao colo de Umm Abiha, de olhos fixos em Mariam e Razan.

– Antes da prisão, o meu marido costumava cultivar o campo aqui em Douma – disse ela. – Alperces, sobretudo. Era lindo. Agora há mais poços e menos água e o Mukhabarat visita-o com frequência. Ele trabalha na oficina com o irmão.

Umm Abiha olhou para o colar de Razan, para os brincos e para a bainha do vestido. As pálpebras de Razan desceram e depois subiram rapidamente, antes de tornarem a baixar. Ela não tocara no chá.

– Vivem na Cidade Velha? – perguntou Umm Abiha a Mariam.

– Sim. Agora andamos na Universidade de Damasco.

Umm Abiha assentiu com a cabeça.

– São casadas?

– Ainda não.

– É uma pena. São lindas.

Umm Abiha pediu licença e foi devolver a criança à cama. Quanto a Razan, tinha adormecido sentada à mesa.

O marido de Umm Abiha regressou, atravessando a cozinha com passo apressado. Murmurou umas quantas palavras a Umm Abiha e entregou-lhe a chave.

– Ele mudou o pneu – disse Umm Abiha.

Mariam abriu a carteira, mas Umm Abiha ergueu a mão.

– Não. – A palavra final. Mariam assentiu com a cabeça e tirou a mão da mala.

– Obrigada.

Estava prestes a acordar Razan quando Umm Abiha deslizou a cadeira para perto dela. Pegou-lhe nas mãos e fitou-lhe os dentes, sorrindo com os seus dentes irregulares.

Umm Abiha levantou-lhe a mão e encostou-a à face rugosa, desceu-a pelos dentes apodrecidos e pelo pescoço ossudo, até aos seios achatados que tinham alimentado seis vidas. Segurou-a junto ao coração e Mariam sentiu-o bater e pulsar.

– Está na hora de ir, Mariam – disse ela. – Mas lembra-te disto. Lembra-te de mim. Uma escrava, fora dos teus portões.

*

Em vez disso, ela tentara esquecer. Mas agora olhava para trás, para entrever mais um vislumbre da mulher no cartaz dos protestos.

– Burros – resmoneou o motorista enquanto conseguia livrar-se da multidão e acelerar. Mariam deixou de ver o cartaz quando os portões se fecharam, ainda sem saber se seria Umm Abiha naquela foto. Fechou os

olhos e inspirou profundamente, expirando em seguida como que para expulsar a memória.

Dentro da embaixada, Mariam bateu à porta que dava para a estação do Mukhabarat. Suado, Mohannad foi à porta. Ela pensou no relatório tolo que entregara sobre a sua breve conversa com Sam na festa no início da semana. Perguntou-se o que teria ele feito com aquilo.

– Preciso dos ficheiros que enviei de Damasco – disse Mariam. Mohannad assentiu com a cabeça e disse-lhe que esperasse ali. Voltou com uma pilha grande. Mariam reviu os papéis e tirou a folha que continha a lista dos parentes de Fatimah. Dobrou-a e meteu-a num envelope, que guardou na mala.

Voltou ao carro da embaixada no parque automóvel, com Mohannad atrás, tentando ignorar os cânticos ameaçadores da multidão lá fora, que atravessavam os portões. Enquanto entrava no carro, ocorreu-lhe que nem lhe tinha passado pela cabeça informar Mohannad do seu segundo e clandestino encontro com Sam. Passaram pelos portões. O motorista buzinou, gritou e dirigiu gestos obscenos à multidão enquanto forçava o carro a avançar.

*

Iria encontrar-se com Fatimah num pequeno apartamento da embaixada síria. Em Paris, os bens imobiliários eram dispendiosos, mas o apartamento, à semelhança da maioria das propriedades sírias, era lúgubre. A mobília de madeira pesada, os tapetes e os cortinados bafientos, e os retratos de Hafez al-Assad davam-lhe um ar datado. Mohannad entrou, passou o apartamento em revista, procurando dispositivos de escuta, e depois colocou-se à porta do corredor, na qual ficaria de vigia. Mariam sentou-se na sala de estar apinhada, num velho sofá cor de vinho que tinha manchas de gordura numa das almofadas. Esperou.

Uns minutos depois, Fatimah entrou, escoltada por Mohannad. Tinha cabelo curto, encaracolado e arruivado, e um rosto arredondado como o de um querubim. Os olhos mantinham-se beligerantes, fitando Mariam enquanto a cumprimentava com um aperto de mão. Usava casaco e calças pretas, com uma camisa de folhos às pintinhas brancas. Ao pescoço, tinha um lenço com a bandeira de três estrelas da rebelião. Sentou-se à frente de Mariam. Mohannad regressou ao corredor. Uma funcionária da embaixada levou-lhes chá de cardamomo.

– Obrigada por se encontrar comigo – disse Mariam.

– Onde está a Bouthaina? – perguntou Fatimah.

– A tratar de um assunto urgente. Estou autorizada a falar em seu nome.

Fatimah assentiu com a cabeça, mexendo o açúcar no chá. Tirou o lenço e desdobrou-o no sofá, de forma que Mariam visse as estrelas triplas.

– É filha do general Georges Haddad?

– Sou.

Fatimah suspirou e pousou a colher no pires.

– Sabe quantas discussões já tive? Todas seguem o mesmo guião: chá, amabilidades, depois um lembrete de como é fútil a minha posição, um sermão sobre as bases jihadistas da rebelião. E depois, finalmente, a oferta, o seu preço, as ameaças paralelas. – Bebericou um pouco de chá. – No entanto, não me recordo de alguma vez terem enviado um mensageiro tão elegante quanto a Mariam. Dou-lhes pontos por isso. Dá crédito à criatividade do regime e à preocupação com a imagem do nosso presidente venal. Mas, a menos que não vá seguir o guião que descrevi, sugiro que passe diretamente para a oferta, para o que me custará e para o que farão se eu não acatar. – Pousou a chávena de chá e fitou Mariam.

– A oferta: a Fatimah volta para casa. O preço: descrições da rebelião em vários jornais europeus como uma fachada jihadista, e silêncio após o seu regresso. Vive o resto da vida na sua casa de infância. – Mariam bebeu chá, com o líquido quente a fluir-lhe pela barriga que lhe doía. Tirou o envelope da mala e pousou-o na mesa.

Fatimah pestanejou.

– É a ameaça?

– Sim.

A opositora abriu o envelope e percorreu a lista de 22 nomes. A encabeçá-la: uma mãe idosa. Oitenta anos. Ela olhou para Mariam.

– Quando eu era jovem, não compreendia como alguém podia apoiar o governo. Odiava quem o fazia. Não falava com essas pessoas. Mas, à medida que fui envelhecendo, apercebi-me de que nascemos num mundo, numa família, e que há restrições. Há um sistema. Algumas pessoas – os franceses, os norte-americanos... – nascem em mundos que oferecem imensa liberdade. Mas nós não. Nós somos sírias. Enjauladas desde o nascimento, por razões enraizadas na História. Não a odeio, embora tenha acabado de ameaçar a minha mãe. Está a fazer o que deve fazer para manter a sua família segura, para poder comprar coisas bonitas, para comer bem. Mas não se iluda, continua a ter uma escolha. Acontece apenas que é difícil.

Mariam acabou o seu chá e pousou a chávena, que retiniu. Sentia novamente o peito pesado.

Fatimah dobrou o papel e deslizou-o de novo para Mariam.

– A resposta é “não”. Sou uma mulher livre. Tenciono permanecer livre.

Nessa tarde choveu, e as nuvens pendiam densas sobre a cidade. Mariam regressou à embaixada para redigir o relatório da reunião. Bouthaina tinha partido para a Síria. As conversações oficiais estavam conturbadas e o

presidente preparava-se para fazer um discurso no qual anunciaria o seu final, diante do parlamento em Damasco, que se limitava a aprovar o que ele dissesse.

Depois de concluir o relatório e de o enviar para o endereço eletrônico seguro de Bouthaina, Mariam foi a um café na esquina da rua do hotel. Abriu um caderno para escrever, mas não foi capaz de pôr uma única linha na página. Fechou-o, sacou do telemóvel e, depois de hesitar por um momento, telefonou a Bouthaina.

– Leu o meu *e-mail*? – perguntou-lhe.

– Sim. Era de esperar. Ela precisa de pensar no assunto. Terá de a abordar novamente. Ela vai passar o resto do dia a debater a decisão. Dê-me um segundo. – Ouviram-se ruídos abafados enquanto a chefe falava com outra pessoa. Mariam pousou a ponta da caneta no papel, mas não a mexeu. – Continua aí? – perguntou Bouthaina.

– Continuo. – Mariam fitava a página branca do caderno, que parecia atormentá-la.

– Vou telefonar agora a Ali Hassan, mas penso que diremos a Fatimah que a mãe será detida no final da semana se ela não aceitar os nossos termos.

– Concordo. – Mariam cerrou o maxilar.

– Muito bem. Fique para dar seguimento. Adeus.

Mariam terminou a chamada e depois olhou em redor. A mulher ao balcão estava a flirtar com um estudante universitário que pedia um café. Mariam abriu a carteira, tirou de lá o guardanapo e abriu-o sobre a mesa. Fitou o número de telefone e lembrou-se da sensação da mão dele.

Marcou o número.

A CIA preferia escolher os pontos de encontro, mas Sam enfatizara nos seus relatórios para Langley e Damasco que propor uma alternativa afugentaria Mariam. Por isso, foi levada a cabo uma investigação rápida. A CIA passou a morada por dezenas de bases de dados, em busca de quaisquer menções em comunicações terroristas intercetadas. A Divisão Europeia, usando uma empresa de fachada para fazer a investigação, confirmou a validade da morada e do negócio com as autoridades fiscais francesas. Os Banditos vigiaram a entrada e não divisaram qualquer vigilância hostil. Rami até passou pelo estúdio, reparando numa única câmara de videovigilância no exterior. O sítio era legítimo.

Agora, Rami e Elias esperavam perto do hotel de Mariam. Sam e Yusuf estavam numa ruela a dois quarteirões da morada que Mariam indicara. Tinha chovido mais e as ruas da cidade estavam frescas.

– Ela acabou de sair do hotel – disse Rami pelo rádio encriptado.

Mariam instruíra-o para usar roupas de ginástica e chegar às seis. Tinha-lhe dito que contasse com uma lição privada de um velho amigo seu.

– Ela vai dar cabo de ti – sussurrou Yusuf a Sam com um sorriso rasgado. Provavelmente isso era verdade. *Agente da CIA incapacitado por ativo potencial durante exercício de artes marciais israelitas.* Bem, isso seria um comunicado embaraçoso.

– Ela está a fazer uma coisa interessante – disse Elias pelo rádio. – Vai a pé, rumo a Saint-Germain, mas segue uma rota em ziguezague. Mais umas quantas voltas e inversões com que não contávamos. Bastante simples, mas despistou-nos.

– Que triste serem apanhados por uma amadora – disse Yusuf.

– Somos melhores do que o Mukhabarat – disse Rami. – Vamos ficar bem.

– De que nacionalidade era o instrutor que te mostrou o estúdio? – perguntou Sam pelo rádio.

– Israelita.

Sam sorriu e pensou numa jovem Mariam, com 17 anos, a esgueirar-se do apartamento dos pais com um saco de ginástica ao ombro para ir treinar com um israelita.

– Ela não quer que o Mukhabarat a veja – disse Sam. – Está a fazer uma rota de deteção de vigilância.

*

Ao aproximar-se do edifício, Sam viu a placa gasta e escrita à mão que dizia “Krav Maga – Paris”, e carregou no botão ao lado.

– *Oui?* – respondeu uma voz rouca e metálica pelo pequeno intercomunicador.

– Peço desculpa, não falo francês – disse Sam, num francês macarrónico. A sua única experiência com a língua dera-se quando passara duas semanas a gerir uma operação em Marrocos, durante a sua missão no Cairo. Servira na Sandbox, onde o árabe, e não o francês, era a língua dos recrutadores.

Uma risada.

– Pois não. Sam Joseph?

– Sim.

A porta abriu-se e Sam correu pela escada sinuosa de betão até ao terceiro piso.

Encontrou Mariam lá dentro, a fazer alongamentos no chão acolchoado. Ela sorriu-lhe. Estava a usar umas calças pretas justas elásticas, uns ténis coçados e um *top* preto de corrida. O instrutor apertou a mão a Sam e apresentou-se, dizendo chamar-se Beni.

– Sinto-me sempre honrado quando um dos meus antigos alunos volta – disse ele. – E é ainda melhor quando trazem um parceiro de combate.

Beni tinha o físico de um homem com 30 e poucos anos, mas o rosto enrugado e as sobranceiras desalinhadas e grisalhas aproximavam-no mais dos 60. Falava inglês com um sotaque carregado que misturava francês e hebraico.

– Alguma vez combateu, Sam? – perguntou-lhe Beni.

– Sim. Tive lições de karaté quando era miúdo. – Omitiu o combate mano a mano na Quinta e as lições para lhe refrescar a memória antes de Bagdade.

Beni riu-se – uma risada grande e gutural de que era impossível não gostar.

– Vamos assegurar-nos de que fica bem protegido da Mariam. Ela era dos alunos mais, como se diz, entusiastas.

Mariam sorriu e depois atirou um capacete, um colete e um par de luvas a Sam.

– Pensei que podíamos começar por um combate leve – disse ela. – Pode ajudar-me a livrar-me das teias de aranha de Damasco.

Beni tossicou e olhou para Sam.

– Presumo que não tenha trazido proteção para o... hã... como é que se diz isso de forma educada? – Apontou para o baixo-ventre de Sam. Mariam resfolegou.

Sam sorriu.

– Não, não trouxe.

– Tenho um que alugo. Pouco usado.

*

Sam voltou da casa de banho, ainda a ajeitar-se com o plástico que o iria proteger daquela síria selvagem.

Beni dirigiu-lhe um olhar implorante de preocupação tácita mas clara pelo bem-estar do entrepernas de Sam, pelo que este assentiu com a cabeça, para indicar que tudo estaria bem. Beni assentiu também e depois virou-se para Mariam.

– Vamos começar por contacto leve.

Sam e Mariam tocaram nas luvas um do outro. Ela rodeou-o. Beni ia observando das laterais.

– O Krav Maga não tem que ver com formas ou com beleza – explicou ele a Sam. – O objetivo é destruir o oponente, usando quaisquer meios necessários. Não nos limitamos a defendermo-nos, tornamo-nos o atacante para destruir a ameaça.

Mariam atacou-o primeiro com uns socos diretos a que se ele esquivou. Quando ficou suficientemente perto, ela atirou um joelho contra o colete dele, atingindo-o. Atacou de novo e depois recuou, tornando a descrever um círculo. Os golpes eram fortes e rápidos. Ela fitava-o, com os olhos a estreitarem-se dentro do capacete. Ele sentia a energia dela e tentava antever o movimento seguinte.

Ela voltou com mais socos diretos e uns pés rápidos. Ele recuou e bloqueou-lhe dois golpes com os antebraços.

Mariam rodeou-o. O caso bailava-lhe pela mente.

Ela concordara tomar um copo.

Partilhara segredos.

Simpatizava com os protestantes, ainda que o negasse.

Telefonara-lhe, depois de recusar à primeira.

Levara-o para um local íntimo, onde sabia que não haveria vigilância hostil.

Está a tentar magoar-me fisicamente.

Quer lutar.

Ele saltou para trás quando ela tentou pontapéá-lo entre as pernas.

– Dê a volta ao ataque, Sam – disse ela. – Atire-se a mim.

Ele quisera evitar um combate a sério, para proteger o seu disfarce. O corpo diplomático não recebia aquele tipo de treino.

Que se lixasse. Atingiu-a com três golpes rápidos no colete e no capacete, ela pontapeou-o no estômago e depois avançou e atingiu-lhe a cabeça com o cotovelo, ao mesmo tempo que o seu joelho lhe acertava no baixo-ventre. Ele resmungou. Acertou-lhe com um punho no colete e pontapeou-lhe as pernas para criar alguma distância.

– Venha, atire-se a mim – disse ela, batendo as luvas uma na outra.

Ele assim fez.

Por aquela altura, liam os sinais um do outro. Ela bloqueava cada soco, ele bloqueava o pontapé, esquivava-se a um cotovelo e ela depois tentou encostá-lo à parede com uma chave. Beni apitou. Sam bateu-lhe nos braços para os baixar como lhe tinham ensinado na Quinta, ela lançou um punho ao capacete dele e ele desviou-se. Ela praguejou em árabe e voltou a atacá-lo. Ele baixou-se e tentou esmurrá-la na área acima daquelas ancas encantadoras. Ela deu um passo atrás, fez um sorriso diabólico e retrucou com um pontapé no entrepernas, que ele apanhou. Sam torceu-lhe a perna e ela caiu de costas mas rastejou para trás, com o joelho direito dobrado como a cauda de um escorpião. Quando ele avançou, ela espetou-lho contra a canela. Ele tentou aproximar-se, mas ela continuava a deslizar para trás e a espernear. Ele parou, ela pôs-se de pé de um salto, bateu com as luvas uma na outra, praguejou e lançou-se de novo.

No entanto, em vez de pontapés ou murros, baixou o ombro e abalroou-o, desequilibrando-o e lançando ambos ao chão com o peso do seu corpo. Depois ficou por cima dele, com as pernas a prender-lhe os braços e uma chuva de golpes. Ele praguejava e contraía-se. Beni apitou, disse *Arret, arret*. Sam sorriu quando os olhos dela cintilaram dentro do capacete, como se quisesse levá-lo para a cama ou matá-lo, talvez as duas coisas, ele não conseguia perceber.

Ela saiu de cima dele e foi até ao canto para beber água. Sam observou-a afastar-se e ouviu o som da voz de Beni a perguntar-lhe se estava bem. O instrutor ofereceu-lhe uma mão para o ajudar a levantar-se.

*

Ele luta bem, pensou Mariam. Foi treinado. Karaté quando era pequeno? Poupem-me. Mexe-se como alguém que foi ensinado. Ela queria mais daquilo, mais dele. Levava-a de volta, afastava-a de Fatimah e da guerra, rumo à Paris da sua juventude e à leveza da respiração, que ela sentia agora, apesar de ter os pulmões a arder e os músculos doridos.

– As armas, Beni? – perguntou Mariam.

O israelita assentiu com a cabeça e virou-se para Sam, que ainda mal se levantara.

– Combater corpo a corpo é útil, mas o verdadeiro objetivo do Krav Maga é treinar para situações práticas da vida real – disse ele. Arqueou uma sobrancelha farfalhada. – Disse que só praticou karaté quando era

mais novo? Nada mais?

– Isso. E umas quantas rixas, suponho. Jogos de póquer que correram mal, esse tipo de coisa.

– Compreendo – disse Beni, com uma entoação que indicava que não compreendia de todo. Mariam tão-pouco.

– E se ele me ameaçasse com uma arma? – disse Mariam. Bebeu mais um trago de água e cuspiu para um lavatório a saliva acumulada no protetor da boca.

Beni acenou com a cabeça, tirou uma pistola a fingir da prateleira e deu-a a Sam.

– Chega por trás dela, aponta-lhe a arma à cabeça e exige dinheiro... Espera o suficiente para lhe dar uma oportunidade de reagir, mas, depois disso, carregue no gatilho se tiver a oportunidade. Eu avalio quem vence, *d'accord?*

Sam assentiu com a cabeça, sopesando a arma que tinha na mão como se quisesse assegurar-se de que era realmente a fingir. Mariam sentou-se numa cadeira. Ele aproximou-se por trás e encostou-lhe a arma à nuca.

– Dê-me a sua mala – disse ele.

Mariam agarrou na arma com a mão direita e segurou-a com as duas mãos como se fosse sua, e em seguida levantou-se, endireitando-lhe o braço e virando-se no sentido dos ponteiros dos relógios com o ombro a fazer pressão debaixo do cotovelo dele, mantendo-o retesado. Apertou mais com a mão esquerda, soltou a direita e esticou-a para lhe acertar na proteção do rosto. Ele arquejou e todo o seu corpo ficou um pouco frouxo. Ela virou-se, puxou-lhe o braço e dobrou-lho atrás das costas, como se o preparasse para fazer uma vénia. Deu-lhe um golpe rápido na parte detrás do crânio – com mais um arquejo, o corpo dele cedeu – e depois agarrou-lhe o colarinho com a mão esquerda, puxou-o para baixo e saltou. Espetou-lhe a arma de plástico na parte de cima do colete, mesmo por baixo do pescoço.

Ele caiu e rebolou até ficar de barriga para baixo. Tudo aquilo demorara quatro segundos.

Por fim, levantou-se. Beni perguntou-lhe se estava bem.

– Tenho os ouvidos a retinir – disse Sam enquanto ia até ao lavatório, junto ao qual tirou a proteção e cuspiu. Recuperou o fôlego a ver o sangue a correr pelo ralo, virando-se então para Mariam com um sorriso irónico. – Quando é a minha vez?

Beni riu-se, deu-lhe uma palmada no ombro e foi buscar um bastão à prateleira.

– A Mariam ataca-o com isto, *d'accord?*

Sam assentiu com a cabeça e foi para o outro lado do tapete.

Num ataque com um bastão, os instintos humanos normais podiam deixar uma pessoa com um braço partido. Um atacante surge com um golpe de cima, a vítima levanta o braço, o golpe estilhaça o rádio ou o cúbito. A

vítima cai, o atacante espanca-a até à morte. O segredo era correr contra o bastão, com os braços esticados à frente, protegendo a cabeça ao mesmo tempo que se tornava quase impossível partir os ossos. Depois lutava-se – cotoveladas, dentadas, murros, cabeçadas, o que fosse. A vantagem do bastão era neutralizada pela proximidade.

Ela olhou para o bastão e pensou nos homens do Mukhabarat a espetarem o cassetete no olho de Razan, os bloqueios inúteis da prima, os gritos. E tu não fizeste nada, miúda. Ficaste a ver.

Ela correu para Sam, de bastão no ar. Ele não levantou o braço; em vez disso, correu contra ela, eliminando a distância. Ela tentou acertar-lhe na cabeça, mas ele desviou-se e o golpe rasou-lhe inofensivamente o ombro esquerdo, deixando-os próximos um do outro. Ela sentiu que o bastão se lhe escapava quando ele lhe agarrou a mão e lhe comprimiu os nervos entre o polegar e o indicador. O bastão caiu no tapete. Ele agarrou-lhe os pulsos, com firmeza mas sem a magoar, e ela fitou-lhe os olhos, à espera do murro, da joelhada, do que acabaria consigo. Tinha os músculos e os ossos doridos. Queria água.

Ele segurou-lhe os pulsos, hesitando quanto a dar o golpe. A olhá-la nos olhos.

Ela deu-lhe uma cabeçada diretamente na proteção do rosto. Ele resmungou e caiu para trás.

Beni riu-se e apitou para pôr fim ao combate.

*

Saint-Germain à noite: já sem chuva, a avenida arborizada estava agora cheia de estudantes da Sorbonne a passar entre nuvens de fumo de cigarro e clientes de cafés com roupa de noite, garrafas molhadas de *Sancerre* a suar nos baldes ao lado das mesas. Desceram juntos pela avenida, o que talvez não fosse sensato, mas os Banditos disseram que ela estava livre e Sam sabia que também estava. Tinham trocado de roupa, mas Sam continuava com uma nódoa negra na testa por causa da cabeçada que ela admitia ter sido dada um pouco alto demais.

Encontraram uma *brasserie* com pouco movimento e pediram demasiada comida. *Foie gras*, *confit* de pato, um *cassoulet* de feijão branco, uma travessa de batatas fritas, a que Mariam franziu o nariz. Ela pediu vinho. Ele quis uma cerveja com as batatas fritas.

– Só uma – disse ele.

Ela riu-se.

– Se alguém lá na minha terra me visse a beber vinho com batatas fritas, matava-me.

– E onde é que é a sua terra agora? – perguntou ela.

– Neste momento, é Washington. Estou a tratar da pasta da Síria no Departamento de Estado antes da minha próxima colocação, por isso tenho

um apartamento em D. C.

– Ah – disse ela, ao mesmo tempo que o empregado trazia o pato. Ela pousou o guardanapo no colo. – Cães? – perguntou ela, a franzir o nariz.

Ele abanou a cabeça.

– Gatos?

Ele sorriu.

– Não, não tenho animais.

– Namorada?

– Já não.

– Imagino esse sítio. Tem cerveja horrível no frigorífico e nada nas paredes.

Ela não se enganava muito, embora tivesse deixado escapar o facto de também não haver muitos móveis no chão. O frigorífico também estava vazio. Ele riu-se e comeu outra batata frita.

– Não se engana, mas é um apartamento provisório até à minha próxima colocação. Por isso, não vou passar lá muito tempo.

– Para onde vai a seguir?

Ele ponderou falar-lhe de Damasco, mas decidiu guardar a informação por ora.

– Ainda não está decidido, mas há de ser algum sítio no Médio Oriente.

Ela assentiu e comeu um pouco de pão.

– E para si, onde é que está em casa? – perguntou ele.

– Tenho um apartamento na Cidade Velha.

– Presumo que não tenha um cão?

– Não. Criaturas imundas.

Ele riu-se, recordando o seu destacamento no Cairo e a aversão a cães, comum no mundo árabe.

– Um gato, então?

– Não.

– Algum rapaz?

– Rapariga. Muito escandaloso. – Ela piscou o olho e ele riu-se.

– A Razan? – perguntou ele.

– Sim. Está a viver comigo. O nosso apartamento, ao contrário do seu triste apartamento de solteiro, está bem mobilado e não lhe falta comida.

O empregado regressou para levar alguns dos pratos mais pequenos. Sam decidiu usar a pausa na conversa para obter alguma coisa. Precisava de mostrar progressos a Langley.

– Como é que vão as reuniões? – perguntou-lhe depois de o empregado se afastar.

Ela levou o garfo a um pouco de pato, puxando um fio de carne do osso.

– Não muito bem. As conversações hoje foram um fiasco. A minha chefe foi para casa. O meu encontro com Fatimah Wael, uma das opositoras, correu mal.

Sam mergulhou uma batata frita em *ketchup* enquanto Mariam o observava. Tinha partilhado o seu primeiro segredo. Ele mordeu a batata e bebeu um golo de cerveja.

– Lamento ouvir isso – disse ele, a ponderar quanto deveria insistir. – Também irá embora mais cedo?

Ela abanou a cabeça.

– A minha chefe pediu-me para ficar mais uns dias para voltar a falar com Fatimah.

Ele assentiu com a cabeça, compreendendo que não devia insistir demasiado. O telemóvel de Mariam tocou e ela olhou para o número e fez uma careta.

– Tenho de atender.

Saiu do restaurante.

Sam acabou a cerveja e encheu os copos de vinho. Estava mais descansado quanto à CIA ter um ângulo ideológico para usar Mariam. No entanto, a conversa íntima e os combates enérgicos deixavam-no preocupado, a dois níveis.

O primeiro: o facto de a desejar. Não podia negá-lo. Isso era um problema sério. Um supervisor romanticamente envolvido com um espião era causa para separação da CIA. Uma violação do seu juramento de serviço e, provavelmente, de uma dúzia de regulamentações da Agência. Não obstante, duvidava de que conseguisse controlar-se se a questão se colocasse. O segundo: os seus instintos de recrutador diziam-lhe que a melhor estratégia para domar aquela agente seria usando a fagulha da energia romântica. Estava menos certo de que as abordagens habituais para levar um potencial agente a ser recrutado funcionassem: as cortesias proporcionadas para instigar reciprocidade, a autoridade tácita, a excitação da espionagem. Sam achava que ela o queria. Que o romance impulsionaria o recrutamento. O que diria Bradley? Que estás a alucinar, Sam.

Mariam voltou e sentou-se.

– Fatimah vai viajar amanhã. A família dela tem uma casa perto de Villefranche-sur-Mer, na costa. Concordou encontrar-se comigo lá. Vou amanhã de manhã.

– Ela deve ter ficado intrigada com a vossa reunião, para aceder a outra – disse Sam.

Mariam barrou *foie gras* no canto de uma tosta.

– Sim, mas não imagino porquê.

– Porque não?

– Porque lhe ameacei a família, caso ela não denunciasses a oposição. Estamos a fazê-lo com todos os opositores instalados no estrangeiro. Eu sou responsável pelo programa no gabinete de Bouthaina. – Mariam desviou o olhar para a janela e mordeu mais um pouco da tosta. Voltou a olhar para ele. – Isto é do conhecimento geral, não?

– Claro. – Mas nunca tinha sido confirmado por um contacto não

submetido a interrogatório e com acesso em primeira mão, pensou ele. Até então.

– Disse que ia passar mais uns dias em Paris? – perguntou ela.

Ele assentiu com a cabeça, acabou a cerveja e decidiu arriscar.

– Era o meu plano. Mas e se eu fosse a Villefranche enquanto a Mariam estiver lá? – disse ele. – Por uns dias.

Ela mergulhou a ponta de uma das tostas que ainda restavam no *foie gras* e engoliu-a com um trago de água. Lançou-lhe aquele olhar que ele via nas mesas de póquer quando um oponente pousava com dedos trémulos o que julgava ser uma mão vencedora.

– Acho que gostaria disso – respondeu.

*

Trataram da logística enquanto comiam *crème brûlée*: ela apanharia o comboio para a costa na manhã seguinte, ele seguiria à tarde, encontraria alojamento – uma casa segura, pensou ele, esperando que Shipley tivesse uma por perto – e esperaria que ela lhe propusesse uma hora e um lugar para se encontrarem. Enquanto falavam, a mente dele divagava para a meia dúzia de comunicações que sabia que Langley precisaria nessa noite.

Verificou o telemóvel. Nada dos Banditos. Abraçaram-se e seguraram os braços um do outro, de olhos fixos, ambos a pressentir os limites, as intenções, as expetativas. Ela encostou a testa à dele, evitando a nódoa negra, e inclinou-se para trás.

– Mais suave do que a cabeçada – disse ele.

Ela resfolegou e sorriu.

– Tu hesitaste.

Ele olhou em redor. Já tinham fechado o restaurante.

– Amanhã em Villefranche? – perguntou-lhe.

– Amanhã em Villefranche.

Ela deu-lhe um beijo na face e foi-se embora, deixando a porta a abanar.

Sam limpou o batom vermelho na casa de banho antes de iniciar a RDV de saída. O seu reflexo recordou-o de que acabava de violar o Regulamento 22-345 da Agência – “Restrições a Contactos com Indivíduos Estrangeiros”. O reflexo abanou a cabeça, reprovador, e depois desapareceu.

Na teleconferência segura, Artemis Aphrodite Procter estava a usar um fato de treino aveludado verde-lima. Sam e Shipley encontravam-se na Estação de Paris, Bradley em Langley e Procter em Damasco. O comunicado noturno de Sam tinha dado origem uma lista de interessados tão numerosa – Relatórios da Síria, Departamento de Armas e Contraproliferação dos Serviços Secretos, o Centro de Avaliação Médica e Psicológica – que Bradley organizara um pequeno encontro para discutir a operação apenas com quem interessava.

– O que é esse animal de néon que tens vestido? – perguntou um Ed Bradley com uma imagem muito pixelizada.

– É um fato de treino de veludo, seu ignorante. É sexta-feira casual aqui na Estação de Damasco. Gostas, já agora?

– É um bom visual. Faz-me lembrar um mafioso ucraniano que recrutei aqui há uns anos – disse Sam com um sorriso sarcástico.

Procter mandou-o calar-se, prendeu o cabelo preto encaracolado e depois pegou em qualquer coisa amarela. Quão perto acha que estamos? – perguntou.

– Perto.

– Quão perto? – insistiu Procter, embora não estivesse a olhar para ele. Estava a debater-se com o que parecia ser uma embalagem pequena de caramelos.

– Ela está desiludida com o governo e com o seu emprego. Revela mais de cada vez que nos encontramos.

Procter, que aparentemente conseguira abrir o invólucro, meteu um caramelo na boca e começou a mastigar ruidosamente.

– Podemos tratar dos pormenores aqui em Damasco – disse ela. – Mas, na minha opinião, o problema crítico a resolver com *Mademoiselle* Mariam em França, antes de ela voltar a Damasco, é pô-la confortável com a ideia de se encontrar com um norte-americano longe de olhares públicos.

Procter pegou num marcador e rodopiou-o entre os dedos.

– Deixe-me pô-lo ao corrente do que se passa na cidade D, Damasco, a mais antiga cidade permanentemente habitada do maldito planeta – disse ela. – As coisas foram de mal a pior desde a sua última visita.

Sam abriu a boca para falar, mas Procter não parou:

– Não há literalmente razão alguma para um americano se encontrar com um sírio em Damasco agora. Eles não nos convidam para festas. Razoável, acho, tendo em conta que dissemos a Assad que renunciasses ao poder, mas não deixa de ser grosseiro, uma falta de educação, na minha opinião. – As suas mãos deixaram de se ver e, quando voltaram, o marcador tinha sido substituído por outro caramelo. Atirou-o para a boca. Os seus olhos fitavam o ecrã enquanto falava. – O melhor cenário, da perspetiva da Estação de Damasco, é que Mariam saia de França com uma morada de uma casa segura e um plano básico de comunicação. Uma combinação de local de sinalização e entregas sem presença, provavelmente. Não temos meios de comunicação a curta distância disponíveis e, antes de lhe atribuirmos um dispositivo sofisticado, sugiro que se obtenha algo que possamos corroborar.

De acordo, Sam assentiu com a cabeça.

– Os iranianos estão sempre a tentar passar-nos a perna, e andam a treinar os sírios. Precisamos de ter a certeza. Vou tentar conseguir algo bom dela.

Sam não tinha a mínima dúvida quanto à credibilidade de Mariam, mas continuava a ser necessário seguir um protocolo. E era verdade que, embora ela tivesse proporcionado informação sensível, nada daquilo faria mal algum ao regime sírio. A CIA precisava de mais para a sancionar convenientemente.

– Chefe, como é que a situação de segurança está a impactar os... – começou Sam, antes de Procter o interromper.

– Pois, pois, pois – disse ela, a acenar com a cabeça. – As reuniões com os agentes? Tem sido um problema. Mas um problema controlável, OK? Ainda não precisamos dos tipos da segurança... graças a Deus, não há dúvida de que essa merda dá cabo do ambiente nas reuniões com os espões. O centro de Damasco costuma estar bem, como quando você foi buscar o Komodo e a Val. O governo controla essa zona. Ocasionalmente há bombistas suicidas, mas os rebeldes não controlam o terreno. Também reparámos que os sírios redirecionaram os recursos de vigilância contra os rebeldes, e por isso há dias em que nem nos seguem. Se bem que, se estes tipos decidirem cair-nos em cima, são capazes de nos abafar com corpos... não têm as melhores armas, mas é o território deles e conhecem as ruas. Conseguem estafar uma boa rota com montes de posições de vigilância fixa.

"Ou seja – continuou ela –, recrutar Mariam em Damasco não vai ser pera doce. Obviamente, os sírios vão vigiá-lo 24 horas por dia, pelo menos nas primeiras semanas. Vão acoressá-lo. Talvez lhe arrebentem a porta do

apartamento, lhe batam à janela do carro quando estiver parado no trânsito, lhe sorriam com aqueles grandes sorrisos dentados do Mukhabarat. Talvez alguém lhe faça uma poia na cama. Todas estas realidades vão atrasar o recrutamento – concluiu Procter. – Quanto mais o trabalho avançar em França, melhor.

Desta vez, deixou Sam falar:

– Vou tentar recrutá-la esta semana. Arriscar, pelo menos.

– Assim é que é – disse Procter.

– Shipley – interveio Bradley. – Conseguimos uma casa segura perto de Villefranche?

– Tenho uma lá – disse Shipley. – Mas vai suscitar perguntas acerca de como é que um diplomata pode pagar uma renda daquelas.

– Num dos comunicados, dizias que lhe tinhas falado de Vegas? – perguntou Bradley.

– É verdade. Posso dizer-lhe que a pago com esses rendimentos – respondeu Sam.

– Espero que se tenha portado bem – disse Shipley. – Este sítio é uma loucura.

*

Sam apanhou o TGV de Paris até Nice e, à medida que o betão grafitado dos bairros de lata de Paris dava lugar ao verde-vivo das terras agrícolas, foi-se debatendo com um pensamento que o tinha incomodado durante toda a semana: quem eram os três sírios que tinham seguido Mariam em Paris? Originalmente, julgara que seriam agentes do Mukhabarat ao serviço da embaixada, mas, por algum motivo, a sua mente não conseguia deixar de pensar no assunto. Os três sírios não tinham treino de vigilância. Aquilo parecia um plano, uma armadilha.

Pediu café no vagão-restaurant. Ao ver os Banditos numa mesa na outra ponta, voltou ao seu lugar sem lhes dirigir palavra. Foi vendo pastos, vinhas e pequenas aldeias a passar. Pensou em como tentaria recrutá-la, afinou a sua avaliação da personalidade e da motivação dela. Começou a esboçar mentalmente o comunicado de recrutamento: a avaliação abrangente da agente, o plano de comunicações, disposições financeiras, o programa de operações para gerar informações. Se fosse bem-sucedido, tudo isso geraria um criptónimo que significaria a aprovação de Langley quanto ao recrutamento ter sido feito ou estar pelo menos bem avançado. Um pilar da estratégia continuava vulnerável. Não tinha qualquer plano quanto a como gerir o que sentia por ela.

O comboio acelerava rumo à costa, parando em Avinhão devido a problemas mecânicos. Ele deixou o seu lugar para se esticar na plataforma ao ar livre, ladeada por ciprestes, e apanhar a brisa fresca e primaveril do campo provençal. Lembrava-lhe o cabelo de Mariam.

Mariam afastou-se da casa cor de aguarela de Fatimah para a península de Saint-Jean-Cap-Ferrat, seguindo pelos trilhos estreitos à beira-mar. Mohannad tentara segui-la para Villefranche, mas Mariam pedira a Bouthaina para intervir e a sua chefe vencera a batalha, argumentando que Mariam seria mais persuasiva sem um imbecil a espreitar atrás dela. Tinha quatro dias sozinha na Riviera Francesa. Mal conseguia acreditar. Na verdade, perguntara-se – continuava a perguntar-se – se seria alguma espécie de armadilha armada por Bouthaina ou pelo Mukhabarat.

Agora, Mariam observava um pequeno barco à vela a cruzar as ondas até ao horizonte, com Fatimah a caminhar a seu lado em silêncio. Viraram numa curva e a vista ampliou-se para uma extensão de linha costeira sovada pelas ondas e delimitada por vegetação baixa e pinheiros. Do outro lado da baía, ela via as casas de telhados vermelhos de Villefranche, a aldeia que era um pontilhado de amarelo e ocre à beira-mar no sopé de uma colina, como um aglomerado de caixas de sapatos.

– Obrigada por me receber de novo – disse Mariam.

– Pareceu-me que tínhamos mais a dizer uma à outra – declarou Fatimah.

– O que quer dizer?

– Acho que sabe.

Mariam parou e pousou a mão no ombro da opositora. Correspondeu ao olhar de Fatimah durante vários segundos carregados de significado.

– Lamento, mas não sei.

Recomeçou a andar, deixando Fatimah um pouco para trás.

– Consigo perceber que não é uma assadista – disse-lhe esta ao alcançá-la. – Em vez disso, porque é que não nos ajuda?

A paranoia, direito natural de todos os sírios, apoderou-se dela. Considerou todos os ângulos, a possibilidade de engano e subterfúgio. Fatimah podia ser uma agente do Mukhabarat dentro da oposição, a tentar recrutar oficiais do governo, para testar lealdades; podia ser uma informadora de Bouthaina; podia ser o que aparentava: uma idealista bem-intencionada e desesperada.

Mariam tinha vontade de dizer: *Não consigo entender onde irá parar esta rebelião, Fatimah. Não há um governo de substituição se Assad partir. Só há fragmentação e incoerência. É por isso que não me juntarei a vocês.*

Em vez disso, estreitou os olhos e disse:

– Estou a ver, é a sua vez de me fazer uma proposta.

Contornaram uma pequena praia de seixos mais abaixo. Banhistas em *topless* preguiçavam como focas nas rochas. Fatimah sorriu.

– Espanta-me sempre a calma deste lugar. Uma guerra consome-nos o país e, deste lado do Mediterrâneo, eles apanham banhos de sol como pequenos deuses. Quero que a Síria seja assim. Desconfio de que também é isso que quer.

Mariam queria dizer: *Quero, okhti, irmã. Quero isso mais do que qualquer outra coisa.*

Mas o que disse foi:

– Considerou a minha oferta?

Fatimah ignorou-a.

– Porque é que não deserta? Junte-se a nós aqui, na Europa.

Mariam queria dizer: *Porque não sou uma cobarde.*

Mas o que disse foi:

– Fatimah, está a pôr a minha paciência à prova.

Fatimah parou e virou-se para ela.

– Prenda a minha mãe, se tiver de ser, Mariam. Mas fique avisada: será a parteira da carnificina. Espero que a sua alma esteja preparada.

Mariam queria dizer: *E tem razão. Não estou preparada.*

Mas o que disse foi:

– E a Fatimah serve de parteira da jiade.

Fatimah parou no final do trilho e olhou para o oceano.

– Já fez a sua escolha, então?

Mariam não respondeu à pergunta, nem conseguia continuar a olhar para Fatimah. Concentrou-se na linha onde o mar tocava o céu.

– Tem dois dias para decidir. Volte para casa e não prenderemos a sua mãe. Se ficar aqui, não poderei ajudá-la.

Mariam virou-se e partiu em silêncio. Com a paranoia levantina em alerta total, telefonou a Bouthaina para lhe fazer um relatório completo e recomendar a detenção imediata da mãe idosa de Fatimah, dado o seu apoio contínuo a inimigos da República Árabe da Síria, tanto nacionais como estrangeiros.

– Ela é teimosa, eu disse-lhe – respondeu Bouthaina. – Espere mais uns dias, veja se ela muda de ideias.

Quando chegou ao hotel, Mariam sentia-se exausta. No quarto, deitou-se na cama, com a mente a mil cheia das perguntas de Fatimah e de um número de telefone que não devia marcar. Levantou-se, despiu-se até ficar de roupa interior e percorreu a rotina de pontapés, murros, cotoveladas e joelhadas que Beni lhe demonstrara em Paris havia muito.

Depois, considerou as pontas soltas que tinha juntado durante a viagem de comboio até Villefranche: a forma como ele lutava, a confiança, a sugestão de a seguir até à Riviera, as perguntas reservadas. Ela tinha conhecido dezenas de diplomatas norte-americanos. Sam não era um deles.

Agora Mariam apercebia-se de que tinha esperança de estar certa.

A primeira coisa que Sam pensou ao chegar à casa segura foi que se tinha oferecido para servir na divisão errada da CIA. As propriedades que usara durante os seus destacamentos no Egito e no Iraque eram empoeiradas,

malcheirosas e, por norma, não tinham canalização e ar condicionado em condições. Certa vez, numa casa segura em Anbar, uma aranha-camelo tinha saltado de uma prateleira e mordido um dos seus agentes no pescoço. No Cairo, tivera de substituir uma sanita avariada por um balde de tinta de 45 litros.

Neste caso, *casa segura* era um eufemismo para um castelo de pedra na aldeia medieval de Èze, situada no cimo de uma colina, a 20 minutos para leste de Villefranche. A *villa* ficava empoleirada a mais de 300 metros acima das praias da Riviera, numa antiga estrada romana. Agora era a terra de várias dezenas de autóctones idosos e de um número idêntico de europeus e norte-americanos fabulosamente ricos, desejosos de se bronzear na Riviera de forma privada.

Sam encontrou a chave, escondida nos canteiros por um agente de apoio da Estação, e entrou no castelo. Acendeu as luzes do átrio. As paredes eram de pedra exposta, os móveis, antiguidades francesas. Tomou uma nota mental para evitar abrir garrafas naquelas mesas. Havia um terraço com vistas estonteantes da Côte d’Azur, sete quartos imponentes e duas cozinhas apetrechadas, uma das quais fora para os criados. Até havia cervejas no frigorífico. Comparou a comida com a lista que tinha requerido em Paris. Abriu uma cerveja e foi até ao terraço, de onde enviou uma mensagem a Elias para confirmar que os Banditos tinham assumido a sua vigia diante do hotel de Mariam, em Villefranche.

*

Mariam continuava na cama, a ver a ventoinha de teto rodar ociosamente como um relógio a contar o tempo para tomar uma decisão. O que estás a fazer? Ainda podes virar costas a isto. Mete-te num comboio para Paris e voa para casa. Mas agora, se lhe ligares, bem...

Calçou um par de alpergatas beges de atar no tornozelo e pôs um vestido de popelina às riscas azuis e brancas que tinha comprado em Paris.

Depois, tendo passado mais dez minutos a fitar o teto, com a boca seca, usou o telefone do quarto para marcar o número que Sam lhe dera.

*

Os Banditos, a comerem piza e a manterem a vigia em frente ao hotel, disseram que ela estava livre, pelo que ele foi buscá-la num carro alugado. Um restaurante em Villefranche seria natural, mas ele queria que ela se habituasse a encontrar-se consigo em locais discretos. A casa segura era perfeita. Perguntou-se se ela resistiria, talvez sugerisse um sítio acolhedor na vila.

– Pensei que podíamos cozinhar o jantar – disse-lhe Sam quando ela entrou no carro e alisou o vestido sobre as pernas bronzeadas. Ao beijar-lhe a face, reparou numas pequenas sardas do sol por baixo dos olhos. – Que

achas de irmos até à minha *villa*? Fica a 20 minutos para leste, em Èze. Um sítio lindo. Uma pequena aldeia medieval.

– Parece-me uma ideia maravilhosa – disse ela.

Foram pela Moyenne Corniche, a estrada romana que percorria a cordilheira dos penhascos ao longo do mar. As luzes de Nice e Villefranche enchiam o horizonte a ocidente, e o Mónaco reluzia a leste.

– Soube hoje qual vai ser o meu próximo destacamento – disse ele. – Damasco.

Ela baixou o vidro da sua janela e ofereceu o rosto à brisa da tarde até esta lhe soprar o cabelo para trás.

– Que ótima notícia, Sam – disse ela, ainda a olhar pela janela. – Talvez voltemos a ver-nos.

– Eu gostaria – disse Sam. Baixou também a sua janela e inspirou o ar do mar. – Nunca irei habituar-me a isto.

Ela sorriu e nada disse.

Dentro do castelo, ela fez a pergunta inevitável, embora com tato, num árabe intencional para poder compreender totalmente a resposta:

– Como é que encontraste este sítio?

– Tive um bom fim de semana em Las Vegas aqui há umas semanas – disse ele. – E encontrei o agente local certo.

Ela ignorou a resposta, entrando antes num dos quartos para admirar a vista do oceano, que se tornara entretanto uma parede negra no horizonte. Sam seguiu-a devagar. Ela sabia que aquilo era mentira e tolerava-o por ora, pensou.

– O que vamos cozinhar? – perguntou ela, inclinando a cabeça na direção da cozinha.

Ele sorriu.

– Achei que podíamos cozinhar esparguete.

Ela arqueou uma sobrancelha.

– Esparguete? Tu?

– Faço um ou dois pratos bons. Este é um deles.

Ele levou-a até à cozinha e dispôs os ingredientes na bancada. Pediu-lhe que cortasse a cebola, a cenoura e o aipo.

– Confias-me a faca depois... – Ela pôs uma mão na anca e apontou com a lâmina para a nódoa negra na testa dele. – ... Do teu acidente? – E riu-se.

Ele tocou na testa e sorriu.

– É por isso que estou do outro lado da cozinha, a manter uma boa distância.

Sam pousou uma baguete na bancada e fatiou-a, após o que deitou azeite e vinagre balsâmico num prato, deitando sal grosso por cima. Apresentou uma garrafa de vinho – Shipley tinha-o recomendado – e ela riu-se e acenou com a cabeça, mas mesmo assim ele serviu-lhe um copo para que ela o provasse. Mariam não conseguiu ocultar a sua surpresa.

– Se calhar, tal como com a luta, sabes mais acerca de vinho do que dás a entender?

– Quem me dera. Foi uma boa recomendação de uma loja em Villefranche, se bem que o tipo que mo vendeu não gostou claramente do meu francês.

Ele juntou farinha e ovo para preparar a massa.

– Quão difícil é a política no Departamento de Estado? – perguntou ela enquanto cortava os vegetais.

Ele riu-se.

– O que queres dizer com isso?

Ela limpou as lágrimas por causa da cebola e depois o seu rosto afogueou-se.

– Bem, vou dar-te um exemplo. – Fitou-o com um olhar que dizia: *Presta-me muita atenção, agora.* – A minha equipa no Palácio controla o ficheiro sobre a oposição instalada no estrangeiro e o perfil mediático do governo – continuou ela. – O Gabinete de Segurança de Ali Hassan é o centro dos serviços de segurança da Síria e do Mukhabarat. Ele espia os espiões, por assim dizer. Se o presidente quer que se encontre um traidor, usa Ali.

Sam, de mãos cobertas de massa enquanto trabalhava a farinha e os ovos, bebeu um golo de vinho e olhou para Mariam como se aquela fosse uma conversa perfeitamente normal, embora a sua mente já estivesse a escrever o comunicado para Langley. Nem reparou nos pedaços de massa e farinha que deixou no copo.

– O outro grande grupo no Palácio é comandado por Jamil Atiyah. Ele e a minha chefe, que se chama Bouthaina, detestam-se. Ele, além disso, é pedófilo.

Sam parou de sovar a massa e levantou a cabeça com um esgar.

– Pedófilo?

– Sim. É bem sabido.

– Bem, eu não posso dizer que tenha de lidar com pedófilos no meu gabinete, por isso talvez não possa ajudar-te quanto a isso. Mas há bastantes otários no sítio onde trabalho.

– Já acabei de cortar os vegetais – disse ela.

Ele deitou uma quantidade generosa de azeite numa panela e juntou-lhe as cebolas. Quando ficaram translúcidas, acrescentou a cenoura e o aipo.

– Agora temos de espremer esse tomate – disse ele.

– Temos, não. *Tu* tratas disso – disse ela, bebericando mais vinho. – Não quero molho a sujar-me o vestido.

Ele sorriu e, por um momento, esqueceu-se de que estava a tentar recrutar-la para a CIA.

Colocou o tomate numa tigela e espremeu-o entre as palmas das mãos até ficar líquido. Deitando-o para a panela, adicionou água, pimentão e sal.

– Onde é que aprendeste esta receita?

Ela sentou-se na bancada a beber o vinho, vendo-o trabalhar.

– Com a minha avó. Ela era italiana e cresceu em Nova Iorque.

– Mas só aprendeste um prato?

– Só dois, na verdade. Ela era uma velhota mesmo má.

Mariam resfolegou e atirou-lhe um pano.

Enquanto o molho apurava, passaram a massa pela máquina manual que Sam encontrara num armário, rindo ao tentarem domar as folhas cada vez mais finas. As mãos dele pegaram-se à massa e ela atirou-lhe farinha. Ele fez o mesmo e ela esquivou-se.

– Esqueci-me de como és rápida – disse ele. – E é melhor ter cuidado, porque desta vez não tenho proteção. – Apontou para o entrepernas.

Ela riu-se. Enrolaram os fios de esparguete e colocaram-nos em folhas de papel manteiga, esperando que o molho engrossasse. Ele serviu mais vinho para os dois, apesar de saber que não devia.

– Estavas a dizer? – perguntou ele.

– Oh, pois. A Bouthaina e o Atiyah desprezam-se mutuamente. A Bouthaina, como toda a gente sabe, é a namorada do comandante da Guarda Republicana. – Ela fitou-o de novo, com olhos que diziam: *Ouve bem, americano. Estou a explicar-te como funcionam as coisas.*

Ela sabia que aquilo seria novidade para a CIA. Durante a corrida noturna à máquina de cachorros-quentes de Langley, Zelda, a analista, entretivera-o com mexericos picantes sobre as amantes de Assad e os oficiais seniores que eram fiéis às mulheres e aos maridos. Mas aquilo não viera à baila. Sam estava convencido de que já tinha obtido informação suficiente para talvez três relatórios, todos capazes de deixar os analistas a salivar.

Mariam continuou:

– A Bouthaina e o Rustum querem destruir o Atiyah reunindo provas da sua corrupção. E é claro que ele dá luta, criando problemas para o nosso departamento. Têm questões políticas assim?

Ele encontrou uma panela grande num dos armários e começou a enchê-la com água.

– Depende do que queres dizer com questões políticas. Temos funcionários...

– No Departamento de Estado – disse ela com intenção, para ver como ele o confirmava, para perceber se estava a mentir.

– Sim, no Departamento de Estado.

Ela fitou-lhe os olhos por um segundo, mas ele continuou a falar como se não desse por isso.

– Temos competições por influência a toda a hora – continuou Sam. – Um funcionário obtém todas as atenções do secretário, outro fica de fora.

– Sim, claro, mas as nossas questões políticas são mais... como se diz em inglês? *Brutais*. Mais brutais. – Ela tinha passado a falar inglês. – Por exemplo, a Bouthaina apresentou ao presidente mais provas da predileção

do Atiyah por raparigas menores. Quando este descobriu, mandou gente atacar um jovem do nosso gabinete. Quase o mataram, para enviar uma mensagem à Bouthaina: *Não te metas comigo*.

Ela saltou da bancada para mexer o molho.

– E como é que Bouthaina está a retaliar? – perguntou Sam em árabe.

– Ela já encontrou contas de que o presidente não tinha conhecimento. De *baksheesh*. Dinheiro de corrupção. No regime, todos as têm, mas ela encontrou as dele. Também compilou a lista de menores que ele levou para a cama. É extensa.

– A pedofilia não basta para o eliminar?

– Acho que não. Suja o seu nome, mas a Bouthaina vai precisar de mais. As relações com as raparigas já eram bem conhecidas no Palácio. O presidente confia na Bouthaina, confia no Rustum. Mas também confia em Atiyah, como o seu pai confiava. Tem hesitado quanto a tomar uma decisão. E, assim, o combate continua. – Ela encolheu os ombros.

Cozinharam a massa e depois escorreram-na e serviram-na em pratos. Ele deitou molho por cima e depois um pouco de *ricotta*. Mariam arrancou umas folhas de manjerição de uma planta na cozinha e espalhou-as por cima. Levaram os pratos, outra garrafa de vinho e o pão para o terraço. Uma brisa suave soprava-lhes o cabelo e as roupas à medida que comiam. Ele colocou a sua cadeira ao lado da dela e, quando acabaram de comer, ela perguntou o que aconteceria em Damasco.

– Eu gostava de continuar a ver-te – disse ele.

– Eu também.

– Lá será diferente – disse ele. – Mais restrições.

Ela ignorou o comentário. Ele serviu mais vinho. Estavam muito perto um do outro.

Depois aproximaram as cabeças e beijaram-se, demorada, húmida e lentamente. Ele passou-lhe as mãos pelo cabelo. Em seguida, levantaram-se ainda colados e dirigiram-se para um dos sofás. As mãos moviam-se para desapertar, deslizar, abrir. De alguma forma, no momento em que tinha começado a passar as mãos por baixo do vestido de Mariam, conseguiu ter o autocontrolo necessário para compreender que, se aquilo acontecesse de todo, seria razão para o expulsarem e, se acontecesse *antes* do recrutamento, nunca seria capaz de separar o apelo romântico da motivação para espiar para a CIA.

Ela tinha o cabelo despenteado, o batom esborratado, o vestido puxado para o lado, para cima ou para baixo, dependendo do que tapasse. Ele tinha o cinto desapertado, as calças ainda abotoadas, a camisa meio aberta. Ela inclinou-se para trás, com o rosto escurecido a refletir uma mescla de descrença e raiva majestosa. Foi de rompante à casa de banho para se recompor e tornou a aparecer na cozinha, envolta numa energia sombria, enquanto ele punha os pratos no lava-loiça.

– Preciso de uma boleia para casa – disse ela.

– Mariam, eu...

Ela ergueu uma mão.

– Preciso de uma boleia para casa – repetiu ela.

Voltaram para Villefranche em silêncio e Sam apercebeu-se de que era capaz de ter feito asneira da grossa, como Bradley gostava de dizer. Reconfortou-se um pouco com a noção de que, se ela necessitasse do seu amor para trabalhar para a CIA, o recrutamento estaria condenado desde o início. No entanto, ao olhar para ela, encostada à porta do passageiro como se tentasse manter o máximo possível de distância dele, apercebeu-se de que rejeitá-la fora um erro.

Quando chegaram ao hotel, ele perguntou-lhe se podia acompanhá-la ao quarto.

– Não vais ter outra oportunidade esta noite, compreendes? – disse ela, a fitar o para-brisas.

– Sim.

Ele seguiu-a pelo átrio e por uma longa escadaria até ao quarto no terceiro andar, esperando uma oportunidade para marcar outro encontro.

– O meu quarto é este – disse ela, virando-se e encostando-se à porta, para indicar o fim do caminho.

– Podemos ver-nos amanhã?

– Talvez. Mando-te uma mensagem.

– Posso entrar, só por uns minutos? – perguntou ele. – Para explicar.

Ela assentiu com a cabeça e inseriu a chave na fechadura, virando a maçaneta. Ele deu mais um passo em frente, na direção da porta aberta. Ela entrou. Foi então que Sam reparou nos arranhões na fechadura e nas falhas da tinta azul na madeira. O quarto estava às escuras. Mariam procurou o interruptor, repetindo que estava cansada e que ele tinha exatamente um minuto para se explicar.

Acendeu as luzes.

E ali estavam eles, os três vigias sírios de Paris.

O mais corpulento, de calças de ganga e uma *t-shirt* dos Pink Floyd, com um bastão e algemas, os outros dois a ladeá-lo com pistolas equipadas com silenciadores, de camisolas com capuz e calças largas. Um todo de cinzento, o outro de negro. Todos ficaram surpreendidos ao verem-se. Sam olhou de novo para o Pink Floyd, que lhe gritava em árabe, exigindo que se identificasse. Procurou uma arma, viu um candeeiro na secretária e depressa avaliou o cenário: um sequestro, não um homicídio, caso contrário já estaríamos mortos. Se a levam, quem sabe o que acontece?

Sam ergueu as mãos. Mariam fez o mesmo. Estava a dizer-lhes que tinha conhecido Sam na aldeia quando este deu um passo em frente e disse em árabe que aquilo era um grande mal-entendido, ele iria cooperar. O Pink Floyd aproximou-se de Sam e mandou-o virar-se. Gesticulava com mãos trémulas. Sam deu um passo em frente com as mãos erguidas e o Pink Floyd avançou. Sam deu-lhe uma cabeçada, espetando a testa no nariz

do homem. Ouviu o estrondo e depois arrancou-lhe o bastão da mão ao mesmo tempo que lhe dava uma joelhada no entrepernas. Bateu com o bastão no crânio do homem, arrancou o candeeiro de mármore da tomada e atirou-o ao tipo da camisola preta, que ainda não tinha conseguido apontar a arma. O candeeiro atingiu-o no peito, fazendo-o cair na cama.

Agora Mariam também se mexia, com o vestido a adejar, enquanto o Camisola Cinzenta via o camarada colapsar na cama. O seu pontapé frontal rápido lançou a pistola pelo chão, mas ele bloqueou-lhe o primeiro soco e empurrou-a para trás, criando uma distância vulnerável. Atirou-se à arma no chão, mas Sam já tirava a arma ao Camisola Preta, esparramado na cama.

Sentindo finalmente os dedos à volta do metal suado, Sam disparou duas vezes e o Camisola Cinzenta caiu sobre a secretária. O Camisola Preta estava na cama, agarrado à barriga, onde o candeeiro o atingira. Tentou sentar-se, ao mesmo tempo que sacava de uma faca. Atirou-se a Mariam. Sam disparou três vezes, atingindo o pescoço, a cabeça e o ombro do homem, até ele voltar a cair na cama, inerte sobre os lençóis, com os olhos sem vida fixos na ventoinha de teto. Sam aproximou-se do Pink Floyd para ver se ainda estava vivo. Queria fazer-lhe perguntas. Mas o seu golpe rachara-lhe o crânio e o corpo estava caído no chão, sem pulsação.

Mariam levantou-se. Tinha o peito a subir e descer, os olhos gigantescos.

Sam apressou-se a verificar a pulsação dos outros dois, mas não sentiu nada.

– Merda – murmurou. – Merda.

Quando há merda, há que pôr-se a milhas.

– Temos de ir – disse Sam, a forma física a evidenciar-se para controlar a adrenalina.

Ela não ficava atrás e já tinha começado a enfiar tudo dentro da mala de viagem.

– Agora vais dizer-me a verdade, compreendes? Compreendes? – gritou ela.

Se o Hotel Le Panoramic se tivesse dado ao trabalho de investir nem que fosse no sistema mais básico de segurança, a câmara do terceiro piso teria mostrado um norte-americano alto e uma mulher árabe a pendurarem o sinal de NÃO INCOMODAR na porta do quarto 302 às 00h38m. Outra câmara teria mostrado o mesmo casal a avançar rapidamente pelo átrio. A mulher fazia gestos irados na direção do homem com a mão direita, enquanto puxava a mala de viagem com a esquerda. O homem, que não levava bagagem, agarrou-lhe a mão à medida que se dirigiam para a porta. A câmara também teria apanhado parte de uma blusa a espreitar pelo fecho da mala de viagem da mulher, como se tivesse sido enfiada à pressa. Havia ainda uma pequena mancha de sangue na testa da mulher, que lhe escapara naquilo que quem assistisse à gravação poderia assumir ter sido uma tentativa apressada de lavar a cara. Os seus ombros e o cabelo no cimo da testa pareciam estar molhados.

No entanto, enquanto Sam guiava Mariam para fora do átrio, reparou com alívio que o hotel não tinha câmaras de videovigilância à vista e que o rececionista estava profundamente adormecido ao balcão.

Três problemas tornaram-se imediatamente claros assim que saíram do átrio e se meteram no carro estacionado de Sam. Um, bastante urgente, era acalmar Mariam, que tinha uma anca magoada e uma torrente constante de perguntas incômodas.

O segundo era para onde ir. A casa segura em Èze parecia ser o destino vencedor, pelo que atiraram a mala de viagem de Mariam para o carro alugado e voltaram a entrar na Corniche rumo à aldeia, com o silêncio interrompido pela correnteza de profanidades que Mariam ia debitando em árabe. Ele segurava bem o volante e ia verificando a velocidade para não ultrapassar o limite de 50 quilómetros por hora.

O terceiro, e mais problemático, era o que fazer com os cadáveres. Sam não fazia ideia se alguém ouvira os disparos ou a luta. Se isso tivesse acontecido, a polícia francesa estaria no hotel numa questão de minutos.

Caso contrário, tinham tempo. O triplo homicídio assegurava que ninguém na Síria poderia associar Mariam à CIA. Ele esperava eliminar também a ligação entre Mariam e os cadáveres.

Mantendo a mão esquerda no volante, pegou no telemóvel para ligar a Shipley. Mariam quis saber a quem ia telefonar.

– Ao meu chefe em França – disse ele.

– Espera. Antes de fazeres isso. Conheço pelo menos um daqueles homens. O grandalhão. Trabalha para o Atiyah. É do Mukhabarat.

– Estabelecido em França?

– Acho que não. Era um sequestro?

– Muito mal-executado.

Ela bateu com a mão no painel de instrumentos.

– Foda-se – gritou em inglês.

Sam telefonou a Shipley nos arredores de Beaulieu e contou-lhe o que tinha acontecido. O Chefe ficou em silêncio durante vários segundos. Sam viu a tabuleta que indicava Èze e começou a abrandar. Mariam esfregou o rosto com as duas mãos.

– Vá para a casa segura agora – disse Shipley. – Leve a síria consigo. Eu envio uma equipa para se livrar dos corpos, a menos que a polícia chegue primeiro. Tenho uma equipa de apoio que pode tratar deste género de coisa.

– Como é que quer, hã, apresentar isto?

– Tem a certeza de que os sequestradores eram sírios? Não eram franceses? Não eram norte-africanos franceses?

– Tenho a certeza de que pelo menos um foi enviado da Síria. A Mariam reconheceu-o de Damasco.

– E os outros?

– Achamos que eram sírios.

– Na minha opinião, não há grande vantagem em fazer um relatório oficial disto. A nossa equipa está bem, a síria está bem, três sequestradores morreram. Se bem que se isto alguma vez aparece nos registos da polícia francesa, nunca mais poderá voltar a França.

– Aceito essa possibilidade.

– A sua equipa de vigilância que fique a ver se vai polícia ao hotel. A minha equipa vai chegar dentro de umas horas. Se a polícia chegar antes, a síria vai ter de fugir ou de se entregar. – Sam ouviu o Chefe a respirar. – Mantenha-me a par. – E desligou.

*

Mariam tomou um duche enquanto Sam posicionava os Banditos. Elias foi a Èze para recuperar a chave do quarto de Mariam, de forma a que a equipa de limpeza de Shipley pudesse entrar. Trinta minutos depois, Rami telefonou e indicou que a polícia ainda não tinha chegado e que o hotel

estava tranquilo.

Sam ligou a Shipley, que lhe disse que a equipa estaria em Villefranche dentro de duas horas. Chegaria antes das empregadas de limpeza. Shipley disse que depois iriam recolher as roupas e as armas usadas durante o ataque.

– Ponham tudo num saco do lixo – instruiu. – Deixem na rua.

– O que é que eles vão fazer aos corpos, Chefe?

Shipley resmungou.

– Vão levar serras, ácido, umas malas e outras merdas. Mais alguma pergunta?

Depois de desligar, Sam colocou cada peça que tinha usado num saco do lixo e tomou um duche quente. Em seguida, sentou-se no terraço a beber uma cerveja. A noite estava fresca e agradável, a lua grande e brilhante enquanto as nuvens se dissipavam no céu noturno. Ele sabia que ela sabia. Bebeu um trago demorado. Estava na hora.

Ela levou uma garrafa de vinho para o terraço e sentou-se à frente dele, bebendo meio copo em silêncio. Tinha vestido um roupão e tinha o cabelo molhado do duche.

– Onde estão as tuas roupas? – perguntou ele.

– Na casa de banho.

Sam enfiou-as no mesmo saco do lixo, juntamente com as pistolas e o bastão confiscados e colocou-o fora de casa, como Shipley tinha indicado. Regressou ao terraço, onde Mariam estava a servir-se de outro copo de vinho.

– Tenho perguntas para fazer – disse ela. – Começo eu. Depois podes fazer-me as tuas.

– Parece-me bem.

– És da CIA? – perguntou ela.

– Sim.

– Chamas-te mesmo Sam?

– Sim.

– És mesmo do Minesota? Passaste tempo em Las Vegas? O teu passado, tudo isso era verdade?

– Sim.

– Estamos numa propriedade da CIA? Nada dessas tretas de a teres arrendado com o dinheiro de apostas.

– Sim. É uma casa segura.

– Vais mesmo para Damasco a seguir?

– Sim.

– Lutas bem porque foste treinado?

– Sim.

– Porque é que estavas em Paris?

– Para falar contigo.

– Para me tentares recrutar.

Ele acabou a cerveja. Aquilo não era uma pergunta. Ainda assim, ele responderia.

– Sim. Para te recrutar.

– Aqueles homens no hotel não foram plantados por vocês?

– Vocês, sérios, são mesmo paranoicos...

– Responde à pergunta.

– Não. Não os plantámos. Fiquei tão surpreendido quanto tu.

Ela bebeu mais vinho. Ele reparou que ela não tremia. Estava composta. Não era a primeira vez que via morte.

– Preciso de fugir de França?

– Não me parece. Ninguém chamou a polícia. A equipa de limpeza vai a caminho. Saberemos mais daqui a umas horas.

– A química entre nós. É a sério, ou fingiste para me recrutar?

– É a sério. Muito a sério.

– Terminei por ora. – Ela apertou mais o roupão para se proteger das rajadas de vento no alto da colina e olhou para o oceano.

Ele pousou a garrafa vazia e arrastou a sua cadeira para mais perto de forma a observá-la: os olhos, os movimentos das mãos, a posição da cabeça. Tudo isso importaria para o que ali vinha.

– Já tinhas visto homicídios ou matado alguém antes?

– Sim. Há uma guerra na Síria, Sam.

– Mas mais do que isso. Tu própria já o fizeste, não fizeste?

Ela passou a mão pelo cabelo molhado, desenredando um nó.

– Sim. Uma vez. Em Damasco, quando tinha 20 anos. Alguém tentou violar-me. Não consegui. Matei-o. Isso não me incomoda, para o caso de ser essa a tua próxima pergunta.

– Não era. Já sabia isso. Porque é que me falaste do Palácio esta noite?

– Queria que tu soubesses.

– Porquê?

– Porque tenho de fazer alguma coisa.

– Gostarias de cooperar connosco?

– Iria trabalhar contigo?

– Sim. Trabalharíamos juntos em Damasco.

– Conta-me como seria.

*

Ela exibiu por completo a sua sensibilidade levantina de negociação e fez a conversa avançar sem dizer realmente que sim. Ele apresentou-lhe a proposta no terraço: nós damos-te um curso intensivo em França; um plano de comunicações para podermos falar na Síria; uma morada onde nos possamos encontrar em Damasco; uma lista de tópicos sobre os quais queremos saber mais; nós tratamos das questões financeiras.

Ela levantou uma mão.

- Não quero dinheiro. Não sou uma mercenária.
- Compreendo, Mariam, mas vamos mantê-lo depositado. Para depois.
- Eu nunca deixaria a Síria. É desnecessário.

Ele não insistiu. Dinheiro fluiria para uma conta. O departamento financeiro manteria registos. Se ela fugisse ou se reformasse, o dinheiro seria dela. A CIA cumpria as promessas que fazia aos seus agentes. Uma vez, Sam entregara dez anos de pagamentos em atraso que um agente não recebera por ter estado preso por espionagem. Sentara-se em frente ao homem num comboio e deslizara um saco de ginástica cheio de dinheiro para os pés dele.

– Dos seus amigos norte-americanos – fora tudo o que lhe dissera enquanto se afastava.

– Vais mostrar-me como me movimentar para chegar à casa segura sem o Mukhabarat dar por isso?

– Sim. Nós vamos... – O telemóvel vibrou-lhe no bolso. Rami. Eram quase cinco da manhã. Ele estava completamente desperto. – Que se passa?

– A equipa de limpeza acabou de sair. O tipo da receção está mesmo a rressonar. Nem sinal da polícia.

– Obrigado. – Em seguida, ligou a Shipley. – Ela precisa de sair? – perguntou Sam.

– Não. A minha equipa diz que o quarto está limpo.

Olhou para Mariam, que estava encostada à amurada de ferro forjado do terraço, a escrutiná-lo.

– Se calhar ela amanhã sai do hotel e muda-se para aqui, para Èze?

– Ela concorda com isso?

– Sim.

– Está bem. Ligue-me amanhã. – A chamada desligou-se.

– Estamos bem, sim? – perguntou Mariam, e Sam perguntou-se quanto teria ela ouvido da conversa.

– Sim. Devias fazer o *check-out* do hotel amanhã de manhã. Muda-te para aqui, se concordares.

– Como é que lido com isto quando voltar para a Síria?

– Com a tentativa de sequestro? – Ela assentiu com a cabeça. – Não sei se precisarás de fazer alguma coisa. Atiyah vai partir do princípio de que falharam e nada dirá, talvez volte a tentar. Nada disto foi oficial.

– Esse é o problema da Síria, Sam. Nunca se sabe.

Sam redigiu o comunicado depois de Mariam adormecer num dos quartos e enviou-o encriptado para uma lista oficial suficientemente vasta para despertar a burocracia dormente da CIA. A natureza bipolar da Agência nunca deixava de o impressionar: a CIA tinha a capacidade de encontrar e matar uma pessoa no Indocuche, mas por outro lado era impossível achar um agrafador que funcionasse em Langley. E o mesmo se passava com o recrutamento de Mariam.

Procter determinou-se a garantir que a cobiçada agente teria aquilo de que precisava dentro de três dias, quando regressasse a Damasco. O Chefe enviou um mapa de potenciais locais de entregas sem contacto, sítios de sinalização e passagens, e duas casas seguras na Cidade Velha. Havia resmas de imagens por satélite. Tudo tinha de se encaixar no padrão de vida de Mariam. Sam teria de o construir com ela ali em Èze. Por sorte, uns dias eram toda uma vida para se passar com um agente.

Como não conseguia dormir, preparou café. Eram sete da manhã. O sol tinha começado a espreitar acima do horizonte. Enquanto esperava que os grãos acabassem de infundir a água, sentia o cheiro a sal do mar e ouvia as ondas a rebentarem nas rochas lá em baixo. Baixou o êmbolo, serviu-se de uma chávena e saiu para o terraço para assistir ao nascer do sol. Apenas o som das ondas e de uma buzina solitária de um carro perturbavam as ruas matinais tranquilas. Bebericou o café durante uns minutos até voltar para dentro, onde abriu os mapas de Procter num *tablet* seguro.

Depois havia a burocracia entorpecedora de Langley. Ele tinha pedido um formador que ensinasse técnicas de RDV a Mariam. Não havia nenhum disponível. Procter tinha ido aos arames e usado a palavra *bosta* num comunicado oficial. Dissera temos aqui uma espia de primeira apanha, num país do primeiro escalão, ainda por cima conselheira do Palácio, e vocês não nos arranjam alguém? Mas que merda é esta? Isso não tinha resultado. Sam e os Banditos teriam de se encarregar da questão.

Mariam emergiu do quarto e começou a remexer nos armários antes de

os fechar com muito ruído.

– Tudo e mais umas botas, à exceção de chá – disse ela, após o que se serviu de uma chávena de café e se sentou no sofá ao lado de Sam.

– Antes de começarmos – disse ele. – Uma promessa. Dizemos a verdade um ao outro acerca de tudo. Nada de paredes. Nada de meias verdades. Nada de mentiras.

Ele fazia sempre aquele discurso preparatório, mas, por norma, os futuros espões não estavam de roupão. Avaliou então os olhos de Mariam, em busca de decepção, de coragem. Viu honestidade. Viu medo. Isso significava que ela compreendia o peso da sua decisão. Ela correspondeu ao seu olhar.

– Prometo, Sam.

– Eu também, Mariam.

– Então, por onde é que começamos?

Passaram quatro horas a rever a vida dela: família, rotinas de trabalho, amigos, restaurantes frequentados, inimigos, risco de chantagem. Consultaram os mapas. Ela indicou-lhe o seu apartamento, o Palácio, a casa dos pais.

Ao início da tarde, Mariam foi à aldeia comprar sanduíches e telefonar a Bouthaina para lhe comunicar a falta de progresso com Fatimah. Sam abriu a base de dados de comunicados encriptados no seu *tablet* e viu a boa notícia:

1. DIVISÃO DO MÉDIO ORIENTE CONCORDA COM AVALIAÇÃO DE COMANDANTE GOLDJAGGER DA MOTIVAÇÃO E PROGRESSÃO DO INDIVÍDUO A SER RECRUTADO
2. RECOMENDA GERAÇÃO DE CRIPTÓNIMO DEPENDENDO DA CONCORDÂNCIA DA CONTRAVIGILÂNCIA
3. FICAMOS A AGUARDAR O PLANO DE COMUNICAÇÕES E OPERAÇÕES DE GOLDJAGGER.

Burt O. Goldjagger era a “alcunha” de Sam, o nome de código usado em comunicados escritos para evitar que o seu verdadeiro nome surgisse em documentos. Com frequência, esses criptónimos eram ridículos. Sam ouvira dizer que eram gerados por um programa de computador, que recorria a uma lista telefónica britânica dos anos 1950. Procter achara graça ao nome e passara a chamar-lhe Jaggers. Sam viu outro comunicado, da Contravigilância, CV.

1. DIVISÃO DE CV CONCORDA COM RECRUTAMENTO E TAMBÉM AGUARDA PLANO DE COMUNICAÇÕES E OPERAÇÕES
2. AGENTE EM RECRUTAMENTO ESTÁ ENCRYPTADA COMO BL/ATHENA

Athena era perfeito. Muito melhor do que o seu último recruta, cujo nome encriptado era Slimer.

Telefonou a Elias e pediu aos Banditos que fossem ter consigo a Nice na manhã seguinte, para o curso intensivo de detecção de vigilância de Mariam. A antiga cidade, com os seus espaços apertados, era o terreno mais semelhante a Damasco que havia ali no sul de França.

Enviou um comunicado a Procter com a proposta de um plano de comunicações e perguntas de seguimento para a Chefe, na sequência do que discutira com Mariam nessa manhã. Anexou a imagem de um mapa que tinha desenhado com ela, o qual representava o percurso que ela fazia a correr por Damasco e pelo monte Qasioun acima, com vista para a cidade. Queria saber se Procter conseguiria arranjar um local de entregas adequado na montanha. Enviou o comunicado, fechou a base de dados e tornou a encher a chávena de café.

Mariam regressou com o almoço: um tabuleiro de sanduíches de salame e manteiga, água engarrafada, salada e quiche. Explicou-lhe que Bouthaina lhe dera instruções para que tentasse uma última reunião com Fatimah. Isso era uma benesse. Dava-lhes mais tempo. Enquanto comiam, ele explicou-lhe que tinha pedido um local de entregas a Damasco.

– Podemos ir a um trilha aqui perto, talvez logo à tarde, e eu mostro-te como se fazem as entregas – disse ele.

Ela bebeu um pouco de água, a pensar em qualquer coisa.

– O que se passa? – perguntou ele.

– Podemos falar um pouco mais acerca do Palácio? Isso ajuda-me a compreender que informação é útil para vocês.

– Claro.

– Por exemplo, e se a Bouthaina facilitasse transações financeiras estranhas para a Guarda Republicana? – disse Mariam. – Isso seria interessante?

– Isso seria muito interessante.

Mariam bebeu um golo de água.

– O Rustum foi ao gabinete da Bouthaina aqui há uns meses para ter uma reunião. Isso nunca aconteceu, nem antes, nem depois. A Bouthaina inclui-me em praticamente tudo, mas dessa reunião tratou só ela. Depois, disse-me porquê. Não devia ter-me dito, mas disse: a Guarda precisa de arranjar equipamento de forma clandestina. As sanções estão a surtir efeito e eles não confiam nas empresas-fantasma do SSRC para gerir transações sensíveis.

– Ela referiu o SSRC? – perguntou Sam.

– Sim.

– Interessante.

Mariam continuou.

– Ela cria as empresas-fantasma, usando uma rede de empresários sírios amigáveis. A maioria está em Beirute. Alguns estão em Amã, uns quantos

no Chipre, no Golfo. Eu ajudei a concretizar seis transações. Não tenho uma ideia do total.

– Todas exclusivas do Palácio? – perguntou ele.

– Acho que sim. Os fundos vêm de contas bancárias associadas à Guarda Republicana e são colocados em várias contas geridas pela Bouthaina no Palácio. Depois enviamos o dinheiro para empresas-fantasma, que, supostamente, compram algo para a Guarda. Isso deixa-a nervosa. Mas a parte mais interessante é a seguinte. Fiz alguma pesquisa sobre uma das empresas-fantasma. As buscas na Internet não deram em nada. Não têm um *website*. Mas procurei numa base de dados do Palácio e verifiquei que uma empresa-fantasma idêntica foi estabelecida em 2002, para realizar negócios para o SSRC.

– Já sei onde vais chegar com isso – disse Sam. – Armas químicas. Mas podem estar a usar a mesma empresa-fantasma para comprar outra coisa. Canos, parafusos, tesouras.

Mariam assentiu com a cabeça.

– É verdade, mas eu telefonei para a empresa, já que estava curiosa. Disse-lhes que era do Departamento Financeiro... perguntei-lhes se podiam indicar-me novamente os artigos na lista de materiais. Disse-lhes que o *scanner* não tinha feito um bom trabalho. Era um artigo: álcool isopropílico. É necessário para a produção de gás *sarin*. Sei disso porque o gabinete da Bouthaina teve de responder a perguntas acerca de os europeus banirem as exportações químicas para a Síria.

– Sabes quanto dinheiro foi transferido para essa empresa-fantasma? – perguntou Sam.

– Dez milhões de dólares norte-americanos.

– Tens sugestões quanto a como poderíamos ter acesso à lista completa de entidades-fantasma e das transações entre essas firmas e o Palácio?

– Suponho que esteja no computador da Bouthaina.

– Ela alguma vez te deixa sozinha com ele? – perguntou Sam. Valia a pena o risco, ele sabia, mas era um pouco difícil ser objetivo estando ela enroscada no sofá a rever os mapas com aquela roupa interior branca a espreitar.

*

Conduziram por Beaulieu-sur-Mer e estacionaram na ponta norte de Saint-Jean-Cap-Ferrat. Vestiram roupas casuais, como se fossem dar um passeio vespertino. Mariam estava de calças de ganga, uma camisola às riscas e ténis brancos. Ele ia de calças de ganga e uma *t-shirt* cinzenta. Os caminhos empoeirados que circum-navegavam a península seriam uma substituição aproximada de um local de entregas num trilho de corrida em Damasco. A tarde ia avançada, não havia nuvens no céu e os caminhos tinham gente, mas não estavam cheios. Um casal jovem, com as mãos nos

bolsos traseiros um do outro, passou por eles. Sam e Mariam conversavam em árabe.

– Não te podes apaixonar pelos teus agentes porque isso te torna menos objetivo, não é? – perguntou ela.

– É verdade.

– E o que é que acontece se a CIA descobre o nosso beijo?

– Havia de correr tudo bem. Iam fazer muitas perguntas. Se calhar submetiam-me ao políg... – Sam calou-se. Um casal a empurrar um carrinho de bebé surgiu de uma curva à frente deles e seguiu caminho. Continuou: – Se calhar submetiam-me ao polígrafo. Mas ficaria tudo bem. Um beijo é diferente de...

Ela completou a frase em inglês:

– Sexo.

A passagem de árabe para inglês desconcentrou-o.

– Sim. Por isso já seriam capazes de me despedir. Uma investigação total, esse tipo de coisa. Conheço um tipo que dormiu com uma agente. Deixaram-no no banco durante dois anos.

– No banco? O que é que isso quer dizer?

– Quer dizer que ficou sentado a uma secretária sem fazer nada.

– Estou a ver.

Continuaram a caminhar e ele passou para um assunto menos estimulante: entregas sem contacto.

– Um bom local – explicou –, equilibra harmoniosamente disfarce físico e movimento. O primeiro, porque tem de estar escondido; o segundo, porque o agente e o supervisor precisam de passar por lá, idealmente sem alterarem a velocidade, para recuperar o objeto. As duas coisas estão sempre em tensão. Quanto mais movimento, menos escondido estará. Quanto mais ocultado um objeto, mais entrecortado será o movimento. Uma vez usei um gato empalhado atirado para o chão perto de um estaleiro de obras. O agente enfiava papéis e mensagens num compartimento que outrora tinha contido intestinos. Ninguém lhe tocava. Mas estava demasiado oculto; a área tinha outro animal atropelado e o agente não conseguiu encontrar o certo, o que lhe interrompeu o movimento e acabou por o obrigar a abandonar a recolha.

Ela resfolegou.

– Não podes estar a falar a sério.

– Estou.

– Para mim, nada de gatos, por favor.

Ele abanou a cabeça.

– Nada de gatos, prometo. Acho que vamos usar lixo, talvez um caixote forrado com adesivo para segurar papel lá dentro, com uma tampa que possa levantar.

Ele encontrou um local promissor no lado ocidental da península: um caixote de lixo perto de um pequeno muro de pedra, com lixo espalhado à

volta. Encontrou uma lata e tirou-lhe a tampa com um canivete que levava para o passeio.

– Isto é o melhor que vamos encontrar – disse , remexendo no lixo até encontrar um guardanapo. Enfiou-o na lata e atirou a lata para o monte. Ela tinha uma expressão azedada enquanto observava o lixo.

– Tudo isto é menos glamoroso do que se pensa – avisou ele. – É lixo e gatos mortos, mais do que qualquer outra coisa.

*

Praticaram durante duas horas, parando sempre que algum caminhante se aproximava. Sam gravou-a no seu telemóvel enquanto ela ia repetindo a ação de depositar e recuperar conteúdo da lata. Mariam aprendia rapidamente, e o Krav Maga ajudava. Ela tinha movimentos fluidos. Tinha movimentos sólidos. Movia-se com intenção. Ele filmou-a a partir de todos os ângulos e, ao final da tarde, os movimentos dela completavam o disfarce: era apenas alguém a correr que parava para atar o ténis, não demorando mais de três segundos.

Ao pôr do sol, ela disse que já estava farta, mas ele insistiu em mais uma recuperação. Filmou-a por trás, como se fosse um agente do Mukhabarat a segui-la. Ela correu até ao monte de lixo, abrandando ao aproximar-se. Quando o alcançou, dobrou-se pela cintura, com as pernas retas como soldados, o corpo a dobrar-se num ângulo de 90 graus enquanto baixava o peito, com as nádegas espetadas.

As calças de ganga eram justas e distraíam-no imenso da avaliação da ação. Ela olhou para trás e fitou-o com um sorriso malandro. Depois endireitou-se e fingiu beber um golo da lata. Piscou-lhe o olho.

– Acho que ficamos por aqui – disse ele.

Fizeram a segunda receita da avó dele, um *cacio e pepe* – *bucatini* coberto de 20 euros de queijo *pecorino* e pimenta preta moída. Acenderam umas lanternas e distribuíram-nas pelo terraço. Mariam estava a usar um vestido vermelho às flores, sandálias e umas argolas de ouro, com o cabelo a cair-lhe pelas costas, os caracóis indomados.

Ela descobrira a adega depois de terem revisto os vídeos do seu treino de recuperação e depósito de documentos e escolhera um tinto da Toscana. Sam perguntara se era caro. Ela revirou os olhos.

– Não é isso que importa – disse ela. – Queremos encontrar algo que fique bem com a massa. Este *Sangiovese* vai servir.

– Então é caro?

– Sim.

– Ótimo.

Outro revirar de olhos.

– Obrigada por teres ido comigo ao quarto do hotel – disse ela, depois de se terem sentado e brindado com os copos. – Por me teres salvado. Hoje à tarde apercebi-me de que não o tinha dito.

– Tu terias feito o mesmo por mim.

– Eu sei. Ainda assim.

Comeram em silêncio durante alguns momentos, e depois ela pousou os talheres.

– Estou com medo. De voltar. De dar o primeiro passo a sério.

– Vamos fazer isto juntos – disse ele. – Eu vou proteger-te.

*

Mariam fitou aqueles olhos e, nesse momento, percebeu por que razão o queria. Num mundo estranho, aquela era agora uma das suas relações mais íntimas. Ele sabia tudo acerca de si, tinham derramado sangue juntos e ele conhecia o seu segredo mais sombrio. Em Paris, ela sentira a química, mas agora era algo mais: uma intimidade emocional pura e por consumir. Ela

queria mais. Queria tudo.

– Eu sei que vais proteger-me – disse ela. – É o teu trabalho, não? Recrutar espões, obter os segredos deles. Mas o que acontece se me apanharem?

– Mariam, não...

– Deixa-me acabar. Se eu for apanhada, vão torturar-me e depois matam-me. Tu voltas para casa. Eu arrisco tudo. Tu não. Isto é um facto.

– Incomoda-te.

– Claro. A nossa relação... a nossa parceria... é especial. Não sei mesmo como descrevê-la. Simplesmente é especial. – Ela inclinou-se para a frente, apontando para o coração. – Por isso, quero mais do que o típico espão recebe.

Ele mexeu-se na cadeira e olhou para o fundo do desfiladeiro, para o mar iluminado pela lua. Rodopiou distraidamente o que lhe restava do vinho no copo e ela reparou, enquanto ele olhava como que hipnotizado para o mar que parecia tinta, que ele tinha viajado para algum outro lugar. Sam passou as mãos pelo cabelo e depois pousou-as de novo na mesa. Mariam via o suor a manchar a toalha. Ele fitou-lhe os olhos para confirmar a confiança antes de começar a falar.

– Vou contar-te uma coisa que mais ninguém sabe. Isso ajuda? – Ela disse que queria saber.

– Tenho três irmãos. Mas, em tempos, houve um quarto, o Charlie. Era o mais novo. Quatro anos mais novo. Um miúdo divertido e maluco, dizem agora os meus pais, mas eu já nessa altura sabia. Cabelo louro, grandes olhos azuis, um sorriso sempre pronto. Fazia caretas tresloucadas e dançava sempre que havia música. Era a animação de qualquer festa. Eu e o Charlie sempre nos demos bem. Divertíamos-nos juntos. Eu tinha idade suficiente para tomar conta dele, ele tinha idade suficiente para nos divertirmos.

Ela viu o maxilar dele cerrar-se, tal como o dela quando tinha vontade de chorar mas se obrigava a aguentar. Manteve-se em silêncio.

– Lembro-me de uma ocasião. O Charlie tinha 4 anos, 4 anos e meio. Eu tinha uns 8. O nosso irmão mais velho, o Danny, estava a estudar para um teste de matemática e não estava a perceber. Começou a chorar enquanto o meu pai tentava ajudá-lo a resolver os problemas. O meu pai sugeriu que ele se acalmasse um pouco, que fizesse uma pausa, e saiu da cozinha. Seja como for, o Danny ficou ali à mesa a chorar. O Charlie foi ter com ele, passou os olhos pelo manual como se conseguisse entender aquilo. Fechou o livro, passou o braço à volta do Danny e disse-lhe que estava tudo bem, que ele ia acabar por perceber. O miúdo de 4 anos a reconfortá-lo. E o Danny encostou a cabeça ao ombro do Charlie.

Sam riu-se, limpou o canto de um olho e bebeu um pouco de vinho.

– Então o Charlie mete um dedo na boca e lambe-o, deixa-o bem molhado, e depois enfia-o na orelha do Danny, dizendo-lhe que os problemas de matemática são fáceis, ele vai ver.

Mariam riu-se e quase se engasgou com o vinho.

– O que é que o Danny fez?

– Gritou e correu atrás do Charlie. Chumbou nesse teste de matemática, se bem me lembro.

Ela viu o maxilar dele a cerrar-se de novo. Passaram vários segundos em silêncio. Insetos zumbiam na ladeira da colina e ouviam-se murmúrios de gente a subir das ruas medievais estreitas.

– Foi uns meses depois disso – disse Sam. – Eu e o Charlie éramos os únicos em casa. A minha mãe precisava de ovos da mercearia. Uns dez minutos a pé, estávamos sempre a fazer isso. Levámos uma bola de beisebol connosco. Íamos passando a bola um ao outro, o Charlie a pedir para eu lançar umas bolas bem alto, que corresse à frente e lhas atirasse. Aquela estrada nunca era movimentada. Ainda assim, eu sabia que era má ideia. Mas ali estava o Charlie, a fazer beicinho, a gritar. Finalmente, cedi, corri uns seis metros. Tínhamos chegado ao cimo de uma colina, atrás do Charlie era a descer. Estávamos na berma, com uns pinheiros grandes ao lado. Atirei a bola bem alto, um bocado irritado porque o Charlie estava a ser uma peste. Bateu num ramo e foi para a estrada. Eu nem vi o carro. Uma carrinha de caixa aberta preta, a avançar a bom ritmo colina acima. Foi rápido, os médicos disseram que ele não sofreu. Eu fiquei ali com ele na estrada, não faço ideia durante quanto tempo. Ele tinha os olhos abertos, como se ainda estivesse a ver a bola. O idiota do condutor de mãos na cabeça, a andar de um lado para o outro, a resmonear. Nunca encontraram a bola. Eu deixei-a lá, nunca falei da bola a ninguém.

Foi a vez de Mariam cerrar o maxilar.

– A culpa não é tua, sabes. Tu não o atropelaste.

Ele inspirou profundamente e encheu novamente o copo de vinho. A massa estava fria.

– O melhor é aquecermos isto no fogão outra vez – disse ele.

Na cozinha, ela beijou-o.

– Obrigada por me teres contado – disse ela.

Estavam famintos e comeram diretamente da panela, a trocarem piadas acerca da sua luta em Paris, do movimento sugestivo que ela fizera ao deixar um documento na lata e de algo que ela entrevira quando tentara tirar-lhe a camisa na outra noite.

– Deixa-me ver – pediu, a apontar para a omoplata esquerda de Sam. – Não consegui perceber bem na outra noite. Isso ainda é um segredo.

Sam levantou a camisa pelas costas, expondo a palavra *Clareza* tatuada na omoplata esquerda.

– O que é que isso quer dizer? E porque é que tudo o que está por trás do *e* está descolorido e merdoso? – perguntou-lhe em inglês.

– Queres dizer tortuoso?

– Não – respondeu ela, com um sorriso ténue.

A linguagem corporal esquiva indicava que ele já tinha feito aquele

discurso antes e que o detestava. Ela passou uma mão pelas costas dele. Eram bonitas e fortes. À exceção da tatuagem, de que ela não gostava.

– A Clara era a minha namorada na escola secundária – disse ele. – Uma noite, embebedámo-nos. Fomos a um salão de tatuagens e tatuámos os nomes um do outro nas costas. Quando acabámos, eu não tinha dinheiro para tirar a tatuagem toda, por isso pedi a um tipo que tirasse o *a* do final do nome dela e completasse a palavra *Clareza*. Na altura, pareceu-me profundo.

Ela riu-se e depois resfolegou. Um fio de *bucatini* quase lhe escapou da boca, e uns quantos pedaços de queijo caíram-lhe no vestido. Ela limpou-os, a rir-se.

– Eu paguei para que me apagassem a tatuagem de Assad que tinha na nádega. Valeu cada libra síria que custou. – Piscou-lhe o olho. Ele riu-se e beijou-a, com a confiança e o à-vontade a regressar, pelo que ela percebia, enquanto a sua mente se distanciava do irmão.

A rir, foram à adega em busca de mais vinho.

*

Quando já tinham praticamente acabado a garrafa seguinte, Mariam perguntou com que frequência se veriam em Damasco.

– Isso vai variar muito – disse ele. – Mas o ideal é que seja apenas quando necessário. Obviamente, é perigoso encontrarmo-nos lá. Para tua segurança, devemos comunicar o mais possível através do local de entregas. A seu tempo, vamos arranjar-te um dispositivo.

– E o treino que me vais dar amanhã? – perguntou ela.

– Rotas de deteção de vigilância. RDV. Como garantires que o Mukhabarat não te está a vigiar antes de nos encontrarmos. Também vamos fazer entregas em andamento. Há muito a tratar.

Sam não descreveu a náusea que sentia por ela ir voltar lá para dentro.

– Então temos uns dias e depois, quem sabe – disse ela, sem fazer pergunta alguma.

Ficaram sentados no sofá do terraço, deixando-se cair num silêncio agradável a ver a linha costeira enquanto esvaziavam os seus copos e se aninhavam um no outro. Por um momento, era como se fossem um casal normal. Assim ficaram durante algum tempo, absortos na noite negra e vasta, até ele a beijar e ela lhe corresponder, e em breve a sensação muito natural de a levar para o quarto de uma casa segura da CIA apoderou-se dele, as bocas unidas, os lábios a moverem-se para rir, beijar ou morder, e estavam junto à cama quando ela despiu o vestido e a roupa interior e ele a tentar acompanhá-la, quase a tropeçar nas calças de ganga como um idiota, e ouviu aquele resfolegar e sentiu as mãos que o agarravam enquanto ele puxava o corpo dela para si e caíram na cama, a rir como amigos que tinham acabado de descobrir que, de alguma maneira, podiam

ficar mais próximos, que tinham acabado de descobrir o segredo, que não acreditavam que lhes tivesse escapado durante tanto tempo.

– Oh, foda-se – disse ela em inglês –, foda-se, *habibi* –, com a cabeça na almofada, quando ele ficou dentro dela.

Ele encostou a testa à dela e beijou-a. A pele dela brilhava e o cabelo espesso, molhado na testa, colava-se-lhe ao rosto e à almofada, o corpo dela movia-se por baixo do dele, tudo em sintonia, aquele batom por todo o lado, uma cena de crime. Ele sentia-se quente e só lhe cheirava a alfazema, só ouvia o retinir dos brincos dela ao encontrarem um ritmo. Escapou do momento apenas uma vez, para se dar conta de que lhe parecia bem e normal estar com Mariam Haddad, funcionária do Palácio da Síria, a agente recrutada da CIA cujo criptónimo era Athena, violando o código de conduta da CIA e, provavelmente, uma dúzia de leis federais. Mas Mariam estava por cima dele, com a cabeça atirada para trás, as mãos de ambos unidas e brancas, e a ideia evaporou-se.

Ela adormeceu primeiro, quando a luz da aurora começava a entrar pelas janelas. Em vez de dormir, Sam preocupava-se. Pensava na sua espia a fazer uma entrega sem contacto. A obter informação. A fazer uma RDV. Em Damasco. Os seus olhos divisaram o sutiã abandonado e retorcido no chão. Que raio fui fazer?

Mariam virou-se e aproximou-se mais dele, ainda a dormir, a respirar profunda e tranquilamente.

Andaram pela casa segura a recolher roupas, a arrumar o quarto, a raspar restos de massa de panelas. Acerca de terem feito amor, nada disseram. Tinha sido natural, divertido, normal, de uma forma bizarra. Ele fez ovos e torradas e beberam café no terraço, observando as ondas a abaterem-se nas rochas enquanto o calor subia pela colina.

Sam reviu no *tablet* os mapas de Damasco que Procter lhe enviara enquanto Mariam tomava duche. Ela apareceu na sala a secar o cabelo com uma toalha e perguntou a que horas iam para Nice. Sorriu-lhe enquanto enrolava a toalha à volta do cabelo molhado.

– Temos uns dez dias de trabalho para fazer em dois, está na hora de te vestires, *habibti*.

Ele não planeara chamar-lhe *habibti* – querida, meu amor –, simplesmente saiu-lhe, mas não passou despercebido. Ela sorriu-lhe por um momento e depois foi vestir-se.

Passaram a manhã a beber café enquanto avançavam pela parte teórica da deteção de vigilância. Mariam era uma aluna perfeita – atenta, curiosa, ávida por aprender. O café, porém, era alvo de desprezo.

– Isto é alcatrão, Sam – disse ela, a franzir o rosto enquanto bebia pequenos golos. – Isto é uma bebida de selvagens.

Ele ensinou-lhe tudo: a preparação básica, os movimentos, identificar repetições, como incorporar a RDV no dia a dia. A aula teórica, conforme sabia pela sua experiência na Quinta, só ia até certo ponto. Era preciso ir para a rua. Ela estava suficientemente perto de si para ele lhe sentir o cheiro do cabelo e ver o contorno dos seios na *t-shirt* justa e... Para, idiota, isto é a preparação dela para Damasco. É altura de te concentrares. Só tens uma oportunidade de fazer isto.

– Vamos ter de pôr em prática algumas destas ideias aqui, para que saibas – disse ele, apontando para a linha costeira na direção de Nice. Ela acenou com a cabeça e perscrutou os mapas, com os joelhos a balançar, pronta para a ação. – Está na hora.

O telefone dele tocou enquanto ela punha as suas coisas na mala e calçava uns ténis no quarto. Não reconheceu o número.

– Estou?

– É a Procter.

– Chefe, que se passa?

– Acabei de aterrar em Nice. Foi uma coisa espontânea, por isso não pense que não confio em si, só quero conhecer a nossa miúda antes de ela desaparecer em Damasco. O seu comunicado previa treino de RDV para hoje. Conte comigo, Treinador.

*

Sam tinha criado várias rotas a atravessar a Vieille Ville de Nice, um labirinto de ruas medievais que se assemelhava ao terreno da capital síria, com as gelatarias, os turistas de chapéu e os edifícios em tons pastel a fazer as vezes dos bombardeamentos, das milícias e do caos generalizado de Damasco. Os Banditos e Procter representariam a oposição. Damasco seria infernal; eles seriam os demónios ali. Tinham artilharia pesada: auriculares encriptados que pareciam *AirPods* da Apple, várias *Vespas* alugadas, disfarces – bigodes, panças falsas, roupas e sapatos diferentes, maquilhagem, um *microdrone* quase silencioso (proibido para operações aéreas em França, mas que se lixasse) com imagens de alta definição e térmicas, minicâmaras embutidas em óculos de sol, bolsas e chapéus ligadas a uma hiperligação encriptada, que enviava tudo por satélite para a nave-mãe: uma carrinha de entregas operada por Procter. Sam e Mariam estavam numa *brasserie* no limite ocidental da cidade, a rever um mapa turístico da cidade e a debater a rota.

Definiram uma. Longa, cansativa, tal como seria em Damasco.

Ele decidiu não lhe falar do *drone*. Uma decisão cruel, indecente, na verdade.

*

Enquanto planeavam as rotas, Mariam apercebeu-se de que adorava aquilo, que queria mais daquilo apesar de ter receio de voltar para casa. Ao fim de 20 minutos, detetou um dos vigias vestido de vadio – tinha uns sapatos limpos e novos, via-se que não era um vadio, diria depois ao ser interrogada – numa posição fixa em frente a um Best Western, e depois obrigou dois carros que a seguiam a ficar atrás de um comboio de mercadorias na subida até ao castelo. Ela sabia que tinha instinto para aquilo. Pressentia a oposição a trabalhar. Talvez isso fosse fruto da paranoia síria, de viver num sítio onde era sempre possível estar sob vigilância. Aquele tremor novamente, um calafrio pela coluna abaixo. As suas buscas por vigilância nada revelaram. Três paragens, meia dúzia de voltas, avançou pelas pequenas ruas apertadas e decidiu que precisava de

acalmar as coisas. Perto do Cours Saleya passou por uma igreja barroca amarela e soalheira, coberta de esculturas elaboradas. Tinha a certeza de que quem a seguia desaparecera, mas a impressão permanecia. Entrou num restaurante italiano junto à igreja e foi até ao pátio das traseiras.

Uma velha abriu uma janela e começou a pendurar roupa. Mariam olhou para cima e viu um brilho metálico no céu azul. E então a impressão regressou, com o coração a latejar-lhe contra as costelas. Se aquela coisa era o que julgava, estava a ser usada para mobilizar as equipas. Ela poderia evadir-se ou identificar operadores a pé, mas eles limitar-se-iam a retomar a vigilância depois.

Durante um segundo, ficou com a garganta seca, começou a suar; depois saiu pela porta dos fundos. Na rua quente, pressentiu de imediato os vigilantes a regressarem. Executou uma série de voltas rápidas perto de uma catedral e calculou que teria uns 30 segundos, como Sam o descreveria, *no intervalo*. Livre de vigilância. Meteu-se numa loja de *souvenirs* e pagou em dinheiro uma *t-shirt* grande cujo destinatário era o público anglófono (NICE IS NICE), um boné (I ♥ NICE) e um lenço amarelo barato. Enfiou-os na bolsa ao mesmo tempo que a sua contagem chegava a 20 e voltou para a rua.

Misturou-se com uma multidão cerrada perto de uma biblioteca e depois saiu para um bairro de ruas secundárias tranquilas com restaurantes vazios de *kebab*, comida indiana e italiana. Avançava bem, agora, sabia quando acelerar, quando parar e quando se demorar, e estava muito perto do sítio onde tencionava despistar a coisa que zumbia acima dela, e que sabia agora ser um *drone* de vigilância incrivelmente pequeno.

Entrou num antro de ruas tão estreitas como as que havia em Damasco, com toldos garridos de restaurantes que se tocavam no meio da rua, tapando o céu. À medida que avançava, pôs o chapéu, vestiu a *t-shirt* horrenda e passou o lenço à volta do pescoço. Quando emergiu da ruela coberta, a sensação de perseguição desapareceu. Avançou para a “casa segura”, um café chamado René Socca. Começou a usar o terreno a seu favor: virou-se, parou, executou o que lhe parecia ser uma curva muito boa – ninguém a seguia – e por fim passou o Socca e foi sentar-se noutra café, três quarteirões mais a norte. Estava livre. O *drone* fora-se, em busca de uma mulher de *t-shirt* azul-escura e calças beges, em vez da turista árabe mais pirosa do sul de França. Quando recomeçou de novo, fez as últimas verificações, procurando em cada transeunte os suspeitos que vira antes, a olhar para carros estacionados sem virar a cabeça.

Indetetável. Estou indetetável, disse a si mesma.

Encontrou uma mesa e pediu um copo de vinho.

Sam e Procter encontraram-na quando ia no segundo copo, ainda de chapéu, com a *t-shirt* impossivelmente horrorosa e um sorriso de vencedora.

– Já lá vão 51 minutos – disse ela, a sorrir, enquanto Sam e Procter se

aproximavam. – Vocês fiquem com a mesa que eu vou à casa de banho mudar de roupa. Não aguento nem mais um minuto a usar esta coisa.

Ao passar por eles, pareceu-lhe que Sam estava com ar de querer beijá-la.

*

O grupo voltou para a casa segura para fazer o ponto da situação. Procter levou a sua mala de viagem, dizendo que precisava de um sítio onde ficar e que usaria um quarto disponível ou um sofá-cama merdoso, não era picuinhas. Sam perguntou-se o que iria Mariam pensar dela.

Os Banditos levaram a comida.

– Entrega da Pizza Hut – gritou Elias enquanto os irmãos abriam a porta com várias caixas de piza. Por sorte, estavam só a gozar com ele. Na verdade, tinham encontrado um restaurante siciliano decente em Villefranche.

– Um primeiro dia fantástico, Mariam – disse Procter. – Amanhã fazemos tudo outra vez até ficares com os pés a sangrar.

Mariam arqueou uma sobranceira e depois riu-se.

Procter chamou Sam à cozinha enquanto os Banditos ensinavam Mariam a tornar as suas verificações visuais menos óbvias ao executar uma viragem. Ele seguiu a Chefe.

– Acho que temos o plano de comunicações definido – disse Procter. Abriu o *tablet* e explicou-lhe que tinham tirado uma quantidade exaustiva de fotos ao longo do trilho de corrida de Mariam. Procter parou numa imagem que tinha chamado a atenção de Sam. Havia uma bifurcação no trilho, com um muro de contenção a desmoronar-se no meio, ao longo do qual havia lixo amontoado. Era remoto e consistente com o padrão de vida dela. – É aqui. Usamos uma lata, como vocês fizeram nos treinos. Usamos os sinais de que falámos. Ela levanta as persianas do apartamento até meio se tiver deixado a entrega. Nós fazemos um *graffiti* em frente ao apartamento dela. Fazemos isto durante algum tempo, ficamos todos à vontade e depois tentamos arranjar-lhe um dispositivo.

Sam assentiu com a cabeça.

– Ótimo, vou explicar-lhe o procedimento. – Procter pôs o *tablet* de lado e pediu-lhe a avaliação do caso enquanto ia carregando em botões da máquina de café. Sam tinha usado a cafeteira. Procter insistia em usar a máquina. Esta apitou duas vezes e depois desligou-se. – Merda – insurgiu-se a Chefe, batendo no compartimento da água.

– Até agora ela tem sido excelente. – Sam lembrou-se de Mariam a sorrir enquanto se debruçava e fingia bebericar da lata. – Ótimos movimentos, ótimos instintos. Nasceu para isto.

– Esperemos que consiga transferir essas capacidades para a cidade D – disse Procter.

Sam queria mudar de assunto.

– Há novidades, depois do telefonema para Ali?

– Nada. Os sírios continuam a negar qualquer conhecimento do paradeiro da Val e ofereceram-se para nos ajudar a localizar os criminosos ou terroristas que a raptaram. Cabrões. – Procter bateu de novo na máquina de café. A máquina finalmente silvou e pouco depois um fio de café começou a encher a chávena. Procter espreitou na direção de Mariam e dos Banditos para garantir que estava a sós com Sam. – O Bradley diz que o nosso presidente ficou bastante exaltado por causa disso na última reunião do Grupo de Trabalho da Síria. Está toda a gente farta dos jogos deles.

Foi a vez de Sam se virar para se assegurar de que os quatro sírios permaneciam na sala de estar, sem poderem ouvi-los.

– Quanto mais tempo retiverem a Val, mais provável será que estejam a apertar com ela para obterem informação. Temos de fazer alguma coisa.

– Eu sei, eu sei. E eu estava a falar a sério. Se Ali fizer mal à Val, arrancamos-lhe os tomates.

*

Uns dias com um espião altamente colocado e valioso era algo raro, uma dádiva dos deuses dos serviços secretos.

Por isso, Procter e Sam bombardearam Mariam com perguntas enviadas num comunicado de requerimentos de Langley. As questões urgentes sobre as quais a Casa Branca, a Divisão do Médio Oriente e os analistas queriam obter informação: como funcionava o seu gabinete, que opiniões tinha o presidente sírio acerca da guerra, quais os planos e as intenções dos funcionários seniores do exército e dos serviços de segurança. A conversa era descontraída. Mariam e Procter pareciam desfrutar da companhia uma da outra. A Chefe tinha-a impressionado com uma piada obscena acerca da virilidade do presidente, a que não tinham faltado gestos, muitos dos quais biológica e anatomicamente impossíveis. Mariam resfolegara, encantada.

Todos foram para a cama cedo, exaustos pelo treino.

– Amanhã há mais circo – disse Procter. – Muito que fazer.

No corredor, depois de Procter ter fechado a porta, Mariam deu um beijo na testa de Sam.

– Gosto dela, Sam – disse-lhe. – E desta equipa. Parece-me certa.

*

O dia seguinte foi brutal, quente e estafante.

– Mas a miúda consegue sentir a rua – disse Sam a Procter, dentro da carrinha de vigilância, enquanto Mariam voltava a despistar o *drone* e os Banditos a perdiam algures a leste do castelo, ao fim de seis horas do segundo ensaio. Procter observou o vídeo da entrega e declarou-o *parfait*

(PAR-FAT). Sam reparou que Yusuf estremecia ao ouvir a Chefe destroçar a sua segunda língua. No final do dia, a Chefe deu um grande abraço a Mariam.

– Vamos fazer um belo trabalho em conjunto, Mariam – disse-lhe antes de se ir embora, para regressar à Síria.

Mariam tentou, uma última vez, contactar Fatimah. Não conseguiu, e telefonou a Bouthaina para lhe apresentar um relatório.

– Está na hora de voltar para casa, Mariam – disse Bouthaina. – A *bint mbarih* tomou a sua decisão.

Sabendo que era a última noite que teriam, Sam e Mariam seguiram pela Moyenne Corniche, supostamente para que ele lhe explicasse parte da mecânica das RDV, mas, na verdade, porque queria estar sozinho com ela e tinha ficado paranoico, convencido de que Procter deixara algum aparelho de escuta na casa segura. Também tinham de falar acerca do tio Daoud.

Conduziram rumo ao Mónaco. Algumas estrelas espreitavam de forma impressionante por entre a neblina. Ele parou num miradouro. As arribas mais abaixo davam lugar a uma floresta de palmeiras e árvores de citrinos, sobre uma praia branca. Havia mais alguns carros estacionados do outro lado do miradouro, com os ocupantes aos beijos lá dentro.

Durante algum tempo, Sam e Mariam fitaram a paisagem em silêncio.

– Daoud? – perguntou ela por fim, perscrutando o espaço à esquerda, para se assegurar de que ninguém os ouvia.

– O que achas? – disse Sam.

– Ele não irá trabalhar para a CIA – respondeu ela. – Mas acho que me contaria coisas que não deveria contar. Poderá presumir que a sua informação irá para algum outro lugar, mas não perguntará para onde, creio.

– Disseste que tem ressentimentos?

– Sim. A Razan. Ele está furioso com a forma como a trataram. E, à semelhança de muita gente, não apoia a matança indiscriminada. Também não quer ver o gás a ser usado. É patriota. Compreendeu porque era necessário para deter Israel. Não acha que deva ser usado nos sírios.

– Falaram sobre isso?

Ela pousou a mão na perna dele com um olhar que dizia: *Deixa-me explicar-te a Síria, americano tonto.*

– As conversas são mais reservadas, mais vagas – disse ela. – Na Síria, não temos discussões assim tão francas, porque nunca se sabe quem pode estar à escuta. Se eu lhe fizer perguntas, direi que são do Palácio. Isso vai permitir-lhe falar candidamente.

– Mas tem cuidado.

Ela revirou os olhos e virou-se.

Sam continuou:

– O que achas que ele podia oferecer?

– Ele é responsável pelas reservas na capital, pelo que saberá se o

regime estiver a planear usar o gás *sarin* em Damasco. Também saberá qual a situação de segurança nos locais.

Sam assentiu com a cabeça.

– O que quer que consigas obter será extremamente útil. Será uma prioridade para nós.

*

Mariam convidou-o a calar-se dando-lhe um beijo forte na boca. Depois, passaram atabalhoadamente para as traseiras do carro. Ele foi primeiro, ela seguiu-o. Em breve começou a ser balançada para trás e para a frente e a contrair os músculos, e começava a saber bem, aquele crescendo que lhe enchia o corpo. E as mãos dele estavam enredadas no seu cabelo e os olhos fixos nos seus e ele tinha levantado um pouco as costas para acertar no ângulo, pressentindo onde ela queria a pressão. Quando acabou, ficaram deitados e sem fôlego no banco traseiro. É assim que se tomam as grandes decisões, pensou ela enquanto respiravam em uníssono.

Eu não fiz nada.

Agora já não.

Terceira Parte

Bombas

A notícia chegou ao sétimo piso de Langley por meio de um ladrão de documentos sírio que fotografava ficheiros sensíveis a troco de um estipêndio mensal generoso. Bradley, ao informar o Diretor, disse que o relato era em primeira mão e digno de confiança. O documento e a foto que o acompanhava eram quase de certeza autênticos. O Diretor chamou Procter a Langley para conferenciarem.

Durante as 24 horas seguintes, uma pequena equipa da Segurança esquadrinhou os ficheiros médicos e os registos de receitas de Val Owens. Entrevistaram psicólogos da CIA. Uma equipa de médicos, patologistas e médicos-legistas debruçou-se sobre a única fotografia. No final, as mentiras no documento e a verdade na foto puseram em andamento uma reunião de final de tarde com o Diretor. A ata censurada da reunião foi colocada num compartimento de Acesso Restrito, não elegível para desclassificação ou para publicação ao abrigo da Lei de Liberdade de Informação. Se fosse lido, o documento teria revelado que, entre os minutos 15 e 17 da discussão, a Chefe de Estação de Damasco, Artemis A. Procter, “interrompeu a Dra. Pan para clarificar o nível de certeza no seu julgamento clínico antes de se alongar num monólogo ininterrupto e grosseiro sobre os métodos de vingança adequados”.

Sam estava no Gabinete de Serviços Clínicos – os médicos da Agência – a fazer umas análises sanguíneas antes de partir para Damasco quando viu uma melena negra a aparecer do lado de fora do laboratório. Procter abriu a porta e passou à frente do médico, que teve a sensatez de manter o silêncio depois de olhar para a Chefe. Sam não fazia ideia de que Procter estivesse ali.

– Vamos apanhar ar fresco – disse ela. – Tira essas agulhas e vamos dar um passeio.

Saíram do edifício do Quartel-General Original e avançaram para os trilhos de corrida na floresta, para lá da Chain Bridge. A tarde estava abafada e ele sentia o suor a acumular-se nas costas e nas pernas à medida

que caminhavam. Procter não tinha nem uma gota de transpiração no rosto. Um milagre, dado que estava a usar uma saia de fazenda e uma blusa castanha. Quando chegaram aos trilhos, a camisa branca de Sam estava ensopada.

Procter acelerou, ainda em silêncio. Sam deu por si a ter dificuldade em acompanhar o ritmo dela, embora as pernas de Procter fossem quase 30 centímetros mais curtas do que as suas. Um corredor passou por eles a ofegar. Caminharam em silêncio até o homem virar na curva e ficar fora da vista deles. Sam ziguezagueava pelo passeio em busca de sombra. Procter, com o rosto sequíssimo e branco como giz, foi em linha reta pelo sol até chegarem a uma parte remota do trilho.

Parou então.

– A Val morreu – disse subitamente. – A notícia chegou ontem, de manhã cedo. Ali Hassan matou-a durante um interrogatório. – Procter cuspiu.

Sam foi até um banco e sentou-se. Observou as folhas a agitarem-se com a brisa do final da tarde. Esfregou a testa quente com uma mão suada. Sem saber porquê, ancorava-se nas pequenas coisas, nos pormenores. Estranhamente, pensou em Mariam e em como a queria ali consigo. Queria a pele dela na sua. Viu outro corredor passar. Enrolou as mangas e, estupidamente, alisou a gravata.

Procter olhou em redor. Estavam sozinhos. Fitou Sam, cujo rosto pingava suor, e tirou um elástico do bolso. Prendeu o cabelo preto e encaracolado num rabo de cavalo torto. Depois tirou do bolso de fazenda dois papéis dobrados e entregou-lhos. Gotas de suor caíram no papel enquanto ele desdobrava uma fotografia. Sam já vira a morte. Em rapaz, nas sombras de um pinhal do norte. Em adulto, no lodo e na areia de Bagdade e Al-Anbar. Olhou para os olhos sem vida de Val no papel.

– Arrancaram-lhe a porra do escalpe – disse Procter. – Os médicos da agência e os especialistas em fotografia viram uma incisão fina na foto, apesar da maquilhagem. Escalpam-na e depois voltaram a coser-lhe o escalpe para a foto.

A combater uma onda de náusea, Sam dobrou a foto e devolveu-a a Procter. Viram outro corredor a passar. Ela sentou-se ao lado dele no banco.

– Lê o outro – disse ela.

Sam desdobrou o segundo papel e leu a tradução inglesa:

15 DE ABRIL

DE: BRIGADEIRO-GENERAL ALI HASSAN, DIRETOR, GABINETE DE SEGURANÇA
DO PALÁCIO PRESIDENCIAL

PARA: SUA EXCELÊNCIA, O PRESIDENTE DA REPÚBLICA ÁRABE DA SÍRIA
BASHAR AL-ASSAD; TENENTE-GENERAL RUSTUM HASSAN, COMANDANTE DA
GUARDA REPUBLICANA

ASSUNTO: AGENTE DA CIA DETIDA

A AGENTE DA CIA VALERIE OWENS, QUE PASSAVA POR SEGUNDA SECRETÁRIA NA EMBAIXADA DOS EUA, FALECEU DE PARAGEM CARDÍACA DURANTE UM INTERROGATÓRIO DE ROTINA. MEDICAMENTOS E ANTIDEPRESSIVOS ENCONTRADOS NA SUA RESIDÊNCIA INDICAM QUE OWENS PADECIA DE COLESTEROL ELEVADO, *STRESS* E ATAQUES DE PÂNICO. O GABINETE DE SEGURANÇA LAMENTA A MORTE PREMATURA DE MISS OWENS.

Ele dobrou o papel e devolveu-o a Procter.

– Os médicos da agência reviram os registos da Val, por isso sabemos que a história acerca dos medicamentos também é treta – disse Procter enquanto o guardava no bolso. – Ali inventou isso para proteger o couro. O Diretor vai insistir com a Casa Branca para que se obtenha uma ordem para matar. Mas eu não tenho grande fé de que se consiga. Estas coisas são difíceis. Levam tempo. No entanto, pessoalmente, tenho um grande problema com agentes da CIA a serem assassinados.

Sam sabia que seria necessária a aprovação de uma ação encoberta com autoridades letais para a CIA retaliar aquela morte. Tais ordens requeriam uma justificação robusta dos serviços secretos e tinham de obter a aprovação do Gabinete do Conselho Jurídico no Departamento da Justiça, já para não falar do Conselho Geral da própria CIA. Complicado, por causa de uma ordem executiva dos tempos de Reagan, que aplicara uma proibição geral nos assassinios.

– Quero um plano para estarmos a postos quando nos chamarem – disse ela. – Sem registos. Vai para Síria. Leva os Banditos contigo para Damasco. Quero que os ponhas a engendrar um plano para abater Ali, para o caso de ser necessário. – Ela continuava a fitar em frente, sem pestanejar.

Outro corredor passou. Sam levantou-se.

– Vou sair daqui durante um bocado, espiares a cabeça antes de Damasco.

– Boa ideia.

Ele sabia que qualquer emoção visível diminuiria o entusiasmo de Procter pelo seu envolvimento no caso, pelo que foi simples e direto:

– Será uma honra juntar-me à caçada em Damasco. Obrigado por me dares a oportunidade de participar.

Procter acenou com a cabeça.

– Bem-vindo ao espetáculo.

*

Sam tinha uma semana antes de partir para Damasco, pelo que voou para outro deserto para esquecer. Las Vegas estava no auge: o brilho da Strip, as palmeiras curvas, o álcool e a sujidade por todo o lado, em tudo.

Ele estava um pouco bêbedo e a ganhar.

Se fosse um homem diferente, com outro passado, já teria feito planos para gastar os 22 750 dólares que ganhara, agora em pilhas no feltro verde da sua antiga mesa da sala de póquer do Bellagio.

Mas tinha feito escolhas e, daquele tesouro, guardaria apenas uma única nota de 100 dólares para pagar o bufete para duas pessoas depois do jogo. As idas a Las Vegas tinham-se tornado uma espécie de ritual catártico depois de missões ou operações desagradáveis. Tivera a desventura profissional de trabalhar em cidades que viam o jogo com maus olhos: Cairo, Riade, Bagdade. Sam podia – e fazia-o – arrasar os jogos internos da embaixada e da Estação, mas a competição era menos foga, era mais como uma rendição em câmara lenta da oposição do que o recontro de gladiadores por que ele ansiava. As cartas eram combate em tempos de paz. Eram um substituto da espionagem, no qual o dinheiro, e não a vida de um agente, era a única coisa em risco.

Sam usava uma velha camisola cinzenta com capuz que lhe parecia dar sorte. Olhou então para o outro lado da mesa, para o britânico anafado de fato, o único a corresponder à sua aposta mais alta. Era *bluff*, na realidade. Sam só tinha 10-8, mas pressentia uma oportunidade.

O britânico tossicou, revelando os nervos.

Viraram as cartas: dois de espadas, quatro de copas, dama de espadas.

Sam passou. O britânico apostou 500 dólares. Sam recordou os padrões de aposta do oponente. O máximo que apostara até então tinham sido 200 dólares, e o seu monte era aproximadamente do mesmo tamanho nessa altura. Não é inflação de apostas. Se lhe tivesse calhado uma dama, apostaria menos para me enredar. Para me deixar confortável. Ele quer que eu desista. Talvez um ás e um rei? Quatro valetes? Dez? Um *flush*?

Sam apostou mais 500 dólares. O britânico pediu mais cartas.

A carta: nove de ouros.

O britânico sorriu, só um pouco, enquanto brincava com as fichas. Sam vira aquilo centenas de vezes em centenas de pessoas: o sorriso ténue de um homem a convencer-se de algo. A tosse desaparecera.

O britânico apostou 750 dólares. Sam fitou-o. A camisa colada à pança agita-se um pouco. Ele está a tentar controlar a respiração. Se eu atacar de novo e ele continuar, vai pagar o *flush*.

Sam aumentou a aposta para mais 1000 dólares.

O sorriso desapareceu. O britânico tornou a olhar para as suas cartas. A libertação final de uma mão com um potencial não concretizado. Atirou as cartas para o crupiê, que arrastou as fichas para Sam.

– O que é que tinha, se não se importa que lhe pergunte? – quis saber o britânico.

– Damas – mentiu Sam.

O britânico acenou com a cabeça e tomou um golo do seu uísque.

– Raios. Bem jogado.

Sam sentiu uma mão no ombro.

– Está na hora do bufete? O jantar acaba às dez.

Sam passou a mão pelo feltro, tocou ao de leve nas fichas de argila, sopesou-as nas mãos. Fechou os olhos e inspirou o cheiro tranquilizador e bafiento de uma mesa em ação.

*

Sam foi até à caixa com Max Huston, residente do Bellagio, parceiro de bufete a horas tardias e ocasional olheiro de talentos para a CIA. Fora ele quem o apresentara à CIA. A relação de Huston com a Agência era oficiosa, *ad hoc*, obscura. Huston encontrava talento em Las Vegas e direcionava-o para recrutadores de Langley. Não era pago. Uma vez dissera a Sam, depois de meia dúzia de vodcas com gás, que apenas fazia o seu dever cívico, que assim dava cabo dos comunistas, dos russos e dos fornicadores de camelos da Al-Qaeda.

– A CIA tem de ter os melhores, não só os cretinos da *Ivy League* – dissera com um olho aberto e o outro ora a fechar-se, ora a abrir-se. – A CIA precisa das miúdas e dos rapazes que sabem como as pessoas funcionam, Sam.

Seis meses depois de ter conhecido Max Huston, Sam encontrava-se no Campo de Treino da Quinta, o primeiro teste feito a novos agentes para determinar se tinham a fibra requerida para a Missão.

– Foi uma boa caça, a desta noite? – perguntou Huston, a bebericar a sua vodca enquanto Sam deslizava o tabuleiro de fichas pela ranhura para o caixa enrugado atrás do vidro.

– Sim. Como nos velhos tempos.

– Bom homem.

– Pode dividir isso em dois cheques e uma nota? – perguntou Sam ao caixa.

Huston riu-se.

– Com certeza. – O sobrolho do caixa franziu-se. Olhou para Huston e depois para a vodca a oscilar. Tentou sorrir.

– Um cheque de dez mil para Sam Joseph. Sou eu. – Passou a carta de condução pela ranhura. – Uma nota de cem dólares. E outro cheque com o restante ao cuidado de Clara Grace Joseph. – Sam soletrou o nome.

Huston riu-se e acabou a vodca.

– O que é que ela faz com o dinheiro?

– Antes do Cairo, comprou um carro.

– E antes de Bagdade?

– Não houve nenhum cheque antes de Bagdade.

Huston sorriu.

– Eu sei.

Sam tirou um envelope pré-endereçado do bolso das calças de ganga.

CLARA GRACE JOSEPH
15 BIG RICE ROAD
SHERMANS CORNER, MN 55395

Meteu o cheque de 24 480 dólares no envelope e pediu ao caixa uma caneta e um papel. Escreveu no papel: *Para o que for preciso. Adoro-te, mãe.* Guardou a nota no envelope e selou-o.

– É uma mãe com sorte – disse Huston. – Apesar de lhe teres partido o coração. Agora, o bufete. Também reparo que, como de costume, não levantaste fundos suficientes para pagar o meu vício alcoólico.

*

Sam encheu o prato com um monte de marisco e deslizou para a cabine, sentando-se em frente a Huston, que já estava a emborcar outro copo de vodca. Pedira um para Sam.

– Eu aprecio sempre que os meus antigos alunos me avisem quando estão por cá. – Ergueu o copo. Sam fez o mesmo. O ambiente era enérgico, no meio da barulheira: pratos a bater na cozinha, um grupo de empresários chineses bêbedos a gritar do outro lado da sala, Huston a levantar o copo a três mulheres atraentes que passaram, de saias impossivelmente curtas, maquilhadas, com o cabelo platinado até mais não. Olhou de novo para Sam, que tinha começado a atacar o caranguejo. O sobrolho de Huston franziu-se.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou ele.

– Sim. Perdemos uma pessoa.

Huston resmungou e ergueu o copo.

– Não podes dizer mais do que isso, calculo?

– Não, infelizmente não.

Huston cortou um pedaço de costeleta.

– O Bradley envolveu-te?

– Sim.

– Tu és o faz-tudo dele, sabes isso, Sam. É por isso que ele te põe em ação.

Ergueu o copo para que Huston não visse os seus lábios a comprimirem-se. Detestava ser descrito como um faz-tudo de Bradley – porque isso era verdade.

Os empresários chineses desataram a rir à gargalhada quando um deles caiu da cabine. O empregado passou por cima dele.

– Sentes falta deste sítio? – perguntou Huston, mudando de assunto.

Sam olhou para o empresário, que agora se agarrava à beira da mesa, tentando pôr-se de pé no meio dos gritos dos colegas inebriados.

– Só do teu rosto sorridente, Max.

Sam ia pôr fim ao convívio depois de mais duas rodadas de vodca, uma última passagem pelo bufete e uma dose generosa de uísque escocês bem forte que Huston costumava insistir ser a única bebida adequada para tomar antes de dormir. Tinha um nome de que Sam nunca se lembrava. Então Huston apontou o copo para um dos televisores montado em cima da zona de corte das costeletas.

Sam virou-se e leu o destaque da CNN: *Funcionária dos EUA assassinada em Damasco*. Depois, a legenda: *Funcionários seniores da segurança nacional informaram a CNN de que Valerie Owens, diplomata dos EUA, morreu em Damasco. O governo sírio ainda não publicou uma declaração oficial*.

*

Sam tinha acabado com quatro garrafas de uísque do minibar e estava a olhar para a Strip lá em baixo, com as suas fontes iluminadas, a réplica da Torre Eiffel, as montanhas ensombrecidas ao longe.

As fontes do Bellagio, raios de sol brancos na noite, lambiam o ar em direção ao céu.

Foi por isto que te foste embora. Esta cidade dança, alheada, enquanto a guerra acontece noutro lugar. Perguntou-se o que acharia Mariam daquele sítio e sentiu uma pontada de nostalgia por França. Antes de Mariam ter desaparecido, de regresso a Damasco. Antes de ter visto aquela foto de Val.

Abriu uma quinta garrafa de uísque e emborcou-a rapidamente. Merda de fugas de informação. Val servira em segredo e tinha o direito de ser enterrada dessa forma. Em vez disso, uma maldita fotografia de um anuário de faculdade estava escarrapachada em todos os noticiários. Isso deixava-o furioso. Deitou-se na cama e esperou pelo sono, mas em vez disso assistiu a uma correnteza de imagens de uma amiga morta e do seu riso louco em Bagdade. Quando finalmente amanheceu, preparou café na máquina do quarto e bebeu-o em silêncio, a observar a fonte, já nua e sem iluminação, na alvorada de Las Vegas. Pousou a chávena e girou uma das garrafas de *Jack Daniels* entre as mãos.

Tomamos uns copos em casa daqui a umas semanas, dissera Val.

*

Val Owens morreu antes da Cerimónia de Homenagem anual, pelo que os gravadores tiveram tempo de esculpir a 134.^a estrela na parede de mármore a exatamente 15 centímetros da 133.^a O calígrafo a registar a colheita mortal no *Livro de Honra* encadernado a pele, guardado num estojo que sobressaía na parede, acrescentou uma estrela negra similar, mas nenhum nome. Valerie Owens passava por diplomata aquando da sua morte, e o seu papel na Agência permanecia classificado.

O átrio estava apinhado de agentes da CIA, repórteres aprovados, familiares da falecida e qualquer outra pessoa que tivesse conseguido entrar no edifício do Quartel-General. O Diretor não proferiu o seu nome durante a cerimónia. Gente de toda a espécie, sem distintivos azuis ou autorizações de Acesso a Informação Secreta/Sensível, enchia o público.

Sam ficou atrás. Perscrutando a multidão sentada, viu na fila da frente uma mulher de meia-idade com cabelo grisalho desalinhado, a soluçar enquanto o Diretor descrevia a perda recente de uma supervisora num país do Médio Oriente. Era a mãe de Val, Joanna. O pai de Val tinha morrido.

Sam nunca tinha pensado muito nos agentes da CIA mortos no cumprimento do dever. Na maioria, eram tipos paramilitares da Divisão de Atividades Especiais – tipicamente do Ramo Terrestre – que morriam numa zona de guerra, envolvidos em algo que se assemelhava mais a combate do que a recolha de informações. Mas aquilo era diferente. Olhando para a estrela, era como se Val tivesse sido totalmente apagada, à exceção de uma marca na parede.

O Diretor agradeceu a presença de todos, elogiou a falecida com honrarias vagas e as pessoas começaram a dispersar-se. Sam atalhou caminho até Joanna Owens, que tinha as faces vermelhas, os olhos tresloucados pelo desespero de uma mãe que vivera mais do que a única filha. Sam contornou um simpatizante anónimo e deu um abraço de urso a Joanna.

– Conheci-a em Bagdade, ela foi como uma irmã para mim – disse-lhe. – Lamento imenso. – Joanna chorava. Ele deu um passo atrás, com vontade de lhe dizer que a CIA faria tudo o que estivesse ao seu alcance para encontrar o assassino da filha dela. Mas não fazia ideia se Joanna sabia que a filha fora assassinada, nem se Langley tentaria realmente vingá-la. Correspondeu-lhe ao olhar. – Lamento imenso – repetiu.

Ela fungou e assentiu com a cabeça. Com a culpa a crescer, Sam virou costas e avançou por entre a multidão para sair do átrio.

*

Sam voou para Damasco em classe económica, com um bilhete comprado pelo Centro de Mobilização Global, sob a cláusula 41-2 dos Regulamentos da Agência, que estipulava que qualquer viagem deve “ter ou exceder 13 horas de duração, incluindo escalas, para merecer a aquisição de uma tarifa

aérea superior a Classe Económica Básica – ou o seu equivalente mais próximo – numa linha aérea dos EUA (Delta, American, United, etc.)”. Ele argumentara com a velhota da Mobilização que uma boa noite de sono num assento totalmente reclinável aliviaria muito o *jet lag*, mas ela não se tinha condoído. A tarifa mais baixa disponível tinha uma viagem de ida que totalizava 12 horas e 47 minutos.

Sam fez escala em Viena porque a Austrian Air era uma das poucas aerotransportadoras ocidentais que ainda operava voos para Damasco. Estava mesmo a adormecer quando o piloto anunciou que tinham começado a descida para o Aeroporto Internacional de Damasco, pedindo a todos que apertassem os cintos e se agarrassem aos lugares. Não explicou porquê, mas Sam sabia: uma descida rápida reduzia o perfil da aeronave, não fossem os rebeldes querer disparar um míssil de ombro contra o avião. Sentiu o estômago a subir-lhe à cabeça quando o piloto iniciou a descida a pique.

Pela janela, via o fumo que se erguia em colunas de uns quantos subúrbios conturbados e a extensão de apartamentos de pedra a cobrir o solo do deserto. Do ar, a cintura suburbana à volta da cidade parecia uma correnteza interminável de blocos de cimento. O centro da cidade, a antiquíssima Cidade Velha, estava pontilhada de minaretes e pelo verde de parques. Era linda vista do ar e, por um momento, isso permitiu-lhe esquecer o perigo que Mariam enfrentava e afastar da mente o grito de Val enquanto ele fugia de Damasco durante a sua única visita àquela cidade.

As rodas embateram na pista de aterragem e o piloto ofereceu-lhes umas boas-vindas pouco convincentes. Sam olhou em redor. Ninguém parecia encantado por ter chegado.

*

Sam desembarcou e encontrou o expedidor da embaixada à sua espera no portão de desembarque, como especificado no comunicado que confirmava a sua APE (alteração permanente de estação) para Damasco. O homem apertou-lhe a mão, deu-lhe as boas-vindas à Síria e apressou-se a avançar com ele praticamente a passo de corrida. Depois de passarem pelo controlo aduaneiro, chegaram à recolha de bagagem, onde Procter esperava. A Chefe, sem sorrir, tinha uns óculos à aviador e um blusão verde-seco próprio para um clima polar. Na presença do expedidor – um Cidadão dos Serviços Estrangeiros, ou CSE –, mantiveram-se em silêncio. Sam recolheu a sua única mala na zona de recolha de bagagem internacional de Damasco: as esteiras transportadoras não funcionavam, as malas acumulavam-se em montes descuidados, os passageiros amontoavam-se como os refugiados que ele vira a acotovela-se por sacas de farinha em Bagdade. Passando pelo controlo alfandegário, puxou a mala de rodas pelo terminal empoeirado e para a luz ardente da tarde.

À semelhança de todos os expedidores competentes do mundo árabe, o homem estacionara ilegalmente: um *Land Cruiser* branco da embaixada estava com os quatro piscas ligados mesmo em frente ao terminal. Procter mandou-o embora para outro carro – sem dúvida legalmente estacionado, a alguma distância – e sentou-se ao volante. Sam abriu o porta-bagagens para guardar a mala, reparando na estranha presença de uma pá antes de ouvir as primeiras palavras reconfortantes da Chefe:

– Os rebeldes raptaram uns tipos da Guarda Republicana no aeroporto hoje de manhã, por isso estou aqui para te manter a salvo e garantir que não acabas morto logo no primeiro dia.

Cinco minutos depois, chegaram ao primeiro posto de controlo. Ao exibirem os passaportes diplomáticos pretos, deixaram-nos passar sem sequer fazerem uma vistoria rápida à mala nas traseiras. O aeroporto ficava a 30 minutos para sudeste da cidade.

– Passamos da guerra para a paz daqui a uns 20 minutos – disse Procter.

Sam observou as palmeiras, os cartazes ubíquos cheios de propaganda do regime e os subúrbios de betão. A situação piorara desde a operação para resgatar Val e Komodo. Ao aproximarem-se da cidade, passaram por centros comerciais e restaurantes fechados, e por oficinas de reparação automóvel que pareciam abandonadas num apocalipse de há muito tempo.

Procter foi fazendo de guia turística à medida que avançavam.

– Os rebeldes começaram a abater soldados e milícias do regime nesta estrada – disse ela, apontando para as planícies cobertas de matagal que flanqueavam a autoestrada do aeroporto. – Às vezes são sequestros, outras vezes usam um maldito lança-granadas e o carro explode, tipo *whoosh*. – A Chefe fez um gesto inquietante na direção do para-brisas do *Land Cruiser*. – Antes de andarmos por esta cidade, é preciso fazermos as pazes com o nosso deus.

Quando chegaram a Jaramana, outro subúrbio rebelde, depararam-se com mais cinco postos de controlo. Todos rotineiros, mas a incerteza bastava para lhes acelerar a pulsação. Procter, a subir o vidro da sua janela depois do posto de controlo número cinco, descreveu bem a sensação:

– Nunca se sabe quando é que um destes adolescentes vai decidir divertir-se connosco.

Três helicópteros de combate pairavam acima do subúrbio, com metralhadoras a disparar contra os escombros. A Guarda tinha bloqueado as entradas, mas Sam via que a maioria dos edifícios lá dentro tinha sido destruída: paredes inteiras arrasadas, o betão furado por projéteis, superfícies negras com a fuligem das explosões.

– Isto aqui parece o Afeganistão – disse Procter. – Sem o ambiente alegre.

O mundo animava-se dentro de Damasco central. As lojas ainda estavam abertas, havia gente em esplanadas de cafés, os edifícios estavam

intactos, o trânsito bulia. Procter estacionou o carro junto ao passeio da rotunda em frente à embaixada.

– Vou mostrar-te a zona – disse ela, tirando o cinto e saltando do veículo.

Deixaram a mala de Sam na bagageira e caminharam para oeste, seguindo os muros brancos da embaixada. O muro tinha uns três metros de altura, em cima dos quais havia outros quatro e meio de vedação para impedir que alguém que o trepasse conseguisse entrar.

– Não há realmente ameaças a partir aqui da rua, hã? – perguntou Sam.

– Há, problemas dos grandes – disse Procter. – Em 2006, uns terroristas tentaram fazer passar um camião-bomba pela porta da frente. Não há muito a travar quem quer que seja, à exceção dos pilaretes anões no passeio. – Entraram pelo lado ocidental e passaram pelos detetores de metal sob os olhares atentos de três guardas dos Fuzileiros. Sam já tinha o seu distintivo, pelo que seguiram para o edifício da chancelaria da embaixada e Procter deu-lhe os códigos para abrir as portas. – Segundo andar – disse ela –, os figurões do Estado. Embaixador, Chefe-Adjunto da Missão, as Secções Política e Económica. A embaixada tem aqui uma SCIF que por vezes usamos para as reuniões. O terceiro andar é para os fuzileiros e os malucos das telecomunicações, com as antenas e essas merdas. E, já agora, é para aí que vamos se as coisas ficarem como em Teerão em 1979. Agora a cave – disse ela, apontando para um corredor com o estuque a descascar, um conjunto espasmódico de luzes fluorescentes e uma casa de banho (com a porta entreaberta) ao fundo. – Aqui ficamos nós. Bem-vindo à Estação de Damasco.

Ela aproximou-se da porta blindada, marcou um código e ouviu o zumbido. Abriu-a.

Sam tinha-se habituado à natureza rústica das propriedades imobiliárias da CIA no Médio Oriente durante a sua primeira missão no Cairo. A Estação de Damasco não era diferente. A luz artificial incidia sobre menos de dez secretárias, todas sinistramente vazias como se tivesse havido despedimentos, ou uma praga – o que não era impossível, tendo em conta o ar reciclado que por ali circulava. A austeridade surgia do receio de serem saqueados. Todas as noites, os discos rígidos eram retirados dos computadores, os papéis passavam para trituradores com ácido ou para cofres, e os pertences pessoais eram desencorajados. Monitores televisivos exibiam imagens de vigilância da área no exterior da pesada porta da Estação.

Procter levou-o até àquela que seria a sua secretária. A bandeira dos rebeldes e um retrato de Bashar al-Assad agitavam-se em frente a um respiradouro.

A primeira coisa em que ele reparou no gabinete de Procter foi a metralhadora.

Um dos agentes que ela supervisionara em Moscovo tinha-o

mencionado. Procter mantinha uma metralhadora de combate *Mossberg* encostada a um canto do gabinete, ao lado do caixote do lixo, uma violação patente de vários regulamentos da Agência. Uma tabuleta colada por cima dizia USAR EM CASO DE CRISE COM REFÊNS.

Quando Sam entrou no gabinete que parecia uma cela de prisão – sem janelas, com três metros por um e meio, mobilado apenas com uma pequena secretária e uma mesa –, viu que a secretária estava coberta de embalagens gordurosas e migalhas de pão *pita*. Procter tirou o blusão e atirou-o para o chão. Estava a usar um *top* de alças preto e, estando ela de costas voltadas, ele via-lhe impressa no dorso uma tatuagem de sete estrelas simples umas ao lado das outras, com as palavras *COM HONRA* gravadas acima. Um muro de homenagem pessoal marcado nas costas. Então, Procter explicou que queria atirar-se de cabeça ao plano de operações de Athena, o que Sam achou bastante agressivo, tendo em conta que ele estava na Síria havia cerca de uma hora e não dormia há um dia. Lembrou-se do veredito acerca de Procter: coelhinho da *Energizer*. Ela postou-se junto ao quadro branco e pegou num marcador vermelho, como se tivesse tido uma ideia. Mas não escreveu nada. Depois, pousou o marcador. Olhou para o relógio e apontou para a porta.

– Está na altura de saíres para eu poder meditar.

O pacote com a informação do SVR chegou ao gabinete de Ali na quarta-feira, como todas as semanas, um dos frutos de um acordo entre Assad e Putin para o apoio russo contra os rebeldes. A nova informação dos Serviços Secretos Russos no Estrangeiro era uma melhoria em relação à verborreia que o SVR fornecia antes da guerra, nesses tempos confusos em que a Síria não estava no centro da guerra entre Washington e Moscovo.

Ali, a folhear os documentos, ficou a saber que os norte-americanos, mesmo depois das detenções mais recentes, tinham recrutado uma nova fonte. Leu um relatório intrigante intitulado: “PERSONALIDADES DO PALÁCIO PRESIDENCIAL DA SÍRIA E DINÂMICAS DE PODER”. Era muito preciso.

Concluía com um pequeno parágrafo de comentário, redigido pelo Departamento do Médio Oriente do SVR, num árabe macarrónico:

FONTE DO SVR TAMBÉM REGISTA RUMORES DE NOVO INFORMADOR DA CIA EM POSIÇÃO ALTAMENTE PRIVILEGIADA. FONTE OBTVEVE INFORMAÇÃO DURANTE CONVERSAS INFORMAIS. SVR VAI INVESTIGAR PARA PROVIDENCIAR MAIS PORMENORES.

O SVR não descrevia a sua fonte, mas Ali presumia que os russos tinham um agente dentro da CIA ou do Mossad, porque a digitalização do relatório da CIA na embalagem tinha uma faixa que dizia “TS//HCS//OC REL ISR”. “REL ISR” queria dizer que tinha sido aprovado para ser transmitido aos israelitas.

Ali telefonou a Kanaan e pediu os relatórios da Embaixada dos EUA. Os agentes do Mukhabarat que vigiavam o edifício submetiam relatórios diários, registando as chegadas e partidas de todos os americanos.

Enquanto esperava, acabou um cigarro e telefonou a Layla sem

qualquer motivo.

Layla estava a explicar que a eletricidade tinha falhado, uma frustração cada vez mais comum até no bairro de Ali, quando Kanaan entrou com os relatórios. Deixou-os em cima da mesa. Ali disse a Layla que lhe telefonaria mais tarde.

Começou a ler. Havia imagens e comentários acerca de todos os funcionários americanos. Alguns eram identificados como “Suspeito de pertencer à CIA” ou “Agente confirmado da CIA”. Aquelas categorias aplicavam-se a mais de 20 nomes. Depois viu um nome que não reconhecia: Segundo Secretário Samuel Joseph. Tão-pouco lhe reconheceu o rosto, que via então nas fotos granuladas que mostravam Mr. Joseph a entrar na embaixada às 7h56m da manhã e a sair de novo às 11h45m, provavelmente para almoçar, regressando à tarde antes de dar o dia por terminado às 18h48m. O relatório identificava-o como “Suspeito de pertencer à CIA” e notava que só estava em Damasco havia dois dias.

Telefonou a Kanaan e pediu-lhe para consultar os departamentos de registos das várias agências do Mukhabarat, para determinar se sabiam algo acerca daquele Samuel. Ali fechou os relatórios e passou para a outra pilha de papéis em cima da secretária. Usava o uniforme não oficial do Mukhabarat sírio: uma camisa branca simples, umas calças pretas largas e uns sapatos de couro preto coçado. Desinteressante, funcional e barato – um uniforme internacional de detetive. Tinha os dois primeiros botões da camisa abertos por causa do calor. Mais um verão de guerra a caminho, pensou ele. Decerto não seria o último.

Virou a cadeira para a janela e perscrutou o céu oriental, os raios de sol indefinidos a iluminar os subúrbios rebeldes da cidade. Passou uma vista de olhos por um relatório sobre as operações da Guarda Republicana em Douma. Os homens de Rustum tinham finalmente isolado o bairro na noite anterior, fechando aquele que julgavam ser o último dos túneis. A estratégia era um castigo coletivo: selar uma área insurgente e conter a população até esta odiar os rebeldes por incitarem o terror do regime. Até esta se voltar contra eles.

Depois viu as fotografias. Vítimas com nomes, alguma informação biográfica, causas de morte. Algumas imagens incluíam apenas fragmentos dos mortos, tendo o resto sido presumivelmente perdido entre o ricochete de balas, os disparos de morteiros ou a queda de bombas improvisadas e lançadas de forma imprecisa, claro, da velha frota soviética de aviões de combate do governo. Todas as vítimas estavam emaciadas, muitas eram crianças. Pousou o relatório. A sua mente divagou até aos seus próprios filhos e depois para a conversa com Layla, onde tudo tinha começado.

quatro semanas depois de os protestos terem começado. Tinham deixado os gémeos com a mãe de Layla nessa tarde e levado um cesto cheio de *mezze* e vinho sírio até uma cordilheira recôndita no monte Qasioun, com vista para a cidade. Ele sentia a raiva no ar e sabia que tudo estava a desmoronar-se. Disse-o a Layla. O Mukhabarat a disparar contra inocentes, os protestos a aumentar, os criminosos e os jiadistas à espreita, os sequestros e a tortura, os rebeldes a marcarem X nas portas dos alauitas, condenando-os à morte. O caos era embrionário, claro, mas existia. Ele observava-o de perto, identificava os padrões para perceber se sobreviveria. Ele e Layla falavam das opções, como toda a gente: partir, ficar e apoiar o presidente, juntar-se aos protestantes, manter a cabeça baixa.

Todas eram más opções.

Todavia, a escolha fora simples. Não tinham os recursos necessários para levarem a família alargada, se Ali fugisse. E, dado o seu papel no regime, poderia ter sido preso por crimes de guerra, dependendo do destino. Deixar a Síria seria uma sentença de morte para muitos parentes e potencialmente para ele também. Desertar para a oposição seria ainda pior para a sua família. O governo haveria de os prender, de lhes confiscar a propriedade, de torturar e matar uns quantos, para passar a mensagem.

– O que achas de Assad? – perguntou Layla depois do terceiro copo de vinho. – Apoias o governo?

Ela nunca o tinha perguntado, e ele nunca lhe oferecera uma opinião. Decidiu dizer-lhe a verdade, ciente de que nunca mais voltaria a fazê-lo.

– Assad vai matar quem for preciso, mantendo-nos amarrados ao seu trono. Vai arrancar-nos a alma.

Isso bastava como resposta, pois deixava apenas uma opção. Ficar quieto, manter a cabeça baixa.

Tinha-se sentido um cobarde. Continuava a sentir-se assim.

*

Kanaan acenou vitoriosamente com um ficheiro no ar ao entrar no gabinete de Ali. Fez uma cópia deslizar pela secretária.

– Uma coisa interessante de um dos funcionários em Paris. Mohannad al-Bakry. Um dos funcionários dos registos conhece-o. É famoso por registar em excesso. Faz relatórios regulares de vigilância do pessoal da embaixada. É claro que eles o desprezam.

– Naturalmente.

– Mas, neste caso, a minúcia de al-Bakry serviu-nos, porque ele apresentou um relatório há poucas semanas, referindo um tal Samuel Joseph.

A pulsação de Ali acelerou. Voltou a sentir-se como um detetive a desenredar um longo fio. Naquele momento, era um investigador, não um cúmplice de homicídio em massa.

– Descreve uma interação entre Samuel Joseph e uma funcionária do Palácio, chamada Mariam Haddad – prosseguiu Kanaan.

– Haddad? – O cenho de Ali franziu-se. Acendeu um cigarro.

– Sim, uma velha família cristã de Damasco.

– Toda a gente os conhece. O que diz o relatório? – quis saber Ali.

– Bem, al-Bakry escreve aqui que Mariam e este Samuel começaram a conversar num evento diplomático em Paris. Ao que parece, ele tentou alertá-la quanto a falar com norte-americanos, mas ela mandou-o embora. Ele descreve a interação como “calorosa e amistosa, com laivos amorosos”.

Ali riu-se.

– Talvez ela tenha simplesmente achado que ele era um diplomata americano atraente e começou a conversar com ele para passar o tempo. E porque não haveria de mandar al-Bakry dar uma volta? É de uma boa família, pode responder assim a um agente do Mukhabarat sem importância.

Kanaan levou a mão à pasta, tirou de lá uma foto e passou-a a Ali.

– Como pode ver, ela é bastante... hã... atraente. É fácil perceber porque é que al-Bakry é capaz de ter ficado com ciúmes.

Ali observou a fotografia no documento de identidade. Cabelo escuro e comprido, ligeiramente ondulado e encaracolado como o de Layla.

– Vamos falar com Mariam.

– Com certeza, general, vou tratar disso.

O telefone da secretária tocou quando Kanaan se levantou. Infelizmente, Ali reconheceu o número.

– Olá, mano mais velho – disse.

– Mano mais novo – disse Rustum. – Tenho uma coisa para tratar amanhã e tinha uma dúvida quanto a um pormenor do testemunho de Marwan Ghazali. – À menção do espião morto, Ali tornou a sentir o peso de Rustum a subjugar-lo na sala de interrogatório. Tossicou.

– Que pormenor?

– Num dos teus relatórios, escreveste que Ghazali disse que tinha apresentado uma lista de funcionários do SSRC à CIA. Potenciais informadores, segundo creio. Ele afirmava que eles não o sabiam.

– É verdade – disse Ali. – Temos estado a monitorizar muitos deles, só para termos a certeza.

– O coronel Daoud Haddad constava dessa lista?

– Não constava – respondeu Ali. Rustum desligou sem dizer palavra.

Ali pousou o telefone. A falta de cafeína transformara-se numa dor de cabeça latejante e ele queria pensar numa investigação. Em qualquer coisa que não fosse Rustum, Basil, Marwan Ghazali, Valerie Owens. Dispensou Kanaan e pediu um chá ao assistente. Depois reclinou-se na cadeira, que rangeu, pressionando as têmporas com os polegares para abafar a dor. Perguntou-se se a chegada de Sam Joseph estaria relacionada com a nova fonte da CIA. Ele sabia que a Estação da CIA transferia funcionários com

frequência. Podia ser apenas mais uma rotação. Mas e se as duas coisas estivessem ligadas?

Ainda não sabia como Mariam encaixava naquela história, mas algo lhe falava para lá dos relatórios, algo enterrado nas profundezas labirínticas do seu cérebro de investigador. Há aqui qualquer coisa. Descobre-a.

O *Lexus* blindado de Rustum ziguezagueou por entre barreiras de betão fora do aeródromo e parou na pista. Vários carros do pessoal, incluindo o de Basil, estavam estacionados num triângulo perto de um bombardeiro *MiG-29* de fabrico russo que se encontrava a ser abastecido na pista de descolagem, com os faróis a iluminar a escuridão do início da manhã. Um trator-reboque apareceu entre os carros e o avião. Rustum fez sinal ao condutor para que parasse. Veículos blindados de transporte de pessoal executavam as manobras necessárias para cobrirem o perímetro do aeródromo enquanto um helicóptero zumbia no céu. Saltando do carro, Rustum acenou a Basil com a cabeça e aproximou-se do coronel Daoud Haddad e de um dos seus técnicos. Os homens ficaram em frente a um computador pousado no capô de uma velha carrinha *Toyota* branca. A tinta da porta a descascar identificava-a como sendo do SSRC.

Cumprimentaram-se com um aperto de mão enquanto um camião com grua para uma bomba avançava na direção do avião.

– Coronel – disse Rustum. – Obrigado por ter convocado uma equipa tão depressa. Trata-se de uma questão altamente sensível. Fico satisfeito por ter podido supervisioná-la pessoalmente.

– Com certeza, comandante – respondeu Daoud.

Enquanto o camião com grua passava, Rustum reparou em Daoud a observar a tinta verde no meio da bomba, o indicador soviético de munições químicas. Basil colocou-se ao lado de Daoud, que deu um passo para se afastar, com um sorriso cordial.

– Vamos precisar de que os seus homens insiram os componentes nestas bombas e que um dos seus técnicos interprete os resultados do teste – disse Rustum. – Instalámos sensores no local.

Daoud assentiu com a cabeça.

– Não vamos para o terreno de provas para o teste?

– Não. Hoje será noutro lugar. Um sítio novo.

Daoud reuniu a equipa e explicou-lhe os requisitos. A empilhadora

levou os tambores juntamente com o caminhão com grua. O operador tinha aberto os compartimentos de munições e a equipa de Daoud encheu-os com cuidado, medindo a quantidade de cada componente com sensores nas mangueiras de borracha com vácuo. Quinze minutos depois, Daoud voltou-se para Rustum com um polegar para cima, enquanto o operador da grua da bomba afastava o veículo do avião. O piloto já se encontrava no *cockpit*, a realizar as verificações prévias para o voo.

– Um vento muito ligeiro no local, comandante – disse um auxiliar a Rustum.

Este assentiu com a cabeça.

– O Daoud e a equipa que entrem, vamos.

*

A 30 minutos de Damasco, a caravana com o carro dos funcionários de Rustum, três jipes da Guarda Republicana e dois veículos blindados de transporte de pessoal deteve-se no cume de uma montanha com vista para a aldeia de Efreh. A aldeia, empoleirada numa colina em frente, era um amontoado de casebres de pedra atravessado por uma única estrada, com uma mesquita no extremo sul. Rustum viu as luzes do bombardeiro aparecerem a norte, atrás da aldeia. Ainda estava escuro. A única luz em Efreh provinha de um pequeno casebre, de cujo telhado ainda saía fumo. Rustum não queria envolver mais um oficial do SSRC, mas aquele dia em Efreh requeria o conhecimento do Ramo 450, e o coronel Daoud Haddad era considerado leal.

Rustum deu um pontapé com a bota no saibro e saiu do carro para se esticar.

– Traga-me Haddad – disse ao auxiliar.

Haddad apressou-se.

– Comandante?

O capitão abriu um mapa em cima do capô do *Lexus*. Estava cheio de pontos vermelhos.

– Colocámos sensores num padrão em grelha ao longo da aldeia – disse Rustum a Daoud. – Também pusemos alguns num antigo complexo de túneis que os terroristas usavam. Queremos ver com que eficácia se espalham debaixo de terra. Agora diga-me, onde devemos largar as bombas?

Daoud agarrou a nuca enquanto olhava ora para o mapa, ora para a aldeia, pedindo a um dos técnicos que lhe dissesse qual a velocidade e a direção do vento. Depois, apontou para um lugar a umas centenas de metros a sul da aldeia.

– Dado o ligeiro vento do sul, largaria as munições aqui. Depois o vento transporta-as para a aldeia.

Rustum assentiu com a cabeça e fez sinal ao auxiliar para que lhe desse

o *walkie-talkie*. O jato sobrevoava-os. Ele clicou no *walkie-talkie* e leu as coordenadas no mapa.

As explosões arrasaram um olival no lado sul da colina. Quatro colunas de fumo dispararam para o céu, após o que se uniram numa só e acabaram por envolver Efreh. A aldeia estava vazia e silenciosa. Rustum observou através dos binóculos, com o olhar a fixar-se numa única habitação à sombra da mesquita. Alguns dos homens jogavam às cartas nos veículos blindados. Daoud fitava o ecrã do computador com o seu técnico.

Um dos funcionários andava entre os veículos a oferecer cigarros. Uns quantos dormiam sentados nos velhos assentos de couro dos veículos blindados. Basil raspava um pau com o seu canivete, a fitar a mesma casa na aldeia. Ele supervisionara a operação para evacuar a aldeia, e tinha sido sangrento.

– Devíamos levar Haddad connosco – disse Rustum. Basil assentiu com a cabeça, mantendo o olhar fixo na casa.

O fumo dissipou-se à medida que o sol nascia.

Vinte minutos depois, Rustum aproximou-se de Daoud e do técnico e pediu um relatório preliminar. Ele sabia que o gás *sarin* é mais letal quando inalado como aerossol. Os sensores que ordenara aos seus homens que instalassem por Efreh monitorizariam a persistência atmosférica do gás e o raio de contaminação. Em algumas áreas do local do teste, a toxicidade seria suficiente para matar toda a gente. Noutras, as pessoas apenas adoeciam.

– A cobertura é boa, comandante – disse Daoud. – Vejo persistência letal em quase todos os setores. A exceção é a fila de sensores no extremo norte. Aí vejo concentrações que provocariam efeitos severos, mas não letais. Os ventos estavam calmos, o que também ajudou a concentrar a dispersão. – A voz de Daoud estava tensa. Ele pressentia que algo estava mal.

Rustum pousou-lhe uma mão no ombro. Estava na hora.

– Examinamos a aldeia, coronel? Alguns dos meus homens não a veem desde a operação de evacuação. Estão ansiosos por regressar. – Sorriu a Daoud.

Este olhou para a aldeia.

– Para recolher os sensores, comandante?

Basil riu-se.

*

O gás *sarin* tinha-se evaporado por completo – Daoud, irritantemente, explicara-o duas vezes –, mas Rustum tinha um respeito saudável pelo gás e deu ordens ao grupo para que vestisse fatos de proteção. Entraram na primeira casa. Havia cadeiras de plástico caídas perto de um fogão a lenha. O chão junto à janela estava cheio de invólucros de balas. Um conjunto de

roupas – uma camisa branca, um sapato esquerdo de bebê, um *kaffiyeh*, coletes com um padrão camuflado – estava espalhado pelo espaço, mapeando a transição de lar para posto avançado de rebeldes. Rustum viu o alçapão escavado no chão. Estava pregado por fora, e ele fez sinal a dois homens para que o abrissem.

A tampa do alçapão rangeu enquanto a soltavam com pés-de-cabra e facas até conseguirem arrancá-la. Um dos agentes atirou-a para o lado e desapareceu na escuridão pela escada de madeira prensada abaixo. Basil seguiu-o. Rustum sorriu atrás da máscara embaciada e deu uma palmada nas costas de Daoud, que entretanto ficara branco.

– É a sua vez, coronel – disse-lhe.

Daoud olhou para a porta e depois para o sapato de bebê. Assentiu com a cabeça e, lentamente, desceu pela escada. Rustum seguiu-o, com os olhos a ajustarem-se ao negrume do túnel ao chegar ao fundo, a quase seis metros de profundidade.

Daoud estava de frente para uma das paredes, com a máscara caída no chão. Tinha-se debruçado sobre si mesmo e estava com vômitos. Rustum deu-lhe uma palmada nas costas.

– É como um pintor cego, meu amigo, finalmente a ver a sua obra pela primeira vez. – Riu-se. – Que lhe parece?

Basil passou a lanterna pelos cadáveres, antes de se concentrar num homem que parecia ter uns 70 anos. Rustum viu a saliva à volta da boca e o vermelho-vivo que lhe contornava os olhos. Deu umas palmadinhas nas faces do morto. Basil avançou mais pelo túnel para inspecionar a fila. Parou e ajoelhou-se junto a um adolescente.

– Este quase roeu as mãos a tentar fugir, comandante.

– Estão todos mortos? – quis saber Rustum.

– Parece que sim.

Rustum tocou no ombro de Daoud e apontou-lhe a fila de 57 cadáveres. Tinham contado os prisioneiros depois da operação para evacuar a aldeia.

– Tinham-nos feito o mesmo, se pudessem – disse, ao mesmo tempo que pontapeava o pé descalço de uma mulher. – Até as mulheres. Não se esqueça disso, coronel.

Daoud fitava o fundo do corredor.

– Conto com a sua discrição – disse Rustum. – É um bom soldado. – Levou Daoud mais para o interior do túnel, detendo-se quando chegaram a uma jovem de olhos fechados e boca aberta. – Apesar de a sua filha não saber quando deve ficar calada.

No seu primeiro fim de semana em Damasco, Sam caminhou pela Cidade Velha para ver os típicos lugares turísticos: a Mesquita Umayyad, Souq Al-Hamadiya, ou a Rua Chamada Direita, a Capela Ananias e outra meia dúzia de pontos. Tirou fotos, comprou bagatelas e roupas com a cara de Assad para os irmãos. Sorriu estupidamente nos postos de controlo, entregando o seu passaporte diplomático negro e explicando como estava grato por se encontrar em Damasco. Manteve-se no centro da cidade. A rota parecia normal para qualquer novo diplomata norte-americano. E era.

As paragens eram preparação para um conjunto de RDV que ele tinha desenhado desde que deixara França. Procurava vigilância fixa, câmaras, avaliava o terreno da cidade e o ambiente. Sentia-se observado em todo o lado.

Bebeu café amargo num café em ruínas em Kafr Sousa enquanto o *salat* da tarde, a chamada para a oração, ecoava pelos altifalantes do almuadem. Quando terminou, saiu e caminhou rumo a uma joalheria, onde tencionava comprar algo para a mãe. Pelo caminho, passou por um edifício identificado como MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E DA REFORMA AGRÁRIA DA REPÚBLICA ÁRABE DA SÍRIA.

Passou por outro edifício mais adiante na rua e viu um conjunto de janelas voltadas para a estrada. Tomou nota da morada, do telefone da empresa de aluguer de carros e depois do agente do Mukhabarat que o seguia. Seguiu caminho até à joalheria, onde examinou o inventário durante uma hora: prata, ouro trabalhado, madrepérola. Decidiu-se por um grande anel de prata. Feito em Alepo, parecia uma flor.

O pobre tipo do Mukhabarat tinha um ar muito entediado a observar a ida às compras do lado de fora da loja.

*

Os Banditos também tinham chegado a Damasco.

Sam – no seu papel de oficial de comunicações do Estado (segundo

secretário) – telefonara a Rami do escritório e perguntara-lhe se ele e os irmãos considerariam discutir o ambiente de negócios na Síria com o embaixador.

– Agradeceríamos a vossa perspetiva sobre a economia, dada a vastidão dos vossos interesses comerciais.

Os irmãos haviam feito os telefonemas necessários para obterem autorização para uma reunião na Embaixada dos EUA: para o Ministério do Interior, para as Informações Militares, as Informações Gerais, a Segurança Política, as Informações da Força Aérea, o Palácio. Todos deram aval. As Informações Militares enviaram por fax temas de discussão a usar com os norte-americanos. Rami mandou-os para o lixo.

Sam saudou os irmãos na embaixada, fê-los passar pela chancelaria e pelo gabinete do embaixador, seguindo para o SCIF metálico usado pelo Departamento de Estado lá em cima.

Em vez do embaixador, reuniram-se com Sam e Procter durante duas horas. Falaram do essencial: a provisão da casa segura, a logística de reabrir a quinta da família em Damasco, a criação de uma justificação empresarial para terem regressado.

– Malta, ninguém vai fazer perguntas, desde que façamos os pagamentos certos – disse Yusuf, que ia debicando um hambúrguer do comissário da embaixada. – Há uma longa lista de subornos mas, depois de isso estar tratado, não vão querer saber porque é que voltámos. Muitos filhos do regime passam o tempo a apanhar banhos de sol em Beirute, como nós estávamos.

A CIA depositaria 500 mil dólares na conta-depósito dos Banditos para cobrir as despesas iniciais. Sam fez deslizar pelo tampo da mesa a morada do edifício que tinha observado. Yusuf pegou no papel, leu a morada e devolveu-o.

– Nós tratamos disso.

– Continuamos a precisar de contabilidade de alto nível, como antes – disse Sam.

Era sempre um tópico embaraçoso. Por vezes o Diretório de Operações Financeiras auditava contas operacionais e fazia perguntas intrometidas.

Elias riu-se.

– Devíamos trabalhar para o DGSE, podem crer que os franceses não pedem papelada.

– Só não tomem nota dos subornos – replicou Sam.

*

Uma boa parte do dinheiro dos Banditos foi para a obtenção de uma nova casa segura (categoria do Diretório de Operações Financeiras: Alojamento).

Rami, ao abrigo de uma empresa-fantasma, tinha avançado seis meses de renda de um escritório exíguo num nono andar. Sam especificara a

localização, incluindo a vista requerida, mas não o alvo. Ainda não.

A RDV até ao novo escritório requeria dez horas. Rami cumprimentou Sam à porta e, com um sorriso, pediu desculpa por já terem jantado.

– Começámos a duvidar de que conseguisses chegar. Mas deixámos-te um bocado de *shawarma* frio.

O escritório era um testemunho das falhas do estilo corporativista: secretárias de MDF, cadeiras com espaldares de pele artificial preta, telefones de secretária *Avaya* desligados, alcatifa cinzenta barata. Podia encontrar-se em qualquer lugar. Mas aquele escritório ficava em Kafr Sousa, a um quarteirão do Gabinete de Segurança.

Yusuf mostrou-lhe os dois cubículos minúsculos e levou-o para a sala de conferências. O ar cheirava a produtos químicos e a tinta. Uma lâmpada fluorescente zumbia no teto. A sala deixava Sam com dores nos olhos.

– Terça-feira vêm ligar os telefones e a Internet – informou Rami.

– Ótimo. Mando alguém passar o local a pente fino na quarta – disse Sam. Um técnico da Estação já fizera uma visita inicial no dia anterior.

Sam serviu-se de um copo de vinho branco morno e pegou na *shawarma*, cujo invólucro branco entretanto ficara translúcido de gordura. Sentaram-se à mesa. Elias encheu o seu copo e deu-lhe uma palmada no ombro ao passar atrás dele.

– É bom estar de volta a Damasco – disse sem convicção.

Sam ergueu o copo.

– Ao nosso trabalho juntos.

– E que todos atravessemos a guerra e cheguemos a velhos – disse Yusuf. Brindaram e beberam.

– Falemos da vista – disse Sam, ciente de que tinha cerca de 15 minutos.

Elias levantou-se e apontou para os cubículos. Sam e os irmãos seguiram-no. Elias e Sam enfiaram-se no cubículo mais próximo da sala de conferências. A janela quadrada, recortada a meio da parede, proporcionava uma visão direta da entrada principal do Gabinete de Segurança. Elias orientou Sam.

– Duas entradas, tanto quanto nos é dado a ver. Esta é uma mais pequena no lado ocidental. Costumava ser o Ministério da Agricultura. Obviamente, já não é.

A entrada ficava a uns 200 metros abaixo na rua. Sam via as bermas de betão, uma pequena cabine de guarda e um portão operado manualmente. Três guardas com AK-47 vigiavam o exterior. Atrás deles, um muro de cimento rodeava o edifício.

Sam olhou para a rua lá em baixo. Havia carros estacionados nos passeios. Viu agentes do Mukhabarat a passarem entre os automóveis e a aproximarem-se da portaria, onde mostravam um distintivo antes de entrarem no pátio. Olhou para a estrada, para os carros estacionados e para os agentes do Mukhabarat que os contornavam. Viu um homem chocar

contra o porta-bagagens de um carro ao passar.

Voltaram para a sala de conferências e sentaram-se. Sam tirou uma fotografia de Ali do compartimento da sua mala e pousou-a na mesa. Deu pelo pensamento de que costumava planejar o recrutamento de agentes estrangeiros, não a sua morte. A perspetiva de uma ação clandestina letal contra Ali Hassan mudara a situação.

– Isto fica nesta sala, nada de *oursourcing*. É pedir muito, mas preciso de que alguma combinação de vocês os três fique aqui de vigia durante uma semana. Quero saber quando é que este homem, o general Ali Hassan, entra e sai do edifício. O costume. Registos com data e hora, fotografias, e a rua de onde chega e por onde se vai embora.

Rami olhou para a fotografia e perguntou:

– Quem é ele?

– Dirige o Gabinete de Segurança do Palácio. Má peça.

– Queres que a gente o siga na rua?

– Ainda não. Por ora, só o edifício. E tudo a partir deste escritório.

Elias sorriu, a ver o cérebro de Sam a cobrir todos os ângulos.

– Quem me dera saber o que estás a pensar agora, meu – disse-lhe.

– Confia em mim, não ias querer saber.

A chave de memória USB enfiada no ténis direito de Sam chegara numa mala diplomática cor de laranja. Criada pelo Diretório de Ciência e Tecnologia a custo excecional para os contribuintes norte-americanos, continha 50 terabytes de armazenamento, bem como um programa de *malware* capaz de piratear o conteúdo de um computador em dez segundos. Isso não parecia muito tempo, mas Mariam sentiria que era uma eternidade. Ela tinha concordado com a ideia em França. Fazia parte do acordo, ambos o sabiam. Ela acedera a trabalhar para a CIA. Não obstante, ele continuava a sentir-se mal. Os sentimentos que tinha por ela incomodavam-no. Faziam-no sentir-se menos como um supervisor da CIA e mais como um namorado manipulador.

A chave espetava-se-lhe no calcanhar enquanto ele passava a correr por um restaurante, em direção a um dos miradouros de Qasioun. Parou para fazer alongamentos, aproveitando a oportunidade para voltar a verificar se alguém o seguia enquanto admirava a vista. O entardecer estava fresco para o verão, e um vento ligeiro agitava os pinheiros. As luzes do centro de Damasco iam-se acendendo à medida que lojas e restaurantes se preparavam para a noite. Os subúrbios estavam às escuras.

Quando começara a correr, perto do seu apartamento, um gorila do Mukhabarat tinha-o seguido agressivamente. Ele ficara um pouco irritado, porque aquilo não tinha graça nenhuma, ter uma sombra constante.

Agora, perto do local da entrega, sentia-se indetetável.

*

– Com que frequência é que Samuel Joseph faz exercício? – perguntou Ali a Kanaan, depois de dispensar a equipa de vigilância. Precisavam dos recursos para outra operação contra um homem suspeito de contrabandear armas para os rebeldes.

– Provavelmente duas a três vezes por semana – disse Kanaan. – É muito normal para ele.

Ali fitou o mapa. A equipa tinha-o seguido durante uma hora numa corrida sinuosa pelo centro de Damasco. Fora um desperdício. Acendeu um cigarro, a perguntar-se se Sam seria um beco sem saída. Depois tornou a ouvir o pequeno sussurro na sua mente, o mesmo que o ajudara a encontrar um assassino em série na costa tantos anos antes e que agora lhe dizia: *Não, continua atento a este americano*. Ali deu uma passa demorada do cigarro, apagou a beata no cinzeiro e telefonou a Layla para ouvir a sua voz.

*

Sentindo que estava sozinho, Sam verificou a periferia e as colinas acima sem mover a cabeça. Nada. O caminho para cima era íngreme, até virar à direita. Começou a correr colina acima. As pernas e os pulmões ardiam-lhe. Escorria-lhe suor frio pela testa. O caminho tornou-se mais plano e ele emergiu de entre os pinheiros. Viu o muro de sustentação do local da entrega a uns 20 metros à sua frente. Era idêntico à imagem que vira no *tablet* de Procter em França.

Aproximou-se a correr, arriscando um olhar óbvio para trás, para ver se alguém o seguia. Continuava sozinho. A três metros do monte de lixo, viu uma lata sem rótulo. Ajoelhando-se, levantou a tampa da lata, tirou a chave de memória do ténis e colocou-a lá dentro.

Acabou de atar o atacador e recomeçou a correr pelo caminho abaixo.

*

O terror acompanhava Mariam desde França. Deitava-se com ele, reconhecia-o nos olhos de Razan. Arrepiava-lhe o pescoço quando caminhava pela Cidade Velha. Esperava pelo Mukhabarat. Esperava que os assassinos de Jamil Atiyah regressassem. Usava os movimentos que Sam lhe ensinara em Nice para se manter atenta a vigias. Andava com uma faca de mato na mala e, no quarto, praticava desembainhá-la, esventrar um atacante, esfaquear-lhe o pescoço, o peito e o rosto.

Também sentia a leveza a voltar-lhe ao peito, porque tinha escolhido um lado e recuperado o controlo. O medo, estranhamente, confirmava a moralidade da sua decisão de espiar. A espionagem punha-a contra um governo assassino, mas o medo permanecia porque o oponente continuava de pé. Ela ainda não tinha vencido. Talvez nunca vencesse.

Agora, no seu gabinete, Mariam esfregava as palmas das mãos suadas no forro do sofá e verificou o rosto para confirmar que não estava a suar enquanto metia a chave de memória USB no bolso da sua pasta; depois fechou-a e abriu a pasta de Bouthaina por cima. Viu as horas. Faltavam dois minutos para a reunião. Começou a caminhar pelo corredor rumo ao gabinete de Bouthaina, tendo o cuidado de não avançar demasiado depressa. Reparou que as suas mãos não tremiam, mas tinha o coração acelerado.

Tinha pedido uma reunião com Bouthaina à hora a que esta costumava receber um telefonema de Rustum. Por vezes tinha que ver com questões profissionais, outras vezes, amorosas, mas era sempre uma distração que durava vários minutos. Por vezes Bouthaina mandava Mariam sair do gabinete, noutras alturas ela própria ia para a sua casa de banho palaciana. Em raras ocasiões, atendia a chamada mesmo à frente dela. Esperava que isso não acontecesse desta vez.

Bouthaina fez-lhe sinal para que entrasse e Mariam sentou-se. Colocou os óculos *Chanel* de aros de tartaruga e juntou-se-lhe à mesa. Mariam deslizou a pasta de cima para Bouthaina e começou a fazer-lhe uma atualização das divisões mais recentes no Conselho Nacional. Nenhuma daquela informação era surpreendente, mas o seu caráter indecente encantava as sensibilidades destrutivas de Bouthaina.

– Nem sequer temos de fazer o que quer que seja, pois não, Mariam? Eles destroem-se a si mesmos.

Mariam tinha terminado quando o telemóvel de Bouthaina tocou. Mariam deu pela mudança quase impercetível de voz, compreendendo que o tom suavizado indicava que Rustum estava do outro lado da linha. Bouthaina pediu licença e foi para a casa de banho, fechando a porta.

Mariam ficou de pé junto à mesa. Todo o seu mundo se reduzia à tóxica chave de memória USB e ao fio de suor que lhe escorria pelas costas. Lembrou-se de algo que Sam lhe dissera em Êze: a operação propriamente dita costuma ser curta. A preparação, o planeamento – isso sim, é árduo. Dissera que o pessoal da Ciência e Tecnologia tinha trabalhado naquilo durante anos. Provavelmente tinham sido investidos milhões de dólares em investigação e desenvolvimento. Montes de gente nos bastidores a fazer tudo acontecer. Analistas, técnicos, operadores, a logística em Damasco. Mas tudo depende de que uma pessoa como tu tenha a coragem de ir a um gabinete e pôr isto num computador proibido. Dez segundos, dissera ele, durante os quais tudo está em jogo.

Retirou a chave da sua pasta e pegou nos documentos de Bouthaina. Na secretária, pousou os documentos – o álibi para ter mudado de lugar – e abriu a tampa da chave. Fitou-a durante o que lhe pareceram ser horas, com a consciência a debater-se com os factos que se desenrolavam. Já tinha cometido traição, calculou. Mas teria realmente? Talvez aquela fosse a altura de ir embora. De esmagar aquilo com um martelo e atirá-lo para o lixo.

A sua mente nunca chegou a apresentar contra-argumentos, porque ela limitou-se a enfiar a maldita coisa no computador e a sentar-se à secretária, começando a remexer os documentos como se estivesse a preparar a pasta para Bouthaina ler depois.

Então, Jamil Atiyah abriu a porta.

Apesar de a sua pele aquecer como se estivesse a ser rodada num espeto sobre uma fogueira, Mariam nada disse, olhou para ele e dirigiu-lhe um grande sorriso branco.

Os olhos de Atiyah fixaram-se em Mariam, depois na secretária, e em seguida perscrutaram o gabinete, em busca de Bouthaina. Pela visão periférica turva, Mariam via a chave de memória USB a piscar a verde, mas não podia retirá-la com Atiyah ali. Este esboçou um sorriso ameaçador e deu um estalido com a língua. Entrou no gabinete e fechou a porta.

– Está a habituar-se à cadeira da chefe, Mariam? – perguntou-lhe.

– Estou só a preparar-lhe uns documentos – respondeu ela, tentando não fitar a chave de memória.

Atiyah lançava uma sombra sinistra sobre a sua vida desde Villefranche. Ela presumia que ele queria sacrificá-la na corrida contra Bouthaina pelo prestígio palaciano, mas continuava sem perceber ao certo porque a tivera como alvo. Agora, na Síria, mantinha-se atenta, a olhar para lá das esquinas e à espera do nervoso miudinho que lhe anunciaria a presença dos seus rufias. Nada acontecera e, como Sam a avisara, essa era a parte enlouquecedora. Ela nunca poderia ter a certeza. A calma poderia ser uma armadilha.

Atiyah era careca e musculado, mas tinha o rosto e o bigode descaídos como cera derretida.

– Tem aquele aspeto por causa do sexo – explicara-lhe Bouthaina certa vez. – Não se pode levar crianças de 13 anos para a cama e ter um ar apresentável.

Nesse momento, ele olhou para a casa de banho, onde uma conversa sussurrada e sexual tinha lugar. Escapavam-se murmúrios por baixo da porta, e um sorriso rasgou-se no rosto de Atiyah.

– Pode ir chamá-la? Preciso de que ela vá agora ao meu gabinete.

Mariam considerou as opções que tinha. Não podia tirar a chave de memória do computador com ele a ver, e não podia desobedecer-lhe. Se

Bouthaina realmente fosse ao gabinete dele, talvez tivesse uma oportunidade de recuperar a coisa e sair dali. Por aquela altura, já tinha um ribeiro a correr-lhe pela coluna – graças a Deus vestira um vestido preto – e a visão turva. Mas apercebeu-se de que continuava a sorrir cordialmente e a caminhar suavemente.

Bateu à porta da casa de banho.

– Bouthaina, está aqui Jamil Atiyah, precisa de falar consigo e diz que é urgente.

Bateu de novo, desta vez com um pouco mais de força. Os murmúrios pararam. Ouviu uma voz aflita a pôr fim à chamada. Bouthaina abriu a porta, com as faces afogueadas e uns olhos desvairados.

– Jamil, a que devo esta honra? – rosnou-lhe.

Atiyah fitou a casa de banho com um sorriso divertido.

– No meu gabinete. Agora – respondeu.

Dirigiu um sorriso trocista a Mariam, após o que virou costas e saiu. Bouthaina apressou-se a ir à secretária, em busca de qualquer coisa. A sua mão direita rasou a chave de memória USB.

– Posso fazer alguma coisa, Bouthaina? – ouviu-se Mariam a perguntar. Não sabia se ainda estava de pé, mas deu-se conta de que sorria como uma boa subordinada.

Bouthaina olhou para o computador, na direção da chave de memória.

– Por agora, nada. Eu trato disto.

Encontrou a pasta que procurava e saiu à pressa do gabinete.

Mariam não conseguiria recordar toda a cronologia do seu regresso a casa no final desse dia. Em vez disso: fragmentos. Estar em frente à secretária de Bouthaina, arrancar a chave de memória. O seu próprio gabinete, enfiar uma pasta na mala. Uns céus escuros sobre a cidade enquanto seguia para casa. O *pum-pum* de disparos de morteiros, como se anunciassem a sua traição. Cair na cama com o vestido ensopado de suor.

E, através da adrenalina, uma sensação a impor-se a todas as outras: o peito leve e desafogado. A ausência da mão que a esmagava desde a juventude. Mas, meu Deus, que terror.

*

Dias depois, a pequena chave de memória USB continuava a parecer-lhe radioativa. Mariam queria que desaparecesse. Por isso, tinha-a escondido no fundo de um vaso no seu quarto e deixara um pedido no lugar de entregas a pedir uma entrega de passagem no sítio que tinha revisto com Sam em Èze. Debatera deixá-la na lata, mas parecera-lhe arriscado. Não, tinha de estar na sua posse até a dar a Sam.

Agora, passava pelo bulício do mercado de especiarias, o Souq al-Bzouriye, a examinar as mercadorias moídas como fazia quando era criança. Parou em frente à sua banca preferida e inspirou os aromas do

anis-estrela, dos coentros, da canela, do cardamomo, do tomilho e uma centena de outros que não era sequer capaz de identificar. Quando era mais nova, gostava de passear por aquele mercado com Razan. Agora, com a mala abarrotada com uma bolsa de plástico castanha cheia de canela e uma chave de memória USB com material roubado, sentia o coração às voltas dentro do peito, por entre o burburinho habitualmente reconfortante do mercado. Regateou e comprou uma bolsa de canela idêntica à que levava na mala. Viu as horas no telemóvel. Só faltavam uns minutos. Atravessar mais duas ruas e depois virar à esquerda.

O mercado coberto protegia os compradores do sol, mas Mariam sentia o suor pegajoso no fundo das costas. O calor e o *stress* estavam a deixá-la delirante e começou a pensar na montanha de dor que teria de escalar se o Mukhabarat visse a entrega de passagem. Pedir-lhe-iam que comesse a escrever e acabariam por encontrar uma mentira. Esse era o ponto de partida do torturador. Depois passariam para um ligeiro espancamento, seguido de mais perguntas a uma mesa, após o que haveria um “exame” administrado por uma lésbica erotomaniaca intrometida, antes de chegarem ao cume sádico: a voltagem. Independentemente de como se alcançasse o cume, encontrava-se sempre o mesmo à espera: o carrasco. Apesar de todo o barbarismo, o que dava o último empurrão para o cadafalso era a burocracia: redigida pelo Mukhabarat, aprovada por um magistrado do Supremo Tribunal de Segurança do Estado, e gravada com a assinatura de Assad e o falcão de Qureish do brasão da Síria. Depois, uma grande mercê, o deslizar do chão a desaparecer e o último estalido do seu próprio pescoço. Paz.

Enfiou a mão por baixo da *t-shirt* preta e enxugou o fundo das costas com os dedos. Tirou o telefone do bolso das calças de ganga e viu as horas. Retirou a bolsa de canela da mala, a que tinha a chave de memória USB, e levou-a ao rosto. Fechou os olhos e inspirou a doçura picante, após o que tornou a fechar a bolsa e, levando-a na mão direita, virou à esquerda, voltando para o mercado de especiarias, colando-se à esquina enquanto caminhava. Os corredores estavam apinhados e Mariam foi contra uma mulher de *hijab* de seda cor-de-rosa, pedindo desculpa enquanto verificava que tinha a bolsa bem segura.

Não a deixes cair. Não pares de andar. E não olhes para ele.

Viu Sam surgir à sua direita quando dobrou a esquina. Depois sentiu-o encostar-lhe uma bolsa idêntica ao peito. Ela segurou-a com a mão esquerda enquanto ele pegava na que continha a chave de memória. Mantendo o ritmo da passada, Mariam deslizou a nova bolsa para a mão direita, onde tinha estado a outra.

Levara menos de um segundo.

Mariam foi até outra banca de especiarias e comprou cardamomo, contente por as mãos não lhe tremerem enquanto pagava. Ao afastar-se da banca, tornou a parar para observar o conjunto de especiarias. As cores

nunca lhe tinham parecido tão fortes, tão vivas.

– Todos sabíamos que a informação de Athena levantaria ondas – disse Procter. – Só não esperava que nos afogasse. Como é que está a analista, a propósito? Esmerelda? Não é o nome da miúda do *Corcunda*? Ela é sírio-méxico-americana, sabes. – Sam fitava-a com um olhar inexpressivo, perguntando-se onde queria ela chegar com tudo aquilo. – O pai é cem por cento sírio, nascido nos Estados Unidos, e a mãe é mexicana – continuou Procter. – Nascida no México. Bom, Esmerelda é um nome mexicano?

Sam encolheu os ombros.

– Não faço ideia, Chefe. Chamam-lhe Zelda. Espanhol não sei, mas ela fala um árabe levantino razoável.

Zelda Zaydan era o tema de conversa porque tinha chegado a Damasco em serviço temporário, para analisar a informação do computador de Bouthaina. Parecia que, por alguma razão, a questão do nome perturbava Procter.

– Isso era como eu dizer para me tratarem só por Temis. A partir de agora sou a Temis. Francamente. – Fez um gesto com os dois polegares para baixo.

Sam continuou, sem dar seguimento ao comentário:

– A Zelda está a tratar do equipamento. Os informáticos dizem que o computador de exploração chegou hoje de manhã de Fort Meade.

A máquina, que não estaria ligada a qualquer rede da agência, testaria se os sírios tinham infetado a chave de memória USB com *malware*. A equipa de Segurança Diplomática também já a examinara em busca de explosivos e venenos. Não era muito provável, mas o Hezbollah já colocara explosivos em telemóveis que sabiam que seriam capturados, esperando mandar um agente pelos ares enquanto a CIA tentava decifrá-los.

– Perfeito, mesmo a tempo – disse Procter. – A miúda tem montes de trabalho a fazer.

Na primeira tarde, Sam reparou numa pilha grossa de relatórios impressos na secretária de Zelda. O primeiro, uma avaliação de instrução diferenciada, intitulava-se “Avaliação de Informação – Programas de Armas Químicas: Estudos de Caso da União Soviética, do Egito, do Iraque e da Síria”. Ela também tinha um livro debaixo da pilha, *Agentes Nervosos Precursores e Métodos de Produção*. Zelda viu-o a olhar para o título.

– Esse é bom – disse ela. – Encomendado durante a administração Reagan. Tem a receita de gás *sarin* industrial usado nos EUA e na União Soviética. O sírios seguem um livro de receitas muito parecido.

Zelda levantou-se para fazer alongamentos. Sam abriu o livro.

– Então, como é que vai fazer isto?

– Começo por procurar todos os possíveis precursores do gás *sarin*, investigando todas as contas de materiais neste computador – disse ela. – Assim ficamos com uma lista de empresas-fantasma suspeitas. A partir daí, podemos escavar mais fundo e seguir o dinheiro até ao Palácio. Desde que a maior parte da contabilidade esteja completa, deve dar para ver as quantidades.

Depois pôs as mãos nas ancas e fez um grande balão com pastilha elástica. Cuspiu a pastilha e pôs os auscultadores.

*

Seriam necessários dois dias para obter uma resposta, durante os quais, segundo Sam estimava, Zelda bebera uns 20 litros do amargo café da Estação e dormira um total de quatro horas. A falta de sono era culpa de Procter. A Chefe, ansiosa por descascar a cebola da operação, dera-lhe um prazo absurdo para acelerar as coisas.

– Vamos fazê-la ganhar a diária – dissera Procter. – Todos os 138 dólares. – Por isso, quando os chamou à sua secretária 36 horas depois, a analista tinha um ar abatido. Isto, no entender de Sam, pareceu agradar às capacidades de gestora de Procter. As roupas de Zelda estavam amarrotadas e as calças tinham uma mancha de *labneh*. Mas a analista estava a sorrir.

Procter inclinou a cabeça na direção da parede.

– Aneurisma cerebral de analista? – perguntou.

A parede de gesso a descascar tinha-se transformado num campo de tiro de dezenas de *Post-its*. Estavam organizados em forma de pirâmide, no topo da qual dizia “*Sarin*”. Por baixo estavam dois autocolantes a listar os componentes binários: difluoreto de metilfosfonilo, ou DF, e álcool isopropílico, que Zelda abreviara como IA. A descer em cascata a partir daí estavam os tijolos que compunham cada um deles, como uma tabela periódica detonada: dicloreto de metilfosfonila, metildiclorofosfina e fluoreto de hidrogénio, entre muitos outros que Sam não conseguia ler.

Procter puxou uma cadeira e sentou-se.

– Explique-me.

Zelda sentou-se e posicionou-se em frente à parede cheia de papéis.

– O que importa é que eles criaram uma rede para aumentarem as reservas de gás *sarin*, rede essa possibilitada pelo Palácio, provavelmente para o uso da Guarda Republicana. Encontrei provas de que Bouthaina tem ajudado a adquirir a maior parte dos precursores químicos. Pelo menos os que não conseguem fabricar nas suas próprias fábricas. A maioria é enviada para empresas-fantasma no Líbano, algumas na Turquia. Daí, o material provavelmente é contrabandeado para a Síria.

– Quanto é que adquiriram? – quis saber Sam.

Zelda abriu o Excel no seu computador da Agência e olhou para uma tabela.

– Provavelmente faltam-nos peças, mas, se juntarmos todos os precursores, obtemos algo na ordem das duas mil toneladas.

– Isso parece muito – disse Sam.

– E é – confirmou Zelda. – A regra para a produção de gás *sarin* industrial é que o material de entrada pesa oito vezes o resultado final. Por isso, partindo do princípio de que o preparam bem, dá 250 toneladas de gás *sarin*. O suficiente para um ataque em massa. Tendo em conta algumas das datas destas aquisições, imagino que já estejam bem avançados na produção.

– Podem estar só a mandá-lo para o SSRC para produção e armazenamento, não podem, Jagers? – perguntou Procter, a apontar para Sam.

– Jagers? – perguntou Zelda.

– Goldjager. – Procter revirou os olhos a Zelda. Sam nunca comunicara por *e-mail* com a analista, pelo que ela não estava a par da alcunha. – O pseudónimo do Joseph.

– Ah, já percebi. É um nome terrível. O do Debman é Willy T. Pecker. Fez um requerimento a ver se o mudam. Seja como for, quanto a essa pergunta, poderiam estar a enviá-lo para o SSRC, é verdade, mas as unidades de produção do SSRC e as reservas têm estado inativas há quase um ano, segundo as informações de Israel e as imagens por satélite. E os sírios sabem que têm reservas suficientes para impedir que os israelitas deponham o regime.

Zelda tinha pegado num lápis e agora ia batendo com ele na parede como se fosse um metrónomo, marcando os seus pensamentos.

– Se os sírios acham que o material dissuasor é seguro, porque haveriam de comprar duas mil toneladas de material precursor, acrescentando-o presumivelmente a umas reservas já suficientes?

– Para o usarem contra os rebeldes – disse Sam em voz baixa.

Zelda apoiou-se à parede, a fitar os ladrilhos de gesso do teto.

– É muito.

– E acham que não podem usar as reservas atuais porque nós e os

israelitas detetáramos o transporte, a mistura e a preparação – acrescentou Sam.

Procter tinha começado a assentir vigorosamente com a cabeça.

– Eles têm razão – disse Zelda. – Rustum Hassan não é tolo nenhum. Ele sabe que temos os locais do SSRC permanentemente marcados para cobertura por satélite. Veríamos as reservas a serem transportadas ou preparadas. Para usar a coisa, em combate, agora, é preciso separá-la do SSRC. Criar um programa compartimentado.

– Onde raio é que está tudo isso? – quis saber Procter. – Duas mil toneladas de material implicam que têm uma unidade industrial algures no país simplesmente a produzir *sarin*.

Zelda sorriu.

– Bouthaina enganou-se num *e-mail*, disse a um dos intermediários que mandasse qualquer coisa para Jableh, e depois mudou a localização para outra unidade da Guarda Republicana. Fui verificar. A Agência de Informações Geoespaciais fez um relatório sobre uma “Unidade Enigmática” – agitou os dedos no ar a fazer aspas à volta da expressão –, localizada perto de Jableh. Isto foi há nove meses. Disse que havia qualquer coisa a ser construída. Desde então que não houve voos de reconhecimento por aí. Devíamos voltar a ver isso.

Sam apontou um dedo como se fosse uma arma ao cartaz de Assad pendurado na parede e premiu o gatilho.

*

Artemis Aphrodite Procter tinha uma reputação complicada na Agência Nacional de Reconhecimento e na Agência de Informações Geoespaciais. Tinha havido algum aborrecimento em Cabul, quando uma discussão acabara com dois analistas de imagens por satélite a serem atirados de um lanço de escadas abaixo, a meio de uma operação Predator contra os talibãs do Paquistão.

– Acidental – era o que Procter sempre dizia. – Infeliz.

O drama dificultava-lhe as negociações de recursos com representantes quer de uma agência, quer de outra.

Por isso, telefonou a Ed Bradley para suavizar a coisa.

– Ed, podes fazer com que aqueles cromos me deem um pássaro?

*

Bradley telefonou ao contacto da CIA na Agência Nacional de Reconhecimento, dando-lhe as coordenadas da unidade de Jableh. O contacto perscrutou uma transmissão em tempo real que mostrava as órbitas disponíveis, uma visão tão altamente classificada que nem os seus netos iriam assistir à sua divulgação ao público. O contacto concluiu que a plataforma de satélite Misty-3 talvez funcionasse e telefonou ao

responsável pela missão para lhe dar as coordenadas de Jableh.

– Bem, merda – disse o responsável na reunião matinal, a farejar a sua caneca de café, que também devia ser confidencial, dado que tinha a forma do balão de Misty e a frase *Sorria, está a ser filmado* impressa. – Não temos um fornecimento ilimitado desses malditos pássaros.

Ao final do dia, o responsável pela missão, a digerir a sexta caneca balão Misty de café, remexia-se atrás de um informático italiano que disparava os propulsores de iões de Misty ao apogeu orbital do satélite, colocando-o numa rota que atravessaria Jableh na manhã seguinte, hora local.

Misty sobrevoou o espaço precisamente às 6h43m, hora local, e tirou sete imagens do complexo com a sua câmara panorâmica de três metros. As imagens, enviadas para Washington através de um link encriptado, revelaram três grandes armazéns, um conjunto de tratores-rebocadores, automóveis estacionados – incluindo vários com a insígnia da Guarda Republicana – e uma pequena caserna aninhada no vale de umas montanhas. A cereja no topo do bolo, porém, era um camião de carga com uma matrícula visível. As imagens foram distribuídas pela Divisão de Análise do Médio Oriente e do Norte de África da Agência de Informações Geoespaciais, onde um analista a escutar o *Trio para Pianos em Lá Menor*, de Tchaikovsky, nos seus auscultadores com cancelamento de ruído, redigiu um relatório que acabaria por ser transmitido com o título: “15 DE JUNHO: ATIVIDADE DO COMPLEXO DE JABLEH INDICA AFILIAÇÃO DA GUARDA REPUBLICANA E DO SSRC”. As caixas de comentários do analista eram verbosas, mas ele era meticoloso e tinha verificado tudo, incluindo inserir a matrícula do camião em várias bases de dados da AIG.

O camião, afinal, pertencia ao Ramo 450 do SSRC: transporte e segurança de armas químicas.

À medida que os bombardeamentos aumentavam e que o controlo do regime na capital diminuía, os damascenos iam ficando cada vez mais em casa: os olhares furtivos, as esplanadas dos cafés vazias, os bairros isolados e vigilantes, os restaurantes aleatoriamente fechados. A eletricidade era errática, a escuridão parecia uma praga que se se alastrara até às zonas mais ricas.

Por isso, quando o tio Daoud pediu para ver Mariam e Razan, em vez de irem a um restaurante as primas percorreram quatro quarteirões até ao apartamento dele, para partilharem uma refeição caseira de *dawood basha*. Quando a tia Mona ainda era viva, costumavam reunir-se na sala de jantar, mas ninguém gostava de olhar para o lugar que ela ocupara desde que a família se mudara para aquele apartamento nos anos 1980. Daoud tinha retirado a cadeira dela, mas isso quase piorava as coisas. Por isso, sem referirem o motivo, comeram sentados a uma pequena mesa na cozinha.

Daoud fez perguntas acerca da avaliação que o médico fazia do olho de Razan, acerca do que ela andava a ler, acerca dos amigos dela. Tentava ser um bom pai. Razan não estava interessada. Sentada na sua cadeira, ia debicando as almôndegas, sem tocar no vinho e mantendo o olhar – ainda com a venda – concentrado no frigorífico atrás do seu pai. Mariam tinha vontade de lhe dar uma bofetada por ser uma *sharmoota*, uma criança petulante tão ingrata. Dá um desconto ao teu pai, todos servimos um governo que tu desprezas – e ele fez o que fez para que tu pudesses comer. Preocupada por o monólogo interior poder escapar-lhe, Mariam bebeu um grande golo do vinho libanês.

– Quando achas que voltarás ao trabalho? – perguntou Daoud à filha, que nesse momento fitava o seu prato com o olho saudável.

– Não sei. – Ela pousou o garfo e pediu licença, voltaria dentro de uns minutos.

Daoud sorriu a Mariam com olhos exaustos. Ela perscrutou-lhe o rosto, desconfiando de que talvez aquela fosse a noite. Não vais pedir-lhe que

espie para a CIA, instruíra-a Sam, vais pedir-lhe que ultrapasse um limite contigo e só contigo. Que partilhe algumas coisas que sabe que não devia partilhar. Ele pode desconfiar de que trabalhas para um serviço de informações, mas tu nunca mencionas isso. Por vezes, a CIA recruta totalmente uma subfonte, mas, com frequência, a relação mantém-se entre a fonte e a subfonte. Eu fui recrutada?, perguntara Mariam. Ele não quisera responder àquela pergunta. Deixava-o desconfortável, ela percebia, e ela sentira o mesmo.

Daoud tinha as costas curvadas, e a barriga saliente fazia-o parecer sete quilos mais pesado do que na festa de noivado do primo. O seu cabelo castanho estava mais seco e ralo do que ela se recordava. Parecia um cientista abatido que acabara de saber que uma experiência falhara. Mariam achava-o sobretudo triste.

Razan voltou para a mesa com as faces manchadas e um olhar alucinado, preparada para discutir. Tinha tomado decisões na casa de banho e parecia querer haver-se com o pai. Mariam era agora uma mera espetadora.

– Preciso de falar contigo como meu pai – disse Razan. – Não como funcionário do SSRC. – Ele assentiu com a cabeça, mas o seu rosto indicava que não queria ouvir. – Quero voltar a trabalhar com os Comitês de Coordenação – disse ela, como se fosse aceitar um emprego num banco. Como se mostrar o dedo do meio ao todo-poderoso Assad fosse uma profissão normal.

Daoud ficou zangado, de maxilar cerrado, as costas direitas.

– Razan, oh, meu Deus, não...

– Para, papá, deixa-me acabar. Não posso ficar a ver o nosso país a ser destruído. Os protestantes são fracos, mas têm razão. Eu quero estar do lado certo. Do lado moral. Do lado de Deus.

Daoud passou as mãos pelo cabelo a rarear e afastou a cadeira da mesa. Fitou a filha com um ar irado.

– Deus não está na Síria agora, Razan, para o caso de não teres reparado. Fomos abandonados ao caos. Não podemos fazer nada exceto manter a cabeça baixa e esperar que isto passe. E, se tens de meter Deus ao barulho, que bem virá de te juntares à oposição, hã? Queres ajudá-los a trazer o seu Alá jiadista e sanguinário para o nosso país, para nos matar a todos?

Apontou para o olho dela e começou a chorar, ao que Mariam se sentiu envergonhada por estar ali naquela cozinha, a ver o tio a ir-se abaixo.

– Já perdi a tua mãe – disse ele. – Não me deixes sozinho neste inferno. Não posso perder-te também, Razan – sussurrou.

Havia mais a dizer, mas teria de esperar, pois alguém bateu à porta.

Mariam teve a sensação estonteante de observar o seu corpo a partir de fora. A batida. Os sírios conheciam aquela batida. Os olhos de Daoud e de Razan confirmavam-no. Mariam pensou no computador de Bouthaina. Não

durei muito. Vida curta, mesmo para uma espia. Lembrou-se de ter perguntado estupidamente a Sam quanto tempo servia a maioria dos espões. Depende, dissera ele. Do quê?

Daoud levantou-se para ir à porta. Eram dois agentes do Mukhabarat, e mostraram distintivos da Segurança Política. Um tinha um tronco redondo e papada, com mais uns 25 quilos do que Daoud. Tinha um nariz de couve-flor e um bigode descaído. O outro, seu subordinado, era pequeno e fazia lembrar um rato, com um nariz arrebitado e olhos medrosos que pareciam colados ao chão. Como fazia desde a infância, atribuiu-lhes alcunhas silenciosas para acalmar o medo.

Couve-Flor e Rato, batizou-os.

O seu ritmo cardíaco abrandou quando o Couve-Flor perguntou se Razan estava presente e se todos podiam mostrar documentos de identificação. O Rato recebeu os documentos e o Couve-Flor, ciente de que se encontrava na casa de um coronel respeitado do SSRC, disse que não demorariam, mas tinham de fazer algumas perguntas a Razan acerca da sua detenção. Também se identificaram, o que Mariam achou cordial e decente, dado que muitas vezes os agentes do Mukhabarat se limitavam a aparecer com os seus blusões de cabedal a exigir ter uma conversa com os suspeitos. O Couve-Flor era coronel. O Rato, um tenente.

– Podemos fazer isto noutra altura? – perguntou Daoud, irritado.

O Rato continuava a fitar o chão, mas o Couve-Flor manteve-se firme.

– O general Qudsiyah pediu-nos que tivéssemos uma conversa privada com a menina Razan. Um seguimento, como tenho a certeza de que compreenderá. Estes têm de ocorrer com frequência, dadas as... hum... diria... as circunstâncias invulgaes da sua libertação.

O Rato tossicou. Olhou para um candeeiro.

Qudsiyah era o diretor da Segurança Política. Era intocável, e a mera menção do seu nome punha fim à discussão.

– Na semana passada, foram os Serviços de Informação Militar – disse Razan. – Na anterior, a Segurança do Estado.

Quantos destes interrogatórios iriam ter lugar? Mariam viu-lhe as narinas a alargarem-se, e a sua voz estava tensa e gutural.

O Couve-Flor olhou para Daoud e depois de novo para Razan.

– Cometeu crimes punidos por...

– Pare – disse Daoud. – Pare, coronel, não é necessário. Razan, fala com estes homens. De quanto tempo precisam?

As faces de Razan coraram. Ela cruzou os braços. Fica quieta, miúda, pensou Mariam, fala simplesmente com eles e despacha isso.

– Dez, quinze minutos – disse o Couve-Flor.

Mariam e Daoud foram fumar para a varanda. Ele continuava a cuidar de um pequeno jardim de plantas e flores em vasos, como Mona fazia: jasmim branco, naquele momento do verão a florir, rosas damascenas, hibiscos altíssimos a ladear as portas deslizantes. Ela lembrava-se de plantar jasmim

com a tia Mona, Razan a andar ali à volta, Daoud lá dentro a cozinhar algo e a rir com o seu pai.

Já não havia risos lá dentro. Mariam sabia que a visita a decorrer na cozinha, na qual estavam presentes apenas o Couve-Flor, o Rato e Razan, seria tanto cordial como humilhante, burocrática e selvagem. Não era do género de arrasar a porta e levar alguém a meio da noite. Não havia violência ou ataque algum. Isso já acontecera. Aquilo era um lembrete de que se tinha dono.

Os homens perguntariam a Razan o que tinha andado a fazer, se alguém dos Comitês de Coordenação a tinha contactado, como iam as consultas médicas. Escreveriam as respostas num relatório que, provavelmente, Qudsiyah nunca leria. Depois isso iria para um ficheiro. Os Serviços de Informação tinham um, tal como a Segurança do Estado e, provavelmente, o Gabinete de Segurança também. Não partilhariam os relatórios. O papel ficaria em arquivos em caves. Representantes do Mukhabarat continuariam a visitar Razan durante as décadas seguintes. Iriam a sua casa sem avisar. Observariam os seus filhos a brincar, se ela alguma vez chegasse a tê-los. Alguns, com acanhamento, exigiriam subornos. Outros acusariam, sondariam e ameaçariam. Fariam as mesmas perguntas, já sabendo as respostas.

Desta vez, a conversa demorou 12 minutos. O Couve-Flor agradeceu a cooperação de Razan e tornou a pedir desculpa a Daoud pela intrusão. Acenou com a cabeça a Mariam e depois partiu, com o Rato atrás de si.

– Trataram-te com decência? – perguntou Mariam.

– Sim. Mas hoje não aguento mais conversa. Papá, posso dormir cá? Preciso de me deitar.

– Claro, *habibti*, mas não queres acabar o jantar?

– Não tenho fome.

Razan abraçou o pai e Mariam e em seguida foi para o quarto da sua infância, fechando a porta.

– Preciso de um uísque – disse Daoud.

*

Serviu uma dose generosa de *Johnnie Walker Blue Label* – ela reconheceu a garrafa que o pai oferecera ao irmão no seu último aniversário – em dois copos e foi ter com Mariam à varanda. Ela sempre gostara daquela casa. A varanda tinha vista para o apartamento de outra família e, ao fim de semana, podia-se ouvir a barulheira da vida noturna de Bab Touma: foliões, casais em encontros amorosos, mulheres de calças de ganga justas e outras com *hijabs*, todos a dançar nos bares e restaurantes da Cidade Velha. Agora havia uma calma sinistra e o apartamento do outro lado da rua estava às escuras. Daoud bebeu metade do uísque de um trago.

Mariam lembrou-se do que ele dissera na festa de noivado. *O regime*

não cumpriu a sua parte. Vê o que aconteceu à Razan. E não temos a que recorrer. Estamos presos.

Ela olhou para a cintura inchada do querido tio, para as faces encovadas. Uma centelha no seu olhar ateou um qualquer pesadelo e ele esfregou a testa e coçou o pescoço. Ela lançou um olhar de relance a uma ferida aberta debaixo do colarinho, onde ele espetara a unha. Continuou a mexer-lhe e acabou o uísque. Depois recostou-se na cadeira para fechar os olhos e cheirar as flores.

Mariam achava que teria de insistir para obter informação, mas, afinal, bastaria uma só pergunta.

– O que se passa, tio?

– Fizemos um teste – murmurou ele, com os olhos ainda fechados.

– Não fazem sempre?

– Sim, mas este teste foi com pessoas.

Mariam pousou o seu copo de uísque. Sentia as mãos frias.

Ele abriu os olhos e fitou-a, voltando a coçar a ferida no pescoço.

– E foi bem-sucedido. – Depois serviu-se de mais um copo. – Estão a preparar o gás para a guerra.

*

Duas horas depois, Mariam aninhou-se na cama ao lado de Razan, mas não dormiu. Sentia o corpo quente da prima e o movimento do seu peito, as subidas e descidas suaves. Tapou-se e virou-se para a prima. A venda. Tinha lenços enfiados debaixo da almofada.

Mariam tinha feito muitas perguntas. Demasiadas, receava. Mas Daoud ultrapassara um limite. Vários, na verdade. As palavras que proferira não pareciam reais. Faziam-na querer desligar-se. Impediam-na de dormir.

De manhã, esgueirou-se cedo e foi para o seu apartamento, onde se sentou e escreveu uma pequena nota, dobrando-a como Sam lhe ensinara em França. Convicta de que assim caberia dentro de uma lata, enfiou-a na sola do ténis, vestiu umas calças de ginástica e uma camisola branca e foi correr para a montanha.

Quando voltou ao apartamento, encontrou Razan na cozinha a beber café e a ler uma revista. Também saíra cedo da casa do pai.

– Queres falar da noite passada? – perguntou-lhe Mariam.

– Nem por isso.

– Como queiras – respondeu, e voltou para o quarto, transpirando o resto do uísque enquanto percorria os seus movimentos de Krav Maga.

Quando acabou, subiu as persianas até meio.

A Estação de Damasco submeteu a informação de Mariam à Divisão do Médio Oriente para processamento imediato e divulgação nos comunicados. A chefe-adjunta dos Relatórios da Síria em Langley, Louise Boolatte, difundiu o relatório, resmungando entre dentes que aqueles sírios eram uns carneiros, uns selvagens e uns monstros. Boolatte, à semelhança da Estação de Damasco, perguntou-se se a violação flagrante da linha vermelha traçada pelo Presidente dos EUA suscitaria uma resposta da Casa Branca. Duvidava, mas que raio sabia ela? Por esta altura, o que lhe interessava era que lhe pagassem as horas extra. Um Prémio de Desempenho Excepcional também não cairia mal, mesmo que os burocratas do Departamento de Operações tivessem recentemente trocado os bónus em dinheiro por cupões para usar em restaurantes.

Boolatte assinalara o relatório para as leituras da tarde do Diretor. O Diretor leu-o, amaldiçoou o regime sírio e convocou o conselheiro para a Segurança Nacional, que fez o mesmo e disse que reuniria o Grupo de Trabalho da Síria na Casa Branca ao final desse dia para discutir, mais uma vez, as autoridades letais contra Ali Hassan e os planos para utilização de armas químicas que vinham de Damasco. O Diretor, que já estava atrasado para jantar com o embaixador saudita, explicou que Ed Bradley representaria a Agência no Pequeno Grupo. Na Sala de Crise da Casa Branca, Bradley esteve presente durante a discussão de três horas quanto a pôr em prática a linha vermelha do Presidente. No final, o conselheiro para a Segurança Nacional apresentou três opções que o Presidente dos EUA teria ao seu dispor: destruir o regime, bombardear a unidade de Jableh, enviar uma mensagem clandestina.

– Que seja limpo, Ed – disse o Presidente, tendo escolhido a terceira opção. – Só o general. Nada de espetadores inocentes.

videoconferência com Bradley, que aparentemente continuava acordado, na Caixa da sua casa, e que já devia ter tomado umas quantas cervejas quando a Estação de Damasco ficou em linha. A sua imagem granulada emergiu no ecrã.

– Olá, malta – disse ele. – Vou ser breve. Ontem à noite, o Presidente dos EUA considerou bombardear Damasco, em retaliação pelo teste com gás *sarin* que Athena apresentou no seu relatório. Decidiu não o fazer, mas, mesmo assim, quer enviar aos sírios uma mensagem que lhes diga que não nos fodam. O Gabinete de Conselho Jurídico do Departamento de Justiça acha que podem interpretar os assassinios de Val e Komodo, juntamente com a vigilância de Ali Hassan das operações em Damasco, como uma ameaça continuada à América e aos seus interesses. E é por isso que agora tenho na mão um papel, assinado pelo Presidente dos EUA há 45 minutos, a declarar que uma operação para eliminar o general-brigadeiro Ali Hassan é, e passo a citar o Artigo 50 do Código dos EUA, “necessária para apoiar objetivos identificáveis de política exterior dos EUA”. Não se trata de um assassinio. Foi sancionado como autodefesa nacional.

– Que classe. Elegante como uma camisa de noite – comentou Procter. – É por isso que toda a gente adora advogados.

– Quais são as condições? – perguntou Sam.

– E quanto disso é que está escrito? – quis saber Procter.

– Procter, vou presumir pelo teu tom que o que estás mesmo a perguntar é se podemos tratar disto como das operações com *drones* no Afeganistão e no Paquistão. E a resposta é negativa. O único a morrer é Ali. Não pode haver danos colaterais. Essa é a única restrição por escrito.

– Há outras que não estejam por escrito? – perguntou Sam.

– Sim, uma, da minha parte – disse Bradley. – O presidente concorda. Chamem-lhe orientação de comandante. Precisamos de que os nossos especialistas em reconhecimento facial confirmem que é Hassan antes de premirmos o gatilho. Não quero que se meta a pata na poça e se mate o general sírio errado. Precisamos de gravação vídeo em tempo real para confirmar que é ele. – Os olhos de Bradley estreitaram-se e ele parecia fitar Sam a partir do ecrã. – Trata-se de uma rara oportunidade de vingarmos um dos nossos. Todos queremos Ali Hassan por aquilo que fez à Val. Mas sejamos espertos. Nada de loucuras.

– Claro – respondeu Sam. A sua pulsação acelerou. Era frequente a CIA ter de desviar o olhar quando um dos seus agentes era assassinado. Agora, ele poderia vingar Val. Poderia fazer Ali pagar por aquela linha que lhe traçara na testa.

Procter despiu o casaco de fazenda e ficou a olhar para o ecrã, correspondendo ao olhar fixo de Bradley. Sam via as estrelas e a expressão *COM HONRA* tatuadas no seu dorso por cima do *top* preto. Para que raio seriam?

– Isto é a tua forma de insinuares que a Estação não está a fazer o que

deve? – perguntou ela.

– Não – respondeu Bradley. – Isto é a minha forma de vos dizer explicitamente, sem insinuações, que estão todos debaixo da porra da mira. As expetativas são elevadas e vão aumentando, por causa do ótimo trabalho que têm feito. A tua porta está fechada?

Ela olhou para a porta fechada.

– Não, está escancarada, e a porta para a chancelaria também. Na verdade temos aqui um sírio connosco, Ed, a câmara não o apanha mas ele tem estado a tirar notas. Mahmud, Mahmud, vem cá para a frente da câmara e sorri aqui ao Ed.

Procter acenou loucamente para a porta. Depois virou-se de novo para o ecrã e esboçou um sorriso arrogante.

Ele riu-se.

– Esqueço-me de como és chata, Procter. Devia ter-te mandado para a Divisão Europeia para poderes aterrorizar outra pessoa qualquer. Estou a receber o mesmo tratamento de merda que ofereceste aos talibãs e à Al-Qaeda no Paquistão.

– Pelo menos continuas vivo – replicou ela.

*

Dentro da sala de conferências segura do embaixador na Embaixada dos EUA, Yusuf pôs os sapatos em cima da mesa e comeu mais piza. A caixa afirmava que era “Autêntica Piza Síria”, de um sítio chamado Café Costa, e Sam mal conseguia olhar para ela.

– Para a gravação aí, Rami – disse Yusuf, em resposta a uma pergunta de Procter. Endireitou-se. O ecrã mostrava o carro de Ali Hassan a passar por entre as bermas de betão para o edifício do Gabinete de Segurança. Estavam a assistir às gravações de vigilância dos Banditos.

– Já viram como aquele *Lexus* está rebaixado? – disse Yusuf. – É blindado, por isso precisaríamos de artilharia bastante pesada. – E vejam isto também.

Fez deslizar o registo de vigilância sobre a mesa.

Sam abriu o ficheiro. Os Banditos tinham marcado as horas de entrada e saída de Ali. Eram diferentes todos os dias, por vezes com diferenças de horas.

– Ele também altera a rota? – perguntou Sam.

– Sim, infelizmente. Aparece vindo de direções diferentes – respondeu Elias, ao mesmo tempo que puxava outra fatia de piza. – Não encontrámos um padrão.

– Um ataque na guarita? – perguntou Procter, lançando um olhar de relance à piza. – Correr e disparar enquanto ele mostra o distintivo?

– Tipicamente, fica um tipo ao portão, enquanto quatro a sete vão passando o tempo ali fora a fumar e a meterem-se uns com os outros –

explicou Rami. – Não é propriamente profissional, mas ficaríamos com um tiroteio nas mãos.

Procter levantou-se.

– Eu disse que ia arrancar-lhe os tomates, e estava a falar a sério. Têm alguma ideia exequível?

– Uma – disse Yusuf.

Tirou um maço de *Marlboro* do bolso do peito e pousou-o na mesa.

– Não, obrigada, Yusuf – disse Procter, com um sorriso espertalhão. – A ventilação nesta caixa de lata não é fantástica.

– Não. Veja.

Yusuf fez avançar a gravação até chegar a algo gravado às 21h55m, uma semana antes. A câmara concentrou-se em Ali Hassan enquanto este saía do edifício do Gabinete de Segurança e caminhava pela rua, contornando os carros estacionados no passeio, tal como Sam vira outros peões fazerem enquanto observava o edifício.

– Era eu que estava a filmar – disse Yusuf. – Vejam com atenção.

A câmara focou-se em Ali. Ele parou perto de um carro estacionado e tirou o reconhecível maço vermelho de *Marlboro* do bolso da camisa. Demorou-se a tirar um cigarro e a acendê-lo, antes de recommençar a caminhar. Movia-se devagar, como se estivesse perdido em pensamentos.

– Agora vejam este – disse Yusuf. Voltou a avançar a gravação, até chegar a imagens do dia seguinte. O registo da hora indicava 22h02m. Ali seguiu pela mesma rota, a fumar os seus *Marlboro*. – O tipo faz isto muitas vezes. Numa semana, fez este percurso quatro vezes.

Sam pegou nos cigarros e virou o maço nas mãos. Acenou com a cabeça a Procter, que acenou também.

Jamil Atiyah tinha um estatuto similar ao de Bouthaina. Em teoria, pelo menos. Contudo, o velhote fora diretor-adjunto dos Serviços de Informação Militar, ajudara a assegurar a subida de Bashar à presidência e era responsável pelo dossiê do Irão. Tinha mais *wasta* do que Bouthaina. E tinha pénis. Dizia a Bouthaina o que fazer.

Por isso, Bouthaina ficou apoplética, mas não surpreendida, quando recebeu mais uma convocatória concisa para informar Atiyah acerca dos esforços de Mariam para afastar opositores do Conselho Nacional.

– Eu lido com o pedófilo na reunião – disse Bouthaina. – Mas gostaria que viesse, para o caso de ele pedir pormenores. Podemos partilhar os relatórios que redigiu em França. É claro que ele não quer saber do verdadeiro trabalho, o que está em causa é a nossa guerra. Mais uma batalha no seu esforço para nos destruir.

Mariam levou inconscientemente um dedo à boca enquanto pensava nos três corpos no seu quarto de hotel em Villefranche, nos seus dedos trémulos a pendurar o sinal de NÃO INCOMODAR ao fechar a porta depois de sair.

Por altura da entrega com passagem, Mariam tinha começado a roer a pele à volta das unhas. Ao início não dava por isso, mas, quando ia no segundo ou no terceiro dedo, detinha-se. Porém, Bouthaina, absolutamente concentrada em si mesma, parecia não reparar.

Mariam pousou as mãos na mesa do gabinete de Bouthaina e reparou numa gota de sangue a espreitar do sabugo do polegar direito. O telefone de Bouthaina tocou e ela foi para a casa de banho. Mariam remexeu nos relatórios na mesa, a pensar na terrível segurança das comunicações da chefe enquanto esta falava com Rustum. Estava a roer o dedo do meio quando se deu conta disso e mordeu o lábio, com asco.

Bouthaina desligou e saiu da casa de banho.

– Vamos lá ver o velho tarado.

Mariam alisou a saia azul escura e pegou nos seus relatórios para a

seguir. Atiyah estava sentado à secretária e não levantou a cabeça para lhes reconhecer a presença. Naquele dia, usava um fato à medida, preto com riscas largas, o que lhe dava um ar de gângster.

Bouthaina e Mariam sentaram-se à mesa. Atiyah acabou de ler o seu relatório e depois levantou a cabeça. Bebericou chá mas não ofereceu. Em vez disso, observou Mariam por um instante, sem o disfarçar.

– Ela é um pouco velha demais para si – atirou-lhe Bouthaina.

Atiyah nem sequer deu sinal de ter ouvido o comentário. Em vez disso, dirigiu-se a Mariam.

– Esqueço-me de quando foi a última vez que nos vimos. Como foi França? – Ela detetou um tom nervoso na voz dele. A raiva estava prestes a mostrar-se. As sobrancelhas dele estremeceram por um segundo, mas depois, num instante, pararam e ele arqueou-as, sorriu e disse: – Agitada?

– As reuniões com Fatimah não surtiram resultado – disse Mariam. – Ainda não. Embora, como poderá ver nesses relatórios, tenhamos tomado medidas ativas para lhe alterar a opinião quanto a isso.

Mariam deslizou a folha na direção de Atiyah.

Este fez um movimento com a mão como se a enxotasse. Disse:

– Já sei que a mãe de Fatimah foi presa. Não preciso destes relatórios. O que quero saber é porque é que o seu gabinete continua a falhar, Bouthaina. Fatimah continua no conselho, a passear-se na Europa e a trocar de nós.

Bouthaina olhou com anseio para um abre-cartas que estava em cima da secretária. Depois desviou o olhar para baixo e tirou um fio das calças com um ar de indiferença. Também ela sabia que a sua guerra com Atiyah requeria compostura.

– O meu gabinete viaja para espremer a vida da oposição, enquanto você viaja para a Tailândia para espremer carne adolescente. Todos temos as nossas prioridades.

Atiyah riu-se com desdém, mas fixou os olhos em Mariam. Esta juntou as mãos no colo para não roer as unhas e também ela olhou para o abre-cartas. Seria uma vingança adequada pelo incidente no hotel de Nice.

– Usa sempre as mesmas armas, Bouthaina – disse ele. – Não está a funcionar. Experimente outra coisa. Se não resolver este problema, vai perder o caso. Depois eu vou assumir o controlo e ser bem-sucedido naquilo em que você e a Mariam falharam. – Agarrou nos relatórios de Mariam enquanto lhe fitava a blusa. – Até sou capaz de os ler, e quando acabar talvez queira fazer-me um resumo adequado. – Dizendo a palavra *adequado* como se quisesse dizer tudo menos isso.

Contrariando o *botox*, a testa de Bouthaina franziu-se. Parecia ir falar, mas depois, em silêncio, levantou-se, virou-se para a porta e saiu. Mariam tentou segui-la, pegando em papéis enquanto se escapava. Sentiu uma mão a agarrar-lhe o ombro e um hálito quente no pescoço ao se aproximar da porta.

– Fico contente por ter voltado sã e salva das suas férias em França – disse ele. Ela virou-se e tentou tirar-lhe a mão do ombro. – Teria sido uma pena perdê-la, mas, por favor, compreenda... não é nada pessoal. A Bouthaina começou uma guerra comigo.

Ela largou os relatórios e libertou-se, ligeiramente desequilibrada por causa dos saltos altos. Os olhos dele mostraram surpresa.

– Mantenha-se vigilante, Mariam. Há muito a temer. Irei chamá-la para um relatório completo quando tiver lido estes ficheiros.

Ele olhou para os papéis no chão e riu-se. Em seguida, fechou a porta do gabinete.

Mariam apressou-se a apanhar os papéis espalhados e voltou para o gabinete de Bouthaina, mantendo contacto visual com um retrato do presidente enquanto avançava.

*

Bouthaina já estava sentada à secretária, a digitar furiosamente com o olhar fixo no ecrã. Mariam só soube que Bouthaina tinha dado pelo seu regresso quando esta disse:

– Acho que correu bem, não acha?

Foi até à mesa, onde começou a remexer nos papéis, resmungando. Tratava-se de uma verdadeira guerra burocrática síria, pensou Mariam, que se combatia com papéis, ficheiros e reuniões, usando os subordinados como carne para canhão.

– Aqui está – disse Bouthaina. Bateu num itinerário de viagem de Fatimah, intercetado pelos iranianos. – O Atiyah quer dizer ao presidente que falhámos. Acha que isso lhe dará vantagem, e tem razão. – Apontou para o relatório. – Fatimah vai passar uns dias na casa de família na Toscana, a partir de 6 de julho. Você irá vê-la. Irá trazê-la para casa, queixosa, açaimada, com um laçarote de presente. Vamos dizer a Ali que prenda mais uns quantos familiares dela para a amansar. Desta vez, Mariam, será bem-sucedida.

– Claro, Bouthaina. Lidarei com ela.

Levou uma unha à boca mas deteve-se e baixou a mão, cerrando-a em punho.

*

No caminho para casa, Mariam foi petiscando umas bolachas de água e sal que comprara para acalmar o estômago. A ameaça de Atiyah ocupava-lhe a mente, bem como a ideia proibida de Sam se juntar a ela em Itália. Ele acalmá-la-ia, ajudá-la-ia a pensar. Mariam atravessou a rua e entrou no buliçoso Souq Al-Hamadiya. Alguns dos vendedores chamaram-na ao vê-la passar, perguntando-lhe se podiam mostrar-lhe um vestido bonito, ou talvez uns óculos de sol. Mas ela estava em Èze, em cima de Sam, a ter prazer

quando o bastão partiu a cabeça do atacante corpulento com a *t-shirt* dos Pink Floyd. Estava no banco traseiro do carro, a levá-lo para dentro de si, quando o sangue do segundo homem esguichou para o espelho do quarto de hotel. Estava ao lado de Sam na cama, a percorrer-lhe os músculos do peito com os dedos, quando a nuca do terceiro atacante caiu sobre os lençóis lavados. Quase tropeçou numa pedra do pavimento que estava saliente e parou para procurar outra bolacha na mala. Depois de tirar uma da embalagem, segurou-a entre os lábios enquanto voltava a tatear para ter a certeza de que o marcador continuava na mala. Agarrou-o por um momento para se tranquilizar. Pôs novamente a mala ao ombro e fechou rapidamente os olhos para recordar a imagem dos *graffiti* que tinham ensaiado em guardanapos em Èze.

– Este é o sinal de emergência – dissera Sam com o guardanapo a agitar-se com a brisa mediterrânica. – Alguém irá procurá-lo todos os dias. Se o virmos, vamos logo para o local de entregas.

Mariam parou num beco a três quarteirões do seu apartamento.

– O que é que eu faço se alguém me vir? – perguntara-lhe.

– Não deixes que te vejam – respondera ele.

Ela assegurou-se de que estava sozinha. Entrou no beco e deixou a marca na parede.

Sam e Procter leram a mensagem de Mariam na Estação.

– Bolas – disse Procter. – Um frente a frente com uma agente acabada de recrutar neste matadouro? Detesto.

– Também não me agrada – disse Sam, e depois tornou a ler a mensagem:

EU, E BOUTHAINA REUNIMOS COM ATIYAH. GUERRA TERRITORIAL NO PALÁCIO CONTINUA. ATIYAH USOU O MEU FRACASSO COM FATIMAH PARA APERTAR BOUTHAINA. AMEAÇA FÍSICA FEITA CONTRA MIM NO FINAL DA REUNIÃO, INCLUINDO REFERÊNCIAS AO ATAQUE EM FRANÇA. ATIYAH DISSE: “MANTENHA-SE VIGILANTE”. HÁ MUITO A TEMER.

BOUTHAINA VAI ENVIAR-ME A MONTALCINO, ITÁLIA, A 6 DE JULHO PARA VOLTAR A ENCONTRAR-ME COM FATIMAH. TEREI TEMPO PARA NOS ENCONTRARMOS PESSOALMENTE.

O ponto final após a primeira palavra indicava que Mariam não tinha deixado a mensagem sob coação. Procter estava a ler a mensagem por cima do ombro dele.

– Bolas – tornou a dizer, abanando a cabeça. – Maldade, Jagers.

– Mas não temos mesmo alternativa, pois não? – disse ele. – Já tentaram sequestrá-la em França.

– Fazes ideia de como a ajudar?

Sam bateu com uma caneta na mesa.

– Para que é que manténs aquela *Mossberg* ali, Chefe? Até parece que o armeiro fica longe.

– A presença de armas reconforta-me.

Ele tornou a bater com a caneta e depois escreveu *ATHENA* num bloco de notas. Não tinha nada, à exceção de uma ideia que se lembrava de ter ouvido de Bradley, enquanto bebiam cervejas na Estação do Cairo. Era uma loucura, mas Bradley insistia que isso salvara a vida do seu informador. Que raio, valia a pena tentar. Ele tinha de a proteger.

– Muito bem, é uma ideia maluca, mas lembro-me de o Bradley me falar de uma operação que dirigiu na Argélia para proteger um agente numa situação similar.

– A sério?

– Sim, mas fica já feito o aviso: requer uma câmara em miniatura e um colar.

– Raios. Normalmente é preciso pagar o dobro por essas coisas.

*

Procter gostou da ideia e armou um vendaval nas comunicações. (As palavras “fita vermelha burocrática da treta” foram usadas num comunicado lido pela maior parte da liderança da Divisão do Médio Oriente e da Ciência e Tecnologia.) Quarenta e oito horas depois, estavam sentados no gabinete dela e já passava muito da meia-noite quando um informático de aspeto muito cansado do Gabinete de Serviços Técnicos da CIA lhes mostrou, no ecrã da teleconferência segura, um colar de safiras idêntico a um de uma fotografia de vigilância tirada pelos Banditos antes do recrutamento de Mariam. Sam lembrou-se de como brilhava enquanto ela bebia um copo de vinho no terraço de Êze. Nesse momento, era a única coisa que ela estava a usar.

Procter sentia-se descontraída àquela hora e ia girando uma lata de *Coors Light* – provavelmente contrabandeada para a Síria por um amigo da Segurança Diplomática – enquanto apontava para o informático que oscilava o colar no ecrã. – Parece que estamos a assistir à porra das televidas. Quantos minutos temos para fazer a encomenda, Jagers?

O informático reagiu de maneira admirável, passando a mão pelo colar e explicando que tinham 20 minutos e que poderia ser deles por “dez prestações de *apenas* 19 dólares e 95 cêntimos”. Sam riu-se. Procter balbuciou qualquer coisa impercetível e o informático voltou a passar a mão pelo colar.

– Explique lá como é que isso funciona – pediu a Chefe.

O informático mostrou o único botão e como o agente enfiaria uma agulha ou um gancho de cabelo lá dentro para o ligar ou desligar. Disse que podia ser mergulhado em água, cair, sem problemas, era resistente.

– Mas se fosse dentro de um saco de plástico não se perdia nada.

O informático viu Procter a arquear uma sobrancelha mas, antes que ela dissesse alguma coisa, informou-os de que a memória podia conter até 30

horas de gravações, um pequeno milagre, disse. Depois deu-lhes uma explicação técnica da fonte de alimentação de estrôncio da câmara.

– Bom, espere lá – disse Procter, levantando a mão. – O agente neste caso é uma miúda, que vai usar essa coisa à volta do pescoço, tipo, diretamente sobre a pele, meu. – Procter apontou para o seu peito, não fosse o informático ter problemas com o vocabulário anatómico. – Há algum risco de cancro da mama, com alguma bateria de vudu radioativo?

Sam não percebia se o informático tinha vontade de rir ou chorar. Provavelmente, as duas coisas. O seu rosto ficara sem cor.

– Não, não há risco. Não há risco algum para a agente – disse ele. – É completamente inofensivo.

– Quanto tempo demoram a fazê-lo chegar cá? – quis saber Sam.

– Podemos enviá-lo esta noite por mala diplomática – disse o informático, aliviado por a chamada parecer estar a terminar.

Procter desligou.

*

Sam foi o primeiro a chegar à casa segura, que ficava numa rua secundária sossegada do Bairro Cristão. Estava exausto. A RDV requirera 12 horas estafantes, embora ele tivesse tido a certeza de que estava indetetável à sexta hora.

A casa segura tinha uma cozinha pequena com um frigorífico e uma despensa completamente apetrechados. Daí seguia-se para uma sala de estar com móveis modernos e paredes nuas. Depois da sala, havia um quarto e uma casa de banho. Horas antes, um informático da Estação tinha passado o espaço em revista para garantir que não havia dispositivos de escuta.

Sam começou a preparar o café e tirou do frigorífico as travessas preparadas de *mezze*. Ao abrir as gavetas da despensa e ver o que havia no frigorífico e no congelador, sentiu uma culpa crescente. Havia uma falta de alimentos por toda a Síria, já para não falar na inflação galopante a ocorrer fora da bolha do centro de Damasco. Em Douma, a fome era tal que, segundo relatórios dos Serviços Secretos, havia gente a comer erva para sobreviver. A pouca comida que havia era açambarcada pelos comandantes rebeldes. O regime chamava-lhe “Ceder ou Morrer à Fome”. Escolheu uma garrafa de azeite (preço por litro antes da guerra: 200 libras sírias; agora: 1100) e pousou-a na bancada.

Observou a comida e viu o festim de azeitonas, *makdous*, *tabbouleh* e parras recheadas *yalanji*. Ligou a função de aquecimento do forno e colocou lá dentro quatro espetadas de *kebab* de borrego. Voltou ao frigorífico e encontrou *cousa*, um prato sírio de pequenas curgetes com o interior escavado e recheado de uma mistura de borrego e arroz temperado com cominhos, menta, coentros e *baharat*.

Serviu-se de uma chávena de café. Tinha 30 minutos até ela chegar. Precisava de fazer alguma coisa para acalmar os nervos, para parar de pensar em Mariam a executar uma RDV, naquele momento, em Damasco. Bebeu o café sozinho na sala de estar, a olhar com pouco à-vontade para o quarto convidativo. Não a via desde a entrega com contacto no mercado de especiarias, e isso não fora mais do que um olhar de relance. Perguntava-se se ela estaria diferente. Se conseguiria controlar-se. Se Washington bombardearia a cidade, obrigando à evacuação da Estação, e se nunca mais voltaria a vê-la.

Damasco estava no limite, como alguém prestes a saltar de um prédio. Havia o teste com o gás *sarin* e os relatórios acerca de um contra-ataque do regime, mas ainda mais presente era o próprio dia a dia: os bombistas-suicidas, os bombardeamentos, as filas para o pão, as falhas de eletricidade, as prateleiras vazias nas mercearias. Os jornalistas e os funcionários das Nações Unidas refugiados no Four Seasons faziam-no lembrar-se de sítios como Mogadíscio ou Beirute na guerra civil: tão desesperadamente destruídos que os estrangeiros se reuniam junto a um poço seguro, trabalhando as fontes e os correspondentes à beira da piscina, não por quererem luxo, mas por ser demasiado perigoso ir para qualquer outro sítio.

Damasco não parecia seguro. E não só para si, para a sua tribo: Procter, a Estação. E, claro, para Mariam. Atreveu-se a imaginá-la fora da Síria. A possibilidade de uma relação humana verdadeira. O que começara como magnetismo físico amadurecera para algo mais completo, ainda que sem perder brilho algum. Mariam era esperta, divertida, corajosa, esperançosa. Ele sabia o que sentia. Não era capaz, porém, de se obrigar a dizê-lo, nem sequer a si mesmo.

Levantou-se para se servir de mais café e encostou-se à bancada.

Ouviu-se o trinco da porta e Mariam entrou. Estava a usar umas calças de ganga escuras, um *blazer* azul cintado que se abria nas ancas largas e uma *t-shirt* justa cinzenta. Entrou na cozinha e ele puxou-a para um abraço. Ela encostou a cabeça ao ombro dele e disse-lhe:

– Olá, *habibi*, senti-te tanto a falta.

Sam, de fato e camisa branca, pensou que a cena devia parecer-se com a de qualquer casal depois de passar dias separado devido a trabalho no escritório. Beijou-a, fechando os olhos para inspirar o aroma a alfazema.

– Quanto tempo tens? – perguntou-lhe. A primeira pergunta para qualquer agente.

– Duas horas.

Ele tinha planeado começar pela operação contra Atiyah, mas depois começaram a beijar-se de novo na cozinha e as mãos dele agarraram-lhe o cabelo e ele levou-a para o quarto. Ela mordeu-lhe o queixo e empurrou-o para um sofá pequeno. Ele começou a desabotoar a camisa. Sorriram um ao outro, ela riu e levantou-se, com um olhar de relance para a cama. O mundo dele reduziu-se a Mariam, que entretanto se livrava das calças de ganga

pontapeando-as pelo chão de mármore. Desabotoaram, abriram, tiraram e puxaram roupas até chegarem à beira da cama e caírem nela.

*

Depois, ele observou o rasto pelo chão. Sapatos no início, perto do sofá. As calças de ganga dela, as calças de fato dele, a *t-shirt* cinzenta dela, um sutiã preto, a camisa branca dele, as cuecas rendadas pretas dela, e por fim os *boxers* dele. Um arrebatamento em câmara lenta até à cama.

Levantando-se, encolheram-se na única casa de banho para se recompor para o mundo exterior. Ele compôs o cabelo e ela deu-lhe com a anca enquanto ia pondo as joias.

Mariam debruçou-se sobre a bancada. O rubor das suas faces desvanecera-se. O cabelo estava penteado para trás e apanhado, o batom fora aplicado de novo. Assim de perto, ele sentia-lhe o ligeiro odor a suor e alfazema.

– Quis isto porque não sabia se alguma vez voltaríamos a ter uma oportunidade – disse ela. – Talvez não. Mas aqui estamos nós, e quem sabe quantas vezes nos restam? Talvez acabemos como tantos sírios. Vivos num minuto, desaparecidos no seguinte. Talvez tu voltes para casa e eu nunca mais te veja. Envelhecemos longe um do outro. Conheço as regras, vou fazer o meu trabalho, mas há algo entre nós. É importante para mim.

Ele pousou as mãos nas ancas dela.

– Também é importante para mim, Mariam. Gosto de ti.

Amava-a, mas odiava-se porque não conseguia dizê-lo, não o diria.

Beijaram-se e ela recuou e assentiu com a cabeça.

– Eu sei o que sentes. É o mesmo que eu.

*

Levaram pratos para a sala de jantar e ela pô-lo a par da reunião com Atiyah. Sam pediu-lhe que lhe relatasse todas as palavras, todos os pormenores. Quando ela terminou, ele falou-lhe do seu plano e mostrou-lhe o colar.

Ela esboçou um sorriso ténue.

– Como é que o recriaram na perfeição? É um bocado sinistro, não?

Ele tossiu.

– Umas fotos de Paris.

Por sorte, ela não insistiu. Experimentou o colar. Ele tinha levado uma lata de alumínio e ela praticou deixar o colar cair lá dentro, como faria na montanha depois de filmar o gabinete de Atiyah.

– Achas que anda alguém a seguir-te? – perguntou-lhe ele enquanto se serviam de mais comida na cozinha.

Ela abanou a cabeça.

– Tenho tido cuidado. Não me parece que ele ande a seguir-me.

Agora...

Foi então que um morteiro aterrou no telhado do edifício do outro lado da rua. A casa segura abanou e gemeu. Mariam, habituada aos sons, pousou o prato na mesa e foi à janela, desviando as cortinas. Ele sabia que aquele era o último lugar do apartamento onde deveriam ficar, mas, por breves instantes, a sua curiosidade sobrepôs-se ao treino. As janelas do último andar do edifício tinham explodido e Sam via pedaços de pedra calcária, gesso e vidro na rua lá em baixo. Ao longe, ouvia-se o uivo de ambulâncias.

Outro morteiro atingiu um edifício uns quantos quarteirões mais a sul. Depois um terceiro, um quarto, um quinto, um sexto, numa sucessão de *staccato*. As paredes tremiam a cada impacto.

Afastaram-se da janela.

– Eles gostam de bombardear o Bairro Cristão quando podem – disse ela. – Cheio de cristãos e edifícios do Mukhabarat. Se não acertarem no Mukhabarat, são capazes de matar uns quantos de nós como bónus.

Sam perscrutou o apartamento para localizar o espaço mais afastado da janela. Não podiam sair naquele momento, sobretudo havendo polícia, disparos e, muito provavelmente, agentes do Mukhabarat a chegar para investigar os bombardeamentos.

Voltaram para o quarto. Junto à cama, ela passou a mão pelos lençóis amarrotados.

– Vamos estar sozinhos em Itália, *habibi*?

– A Procter vai juntar-se a nós. Vamos ter a mesma equipa de vigilância a seguir-te para garantirmos que Atiyah não tenta fazer-te nada enquanto estás fora da Síria.

Ela pôs as mãos nas ancas.

– Hum – disse. – Muita gente.

Ele sentou-se na cama e passou as mãos pelo cabelo. Estava metido naquilo até ao pescoço, e não tinha um plano para sair. Se dissesse a Procter, a CIA iria exonerá-lo. E se deixasse de estar com Mariam? Não tinha a certeza de poder fazer isso.

Ela puxou-o de novo para os lençóis e pôs-se por cima dele. Lá fora, as sirenes uivavam.

Sentir gratidão pelo ventre estéril da mulher era um pensamento estranho enquanto revia os mortos envolvidos em *kaffan*, os sudários que faziam lembrar uma centena de casulos de algodão. Estranho, mas não raro, pois essa gratidão tornara-se uma companhia frequente desde que Abu Qasim começara a combater no cerco de Assad a Aleppo.

Na sexta-feira anterior: o rapaz que levava água para a trincheira, abatido por fogo de artilharia.

No sábado: a rapariga com icterícia que tinha morrido de tifo no apartamento em ruínas da mãe, que servia como ninho para atiradores.

No domingo: um rapaz, de 16 anos, que espreitara de uma esquina, com a AK-47 a disparar às cegas, falhando todos os alvos até que uma bala lhe rasgou a garganta.

Na segunda: uma bomba de barril deixada cair no hospital de campanha, matando um menino de 10 anos com leucemia e duas meninas na rua.

E agora, naquela aldeia chamada Houla, a horas dos escombros de Aleppo, a gratidão regressara quando um dos anciãos, a chorar, lhe explicava o que tinha acontecido. Enquanto observava os mortos, de cabeças voltadas para Meca, Abu Qasim olhou para o corpo de uma criança pequena embrulhada no *kaffan*, reparando que parecia faltar-lhe a cabeça. Chamou a esposa, Sarya, e rezou sobre a sua barriga, agradecendo a Alá pelo seu ventre vazio, como fazia sempre que via crianças mortas. Dando graças por Abu Qasim ser apenas o seu *kunya*, o seu *nom de guerre*, e por nunca ter havido um filho, nem nunca ir haver.

O velho não reparou. Estava histérico.

Abu Qasim disse-lhe que agradecia um relatório completo e se ele podia por favor tomar o tempo necessário para se recompor.

– Sim, sim, comandante, com certeza – disse o ancião. Limpou os olhos. – Vou buscar chá e volto.

Abu Qasim fitou a vegetação rasteira lá fora, desviando o olhar da

fileira de corpos, enquanto Sarya esticava e tirava o *hijab*, aproveitando a ausência do ancião para ajeitar o cabelo comprido, outrora negro como petróleo mas já raiado de cinzentos e brancos. A gordura da barriga, que em tempos espreitava suavemente por cima das calças de ganga, fora substituída por músculo magro, e o rosto que havia sido suave tornara-se enrugado. A fome encolhera-lhe os seios e ela caminhava e sentava-se ligeiramente curvada, como que debruçada sobre uma arma, coisa que era frequente acontecer.

Apesar de tudo isso, continuava bela. O sorriso mantinha-se largo, o cabelo comprido era denso, os olhos ainda tinham vigor e o apetite por ele não diminuía. Ele bateu o seu próprio rosto, agora magro e encovado, e pensou no seu cabelo ralo, nas pernas e nos braços ossudos, na mão esquerda com quatro dedos. Tinha perdido 11 quilos desde que fora para a guerra.

Precisavam de se manter em movimento. Tinham recebido relatos do massacre no dia anterior e, por impulso, fizeram aquele desvio. Antes da guerra, a viagem desde Alepo teria demorado quatro horas. Em vez disso, levava-lhes quatro dias a percorrer um labirinto de autoestradas, postos de controlo e estradas secundárias. Em postos de controlo governamentais, tinham usado bilhetes de identidade alterados, roubados a alauitas mortos, para se fazerem passar por mensageiros militares. Nessas paragens, Sarya usava farda militar e falava diretamente com os homens do governo.

Em postos de controlo dos rebeldes, variava. Usavam sempre os seus bilhetes de identidade verdadeiros, mas nalguns Sarya envergava um *niqab* e ficava na parte de trás da carrinha, enquanto noutros bastava o *hijab*. Nos postos de controlo dos rebeldes, ela nunca falava. Depois de passarem, dava sempre largas à frustração, pois matara mais soldados com o seu fuzil de precisão do que os jovens a controlar aqueles postos. Porque haveria de lhes prestar contas? Já ia em 142 mortes. O fuzil, um SV-98 de fabrico russo, fora adquirido quando Sarya matara o anterior proprietário, substituindo a sua *Dragunov*, outra arma russa, que tirara a uma vítima anterior nas linhas de combate de Alepo. O SV-98 ia guardado no fundo falso da bagageira da carrinha. Precisariam dele em Damasco.

O velho voltou com chá que ninguém bebeu.

– Temos 102 mortos agora – disse ele. – Morreram todos ontem. Outros cinco ou seis devem morrer hoje. O médico não está otimista. Mais de 50 são de um único clã. – Esfregou os olhos. – O meu próprio clã perdeu 18.

Abu Qasim nada disse. Precisava de que o homem falasse. Poderia lamentar os mortos depois de eles partirem. O velho percebeu, pediu desculpa e recuperou a compostura.

– Os homens da aldeia tinham-se juntado para uma manifestação de manhã. Depois começaram os bombardeamentos, que continuaram durante duas ou três horas. Os homens não podiam voltar para as suas casas. Vários

tentaram, e morreram. À tarde, os morteiros pararam. Alguns militares, alguns do Mukhabarat e alguns da milícia *shabiha* juntaram-se perto da estação de tratamento de águas e não nos deixaram sair. A *shabiha* veio das aldeias alauitas.

Com o queixo a tremer, o velho espetou o dedo na direção das aldeias.

– Tinham armas mas também cutelos, machetes, ganchos de pendurar carne – disse ele. – Começaram a chacina. Quarenta e sete crianças, muitas ainda bebês, crianças de colo. Alvejaram-nas, esfaquearam-nas, cortaram-lhes as gargantas. A 34 mulheres também. – Já estava a gritar, a apontar para lá das filas de mortos em sudários.

Abu Qasim viu então que muitos eram apenas lençóis. Ao que parecia, tinham ficado sem tecido.

Abu Qasim tirou fotografias aos mortos, com a lavagem ritual e a preparação dos enterros em andamento, e enviou-as ao seu comandante. Entraram na carrinha para a viagem para Douma, que os rebeldes já tinham libertado, mas que sofria sob o cerco.

Pelo caminho, não falaram do massacre. Tinham visto o mesmo em Alepo e nada mais havia a dizer.

*

Entraram em Douma por um dos túneis pedonais após o cair da noite.

Zahran Alloush, o senhor da guerra em Douma, recebeu-os num quartel-general do comando, que se encontrava na cave de uma loja de produtos eletrónicos abandonada e onde o cheiro a esgoto era intenso. O chão estava coberto de tapetes velhos. Gotas de condensação acumulavam-se no teto, e canos e fios elétricos serpenteavam pelas paredes acima. Monitores de ecrã plano a mostrar a rede de túneis, o canal Al Jazeera e várias estações sauditas por satélite amontoavam-se numa fila de mesas. A sala, habitualmente cheia de atividade, tinha sido esvaziada para a reunião.

Embora as faltas de alimentos agora forçassem os habitantes do seu feudo a comer ervas, couro velho e ratazanas, Alloush preparara uma refeição de pão e frango para o visitante. Abu Qasin fitou os espetos lustrosos e, sem dar por isso, lambeu os lábios. Não se lembrava da última vez que comera carne que não fosse de ratazana. Desejava poder partilhar a refeição com Sarya, mas Alloush não permitiria a presença de uma mulher à sua mesa de guerra.

Alloush indicou-lhe que se sentasse. Comeram rapidamente e em silêncio. Depois de ter comido a sua parte, Abu Qasim ficou a saborear a sensação de ter a barriga cheia. Por fim, quebrou o silêncio.

– Temos uma oferta para si.

Alloush coçou uma perna através das calças e sorriu.

– O emir disse isso, mas o que significa? Os meus batalhões são mais do que capazes de executar uma missão em Damasco. Não compreendo

porque é que o enviaram para aqui. Dê-me a informação e os meus homens tratarão disso.

– As minhas fontes forneceram informação que requer um conjunto particular de talentos – disse Abu Qasim.

Alloush inclinou-se para a frente e apontou para Abu Qasim.

– Já tenho comandantes capazes de executar missões na cidade.

– Quando tiver um atirador com 142 mortes confirmadas, talvez o emir não tenha de enviar os dele – retrucou Abu Qasim. – Ou um fazedor de bombas com tanta... experiência. – E olhou para os seus nove dedos.

– Ah, pois, esquecia-me, a Peste Negra – disse Alloush.

Olhou em redor da sala húmida, a sorrir com a menção da alcunha de Sarya, que se devia ao *hijab* negro que ela usava ao matar os soldados e os milicianos do regime.

Abu Qasim ignorou-o e Alloush pediu chá. Tornaram a ficar em silêncio até o rapaz do chá chegar e deixar duas chávenas fumegantes.

– Qual é a oferta, então? – quis saber Alloush enquanto tomava um pouco de chá.

– Primeiro, deixe-me explicar aquilo de que precisamos – disse Abu Qasim. – Trouxemos o fuzil de precisão e algumas munições, mas gostaríamos de ter mais. Também precisamos de armas pequenas para segurança básica. AK básicas servem, mas vamos precisar de vários caixotes de munições. Para a bomba, preciso de acesso à sua fábrica de explosivos e às reservas de material. Talvez passe dois dias lá.

Alloush franziu as sobrancelhas e recostou-se na cadeira.

– É tudo?

– Não. Mais uma coisa: preciso de vários dos seus desertores da Guarda Republicana.

– Porquê?

– Porque são os melhores que tem.

– Eu sei, e é por isso que não quero que vocês fiquem com eles.

Abu Qasim tirou uma carta do bolso e colocou-a na mesa.

– É um pedido pessoal do emir em relação a esses homens.

Alloush olhou para o papel e devolveu-o sem o ler.

– Eu e o emir fomos irmãos em Saydnaya. Não preciso de o ler. O que recebo em troca dessa lista de compras?

– Fica com o crédito da operação. Aparece na televisão depois. Usa-a para angariar mais capital no Golfo.

Alloush ignorou o chamariz.

– Qual é a operação?

Abu Qasim sorriu.

Paulina Jackson estava sentada à sua bancada de trabalho, a ouvir *I Tried* de Bone Thugs-N-Harmony vezes sem conta nos auriculares. Os dias de glória já lá iam, mas ela era de Cleveland e adorava aquilo. A concentrar-se enquanto a música tocava pela vigésima vez naquele dia, Jackson moldou a folha de *Semtex* com um tubo de aço aprovado pelo governo que era, para todos os efeitos, um rolo da massa glorificado. Não o usariam para o teste daquele dia, mas, não obstante, Paulina murmurou para si mesma que não podia fazer asneira. Tem de ser perfeito para quando aqueles empertigados de Langley aparecerem para a demonstração. Colado por cima da sua bancada de trabalho estava um retrato de Ali Hassan a caminhar na rua e a fumar um cigarro, tirado por um dos espiões em Damasco. Tinham construído uma maquete da mesma rua para praticarem, como haviam feito antes do raide dos SEAL para matar Bin Laden. Nessa altura, ela não estivera realmente envolvida, só pudera lançar umas espreitadelas às equipas a treinar. Agora, o espetáculo era seu.

A cópia da ordem letal que o Presidente dos EUA assinara deixava bem claro que não havia margem para erro. E, assim, os manda-chuvas dentro da Divisão de Atividades Especiais tinham ditado um conjunto restrito de requerimentos técnicos para a bomba, que ela sabia de cor. Afinal, já tinha construído e testado 31 daquelas malditas coisas. Conhecia tão bem o *design* que lhe dera uma alcunha: O Cone de Gelado. Fabricada para caber dentro da coluna ao lado do banco do pendura de um *Mitsubishi Pajero*, a explosão tinha de rebentar em cone para fora, para controlar a força e a dispersão do impacto.

Os primeiros testes não tinham corrido bem. As explosões haviam sido demasiado poderosas e Rodney, o seu chefe, resmungara que os estilhaços atravessariam o muro e matariam bebês.

– O muro – dizia ele enquanto apontava para a maquete do muro de cimento. – Vai atravessar aquele muro, Paulina? Tem de se assegurar que só o atinge ao de leve, quase nada, como se desse um beijo a um irmão.

Ela tinha reduzido o *Semtex* a menos de meio quilo.

Examinou o plástico *Semtex* que tinha enrolado na forma de um cone. Levantou-se e foi até ao *Pajero*, estacionado no hangar atrás da sua bancada. Abriu a porta da frente do lado do passageiro para ver se o Cone cabia no espaço onde a coluna tinha estado. Cabia. A forma do Cone, quando detonada, direcionaria a explosão para fora, num raio estreito, reduzindo as probabilidades de dados colaterais.

Ainda com música a ribombar nos ouvidos, Paulina voltou para a bancada de trabalho e começou a cablar os circuitos que ligariam um sensor de infravermelho passivo a um telefone por satélite. A CIA ligaria para o telefone a fim de armar o circuito. Quando Ali cruzasse a área do sensor, o circuito fechar-se-ia, permitindo à corrente elétrica fluir da bateria para o detonador oculto no *Semtex*, fazendo-o ir pelos ares.

– A equipa na Síria – dissera Rodney no primeiro dia, a usar aqueles óculos estranhos de fundo de garrafa e a ler diretamente da proposta da operação –, propõe que os figurões de Langley verifiquem a identidade do alvo, e que um vigilante em Damasco ative o sensor de infravermelho enquanto faz contacto visual com o alvo até ele atravessar a área do sensor e faça explodir a carga. – O comunicado tinha sido redigido por um supervisor qualquer com um nome esquisito e divertido. GOLDJAGGER, recordava-se ela. Rodney tirou os óculos. – Parece bastante simples.

Tendo terminado de ligar o sensor de infravermelho e o telefone por satélite a uma pilha de nove volts, ligou então o aparelho a um detonador e pousou-o na bancada para admirar o seu trabalho, ao mesmo tempo que enfiava na boca uma pastilha de tabaco para mascar. Satisfeita, ligou o aparelho com fita isolante, cuspiu para uma chávena de café vazia e colocou o telefone por satélite e o sensor de infravermelho dentro da porta ao lado do Cone. Ligaria o detonador ao *Semtex* quando o veículo estivesse posicionado na área de testes. Fechou o compartimento. Aquele, pensou enquanto fechava delicadamente a porta do *Pajero*, era o melhor Cone que alguma vez fizera. Levou o *Pajero* para o exterior, passando pelas portas do hangar e pelos restos enegrecidos do primeiro *Pajero* – essa não fora a sua melhor bomba – até chegar ao parque de estacionamento de testes, ao lado dos outros três, que ela presumia que representassem a grande maioria de *Pajeros* disponíveis no hemisfério ocidental. Apesar de o *Semtex* ser um explosivo estável, ela evitava os buracos na estrada, já que nunca se podia ter a certeza.

Viu as horas enquanto desligava a música e esfregou as orelhas. O finório de Langley chegaria dali a umas horas para o teste. Onde estaria o tipo com os cadáveres?

Paulina, em particular do seu acesso a *Semtex*. Pois, no preciso momento em que Paulina estava a fabricar o seu Cone de Gelado, Abu Qasim estava a usar um avental imundo numa oficina subterrânea, a resmungar sobre o preço elevadíssimo que pagara por dois quilos. Ao contrário de Paulina Jackson e da CIA, porém, Abu Qasim não tinha qualquer vingança específica contra o homem, pelo menos nada que o destacasse dos outros monstros dentro do regime. Tinha Ali Hassam como alvo pelo simples facto de ele ser um general importante. E por ter uma fonte que poderia plantar a bomba numa das suas reuniões.

Abu Qasim perscrutou as imagens do carrinho de chá e deu um pontapé na maquete de plástico ranhoso que tinha roubado de um dos depósitos de Douma. Reviu as prateleiras e inspecionou uma gaveta cheia de detonadores. A bomba tinha de caber dentro de uma caixa, na prateleira inferior de um carrinho de chá. Examinou os detonadores com cuidado, abanando a cabeça com seriedade sempre que detetava um com os fios esgarçados.

Encontrou um detonador funcional do tipo número oito. Dois gramas de uma mistura de fulminato de mercúrio e cloreto de potássio num cilindro metálico do tamanho de uma caneta grande, com os fusíveis a sair de um lado. Os fios receberiam corrente elétrica – ele usaria um telemóvel pré-pago como fonte –, para ativar o detonador e finalmente inflamar o *Semtex*. Abu Qasim sorriu enquanto o virava entre os dedos. Em Alepo, não tivera o luxo de detonadores pré-fabricados. Nos primeiros tempos, tentara sintetizar fulminato de mercúrio e, quando este explodira, levava-lhe o dedo anelar da mão esquerda.

Abu Qasim libertou o *Semtex* cor de laranja do invólucro de plástico, pegou num tubo de alumínio do chão – suficientemente fino para se fragmentar quando o *Semtex* explodisse – e mediu a olho quanto caberia no carrinho de chá. Desenhou uma linha com um marcador permanente preto e procurou uma serra numa caixa de ferramentas. Ao encontrá-la, cortou a ponta do tubo. Depois enrolou o *Semtex*, formando um cilindro como se estivesse a moldar argila, parando a intervalos regulares para medir o diâmetro e verificar se caberia confortavelmente dentro do tubo de alumínio. Abrindo uma caixa das munições redondas de 4,7 milímetros que pedira aos homens de Alloush, encaixou-as uma a uma no plástico até o tom laranja acastanhado ser substituído por um brilho metálico cromado. Parou por um minuto para limpar as mãos suadas ao avental e imaginou uma das munições redondas a entrar no crânio de Ali Hassan. Depois pegou num fio de cobre que estava num dos armários e desembulhou uma pilha de nove volts e dois telemóveis pré-pagos da *Nokia*. Verificou que estavam carregados e depois usou um para telefonar para o outro e vice-versa. Ambos funcionavam. Com um marcador vermelho, desenhou um grande círculo no telemóvel que implantaria no dispositivo. Gravou o número desse telemóvel nos contactos do outro, que pintou com um

marcador verde. Também escreveu o número que marcaria num papel, que colou na parte de trás do telemóvel verde. Para jogar pelo seguro, tirou a bateria ao telemóvel vermelho. Depois, usando o fio, começou a criar um circuito que, quando estivesse completo, acionaria o dispositivo. Quando marcasse o número de telefone, uma corrente elétrica fluiria da sua placa de circuitos para o detonador, fazendo explodir o *Semtex*.

As ventoinhas desligaram-se quando a eletricidade falhou. Gotas de suor caíam na mesa da oficina à medida que ele trabalhava a cablagem. Quando terminou o circuito, ligou o telemóvel e a pilha de nove volts ao detonador, que inseriu cuidadosamente no *Semtex*. Tendo terminado, Abu Qasim pôs-se de costas, à procura de um caixote debaixo da mesa. Sacou de lá duas tiras de velcro para unir o telemóvel e a pilha ao tubo, e deu um passo atrás para examinar o seu trabalho. Pesava menos de cinco quilos e caberia bem numa caixa de cartão grande cheia de chá e açúcar. As paredes vibravam com impactos à superfície, talvez de bombas de barril. Era difícil perceber, estando a tão grande profundidade. A eletricidade tornou a fraquejar. Abu Qasim olhou para cima e depois de novo para a bomba. Uma das suas criações mais simples, graças ao *Semtex* que a milícia de Alloush surripiara das reservas do regime.

Ainda assim, gostaria de poder testá-la.

*

Rodney levou Ed Bradley à bancada de trabalho de Paulina para apresentar o Chefe à bombista antes do teste.

– Chefe, é bom conhecê-lo – disse Paulina, estendendo a mão direita. Apreciou que Bradley não hesitasse perante o dedo em falta ou a pele curtida.

– Estamos a preparar tudo agora – disse Rodney a Bradley enquanto deixavam o hangar e se dirigiam para o modelo da estrada de Damasco. No campo de testes, Paulina colocou os óculos de aviador e um boné dos Cleveland Indians e juntou-se-lhes no estrado de observação. O grupo assava atrás de 60 centímetros de acrílico, sob o sol de julho. Lyle, um dos técnicos, conduziu o *Pajero* até à réplica do passeio e estacionou o carro.

Bradley virou-se para Rodney.

– Vamos fazer um teste de carne e osso?

– Sim, senhor – respondeu Rodney.

– É sempre um bocado estranho – murmurou Bradley enquanto punha também os seus óculos de sol e arregaçava as mangas.

O indicador mais fiável do impacto de uma explosão é a utilização de ossos, músculos e pele humanos. Não havia cobaias nos testes de bombas, mas havia pessoas que já tinham morrido, e a equipa de Paulina conseguia sempre umas quantas para testes importantes como aquele. Quatro técnicos empurraram cadáveres em *skates* do hangar até ao modelo da rua, com o

peso dos corpos suspenso naquilo que Paulina supunha serem suportes de administração de líquidos por via intravenosa. Lyle posicionou o cadáver que faria de Ali a cerca de dez metros da bagageira do *Pajero*, e depois amarrou uma corda ao suporte metálico, que ele puxaria durante o teste para simular um humano a andar. Em seguida, dispôs os outros três corpos à volta de Ali, como se fossem transeuntes inocentes. Ao assinar os formulários de entrega, Paulina tinha ficado a saber que o cadáver que fazia de Ali era na verdade um homem de 60 anos, chamado Darryl, que morrera de ataque cardíaco. Sentia uma certa pena de Darryl.

Lyle prendeu conjuntos de sensores a cada cadáver que mediriam o “fator K” das explosões, ou quilopascals – a pressão que faria rebentar as cavidades com ar do corpo humano, como os pulmões ou os tímpanos. Depois cobriu o modelo do muro de cimento com o que parecia ser um lençol grande. Tratava-se de uma espécie de papel autocopiativo sem carbono, coberto por uma tinta microencapsulada que se soltaria ao receber pressão, revelando onde os fragmentos ficavam alojados. Lyle e os técnicos colocaram folhas semelhantes por cima do que pareciam ser quadros brancos dispostos em redor do *Pajero* e dos cadáveres.

– Quanto tempo desde a marcação até à explosão? – perguntou Bradley a Paulina.

– Testámos chamadas usando vários satélites para passar o sinal – respondeu ela. – Meio segundo, em todos os casos. Ali sai do seu escritório, a equipa de Damasco arma o dispositivo a partir da casa segura, Langley tem tempo para validar a identidade do alvo, e depois, quando ele passa pelo carro, *bum*. Dá-nos tempo para abortar a missão se outros peões se meterem no caminho.

Bradley assentiu com a cabeça.

– Alguma coisa deste dispositivo é de fabrico norte-americano?

Jackson abanou a cabeça.

– Tudo estrangeiro. Se investigarem, parecerá que foi feito por um terrorista. Não apoiámos o comércio nacional com este projeto.

Bradley sorriu.

– Dispositivo na coluna da porta? – perguntou.

– Isso mesmo.

Bradley virou-se para a maquete.

– Vamos lá ver.

Lyle fez um sinal com o polegar para cima e apressou-se a subir as escadas para a torre de visualização. Abriu um portátil ligado aos sensores e fitou o ecrã por um momento.

– Estamos a postos.

Jackson ligou o telefone por satélite para acionar o dispositivo. Depois fez sinal a Lyle, que começou a puxar a corda. O cadáver que fazia de Ali deslizou pelo passeio, pendurado no suporte metálico.

Houve um estrondo quando o cadáver entrou na área do sensor de

infravermelho. O *Pajero* afastou-se ligeiramente do passeio. A cabeça de Darryl desapareceu e os seus ombros e peito desfizeram-se em fiapos de carne. O poste metálico vergou-se, e depois Darryl caiu junto ao muro.

Os outros três cadáveres mantiveram-se de pé.

– K23 nos outros – disse Lyle. – Vinte e três quilopascals significa que estariam mais seguros do que um assaltante durante um roubo. Bastante suave.

A equipa deixou o estrado de observação e andou pelo modelo do terreno durante uns minutos para rever os danos. Não havia sinais de fragmentação nos outros cadáveres. Lyle estimava que, segundo os valores de sobrepressão, mesmo que houvesse peões exatamente onde os cadáveres tinham estado, o pior que podia acontecer era um tímpano rebentado.

Bradley andou durante mais dez minutos pelo terreno modelado, com Rodney a segui-lo. Paulina pediu licença e escapou para o glorioso ar condicionado do hangar. Levou outra pastilha de tabaco à boca para relaxar e sentou-se com os pés em cima da bancada, a fitar a fotografia de Ali Hassan. Abriu uma das gavetas e tirou de lá a fotografia da supervisora morta, a pobre rapariga branca que tinha dado azo a tudo aquilo sendo raptada e assassinada num país desgraçado. Afixou a imagem por cima da de Ali Hassan e cuspiu para a chávena de café.

*

Embora não tivesse os recursos do governo dos EUA a apoiar os seus esforços bombistas, Abu Qasim conseguiu uma pequena vitória: colocou a sua arma a postos primeiro.

Abu Qasim, Sarya e a sua equipa de quatro desertores da Guarda Republicana – emprestados por Alloush – tinham chegado ao centro de Damasco escondidos nas traseiras de uma carrinha de entregas, juntamente com munições, *AK-47*, o fuzil de precisão de Sarya e o caixote que deixava Abu Qasim com taquicardia de cada vez que passavam numa lombá.

A casa segura parecia um campo de refugiados: camas improvisadas, caixotes de lixo cheios até à borda, o pivete fétido a suor. Lá dentro, aguardaram a chegada de dois homens. Sarya ficou sentada no quarto a olear o ferrolho do fuzil e a manter distância dos desertores.

Abu Qasim ouviu a batida. Pegou na sua *AK-47* e apontou-a para a porta. Os desertores levantaram-se dos seus tapetes e fizeram o mesmo.

Uma batida, seguida de outra. E mais uma. Eram eles.

Abu Qasim abriu a porta e viu um velho clérigo e um jovem vendado. O clérigo olhou para trás dele, para a sala da casa segura, para a trupe que apontava as *AK-47* à porta.

– Descontraíam, irmãos – disse o clérigo.

Tratava-se de Umar, o agente de Abu Qasim em Damasco. Geria a rede de fontes que facultavam informação sobre figuras importantes do governo.

Fora ele a arranjar a casa segura. Descobrira a hora e o lugar da reunião de Ali Hassan. Recrutara aquele jovem.

Abu Qasim puxou-os para a sala e fechou a porta. Sarya saiu do quarto.

Abu Qasim apertou a mão do jovem. Este correspondeu sem força, com a mão húmida.

– Como te chamas?

– Jibril.

– É uma honra, Jibril. Agora, senta-te, temos muito de que falar.

Sentaram-se em almofadas na sala e debruçaram-se sobre cada fase do plano. Abu Qasim indicou a Jibril o caixote que continha a bomba.

– Pões isso na prateleira de baixo do carrinho de chá – explicou.

Jibril manteve-se calado. Assentiu com a cabeça.

Depois encolheu-lhe quando Abu Qasim abriu o caixote.

– Só precisas de fazer duas coisas antes da reunião – disse. – Pôr a bateria no telemóvel e ligá-lo. A bateria está completamente carregada e deve durar pelo menos 15 horas. Mas, para jogarmos pelo seguro, não o lighes mais de dez horas antes do início da reunião. Compreendes que esperas até que todos se tenham juntado para a reunião com Ali Hassan antes de colocares isto?

– Sim, comandante.

– Continua agendada para 18 de julho?

– Sim.

Abu Qasim tirou do bolso um dos relatórios de informações de Umar e entregou-o a Jibril.

– Continuam a esperar que todos estes homens compareçam?

Jibril leu a lista.

– O ministro da Defesa é raro aparecer, por isso talvez não. E falta nesta lista o irmão de Ali, Rustum, comandante da Guarda Republicana.

A pulsação de Abu Qasim sobressaltou-se de excitação.

– Tens a certeza?

– Sim, ele agora vem a todas as reuniões. Consta que ao início Ali não o convidava, mas Rustum recorreu ao Presidente para assegurar um lugar. Os dois irmãos desprezam-se. Rustum faz questão de ir porque isso incomoda o irmão mais novo.

– Isso é uma excelente notícia – murmurou Abu Qasim. – Jibril, que tipo de controlo vai haver fora do edifício?

– Muito pouco – disse Jibril. – Não há cães e os detetores de metais não costumam funcionar. Todas as semanas levo caixas deste tamanho cheias de produtos para o chá. Não me vão revistar.

Abu Qasim assentiu com a cabeça e levantou-se para colocar o caixote dentro de uma caixa.

– Qasim, sabes que, mesmo que sejamos bem-sucedidos, eles vão simplesmente promover outros homens para assumirem estas posições – disse Umar. – Não vai ser o suficiente para os derrubar.

– Talvez nunca façamos cair este governo – disse Abu Qasim enquanto fechava o caixote. – E eu não preparei esta bomba com esse propósito. Passou-o a Jibril. – O objetivo é simples. É para que sofram.

*

Nessa noite, Jibril carregou a caixa para o seu apartamento num terceiro andar. Embora a embalagem não fosse particularmente pesada e o ar condicionado estivesse no máximo, ele suava profusamente ao subir as escadas. Dentro do apartamento, adicionou pacotes de chá e açúcar à caixa de cartão, cobrindo o caixote de madeira que lhe provocava vômitos. Colocou-a no seu armário, fechou a porta e depois tornou a abri-la. Fitou a caixa, imaginando por um instante que a mandava fora e fugia para a Turquia, como o seu irmão fizera. Mas depois lembrou-se do coxear do pai e dos braços dele.

– O que são estes círculos pequenos, papá? – perguntara ele certo dia. A mãe tentara afastá-lo. O pai sorria. Um sorriso estranho, cúmplice. – É a doença de Saydnaya, meu filho.

Ciente da ironia negra, Jibril acendeu um cigarro para se acalmar e tornou a fechar a porta do armário.

*

A mala diplomática cor de laranja com a bomba de Paulina Jackson chegou à Estação de Amã acompanhada por um mecânico rude da CIA chamado Yates, o qual não fazia, nem queria fazer, ideia do que estaria na porta do *Pajero*.

Dentro da garagem vazia da embaixada, Yates retirou a porta do passageiro de um *Mitsubishi Pajero* de 2012. Tirou a bateria do carro e desligou os fusíveis dos vidros e dos trincos elétricos. Abriu a porta, sacou os pinos e arrancou o arnês que cobria os fios. Cortou-os, tendo o cuidado de deixar o suficiente para os ligar à porta nova. Desaparafusou as dobradiças e deixou a porta cair no chão de betão. Não valia a pena estar com mariquices. Aquele veículo nunca voltaria da Síria.

Fez uma pausa para fumar um cigarro no exterior do complexo, no calor ardente do deserto. Mais parecia uma fortaleza, mas, com o caraças, que calor. Atirou a beata para o chão antes de chegar ao filtro, porque estava demasiado calor até para fumar. Quando voltou para a garagem, tinha a camisa com manchas de suor. Tirou a nova porta da mala laranja. Segurou-a no ar por um momento, a sentir-lhe o peso. Depois pegou na porta antiga. A tinta condizia. Pesavam o mesmo. O que quer que fosse aquela porta, não tinha sido blindada, isso era certo. Deitou mãos à obra, unindo os fios da porta ao carro, e encontrou o fio marcado com fita adesiva amarela sobre o qual lera no comunicado. Certificou-se de que ligava esse fio ao sistema eletrónico da porta, para que o que quer que fosse que eles lá

tivessem posto tivesse energia quando o motor fosse ligado. Enquanto ia trabalhando, notou que faltava o transformador do sistema de som. Por hábito, observou com mais atenção para ver o que se passava, mas depois conteve-se. Se se importavam tanto com uma porta para a mandarem para a Jordânia e substituírem outra em perfeitas condições, era porque tinham uma boa razão.

A chave inglesa escorregava-lhe na mão e ele teve de a pousar umas quantas vezes para limpar o suor das palmas das mãos às calças. Quando os parafusos ficaram apertados, tornou a inserir a bateria. Olhou para o relógio. Quarenta e cinco minutos, com pausa para fumar incluída. Nada mau para uma noite paga no Four Seasons. Embora o quarto de hotel não lhe fizesse diferença, o bar era um espetáculo. Ele nunca tinha visto pessoas a beber assim em lado nenhum, quanto mais num país muçulmano ou lá o que era aquilo, e de maneira nenhuma ia deixar essa oportunidade passar, sobretudo porque tinha cerca de 150 dólares do Tio Sam para gastar por dia. Juntou as ferramentas, e depois fechou a porta do veículo com muito cuidado, não fosse o diabo tecê-las.

*

Rami sabia que não valia a pena perguntar a Sam o que havia no carro que acabava de conduzir desde Amã até Damasco. Levava o veículo para o concessionário da família, retirara-lhe as matrículas conforme as instruções e colocara um *Pajero* novo e idêntico ao lado. Observou os dois. Condiziam, graças a Deus. Fumou e comeu piza no seu gabinete enquanto esperava. O homem que chegou às dez da manhã era atarracado, mal-humorado e com um cenho permanentemente cerrado. Tariq era outro agente de apoio da Estação de Damasco. Tinha sido submetido ao polígrafo, era de confiança e, para mais, era um mecânico impecável que não fazia perguntas. Uma combinação rara em qualquer ponto do mundo, e sobretudo em Damasco.

Rami apontou para a porta do carro que tinha conduzido desde a Jordânia.

– Esta, para aquele.

Tariq assentiu com a cabeça e seguiu o mesmo procedimento que Yates executara em Amã. Terminou numa hora e foi-se embora. Rami olhou para o *Pajero*: matrículas e documentos da Síria, porta da CIA. Levou-o até ao fundo do parque do Kassab Motos, tendo o cuidado de evitar quaisquer ressaltos, e colocou uma placa a dizer VENDIDO no para-brisas.

Depois avisou Sam.

Com a bomba nas mãos de Alá, Abu Qasim e Sarya sentaram-se no quarto da casa segura, a planejar a morte de outro homem enquanto reviam os relatórios das informações recolhidas pela sua rede em Damasco. A informação fora obtida a um custo tremendo, por muito pouco dinheiro. Três dos informadores voluntários tinham desaparecido em Saydnaya e pelo menos um morrera sob tortura, segundo um dos espiões do emir dentro da prisão. Muita da informação, porém, era uma coleção desestruturada de observações aleatórias feitas por uma equipa de espionagem sem formação: havia o registo de atividade de Ali Hassan de uma segunda-feira até à quarta-feira subsequente, mas depois uma lacuna de várias semanas. A descrição da reunião na qual Jibril servia chá destacara-se pela sua especificidade. Tal como o mapa da rota que Riyadh Shalish, o chefe do Ramo 450 do SSRC, tomaria para atravessar a cidade no dia seguinte. Era a razão pela qual Sarya e o seu fuzil estavam em Damasco.

Ela atirou os papéis para o chão.

– Já me chega de estudar – disse. – Estamos preparados. Tão preparados como alguma vez estaremos.

– Há uma coisa... – começou ele, antes de se calar ao ver a expressão no rosto ensombrecido da mulher.

A expectativa de matar deixava-a sempre silenciosa. Terminado o planeamento, ela parava de falar e também não queria ouvir a voz dele. Qasim sempre fora conversador antes das operações, falando para acalmar os nervos. Isso ela não aceitava.

– As minhas necessidades tornam-se animalistas, mais básicas – dissera-lhe ela certa vez. – Antes da caçada, quero comer, deitar-me com o meu marido, dormir e rezar. A morte tem de acontecer mas, depois de saber o que fazer, não quero falar mais disso.

Abu Qasim tinha matado dezenas – talvez centenas – de homens, mulheres e crianças com as suas bombas, mas não conseguia ver-lhes os

rostos. Ele encontrava conforto nisso. Sarya, contudo, olhara para os olhos de cada uma das suas 142 vítimas antes de estas morrerem. A intimidade, estranhamente, oferecia a certeza de que os homens que matava mereciam a morte: eram soldados da Guarda Republicana, *shabiha* ou mercenários persas.

– Se eu não os matar, quem o fará? – perguntava ela.

Isso, ele sabia, dava-lhe uma grande paz. E assim, mais uma vez, ficaram em silêncio.

Ele foi buscar pão duro e lentilhas à cozinha e comeram de frente um para outro em cima do colchão. A sua fé, pensou ele, era mais fraca do que a dela. Tinha de ser, porque não sabia se, depois daquela noite, alguma vez voltaria a vê-la, fosse neste mundo ou no próximo. Pensamentos sobre outra vida dançavam-lhe pela mente, uma vida em que envelheciam, com crianças a guinchar e a brincar. E, apesar disso, aqui estou. A vida tinha seguido o seu caminho: empresário, marginal, comandante de rebeldes, homicida, assassino em massa. Perguntava-se como Alá o julgaria. Esse pensamento levou-o de volta a Alepo, ao nascer da revolução antes da guerra. Antes dos massacres, antes das bombas, antes de ter perdido a alma.

*

Ao início, Alepo torcia o nariz à ralé que os incomodava com exigências da deposição do Presidente, pois os protestantes eram piores do que desleais. Eram pobres.

Muitos eram estudantes universitários. Outros, no interior provinciano, eram *felaheen* de classe baixa, pacóvios, que tapavam as suas mulheres, usavam barbas longas e não ocultavam os dentes horrendos ou os cheiros pérfidos. Muitos tinham vivido meio século de humilhação e depredação destrutiva às mãos da Casa de Assad. Tinham contas a ajustar.

No princípio, nenhum era como a família de Abu Qasim. O seu pai, proprietário de uma empresa bem-sucedida de manufatura têxtil, desdenhava dos protestos, dizia que eram maus para o negócio.

– Estes idiotas vão sair-nos caro – previra ele. Tinha razão, claro. Só não sabia que o seu filho instigaria tudo isso.

As famílias sunitas das classes mais altas como a de Abu Qasim mantiveram-se à parte quando os protestos começaram. Na altura, ele trabalhava para o pai e ia com frequência à Turquia em viagens de negócios. Aí tinha uma amante, bebia e fumava. Quanto a Sarya, socializava sobretudo em Alepo. Nessa altura, não usava o *hijab*. Não rezavam, e ele frequentava a mesquita de tempos a tempos. Ressentia-se dela: pelo casamento praticamente combinado, pelo ventre estéril.

Como sucedera com muitos outros, o seu convite para entrar na rebelião fora entregue por um bastão do Mukhabarat. Não sentira pessoalmente o golpe; quem o sofrera fora um amigo da universidade,

durante um protesto na sua *alma mater*. O próprio Abu Qasim não estivera lá. Mas vira o cadáver: um corpo tão inchado, tão contundido e tão ensanguentado que não reconheceria o amigo.

Na sexta-feira seguinte, participou num protesto organizado pelos *tansiqiyas*, os comités locais que, na altura, alimentavam a resistência. Entoaram num ambiente de festa, com estandartes a flutuar ao vento, a dançar, a dar vivas e a saborear a liberdade. Tinham sido mais de dez mil a marchar. O tamanho do ajuntamento convenceu-o de que o movimento dos protestos cresceria, de que as ruas e as praças se encheriam e que Assad acabaria por renunciar ao cargo, como Mubarak no Egito, ou Ben Ali na Tunísia. Na semana seguinte, levou Sarya consigo e viu naquele novo mundo uma oportunidade de redenção, de sentido, de algo mais do que a vida que o pai lhe dera. Nessa semana, ele e Sarya juntaram-se secretamente ao *tansiqiya*.

Um informador denunciou-o. O Mukhabarat visitou-o. Correu mal. Dez homens apareceram na fábrica do pai para passar o aviso de que, se não parassem de protestar, haveria consequências. Chegaram durante uma festa, enquanto cem funcionários se reuniam para ouvir o pai dele, que fazia um discurso elogioso de despedida de um empregado que se ia reformar. O líder da patrulha interrompeu-o, exigindo que Abu Qasim e o pai se lhe juntassem para uma conversa privada.

As faces do pai ruboresceram de raiva. Depois alguém atirou com um martelo a um dos agentes do Mukhabarat, acertando-lhe na testa. A sala ficou em silêncio, com o homem a ter convulsões e espumar no chão até morrer. *Ya Allah*, gritou o pai de Abu Qasim. Meu Deus.

Um tiro de retaliação disparado contra a multidão matou uma das senhoras que varriam o chão, e iniciou o fatídico tumulto. No final, os trabalhadores mataram seis dos agentes. O Mukhabarat atirou o pai de Abu Qasim do seu gabinete no segundo andar, trucidou 31 funcionários e pegou fogo à fábrica. Abu Qasim conseguira escapar, mas, nessa noite, ele e Sarya fugiram de Alepo em busca do emir, um homem que Abu Qasim conhecera na Universidade de Alepo e que acabava de ser libertado da prisão. Ele protegê-los-ia.

Tinham descoberto o dom extraordinário de Sarya por acaso, nos campos de tiro do acampamento do emir. Em vez de dar bebés ao mundo, dissera o emir, esta mulher foi enviada para colher os filhos do *kuffar*. E colhê-los-ia, sob o estandarte da *jiade*. Um mês depois, quando voltaram a Alepo, Abu Qasim fazia parte do exército do emir, para levar a luta no campo para a grande cidade e ajustar velhas contas. Aí, na destrutiva guerra de trincheiras, estabeleceu os trabalhos bombistas, perdeu o dedo, salvou o casamento, absorveu dois pregos de uma bomba de barril, quase morreu de tifo, esfolou ratazanas para sobreviver, fez de vigia para a Peste Negra e, no fim, perdeu toda a esperança.

Pousou a tigela vazia e limpou as mãos na lateral do colchão. Sarya olhou para a porta fechada e depois para os lençóis. Esboçou um sorriso ténue e levantou-se. Enquanto despiu as calças, teso e entumecido, viu Sarya despir as suas e caíram juntos no colchão, fazendo amor em silêncio com a boca de um a capturar o ruído do outro. Ela adormeceu escarrapachada por cima dos lençóis para fugir ao calor pegajoso. Mas ele ficou acordado até de madrugada, a ver a barriga dela subir e descer à medida que ela respirava. Mais uma vez, sentiu gratidão pelo ventre estéril. Por do amor deles não poderem surgir crianças que vivessem aquele inferno.

*

Tinha acabado de adormecer quando acordou a ouvir Sarya recitar as suras que descrevem a primeira batalha alguma vez travada pelos exércitos do Islão. Nessa altura, o comandante fora o próprio Profeta.

– Recordai-vos de quando o teu Senhor revelou aos anjos: Estou convosco – sussurrou Sarya de olhos fechados. – Firmeza, pois, aos fiéis! Logo infundirei o terror nos corações dos incrédulos; decapitai-os e decepai-lhes os dedos!

– *Allahu Akbar. Allahu Akbar* – disse Abu Qasim. Deslizou a mão para a barriga de Sarya. Ela apertou-lhe os dedos.

– Isso, porque contrariaram Deus e o Seu Mensageiro – continuou ela.

– E saiba quem contrariar Deus e o Seu Mensageiro, que Deus é Severíssimo no castigo.

– *Allahu Akbar. Allahu Akbar.*

– Tal é o castigo pelo desafio; provai-o, pois! E sabeis que os incrédulos sofrerão o tormento infernal.

Ele beijou-lhe a testa. Ela beijou-lhe a face e depois levantou-se para vestir a camisa.

*

Precisavam da varanda do apartamento do velho, mas, apesar disso, Abu Qasim sentira um certo remorso por o terem matado. Fahd, um dos desertores, batera à porta a usar o seu uniforme da Guarda Republicana. Um velho fora à porta.

– Um camarada soldado? Entre, entre – dissera ele.

Em vez disso, Fahd encostara a pistola *Makarov* à cabeça do velho e explicara-lhe que morreria se houvesse barulho. O velho esboçara um sorriso ténue e cúmplice e fizera-lhes sinal para que entrassem. Abu Qasim e Sarya seguiram Fahd. Abu Qasim fechou a porta e Fahd fez o homem recuar para a sala. Um periquito chilreou numa gaiola pendurada por cima de uma cadeira. Abu Qasim ergueu a sua *Makarov*.

– Sê rápido, rapaz – disse-lhe o velho ao sentar-se. – Não tenho segredos para vocês, nem dinheiro.

Os olhos de Abu Qasim dardejaram pelo apartamento minúsculo.

– Está sozinho?

Fahd desapareceu para ir inspecionar o quarto.

– Estou – disse o velho. – Na verdade, já estou sozinho há bastante tempo. – Passou a mão pelo cabelo a rarear. – Sempre soube que acabaria assim, sabes? Estive nos Serviços Secretos da Força Aérea durante quase 30 anos. Fiz a minha parte. Agora é a minha vez.

O periquito gralhou. Abu Qasim disparou contra a testa do velho quando este levantou a cabeça para olhar para o pássaro.

Agora o corpo estava inerte na cadeira. Sarya sentou-se junto ao velho morto, por trás de uma mesa, usando a porta aberta da varanda para ver a rua lá em baixo. Tirou o *hijab* para apanhar algum ar naquele calor sufocante. O fuzil russo balançava na mesa, a espreitar por entre a amurada para a avenida apinhada lá em baixo.

Com os binóculos, Abu Qasim esquadrinhou a rua perto do Gabinete de Segurança. O vento de norte ia-se intensificando. Areia revolteava pelo ar, embatendo nas vidraças. Sarya olhou para trás.

– As rajadas estão erráticas – disse ela.

O telemóvel de Abu Qasim vibrou.

– Comandante, ele saiu do edifício. Descrição do veículo e matrícula correspondem aos relatórios de informações.

– Entendido. – Desligou. – Vinte minutos – disse a Sarya.

Ela assentiu com a cabeça e tornou a espreitar pelo anemómetro, um *Kestrel* que roubara a um russo morto que, provavelmente, o roubara a um rebelde morto.

– Dez quilómetros – disse ela, a abanar a cabeça.

O que ela realmente queria saber, contudo, era a velocidade do vento no ponto de impacto. Analisou o cruzamento e viu roupa estendida num edifício próximo, a adejar ao vento.

– Cerca de seis quilómetros ali em baixo – disse. Consultou então o gráfico balístico no telefone para calcular o ponto de queda com base na distância, vento e altitude.

Areia e poeira esvoaçavam à sua volta. Ela testou o ferrolho, fingiu carregar no gatilho, depois abriu e fechou o ferrolho. Tirou da bainha uma mistura de produto de limpeza e óleo e passou-o pelo ferrolho durante vários minutos.

Então, a Peste Negra de Alepo, ceifadora de 142 almas, esticou-se no chão e cobriu a cabeça com o *hijab*. Começou a rezar pela centésima quadragésima terceira.

*

O telemóvel de Abu Qasim tornou a vibrar enquanto ele via o anemómetro assinalar outra rajada.

– Comandante, eles acabaram de passar pela minha posição. As janelas são muito fumadas, mas parece-me que seguem quatro indivíduos no carro, incluindo o condutor. Não distingo qual deles é o alvo.

Abu Qasim praguejou.

Sarya afastou o *hijab* da cabeça e limpou os olhos húmidos.

– Vamos precisar de dois tiros certos para termos a certeza. Um que acesse cada ocupante dos lugares da frente, até aos passageiros de trás.

Abu Qasim procurou o carro pelos binóculos. Ainda a rezar, a pedir a Alá vingança pelas almas dos mártires caídos, Sarya inseriu um carregador cheio no fuzil – embora contasse ter, no máximo, tempo para três disparos – e aumentou a ampliação da mira, para ver mais longe na estrada. A sua língua movia-se com elogios cantados aos mortos de Alepo e maldições aos *kafir*, os infiéis, enquanto ajustava a placa do rosto. Olhou para o anemómetro. Abu Qasim juntou-se às preces, sem saber para onde viajavam, mas compreendendo a sua gravidade naquele momento.

Ela diminuiu a ampliação à medida que o carro se aproximava.

Uma rajada de vento passou quando o carro surgiu, ainda a mais de um quilómetro de distância. Um sedã preto da *Lexus*, com a matrícula 9760112. As riscas amarelas na matrícula identificavam-no como sendo um veículo do governo.

– São eles – disse Abu Qasim, e observou o movimento das costas de Sarya a abrandar enquanto ela regulava a respiração antes de disparar, inspirando profundamente e depois exalando para encontrar a pausa natural quando os seus pulmões se esvaziavam.

Ela implorou a Alá pelo fim do regime. Ele rezou para que o vento parasse.

Parou.

As preces acabaram. O carro abrandou e deteve-se num cruzamento a 500 metros de distância.

Lentamente, Sarya expulsou o ar dos pulmões. Carregou no gatilho.

*

Daoud Haddad ouviu vidro a quebrar e depois um líquido quente borrifou-lhe o lado esquerdo da cara e do pescoço. Com os olhos a arder, levou as mãos ao rosto e tombou contra a janela. Não conseguia ver. Ouviu um som gorgolejado do seu chefe, Shalish, que ia no banco traseiro, e depois algo pesado e quente rasgou a pressão do seu ouvido esquerdo. Em seguida, a buzina berrava. Tentou sair, mas a única coisa que conseguiu foi cair no chão, em sofrimento. Depois estendeu a mão para cima – onde estava o manípulo da porta? Ali estava, mas porque é que não se mexia? Tateou-a e apercebeu-se então de que tinha as mãos demasiado escorregadias. Vidro tornou a estilhaçar-se e a chover-lhe em cima. Ouviu o corpo do condutor a tombar entre os lugares da frente.

A buzina calou-se.

Tentou abrir os olhos, mas não era capaz. Pensou em Razan quando era pequena, num vestido amarelo. Não conseguia imaginar Mona.

*

Sarya deslizou o ferrolho para expulsar a terceira bala e agradeceu a Alá pela colheita. Sentou-se de pernas cruzadas. Dobrou a patilha de trás do fuzil na coronha, juntou o bipé à guarda, soltou a mira e ejetou o carregador, colocando-os na bainha com o fuzil. Tirou o *hijab* e também o guardou na bainha. Uma cabeça tapada chamaria a atenção naquela zona.

– Cento e quarenta e cinco – disse Sarya quando voltaram para dentro. Ele assentiu com a cabeça.

Abu Qasim deteve-se ao fechar a porta da rua.

– O que se passa? – sibilou Sarya. – Temos de ir.

Ele voltou para a sala e fechou os olhos do velho. Ao longe, as sirenes começavam a ouvir-se.

O tio Daoud encontrava-se estabilizado quando Mariam chegou ao Hospital Militar de Tishreen para o visitar. Tinha um quarto privado antisséptico e inundado de uma forte luz artificial. A única janela dava para um beco povoado por gatos vadios. Razan estava sentada numa frágil cadeira desdobrável ao lado da cama, a ler um romance enquanto Daoud dormia. Uma enfermeira mexia na solução intravenosa e sorriu a Mariam, que parara à entrada. Razan fora a primeira a telefonar-lhe para lhe dar a notícia, numa voz tão trémula que Mariam mal entendera o que tinha acontecido. A segunda chamada, mais comedida, chegara depois de os médicos terem a certeza de que as lesões de Daoud não eram fatais.

– Como é que ele está? – perguntou Mariam, entrando no quarto.

Razan levantou-se e abraçou-a com força.

– Bem. Só cansado. Tiraram-lhe os restos de vidro agora à tarde. Teve sorte, dizem. Nenhuma bala. – Tentou sorrir.

Mariam sentou-se numa cadeira ao lado de Razan e viu o peito do tio Daoud subir e descer a cada respiração. Arrastou a cadeira para ficar mais perto da prima e encostou a cabeça ao ombro dela.

– Sabem quem foi o responsável? – perguntou.

– Não sei.

– Já lhe pediste desculpa, Razan? – perguntou Mariam. – Por não lhe falares.

Uma lágrima acumulou-se no olho bom de Razan e ela afastou a cabeça de Mariam para se endireitar. Fungou.

– Agora não, por favor, Mariam.

Mariam assentiu com a cabeça e levantou-se para espreitar pela janela imunda. Uma lixeira, gatos, o macadame a pelar, mais gatos. Quando se virou de novo, os olhos de Daoud estavam abertos. Ele tinha ligaduras à volta das faces, do pescoço, da cabeça e das mãos, como uma múmia. Apesar disso, sorriu e disse:

– Mariam.

Ela beijou-lhe o único ponto sem ligaduras na testa e puxou a cadeira para o lado direito da cama. Razan segurava-lhe a mão esquerda.

Ele falou devagar, respirando entre as palavras.

– Dizem que vou ficar bem – silvou. – As cirurgias foram bem-sucedidas. Muito vidro. Já o Shalish... – Deixou a frase a meio, a fitar o brilho das lâmpadas fluorescentes do teto.

Mariam tinha recolhido alguns pormenores dentro do Palácio depois de receber os telefonemas angustiados de Razan: Daoud, o seu chefe Riyad Shalish e outro oficial do SSRC dirigiam-se para uma reunião no Gabinete de Segurança quando o carro com motorista fora atingido por disparos. O tio Daoud era o único sobrevivente. Estando Shalish morto, o seu tio seria a escolha provável para liderar o Ramo 450. Ela sabia que Sam e a CIA veriam a promoção com bons olhos, como uma oportunidade para saberem mais sobre o SSRC. Olhando para o seu querido tio, em repouso pós-operatório e cheio de ligaduras, Mariam concordava que uma promoção seria útil, mas o pensamento encheu-a de culpa.

– Como se sente, tio? – perguntou-lhe.

– Bem. Deram-me uma boa medicação. – Inclinou o queixo na direção da bolsa com o líquido intravenoso. Fechou os olhos.

– Há pistas? – quis saber Mariam.

Os olhos de Daoud abriram-se, procurando Razan.

– Rebeldes, claro. *A oposição.*

Mariam conseguia sentir o rosto de Razan a aquecer perante aquela palavra, a insinuação de que os seus amigos do *tansiqiya* tinham alguma responsabilidade cósmica pelas suas lesões. Claro que ele sabia tão bem quanto Mariam que não tinham sido os grupos de protesto a fazer-lhe aquilo.

Razan fez uma careta, mas nada disse, e continuou a agarrar-lhe a mão com força.

Mariam lançou-lhe um olhar grato pelo silêncio.

– Que rebeldes? – perguntou.

– Não sabem ao certo – disse Daoud. – Mas, recentemente, temos apanhado rumores de que a milícia de Douma de Zahran Alloush enviou equipas para o centro da cidade, para matar funcionários governamentais e incitar o caos.

Daoud fechou os olhos de novo e inspirou pesada e tremidamente.

Douma. A palavra transportou Mariam para aquela noite com Umm Abiha. Agora, a olhar para o seu tio adorador, reconheceu que o espaço entre eles se tornara um abismo inultrapassável. Era a coisa demoníaca daquele conflito. Grupos de gente decente que antes da guerra se davam bem agora matavam-se uns aos outros. A velha e o marido que tinham cuidado de Mariam e Razan em Douma, apesar de elas não merecerem essa amabilidade. Agora uma equipa de assassinos de Douma quase lhe tinha matado o tio no meio da rua, embora ele decerto... parou o pensamento, ao

recordar a visita que ele fizera ao túnel. Em vez disso, pensou em Fatimah, e a dor voltou porque sabia que ela estava envolvida, perpetuando o ciclo. Seriam necessários milhões de idealistas como Razan para superar as forças que agora uniam famílias, seitas e etnias contra todos os outros. Olhou para a venda de Razan e para o rosto ligado de Daoud e teve vontade de chorar.

Beijou a testa do tio, deu um abraço apertado à prima e ambas choraram enquanto Daoud voltava a dormir. Mariam segurou Razan e deixou que as lágrimas rolassem para as costas da prima, ouvindo apenas as suas respirações fungadas e tremidas e o apito tranquilizador da máquina de eletrocardiograma no canto mais afastado do quarto.

Em casa, de gancho de cabelo na mão, Mariam foi ao armário e levou a mão à gaveta das joias. Tirou o colar que Sam lhe dera na casa segura e observou a safira. Encontrou o pequeno furo na parte de trás que ele lhe mostrara e inseriu o gancho até ouvir um clique. Pôs o colar e ficou parada por um momento, de olhos fechados, a respirar profundamente, enchendo os pulmões como balões. Optou por um vestido sério e preto, com mangas de três quartos, que lhe comprimia o busto, com o colar sobre o tecido acetinado entre os seios. Atiyah cumprira a sua ameaça de uma reunião de seguimento. Ela não queria que ele olhasse para o colar, embora suspeitasse de que o faria. Saiu do apartamento e procurou o sinal de *graffiti*, um ritual diário. Naquele dia não havia nenhum, pelo que seguiu caminho para o trabalho, a realizar os movimentos aprendidos em França para determinar se estavam a observá-la e a perguntar-se se – e quando – Atiyah tornaria a decidir que ela devia morrer.

*

À medida que se aproximava do trabalho, ia combatendo o terror imaginando o pedófilo a morrer às suas mãos. O cérebro dele a esguichar depois de lhe dar com um bastão. Se ela e Sam fossem bem-sucedidos, porém, a queda de Atiyah ocorreria nos bastidores, nas caves hediondas do Gabinete de Segurança, antes de uma ida rápida até ao cadafalso, onde o carrasco lhe poria fim.

Agora, porém: um encontro privado com Atiyah para rever o seu trabalho contra o Conselho Nacional. A sua oportunidade de registar todo o gabinete dele com a câmara do colar, como Sam dissera. Naquele dia, Atiyah envergava um fato preto como azeviche – de manufatura italiana, parecia-lhe –, uma camisa branca justa contra o seu tronco musculado e uma gravata verde-lima que ela sabia que Sam despreveria como palavra. Conteve um sorriso.

Atiyah fez-lhe sinal para entrar, com o olhar fixo no peito dela. Sem se deixar intimidar por aquele ritual de desnudamento ocular, Mariam limitou-se a sorrir. Se as curvas dela o distraíam, isso queria dizer que a pequena

câmara obteria uma boa gravação dele, da secretária e da zona com lugares para se sentarem. Até então, ela nunca prestara grande atenção ao gabinete dele, mas reparava agora que era bastante minimalista. Tinha poucos esconderijos naturais. A secretária – sem gavetas –, um sofá com almofadas finas, uma mesa e três cadeiras, e uma estante, que parecia promissora.

Ao se aproximar da secretária, Mariam reparou numa pasta preta e elegante aos pés dele. Atiyah indicou-lhe uma cadeira e juntou-se-lhe à mesa. Agarrou num dos dossiês e começou a folheá-lo em silêncio. Mariam começou a falar, mas ele levantou uma mão para que ela parasse e continuou a ler. Ela imaginou que o pontapeava no entrepernas e depois lhe espetava o joelho na cara, antes de o atirar contra a estante. Enquanto ele estivesse caído no chão, ela poderia estrangulá-lo com o colar, decerto o garrote mais caro do mundo. Isso se não se partisse... nesse caso, desculpa, Sam... danos colaterais. Sorriu agradavelmente e observou o gabinete enquanto ele lia. Virou ligeiramente o corpo para apanhar o lado direito da secretária, onde ele tinha uma pequena caixa de charutos. Mas Mariam queria uma imagem clara da pasta com documentos. Os olhos de Atiyah concentraram-se na leitura e ela empurrou a caneta para que deslizasse da mesa para o chão, na direção da secretária dele. Levantou-se para apanhar e, ao ajoelhar-se, inclinou o colar a oscilar para a pasta, mantendo-o assim por um segundo. Quando se levantou, manteve o corpo virado para a pasta. Sentia o calor do olhar dele no seu traseiro e virou-se para voltar para a cadeira. Fitando-a, ele pousou os documentos. Reclinou-se na cadeira, a esfregar os olhos como se tentasse acordar.

– Continuo intrigado, Mariam. Não consigo perceber como foi que matou os três. E onde estão os corpos? Nem um vestígio. Limitaram-se a desaparecer. Impressionante.

Atiyah assobiou e bateu palmas.

Ela continuou a fingir o sorriso, sem saber se devia negar a acusação. Deixou que o silêncio se prolongasse, embora todos os seus instintos lhe dissessem para fugir para bem longe.

– Não eram os mais competentes – continuou ele. – Mas eram três, e imagino que tenham mantido a vantagem da surpresa. Talvez estivesse alguém consigo em Villefranche? – Atiyah olhava para lá dela, para a parede, como se considerasse as possibilidades.

Ela imaginou-se a dizer: *Estava com o meu amante da CIA e assassinámo-los. Depois os americanos livraram-se dos corpos.*

Em vez disso, fechou o seu bloco de notas.

– Não sei de que é que está a falar – respondeu.

Levantou-se para sair – obtendo mais um bom ângulo da pasta de documentos – mas ele agarrou-lhe o braço. Ela fitou a mão dele e o instinto chamou-lhe o olhar para o conjunto de nervos entre o polegar e o indicador. Poderia pôr fim ao aperto num instante. Em vez disso, ficou em silêncio.

– Tenho olhos em todo o lado, Mariam. Em todo o lado. Mais cedo ou

mais tarde, tudo se saberá. Diga isso à Bouthaina também. Seja uma boa menina e diga-lhe isso da minha parte.

Soltou-a e deu-lhe uma palmada no traseiro enquanto ela se virava para se ir embora. Mariam teve de se valer de toda a sua força mental para não lhe bater, para se concentrar antes na pequena câmara e filmar o gabinete ao sair. A cada passo, imaginava a câmara um dia a capturar o corpo de Atiyah pendurado na forca, os seus pés a girar com uma brisa de final de verão.

Brian Hanley emborcou o seu café do Dunkin' Donuts e fez uma careta ao ver a mensagem chegar à sua caixa de correio do *Lotus Notes*. O maldito *Lotus Notes*. Mas em que ano estavam, 1995? A FDT, a equipa da CIA que transmitia informação a serviços secretos estrangeiros, andava a ser uma dor de cabeça nos últimos dias, a eliminar e alterar tópicos de conversa e relatórios de informação publicados que seriam passados ao Mossad israelita durante a troca habitual na Síria. O carimbo “REL ISR” que ostentariam era um obstáculo necessário mas enlouquecedor de ultrapassar, apesar de Israel ser o parceiro regional mais próximo da Divisão do Médio Oriente.

Contudo, Hanley ficou satisfeito ao ver que, por fim, os chatos do FDT tinham cedido e aprovado a passagem de exemplares físicos das imagens da atividade do SSRC em Jableh, e de um relatório interessante sobre um teste com gás *sarin* a uma pequena escala. Os relatórios do Mossad na Síria costumavam ser bastante bons – melhores do que os da CIA, na verdade –, mas, recentemente, os israelitas tinha perdido parte do seu acesso privilegiado ao SIGINT. Gostariam daquilo. Imprimiu as imagens de Jableh a cores, o que lhe pareceu ser um pormenor simpático. Com as cópias feitas e guardadas na sua pasta com cadeado, Hanley passou o resto da manhã a ler artigos sobre o jogo da primeira liga de beisebol, antes de ir de carro até um anexo não identificado em Tysons Corner, distinguível apenas pelos guardas de segurança com carabinas, atentos a distintivos azuis. A CIA preferia manter os israelitas fora do seu espaço. Tinha havido um acidente desagradável uns anos antes, quando um funcionário de ligação do Mossad andara pelo quartel-geral sem qualquer supervisão durante um dia inteiro.

Danny Dayan, o Chefe-Adjunto da Estação de Washington do Mossad que fazia lembrar uma coruja, dirigiu a delegação israelita nessa semana. Dayan

escutou atentamente enquanto os agentes da CIA tagarelavam, analisando os exemplares físicos enquanto iam comendo um *scone* gigantesco da Corner Bakery. Depois de mais de 60 reuniões de ligação com os americanos, começava a perguntar-se se o restaurante não seria na verdade da CIA. Não obstante, pensou enquanto mastigava, via que os rapazes e as raparigas de Langley tinham alguns casos interessantes ao lume naquele momento. Depois da reunião, a caminho da garagem, puxou aquele miúdo, Hanley, à parte.

– Belo material, este mês. Os meus cumprimentos à equipa de Damasco – disse-lhe.

– O Joseph vai ficar satisfeito, é ele que tem o caso brutal lá – disse Hanley, antes de o seu rosto corar por ter sido indiscreto. Dayan assentiu com a cabeça e esboçou um pequeno sorriso enquanto o jovem agente se metia no seu *Toyota Prius* e acelerava dali para fora.

No seu apartamento nessa noite, Dayan bebeu três copos de vinho enquanto tomava notas e fotografava os documentos da CIA, usando uma microcâmara. Retirou o rolo minúsculo e colocou-o numa bolsa selada como se fosse um traficante de droga. Dobrou as notas e fez o mesmo. Tinham-lhe dado uma mala de couro com um compartimento secreto, mas ele detestava andar com aquela coisa volumosa, por isso enfiou as bolsas na roupa interior. Meteu um boné dos Washington Nationals e pôs-se a caminho do Rock Creek Park.

Yekaterina esperava por ele no banco do costume. Dayan sorriu e ela franziu o sobrolho enquanto ele tirava as bolsas da roupa interior, lhas punha no colo e se sentava.

– Os teus vícios de jogo meteram-te em apuros em Moscovo, Danny – disse ela. – Porque é que insistes em arriscar a vida aqui?

Ele recusou-se a morder o isco. Uma discussão poderia impedi-lo de ver os últimos *innings* do jogo dos Nats.

– Vais encontrar uns relatórios físicos interessantes aí – disse. – Relacionados com a Síria. SSRC, armas químicas. Vale ouro.

– O general Volkov vai ficar satisfeito – disse Yekaterina, referindo-se ao diretor do Departamento do Médio Oriente da SVR, que recrutara Dayan em Moscovo.

Dayan assentiu com a cabeça.

– Há mais uma coisa. Depois da troca, falei com um dos agentes juniores. Ao que parece, alguém chamado Joseph está à frente do caso que gerou estes relatórios. Ele está em Damasco.

– Joseph quê? – perguntou Yekaterina.

– Não tenho a certeza, mas na verdade acho que esse é o apelido – disse Dayan. – Deve dar para o identificar pelos registos digitais.

Dayan puxou o boné mais para baixo, levantou-se e foi-se embora.

Rustum pôs de parte os relatórios do SVR e passou a mão pelo bigode enquanto terminava o chá. Seguindo os seus próprios protocolos rígidos de segurança para o manuseio de documentos, colocou as imagens por satélite do seu complexo de Jableh roubadas à CIA e o resto do relatório do SVR no cofre. Como teriam os norte-americanos descoberto? Ninguém saía do complexo de Jableh havia meses. Tinham produzido 200 toneladas de gás *sarin* e agora teriam de evacuar. Quem contara à CIA? Outro maldito espião dentro do SSRC, como Marwan Ghazali? Ao que parecia, o seu irmão mais novo não era capaz de fazer o seu trabalho. Considerando que controlara a raiva, Rustum levou a mão à maçaneta da porta para sair do gabinete e ir almoçar com Bouthaina. Depois lembrou-se de Shalish. Profundamente envolvido na operação química, substituível, em última instância, mas, não obstante, um homem importante. Rustum requeria a experiência do Ramo 450 com o gás *sarin* para o seu ataque. Shalish geria esse portfolio, e agora morrera, alvejado por um atirador no centro de Damasco. Agora, quem haveria de promover? Fez uma pausa e inspirou longa e lentamente, apercebendo-se de que ainda não estava pronto para enfrentar o mundo exterior. Tinham sido uns dias maus.

Não se lembrava de lhe ter pegado, mas, quando voltou ao presente, estava a enfiar um abre-cartas num dos assentos do sofá. Esventrara os dois assentos e três das almofadas quando o seu adido chegou, a perguntar o que se passava.

– Comandante?

O adido olhou em redor. Tufos de enchimento esvoaçavam pelo gabinete enquanto o comandante da Guarda Republicana da Síria estava ajoelhado no chão, a eviscerar uma almofada de imitação de seda. Rustum praguejou, pois não dera conta de estar a gritar.

– O que é eu estava a dizer? – sussurrou ao adido.

– A mesma história, comandante. – Fez uma pausa. – Hama.

Rustum levantou-se e tirou um pedaço de enchimento da camisa de

linho, após o que mandou o adido embora. Bouthaina dizia que, por vezes, ele contava a história enquanto dormia, algo semelhante ao que o psicólogo dissera que Basil faria.

Ele tinha ido passar uns dias na sua quinta nas montanhas perto do Líbano, para aproveitar o tempo mais fresco e alguma diversão erótica com Bouthaina. Foi para o exterior. O terraço ficava aninhado num amendoal mesmo acima de Bloudan, um refúgio nas montanhas para a elite da Síria. Um sítio onde, em criança, só poderia ter sonhado servir à mesa. Agora era seu dono e senhor. Viu Bouthaina a apanhar banhos de sol, com uma garrafa de vinho branco a meio num balde com gelo por perto. Os gigantes óculos escuros da Chanel davam-lhe uns olhos de mosca, a apanhar sol. Sorriu quando o viu. Ele ainda ouvia o coração a bater-lhe no peito e perguntou-se se uma queca o acalmaria. Depois, o seu telemóvel tocou. Fitou o ecrã com uma estranha mescla de irritação, raiva e ansiedade. Era o Presidente.

OS RELATÓRIOS DO SVR TINHAM CONFIRMADO OS INSTINTOS DE ALI ACERCA DO AMERICANO, SAMUEL JOSEPH. TINHA INFORMAÇÃO CONCRETA QUE, SE FOSSE USADA DA FORMA CERTA, LEVARIA À CAPTURA DE UM ESPIÃO. LEU MAIS UMA VEZ O COMENTÁRIO DO SVR, SÓ PARA TER A CERTEZA:

AGENTE DO SVR OBTVEU NOME DO AGENTE DAS OPERAÇÕES DA CIA ENCARREGADO DO CASO DA SÍRIA RELACIONADO COM JABLEH E ALEGADO USO DE ARMAS QUÍMICAS EM EFREH. SUBFONTE IDENTIFICOU-O COMO “JOSEPH”. REGISTOS DIGITAIS DO SVR INDICAM QUE AGENTE EM QUESTÃO PODERÁ SER OFICIAL DE COMUNICAÇÕES DA EMBAIXADA DOS EUA EM DAMASCO SAMUEL JOSEPH.

Depois havia o teste com gás *sarin* e o complexo de Jableh. Ali acendeu um cigarro e foi à janela. O irmão não era apenas um sanguinário, era louco. E ele não tinha forma de o defrontar. Desde há 40 anos que perdia as lutas com Rustum, pelo que sabia quando estava vencido. Qualquer que fosse aquele programa, o Presidente tê-lo-ia aprovado. Mas gás, a sério? E em quantidades tão grandes? O que estariam a planear? Sempre que o regime passava à ofensiva, os rebeldes retaliavam. Ali não via forma de sair da guerra, mas também não via forma de a vencer. E não havia rede de segurança se perdessem. Por isso, iria concentrar-se na investigação. Era algo que podia controlar.

Tirou da gaveta da secretária o memorando da investigação a Samuel Joseph. Tinha-o redigido num momento de inspiração, depois de os

relatórios do SVR terem chegado. Queria papel à frente de Assad, para ter uma vantagem sobre Rustum. Dirigira-o a Sua Excelência Bashar al-Assad, Presidente da República Árabe da Síria. Também enviara uma cópia a Rustum. Iriam discutir o assunto no Palácio dentro de 30 minutos.

Ali releu o memorando. Achava que podia funcionar. Depois perguntou-se para que fim. Um pensamento irritante e inútil. Afastou-o.

Kanaan abriu a porta.

– Posso trazer-lhe mais café antes de irmos?

Ali sorriu enquanto guardava cópias extra na sua pasta.

– Porque é que pergunta?

– Está com um ar cansado.

– Como você estaria, se o Rustum fosse seu irmão.

*

Há dois palácios em Damasco. Um, o Palácio do Povo, é uma estrutura colossal em arenito localizada no monte Mezzeh, impondo-se sobre a cidade como um castelo feudal. O Presidente Assad praticamente nunca lá vai, a menos que precise dele como cenário para uma operação fotográfica estéril com dignitários de visita ao país. O segundo, Malki, é a residência da família Assad, e encontra-se aninhado num bairro arborizado do centro de Damasco. É mais um bangaló do que um palácio. Os quartos são cuidados, mas acolhedores, e decerto nada grandiosos. Os brinquedos dos filhos pequenos de Assad estão espalhados pelo chão. Ao contrário de Saddam Hussein e da Casa de Saud, Bashar al-Assad – tal como o seu pai – não exhibe a sua fortuna com inúmeras mansões, sanitas de ouro, balneários romanos falsos e murais eróticos e garridos. Mesmo em plena guerra civil, a Casa de Assad considera-se uma expressão da vontade popular. Uma dinastia com uma imagem terra-a-terra a defender.

Ali chegou primeiro e foi levado para a sala de estar do Malki, onde lhe serviram chá. A reunião teria lugar no modesto escritório pessoal de Assad, entre sofás de pele estalada, televisores sem som, uma passadeira rolante e pilhas de ficheiros e papéis. Acabava de tomar a chávena de chá quando o secretário de Assad emergiu do escritório.

– O Presidente já lá está – informou-o. – Mas ainda estamos à espera do comandante. No entanto, pode ir entrando, general.

Ali bateu duas vezes à porta e ouviu a resposta ciciada:

– Faça favor, faça favor.

Bashar Al-Assad, Presidente da República Árabe da Síria, tinha trocado as habituais calças de ganga e camisa por um fato negro e uma gravata azul-metálico, a que costumava usar para entrevistas a canais televisivos europeus. Assad estava sentado em frente ao seu *Mac* quando Ali abriu a porta. Três sofás de pele formavam um U em redor de uma mesa de centro com tampo de madreperla cheia de revistas. Atrás de um sofá estava uma

secretária apinhada de pastas beges e jornais. Havia um televisor sintonizado no canal Al Jazeera pendurado na parede.

Assad era alto e esguio, mas havia algo muito estranho na sua aparência, como se ele tivesse sido construído a partir de partes aleatórias que não batiam bem. Alguns dos *graffiti* dos rebeldes, conforme Ali sabia pelos relatórios de informações, chamavam a Assad “a Girafa”. Ele tinha um pescoço comprido que se alongava até um queixo fraco, sobre o qual havia um leve bigode juvenil. Ali sempre achara que as orelhas pareciam mais de elfo do que de ser humano. No entanto, todas as suas fraquezas – a aparência, o ciciar, os antecedentes cerebrais clínicos (formara-se em oftalmologia em Londres) – jogavam a seu favor, pois todas levavam quer observadores, quer inimigos a subestimá-lo. Esse era sempre um erro que saía caro. O Presidente, como todos eles, era um assassino.

Ali ocupou um lugar num dos sofás e Assad sentou-se ao lado dele. Uma cópia do memorando, assinalada com tinta vermelha, estava em cima da mesa de centro.

– Um trabalho inspirado, Ali – comentou Assad.

Assad perguntou-lhe por Layla e os gémeos. Ali correspondeu com perguntas sobre os filhos do Presidente. Não lhe perguntou pelas amantes e namoradas. O Presidente, apesar da aparência estranha – ou talvez por isso – usava as conquistas sexuais como forma de demonstrar a sua virilidade e o seu poder à elite síria. Ali fazia questão de manter Layla fora da sua vista sempre que possível.

O Presidente verificou as horas no relógio de pulso de ouro.

Rustum chegou completamente fardado, sem faltarem as dragonas negras e a boina vermelha da Guarda Republicana. O maxilar de Ali contraiu-se ao ver Basil, também de farda, atrás de Rustum. Aqueles assassinos apresentavam-se muito bem. Tinham um aspeto quase respeitável, a usar aqueles uniformes engomados, a apertar a mão do Presidente e a pedir educadamente chá ao assistente. Quase dava para esquecer as histórias dos distúrbios anteriores, nos anos 1980, quando Basil adquirira a alcunha de Comanche.

O Presidente, que tinha estado a assistir a uma reportagem da Al Jazeera sobre o financiamento saudita dos grupos rebeldes da Síria, amaldiçoou a Casa de Saud e desligou o televisor, fazendo sinal a Rustum e a Basil para que se sentassem.

– Bom – disse ele. – Temos uma fuga. Precisamos de a resolver rapidamente. Ali, qual é o plano?

– Com certeza, Sr. Presidente. Já toda a gente leu o memorando? – resmungou Rustum. Ali sabia que ele estava furioso por não ter sido convidado a dar forma à mensagem. Basil abanou a cabeça e lambeu o bigode.

– Expus três vias para capturar o traidor – continuou Ali, ignorando-o.

– Devem ser todas exploradas em simultâneo, para obtermos o máximo

feito.

Assad pousou o cotovelo direito na mesa de centro e apoiou o queixo na mão enquanto voltava a perscrutar o memorando. Começou a fazer perguntas:

– Nesta primeira via, acha que o seu agente consegue obter um dispositivo da CIA?

– É possível. O agente também poderá ser capaz de nos obter informação sobre as operações da CIA aqui em Damasco. Acho que este Samuel Joseph morderá o isco certo, se for colocado à sua frente.

– E os iranianos estão certos de que conseguem explorar um dispositivo? – quis saber Assad.

– Sim – disse Ali. – Partindo do princípio de que a CIA proporciona um dispositivo real ligado a um satélite e não usa um *website*, como no caso de Ghazali. – Fez uma pausa e cerrou o maxilar. – Os iranianos têm a certeza de que conseguem explorá-lo.

– Faz ideia de quem usaria contra esse Samuel Joseph? – perguntou Assad.

– Temos algumas ideias, incluindo alguém que já o conheceu. Acredito que podemos avançar rapidamente. E não perdemos nada por tentar.

Ali calou-se enquanto o secretário de Assad entrava no escritório com uma bandeja de bolos e chávenas fumegantes de chá. Colocou-a na mesa e saiu.

– Acho que esta primeira abordagem é demasiado elegante, de facto – disse Rustum. – E o resultado é incerto.

Assad acenou com a mão, descartando o comentário.

– Duvido. Ali tem razão: nada temos a perder e temos tudo a ganhar. Assegure-se de que inclui os iranianos, se isso der frutos, como prevê. As equipas técnicas deles podem ajudar-nos a explorar rapidamente o dispositivo.

– Com certeza, Sr. Presidente.

Ali prosseguiu:

– A segunda abordagem é dar informação única à lista de pessoas que sabiam de Jableh. Cada uma recebe algo diferente. A informação tem de ser suficientemente importante para ser passada aos norte-americanos. Também deve estar ligada ao nosso programa de armas químicas. Os comentários do SVR, e as marcas nos documentos da CIA, sugerem-me que a fonte deles é israelita e que a troca se concentra em armas químicas. Depois, vemos o que daí vem.

Rustum tinha pegado numa chávena de chá e, nesse momento, fungou contra o vapor.

– É certo – disse ele a bebericar o chá –, que a lista de suspeitos se reduziu, agora que eles descobriram as instalações. É demasiado doce, já agora, esta coisa do palácio.

Assad soltou uma risada aguda.

Ali continuou:

– Sabemos três coisas acerca da fonte. A primeira, que está a par de um esforço compartimentado da Guarda Republicana dentro do SSRC. A segunda, que tem conhecimento de um teste de armas químicas realizado em Efreh. E a terceira, que conhece a localização da unidade de Jableh. Quem tem esta informação?

– Haverá talvez quatro pessoas vivas – disse Rustum. – Shalish sabia, mas morreu. O comandante de Jableh e o seu adjunto. Jamil Atiyah e o diretor do SSRC. Rumores da compartimentação e até do teste poderiam ter circulado pelo Palácio, pelo SSRC ou pela Guarda, mas a localização específica desta unidade reduz substancialmente a lista.

– Está confiante quanto ao confinamento de Jableh? – perguntou Assad.

– Estou. Aquilo é um campo de prisioneiros.

– Mas estás a esquecer-te de um nome, mano mais velho – disse Ali.

Rustum esboçou um sorriso irónico.

– Qual?

– Bouthaina. Tenho os meus intermediários dentro deste governo, e sei que usaste os atalhos dela para arranjar algum do material. E quem sabe com que outra informação ela poderá ter-se deparado no decurso dos seus deveres, oficiais ou... oficiosos?

Assad sorriu, a desfrutar do fratricídio.

Rustum gesticulou, a fitar o irmão com uma raiva crescente.

– Está bem. Pomo-la à prova.

– Bom – disse Assad, acenando com a mão para pôr fim ao debate. – Os comandantes de Jableh, Atiyah, o diretor do SSRC, Bouthaina. O que recomenda que lhes transmitamos, Ali?

Ali passou os dedos pelo bigode.

– A localização de outra unidade. Dizemos que há uma reserva. Os americanos iriam querer essa informação. E a história só tem de se aguentar o tempo suficiente para alguém transmitir a informação à CIA. Deve ser um sítio onde fiquemos a saber se algo acontecer. Assim teremos dois caminhos para a informação nos chegar. Um, o relatório do SVR. Dois, se os norte-americanos o bombardearem.

– Depósitos de abastecimento – disse Rustum, com os nós dos dedos a ficarem brancos com a força com que agarrava a sua chávena.

– Sim, perfeito – concordou Assad. – Armazéns suficientemente grandes para esconderem equipamento de produção. Suficientes para armazenagem.

Ali parou, a olhar para as mãos cerradas do irmão. Formou-se-lhe um pensamento irresistível, uma oportunidade de se vingar de Rustum.

– E sabes, mano mais velho, que terás de ser tu a passar esta informação a cada pessoa. Eu, claro, não tenho qualquer conhecimento do programa.

– Claro – respondeu Rustum entre dentes cerrados.

– E gostaria que escrevesse os nomes dos suspeitos, juntamente com a localização da unidade que lhes deres. Assim poderei verificar que tudo está consistente.

Os olhos de Rustum faiscaram. Ele rabiscou a lista e passou-a a Ali. Ali viu os últimos dois nomes e localizações antes de a guardar no bolso. Leria os outros depois.

Jamil Atiyah – Khan Abu Shamat
Bouthaina Najjar – Wadi Barada

– Obrigado, mano mais velho – disse Ali.

– Excelente – comentou Assad. – Bom, e a terceira via?

– Sabemos quem é o agente da CIA a supervisionar o espião. Vencemo-lo na rua, convencendo-o de que não está a ser vigiado quando, na verdade, estará cercado. Ele levar-nos-á ao seu espião.

– E presumo que o seu agente também será capaz de determinar quando ele se prepara para uma operação? – quis saber Assad.

– É possível, Sr. Presidente, mas não é garantido. Tipicamente, a CIA compartimenta essa informação entre os seus operacionais. Mas tentaremos.

Rustum apontou então para o memorando de Ali, espetando o dedo no papel para lhe dar mais ênfase.

– Tens a certeza de que a equipa russa é necessária?

– Sim. Há décadas que operam intensivamente contra os americanos.

Assad tornou a desconsiderar Rustum sem olhar para ele.

– Telefonarei a Putin logo à tarde. Isto está aprovado.

Basil sussurrou algo a Rustum na sua voz rouca. Então, Rustum contratacou.

– Sr. Presidente, este plano é muito minucioso, mas porque é que não nos limitamos a prender o funcionário da CIA e a interrogá-lo para que nos dê o nome?

Assad recostou-se, surpreendido, e perscrutou o rosto de Ali em busca de uma reação. Gostava de ver os seus tenentes a discutirem. Era melhor ser ele o centro, com cada conselheiro a falar em estado de guerra com os outros. Bebericou mais chá e perguntou, sabendo a resposta:

– O que acha, Ali?

Ali coçou a cicatriz. Rustum sorriu. A maldita coisa sabia sempre quando estava na presença do seu criador.

Quando tinha 8 anos, Rustum percebeu que a mãe morrera a dar Ali à luz e decidiu que não gostava da troca da sua querida mãe pela criança com cólicas que ocupava as atenções do pai e da madrasta.

Por isso, levava Ali, que tinha apenas começado a andar, até às escadas, e empurrara-o. Depois mentira aos pais, dizendo que o jovem Ali se lançara do primeiro degrau.

Ali não tinha qualquer memória disso. Rustum explicara-lho durante a sua segunda tentativa, na noite em que o pai e a madrasta deles tinham sido assassinados. No dia em que Ali tomara a decisão fatídica.

A decisão, tomada por uma criança impetuosa de 10 anos, fora a de exigir ao pai que cumprisse a promessa de o levar a dar uma volta de trator.

Os Hassan tinham mercearias e um negócio de distribuição. Acabavam de abrir um novo estabelecimento em Homs, a terceira maior cidade do país, já então corroída pela rebelião. Estava-se em 1980, e a Ikhwan, a Irmandade Muçulmana, contestava o poder de Assad. O pai de Ali dizia que a Ikhwan queria duas coisas: a lei da xaria e os alauitas mortos ou escondidos nas montanhas. De preferência, ambos.

Nesses tempos, a presença alauita em Homs era recente. O pai de Ali gostava de dizer que o sucesso dos alauitas – o nosso engenho, meu filho – os tinha arrancado às aldeias montanhosas empobrecidas e levado para as cidades prósperas. Os terroristas da Ikhwan lutavam contra a maré e, num dia soalheiro de primavera, mataram dois dos funcionários do seu pai em frente a uma das lojas. Abriram o novo centro de distribuição pouco depois. Os Hassan viviam perto da costa, em Latakia, mas os pais levaram os irmãos para Homs para assistirem à grande inauguração e arrendaram um apartamento na cidade.

– Precisamos de ficar aqui uns meses para mantermos as coisas debaixo de olho – disse o pai de Ali. O avô também viera da costa e ficara com a família.

Ali e Rustum caminhavam pelos corredores do novo edifício. As paredes pintadas de fresco enchiam o espaço de cheiros químicos distintivos. O espaço estava cheio: produtos secos, peças, móveis, equipamento agrícola. E o que mais encantava Ali: um trator soviético, inexplicavelmente pintado de verde-água, no qual ele se sentava todos os dias. Depois de muito ter implorado, o pai prometera-lhe que dariam uma volta nele antes de o venderem ou, pelo menos, antes de regressarem a casa.

Em junho, o trator não fora vendido e estava na hora de voltar a Latakia. Ali viu Rustum a pôr malas no carro e correu até ao pai, a chorar porque não tinham andado de trator. Ele prometera. Cala-te, dissera-lhe Rustum, mas o pai não fizera caso do filho mais velho e, olhando para a madrasta dos rapazes, dissera que podiam todos passar mais uma noite ali e ir à festa do governador. Ela detestava aqueles eventos, Ali sabia. Na manhã seguinte, ele levaria Ali a andar de trator e depois iriam embora. Ali

fungou. Assim estava bem.

O pai e a madrasta foram à festa nessa noite num *Mercedes* preto com motorista. Os vidros eram tão fumados que Ali sempre se perguntou se o pai o vira realmente a acenar-lhe.

O motorista sobrevivera e explicara a cronologia ao avô de Ali. Enquanto este soluçava na cama, Rustum escutava na cozinha. O motorista contou que tinha virado para a rua ao voltar para casa e que um homem fardado surgira na rua de mão estendida, a fazer sinal para pararem. Havia cones de trânsito espalhados pela estrada. O homem declarara que era o capitão qualquer coisa da polícia, e se sabíamos que tinha havido um tiroteio a dois quarteirões dali. Mostrou um distintivo. Estamos a tomar as devidas precauções. Bilhetes de identidade, por favor.

Os documentos de identificação foram verificados uma e outra vez, após o que se seguiu uma longa espera, pois parecia que alguém no quartel-general não respondia. Depois houve um único estalido e logo outros dois, seguidos de uma saraivada que varreu as portas traseiras do automóvel. Umas mãos entraram pela janela e arrancaram o motorista do carro, sentando-o no chão, atordoado.

Tu vê, tu vê, disse o capitão num tom irado, a apontar para o carro.

Os outros dois homens tiraram o pai e a madrasta de Ali do automóvel, atirando os corpos para o chão antes de os encostarem à carroçaria, de frente para o motorista. Os dois homens enfiaram-lhes os bilhetes de identidade na boca. As aldeias alauitas onde tinham nascido, impressas nos documentos manchados de sangue, bastariam para que as pessoas entendessem a mensagem.

Um carro surgiu e os homens entraram, à exceção do capitão, que disse ao motorista que passasse aquela mensagem da Ikhwan. Tu diz aos outros, ordenou. Diz-lhes tudo.

Na cozinha, o motorista tapara os olhos com as mãos e chorara. Ao ver isso, Rustum tirou uma faca de uma gaveta e abriu a pontapé a porta do quarto que partilhava com Ali. Pôs-se em cima dele na cama e virou-lhe a faca para o pescoço. Ali empurrou os braços do irmão para manter a lâmina longe de si, mas Rustum enfiou-lhe a ponta da faca no pescoço e tentou cortar-lhe a garganta. Ali esmurrou os braços de Rustum e a lâmina deslizou para o seu maxilar e cravou-se-lhe na parte de baixo do queixo. Escorria saliva da boca de Rustum enquanto este gritava que Ali devia ter morrido naquelas escadas e que morreria agora.

– Agora eu sou vingança – gritava ele –, pela minha mãe, pelo meu pai e pela minha madrasta.

Então, Rustum e a lâmina caíram e Ali percebeu que o avô tinha atirado Rustum para fora da cama. Por entre as lágrimas, viu os punhos fortes do avô a baterem no irmão. Quando acabou, o avô levava-o a um médico local para lhe coser a ferida, Ali coberto do seu próprio sangue, o avô com o de Rustum nas mãos e na camisa de linho que fora branca.

Os dois irmãos nunca tinham falado dessa noite. Nunca a tinham mencionado, pensava Ali, nem nunca o fariam. O que havia a dizer? Os pais tinham morrido, inadvertidamente Ali ajudara a apressar as suas mortes e Rustum, o seu irmão Rustum, morrera juntamente com os pais. Passara a ser outra coisa. O seu rival. O seu algoz.

Ali pousou a chávena de chá. Olhou para o Presidente.

– Se detivermos e interrogarmos o americano, embarcamos numa viagem perigosa com um resultado incerto. Uma agente da CIA já desapareceu na Síria. Calculo que a tolerância para perderem outro será baixa. A CIA saberá que o prendemos e os americanos começarão de imediato a fazer pressão para que seja libertado. Vamos ter um tempo limitado para lhe extrair um nome. Poderemos não o conseguir. Imagino que os americanos, conluídos com os sionistas, tentem então matar todos os presentes nesta sala, à exceção do Sr. Presidente. Devemos tentar a estratégia delineada no meu memorando, antes de correremos tais riscos.

O olhar de Assad dirigia-se ora para um irmão, ora para o outro. Ali arriscou e continuou:

– O que este espião passou aos americanos, a ser verdade, é muito sensível. Se me permitem a pergunta, qual é a linha temporal operacional para o compartimento mencionado no relatório da CIA? Quanto tempo temos?

– De quanto tempo precisa, Rustum? – perguntou Assad.

Rustum fervilhava.

– Um mês seria o ideal. A revelação de Jableh parou a produção. Agora é só uma questão de logística. Não compreendo, porém, Sr. Presidente, porque é que não nos limitamos a agarrar o americano e a arrancar-lhe a informação da cabeça.

Ali interveio:

– Isso seria passar dos limites – e logo se arrependeu de tais palavras.

– Passar dos limites? – A voz de Rustum tremeu e ele começou a gritar.

– Estás louco? A CIA envia armas para os *irhabium*, os terroristas, que todos os dias matam os meus soldados. Tu ficas sentado no teu gabinete a brincar aos polícias enquanto os meus homens são chacinados. A tua mulher e os teus filhos estão a salvo no teu apartamento porque eu não sigo as regras, mato aqueles selvagens da maneira que puder, sempre que possível, onde quer que seja! – Já berrava, com cuspo a voar na direção de Ali. – Mato-lhes os velhos e os filhos e o gado, e aqueles que deixo viver são obrigados a comer erva para sobreviver. Atiro-lhes com bombas de barril, com mísseis, e vamos gaseá-los. O nosso governo mantém-se de pé porque eu faço o que é necessário para viver!

Basil, inexpressivo durante o monólogo, fitava o escalpe de Ali com o interesse alheado de um inspetor de gado.

– Basta – gritou Assad. – Ali, tem um mês para descobrir o espião. Se,

por essa altura, não tivermos o traidor, prendemos o americano. Aprovo tudo o resto que está no seu memorando.

Assad levantou-se. A reunião tinha chegado ao fim.

– Sr. Presidente, poderei pedir mais detalhes sobre a operação? – perguntou Ali, arriscando-se a provocar a irritação do presidente, que já estava de pé.

O maxilar de Rustum estava cerrado de raiva.

– Os norte-americanos disseram que haverá consequências se usarmos gás – continuou Ali. – Obviamente, nenhum de nós sabe o que é que essa parvoíce quer dizer. Na verdade, aposto que nem o presidente americano sabe. Se o relatório do SVR estiver correto, já atravessámos essa linha vermelha sem problemas, mas... – deixou a frase por terminar.

Rustum sorriu e exalou pelo nariz. Assad assentiu-lhe com a cabeça.

– Mano mais novo – disse, enfatizando a última palavra. – Vamos realizar um contra-ataque contra os rebeldes. Vamos gasear-lhes as aldeias, os bairros, os sistemas de túneis. Venceremos a guerra numa questão de meses. Isso será a nossa salvação.

Salvação. Perante aquela palavra, as paredes do Palácio desmoronaram-se à sua volta como uma avalanche e ele voltou a ser jovem, um investigador da polícia em Latakia, os gémeos na barriga de Layla.

E o telefone tocou e era para si e encontrou as três cruces improvisadas com postes telefónicos, três alauitas crucificados, de mãos e pés rasgados com estacas de caminho de ferro numa imitação da Bíblia cristã. Sangue na base de cada poste. E quando encontrou o assassino, ele disse que queria pôr a Síria a arder, transformar as praças em açougues e os edifícios em caixões ardentes, para trazer o fim do mundo. Essa será a nossa salvação, disse ele.

– E Ali – disse o Presidente, interrompendo a memória enquanto franzia as sobrancelhas. – O seu irmão tem razão quanto ao facto de o seu plano para armar uma cilada ao espião ser muito elegante. Mas tenha cuidado, especialmente com a sua operação contra o americano. Há potencial para resistência e subterfúgio, como bem sabe. Vou telefonar a Putin e pedir-lhe que nos mande os seus homens.

– Com certeza, Sr. Presidente – disse Ali.

Rustum foi-se embora a bufar, com Basil atrás de si, os olhos cor de água de lavar pratos a examinarem novamente Ali enquanto se afastava. Ali tocou no pescoço, com a cicatriz a latejar. Antes de entrar no carro, acendeu um *Marlboro*. Reparou com satisfação que as mãos não lhe tremiam.

Bouthaina era dez anos mais nova do que Rustum e, tal como ele, motivada pelo poder. O combate de gladiadores do regime era o principal tema de conversa do casal e o maior afrodisíaco. Por norma, ambos gostavam de falar dos inimigos, mas, naquela noite, Rustum sentira-se demasiado envergonhado para mencionar sequer a reunião com Ali e o Presidente. Por isso, deixara Bouthaina arengar sobre o conflito com Jamil Atiyah, explicando como tencionava agarrar o velho pelos tomates. Ofereceu-se para pedir a Basil que o vigiasse, para ver que outras patifarias poderiam ser descobertas. Isso tinha-a frustrado. Ela queria superar Atiyah por si mesma e, além disso, não queria correr esse risco.

– Dois sádicos à caça, um pedófilo e o outro com uma alcunha que ganhou por colecionar escalpes? Não, *habibi*, não, obrigada. Mantém o Basil com a trela curta. Eu tratarei do Atiyah.

Seguira-se um monólogo zangado que o excitara e, quando ela se levantou para ir abrir outra garrafa de vinho, ele pegou nela e atirou-a para a cama. Fora uma distração agradável da vitória de Ali nessa manhã no Palácio.

Rustum não era introspetivo mas, até ele, na ressaca da manhã, era capaz de observar a sua pança inchada, de sentir os pelos que lhe cresciam nas orelhas e de se perguntar como poderia Bouthaina tolerar tal desleixo. Coçou o peito peludo e passou os olhos pelo corpo dela, pela barriga ainda lisa e pelo rosto retesado e bronzeado. Rustum pagara a cirurgia plástica. Fora um bom investimento.

Levantou-se da cama, vestiu um roupão e foi até ao seu gabinete. O quarto palaciano tinha como trono uma secretária de nogueira feita a partir de fragmentos de uma antiga *noria*, uma nora do rio Orontes, em Hama. Sentou-se e começou a rever os relatos dos guardas do Mukhabarat na Embaixada dos EUA. Quando terminou as primeiras páginas, recostou-se e olhou para a secretária enquanto bebericava o seu chá. A inscrição no pedaço de madeira que fora transformado na perna direita indicava que

aquela *noria* fora construída em 1361 para fornecer água à Grande Mesquita da cidade. Havia uma pequena mata ali perto que lhe trazia à memória o inverno violento de 1982, durante a guerra civil anterior, quando ele era um jovem tenente. Nesse dia, um destacamento rebelde, a Irmandade Islâmica, a Ikhwan, tinha-se abrigado num apartamento mesmo por trás da *noria*. Os disparos dos atiradores tinham abatido dez soldados antes de o comandante de Rustum, o irmão do antigo Presidente, ter ordenado ao seu pelotão que invadissem o edifício. Combateram toda a manhã, aproximando-se aos poucos, até os dois lados dispararem através do moinho de água, do qual voavam fragmentos pelo ar.

Quando chegaram ao apartamento, Rustum já matara 17 membros da Ikhwan. Lá dentro, abateu outros seis, incluindo as mulheres e as crianças, que inexplicavelmente continuavam com os combatentes. Quando se apoderaram do apartamento, ele e Basil fumaram cigarros antes de recolherem os pedaços da *noria* de entre o monte de invólucros de balas. Depois escalparam um da Ikhwan por cada um dos seus 32 camaradas mortos, cortando e guardando até a noite ir bem avançada. Nessa noite, Rustum ganhara um irmão em Basil. Um substituto para aquele que lhe assassinara o pai e duas mães.

Rustum pousou a mão direita no tampo da secretária e passou suavemente os dedos pela madeira. Por fim, encontrou o nome que queria na quinta página do relatório, a que tinha fotografias de todos os funcionários dos EUA a trabalhar na embaixada.

Pegou no telefone.

– Chame-me o Basil – disse Rustum a outro adido.

Não tardou a ouvir o rouquejar familiar de Basil, a voz de um homem cuja traqueia fora rasgada por fragmentos de bomba em Hama, três dias depois de terem recolhido a madeira da *noria*.

– Tenho um trabalho para alguns dos teus rapazes. Não para a Guarda. Para os Comitês de Defesa, a milícia. Uma coisa oficiosa. Quero mandar uma mensagem aos americanos. Uma multidão que provoque o caos na embaixada durante umas horas. Sem violência.

Basil resmungou afirmativamente.

Recordando os olhos de Basil enquanto escalpava um Ikhwan vivo naquele apartamento, Rustum decidiu ser mais específico com o seu irmão de sangue.

– Nenhum americano morre, Basil. Nada de acidentes. Compreendido?

– Sim, comandante.

– Usa os teus melhores homens.

– Quando?

– Assim que possível.

Sam estava a entrar no gabinete de Procter quando um dos funcionários da Segurança Diplomática do Estado telefonou à Chefe para a informar de que havia uma manifestação lá fora. Umas 200 pessoas, todas a acenar com estandartes pró-Assad e o retrato do presidente como zelotes.

– Disse autocarros? – perguntou ela. – O que é que os brutamontes do Mukhabarat aí fora estão a fazer? Nada? Já calculava. Está bem, vou subir. – Ela emergiu do seu gabinete e começou a dar ordens aos funcionários da Estação. – Estamos na Fase 1 da Destruição. Temos exatamente dois minutos para triturar a papelada toda.

A Fase 1 baseava-se no tempo que uma equipa hostil demoraria a entrar no perímetro e alcançar a Estação. Sam achava que seriam três minutos, mas Procter era prudente.

A Chefe ordenou bruscamente ao funcionário de apoio à Estação que ligasse as trituradoras com ácido, capazes de destruir discos rígidos e até 50 páginas de material confidencial de uma só vez. Um técnico de telecomunicações aproximou-se com uma grande pilha de manuais – inexplicavelmente impressos – e começou a enfiá-los nas trituradoras como se alimentasse uma picadora de madeira.

– Não estamos na Fase 2 da Destruição – meios eletrónicos –, mas retirem todos os vossos discos rígidos e guardem-nos no cofre, como precaução.

A Estação tinha uma pequena armaria de carabinas *M4*, metralhadoras táticas e pistolas *Beretta*, para o caso, como Procter gostava de dizer, de as coisas ficarem picantes (Fase 3 da Destruição – retirada do pessoal e autodefesa dos agentes).

– Vou lá acima e volto num instante... que ninguém toque na porra das armas!

– Não é melhor levar uma, Chefe? – perguntou-lhe Zelda.

– Oh, Z – disse Procter, a abanar a cabeça. – Querida, querida Z.

Soprou um beijo à analista e foi-se embora.

Sam e Zelda tiraram os discos rígidos dos seus computadores e guardaram-nos no cofre. Depois ele apontou para a porta. Ela assentiu com a cabeça.

Sam fechou a porta do cofre da Estação atrás deles. Enquanto subiam os degraus para o segundo piso da chancelaria, ele começou a ouvir os cânticos e gritos da multidão lá fora.

Zelda não estava com bom ar. Sam colocou-se ao lado dela e explicou-lhe:

– Nada de armas numa situação destas. Se matássemos alguém, a turba enlouquecia. E, mesmo com as nossas armas, acabaríamos por ser esmagados. Teríamos outra Teerão nas mãos.

No segundo andar, marcaram o código e entraram. Os gabinetes e cubículos dos funcionários do Estado estavam vazios. Toda a gente tinha ido para as janelas, para observar a cena no círculo lá em baixo.

A multidão começou a atirar lixo para o complexo. Um tomate esmagou-se contra o vidro. Um dos funcionários políticos do Estado deu um salto para trás, sobressaltado. Seguiu-se uma alface acastanhada. Uma descarga de fruta e vegetais podres não tardou a atingir as janelas como uma tempestade de granizo. Um cheiro rançoso entrou pela chancelaria.

O embaixador fez um esgar a olhar para uma janela. Recentemente, provocara a ira do regime, ao fazer uma viagem não autorizada para se juntar a um protesto em Hama. À semelhança de Sam e Procter, falava árabe fluentemente, pelo que sabia que a multidão começara um cântico em que lhe chamava cão. Procter sorriu.

Um dos funcionários da Segurança Diplomática apontou para a vedação à volta da embaixada.

– É uma vedação *resistente à escalada*. Topo de gama.

– Então só *resiste* à escalada, dá uma boa luta? Perfeito – disse Procter, mexendo a cabeça para conseguir ver a rua por algum espaço da janela que não estivesse manchado.

Sam viu dois homens começarem a escalar a vedação. Vários fuzileiros espalharam-se pelo pátio, instando os escaladores a parar. Eles continuavam a avançar. Depois outro saltou para a vedação. E mais um.

Sam reparou que um deles tinha uma bandeira síria. Zelda aproximou-se mais dele.

– Não vão entrar no edifício, pois não?

Sam abanou a cabeça.

– Acho que não. Está a ver aquela bandeira? Só estão a mandar algumas pessoas para abater as nossas. Se quisessem invadir a embaixada, enviariam mais.

Os quatro homens estavam no pátio. Começaram a fazer gestos obscenos na direção dos americanos lá em cima.

– A vedação não resistiu lá muito – disse Procter.

Mais ninguém tentou trepá-la e os fuzileiros voltaram para dentro. Um pé-de-cabra foi catapultado por cima da vedação para um dos homens. Começaram a escalar o edifício da chancelaria.

Um deles chegou ao telhado e subiu pelo mastro da bandeira, tirando a bandeira dos EUA e substituindo-a pela da República Árabe da Síria. Vitorioso, mostrou a bandeira das estrelas e riscas perante um crescendo de gritos de apoio da multidão. Depois enfiou-a nas calças.

– O tipo do pé-de-cabra agora está no telhado – disse um dos funcionários políticos do Departamento de Estado.

A posição do sírio no telhado permitia-lhe olhar para os americanos através de um pátio estreito. Fez mais gestos obscenos e depois começou a partir o ar condicionado, parando uma ou duas vezes para gritar em direção à multidão na rua. Sam ouviu as ventoinhas a desligarem-se.

– Aquele idiota *shabiha* – queixou-se Procter. – Estão 40 graus lá fora.

Quarta Parte

Perseguidos

Ali observou o calor a soltar-se da pista de asfalto no Aeroporto Militar de Mezzeh nos arredores ocidentais de Damasco. Fumou um *Marlboro*, mas o calor eliminava qualquer prazer que pudesse daí tirar. Olhou para o relógio. A bracelete estava ensopada em suor. Meio-dia e meia hora. A equipa russa devia chegar a qualquer momento. Kanaan despiu o casaco do fato e pô-lo ao ombro.

– Talvez seja melhor esperarmos lá dentro, chefe? – perguntou.

Ali abanou a cabeça e perscrutou o céu.

– Não. Recebemo-los pessoalmente.

Ao dar por um reflexo metálico no céu, baixou mais os óculos pela cana do nariz para ter uma vista desobstruída.

Apagou o cigarro quando o avião de mercadorias atravessou as nuvens e acendeu outro quando aterrou.

– Aqui vamos nós – disse a Kanaan.

O avião que avançava pela pista continha uma equipa de 12 agentes do SVR e do Serviço Federal de Segurança, o FSB, o serviço de segurança interna da Rússia. Todos tinham experiência a operar contra a CIA, fosse em Moscovo, fosse em Washington. Os russos, comandados por um general do SVR chamado Volkov, colaborariam com Ali para localizar e apanhar o agente Samuel Joseph. Ali pôs uma mão sobre os olhos para se escudar do sol quando os propulsores a turbo do avião pararam de girar e a rampa de carga se abriu.

Volkov – Ali reconhecia-o pelos ficheiros do Mukhabarat – foi o primeiro a descer a rampa para o calor abrasador. Os seus homens seguiam-no, a arrastar grandes caixotes de equipamento do interior do avião. Volkov estava a usar óculos à aviador e um blusão castanho. Ali, que limpava rapidamente a mão às calças ao ver o homem aproximar-se, estendeu-a e apertou a de Volkov, forte como uma marreta.

– Bem-vindo à Síria, general – disse-lhe em inglês.

– É um prazer encontrar-me aqui para uma missão tão importante –

respondeu Volkov, e depois virou-se e apontou para os homens, que estavam a descarregar caixas e caixotes do avião. – Só metade é vodca – disse ele e riu-se, tal como Ali.

Uma carrinha de vigilância desceu do avião para a pista. Depois mais caixotes, seguidos por mais carrinhas de vigilância.

– Vamos dar cabo do canastro deste americano – comentou Volkov, orgulhoso do seu domínio de inglês ordinário. – Já fiz duas missões em Washington, a trabalhar contra eles. Será uma grande honra.

– Vamos localizá-lo juntos – disse Ali, que já gostava daquele russo.

Saiu mais uma carrinha do avião.

– Onde é que vamos pôr estas coisas todas? – perguntou Kanaan a Ali em árabe.

*

Kanaan aceitou melhor a perda do seu gabinete do que Ali esperava. Ao final da tarde, os gurus de vigilância russos tinham-se instalado, sem perderem tempo a deitar mãos à obra.

Estabeleceram um centro de comando a que não faltavam mapas, recetores de vídeo e áudio em tempo real, imagens de Samuel Joseph e dos seus associados conhecidos ou suspeitos da CIA.

– Parece que vamos embebedar-nos e matar o americano – brincara Ali, a apontar para os caixotes de vodca e para as fotos omnipresentes do agente da CIA.

– Não era má ideia, general – replicou o russo sem o mínimo indício de humor. – Não era má ideia.

Juntas, as equipas delinearão as rotas conhecidas de Samuel por Damasco. Os russos percorreram-nas com Ali e os seus homens, para compreenderem como Samuel Joseph encarava a rua. Embora o resto da equipa tivesse optado por mangas curtas, Volkov continuava a usar o blusão de cabedal, não obstante o calor do pino do verão.

Monitorizaram o telefone de Sam, bem como as suas chamadas pelo *Skype*, e um dos homens de Kanaan entrou-lhe em casa para implantar dispositivos de escuta. O relatório dizia que o apartamento estava escassamente apetrechado, à exceção do frigorífico, que estava cheio, com uma boa reserva de *Coors Light* contrabandeadas.

Organizaram-se em sete equipas – quatro russas, três sírias – que poderiam operar em carros, a pé, em posições fixas.

Os russos ensinaram-lhes os pormenores de operações em áreas a que a CIA não tinha acesso: como os norte-americanos operavam em Moscovo, como se comportavam na rua, a mecânica das RDV da CIA. (“São longas, general, em certos casos chegam a demorar 15 horas. São cansativas só de ver.”)

Os russos mostraram-lhes gravações de vigilância de Moscovo. Deram

aos sírios o treino de deteção de vigilância e de contravigilância proporcionado aos recrutas do SVR e do FSB. Kanaan ia tomando notas, como um aluno ávido por aprender.

Treinaram. Um dos russos, o oficial de operações do SVR, fazia de Samuel nessas simulações. Observaram-no a tentar livrar-se deles por Damasco, ou a convencê-los de que estava, como a CIA dizia, “indetetável”. Ao início, ganhava. Mas depressa aprenderam a manter-se com ele, a fazer as estimativas corretas, a vê-lo fingir que entrava numa casa segura, com o vídeo a correr, monitorizando as saídas e as entradas para localizar o seu agente quando a falsa reunião terminava.

Seguiam Sam a toda a hora. Volkov sabia como manter a vigia, ampliando a distância entre o alvo e as equipas. Tinha um gosto inspirado quanto a onde colocar as posições fixas. A sua atenção ao detalhe parecia nunca fraquejar – apesar do facto de beber vodca como se fosse água.

Enquanto fumavam e bebiam vodca – Ali estava a tentar aprender a gostar ou, no mínimo, a tolerar aquela coisa –, Ali contou a Volkov o plano que propusera a Assad para fazer Samuel Joseph cair numa cilada e assim encontrar outro espião.

– Inspirado, Ali – disse o russo. – Arriscado, mas inspirado.

Brindaram. Volkov tornou a encher-lhes os copos de papel.

*

Ali estava a fitar o retrato de Assad por cima da sua porta quando uma batida lhe interrompeu o contacto visual com o presidente. Era muito tarde, mas, assim que Kanaan entrou, Ali percebeu que tinha más notícias para lhe dar. Apontou para a mesa e ofereceu-lhe um cigarro.

– Conte-me. É tarde.

Kanaan sentou-se e aceitou o cigarro.

– Estamos a depositar muita confiança nela, chefe. Talvez demasiada.

Ali arqueou uma sobrancelha.

– Tem reservas?

– Também estamos a pedir-lhe muito.

– Será recompensada. Deixei isso bem claro. E não pedimos que isto se arraste. Ela não é uma agente treinada dos serviços secretos, não tenho a mínima intenção de a usar durante mais de um mês. Quando tivermos o dispositivo, o seu trabalho estará terminado. – Ali lançou outro olhar ao retrato de Assad e apagou o cigarro. – O que é que ela disse? Aconteceu alguma coisa?

Kanaan esticou o lábio inferior e soprou uma parede de fumo para cima.

– Não aconteceu nada, mas acho que devíamos ter mais garantias de que está sob o nosso controlo.

Ali levantou-se e pôs as mãos no espaldar da cadeira. Dobrando-se,

esticou as costas. Foi até à estante, abriu um dos livros de agricultura deixados pelo ocupante anterior, e passou os dedos pela capa empoeirada. Confiava nos instintos de Kanaan. Devolveu o livro à prateleira.

– Tem uma proposta?

Kanaan assentiu com a cabeça.

– Os métodos habituais, chefe. Acabámos de deter cinco parentes de Fatimah Wael, para auxiliar o trabalho de Bouthaina Najjar contra a oposição. Devíamos fazer o mesmo neste caso. Não trataremos mal ninguém, claro. Só precisamos de transmitir a mensagem: nós controlamos tudo. – Apagou o cigarro. – A prima dela, por exemplo, tem pedido publicamente que o Presidente renuncie.

Ali resmungou.

– Prepare a documentação.

E acendeu outro cigarro.

Mariam movia a mão da forma confortável que ensinara a si mesma quando era adolescente, com a mente a passear pela Riviera francesa enquanto pensava em guiar Sam para dentro de si. Desfrutando do crescendo que lhe invadia o corpo, aplicou pressão até entrever um sabugo arruinado na mão direita, o que a puxou cruelmente de volta para Damasco antes de conseguir libertar a tensão. Tinha estado a conter a respiração, e então arquejou e praguejou enquanto ligava a luz e se sentava para olhar para o dedo. Sentou-se na beira da cama e viu as persianas da janela do quarto – completamente cerradas, naquela noite não haveria sinal – e sentiu a náusea a substituir o prazer. Era tudo demasiado. Estava a precisar daquele maldito escape. Sentia-se dividida em tantas direções: trabalhar com a CIA, pressionar Fatimah Wael, proteger-se de Jamil Atiyah e Ali Hassan. O trabalho com Sam era a única coisa que a fazia sentir-se livre. O resto fazia-a sentir-se como uma vilã.

Vestiu-se e telefonou a Razan.

– Vens, *habibti*? – perguntou, a ouvir os apitos já familiares do quarto de hospital do tio Daoud.

Partiria para Itália de manhã e precisava da prima antes de se ir embora. Razan não tinha deixado o quarto de hospital do pai com frequência, mas Mariam sabia que lhe faria bem uma pausa. Ela também queria uma. Beber um pouco de mais, fumar cigarros, adormecer com Razan no sofá a ver um filme norte-americano.

– Estou aí daqui a 20 minutos, *habibti*.

Razan tinha levado vodka *Belvedere*, em vez da mistela barata que costumavam beber na faculdade.

– Precisamos disto, miúda – disse-lhe, a mostrar a garrafa enquanto passava por Mariam para entrar no apartamento.

Na cozinha, cada uma deitou abaixo dois *shots*, após o que foram para a pequena varanda para fumar, levando a garrafa. Deixaram os copos de *shot* na cozinha.

– O tio esteve bem, hoje? – perguntou Mariam enquanto se encostavam à amurada.

– Sim. Todos os dias vai ficando melhor – disse Razan. – Os médicos acham que vai ter alta daqui a uns dias. Soubeste da promoção? – O seu rosto ensombrou-se.

O tio Daoud fora nomeado para dirigir o Ramo 450, substituindo o chefe assassinado, Shalish.

– Soube.

Sam e a CIA ficariam extasiados. Razan detestava a ideia. Mariam só queria que ele saísse do hospital.

– Então, Itália? – perguntou Razan, mudando de assunto.

– Sim. Coisas do Palácio.

Razan deu uma passa no cigarro e, distraidamente, mexeu na venda do olho. Mariam costumava esquecer-se de que aquilo estava ali, mas por vezes era impossível não reparar.

– O que é que se sente? – perguntou à prima.

– Nada. Só que o meu olho já não funciona.

Mariam agarrou a amurada. O álcool, por sorte, começava a fazer efeito. Bebeu um trago da garrafa e passou-a a Razan, que fez o mesmo e a devolveu. Ao tomar outro trago, apercebeu-se de que, embora sempre tivesse adorado Razan, agora finalmente compreendia-a. Também ela era livre. Nesse momento, teve vontade de lhe contar tudo.

– Sabes que te adoro, não sabes? – perguntou Mariam. – Que te adoro mais do que o Palácio?

– Somos irmãs. É claro que sei.

– Voltaste a entrar em contacto com os comités rebeldes, Razan?

Razan esboçou um sorriso trocista e bebeu mais um trago de vodka.

– E se o tivesse feito?

Mariam beijou a face da prima e sussurrou-lhe ao ouvido:

– Nesse caso, eu diria que te adoro ainda mais.

Surpreendida, Razan abriu ligeiramente a boca, mas Mariam tapou-a com a mão e beijou-lhe a testa.

– Tenho uma coisa para ti – disse-lhe.

Era um vestido preto com mangas tufadas que comprara em Paris. Mariam nunca tinha encontrado o momento certo para lho dar. Naquela noite, fazia sentido. Dentro do apartamento, Razan tirou a roupa e experimentou o vestido, alisando a bainha enquanto Mariam lhe apertava o fecho. Razan deu uma voltinha.

– É lindo, *habibti*. Adoro. – Mariam bebeu mais vodka e depois entregou a garrafa a Razan, que lhe observou as mãos. Ficaram de frente uma para a outra na sala durante um segundo carregado. Razan mantinha o olhar fixo em Mariam enquanto bebia. – Sabes que te adoro mais do que os comités rebeldes, *okhti*? – perguntou-lhe.

Mariam assentiu com a cabeça.

– Sabes isso, *okhti?* – repetiu Razan.

Uma lágrima escapou do olho de Mariam. Ela limpou-a.

– Sei, *habibti*. Sei.

Razan bebeu mais e pousou a garrafa na mesa de centro. Deu um passo na direção de Mariam e segurou-lhe a mão direita.

– Então, nesse caso diz-me porque estás a fazer isto. – Passou-lhe o dedo por uma crosta.

Mariam já sentia agora o efeito da vodca e teve de reprimir a vontade de contar tudo. Mas ficou calada, a ver os dedos de Razan percorrerem delicadamente os seus. Escapou-lhe outra lágrima.

– Talvez um pouco mais de vodca ajudasse? – sugeriu Razan. Pegou na garrafa, bebeu um trago e começou a passá-la a Mariam.

Então bateram à porta com força.

Aquela batida. Mariam conhecia-a e, ao que parecia, Razan também, pois deixou a garrafa cair no chão e deu um passo para longe da porta.

– Jesus, Jesus – balbuciava.

Mariam olhava para a porta, a perguntar-se se aquilo não seria um sonho e se quem batera não desapareceria. Um erro! Enganámo-nos no apartamento, menina Haddad. Foi um terrível equívoco.

Bateram de novo.

– Gabinete de Segurança, abram a porta. Já.

– Jesus, Jesus, Jesus – repetia Razan, recuando mais um pouco.

Mariam abriu a porta e deparou-se com Ali Hassan e o tenente deste, Kanaan, que lhe telefonara para lhe fazer perguntas sobre Sam depois de ela ter voltado de França. Antes de terem começado a pressioná-la, antes de lhe terem cravado as garras, antes de se tornarem seus donos. Reparou que os dois homens olhavam para trás de si, para Razan.

– Boa noite, menina Haddad – disse Ali. – Dá-nos licença?

Ela deixou-os entrar. Ali parecia descontraído, mas Kanaan tinha o olhar fixo em Razan, que continuava a recuar. Ali retirou um papel do bolso do peito e começou a ler em voz alta. Mariam compreendeu as primeiras palavras – *“Por decreto presidencial sob os poderes outorgados pela Lei de Emergência de 1963, o Supremo Tribunal de Segurança do Estado declara Razan Haddad culpada de enfraquecer o sentimento nacional...”* – mas depois já não conseguia ouvir Ali, só um grito e o som das pernas magras da prima a roçar no vestido de seda enquanto corria para a porta da varanda. Estava a tentar abrir a porta, os dedos menos ágeis por causa do medo e do álcool, e Mariam apercebeu-se do que a prima tencionava fazer. A porta começou a abrir-se. E então Mariam correu para Razan, a gritar o nome dela como fizera no protesto, embora agora proteger a prima implicasse entregá-la ao Mukhabarat, em vez de a salvar deles. Ouvia Ali e Kanaan a moverem-se também, mas ela adiantara-se e chegou à porta da varanda mesmo atrás de Razan.

O vestido rasgou-se quando Razan levantou a perna direita para a

amurada, e ela estava prestes a saltar quando Mariam a agarrou pelo ombro e a atirou para trás. Caíram as duas, Razan com as costas coladas ao peito de Mariam, até a cabeça desta bater no tapete logo a seguir à porta. Não conseguia ver bem, mas sentia Razan a tentar soltar-se e apertou-a com força. A prima guinchou e começou a chorar.

– Por favor, Mariam, por favor, não posso ir com eles. Deixa-me ir, deixa-me saltar, vai ser muito rápido. Não vou sentir nada.

Tentou libertar-se. Mariam segurava-a.

– Podemos fazê-lo juntas – disse Razan. – Por favor, por favor, *habibti*, não me obrigues a ir com eles.

Mariam chorava, a sentir o vestido de seda enquanto agarrava a prima com força. O corpo de Razan esmoreceu quando deixou de resistir e a sua respiração abrandou. Olhou para cima.

– O céu está tão limpo esta noite, *okhti* – disse por fim, a arrastar as palavras por causa da vodka. – Até consigo ver algumas estrelas.

Ali levantou-a com delicadeza, após o que a algemaram e tornaram a ler a acusação. Razan estava agora em silêncio. Kanaan levou-a para fora do apartamento. Ali ficou. Mariam, sentada no chão, tinha vontade de o matar.

– Porquê, general? – perguntou-lhe entre dentes cerrados.

Ali não respondeu. Virou-se para a porta e, de caminho, endireitou a garrafa de vodka.

– Faça o seu trabalho em Itália e a sua prima ficará bem. O destino dela está nas suas mãos.

As explosões de raiva nos chefes de estação da CIA não eram incomuns. Parte da velha guarda até encorajava esse comportamento, julgando-o essencial para a disciplina operacional de uma estação. Os ataques de fúria costumavam ter lugar no gabinete do Chefe – um espaço seguro, pelo menos para o Chefe –, ser ardentes e passar depressa. Certa vez, durante uma reunião do pessoal, o Chefe de Sam em Bagdade esmurrara a nuca de um supervisor que se enganara na lista de distribuição de um comunicado. No Cairo, por vezes Bradley passava-se com os supervisores pelos erros mais tontos. Sam considerava-o quase como um pai, mas ele não deixara de o arrasar em frente a toda a estação por ter redigido uns quantos comunicados de avaliação de forma medíocre.

Artemis Aphrodite Procter era da mesma escola.

– O complexo de Jableh... – Zelda fez uma pausa e tossiu, sabendo que o resto da frase não seria bem recebido por Procter. – O complexo de Jableh foi evacuado.

Procter pegou numa caneca, que estava a servir de porta-lápis, e atirou-a contra a parede.

– Mas que porra! Aqueles maricas em Washington andaram a perder tempo durante semanas – gritou ela. – Assinaram uma maldita ordem de busca e não fizeram nada em relação à merda do maldito *sarin*. Deviam ter-lhe largado umas quantas bombas de precisão em cima quando tiveram oportunidade. – Procurou doces na gaveta, mas não encontrou nada e fechou-a com estrondo. – Foda-se – disse em voz baixa.

Sam, a observar a explosão a partir da mesa da Chefe, viu Zelda a apanhar cacos de cerâmica da saia e da blusa. Não tinha qualquer expressão no rosto, e ele maravilhou-se por a analista se ter habituado ou tornado indiferente aos comportamentos climáticos imprevisíveis de Procter.

Sam olhou para o documento. A caixa de comentários por baixo do destaque do relatório incluía a observação da analista de que as zonas de carregamento apinhadas, a abundância de empilhadoras e a desordem

generalizada visível no parque de estacionamento VIP sugeria que a Guarda Republicana e o SSRC teriam evacuado Jableh, levando o gás *sarin*. “Para onde, não é possível verificar”, concluía.

Sam atirou o relatório para cima da mesa e passou por cima dos fragmentos da caneca para se sentar. Um leve cheiro a fruta apodrecida ainda se mantinha no gabinete, como, aliás, por todo o complexo da embaixada. Empreiteiros da embaixada tinham rapidamente reparado os poucos danos feitos às tabuletas e retirado os *graffiti*, mas o cheiro persistia. Sam apertou o nariz e inspirou profundamente pela boca.

– A evacuação aconteceu demasiado depressa, Chefe – disse Sam. – Alguém lhes disse que sabíamos.

– Eu sei – respondeu Procter. – Quantas pessoas é que achas que tocaram nesse relatório em Washington? Dez mil. Provavelmente. Dez mil malditos suspeitos. Agora vamos ter de apresentar informação *executável*, executável, Jagers, quero dizer do género que faz cair bombas, e dizer ao Presidente para onde é que levaram o material todo quando encerraram Jableh. É fantástico.

Sam recordou-a de que tinham de falar com Bradley e com a Chefe de Contrainformação, Samantha Crezbo, acerca das comunicações secretas de Athena.

– Uma reunião? – disse a Chefe. – Raios partam.

*

A teleconferência começou com a declaração de abertura de Procter enquanto o ecrã granulado se iluminava, mostrando o gabinete de Bradley em Langley:

– Estas reuniões, Ed, temos tantas reuniões da porra. Este país está a arder e eu ando em reuniões a tagarelar e a responder a *e-mails* inúteis da tua assistente a perguntar quando é que posso ter mais reuniões. Como é que esperam que a gente dirija as operações aqui com todas estas malditas reuniões tribais? Quero dizer, foda-se.

– Isto é um procedimento operacional padrão, Artemis – gritou Bradley, no mesmo volume.

– Padrão para quem? Ed, pareço uma dessas chefonas (é assim que se diz?) índias dos sioux, com todas estas *powwows*.

Sam mordeu a bochecha. Zelda olhava para o chão do gabinete de Procter.

O ataque de abertura de Procter, tecnicamente uma subordinada, tinha deixado Crezbo boquiaberta, e ainda estava um pouco assim quando Bradley respondeu:

– Cala-te, Artemis. Se vamos dar a Athena um sistema de comunicações secretas topo de gama, temos de nos assegurar de que a Contrainformação concorda. Não entregamos um sistema assim à toa,

sobretudo com a fila para acesso à plataforma.

– Podemos começar pela informação que corrobora os dados mais recentes que ela nos passou? – perguntou Crezbo. – Em vez de nos flagelarmos? Li as avaliações dos agentes. Tudo parece estar bem.

– Sim, minha senhora – replicou Procter, recuperando e acenando com a mão na direção da analista. – Aqui a Zelda passou as bases de dados a pente fino em busca de informação corroborante. Temos boas coisas.

Zelda tossicou e remexeu os seus papéis.

– Além da unidade de Jableh, há quatro relatórios de SIGINT que corroboram a informação de Athena – disse Zelda. – A Segurança Nacional analisou os telefones de vários dos intermediários identificados durante a operação de Bouthaina. Três desses relatórios mostram as mesmas transações que vimos no computador.

Ela tossiu e bebeu água de uma caneca com uma caricatura de Bashar. Sam olhou para os cacos da outra caneca no chão.

– Registrado – disse Crezbo. – Ed, acho que o caso é razoável. Corresponde aos critérios que estabelecemos noutras divisões.

– Está bem. Ouçam, equipa – disse Bradley. – Vou meter uns quantos agentes a trabalhar para vos conseguir esta coisa. Vamos dar uma destas a Athena porque até agora o fluxo de comunicação tem sido convincente e por causa desta corroboração. Mandamos o dispositivo por mala diplomática para a Estação de Roma. Podem entregar-lho na Toscana.

Mariam achou que os olhos de Fatimah tinham perdido o brilho, apesar de o sol da Toscana luzir pelas janelas da sua quinta palaciana. A resiliência desaparecera, substituída por ódio.

Além da mãe de Fatimah, Ali detivera-lhe uma tia e um tio, e duas primas. Mariam estava a apontar para o fundo da lista, para o próximo familiar a ser detido, enquanto resistia à dor viva que a acompanhava nas reuniões com aquela mulher.

– Todos estão a ser bem tratados, Fatimah, garanto-lhe isso. Mas vamos continuar a avançar pela lista até que ceda. Se chegarmos ao fim e não tiver cooperado, não posso prometer que assim continuem.

Mariam deslizou o papel pelo tampo da mesa até à mulher furiosa, que não lhe oferecera chá ou qualquer refresco e que agora agarrava o braço do seu sofá de veludo.

– O preço continua a ser o mesmo? – perguntou Fatimah num tom gélido.

– Sim.

– E libertam-nos quando eu disser as mentiras que desejam e voltar para casa.

– Sim. – Manteve o olhar fixo no de Fatimah para ver como ela reagia ao que se seguiria. – E todos eles permanecerão livres enquanto a Fatimah mantiver o silêncio.

Fatimah coçou os olhos e espreitou pela janela, com um ar quase desejoso, pensou Mariam, como se fosse capaz de se atirar. Ficou calada por um instante, perdida nos seus pensamentos.

– Vou fazê-lo, Mariam. Mas agora você está com o diabo, sim? Perdeu tudo o resto.

Mariam não permitiu que o seu rosto reagisse, mas sentiu a força da condenação de Fatimah no fundo do estômago. Pois sabia que, pelo menos em parte, era verdade.

– Assim que renuncie ao Conselho Nacional, que imprima as suas

denúncias e que volte para casa, eles serão libertados. É a palavra do Palácio – disse Mariam.

Fatimah assentiu uma única vez com uma expressão glacial.

Quando Mariam se levantou para ir embora, Fatimah seguiu-a e começou a acompanhá-la à porta.

– Pelo bem deles, não se demore – disse Mariam, antes de se virar e caminhar para a rua.

– Só mais uma coisa – chamou-a Fatimah, ao que Mariam se voltou e deu um passo para a porta.

– Sim?

– Lamento que os atiradores rebeldes não tenham conseguido matar o seu tio – rosnou-lhe Fatimah. – Segundo me consta, o monstro vai sobreviver.

Depois, cuspiu-lhe na cara. A saliva escorreu-lhe da testa para os olhos. Ao final do dia, Mariam correu por Montalcino, subindo as íngremes ruas empedradas em direção a uma igreja acolhedora com pilares de pedra. Estava vazia e a escurecer à medida que anoitecia, com as portas abertas. Ela entrou e sentou-se num banco. Colunas grossas de mármore flanqueavam a nave. Acima do altar, janelas esculpidas na abóbada iluminavam as esculturas elaboradas de dois anjos a observar Cristo e a Madona. Os Haddad eram cristãos, mas não praticantes. A última vez que Mariam entrara numa igreja fora seis anos antes, para o batizado de um sobrinho. Sentou-se no silêncio e pôs a cabeça entre as mãos.

Fechou os olhos e contemplou uma paisagem menos celestial.

Viu-se rodeada por um grupo de homens: Jamil Atiyah, o agente do Mukhabarat que atingira Razan, Ali Hassan. Atacavam-na, todos ao mesmo tempo. Ela procurava algo com que se defender: um bastão, uma faca, uma arma. Qualquer coisa. Agarrou num bastão. Brandiu-o contra Ali Hassan. E ali estava Fatimah, à sua frente, de braços acima da cabeça, a dizer *Okhti*, irmã, por favor para, por favor para, por favor para, até que a sua voz se desvanecesse.

Mariam abriu os olhos na igreja deserta e chorou. Pela sua família. Por si. Por Sam. Pensou nele e encostou a cabeça aos joelhos, enrolando-se sobre si mesma, a estremecer. Estava sozinha. Tão sozinha.

A casa segura, com o estranho nome de código Taqueria, consistia num pequeno conjunto de casas medievais renovadas ao estilo rústico da Toscana, com móveis de mogno, tapeçarias vermelhas e esboços de cenas campestres a cobrir as paredes. As casas estavam aninhadas no alto de uma colina, rodeadas de vinhas e à sombra de um castelo desocupado, propriedade de um obscuro descendente da nobreza italiana. Este disponibilizava a casa à CIA para poder pagar as despesas de manutenção.

Na vida real, por norma, os agentes da CIA não guiam carros desportivos exóticos. De facto, como Sam aprendera enquanto discutia o aluguer com uma senhora no Destacamento Global que parecia ser muito idosa, os regulamentos da Agência ditavam que só podia escolher da classe “económica” na Hertz. No entanto, enquanto conduzia o carro alugado por uma estrada de gravilha ladeada por ciprestes e viu as casas, a piscina e o castelo abandonado, Sam amaldiçoou Procter mentalmente. Ninguém que andasse num *Toyota Rav4* conseguia suportar o custo de ficar naquele sítio. Embora Procter tivesse escolhido o carro, ia à pendura. No banco traseiro ia uma especialista em equipamento do Gabinete de Serviços Técnicos, chamada Iona Banks. Ela forneceria a Mariam os materiais necessários para abater Atiyah.

Mariam jantaria com Sam e Procter na casa segura. Passaria lá a noite. Os Banditos tinham mantido uma operação constante de contravigilância desde que ela chegara a Itália. Estavam confiantes de que não estava a ser vigiada.

– Este sítio faz-me lembrar o Afeganistão – disse Procter quando Sam estacionou num pequeno parque de estacionamento rodeado por vinhas, já a arrefecer nas sombras dos ciprestes ao crepúsculo. Ela saltou do carro e começou a girar o tronco e a esticar as pernas curtas. – Sem a pobreza abjeta e o terror, claro.

Sam estava no seu quarto a ler ao início da noite quando ouviu um carro a esmagar a gravilha no parque de estacionamento. Ela tinha chegado mesmo a tempo. Ele foi até ao acesso para a receber.

– Olá – disse ele quando ela abriu a porta do carro (um *BMW* de cinco portas), mas Mariam não lhe correspondeu ao sorriso. Tinha um olhar triste, vidrado e distante. Algo se passava. – Como foi a reunião com Fatimah? – perguntou-lhe.

– Terrível. Podemos falar disso depois?

– Claro.

Ele afastou-se do carro enquanto ela saía. Mariam abriu a bagageira e Sam tirou de lá a sua mala de viagem. Um vento forte chicoteava o cimo da colina, dobrando os ciprestes.

Sam levou a mala até ao quarto de Mariam e disse-lhe que comeriam no terraço da piscina, atrás do qual Iona descobrira uma cozinha completamente equipada e funcional. Ela tinha ido às compras em Montalcino e passara as últimas horas a cozinhar.

– Parece fantástico – disse Mariam. – Dás-me uns minutos para me arranjar?

Ele saiu do quarto e foi para o terraço, onde se deparou com um festim de azeitonas fritas, *focaccia* acabada de fazer e lasanha. Procter estava a servir o vinho enquanto Iona acabava de pôr a mesa. Iona era magra, com pele clara e cabelo louro acinzentado, rapado do lado esquerdo, e uma manga de tatuagens no braço direito. Do que Sam via, a maioria das tatuagens era de cavalos.

Procter serviu o vinho e formaram-se aros manchados na toalha à volta de cada copo. Mariam chegou, abraçou-a, apertou a mão de Iona e todos se sentaram, com Iona a explicar que a lasanha não era a porcaria com molho *marinara* que se encontrava nos Estados Unidos, era mesmo molho à bolonhesa misturado com bechamel e parmesão fresco.

– Seis camadas – anunciou com orgulho.

Enquanto se preparavam para começar a refeição, Sam perguntou por Daoud.

– Vai ficar bem – disse Mariam. – Ainda está no hospital, mas os médicos esperam uma recuperação total.

– Há pistas quanto aos perpetradores? – perguntou Procter em inglês.

– Perpetradores? – perguntou Mariam.

– Quem o fez – explicou Sam.

– Oh, nada de específico. Rebeldes, seguramente, mas ninguém foi detido. – Pousou o garfo. – Desculpem. Podemos falar de outra coisa?

Sam assumiu as funções de Procter e tornou a encher os copos de todos. Procter lançou-lhe um olhar intenso. Então, enquanto bebericava o seu terceiro copo, ele olhou de relance para Mariam. Desde o Cairo e, francamente, desde as mesas em Las Vegas, que ele se orgulhava da sua intuição e da capacidade que tinha de alterar a estratégia – ou ceder –

conforme a situação o requeresse. E então, quando ela levantou a cabeça e lhe correspondeu ao olhar, ele percebeu que algo acontecera.

Fez sinal com a cabeça a Iona, que pôs em cima da mesa um saco de plástico com uma pasta *Ferragamo* de pele preta. Adquirira-a em Florença por quase cinco mil euros.

– Estudámos o vídeo da tua reunião com Atiyah. Para além de nojenta, também foi útil – disse Sam.

– O que estavas a usar quando te encontraste com ele, a propósito? – quis saber Procter.

– Acho que era um vestido preto. Porquê?

– Sensual?

Mariam tossiu e limpou a boca.

– Suponho que sim.

– Calculei – disse Procter. – Quando vimos o vídeo, parecia que ele sabia que estava ali uma câmara, porque às vezes ficava mesmo a olhar para lá. Faz sentido, com um vestido justo e o teu peito volumoso.

Mariam corou e Procter piscou o olho indiscretamente, ao que se seguiu um silêncio generalizado. Iona bebeu um grande golo de vinho.

– Bom – disse Sam, prosseguindo –, usámos o teu vídeo para criarmos imagens grandes em alta resolução da pasta dele aqui em Roma – disse Sam.

– Foi fácil identificar a marca e o tipo específico, claro – disse Iona. – Mas depois estudámos todos os milímetros do exterior para criarmos uma réplica. Por exemplo, no vídeo vê-se uma marca de desgaste mesmo por baixo dos pontos que ligam a pega à pasta. – Apontou para a pasta. – Recriámo-la aqui.

A pasta tinha apenas um bolso. Era simples, elegante, feita apenas para documentos. Não tinha compartimentos internos. Sam cronometrara-se a retirar uma pilha de papéis e a colocá-la na nova pasta. Conseguia fazê-lo em dois segundos. Calculava que ela precisaria de estar sozinha no gabinete dele durante 15 segundos, no máximo, para fazer a troca. Explicou-lhe a lógica e Mariam assentiu com a cabeça, a debicar a lasanha por comer com um olhar vidrado.

Quando acabaram de jantar, ela pegou na pasta, ainda envolvida em plástico, e examinou-a como se estivesse a ponderar comprá-la.

– Colocámos tudo lá dentro e cosemos o fundo, usando os materiais originais da pasta, claro, para que Atiyah nunca o descubra, a menos que destrua a pasta – disse Iona. – Ativa-se com um pequeno mecanismo de fecho de mola integrado no interior. Mas acrescentámos uma característica que uma equipa do Mukhabarat detetará se olhar com atenção: desfiámos parte dos pontos à volta deste fecho.

– Assim – disse Sam –, quando despejarem os documentos e examinarem a pasta, vão ver uns quantos pontos soltos lá dentro e vão desmanchar o resto. Depois vão descobrir o aparelho e os documentos que

escondemos lá dentro. Também nos vamos assegurar de que recebe mensagens e *e-mails* de fontes estranhas.

– O essencial – disse Procter, a limpar molho bechamel da boca –, é que, na denúncia que fizeres, não menciones *nada* acerca da pasta. Deve ser inócua, mas suficiente para semear a suspeita e dar início a uma investigação. Depois, quando forem descobrindo as pistas, vão encontrar a pasta e pumba. Vai ser o fim dele. – Procter fez um gesto cortante à frente da garganta.

Nervosamente, Iona perguntou se devia abrir outra garrafa de vinho. A ansiedade palpável pareceu passar despercebida a Procter, que continuou:

– Sugiro que digas a Bouthaina que o viste a digitar num aparelho estranho. Isso deve bastar.

*

Terminaram a noite de forma profissional: finalizando pormenores operacionais, levantando a mesa e indo deitar-se cedo. Sam estava acordado na cama, a dar voltas ao caso na sua mente, a enlouquecer com o facto de Mariam estar no quarto ao lado. Quando o sono chegou, ele ainda não tinha encontrado uma explicação para a frieza dela. De manhã, Iona levou uma grande teleobjetiva para visitar uma abadia cisterciense nos arredores de Siena. Mariam disse que precisava de correr.

– Eu vou contigo – ofereceu-se ele.

– Sozinha, *habibi* – rejeitou-o ela, delicadamente, com um beijo na face.

Vendo-a afastar-se a correr, Sam apercebeu-se de que os laivos de culpa depois de França tinham desaparecido ou ficado profundamente enterrados à medida que o caso progredia e que o que sentia por ela aumentava, as duas coisas unidas como uma só. A relação com Mariam – proibida pela CIA – já lhe parecia absolutamente normal, natural, como as coisas deviam ser. Não compreendia a sua frieza atual. Também não tinha qualquer plano para gerir as consequências na CIA se o caso viesse a lume.

Bebeu café no terraço virado para o campo da Toscana. Quando ia na segunda chávena, Procter juntou-se a ele. Estava a usar um pulôver com o fecho-éclair suficientemente aberto para revelar a parte de cima de um sutiã de desporto amarelo-banana.

– Há colinas no Minesota? – perguntou. – Ou é só uma data de campos de milho?

– Assim como estas não há – disse Sam.

Um pássaro chilreou num dos ciprestes. Ele bebeu mais café e reparou que Procter estava a olhar para si. Virou a cabeça e fitaram-se durante meio segundo. Os olhos verdes dela semicerraram-se. Estava a esquadrihar-lhe a cabeça, a tentar encontrar falhas na cara de póquer dele para descobrir que raio se passava. Ele bem gostava de saber.

- Que se passa com a nossa miúda? – perguntou ela abruptamente.
- Está esquisita, Chefe – confirmou ele.
- Eu também acho.
- Mas não sei porquê.

O telefone de Procter tocou.

- Tenho de atender isto. Vai ter comigo daqui a meia hora.

Sam assentiu com a cabeça e expirou de alívio.

- E veste os calções de banho – disse ela.

Sam sorriu.

- O quê?

Procter inclinou a cabeça para o lado como um cientista a examinar um espécime estranho.

- É uma festa na piscina, Jagers.

*

Meia hora depois, Sam bateu à porta de Procter. Não tinha levado calções de banho para Itália, pelo que, em vez disso, estava a usar uns calções de corrida estupidamente curtos e finos, sentindo-se profundamente desconfortável.

Procter abriu a porta a usar um roupão branco gigante e felpudo, que ela arrastava pelo chão como se fosse um feiticeiro. Saiu sem dizer palavra e marchou na direção da piscina. Sam seguiu-a.

A ideia de ficar seminu e sozinho à frente de Procter não era agradável. Não que achasse que ela estava interessada nele. Ou em homens – ou mulheres –, já agora. Não gostara do olhar de esguelha que ela lhe lançara no terraço e não queria discutir pormenores do caso com a Chefe antes de falar com Mariam. Atirou a toalha para uma cadeira e observou Procter a mexer na aparelhagem, parando numa estação que emitia qualquer coisa terrível.

- Música eletrónica, perfeito – disse ela.

Depois despiu o roupão. Estava a usar um biquíni preto como o seu cabelo e que até era bastante normal, ao contrário de tudo o mais do seu guarda-roupa.

Por instinto, Sam desviou o olhar – na Quinta não oferecem preparação para ver Chefes seminus –, mas ela passou por ele pela beira da piscina, em direção aos degraus. Concluindo que não havia como escapar, Sam foi buscar duas *Peronis* ao bar.

Entregou-lhe uma cerveja, de que ela bebeu metade antes de ele entrar na água. Procter inclinou a cabeça para trás, fechou os olhos e desfrutou da música eletrónica. Sam nunca a vira tão descontraída. Ou, na realidade, descontraída de todo.

- Preciso de falar com ela logo à noite – disse Sam passado um minuto.

Procter pousou a garrafa vazia na beira da piscina, inclinou-se para trás

e mergulhou o cabelo. Voltou à tona e alisou-o.

– Tens preocupações de contrainformação?

Sam continuou, praticamente sem se ouvir a si mesmo, tão alta estava a música.

– Não. Ela deu-nos informação fiável sobre o programa do gás *sarin*, que corroborámos por vários canais. Não seria algo que os sírios oferecessem se ela estivesse a fazer jogo duplo, acho.

"Mas passa-se qualquer coisa. A noite de ontem não me pareceu bem. Havia qualquer coisa na cara dela. Algo aconteceu. Eu conheço-a. Mas não percebo se é a missão contra Fatimah que não lhe agrada, a operação contra Atiyah, ou se é outra coisa. Só sei que está esquisita.

Procter parecia ter vontade de querer perguntar algo, mas, em vez disso, disse:

– Bem, leva-a a jantar logo à noite e descobre o que se passa. Amanhã revemos a estratégia de comunicação.

*

A desfrutar das vistas, Sam e Mariam foram em silêncio até Sant' Angelo in Colle, uma vila pacata no cimo de uma colina, com ruas íngremes e empedradas, casas com telhados lascados e uma única praça com dois restaurantes. Três velhotas passeavam de mãos dadas pela praça enquanto Sam e Mariam se sentaram no pátio de um dos restaurantes. Começava a anoitecer e os murmúrios das conversas de café eram ocasionalmente interrompidos pelas notas de um baixo de uma banda de *jazz* local a ensaiar numa cave ali perto.

Ela estava de calças de ganga e uma *t-shirt* branca por baixo de um casaco verde-seco da *Barbour*. Tinha enrolado ligeiramente o cabelo, deixando-o solto, mas sem esconder as grandes argolas douradas que tinha nas orelhas e que se agitavam com a brisa. Sam usava uma *t-shirt* cinzenta de mangas compridas, calças de ganga e mocassins, apercebendo-se de que se assemelhavam a muitos dos outros casais de férias que tinham chegado à praça. Ele pediu *ragù* à Toscana com javali, Mariam escolheu *cacio e pepe*.

– Tal como em Èze – comentou ela ao devolver a ementa à empregada. Sam sorriu-lhe, a pensar naquela primeira noite, a ouvir os brincos dela a tilintar enquanto se moviam em unísono. Perguntou-se se seriam os mesmos brincos.

Deixou que fosse ela a pedir o vinho e, quando a empregada se retirou, pousou a mão sobre a de Mariam em cima da mesa. Ela sorriu.

– Isto deixa-me feliz – disse ela, parecendo relaxar pela primeira vez desde que chegara.

Ouviam-se instrumentos de sopro do ensaio da banda, escapando da cave para o ar da noite. Um rouxinol trinou no meio do arvoredor na ladeira da colina. Sam molhou um pedaço de pão em azeite e observou Mariam.

Tinha visto aquele olhar noutros agentes e, por vezes, do outro lado da mesa de póquer quando um tipo se precipitara e tinha demasiado dinheiro em risco. Também o vira uma vez em Mariam, logo a seguir ao ataque em Villefranche. A empregada serviu-lhes o vinho. Beberam em silêncio, de mãos dadas sobre a mesa. Ele tinha de a acalmar. Tinha de avaliar Athena.

– De que é que tens medo? – perguntou. Poderia ter referido uma meia dúzia de receios legítimos, mas deixou a pergunta ser assimilada, para que fosse ela a preencher a lacuna.

– Tenho medo – disse ela –, de tantas coisas... – Tentou sorrir e apontou para outro casal, aproximadamente da mesma idade que eles, do outro lado do pátio. – Olha para eles. Têm estado de mãos dadas e a beijar-se. E aqui estou eu, a perguntar-me se o Atiyah ou o Mukhabarat estarão a vigiar-me. Ou a pensar no que vai acontecer se fores expulso da Síria. Ou pior. As coisas em Damasco estão tremidas, como se todos estivéssemos a cair de um precipício. O que acontece então? O que acontece à minha família, à minha prima? Tenho medo de...

Ela assoou-se num guardanapo e cerrou o maxilar, a tentar impedir que as lágrimas lhe escorressem pelas faces.

– De que é que tens medo?

– Tenho medo pela minha família, se eu for apanhada – respondeu ela entre lágrimas. – Não por mim. Por eles.

Sam mudou de lugar e sentou-se na cadeira ao lado dela. Passou o braço à volta dela e, quando o fez, Mariam encostou a cabeça ao ombro dele. Não sabia ao certo quanto tempo ficaram em silêncio. Mandou embora a empregada quando ela tentou recolher os pratos em que mal tinham tocado. A banda parara de tocar. Uns quantos músicos dispersaram-se para carros estacionados perto do sopé verde da colina.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou ele.

Ela abanou a cabeça.

– Eu vou sempre proteger-te, Mariam. Sempre – sussurrou-lhe ele ao ouvido. – O trabalho que escolhemos é perigoso, mas levou-nos um ao outro. E acabaremos isto juntos em Damasco. Prometo.

Beijou-lhe a testa e depois a boca, apreciando a sensação do cabelo dela enquanto lhe acariciava o pescoço.

– Nós temos qualquer coisa – disse ela. – Isso dá-me poder. Não sou capaz de fazer isto sem ti, Sam.

Ele começava a pensar o mesmo. Mas afastou da mente a noção de que se tinha tornado uma asneira total, concentrando-se antes em três pensamentos, cada um em guerra com os outros e todos, ele tinha a certeza, completamente verdadeiros. Um, que queria fugir nessa noite com ela. Dois, que tudo o que ela dissera era verdade, mas que, ainda assim, estava a ocultar algo. E três, que ela era leal. A si, à CIA.

O *chef* e o empregado do bar já tinham ido embora, pelo que a empregada acabou por se aproximar da mesa com pezesinhos de lã, para lhes

deixar a conta, evitando contacto visual com a árabe chorosa e o seu namorado elegante. Independentemente do motivo da discussão, parecia ter acabado, pois estavam a beijar-se. A empregada sorriu. Que comovente.

Sam pagou a conta e foram a beijar-se pela colina abaixo até ao carro. Um casal idoso estava sentado à soleira da porta de casa, a uns três metros de onde eles tinham estacionado, a beber vinho e a gritar um com o outro. Sam não percebia o que diziam, mas falavam tão alto e num tom tão zangado que se viu obrigado a considerar um Plano B. Viu que Iona deixara um cobertor no banco de trás depois de ter levado o automóvel para ir à abadia.

– Há uma vinha pelo caminho – disse Sam.

– Perfeito, *habibi* – disse Mariam. – Leva-nos até lá.

*

A viagem até ao empreendimento vinícola de Boscarello foi rápida e eficiente, apesar das estradas estreitas e serpenteantes. Sam tinha aprendido a conduzir em terreno perigoso ao terminar em segundo lugar o seu curso de condução defensiva na Quinta, uma década antes. Agora, porém, a distração não era um opositor a atirar-se contra o seu carro, mas a síria que ia no lugar do passageiro.

Ao chegarem, Sam encostou o carro na berma da estrada. Uma vala pouco profunda e um muro de pedra separavam-nos da vinha. Ele abriu a porta de trás e pegou no cobertor.

Saltaram o muro e avançaram pelas fileiras cuidadas de videiras. Ao fim de 50 metros, Sam desdobrou o cobertor. A lua estava incandescente.

Deitaram-se juntos, a beijarem-se e a livrarem-se de roupas até nada haver entre eles para além de pele quente e da sensação dela à volta dele. Ela gemeu e levantou os joelhos contra as videiras, encostando a boca à orelha dele.

– Prometes, *habibi*?

Ele passou uma mão pelo cabelo dela.

– Prometo, *habibti*. Prometo.

Sam sentiu as unhas dela cravarem-se nos seus ombros enquanto ela reclinava a cabeça no cobertor para ver o céu. Ele movia-se devagar, a fitar-lhe os olhos, aquele olhar vidrado a brilhar ao luar e a perturbá-lo, mesmo quando as pálpebras dela se agitaram e os músculos se aceleraram na penumbra das velhas vinhas.

*

Ao pequeno-almoço, Sam, Mariam e Procter debruçaram-se sobre o modo como comunicariam. Mariam foi debicando uma torrada enquanto Sam demonstrava como funcionava o sistema Platypus.

– Funciona tal e qual como um *iPad* – disse ele. – Porque é o que é. Ou

foi. A diferença é que permite que comuniquemos connosco. Vou mostrar-te. O aparelho comunica com um satélite através de um impulso de transmissão. É muito difícil de intercepar.

– Muito difícil, ou impossível? – perguntou Mariam.

Procter agarrou na granada de mão antes que ele pudesse responder.

– Não vamos enganar-te e dizer que é impossível. Mas a oposição tem de saber exatamente onde está o dispositivo, para onde se dirige a transmissão e a que horas isso acontece. Se não tiverem os três elementos, é impossível intercepar-la.

– Quanto mais longa a mensagem, mais demora o impulso, e mais fácil se torna detetá-lo – disse Sam. – Por isso, a plataforma restringe o número de caracteres e não deixa que se enviem várias mensagens de seguida a partir do mesmo local. Vai permitir que nos façam chegar mensagens curtas, e nós podemos responder. Não temos de usar o local de entrega para marcar encontros.

– Bem, isso é bom – disse Mariam.

– Exatamente – disse Sam. – Deixa-me mostrar-te como falamos connosco. Vamos criar um movimento distinto para desbloqueares o ecrã, como chave de acesso. Por agora, está programado para mim, por isso vou abri-lo.

Ele contornou a mesa e sentou-se ao lado dela. Pressentia o olhar de Procter fixo em si, como acontecera no terraço da casa segura. Ela percebia que algo se passava.

Sam fez uma série de gestos revolutedados pelo ecrã para abrir um programa parecido com o *Gmail*.

– A plataforma cria uma caixa de correio falsa, protegida por uma *firewall*, para o caso de alguém aparecer por trás de ti e ver o ecrã enquanto digitas. Depois escreves-nos um *e-mail*, como farias no *Gmail*, e clicas em enviar. Podes inserir qualquer endereço, qualquer assunto, não importa. Só pode ir para um sítio. – Apontou para o céu. – Para nós.

– Esta parte do dispositivo está completamente isolada do resto – disse Procter. – O programa de correio eletrónico falso nem sequer vive permanentemente no *iPad*, o que quer dizer que, se o Mukhabarat lhe deitar a mão e tentar descobrir o que lá está, não vai conseguir, porque não está.

– O teu gesto chama o programa, tu digitas, clicas em enviar (isso inicia o impulso) e depois pões o *iPad* a dormir. Pumba. Já está. Da vez seguinte que o abrires normalmente, estão lá todas as tuas aplicações, os teus filmes e músicas.

Sam levou a mão à mala e tirou de lá uma esfera preta com fios a pender de cima e de baixo. Cada um ligado a um conector USB. Um era vermelho, o outro verde. Um único botão, a fazer lembrar um umbigo, estava implantado no meio da esfera.

– Isto vai transferir tudo do teu antigo *iPad* numa questão de minutos. Depois pomos o novo no teu estojo antigo e levamos o outro – disse Sam.

Mariam estava a fitar o Platypus.

– Isto deixa-me nervosa – disse ela, sem erguer o olhar. – Não sei se o quero.

Era a clássica paranoia das comunicações clandestinas. Sam sabia que havia uma boa possibilidade de Mariam se sentir intimidada pelo aparelho. Ele tinha tido um general saudita que recusara usar um apesar de a sua espionagem ser desleixada e de os métodos que preferia – entregas entre carros em movimento, entregas de passagem, entregas sem contacto e marcas de giz – serem mais passíveis de deteção. Sam dissera-lhe tudo isso e enfatizara as consequências, mas não fizera diferença. O homem queria aquilo que já conhecia. Outros agentes não gostavam dos dispositivos porque eram um lembrete constante da traição. Um aparelho estava constantemente presente, a atormentá-los.

Lançou um olhar quase impercetível a Procter, que agarrou o testemunho.

– Podes explicar-nos porquê?

– Eu sei que estes sistemas foram comprometidos noutros locais – disse ela. – Na China. No Irão. Agora há um contingente iraniano na Síria, como sabem, a ajudar o Mukhabarat a visar a oposição. Ter um dispositivo como este, em casa... faz-me sentir... vulnerável.

Sam assentiu com a cabeça.

– Eu percebo. Mas nunca ninguém conseguiu entrar num destes. Nunca. A falha no Irão aconteceu num sistema temporário alojado na Internet. Os iranianos encontraram agentes que acediam a sítios específicos. Os chineses foram mais longe, usaram mesmo esse sistema para passar de uma *firewall* para outra e depois também encontraram esses agentes. Mas nunca se conseguiu entrar num destes.

– Tenho a certeza de que também foi isso que a CIA disse aos seus agentes na China. – Procter abriu a boca, provavelmente para protestar, mas Mariam não a deixou. – Não quero passar muita informação neste aparelho – disse ela. – Preferia que nos encontrássemos pessoalmente se tivermos muito de que tratar.

– Nós também – concordou Procter. – Podemos usar isto para marcar reuniões, resolver problemas logísticos, e para que nos passe alguma informação urgente. Só o mais importante. Depois falamos de tudo quando nos encontrarmos pessoalmente.

Mariam fitou os fios e o *iPad* e pediu a Sam que transferisse tudo do seu aparelho para o Platypus. Dez minutos depois, disse que devia ir andando.

– Tenho de telefonar a Bouthaina daqui a 30 minutos.

Iona apareceu à mesa do pequeno-almoço com a pasta, desta feita com a bolsa original de pano da *Ferragamo* e as etiquetas. Entregou o recibo a Mariam.

– Para o caso de alguém perguntar – disse. – Um *souvenir* de Itália,

para uma pessoa querida.

Sam viu-a fazer um esgar e cerrar o maxilar, como na noite anterior ao jantar.

Mariam despediu-se de todos com abraços, depois guardou a nova pasta na sua mala de viagem e perguntou se Sam e Procter podiam acompanhá-la ao carro. No parque de estacionamento, Mariam estava de novo com um ar triste.

– Adoro-vos – disse-lhes ela.

Depois fechou a porta, ligou o carro e foi-se embora.

Procter e Sam ficaram a ver o carro largar uma nuvem de poeira pela cordilheira antes de desaparecer atrás de uma parede de ciprestes e vinhas, descendo em direção ao vale.

– Conseguieste uma resposta ontem à noite? – perguntou Procter, virando-se para Sam.

– Está com medo. E passa-se alguma coisa com a família dela.

– Ela disse-te isso?

– Foi como se dissesse.

Os Banditos tinham executado os mesmos movimentos quatro vezes no mesmo número de dias: levar o *Pajero* armadilhado até à rua em frente ao Gabinete de Segurança, estacioná-lo junto ao passeio, e encher a casa segura com o equipamento de vídeo que Langley usaria para confirmar que o alvo era realmente Ali Hassan. Em cada uma dessas ocasiões, algo diferente levava ao cancelamento: a ligação encriptada de vídeo não funcionou, Sam estava a ser seguido, Ali não saiu para fumar (por duas vezes).

– Tentamos de novo amanhã – disse Procter enquanto viam Ali passar pelo carro, ao lado de uma mulher a empurrar um carrinho de bebé. – Como todos os dias.

*

Sam e Procter passaram seis horas a criar a RDV. A ordem letal estipulava que um agente da CIA tinha de estar fisicamente a olhar para o alvo antes de alguém em Langley carregar no gatilho. Os Banditos poderiam apoiar a operação, mas Sam teria de a dirigir sozinho a partir da casa segura. Ele tinha de ficar indetetável.

Havia latas de *Coca-Cola Light* e papéis de pastilhas elásticas espalhados por todo o gabinete da Chefe. Ela não parecia cansada. O oposto, na verdade, e Sam também estava cheio de energia. Entreteinha-se com a *Mossberg*, apontando-a a uma das latas enquanto Procter revia o plano em voz alta. Estavam a debater a possibilidade de Sam se limitar a desaparecer, livrando-se de vigilância ativa como se estivesse em Moscovo ou numa área de acesso interdito.

– Ainda não – disse Procter. – Isso ia confirmar-te como fazendo parte da Agência, irritava-os, e sabe-se lá o que farão? Se calhar dão-te cabo do canastro só porque sim. Os russos faziam dessas em Moscovo quando nos púnhamos indetetáveis de forma agressiva. Ou também podem apanhar-te e matar-te como fizeram com a Val. Leste o comunicado sobre a equipa russa

que chegou de Moscovo?

Ele tinha lido. O relatório consistia na relação de passageiros de um voo de mercadorias entre Moscovo e Damasco, que chegara antes de ele ir a Itália. A pesquisa dos nomes indicava que continha sete agentes do FSB e quatro do SVR. Ninguém sabia porque tinham ido para Damasco.

– A composição da equipa russa é estranha – disse ele, baixando a *Mossberg* por um momento. – É como se alguém tivesse pedido ajuda contra nós.

Ela assentiu com a cabeça.

– Olha, os russos usam alguns dos seus melhores agentes para nos seguirem em Moscovo, por isso o pedido pode ter sido por ajuda russa, e eles lá mandaram o esquadrão classe A. Mas sim, sim, é claro que é perturbador – disse ela, com o queixo a subir e descer.

– É como se os sírios soubessem que temos uma coisa grande em mãos – disse ele.

Apontou a *Mossberg* ao caixote do lixo e fingiu que carregava no gatilho.

*

Na manhã seguinte, Sam estava sentado na cozinha a beber café, a rever o mapa mental da RDV. Serviu-se de mais uma caneca e ligou à mãe pelo *Skype*. Disse-lhe que ia às compras naquele dia e perguntou-lhe o que ela queria. Falaram de móveis e joias e ela acabou por se decidir por um tapete. Depois disse-lhe que tinha saído uma torrente de artigos nos jornais a favor da intervenção militar dos EUA na Síria. Sam desconsiderou a preocupação e disse que estava seguro em Damasco. Despediram-se, dizendo um ao outro que se adoravam, e ele desligou.

Fechou o portátil, pegou no telemóvel e foi até à casa de banho. Mandou uma mensagem a Stapp, o informático da Estação, para confirmar que tomariam um copo na Cidade Velha. Tomou duche, barbeou-se e viu-se ao espelho. De calças de ganga, ténis azul-escuros e uma camisa de linho enrugada, saiu do apartamento no bairro de Malki com uma pequena bolsa ao ombro com uma câmara digital. A rotina no apartamento, a câmara, a vestimenta – tudo isso fora pensado para corresponder ao seu padrão de vida e levar uma equipa de vigilância ativa a pensar que se preparava para um dia normal de fim de semana em Damasco: ir às compras, ver amigos, passear pelos locais turísticos.

As ruas já estavam cheias de peões, soldados armados com metralhadoras e gatos vadios a rondar as vielas. Sam entrou numa loja para comprar água. Foi bebendo enquanto descia pela Rua Jawaher Lal Nahro, que percorria a hipotenusa do Parque Tishreen. A vigilância fixa que localizou correspondia ao seu mapa mental. O único operador de vigilância que ia atrás dele também se tinha tornado habitual. O soldado corpulento

do Mukhabarat não tentava disfarçar a sua presença. Seguiu-o a cerca de 40 metros de distância. Sam chamou um táxi na confusão do trânsito da Praça Umayyad e pediu para ir até Abbassin.

O taxista lançou-se para o caos do trânsito damasceno. Conduzir ali era terrível. Os automobilistas ignoravam tudo, à exceção do seu próprio veículo. Buzinavam como loucos, era comum chocarem e raramente paravam para deixar peões passar.

Sam olhou de relance pelo retrovisor do automóvel e viu o operador solitário a tirar um rádio do bolso. Sabia que não o largariam com tanta facilidade. A chamada decerto seria para uma equipa móvel que seguiria o táxi. Essa também era extremamente óbvia.

A RDV ocorreria no centro de Damasco, mas ele e Procter tinham desenvolvido uma nova rota e aumentado a duração para lá da referência da Estação, que era de dez horas. Começava no extremo oriental da Cidade Velha e seguia para oeste num padrão ziguezagueante até chegar à casa segura na Kafr Sousa, na rua em frente ao Gabinete de Segurança.

Eram oito da manhã. Sam tirou fotografias ao sair do táxi. Equipas móveis tinham-no detetado novamente. Um sedã preto e um veículo amarelo que parecia ter sido um táxi em tempos esperavam do lado de fora de um parque de estacionamento.

Avançou para Abbassin. A seu tempo, os carros que o seguiam acabaram por desaparecer, mas o operador solitário estava de novo a caminhar atrás dele. Podiam atirar-lhe com recursos o dia inteiro. O importante era arrastar a coisa durante horas. Torná-la tão insuportavelmente enfadonha para a equipa de vigilância que esta decidisse aplicar os seus recursos noutro lugar. Sam acabou de registar as pessoas à sua volta e acolheu a tensão no peito.

*

Ali e Volkov estavam no centro de comando russo. Um leve odor corporal permeava o ar. Os cinzeiros abarrotavam de beatas descartadas. Uma parede de monitores televisivos iluminava a gravação em tempo real do americano a chegar a um restaurante, cortesia de um carro estacionado no exterior. As equipas de vigilância síria e russa chegaram ao restaurante ao mesmo tempo que Samuel Joseph.

Kanaan e dois dos russos estavam debruçados sobre um mapa detalhado do Bairro Cristão, a debater o passo seguinte do norte-americano.

– Que lhe parece, general? – perguntou Volkov a Ali. – Será hoje o dia?

*

Ao meio-dia, Stapp cumprimentou Sam à porta, a sorrir e a explicar que o concorrido Abu George Café servia álcool mais cedo do que qualquer outro

estabelecimento em Damasco.

O local estava vazio. Stapp apertou a mão ao empregado de bar e pediu dois copos de *Stella*. Sentaram-se a uma mesa perto da janela, para que Sam visse a rua. Stapp não fazia ideia de que Sam fosse um agente secreto e falava sem parar. Estava a explicar que alguém andava a roubar-lhe o álcool do frigorífico do escritório quando Sam viu o mesmo agente solitário a passar em frente ao café e a fitar notoriamente a janela, inchado como um gorila de camisa branca e calças pretas baratas. Deu por outros. Um tipo de calças de ganga, ténis coçados e uma *t-shirt* da *Adidas*: parece tenso, poderá ser um agente. Guardar o perfil. Outro de calças cinzentas e uma *t-shirt* preta, a rir-se ao telemóvel: cabeça e ombros descontraídos, riso genuíno, pouco provável que esteja a vigiar. Descartar.

Sam foi atualizando o catálogo à medida que Stapp tagarelava. Acabaram as cervejas – Stapp pediu outra, Sam não quis mais – e o informático começou a descascar uns pistachos. Uma e meia. Hora de atravessar a Cidade Velha.

*

Sam desculpou-se e saiu do restaurante, dizendo a Stapp que tinha de fazer umas compras para a mãe.

– Como queiras, meu – disse o informático, dando-lhe uma palmada nas costas e continuando a beber.

Sam caminhou para oeste pela Rua Chamada Direita, a antiga estrada romana que atravessava a Cidade Velha. Aproximou-se de um conjunto de casas comerciais que vendiam mobília personalizada e tapetes feitos à mão. Passeou por aí durante 30 minutos, parando para tirar fotos, para ver um caça a passar no céu, para enviar uma mensagem de texto à mãe. O tráfego pedonal na rua era escasso.

O vigia solitário tinha desaparecido. Será que o tinham deixado? Sam não observara os movimentos subtis e velozes de uma equipa de vigilância a tentar operar clandestinamente: ninguém a esconder-se rapidamente numa rua secundária, nenhum avistamento repetido das primeiras horas do dia, nenhum peão a manter uma distância constante e consistente. Era promissor.

Sam entrou numa loja e avançou para uma sala nas traseiras com pilhas de tapetes. Havia um espaço de betão no meio, onde o comerciante exibia os tapetes. O proprietário, uma personalidade gregária de seu nome Amin, gritou a um adolescente que fosse buscar chá e começou a mostrar orgulhosamente os seus produtos a Sam. Como a sua mãe queria mesmo um tapete, este demorou 30 minutos a avaliar o inventário e finalmente decidiu-se por um tapete balúchi, vermelho-acastanhado e com padrões vívidos de pássaros e flores. Regateou com Amin, embora não tanto quanto devia – e estava na hora de ir embora. Tirou uma fotografia a outro tapete e

deixou a câmara digital e a bolsa em cima de uma das pilhas de tapetes. Continuou rumo a ocidente, na direção de Souq Midhat Basha.

Dez minutos depois, estava confiante de que o agente solitário se fora. Estava na altura de voltar para trás. Com bastante alarido, apalpou o corpo e procurou a câmara, após o que se virou abruptamente na direção da loja de tapetes. Manteve a cabeça em frente enquanto os seus olhos rodopiavam, assimilando tudo e todos: o calor, as pessoas, o movimento, a energia. Começava a sentir-se livre. Encolheu a barriga e prestou atenção ao corpo, à procura daquela sensação. Tinha o coração a latejar e o sangue a arder.

Recuperou a câmara e a bolsa na loja de Amin e partiu para leste, em direção a Abu George.

Quatro da tarde. Horas de saltitar pela cidade: várias mudanças de direção, reviravoltas, meia dúzia de paragens. Usaria as ruelas estreitas da Cidade Velha. Um profissional das ruas tinha dezenas de oportunidades para testar uma equipa de vigilância e para a despistar, ainda que brevemente e por bons motivos, na cidadela medieval. Separá-los, forçar os elementos hostis a restabelecerem o perímetro, onde até equipas sólidas cometiam erros.

Contornou a Catedral Mariamita, passou o Naranj – examinando a ementa afixada e tirando uma fotografia – e depois entrou numa farmácia. Os pensos grandes que comprou para o pé com bolhas não faziam parte do plano, mas precisava do alívio e uma paragem extra só ajudaria a espaçar a oposição. Tornou a misturar-se entre as multidões e a esgueirar-se, alternando a densidade para levar a oposição a mostrar-se. Os ajuntamentos iam crescendo à medida que se aproximava da Mesquita Umayyad, mas, em vez de se lhes juntar, atravessou a velha estrada romana em direção a Bab AlSaghir.

Sete da tarde. O ar parecia pesado, embora ele não soubesse se era da guerra ou da sua própria tensão. Sentia-se indetetável. Parou numa banca de *souvenirs* que apregoava material promocional de Assad. Depois ouviu o estômago a dar horas e apercebeu-se de que tinha de comer.

*

Ia a meio de um copo de *booza*, um gelado levantino elástico, e a beber uma garrafa de água, quando os jogos mentais começaram. Tinha executado o seu percurso na perfeição, parecia-lhe. Teria mesmo? A mulher a comprar gelado não era a mesma da joalharia? Será que o movimento periférico rápido perto da farmácia fora mesmo um adolescente a chutar uma bola de futebol? A caminho da estação de comboios, a fadiga apanhou-o, doíam-lhes as barrigas das pernas e afastou do corpo a camisa suada.

Pensou em Benson, que via fantasmas em todas as simulações de RDV,

que saíra da Quinta e acabara por deixar o serviço ao fim de dez meses, condenado a um trabalho de secretária.

Confia no percurso delineado, disse a si mesmo. Estava quase. Tudo parecia sereno, mas o ar crepitava. Explosões de morteiros algures a leste. Os vermelhos e rosas açucarados do sol disparavam os últimos raios. Chegou à praça em frente à estação ferroviária de Hijaz e parou. Tirou uma foto. Então viu um movimento dardejado no canto sudoeste da praça. No silêncio sinistro, um estalido, talvez um rádio, talvez um pé a pisar alumínio amarrotado. Sentiu um calafrio na espinha e pensou como poderia uma equipa ter evitado ser detetada durante quase 12 horas. Sentou-se num banco. Sentia-se perseguido.

A palavra desenterrou uma memória. Um funcionário, um tipo chamado Sanders, ia encontrar-se com um agente russo em Ancara. Tinha executado a RDV e tido o encontro. No dia seguinte, o russo fora enviado para casa, encostado a uma parede do Lubianca e fuzilado. A investigação posterior descobrira que Sanders fora *perseguido* por uma equipa múltipla, uma combinação de uma patrulha fixa e outra móvel do SVR, que desconfiava de que ele supervisionava agentes russos, por ter sido ouvido a dominar a língua num evento diplomático três semanas antes. Também desconfiavam de uma fuga na Turquia. Sanders era um fio a puxar. Os russos tinham criado uma bolha à sua volta, mantendo-se suficientemente afastados para não serem detetados, mas sem nunca o perderem de vista. Ele nunca dera por nada. Bradley, que nessa altura era Chefe de Estação no Cairo, tinha obrigado todos os funcionários da Estação a ler o relatório. Sam sabia que teria agido tal e qual como Sanders, e o relatório deixara-o acagaçado.

E agora havia uma equipa russa ali, em Damasco, sabia Deus a fazer o quê. Pensou naquele relatório. Um dos autores, um tipo veterano da Casa da Rússia, tinha escrito que a única forma de garantir que não se estava numa bolha era viajar rapidamente numa direção perpendicular à rota existente, rebentando a bolha e forçando a redistribuição hostil. Seria possível que todos os seus movimentos anteriores tivessem acontecido dentro de uma bolha?

Uma lambreta atravessou a praça em direção ao rio. Sam não via o rosto da condutora, mas as roupas pareciam-lhe familiares, talvez. Uma espia?

Nem pensar que seria ele a dar cabo da operação para matar Ali Hassan. O sacana matara Val, tinha de pagar por isso. Sam tinha de ter a certeza de que estava indetetável antes de entrar na casa segura. Não sabia se estava rodeado por uma equipa, mas tinha de o descobrir. Tinha de rebentar a bolha. Levantou-se e começou a caminhar para norte a passo estugado. A chamada para a oração do pôr-do-sol ecoava dos almuadens da Cidade Velha. Mas ele não ouvia. O treino tinha-se sobreposto a tudo, e ele estava a mil e a sentir a rua.

Caminhou para norte por Port Said e fez sinal a um táxi que ia na mesma direção.

– Para onde? – perguntou o taxista em inglês.

Sam tentou pensar num bom sítio para se apaar.

– Siga para norte – respondeu em árabe. Fechou os olhos. Tinha o coração acelerado e estava a suar. Começou a respirar muito devagar. Tinha passado horas a memorizar mapas da cidade e, depois de um minuto de respiração controlada, ainda com os olhos fechados, conseguiu recordá-los. O cemitério Dahdah. Era mesmo para norte, e não fazia qualquer sentido, tendo em conta a voltas da sua rota. Mas era um ponto turístico. Poderia justificá-lo. Disse ao taxista que se dirigisse para o círculo mais próximo da muralha da cidade e que depois virasse para leste na Rua Bagdade.

O cemitério estava rodeado por um pinhal pouco denso. Sam entrou quando o sol começava a mergulhar no horizonte. Caminhou entre as lápides, a tirar fotografias descuidadas pelo caminho. A rota já durava havia 12 horas. Uma vaga de fadiga apoderava-se dele. A aproximar-se da outra ponta do cemitério, ouviu o chiar de uns travões e depois as vozes nervosas e sussurradas de dois homens e uma mulher.

Dois morteiros ergueram-se no ar. Ele não os ouviu aterrar. Não via, ouvia nem sentia mais ninguém no cemitério.

Caminhou na direção das vozes. Uma jovem passou por ele. Tinha a mesma altura e constituição física da condutora da lambreta da Praça Hijaz. Os sapatos, pretos e rasos, eram diferentes das botas altas de pele. Depois passaram dois rapazes, de mãos dadas como se fossem familiares. Sam relanceou para os sapatos do mais baixo. Castanhos, coçados. O mesmo par tinha estado à porta do Abu George enquanto ele tomava um copo com Stapp. Tinha a certeza. Nessa altura, o jovem estava a usar uma *t-shirt* da Adidas. Agora usava um *blazer* cinzento e calças a condizer. Sam estava rodeado por todos os lados.

Sentou-se num banco do lado de fora do cemitério. O sol tinha-se posto. Ficou sentado durante 30 minutos, a rever tudo, a pôr em causa todas as decisões, até concluir que tinha o suficiente para enfrentar Procter. Pressentia os caçadores por ali, provavelmente a perguntarem-se se teriam sido apanhados ou se ele estava à espera do seu espião. Sam limitou-se a ficar ali, a fazê-los esperar, a irritá-los, a deixar os comandantes deles mais nervosos a cada minuto que passava. Tinham desperdiçado mais de 12 horas do seu tempo. Ele tentaria retribuir o favor.

Ali e Volkov assistiam ao vídeo em tempo real do funcionário da CIA Samuel Joseph sentado no banco no exterior do cemitério. Ali tinha a sensação de que tinham sido detetados algures perto da estação de

comboios, mas queria aprender mais acerca do comportamento de Joseph, e mantinha-se colado aos monitores, juntamente com Volkov. Detestava admiti-lo, mas estava impressionado.

Ali acendeu um cigarro para Volkov e depois um para si mesmo. Tinham estado em modo de guerra desde a hora de almoço. Seguindo um palpite, Ali argumentara que Samuel Joseph estava a trabalhar. O dia parece demasiado descontraído, dissera a Volkov, quando o russo lhe perguntara se seria nesse dia. Há aqui qualquer coisa que não bate certo. Volkov respondera então porque não, vamos apanhá-lo. Tinham-no rodeado por sete equipas e criado uma bolha à volta dele, na sua rota pela Cidade Velha. As posições fixas tinham sido perfeitas, achava Ali, dando o devido crédito a Volkov. Observadores cuidadosamente posicionados à volta do norte-americano, cada um a enviar informação às equipas móveis à medida que ele avançava. Uma equipa síria, uma das de Ali, tinha-se aproximado demasiado nas imediações da estação ferroviária. Depois tinham entrado em pânico e aparecido no cemitério. O maldito norte-americano limitava-se a andar pela cidade, com as antenas em riste.

A gravação desligou-se. A equipa no centro de comando do Gabinete de Segurança escutou a informação pelo rádio que os ia atualizando acerca da operação.

– Daqui fala a Equipa Três, ele entrou num táxi, por isso desligámos o vídeo. Vamos segui-lo.

Quando a Equipa Cinco comunicou que o táxi tinha parado no apartamento de Samuel, Volkov atirou um agrafador ao chão.

Ali despediu-se com um aceno da cabeça e foi para o seu gabinete, fechando a porta atrás de si. Olhou para o relógio de pulso: dez e meia. Não via Layla e os meninos havia cinco dias.

Acendeu um cigarro e começou a escrever o relatório.

Estava uma manhã quente e húmida. Pior ainda do que o calor, pensou Rami, era estar preso no trânsito, a conduzir um *Mitsubishi Pajero* com uma coluna lateral avariada e com aquilo que ele desconfiava ser um esconderijo de explosivos para uso militar. Não queria saber, ia dizendo a si mesmo.

Vinte minutos depois, encontrou um lugar para estacionar junto ao passeio perto do Gabinete de Segurança, no caminho que Ali tomava para fumar. Estacionou o carro paralelo ao muro de betão. Saiu do veículo, afastando-se do Gabinete de Segurança e das suas câmaras de videovigilância.

*

Ao mesmo tempo, o seu irmão Yusuf estava dentro da casa segura, a preparar o equipamento de vídeo. Precisava de testemunhar dois acontecimentos para enviar a mensagem a Sam. Primeiro, tinha de ver o irmão a estacionar o *Pajero*. Depois, tinha de observar Ali a entrar no Gabinete de Segurança.

Ficou à espera do segundo acontecimento. O último mês passado na maldita casa segura tinha sido completamente esmorecedor.

Uma hora depois, viu o carro de Ali a passar o portão e até o vislumbrou no vídeo a entrar no edifício. Enviou uma mensagem encriptada a Sam: *Aqui*.

*

– Regras de área de acesso interdito – decretara Procter ao bater com mais um comunicado de Langley a pedir uma atualização do estado da operação para matar Ali Hassan. – A partir de agora.

As regras de área de acesso interdito: ficava-se indetetável, desaparecia-se e depois tornava-se a aparecer. Fazia-se isso agressivamente

se necessário, Sam sabia. Simplesmente desaparecer à frente dos vigias. O Mukhabarat havia de retaliar, mas Sam não tinha alternativa. A pressão de Washington aumentara e a Estação não podia ser passiva. Tinham de abater Ali.

Terminada a reunião matinal no gabinete de Procter, Sam foi até ao seu computador para verificar as mensagens de Athena. A caixa de correio continuava vazia. Clicou com violência no rato ao fechar a base de dados. Já se tinha passado mais de uma semana de silêncio. O que se passaria? Será que a tinham descoberto? O governo anfitrião não costumava avisar quando apanhava um agente. Raios, a CIA demorara mais de um mês a saber que Val morrera enquanto estava detida. Talvez Atiyah a tivesse apanhado com a pasta. Talvez tivessem descoberto o programa no *iPad*. Talvez o pai dela tivesse morrido em Alepo. Ou talvez ela estivesse apenas ansiosa quanto a usar o dispositivo. Bloqueando o computador, Sam foi à casa de banho e sentou-se na sanita, completamente vestido, de cabeça nas mãos. Depois saiu da Estação para ir aos cubículos dos telemóveis e verificar se tinha alguma mensagem dos Banditos, o seu novo ritual diário. Abriu o telefone descartável e viu: *Aqui*.

Respondeu: *Evacuar*.

Procter cumprimentou-o com os nós dos dedos enquanto saía e disse que enviaria um NIACT – um comunicado de ação noturna – para Langley. Reuniriam Bradley, os outros manda-chuvas do Sétimo Piso, os especialistas em reconhecimento facial e o Gabinete do Conselho Geral.

Mais uma vez, tudo dependia de ele ficar indetetável numa cidade que estava a virar-se contra a Estação de Damasco.

*

Sam foi ao seu apartamento, tomou um duche e vestiu umas calças de ganga escuras, uma camisa azul aos quadrados e um *blazer* azul-claro, que detestava. Enviou uma mensagem de texto a Zelda a confirmar que tomariam um copo às 10 horas em Sha'alan. Mencionou que antes iria às compras.

Deixou o apartamento levando a sua mala a tiracolo que tinha um telefone, um *walkie-talkie* e vários disfarces. Reparou de imediato na carrinha de vigilância e no homem a fumar no passeio, que o observava diretamente. Não teria importância. Ele só precisava de uns segundos entre um e outro.

Caminhou rumo a Umayyad e depois para norte, na direção da embaixada, com a distância a aumentar entre si e o agente do Mukhabarat que o seguia. Viu a rua, a sua pulsação acelerou e ele virou à direita, em busca de uma posição fixa. Nada. Então, correu. Virou outra vez à direita, depois à esquerda, num *sprint*.

A estrada estava deserta, à exceção de um carro: um *BWW Série 5*, com

o motor a trabalhar, a bagageira entreaberta, Elias ao volante. Ele correu para o carro, levantou a porta da bagageira, perscrutou a ruela em busca de testemunhas – não havia – e saltou lá para dentro. Encolhido naquele compartimento, sentiu o veículo acelerar suavemente e depois virar à direita. Conseguiu tirar o *blazer* e a camisa, e remexeu na mala para encontrar a pança falsa e uma *t-shirt* limpa. Ficou com o braço torcido na *t-shirt*. Elias bateu numa lombaa e ele achou que o braço se ia partir. Depois inseriu a barriga de espuma debaixo da *t-shirt*. Pôs uma peruca castanha desgrehada na cabeça, juntamente com um bigode que fazia comichão. Elias bateu noutra lombaa e ele praguejou. Recolocou o bigode.

Depois deitou-se e rezou para que não passassem por nenhum posto de controlo surpresa. Se a milícia mandasse Elias parar e encontrasse um americano alto dentro do porta-bagagens, de peruca na cabeça e uma barriga falsa enfiada na *t-shirt*, estariam todos bem lixados.

*

Foi Kanaan quem atendeu a chamada do cabo sem fôlego e que percebeu, por entre a respiração esforçada e o praguejar, que tinham perdido Sam.

Quando acabou de gritar com o homem, Kanaan foi até ao gabinete de Ali para lhe dar a notícia. Sentiu um aperto no peito ao se deparar com o general Volkov, a beber vodca de uma caneca de café, apercebendo-se de que teria de confessar o fracasso diante daquele mestre.

– O que quer isso dizer, perdemos o alvo? – perguntou Ali, praticamente a engasgar-se com as palavras. Enquanto Kanaan transmitia a triste explicação ao coronel, Ali viu o rosto de Volkov ficar estranhamente inexpressivo, à exceção das sobrelanceiras, que se elevaram apenas um pouco.

– O sacana queimou-nos – disse Volkov a Ali, assim que Kanaan terminou.

Ali assentiu com a cabeça.

– Sabem que quase os apanhámos da última vez. Acha que ele se encontrará com a colega mais tarde, conforme dizia na mensagem?

Volkov bebeu mais um pouco e olhou para o mapa. Encolheu os ombros.

– Passaram-se 15 minutos. Ele tem quatro horas. Tempo de sobra para uma operação e depois um copo com a amiga.

– Kanaan, presumo que a equipa na rua não faça ideia de como é o carro? – perguntou Ali.

– Nenhuma. Nem o viram.

– Pode ser que tenhamos sorte – disse Volkov. – Talvez um posto de controlo os apanhe.

– Talvez – disse Ali. Acendeu um cigarro e desabotoou mais a camisa. De súbito, o gabinete ficara insuportavelmente quente. – Talvez eu me

encontre com ele para tomar um copo.

– Uma excelente ideia – comentou Volkov. – Sabe, por vezes, quando eles se punham indetetáveis em Moscovo, nós limitávamo-nos a apanhá-los depois e a espancá-los forte e feio.

*

O carro deu uma série de voltas antes de adentrar novamente na cidade, em direção à casa segura. Noventa minutos depois, Elias abriu a bagageira e sorriu ao passageiro, que estava a coçar o bigode.

Sam caminhou pelas ruas iluminadas por candeeiros ao longo de Kafr Sousa e da vizinha Al-Lawan, incorporando uma série de técnicas para rebentar bolhas de vigilância, mas tudo isso era desnecessário. Estava indetetável. Às oito da noite, chegou à casa segura e encontrou-a vazia. Os Banditos já se tinham ido embora. Posicionou a câmara num tripé, voltada para o *Pajero* lá em baixo. Assegurou-se de que a ligação encriptada por satélite estava ativa. Depois tirou o telemóvel do bolso e marcou um número muito longo e estranho.

– Olá, Sam, consegues ouvir-nos? – Era Bradley.

– Consigo. Têm vídeo?

– Temos. Estamos a olhar para uma rua deserta e um *Pajero* solitário.

– Entendido; eu também. Procter, estás?

– Sim. A Estação de Damasco está *online*.

– Também temos aqui na sala de conferências do diretor a equipa de reconhecimento facial – disse Bradley. – Tanto o Molly, o programa de IA, como a pessoa de carne e osso. Chama-se Susan Crawley, já agora.

– Olá, Susan – disseram todos.

– Muito bem, equipa – disse Bradley. – O diretor deu-me autoridade para carregar no botão nesta operação. Quando Ali sair do escritório, a Susan e o programa vão, de forma independente, avaliar a situação. Depois de isso estar feito, eu armo o aparelho e aciono o sensor de infravermelho. O Sam mantém contacto visual com o alvo e com a zona de explosão, e a operação é abortada se algum peão se meter no caminho. Todos compreenderam?

– Sim.

– Agora esperamos.

Sam ficou a assistir à transmissão de vídeo, perguntando-se o que estaria Ali a fazer lá dentro e em que divisão daquele maldito lugar teriam arrancado o escalpe a Val.

*

Do outro lado da rua, Ali seguira Volkov até ao centro de comando russo improvisado, onde verificou que a caça a Samuel Joseph progredia lentamente. Não havia sinal do norte-americano.

O seu plano começava a dar frutos, mas estava a ficar sem tempo. Ainda assim, Assad dera-lhe rédea suficiente para fazer um aviso ao norte-americano. Depois, passariam ao plano de Rustum de o deter para ser interrogado. Ali não queria que a investigação tivesse de recorrer a tal brutalidade, mas estava a ficar sem alternativas. Os norte-americanos estavam a realizar operações, a pôr-lhe a língua de fora enquanto ele tentava seguir as regras do jogo.

Fosse como fosse, não havia novidades quanto à operação de Rustum de passar informação falsa sobre a unidade secundária de produção a Bouthaina e outros. Se a informação não chegasse na leva seguinte de informação do SVR, a sua janela temporal expiraria e Samuel Joseph seria detido para lhe extraírem o nome. Dadas as artimanhas que o jovem demonstrara dominar nas ruas, Ali começava a simpatizar com essa saída. Mas ainda não totalmente.

Precisava de desaparecer a cabeça. Agarrou no maço de tabaco e saiu para dar uma volta.

*

Da casa segura, Sam viu uma figura familiar a passar pelas bermas de betão no exterior do Gabinete de Segurança. Virou a transmissão de vídeo para a figura e ampliou a imagem.

– É ele. É Ali.

Ele só tinha de caminhar do lado direito da rua. Os registos de vigilância diziam que o fazia quase sempre, mas ainda era possível que alterasse a rotina.

– Vamos, seu sacana. Pela direita – resmoneou Sam entredentes.

Ali ficou à conversa com os guardas, a fumar o cigarro e a rir. Sam lembrou-se de que Ali tinha uma mulher e dois filhos gémeos. Sentiu uma pontada temporária de tristeza, uma noção distante da humanidade de Ali. Obrigou-se a recordar Val, a mãe dela, a Cerimónia de Homenagem.

E Ali continuava a trocar piadas com os guardas.

*

Um dos russos, a escutar uma equipa do FSB no rádio, ouviu alguma excitação a crepitar e depois gritou a Volkov:

– Encontrámos alguém que corresponde à descrição de Sam. Em Kafr Sousa. Num apartamento. Está perto.

Volkov atirou um copo descartável para um caixote de lixo, falando por completo.

– Mostre-me. Onde?

O tenente foi até ao mapa e tornou a pedir a morada à equipa móvel. Apontou.

– Isso é mesmo ao virar da esquina – disse Volkov. Virou-se para

Kanaan, que estava a posicionar as equipas sírias para que pudessem deter o americano e quem quer que fosse que estivesse com ele. – Coronel, onde está o general Ali?

– Saiu para dar uma volta pela rua.

Volkov revirou os olhos. Aquele levantino. Mole, provavelmente por causa do sol.

– Vou buscá-lo e seguimos juntos a pé. Entendido?

Kanaan assentiu com a cabeça e tornou a levar o telefone à boca, gritando às equipas que se apressassem rumo ao apartamento de Kafr Sousa.

*

– Ele está a andar – disse Sam. – Do lado direito. Do nosso lado. Ativei o Cone de Gelado. – A equipa tinha adotado a alcunha. – A focar a transmissão para reconhecimento facial.

Ali percorreu 20 metros lentamente, e depois parou para apagar o cigarro. Ainda faltavam uns 100 metros para o *Pajero*. O passeio em redor do carro estava desimpedido.

Em Langley, a especialista em reconhecimento facial estava a analisar a transmissão de vídeo em tempo real, comparando-a com as gravações da operação de vigilância dos Banditos. Em simultâneo, um algoritmo chamado Molly revia a mesma informação. Se Molly e Susan concordassem que era Ali, podiam avançar.

Ali continuava a andar. Devagar.

Sam tossiu. Pensou na fábrica de farinha, sem saber porquê. Depois, na vinha da Toscana com Mariam. Na RDV em que os russos quase o tinham apanhado. Depois Vegas, ficar nas lonas. Tudo isso, estranhamente, era ele. Perguntou-se se aquilo fazia de si um assassino. Ainda que não fosse ele a detonar a explosão, ele iria ativar o sensor de infravermelho, afinal.

– Temos confirmação aqui em Langley – interveio uma voz desconhecida. – Fala Paul Gartner, já agora. Chefe, do OGC. A Susan e o Molly estão de acordo. É Ali.

– Entendido – disse Bradley. – Sam, avança e ativa o sensor.

Sam ligou o telefone por satélite, iluminando o sensor de infravermelho e armando a bomba.

– Cinquenta metros – disse Sam.

*

Enquanto caminhava, Ali acendeu outro cigarro e saturou os pulmões de fumo, perguntando-se porque estava a fazer aquilo. Afastando o pensamento, verificou as horas. Tinha querido ver Layla e os meninos, mas já era demasiado tarde. Fechou os olhos e desejou, por um momento, estar a lutar com os gémeos em vez de fazer de polícia para a besta do irmão e

para aquele Presidente ridículo. Parou e atirou o cigarro. Depois acendeu outro e continuou a andar.

*

– Vinte e cinco metros – disse Sam.

– O tipo tem problemas mentais? – perguntou Procter. – É que anda como se tivesse.

– Cala-te – disse-lhe Bradley.

– Quinze metros. O passeio continua livre. É só Ali.

– Dez metros, cinco.

– É daqui a dois segundos – avisou Bradley.

*

Ali ouviu passos pesados atrás de si no passeio.

– General! – gritou Volkov. – Encontrámo-lo. Volte.

Ali virou-se e viu o russo a correr na sua direção. Ao virar-se, desequilibrou-se, vacilando para a estrada, e apoiou-se na bagageira de um *Pajero* ali estacionado. Endireitou-se, envergonhado.

– O que aconteceu? – perguntou.

– Uma das equipas móveis viu-o. Aqui em Kafr Sousa, num apartamento mesmo ao fundo do quarteirão. Kanaan enviou equipas para fazer uma detenção. Comece a correr. Vamos apanhá-los.

Ali desatou a correr.

*

Sam tinha desativado o sensor de infravermelho quando viu o homem a correr na direção de Ali. Estava agora em silêncio a assistir ao caos que se desenrolava na transmissão de vídeo.

Bradley interrompeu o silêncio.

– Pronto, malta, o Sam desativou o sensor. Susan, consegue perceber o que aquele tipo disse a Ali? Não me parecia sírio. Sam, sai daí.

Sam arrumou o equipamento e voltou a pôr o bigode. Reparou que tinha executado toda a operação a usar a barriga postiça e a peruca.

Escutou-se a voz de Susan:

– O tipo com Ali disse: “Encontrámo-lo.”

– Sam, estás a ouvir? – perguntou Bradley. – Não saias daí, obviamente, não tens nenhum agente contigo. Aguenta-te e mantém-te em linha.

Mariam, o seu mundo, a sua presença ali, tudo estava por um fio que Ali Hassan ia cortar. Se o apanhassem na casa segura, os sírios expulsá-lo-iam do país, isso se não o matassem. Ele não poderia proteger Mariam, sentir a pele dela na sua, ouvi-la rir. Nunca mais voltaria a vê-la. Praguejou,

pontapeou a parede, fazendo-lhe um buraco, e sentou-se na sala de conferências, a pensar como haveria de destruir o equipamento de vídeo.

*

Ali e Volkov chegaram ao edifício de pedra branca, que era indistinguível dos outros nesse quarteirão. Aproximaram-se de um comandante do Gabinete de Segurança, que sorria de orelha a orelha.

– Como é que o encontraram? – perguntou Ali.

– Tivemos sorte, vimo-lo a entrar. Eu segui-o pelas escadas acima, vi-o entrar num dos apartamentos.

– Viu alguém entrar com ele?

– Não.

– Leve-me até lá.

Subiram no elevador em silêncio, a pulsação de Ali a acelerar a cada piso.

Chegaram ao apartamento. O capitão tentou abrir a porta. Abanou a cabeça.

Ali bateu à porta.

– É o Gabinete de Segurança. Abra a porta. Agora. – Silêncio. – Tem três segundos para abrir a porta.

Mais silêncio. Ali acenou com a cabeça e sacou da arma. O capitão abriu a porta com um pontapé. Ali entrou a correr.

*

A sala estava vazia, tal como a cozinha. Ali entrou no quarto e viu uma jovem síria atraente a fumar na cama, nua e serena. Tinha uma imagem cuidada, pôde ele ver enquanto ela se levantava sem pudor para apagar o cigarro. Pegando no sutiã, ela acenou com a cabeça na direção do roupeiro.

Afinal, o homem que a equipa identificara como Sam era Clement Lacroix, da Embaixada Francesa, um jovem que era incrivelmente parecido com o agente da CIA e que tinha um caso com uma cabeleireira síria com um apartamento em Kafr Sousa.

Clement escondera-se no roupeiro ao ouvir as batidas na porta. A namorada, que era o cérebro da operação como na maioria das relações sírias, tinha aproveitado para fumar enquanto esperava que o Mukhabarat se apercebesse de que aquilo não passava de um terrível equívoco.

*

Sam esperara pacientemente que Ali deitasse a porta abaixo. Passados 30 minutos, Bradley e Procter concordaram que ele devia ir-se embora. Não fora seguido e não fazia ideia de para onde teriam ido Ali e o russo. Deixou o equipamento lá dentro e, aos poucos, foi-se livrando do disfarce na rota

de regresso a casa. Quando chegou ao apartamento, tinha a mala vazia e já se parecia novamente consigo.

Estava exausto, mas precisava de ir jantar com Zelda, para o caso de os sírios não saberem que ele tinha estado ativo naquela noite. Dadas as mensagens de texto, que eles estavam seguramente a ler, estariam a contar com isso. O soldado do Mukhabarat que vigiava a entrada do seu prédio pareceu ficar chocado ao vê-lo entrar. O mesmo tipo nos últimos cinco dias, coitado, pensou Sam, e ainda lhe ocorreu acenar-lhe, mas concluiu que isso seria ofensivo, um insulto profissional. Era o tipo de coisa que os convidaria a entrar-lhe no apartamento para o revistar... ou apenas para virar o lugar do avesso.

Zelda tinha reservado uma mesa no Three Tables, um badalado restaurante em Sha'alan. Aquela zona costumava estar cheia de gente, a abarrotar de famílias, casais jovens em encontros e carrinhos de bebé no passeio. Isso era antes da guerra. Agora, as butikues de luxo e os bares estavam desertos, e os restaurantes abriam intermitentemente.

Zelda tinha chegado primeiro. Estava sentada com um ar desconfortável a uma mesa junto à janela. Quase todas as mesas estavam vazias.

A seu lado, encontrava-se Ali Hassan.

Ele sorriu e acenou a Sam, chamando-o para a mesa. À medida que Sam se aproximava, Ali levantou-se para lhe apertar a mão. Indicou-lhe uma das cadeiras livres, virada para o interior do restaurante.

– Samuel, por favor, queira sentar-se – disse-lhe em inglês.

Zelda tinha pedido vinho, provavelmente antes de o sírio ter chegado. O empregado chegou então com a garrafa. Ali sorriu enquanto o empregado lhe servia um copo para o ritual da prova. Girou o vinho no copo e cheirou-o.

– Domaine de Bargylus, uma excelente escolha. – Ali bebeu e assentiu com a cabeça ao empregado, que encheu os copos de todos. – Sabem, este é o único vinho sírio considerado adequado para exportação. O resto é porcaria produzida em vinhas do Estado. Esta pertence a um par de libaneses, embora fique em Latakia, perto da minha casa ancestral. Ocasionalmente, os rebeldes bombardeiam a vinha, segundo me consta.

Sam reparou na marca suada na toalha quando Zelda levantou as mãos para as pousar na cadeira.

– Que vergonha, estar a beber – disse-lhe Sam em árabe, a piscar o olho ao assassino de Val, embora tivesse vontade de lhe espetar a sua faca no coração. Percebia que Ali estava à vontade, a controlar a situação. Este riu-se e bebeu mais um pouco.

– Sou alauita, Mr. Joseph, de uma maneira ou de outra somos todos hereges.

O sírio sorriu a Zelda, que olhou para as marcas de suor na mesa. O empregado levou-lhes pão e Ali assentiu-lhe com a cabeça para que os

servisse. Virou-se para Zelda e disse:

– Permita-me –, deitando um fio de azeite no pão dela. Depois temperou o seu, embora mantivesse o olhar fixo nela. – Está a desfrutar da sua estada na Síria?

– Estou. – Zelda correspondeu-lhe ao olhar. – Era um belo país.

Ao que parecia, faltava ao inglês de Ali a fluência para notar o uso pejorativo do pretérito imperfeito.

– É uma pena que não possa viajar até à costa, ou até Alepo – disse ele. – Mas receio bem que a cidade hoje em dia não esteja apresentável. É uma pena.

– O meu pai nasceu lá, visitei-a uma vez quando era pequena – disse Zelda.

– Ah, muito bem, então conhece a sua antiga glória. E é meia-síria? Incrível. A América é mesmo um caldeirão de culturas, como se costuma dizer. – Partiu outro pedaço de pão e mordeu-o. Depois semicerrou os olhos e concentrou-se em Sam. – Vamos dar uma volta, Mr. Joseph.

Quando eles saíram, Zelda ficou à mesa, a tomar um grande e grato trago do seu vinho.

Ali acendeu um cigarro enquanto caminhavam, oferecendo um a Sam, que declinou. O sírio fê-los ir até um parque.

– Há uma equipa a seguir-nos? – quis saber Sam.

– Da minha agência, não, mas nunca se sabe. Pode haver outro grupo a realizar uma operação. – Riu-se do seu próprio comentário e apagou o cigarro.

– Como estão os seus gémeos? – perguntou-lhe Sam.

– Bem, obrigado. Sempre me perguntei como seria o meu ficheiro na CIA. Têm todos os pormenores interessantes?

– Só encontrámos seis das suas amantes.

Ali voltou a rir-se e Sam reparou que tinha no pescoço uma cicatriz vermelha a fazer lembrar uma corda.

– Ah, não deram pelas outras quatro. São as que escondi com mais cuidado... talvez nem a CIA consiga encontrá-las? – Sorriu e depois apontou para uma pequena loja de conveniência e deu uma palmadinha no bolso do peito. – Temos muito de que falar, mas acabaram-se-me os cigarros.

Sam seguiu-o até à loja e ofereceu umas quantas notas.

– É com todo o gosto que deixo que o governo norte-americano me pague por toda esta inconveniência – troçou Ali em árabe.

O caixa parecia visivelmente aflito pela presença de um oficial do Mukhabarat e de um norte-americano a conversarem no seu estabelecimento. Sam sorriu-lhe e perguntou-lhe, em árabe:

– Como está a correr a sua noite?

– Bem, senhor – respondeu ele, embora lhe implorasse com o olhar que saísse.

Em silêncio, saíram da loja e caminharam até chegarem ao parque. Curiosamente, Ali não tinha aberto o maço novo. Apontou para um banco e ambos se sentaram.

Depois bateu com o maço no pulso, acomodando os cigarros, e só então tirou e acendeu um. Esperou que um casal passasse e depois virou-se para Sam.

– Mr. Joseph, é-lhe permitido viver e trabalhar neste país por cortesia do meu governo. Monitorizamo-lo para sua própria proteção. Os desaparecimentos não são toleráveis.

– Compreendo – disse Sam.

Ali continuou:

– E não deve confundir a minha simpatia com fraqueza – avisou. – Se voltar a infringir as regras, haverá consequências. Como bem sabe, há forças sombrias a operar neste país. O incumprimento das regras dar-lhes-á motivo para atuarem.

– Compreendo – repetiu Sam.

– Ótimo – disse Ali. Acabou o cigarro, atirou-o para o chão e pisou a beata com o sapato. Levantou-se para se ir embora.

Sam queria pôr o tipo a falar. Queria realmente perguntar-lhe porque tinham chacinado Val, ver como ele reagia à menção do nome dela. Contudo, qualquer referência iria alarmá-lo e pôr a operação em risco. Por isso, tentou antes obter algo.

– Tem uma esposa, filhos. Lê todos os relatórios de segurança – disse. – Presumo que não aprove a resposta do seu governo à agitação social. Estou certo?

– O governo cometeu erros, certamente.

– E acredita que este governo é a melhor hipótese que tem de manter a sua família a salvo?

Ali acendeu outro cigarro e entregou o maço a Sam antes de se ir embora.

– Mr. Joseph – respondeu. – Deixe-me poupar-lhe o fôlego. Eu sou o único a manter a minha mulher e os meus filhos vivos. Sugiro-lhe que passe menos tempo a preocupar-se com a minha segurança e que devote mais tempo à sua. Irá precisar.

*

Quando Sam chegou ao seu apartamento, não precisou de acenar ao tipo do Mukhabarat. O homem olhava diretamente para ele e sorria. Sam não ficou surpreso ao descobrir que a porta do apartamento já estava destrancada. Nem ao ver as prateleiras viradas do avesso, livros caídos e rasgados, o portátil esmagado com um martelo, facas de cozinha espalhadas pela sala depois de terem sido usadas para esventrar o sofá. Abriu o armário da entrada. Não teve de tocar nos casacos para perceber que estavam encharcados em mijo. Seguindo um cheiro a queimado até à cozinha, descobriu que o triturador de lixo tinha sido atulhado de talheres e

posto a funcionar até se avariar, e que as cadeiras da cozinha estavam desfeitas em pedaços. O forno estava desligado, mas, mesmo assim, abriu-o por curiosidade mórbida. Lá dentro, encontrou as cinzas dos seus livros. Sorriu. O ar condicionado – demasiado precioso para ser destruído – fora levado. Espertos. E, quando chegou à casa de banho, até ficou impressionado. Tinham-lhe escaqueirado a banheira, enchido o lavatório de urina e enfiado a almofada na sanita.

Um floreado, contudo, excedia as expetativas: a poia sobre-humana no meio da cama. Uma fotografia granulosa de Sam e Ali a saírem do restaurante destacava-se no topo, como uma vela num bolo de aniversário.

Ali tinha feito todos os possíveis para evitar envolver o Presidente. Telefonara duas vezes ao irmão, enviara um memorando confidencial com a lista de nomes e das localizações falsas que Rustum tinha concordado entregar. Em troca, nada recebera. Quando enviara Kanaan ao quartel-general da Guarda Republicana, um dos adidos tinha-o deixado três horas à espera antes de o informar de que Rustum se encontrava na casa de campo em Bloudan. Em Bloudan, disseram a Kanaan que Rustum estava em Damasco. Por isso, finalmente, Ali tinha esperado à porta do gabinete do secretário do Presidente até lhe ser concedida uma reunião de cinco minutos.

– O seu irmão assevera-me que já teve essas conversações – disse Assad, distraído a navegar na Internet. Ali estava de pé em frente à secretária, pois não fora convidado a sentar-se. – Sei que contou pelo menos ao Atiyah, porque ele me perguntou pelo local durante uma reunião que tivemos esta semana. – Assad clicou no rato e depois voltou a clicar numa sequência rápida. – Aqueles dois homens, como é provavelmente aparente, detestam-se. – Assad riu-se. – Honestamente, receio que um dia o Rustum acabe por mandar o Basil matar o Atiyah.

Tornou a rir-se. Ali não percebia se ele estava a falar a sério.

– Ainda lhe falta ter uma conversa, Sr. Presidente – disse Ali. A operação de vigilância contra o americano prossegue, mas continuamos a precisar de pôr à prova os funcionários que tinham conhecimento de...

– Ouvi dizer que a sua equipa perdeu o americano – disse Assad, continuando a fitar o ecrã do computador. Depois ergueu o olhar e retomou o tema da conversa. – Mas está a falar da Bouthaina, não está? O seu irmão considera que não é necessário pô-la à prova, Ali.

– E o Sr. Presidente concorda? – perguntou Ali.

O Presidente levou as mãos atrás da cabeça e reclinou-se na cadeira. Cofiou o bigode fino.

– De que precisa?

Ali levou o decreto presidencial confidencial até ao escritório da casa do irmão, passando por um adido que insistia que Rustum estava a meio de uma reunião. Quando abriu a porta, deparou-se com o irmão sentado àquela horrenda secretária feita de uma *noria*, a ler relatórios.

– Põe-te a andar daqui para...

– Achas que a tua namorada anda a espiar para a CIA? – perguntou Ali.

– Vai-te foder, mano mais novo. Não acho nada.

– Então porque é que não lhe passaste a informação falsa sobre a unidade secundária em Wadi Barada?

– Como é que sabes que não o fiz? E, por amor de Deus, ambos sabemos que o espião é aquele violador do Atiyah.

Ali bateu com o decreto presidencial na secretária.

– Lê isso.

Rustum pegou no papel e leu, com o rosto a enrubescer quando acabou. Pousou-o cuidadosamente na secretária, voltado ao contrário.

– Tens até logo à noite para lhe passar a informação – disse Ali. Virou costas e foi-se embora.

*

Mariam comia uma laranja lentamente, olhando de soslaio para a bolsa gigante que usara para entrar com a pasta de documentos no Palácio. Comera três laranjas na última hora, tinha os dedos descorados e o sumo deixava-lhe os sabugos a arder. Descascou parte do citrino e continuou a olhar para a pasta, como se conseguisse fazê-la ir para o gabinete de Atiyah sem ter de fazer também ela essa viagem. Era irónico que aquele monstro tivesse enviado homens com armas e bastões para a matar em França mas que, se ela fosse bem-sucedida, uma simples pasta bastasse para acabar com ele.

Enquanto comia um gomo, Bouthaina surgiu à porta do seu gabinete.

– Boa noite, Mariam.

– Boa noite.

Mariam sorriu à chefe. Quanto menos pessoas naquele piso, melhor. Não queria uma multidão à volta quando trocasse as pastas. Bouthaina desapareceu e o olhar de Mariam regressou à pasta. Levou outro gomo aos lábios e, de súbito, o cheiro recordou-a do carrasco de Ali, Kanaan. Ele tinha estado a comer uma laranja durante uma das rondas de interrogatórios depois de Itália. Ficara calado, a descascar a fruta enquanto o chefe dele fazia as mesmas perguntas e Mariam respondia.

P. O dispositivo que trouxe. Liga-se a um satélite?

R. Sim, foi o que Samuel Joseph disse. Já lhe tinha dito, general.

P. Porque é que ele lho deu?

R. Eu dei-lhe a informação que tínhamos acordado. Disse-lhe que precisava de uma forma de comunicar com a CIA a partir de Damasco. Que precisava de um dispositivo. Já disse...

P. Que mais lhes revelou?

R. Nada.

[*Papéis a remexer*]

P. Qual destas pessoas é o Chefe de Estação da CIA?

R. Esta mulher.

P. Nome?

R. Ela disse-me que se chamava Artemis.

P. Isto é um nome norte-americano verdadeiro, Kanaan? Parece um pseudónimo.

[*Inaudível*]

P. A sério? OK. Eles facultaram outras casas seguras aqui em Damasco?

R. Só a que lhe mostrei, general.

P. Ele prometeu-lhe alguma coisa a troco da sua cooperação?

R. Dinheiro.

P. O que jantou em Sant' Angelo?

R. Massa.

P. Que tipo de massa?

R. *Cacio e pepe*. Esparguete com queijo e pimenta.

P. O que é que Samuel Joseph comeu?

R. Já lhe disse quatro vezes...

P. O que é que Samuel Joseph comeu?

R. Massa. *Ragù* à Toscana. Com javali.

[*Conversa abafada, o clique de um isqueiro*]

P. Podemos fazer um pequeno intervalo. Gostaria de ver a sua prima agora?

R. Quando é que vão libertá-la?

P. Quando o seu trabalho estiver concluído.

R. Quando será isso, general?

P. Quando estiver concluído. Mais alguma coisa?

R. Posso ir à casa de banho primeiro?

Tinha vomitado e depois agachara-se ao lado da sanita e hiperventilara contra as mãos. Nesse momento, não se apercebera de que tinha cravado os dentes no dedo indicador. Praguejou ao romper a pele. Ao limpar o sangue com papel higiénico, viu-se ao espelho. Lembrou-se da promessa que Sam lhe fizera na vinha e sentiu-se uma pega.

– Estás com pior aspeto do que eu, *okhti* – dissera Razan quando Mariam foi levada à sua cela para uma visita breve. – E eu é que estou na prisão.

Mariam acabou a laranja. Pegou nos pedaços de casca e levou-os para o lixo. Eram 20h45m. Quinze minutos. Foi à casa de banho e limpou a sujidade das mãos. Voltando ao seu gabinete, desligou as luzes e fechou a porta como se não estivesse lá dentro. Sentou-se debaixo da secretária, a segurar a bolsa gigante que continha a pasta de documentos, e escutou a batida do seu coração. Ouviu passos lá fora e verificou as horas, mal conseguindo ver o relógio às escuras. Eram 20h58m. “Ele é um tarado da pontualidade”, gostava Bouthaina de dizer.

Ouviu os passos de Atiyah em frente do seu gabinete, a caminho do gabinete de Hasan Turkmani, outro conselheiro de Assad. Mariam esperara por uma data muito específica para aquela operação. Precisava de que Atiyah se encontrasse com Turkmani, de preferência já de noite, depois de Bouthaina se ter ido embora. Reunidas essas condições, poderia apressar-se pelo corredor até ao gabinete de Atiyah, substituir a pasta e depois voltar sem que Bouthaina se perguntasse porque é que ela estava a andar para aquela parte do corredor. Bouthaina era tão desconfiada quanto Atiyah e provavelmente interpretaria a presença de Mariam perto daquele gabinete como um indício de traição.

Entrou em ação ao ouvir a porta de Turkamni abrir-se e depois o clique que indicava que se fechara. Com a bolsa na mão, caminhou rapidamente pelo corredor, passou o gabinete de Bouthaina e virou à esquerda para o corredor que alojava a equipa de Atiyah. Estugou o passo até chegar ao gabinete dele que, por sorte, estava aberto.

Ao entrar, lembrando-se de como ele lhe dera uma palmada no traseiro mesmo ali à porta, pegou na nova pasta de documentos – cheia de passaportes norte-americanos para Atiyah e a sua pobre mulher, dinheiro e um dispositivo com uma mensagem pré-gravada a pedir uma extração do país – e pousou-a no chão, ao lado da original de Atiyah.

– Como achas que o Mukhabarat vai reagir? – perguntara Sam.

– Acho que vão matá-lo – dissera ela.

– Ótimo. – Ele assentira friamente com a cabeça. – Também vamos tratar de que o telefone dele receba umas quantas mensagens estranhas de números norte-americanos. Só para jogar pelo seguro.

Mariam tirou os papéis da pasta de Atiyah. Examinou cuidadosamente o compartimento interior antes de fazer a troca.

– Há uma advertência a fazer – dissera Iona. – Obviamente, pelo seu vídeo não dá para ver o interior da pasta. Submetemos o interior da nossa a uns meses de uso e desgaste. Eu própria enfiei e tirei papéis lá de dentro mais de cem vezes. Mas pode haver uma mancha, uns rasgões ou algum sítio mais coçado que não dê para ver. Quando fizer a troca, mais uma vez, verifique e, se as pastas não coincidirem, aborte a missão.

Os olhos dela passavam freneticamente de uma pasta para a outra, em busca de quaisquer diferenças. Era mais aterrador não ter encontrado nenhuma, pois isso significava que devia continuar. Enfiou os documentos

na pasta nova e colocou-a onde estivera a antiga. Guardou esta na bolsa e saiu rapidamente do gabinete. Não dera por quaisquer tiques físicos durante a operação, tão concentrada estivera, mas agora sentia suor nas costas e reparava como a bolsa lhe parecia pesar no ombro. Estremecia a cada passo mais sonoro ao virar no corredor, já quase a correr, a tentar passar o gabinete de Bouthaina e chegar ao seu.

A porta de Turkmani começou a abrir-se. Ela ouviu a voz de Atiyah. Tomou uma decisão impulsiva, instintiva, e meteu-se no gabinete de Bouthaina. Ficou junto à secretária, a ofegar, enquanto Atiyah se aproximava. Imaginou-o a perguntar-lhe o que tinha na bolsa. *Que linda bolsa. Mostre-me o que tem lá dentro, querida*, poderia ele dizer, levando a mão ao interior. Recuou mais para o interior do gabinete e observou os passos dele a bloquearem temporariamente a luz que passava pela nesga debaixo da porta. Passado um minuto, deu um único passo, e depois outro, avançando para a porta.

Tinha a mão na maçaneta quando ouviu duas vozes conhecidas no corredor; contudo, ao contrário da maioria das conversas que ela espiara entre aquelas vozes, o tema do momento não era sexual. Mariam afastou a mão da maçaneta, recuou para o gabinete e fechou-se na casa de banho de Bouthaina. Estava a tentar não ser vista, mas, quando a porta de Bouthaina se abriu, censurou-se por não ter simplesmente saído do gabinete, inventando uma desculpa para ter estado lá dentro. Sentada na casa de banho às escuras, ouviu Rustum e Bouthaina a discutir enquanto entravam. Alguém acendeu a luz. Devia ter dito que ia levar um documento e que se tinha esquecido dele. Devia ter dito que entrara ali num acesso de sonambulismo. Devia ter feito qualquer coisa, em vez de se esconder. Todo o seu mundo estava em chamas e ela acabava de se condenar, ao meter-se estupidamente na casa de banho da chefe. Ficou imóvel na escuridão, a sentir o coração a latejar. Porque estariam ali? Se fosse para sexo, ela estava completamente desgraçada, porque abririam a porta da casa de banho e encontrariam uma espia da CIA sentada na sanita, a suar, com uma bolsa que continha uma pasta de documentos roubada.

– O que é que não podia esperar? – perguntou Bouthaina. – E tinha de acontecer aqui? Eu já ia a meio caminho de casa.

– Tivemos um problema em Jableh. Lembras-te dos carregamentos?

– Claro. Que problema?

– Os americanos descobriram. Tivemos de evacuar e passar todo o gás *sarin* para outra unidade. Uma reserva. Em Wadi Barada. Queria assegurar-me de que sabias, para o caso de ires enviar alguma coisa para Jableh.

– Estou a ver. O ataque ainda se mantém?

– Sim. Produzimos suficiente. Mas, por favor, isto fica entre nós, *habibti*.

Atrás da porta, Mariam imaginava o olhar que ela devia ter-lhe lançado. Bouthaina nem sequer respondeu.

Ouviu-os fornicar durante pelo menos 30 minutos, com o desconforto só superado pelo alívio de saber que os ruídos animais que vinham do sofá facilmente abafariam quaisquer sons que ela fizesse inadvertidamente na casa de banho. Ouviu tecido a rasgar-se, provavelmente as cuecas de Bouthaina, e o som levou-a de volta ao apartamento, quando Razan tinha uma perna na amurada da varanda e rasgara o vestido, pronta a suicidar-se. Depois tinham caído no chão, a chorar, a gritar, a olhar para um raro céu estrelado. Salvara a prima, para quê? Para a masmorra. Dececionara todos os que amava. Razan. Sam. O tio Daoud. E agora estava trancada numa casa de banho. O que estava a fazer? O que fizera? Fechou os olhos e tentou abstrair-se do barulho.

Revelara Sam a Ali Hassan, um homem que odiava, para salvar a prima. Na escuridão, viu Razan no seu vestido preto com folhos, embora ainda não estivesse rasgado. Rodopiava. Depois ouviu-a dizer: *Porque é que ajudas estes monstros por minha causa? Eu já sou livre, okhti. Precisas de libertar os outros: a Fatimah, o meu pai. A ti. E quem vai ajudar-te? O Ali Hassan? Por favor, miúda. O Sam é o único em quem podes confiar. E deste cabo disso tudo.*

De forma egoísta, tentara proteger a prima, e agora, finalmente, apercebia-se de que Razan nunca o teria aprovado. Ter-lhe-ia dito para continuar a resistir. Mariam tentara salvar Razan, primeiro de se juntar à rebelião, depois das garras de Ali Hassan. Mas agora sabia que, para salvar a prima, tinha de se libertar.

Abriu os olhos.

Ficou quieta durante mais meia hora depois de eles se irem embora, só para não correr riscos. Suada e nervosa, saiu do gabinete de Bouthaina e encostou-se à parede para se apoiar de regresso ao seu, onde se deitou, unindo a face ao chão frio. Tinha de contar a Sam, mas Ali tinha o dispositivo e o local de entrega demoraria demasiado tempo. Um morteiro aterrou lá fora, suficientemente próximo para abanar as janelas.

Viu as horas. Talvez Sam ainda estivesse na embaixada. Agarrou na bolsa e saiu.

Iria fazê-lo nessa noite. Iria redimir-se do seu erro. Cobraria a promessa que ele lhe fizera.

A queca no sofá tinha-o ajudado a espairecer. No seu gabinete, a reler os relatórios de Ali sobre os desastres da vigilância feita a Samuel Joseph, Rustum teve um momento de extrema clareza. A evaporação do agente da CIA na noite. A confusão com o francês. O ataque ao apartamento. Fora bem lembrado espalharem-lhe merda na cama, mas isso não compensava o facto de Ali ter falhado. E o irmão mais novo tinha a lata de lhe esfregar isso na cara, levando o Presidente a escrever um decreto a obrigá-lo a passar aquela mensagem ridícula a Bouthaina. Sentiu-se a ceder à raiva, com o maxilar cerrado. Era novamente um rapazinho, a atirar Ali pelas escadas abaixo, a saltar para cima dele na cama com uma faca para lhe cortar o pescoço. Era a vingança. Era a salvação da Síria.

Teria de ser ele a resolver aquela trapalhada.

Tinha de prender Samuel Joseph. O Presidente compreenderia quando isso viesse a lume, mesmo que Ali ainda tivesse tempo para as suas operações tolas. Basil não demoraria mais do que umas horas a arrancar o nome do traidor ao americano. Depois, com a certeza de que não havia espião algum à espreita no seu exército, Rustum poderia iniciar o seu ataque para pôr fim à guerra. Os norte-americanos tinham largado bombas atómicas para derrotar os japoneses e pôr fim à Segunda Guerra Mundial. Porque é que ele não podia matar os terroristas com gás?

Agarrou no telefone e resmungou o nome de Basil. Um adido passou a chamada.

– Tenho um trabalho para os teus rapazes – disse Rustum.

– Com certeza. – Rustum ouviu os sons arranhados de Basil a segurar o telefone entre a cabeça e o ombro. – O que é?

– Há um americano, um agente da CIA, aqui em Damasco. Samuel Joseph. Envio-te o ficheiro dele. Está a supervisionar um traidor. Quero que seja detido.

– Compreendido. Milícia?

– Sim. Nada de burocracia. – Rustum pensou nos olhos cor de água de

lavar pratos, em Hama, nos escalpes. – E nada de sangue neste, por isso assegura-te de que os rapazes que usas estão limpos. Nada de heroína. Preciso dele a falar, não morto ou no hospital. Compreendido?

– O teu irmão vai estar a vigiá-lo com os russos?

– Vou telefonar-lhes agora e ordenar-lhes que recuem, para te dar algum espaço de manobra.

– Sim, comandante. É para quando?

– É para já.

Rustum desligou, marcou o número do gabinete de Ali e foi atendido pelo assistente.

– Passe-me o Ali – resmungou, mas, em vez disso, ouviu o assistente a gaguejar que Ali não estava. – Então o russo – grunhiu.

Um momento depois, Rustum foi cumprimentado por um sotaque eslavo carregado.

– Sim, comandante.

– Disperse as equipas de vigilância do americano durante o resto da noite. Preciso delas noutro sítio.

A equipa de limpeza contratada pela embaixada ainda estava no seu apartamento – “Nunca tinha visto uma coisa assim, Mr. Joseph, nunca vi nada como isto”, balbuciara um dos homens várias vezes enquanto andavam pelo apartamento arruinado –, pelo que Sam ficou na Estação até mais tarde do que era habitual e aproveitou o tempo para ver se havia mensagens na base de dados de Athena. Estava vazia, como todos os dias desde Itália. Exausto e preocupado, vestiu o casaco para se ir embora. Dentro do bolso, sentiu o maço de *Marlboro* que comprara para Ali. Apesar de Las Vegas ser um dos últimos lugares dos Estados Unidos onde se podia fumar em locais públicos, ele nunca ganhara o hábito. Sempre preferira beber. Mas aquilo era melhor do que nada.

No exterior do edifício da chancelaria, pediu lume a um dos guardas fuzileiros e sentiu-se obrigado a tagarelar com ele sobre como a segurança estava a deteriorar-se. Pareceu-lhe que o jovem fuzileiro estava genuinamente entusiasmado com a perspectiva do colapso das forças da lei e da ordem na capital.

– Importa-se que fique com eles? – perguntou Sam, de caixa de fósforos na mão, e o tropa disse que não havia problema.

Virando-se para o penhasco de vedação resistente à escalada, Sam perguntou-se se o Mukhabarat o expulsaria do país. O entusiasmo que sentira nos primeiros dias da sua missão tinha desaparecido, substituído pela sensação agoirenta de que o seu trabalho em Damasco estava a ir pelo cano.

Procter encarregara-o de duas coisas: de matar Ali Hassan e de supervisionar Athena. Ele falhara duplamente.

Em primeiro lugar, Ali. Tinha sido por pouco. Ainda não percebia por que raio o russo corraera atrás dele na rua, ou onde teriam ido, mas, pelas palavras nos lábios do eslavo (“Encontrámo-lo”), sabia que andavam a tentar apanhá-lo. O aviso de Ali e a destruição do seu apartamento queriam dizer que andava em terreno perigoso. Se enfiasse outro dedo no olho de

Ali, era capaz de não conseguir tirá-lo. Ali limitar-se-ia a arrancar-lho. Podia declará-lo *persona non grata*. Ou talvez pior, como o que fizera a Val.

Em segundo, Athena. Mariam. Ela ocultara-lhe qualquer coisa na Toscana. Havia mais de uma semana que não recebiam notícias dela a partir do dispositivo. Havia algo de muito errado. Sam acendeu outro cigarro e observou a bandeira dos Estados Unidos, a agitar-se contra o céu raiado por morteiros. Pensou no protestante que trepara ao telhado para a arrancar. Pensou nos olhos receosos de Mariam em Itália. Lembrou-se da sua promessa.

O seu tempo em Damasco tinha chegado ao fim. Não fazia ideia do que iria acontecer à sua carreira depois daquela noite. Talvez acabasse. Mas sabia o que tinha de fazer.

Apagou o cigarro. Marcou o código para entrar no edifício da chancelaria e desceu os degraus em direção à Estação. Marcando outro código, abriu a pesada porta metálica, tirou a mala da sua secretária e foi até ao gabinete de Procter. Ela estava a gritar com alguém ao telefone, mas, ao vê-lo, desligou. As paredes da embaixada abanaram quando uma salva de artilharia do regime se intensificou. Ele encostou-se à ombreira da porta.

– Eu sei que estou por um fio, Chefe. Se calhar amanhã de manhã falamos com o Bradley e decidimos o que fazer a seguir?

Ela fitou-o e não respondeu à pergunta.

– Cuida da tua agente e arranja informação – disse Procter. – Isso é tudo o que interessa.

Sam assentiu com a cabeça. Saiu da Estação, passou pela garagem e pelos detetores de metais, e deixou o complexo da embaixada. Naquela noite, cumpriria a sua promessa.

*

A partir de um banco do outro lado da rotunda, Mariam observou Sam a sair da embaixada. Tinha de falar com ele sem vigias, sem vigilância. Complicado, porque ela achava que ele seria seguido por um agente do Mukhabarat. Talvez conseguisse passar ao seu lado e dar-lhe a mensagem rapidamente, fingir que estava a passar por ele na rua por acaso. Isso talvez funcionasse. Sabia que ele não ficaria alarmado pela sua presença, que reagiria de forma astuta. Também tinha praticamente a certeza de que a equipa do Gabinete de Segurança não a seguia. Executara os movimentos de França depois de deixar o Palácio.

Sam caminhou ao longo do rio, rumo a Adnan al-Malki, a avenida larga e ladeada de árvores que levava carros e peões até à Praça Umayyad e ao Sheraton. As ruas estavam mais vazias do que era habitual, com os combates e os morteiros a manterem toda a gente dentro de casa. Mariam preferia que houvesse multidões ali, do género que costumavam frequentar

a área. Sentia-se exposta, ali sozinha, a tentar seguir um agente da CIA. Quando Sam atalhou para um passeio remoto ao lado do rio, ela deu-se conta de que não via nenhum agente do Mukhabarat a segui-lo. Estranho. Ele ia 50 metros à sua frente, ainda ao longo do rio, caminhando a passo apressado. Mariam acelerou o passo, amaldiçoando os saltos altos e a sua estupidez. A rua estava pouco iluminada e vazia, a azáfama da embaixada já era uma memória distante.

Então, viu-os. Três homens surgiram por trás de um caixote de lixo, para bloquearem o caminho de Sam. Não era um posto de controlo. Ela sabia o que era. Tirou uma lima da mala, segurou-a contra o pulso para que eles não pudessem vê-la até que fosse tarde demais, e largou a mala no chão. Por sorte, já tinha mandado fora a velha pasta de Atiyah.

Livrou-se dos saltos altos e correu.

*

Sam estacou quando os três homens apareceram no passeio meio destruído. Não tinham fardas que os identificassem. Um tipo corpulento a usar uma *t-shirt* que dizia I ♥ NY tinha um bastão. Os outros dois empunhavam AK-47, um de chinelos de enfiar o dedo, o outro a usar um camuflado. As armas não lhe estavam apontadas... ainda. Ele não percebia o que seriam. Milicianos? Criminosos? Rebeldes? As linhas tinham-se esbatido em Damasco. Não que isso importasse. Viu então as algemas no cinto do tipo com a *t-shirt* de Nova Iorque. Quem quer que fossem, a intenção era sequestrá-lo.

– Boa noite – disse-lhes em árabe. – O que querem?

– Mr. Joseph – respondeu o Nova Iorque. – Precisamos de que nos acompanhe.

Bem, merda, pensou Sam. Sabiam como se chamava. A boa notícia era que o queriam vivo, caso contrário não faria sentido trazerem algemas, por isso talvez tivesse alguma margem de manobra. Não muita.

– Quem são vocês? – perguntou-lhes, ainda em árabe.

– Militares.

Sam olhou de relance para os chinelos do outro homem, depois para a arma, e tornou a fitar os olhos do Nova Iorque.

Este olhou para trás dele. Sam ouviu os passos, o som de pés descalços no pavimento atrás de si. Preparou-se.

*

O *retzev*, dissera Beni em Paris, era um dos princípios fundamentais do Krav Maga. Uma explosão contínua de violência. Ela acelerou, com os pés a arderem no pavimento enquanto expressões confusas se formavam nos rostos de cada miliciano.

Três homens, duas armas empunhadas. Ela tinha de inutilizar as armas.

Eles continuavam espicados, sem saberem como lidar com aquela mulher descalça, elegantemente vestida e de olhar tresloucado que corria na direção deles.

A 20 metros de distância, o que tinha o bastão e a *t-shirt* de Nova Iorque gritou-lhe que parasse. Ela correu mais depressa.

Depois atirou-se a eles com a lima a refulgir e espetou-a no escroto de um dos homens que tinha uma metralhadora, o que estava de chinelos. Este uivou ao mesmo tempo que o sangue lhe ensopava as calças. Ela lançou o braço contra a arma, fazendo-a cair no pavimento, e ele colapsou, agarrado à lima espetada no entrepernas e encolhido no passeio.

*

Sam mal tinha percebido que era Mariam quem saltara para o meio deles quando avançou para o tipo de camuflado, que fitava horrorizado a castração do amigo.

Lançou o punho contra o esterno do homem, mas a mala que levava ao ombro prendeu-lhe o braço e o golpe falhou por uns centímetros. O camuflado deu um passo atrás e começou a erguer a arma. Sam pontapeou o queixo do homem e depois transformou a mão numa garra e lançou-lha à cara, em busca de um orifício. Enfiou-lhe o dedo do meio no olho esquerdo e começou a girá-lo, com as pontas dos dedos a humedecerem à medida que o tipo guinchava, ainda agarrado à arma e a tentar apontar-lha.

O ombro direito de Sam explodiu de dor. Largou a órbita do camuflado e cambaleou. O bastão acertou-lhe no rim direito, uma vez e depois outra. Tentou levantar-se e o Nova Iorque bateu-lhe novamente, desta feita no queixo, gritando algo num tom grave que Sam não entendeu enquanto caía no chão.

*

De joelhos, Mariam agarrou na metralhadora caída e apontou-a ao homem da *t-shirt* que dizia I ♥ NY e que espancava Sam com o bastão. Premiu o gatilho e ouviu o matraquear distintivo da AK-47, vendo as balas a rasgar-lhe a pélvis, as coxas e o joelho. Ele caiu.

O homem de camuflado, agarrado ao olho, cambaleava na direção do pequeno muro de pedra calcária e do mergulho de 15 metros para a margem do rio. Ela disparou contra ele mas tinha a mira demasiado baixa e os projéteis embateram no passeio. Corrigiu a posição e as balas atravessaram-lhe o traseiro, as costas e o pescoço, até um projétil encontrar a base do crânio dele, abatendo-o contra o muro. Mariam manteve o dedo no gatilho enquanto via o corpo balançar por um momento e depois desaparecer para o outro lado, caindo para o rio lá em baixo.

Mariam perscrutou a cena. Milagrosamente, a rua mantinha-se livre de peões. Havia um homem vestido de camuflado na margem do rio, outro de

chinelos a gemer no chão com uma lima espetada no entrepernas. O da *t-shirt* de Nova Iorque estava a tentar rastejar dali para fora, sem grande sucesso. Sam conseguiu levantar-se, a segurar o lado direito do corpo.

Ela pisou invólucros de projéteis ao caminhar até ao homem de chinelos agarrado ao entrepernas. Tinha arrancado a lima, mas tinha as calças ensopadas de sangue.

– Quem é que vos enviou? – perguntou ela, com o cano apontado à cabeça dele.

Queria que ele lhe dissesse que eram rebeldes ou ladrões. Isso seria bom. Não deixaria de ser uma trapalhada, mas eles não saberiam que Sam era da CIA, nem poderiam associá-la aos norte-americanos.

O dos chinelos não queria discutir.

– Basil Mahkluf. Somos milicianos. – Ele fez um esgar, em busca de oxigénio para acabar a frase. – Viemos para prender o americano.

Ela desviou o olhar. Depois carregou no gatilho e sentiu algo a esguichar-lhe para os pés.

– São da milícia oficial – disse ela em inglês a Sam.

Reparou que estava a bater os dentes, embora a noite estivesse abafada. Cerrou o maxilar e depois apontou a arma ao Nova Iorque, que continuava a rastejar. Premiu o gatilho até ele parar de se mexer.

Havia muitos carros a buzinar no caminho de regresso à embaixada, mas Mariam não os ouvia.

*

Qualquer que fosse o ângulo por onde se olhasse, a situação era má: três milicianos sírios mortos, um agente da CIA ferido e uma espia que, inexplicavelmente, aparecera durante o ataque. Milagrosamente, o passeio continuava livre de peões e de polícias, mas isso não duraria, tendo em conta o tiroteio. Sam não fazia ideia do que levava Mariam a ir ali. Aquilo ia contra todas as regras de segurança que tinham discutido em França.

Mariam correu para recuperar a mala e os sapatos. Sam limpou as impressões digitais da arma e pegou na lima. Olhou para o morto caído junto ao rio. Espreitou a sua própria mala e verificou que tinha um dos telemóveis descartáveis lá dentro. Enviou uma morada a Elias. A mensagem terminava com quatro pontos finais, sinalizando que se tratava de uma emergência.

Mariam tirou um toalhete da mala e esfregou os salpicos de sangue do rosto e do pescoço. Voltou a enfiar a blusa dentro da saia e prendeu o cabelo. Esfregou os olhos, que estavam com tremores. Sam deu-lhe a morada.

O telefone dele vibrou. A mensagem dizia: *OK. 10 minutos.*

– Não podemos ir juntos – disse ele. – Tu vais para Rawdah. É a RDV mais curta do mundo, apanhamos-te daqui a dez minutos.

- Onde vamos?
- Para algum sítio onde possamos falar.

*

Os fundos atribuídos aos Banditos tinham servido para adquirir um apartamento espartano no extremo norte de Malki, aninhado no sopé do Monte Qasioun. Havia um quarto com um colchão no chão, embora sem lençóis; uma pequena cozinha, onde não faltava sopa enlatada; e, à entrada, uma mesa de jogo com uma única cadeira de metal. As luzes no teto vacilavam. Cheirava a desinfetante com amoníaco e a naftalina. A contar com *blackouts*, os Banditos tinham várias lanternas de campismo a pilhas ao longo da parede do quarto.

Elias enviaria uma nova mensagem dali a duas horas e levaria Mariam quase até casa, o suficiente para evitar postos de controlo, mas não até à porta do prédio. Apesar do ar miserável, Sam teria adorado passar tempo com Mariam ali. Mas mesmo duas horas já era abusar da sorte. E se Mariam estava a ser vigiada – como ele sabia que estava –, uma ausência prolongada daria azo a perguntas das pessoas que a monitorizavam.

Sentaram-se no colchão virados um para o outro. As luzes tornaram a fraquejar e apagaram-se. Ele ouviu artilharia e acendeu uma das lanternas.

- Porque é que estavas ali? – perguntou-lhe.
- Tinha de te contar uma coisa.

Ele quase lhe gritou: *Porque é que não usaste o dispositivo que te demos?* Mas já sabia porquê – era por isso que se sentia simultaneamente traído e seguro da lealdade dela –, embora isso em nada contribuísse para acalmar a sua frustração. Já sem confiar no seu próprio juízo, lembrou-se de Procter (“Arranja informação”). Fitou-a de olhos semicerrados.

- O quê?

– Ouvi o Rustum dizer à Bouthaina a localização de outra unidade de produção de gás *sarin*.

- Onde é?
- Wadi Barada.
- Como descobriste isso?

– Ouvi-os falar. Estava na casa de banho dela. Tinha acabado de pôr a pasta no gabinete de Atiyah. Eu... – Ela começou a chorar.

Por aquela altura, os sírios já sabiam do tiroteio, associando Sam aos homicídios. Poderiam matá-lo, se o encontrassem. Ou talvez o detivessem e submetessem a um julgamento, para *depois* o matarem. Ele teria de passar a informação a Langley naquela noite.

- Quem é que tem o dispositivo, Mariam?

Ela olhou diretamente para ele, com os olhos a arder.

– Lamento tanto, *habibi*, lamento tanto, tanto. – Ela soluçava e levava as mãos aos olhos. – Perdoa-me, por favor, perdoa-me.

– Quem é que o tem?

Ela chorava.

– Desculpa, *habibi*, desculpa, desculpa.

– Onde é que está?

Ela levantou a cabeça, com o rosto molhado e corado.

– É o Ali Hassan que o tem. Levaram a Razan, Sam, foram ao meu apartamento e prenderam-na na noite antes de eu ir para Itália. O Ali Hassan usou-me contra ti, *habibi*, lamento tanto, tanto.

Ele já o esperava, e julgava que ia ficar zangado quando ela confessasse. Em vez disso, estava triste. Triste por ela não lhe ter contado em Itália, quando ele e Procter poderiam tê-la ajudado. Poderiam tê-la tirado dali. Agora estavam os dois presos em Damasco e ele não sabia se saíam daquela embrulhada com vida.

– Sabes o que é que eles queriam do dispositivo, ou de mim? – perguntou Sam.

Ela estava a tremer, a limpar manchas de maquilhagem com as mãos e a molhar pingos de sangue seco da luta que tinham escapado à limpeza apressada. Agora, na quietude daquele apartamento esqualido, ele via-a realmente pela primeira vez desde Itália. O rosto dela estava encovado, destruído. Tinha olheiras escuras. Roía uma pele de um dedo já em carne viva.

– Não me deram pormenores específicos, o Ali só disse que andavas a encontrar-te com um traidor e que tinham de o encontrar. Pergunto-me se será a mim que querem.

Ele pousou delicadamente a mão nos dedos dela, afastou-lhos da boca e segurou-lhe a mão.

– O que lhes deste, para além do dispositivo?

– Informações básicas, sobretudo. Falei-lhes da Procter. – Mordeu o lábio. – E da casa segura aqui em Damasco. Eles disseram-me para entrar em contacto contigo. Sabiam que te tinha conhecido na festa em Paris. Ali queria que operasse contra ti. Queriam o dispositivo.

Sam fez o inventário: um dispositivo de comunicações clandestinas de última geração e uma casa segura fundamental queimados, uma espia síria tida em altíssima conta a ser a fuga. A Contrainformação ia perder a cabeça.

Começou a andar de um lado para o outro. Mais disparos de artilharia na montanha. A eletricidade voltou. Passados uns segundos, o apartamento tornou a escurecer.

– Porque é que me seguiste esta noite?

– Ouvi a informação e soube que precisavas dela. E não tinha como te contactar.

– Executaste a operação de Atiyah? A pasta foi trocada?

A Estação não tinha notícias dela desde o regresso de Itália.

– Sim. Mas não te disse porque não tinha o dispositivo.

– Contaste a Ali acerca da operação de Atiyah, ou do computador de Bouthaina?

– Não. Sou leal. Lutamos juntos.

– Eu sei que és, *habibti*, eu sei.

Ele sentou-se. Ela encostou a cabeça ao ombro dele e chorou. Tinha traído a CIA, tinha traído o acordo que haviam feito em França, tinha-o traído a ele. Mas Sam sabia que ela estava a dizer a verdade. Ela arriscara tudo ao matar os milicianos. Noutra vida, noutro mundo, teriam assentado juntos nalgum lugar. Em vez disso, estavam em Damasco com bilhetes para a primeira fila para assistirem à descida da cidade aos infernos. Ele poria de parte a zanga e a tristeza. Concentrar-se-ia na única coisa que podia controlar naquele momento. Iria protegê-la.

– Eles libertaram a Razan? – perguntou.

Ela abanou a cabeça, cerrando o maxilar, de olhos fixos na lanterna.

– Ainda não – respondeu. – O Ali Hassan é um mentiroso.

A mente de Sam operava rapidamente, a ponderar responsabilidades e jogadas potenciais. Protege a tua agente. Mantém a tua promessa.

– A única forma de te proteger – disse ele –, é dar a Ali exatamente o que ele quer.

*

Delinearam o plano sentados um de frente para o outro no colchão.

– Para o caso de algo falhar, vamos precisar de uma forma de falar, nem que seja por uns segundos – disse ele no final. – Vou dizer ao Elias que te dê um telemóvel descartável quando te levar a casa.

Enviou uma mensagem aos Banditos. Deu-lhe o número do seu telemóvel descartável.

Não precisava de ver as horas, porque já sabia: tinham 25 minutos até Elias chegar para levar Mariam.

Sam passou para a cozinha, onde ela não o ouviria, e telefonou a Procter. Explicou-lhe o ataque, mas não lhe disse onde estava.

– Está na hora de te tirarmos daqui. Esta festa acabou – disse ela.

Ele não fazia ideia de como lhe explicar o seu passo seguinte, pelo que se limitou a dizer:

– Tens de passar esta informação ainda esta noite, Chefe. Informação de Athena: o *sarin* está em Wadi Barada. Subfonte confirmada.

Desligou e inspirou profundamente. Mesmo que conseguisse fazer aquilo, não tinha a certeza de que enfrentar Procter e as altas instâncias da CIA fosse muito melhor do que um julgamento sírio. No fim, a única diferença seria ter ou não uma estrela na parede.

Mariam estava no colchão quando ele voltou. Deitou-se ao lado dela.

– Por favor, perdoa-me, *habibi* – disse ela vezes sem conta enquanto ele encostava a testa à dela.

Ficaram em silêncio durante vários minutos até sintonizarem a respiração. Ele beijou-a.

Mariam limpou os olhos e manteve o olhar fixo no dele enquanto lhe desabotoava a camisa. Ele fez um esgar quando a manga lhe puxou o ombro.

– Esta é capaz de ser mesmo a última vez, *habibi* – disse ela.

– Eu sei – disse ele. – Mas costumamos enganar-nos.

Rustum ia a ruminar numa litania de vinganças quando entrou no quartel-general do Gabinete de Segurança Nacional na manhã quente e soalheira de 18 de julho.

A lista só cresceria à medida que o dia avançava.

Aquelas malditas reuniões eram cansativas. O Presidente tinha estabelecido um grupo, presidido pelo seu irmão mais novo, para centralizar o esforço dos serviços de contrainformação durante a guerra. O aspeto cómico das reuniões era que estas tinham de acontecer fora do Gabinete de Segurança, pois o velho quartel-general de Ali não tinha uma sala de conferências suficientemente grande para receber toda a gente. Mas, sem contar com esse golpe no ego do irmão, Rustum achava as reuniões cansativas, pois muitos dos seus camaradas eram burocratas fastidiosos. Nada faziam para além de falar.

– Comandante, preciso de um momento – ouviu ele uma voz familiar a chamá-lo quando entrou no edifício. Basil estava no átrio à sua espera. Rustum afastou-se com ele.

– Já o têm? – sussurrou Rustum. O quartel-general da Agência de Segurança Nacional não era o local para terem aquela conversa.

– Houve um incidente ontem à noite com a milícia.

– Um incidente? Sê claro, Basil – retorquiu, chamando a atenção de um transeunte.

– Os homens enviados para prender o agente da CIA morreram – disse Basil. – Ele matou-os e fugiu.

Rustum ficou estupefacto. Alguém lhe fez continência, mas ele ignorou-o.

– Encontrámos os corpos de manhã cedo – prosseguiu Basil. – Alvejados perto do rio. Um esfaqueado no pénis. Outro atirado para a margem do rio, com um olho arrancado.

– Esfaqueado no pénis?

– Sim.

– *Haywaan* – resmungou Rustum. Animal. Sentia a tensão arterial a subir. – Encontrem-no.

– Estamos a procurar em toda a parte, comandante. – Uma pausa. – E se o encontrarmos?

– Vivo. Se possível.

*

Enfurecido, Ali entrou na sala de conferências e sentou-se à cabeceira da mesa. Tinha preparado um plano de trabalhos para aquela reunião, mas tornara-se inútil, porque a única coisa em que conseguia pensar era a raiva violenta que sentia em relação ao seu sádico irmão e a Basil, o carrasco às suas ordens. Volkov, por norma estoico, ficara apoplético ao saber que Ali nem aprovara, nem sequer tivera conhecimento do cancelamento da vigilância ordenado por Rustum na noite anterior. Ao ouvir a notícia, o russo atirara uma caneca de cerâmica contra a parede do centro de comando do Gabinete de Segurança, e a sujidade líquida confirmava a sua raiva, pois era constituída por pelo menos meia caneca de *Zhuravli*, o seu vodka de eleição para as manhãs. Quanto a Ali, sugara dois cigarros enquanto via um dos russos a limpar aquela porcaria.

A caça a Samuel Joseph tivera então início, com todas as agências de segurança – as 17 – a serem informadas e instruídas a tornarem-na prioridade. Ali liderara pessoalmente o raide ao apartamento do norte-americano. Tinham revistado a casa segura que ele proporcionara a Mariam Haddad. Ali convocara Mariam para a interrogar. Os guardas fronteiriços tinham sido colocados em alerta. Os norte-americanos tinham sido oficialmente informados numa reunião tensa que, segundo Ali ouvira, acabara com o adjunto do ministro dos Negócios Estrangeiros da Síria a rogar pragas ao embaixador dos EUA. E, não obstante, continuavam sem encontrar Samuel Joseph.

Ali fez sinal ao rapaz que servia o chá enquanto ia remexendo nuns papéis. Nunca conseguia lembrar-se do nome dele. O rapaz contornou a mesa a empurrar um carrinho a ranger. Tentou servir-lhe uma chávena, mas entornou grande parte para o pires e para a bandeja.

– Peço desculpa... peço desculpa, general – balbuciou ele, a limpar as laterais da chávena.

– Não faz mal – disse Ali, a pegar no chá. – Dá-me só um guardanapo... lembra-me outra vez como te chamas.

– Jibril, meu general.

– Bem, Jibril, passa-me aquele guardanapo.

Porém, o rapaz não o ouvia. Estava a fitar a porta, boquiaberto. Ali virou-se.

O Presidente Assad entrou. Era sempre convidado para a reunião, mas nunca participara. Ali levantou-se para lhe dar um aperto de mão e afastou-

se, cedendo o seu lugar central ao Presidente, que começara a cumprimentar cada um dos funcionários à mesa.

Rustum ocupou o seu lugar à direita de Assad e ignorou Ali, que se inclinou para o irmão mais velho.

– Sei que tentaste matar o americano ontem à noite. Tem-lo detido, ou os teus homens fizeram mesmo asneira da grossa?

– Achas que matei três milicianos só para te despistar, mano mais novo? Para te levar a pensar que ele escapou, quando na verdade o apanhei?

– Não te julgaria incapaz disso, mano mais velho.

Rustum sorriu.

– Vai-te foder, mano mais novo, não sei o que lhe aconteceu ou onde é que ele está.

O Presidente chegou a Rustum e apertou-lhe a mão antes de se sentar. Ajeitou a gravata e acenou com a cabeça a Ali para que ele desse início à reunião.

– O nosso objetivo hoje é encontrar o norte-americano Samuel Joseph – disse Ali ao grupo, com o olhar a desviar-se para o carrinho de chá a ranger enquanto Jibril acabava de servir o ministro dos Negócios Internos e se aproximava. Assad acenou a Jibril, e o carrinho rangeu sonoramente enquanto ele o empurrava até ao espaço entre Ali e o Presidente. Ali parou de falar, porque todos os olhos na sala estavam fixos no carrinho barulhento. Jibril tentou servir o chá, mas entornou-o e o líquido quente escorreu das laterais da chávena do Presidente para a mesa.

– Raios – exclamou este, a afastar-se num esforço vão para que não lhe caísse nas calças. Fitou Jibril, que procurava desenfreadamente um guardanapo na bandeja. O miúdo estava a ter uma manhã muito má. Parecia doente. – Não tens guardanapos nesse carrinho, rapaz? – perguntou o Presidente a apontar para a parte de baixo do carrinho, tapada por uma toalha.

– Eu... eu... tenho de ir buscar, Sr. Presidente.

Jibril começou a afastar-se, deixando o carrinho entre Ali e o Presidente.

– Rapaz – rosnou-lhe Rustum –, leva o carrinho para o outro lado da mesa para não ficar no caminho.

Jibril olhou para o Presidente e depois para Ali, que via suor a começar a formar-se no sobrolho do rapaz. Ali recomeçou a fazer um resumo da situação enquanto o carrinho se afastava a ranger. O rapaz deixou-o entre o ministro da Defesa e Turkmani, na outra ponta da mesa. Viu Jibril a fitá-lo enquanto saía da sala. Havia algo estranho. Ali tinha parado de falar e olhou para os seus papéis, com dificuldade em concentrar-se.

– General Hassan – disse o Presidente. – Por favor, tente continuar. Também tenho os ouvidos a tinir por causa daquele maldito carrinho.

Assad enfiou um dedo na orelha e girou-o, a rir.

Ali ouviu um ligeiro apito. Depois sentiu o calor, o corpo coberto por uma luz quente que ofuscava a sala. Em seguida, a sensação de estar a girar, sem peso, nas profundezas de uma piscina, à medida que os seus braços e rosto ardiam e que o fumo lhe enchia as narinas. Uma perna arrancada passou-lhe em câmara lenta pelo campo de visão enquanto ele dava outra pirueta. Então, novamente a rodopiar, entreviu um buraco fumegante e rasgado no chão – ou talvez fosse no teto – e, à medida que o mundo se imobilizava e que os contornos ganhavam nitidez, com as rotações a abrandar, tudo o que ouvia eram grunhidos, guinchos, gemidos e respirações desesperadas e carregadas.

Finalmente, ouviu um arquejo estrangulado do Presidente:

– *Ya Allah*. Meu Deus.

Deu por si sentado contra a parede, vários metros atrás da cadeira. O Presidente estava caído atrás da sua própria cadeira, de cabeça erguida e a mexer-se. Ali olhou para baixo e viu que as suas pernas continuavam ali, intactas. Levou um dedo a uma delas. Sentia a pressão. Tentou mexer um dedo do pé. Conseguiu.

Olhou em redor da sala, a tossir fleuma. Havia pedaços de carne enegrecida pelo chão. O outro lado da mesa desaparecera. Os ladrilhos do teto tinham-se desintegrado, deixando um buraco lá em cima. Ele não via para o outro lado da mesa, mas à sua direita estava Rustum, a rastejar na sua direção, apoiado nos cotovelos.

Assad levantou-se, de olhos desvairados, e tornou a cair, a arfar no meio do fumo. Ali descobriu que conseguia pôr-se de pé. Cambaleou até ao Presidente e ajudou-o a levantar-se. Rustum também se pôs de pé, apoiando-se na parede. Ali olhou em redor e os olhos do ministro da Defesa reviraram-se furtivamente, como que a perguntar para onde teria ido a parte de baixo da sua cabeça.

*

Uma hora depois, Ali estava no Palácio com Rustum e Assad. O Presidente tinha uma venda a cobrir-lhe o olho direito e ligaduras para as queimaduras nos braços e no peito. O médico fizera questão de que Rustum usasse um colar de espuma. Milagrosamente, Ali sofrera apenas pequenos cortes no rosto. Ainda não telefonara a Layla. Não sabia o que dizer. Perguntou-se se estaria em choque.

Assistiram a um noticiário na Al Jazeera enquanto esperavam pela audiência de Jibril com o Presidente. O rapaz fora apanhado a tentar fugir do edifício depois da explosão. Na televisão, Zahran Alloush, o senhor da guerra de Douma, reclamava a autoria do ataque bombista e dizia que era o início de uma ofensiva para conquistar a capital. Assad atirou o comando contra o televisor, rachando o ecrã e acabando com a transmissão. Ali pousou a cabeça entre as mãos. Todos ficaram em silêncio.

Então o chefe da segurança presidencial abriu a porta do gabinete. Jibril, algemado, marchava à frente, suado e cheio de hematomas, com os olhos arregalados de choque, provavelmente por tanto Ali como o Presidente continuarem vivos.

Tudo o que Ali queria era ir para casa, estar com Layla e os filhos, mas ali estava ele, sem poder sair do Palácio, a ter de assistir a ainda mais miséria. Detestava aquilo. Detestava-se a si mesmo. Jibril fitava o chão.

– Olha para mim, rapaz – disse Assad. Jibril estremeceu. O Presidente deu mais um passo na sua direção. – Disse-te que olhasses para mim, rapaz.

Jibril levantou a cabeça. O Presidente cuspiu-lhe nos olhos. Depois esbofeteou-o. Jibril começou a chorar. Ali desviou o olhar.

– O meu pai não passou três décadas a construir a Síria para que escória traidora como tu a destruísse durante o meu reinado – disse Assad. – Este país tem de ser governado a pontapé, com a força da espada, da arma, compreendes? Não pode haver liberdade em Suriya al-Assad, precisamente por causa de criaturas como tu. Tu, rapaz, és o caos que a minha família contém há décadas. É por tua causa que eu luto, que o meu governo nunca se renderá. A Síria é minha, rapaz, não tua.

Assad fez sinal ao chefe de segurança, que arrastou o rapaz dali para fora.

– Comece agora – disse Assad a Rustum.

Rustum assentiu com a cabeça e arrancou o colar ortopédico enquanto descia as escadas depois de sair do gabinete de Assad.

– Encontre o americano – disse o Presidente a Ali.

*

Kanaan levou Ali de volta para o Gabinete de Segurança e, à medida que avançavam pelo trânsito – seis postos de controlo –, ele ia observando os *MiG* sírios a sobrevoar e os Guardas Republicanos tensos e perguntou-se se seria desta. Telefonou a Layla.

– *Habibti*, tu e os meninos estão em casa?

– Sim. O que se passa?

– Houve um atentado ao Presidente durante a nossa reunião. Eu estou bem. Outros não. A Guarda está a preparar uma ofensiva.

– O que devemos fazer? – A voz dela estava trémula. Ele ouvia Sami a gritar ao fundo.

Ali considerou as opções:

Fugir. Má ideia, com postos de controlo dos rebeldes a surgirem por toda a cidade, e Rustum sem dúvida a encerrar o aeroporto.

Escondermo-nos. Também é má ideia. Se um ou outro lado me encontra, morro.

Lutar. A melhor opção por ora. Uma possibilidade de sobrevivência.

– Fiquem onde estão. O centro da cidade continua seguro, *habibti*. Vou

para o escritório. Vou para casa assim que puder.

Ao chegar ao edifício, Ali passou pelo centro de comando russo a caminho do seu gabinete. Viu Volkov, com um sorriso triunfante no rosto carnudo. Tinha uma nova caneca cheia de vodca e uma folha na mão.

– General, o próprio Presidente Putin incumbiu-me de lhe passar esta informação. Como dizem os americanos, acaba de sair das pressões – disse Volkov enquanto se sentavam.

Ali ia corrigir-lhe a expressão, mas deteve-se. Sabia-se lá quanta vodca o homem já emborcara.

Volkov continuou.

– Tivemos sorte em Washington. Uma das fontes que temos num dos lugares mais importantes recebeu uma informação interessante ontem à noite.

Volkov deslizou a folha sobre a mesa.

Tinha marcas, como o resto da informação (TS//HCS//OC REL ISR) e era muito concisa. Apenas cinco linhas de texto, incluindo a descrição da fonte. O texto não interessava, só o título:

*

“LOCALIZAÇÃO DE RESERVAS DE GÁS SARIN DA GUARDA REPUBLICANA EM DEPÓSITO DE WADI BARADA.”

*

Ali achou que ia desatar a rir ou a chorar, não sabia bem qual. Wadi Barada. As instalações indicadas a Bouthaina.

*

Encontrou o irmão no gabinete, com seis adidos boquiabertos à sua volta enquanto ele gritava com alguém pelo telefone para que preparasse os mísseis e os lança-granadas da nação. Quando Ali entrou, Rustum virou todo o corpo para olhar para ele, pois não conseguia mexer o pescoço. Tinha um olhar selvático e Ali viu que ficara com o bigode chamuscado. Não tinha reparado nisso no Palácio.

Ignorando-o, Rustum continuou a gritar ao telefone e foi até um mapa, apontando para coordenadas em Douma. Desligou o telefone com estrondo e fez um gesto enlouquecido com o braço direito para que Ali se sentasse, com um esgar de dor ao mesmo tempo. Mandou embora os adidos.

– Porque é que estás aqui?

Ali deslizou o relatório dos russos pela mesa.

– O SVR enviou-te uma cópia, mas calculei que estivesses demasiado ocupado para a leres.

O seu irmão mais velho fitou o relatório durante bastantes segundos,

como se imaginasse que o título poderia mudar. Depois inspirou profundamente e deixou cair a cabeça. Pousou o papel na secretária.

– Eu trato disto. Sozinho.

Ao início, Ali considerara prender Bouthaina, mas sabia que não poderia levar a sua avante, não daquela vez. Ela estava acabada.

– Sim. Tu trata, mano mais velho.

O documento russo abriu um buraco de verme no cérebro de Rustum. Hama. Fevereiro de 1982. Tinha embarcado num helicóptero de combate em Damasco e voador, perscrutando os matagais rebeldes lá em baixo, com o vento a revoltear-lhe o cabelo, de metralhadora táctica na mão, preparando-se para recuperar a cidade casa por casa. Em Damasco, gozavam acerca de *kus* e jogavam às cartas, mas agora ele e os seus rapazes iam calados, a voar a baixa altitude, observando agricultores que apontavam para os helicópteros, provavelmente, a prepararem-se para informar os terroristas da Ikhwan da chegada do governo. Em Hama, tinham entrado de supetão no apartamento, correndo para o meio da voragem. A atirar granadas, a esconderem-se para retribuir fogo, com a raiva a aumentar a cada camarada abatido. No apartamento, tinham virado as metralhadoras táticas contra a família ali encolhida antes de lhes arrancarem os escalpes.

Rustum emergiu do buraco de verme na casa de banho da sua casa de campo em Bloudan, um helicóptero a zumbir lá fora, a metralhadora de combate apontada a Bouthaina, o relatório do SVR atirado ao seu corpo esbelto na banheira ostentosa, a que tinha patas de urso de ouro. O papel flutuou na espuma. Ela pegou-lhe, a tremer. O apartamento de Hama era miserável, estava varado de buracos de bala e tresandava a morte. Aquela divisão parecia limpa, tranquila, refinada. Ele focou a visão e viu Bouthaina a tentar ler o papel, já empapado e ilegível.

– O que é isto, *habibi*? – gaguejou ela.

Deslizou para trás na banheira. A afastar-se. Tentavam sempre recuar. Qualquer coisa para escapar. Rustum via agora a sua casa de campo, a namorada a tomar banho, parecendo ignorar o caos que sufocava a capital. Ele agarrou a metralhadora com mais força e viu o relatório do SVR a afundar-se entre as bolhas.

– É a tua sentença de morte – disse ele.

Apontou-lhe a arma à cabeça. Bouthaina gritou. Então, Rustum

carregou no gatilho.

*

Voltou a Damasco, um pouco nervoso depois do assassinio, e deparou-se com Daoud Haddad sentado no seu gabinete, como ele achava que tinha requisitado.

– Daoud, sente-se – disse Rustum ao general já sentado. Depois explicou-lhe em termos gerais porque necessitava da experiência do Ramo 450, referindo-se com frequência à Guarda Republicana como as Companhias de Defesa, predecessoras da Guarda, uma unidade militar já defunta de que Rustum fizera parte nos anos 1980, quando era um jovem tenente.

Rustum explicou que o gás, Daoud, é a única forma. O único tratamento para vermes em túneis, o único terror suficientemente forte para os fazer pousar as espadas.

– Atacaremos tão depressa quanto possível – disse. – Os da Ikhwan, esses terroristas nos seus ninhos de ratos, vamos gaseá-los como ratos.

Rustum remexeu na gaveta da sua secretária e tirou de lá uma faca grande, que espetou no mapa afixado na parede. Diretamente em Douma. Cuspiu para o mapa e saliva escorreu pela autoestrada M5, de Alepo a Homs.

Rustum virou-se.

– Bom, Daoud – disse ele, arrancando-se ao cemitério da sua imaginação. – Temos a questão da experiência do Ramo 450. Recebemos ordens do Presidente para darmos início a um ataque de retaliação contra os terroristas, usando as nossas reservas químicas. Os meus homens estão a virar mísseis balísticos para os locais, na sequência desta ordem, que lhe transmito na qualidade de diretor recém-promovido do Ramo 450. – Fez a folha deslizar por cima do tampo da secretária.

– Verá nesta ordem as bases aéreas em que faremos a mistura e o carregamento – disse Rustum.

– Não temos quantidades suficientes nas nossas reservas, comandante – disse Daoud, a ler o relatório. Não para uma operação desta magnitude.

– Produzimos várias toneladas de gás *sarin* num lugar chamado Jableh, e todas foram transferidas para um búnquer próximo quando o lugar foi descoberto pelos norte-americanos e pelos sionistas. Os meus homens fizeram distribuições aproximadas dos componentes binários e enviaram-nos para os locais de lançamento da ordem que acabo de lhe entregar. Gostaria que supervisionasse pessoalmente os preparativos.

– Qual é o prazo?

– Amanhã de manhã.

– Sim, comandante.

Daoud levantou-se e virou-se para se ir embora. Esgaravatava o

pescoço enquanto o fazia.

– Ah, e Daoud. Embora a sua filha rebelde esteja atualmente sob nossa custódia, considero-o um servidor leal. Não me desiluda. Pelo bem dela.

Tal como muitos outros sírios nesse dia, Mariam perguntava-se se aquilo seria o fim. Os postos de controlo da milícia tinham proliferado, saqueadores percorriam as ruas e os rebeldes davam entrevistas na Al Jazeera, a proclamar os últimos dias do regime. Ela estava constantemente a ouvir disparos de artilharia e sirenes.

A meio da tarde, a milícia de Zahran Alloush rompeu o cerco de Rustum e enviou grupos armados para o centro da cidade. Um batalhão inteiro da Guarda Republicana desertou, segundo um relatório da Reuters que ela lera na Internet.

Bouthaina fora para o palácio de prazer de Rustum em Bloudan, o que deixava Mariam responsável no Palácio. Ela tinha enviado a equipa para casa depois da explosão, dizendo-lhes que ficassem à espera, por ora.

O seu telemóvel tocou e ela viu o nome de Amina, uma das assistentes de Bouthaina.

– Mariam, ela morreu, morreu – guinchou Amina assim que Mariam atendeu.

– Quem é que morreu? O que aconteceu?

– A Bouthaina, Mariam. Na banheira. Na banheira, Mariam. – Mais guinchos, o som de pás de helicóptero a girar. Amina gritou algo incompreensível. – Um tiro, do Rustum – ouviu-a Mariam dizer, por fim. Depois, gemidos.

– O Rustum?

– Sim. Ele chegou de helicóptero, entrou, alvejou-a e foi-se embora. Eu estava no escritório. Encontrei o corpo. Oh, Mariam, foi... ela ficou sem cara, a banheira está cheia de... – Amina estava novamente a gritar e Mariam não entendia o que ela dizia. A jovem gaguejava e gemia e mencionava qualquer coisa acerca de um papel que tinha encontrado na banheira.

– Um papel? – perguntou Mariam.

– Sim, vi palavras inglesas mas não consegui perceber muito, tinha

umas marcas estranhas e estava muito molhado e o meu inglês não é tão bom como o teu e...

Mariam interrompeu-a, de súbito a sentir muito frio.

– Tu fica aí, que as estradas não estão seguras. E destrói o papel. Entendido?

– E se ele volta, e se o monstro volta? – perguntou Amina.

Mariam pensava na informação que tinha passado a Sam. Wadi Barada. Um único local, mas proviera dos lábios de Rustum, para Bouthaina. Mariam passara-o à CIA. E depois Rustum matara Bouthaina. Já não havia coincidências na Síria. Ela não conseguia inspirar ar suficiente. Sentia-se tonta. Se calhar ia vomitar.

– Vais ficar bem – disse a Amina. – Ele não vai voltar. Já fez o que tinha a fazer. Mas, Amina?

A jovem gemia.

– Amina? – chamou-a Mariam novamente, elevando a voz.

– S...s...sim, Mariam? – gaguejou ela.

– Não contes a nenhum dos soldados que viste quem assassinou a Bouthaina, compreendes?

A jovem desligou, a balbuciar. Mariam foi à casa de banho e vomitou.

*

Agora estava sentada na cama, à espera de pôr o plano em andamento. Ou de que Ali Hassan a levasse. Ou de que Jamil Atiyah a matasse. Ou de morrer num ataque de morteiros. O que quer que sucedesse primeiro.

Ouviu o matraquear de disparos do lado de fora da janela. Olhando para baixo, viu um homem de máscara a correr pela rua com uma caixa ao ombro. A pilhagem começara. O guarda-costas que tinha sido incumbido de ficar à porta do seu apartamento desaparecera. Cobarde. Ela fechou as persianas. Arrancou um pedaço de pele do dedo com os dentes.

Deu um salto quando alguém bateu à porta. Ao abri-la, deparou-se com a figura arruinada do tio Daoud. Já não usava as ligaduras do atentado, mas parecia mais destroçado do que nunca. Ela disse-lhe para entrar. Ficaram sentados na sala de estar, a ouvir o guinchar dos motores a jato e o estrondo dos disparos de morteiros, e ela serviu chá de limão como se aquilo fosse uma visita normal.

O uniforme de Daoud estava húmido, encharcado debaixo dos braços. Ele tinha suor acumulado na ponta do nariz, que caía na chávena de chá a tremer enquanto bebericava.

– O que se passa, tio? – perguntou-lhe.

– Teria telefonado ao teu pai – disse Daoud. – Mas não tenho conseguido apanhá-lo.

Ele fez um esgar e o peito dela comprimiu-se com uma dor surda, como uma mão a pressionar-lhe os pulmões. Ela assentiu com a cabeça.

– Vou trabalhar para uma base aérea, talvez já esta noite. Não sei como dizer isto, para além de que acho que talvez não volte.

Ela tinha vontade de rir e perguntar: *Está a gozar?* Mas sabia que não estava.

– O que está a acontecer? – foi tudo o que conseguiu dizer.

Daoud pousou a chávena e passou uma mão pelo cabelo, perdendo vários fios nesse movimento. Esfregou-os nas calças.

– Eu disse-te uma coisa na festa de noivado do teu primo, que já parece ter sido há uma vida. Disse-te que serias sempre um membro dos conselhos de guerra.

– Eu lembro-me, tio. Senti-me honrada. Sinto-me honrada.

– Não posso dizer-te porque é que talvez nunca regresse, mas preciso de que faças duas coisas, como membro do conselho. Lamento pedir-te isto.

Mariam viu os olhos tresloucados do tio. Não queria ouvir o que ele tinha para dizer, mas respondeu:

– Diga-me, tio.

– Preciso de que me prometas que vais cuidar da Razan e garantir que a libertam. Se eu não voltar, poderá haver... – Ele parou e coçou a ferida no pescoço. Então terminou. – Perguntas. Perguntas incómodas.

– Prometo – disse ela. – Claro, tio. – O rosto dele animou-se, apenas um pouco. – Qual é a segunda coisa, tio?

Daoud tirou do bolso uma folha de papel, molhada, desgastada e a tremer nas suas mãos.

– Está a acontecer uma coisa de que tu deves ter conhecimento. Uma coisa tão cruel que tenho vergonha de a mencionar. Mas, se eu te der este papel, ficarás *implicada*. Terás escolhas a fazer.

– Porque é que está a dizer-me isto, tio?

– Fazes parte do conselho de guerra, não? E o que é isto, senão uma grande guerra? Queres o papel?

Eu não fiz nada.

Ela assentiu com a cabeça. Ele deslizou-o para ela, colocando-o debaixo da chávena de chá dela, e levantou-se para se ir embora.

– Escrevi tudo o que podia. Tudo o que sei.

À porta, abraçou-a, e ela deu por si a chorar. Quando a viu chorar, também ele começou a verter lágrimas.

– O teu pai – disse ele –, estaria orgulhoso de ti. Qualquer que seja o papel que a minha informação tenha nisto, por favor, quando for a altura certa, diz à Razan que o seu próprio pai se ergueu para fazer a diferença. Que, no final, de alguma maneira, a vinguei. Dizes-lhe isso, por favor, Mariam?

Ela não conseguia falar, limitou-se a assentir com a cabeça com uns olhos sombrios e assustados.

Ele virou-se para se ir embora mas depois deu meia-volta.

– Há cinco locais no papel que te dei. Seria melhor se fossem destruídos esta noite ou amanhã de manhã.

– Mas, tio, como...

Ele ergueu uma mão e sorriu, com o rosto mais aligeirado. Tinha tirado um peso do corpo.

– Não há necessidade, Mariam. Estou a dizer-te isto por mim, pela minha alma.

*

Ela fechou a porta.

Leu o papel.

Tornou a vomitar.

Desejava ter uma forma melhor de o contactar.

Telefonou a Sam do telemóvel descartável.

Contou-lhe tudo, rapidamente.

Sentiu um aperto invisível a libertar-lhe o peito.

E, no entanto, ainda faltava fazer tudo.

Sam achava que aquela devia ser uma das mensagens mais calamitosas enviadas por um espião à CIA. Tinha vontade de correr para a Estação. Mas ele e Mariam tinham mais trabalho a fazer. Pegou no telemóvel descartável e telefonou para a embaixada. Um dos funcionários consulares atendeu.

– Diga às pessoas do piso de baixo que telefonem para este número a partir de um telefone descartável. Faça isso já. Entendido?

O homem entendia. Sam desligou. Começou a andar de um lado para o outro e tropeçou numa pilha de latas de sopa. Cinco minutos depois, o telemóvel tocava. Atendeu.

– Foda-se, meu, onde é que estás?

Ele nunca tinha ficado tão feliz por ouvir a voz de Procter.

– A ver se ninguém dá por mim. Desculpa, mas não tenho escolha. Vou ler-te uma coisa. É da subfonte da Athena. Precisamos de meter isto num compartimento de acesso restrito para que só umas três pessoas possam lê-lo. Preparada?

– Força. – Ela acedeu, mas ele pressentia-lhe a raiva na voz.

Sam leu. Procter ficou em silêncio por um momento.

– Vou mandar isso e telefonar ao Bradley. Já te ligo.

Clique.

O telefone voltou a tocar dez minutos depois.

– Já foi. Agora diz-me onde é que estás, caso contrário vais ter algemas quando voltares para os Estados Unidos.

*

Assim que Procter chegou, a sua energia negra encheu a casa segura. A resmungar, passou pelo seu agente supervisor e largou a mala, com as fivelas a bater na mesa. Sam olhou para a mala de couro preto. Nunca vira a Chefe tão enfurecida.

Os olhos dela semicerraram-se. Continuou a fitá-lo até o olhar dele se

virar para a mala.

– A minha faca e uma pistola da Estação – disse ela, adivinhando a pergunta. – A cidade está virada do avesso. Uma merda assim ao estilo da queda de Roma. Visigodos a babarem-se aos portões, sequiosos de sangue e pelo maldito saque. – Procter tirou um elástico da mala e prendeu o cabelo desgrenhado num rabo de cavalo torto. – Queres dizer-me que porra se passa?

Depois continuou, sem esperar que Sam falasse:

– A ver se eu entendo, e depois diz-me porque é que não devo pôr-te KO, atirar-te para um carro e levar-te pessoalmente para a fronteira até Amã, OK?

Sam estava calado. Procter estava debruçada sobre a mesa e ele estava encostado à parede, de frente para ela. A Chefe prosseguiu, de voz tensa, sombria e a fumar.

– Tenho um agente supervisor, um recrutador fantástico, mas começo a suspeitar de que, com uma espia em particular, a sua pila é a principal ferramenta de avaliação. Esta pessoa é atacada pela milícia do governo, com a tal espia a reboque, por motivos que eu não consigo sequer começar a imaginar. Refugiam-se neste palácio do prazer... – Procter gesticulou para a cama no quarto esquálido – depois de cometerem um triplo homicídio, e depois passam informação não corroborada sobre uma unidade de produção de reserva, que eu passo devidamente a Langley da forma mais apressada que é possível.

Sam abriu a boca para falar, mas Procter não deixou.

– O agente supervisor depois recusa-se a ir para um lugar seguro, obrigando-me a executar uma RDV de ideação suicida, por entre postos de controlo e morteiros a cair.

Ele voltou a tentar falar, mas ela levou um dedo à boca.

– Chiu. Chiu. Chiu. Tu vais calar. A porra. Da boca. E deixar-me acabar. Depois, a fonte desta espia dá-nos a informação necessária para pôr fim à festa de *sarin* de Assad. A intrépida Chefe de Estação passa essa informação a Langley, garantindo que o Presidente dos Estados Unidos emite uma ordem para bombardear os locais no dia seguinte. Pondo toda a gente da embaixada em perigo, caso os sírios decidam retaliar.

Ela lançou um olhar de relance para a porta enquanto alguém gritava no corredor do prédio.

– E, entretanto, o tal agente supervisor fica nesta casa segura, a comandar a sua própria Estação. A gerir operações, a recusar-se a dizer-me onde porra é que está. E porquê?

– Porq...

– Eu digo-te porquê. Porque sabias que eu vinha aqui, te agarrava pelos tomates e te arrastava o couro de volta para a embaixada. Por isso, agora precisas de me explicar umas quantas coisas. E é já. Tu és o supervisor da Athena. Diz-me o que é que se passa com ela. Diz-me porque é que ela

estava na cena do crime.

Procter parou de falar e cruzou os braços.

– O Ali apanhou a Mariam. Um agente do Mukhabarat apresentou um relatório sobre a nossa conversa em Paris. Ele prendeu a prima dela, para a pressionar. Enviaram-na a Itália para conseguir um dispositivo, sem saberem que nós já a tínhamos recrutado. Ela não foi informada da totalidade da operação, mas percebeu que Ali andava à procura de um espião.

Procter suspirou ruidosamente.

– Ela disse-te isso?

– Sim.

– Que mais disse ela que lhes deu?

– Informação básica sobre mim. A casa segura que usávamos com ela.

– Ela apresentou alguma razão em particular para eles quererem o dispositivo?

– Não. Não sabe. E não tem o dispositivo desde que voltou de Itália, daí o *blackout* de comunicações.

– Então foi por isso que ela foi ter contigo? – quis saber Procter. – Para te passar informação sem usar o dispositivo, porque tinha mudado de ideias.

– Sim. Ouviu a Bouthaina a mencionar Wadi Barada, percebeu que precisávamos dessa informação e foi a correr para lá passar. Depois eu fui atacado. Oh, e a Bouthaina morreu – acrescentou. – Alvejada na casa de campo do Rustum. Aconteceu hoje de manhã.

– Foda-se. Tens a certeza?

– Foi a Mariam que me disse.

– Então talvez não.

– Ela estava à beira da histeria quando telefonou. Perguntou-me o que tínhamos feito com a informação que nos passou sobre Wadi Barada.

– A miúda tem mesmo jeito para o drama.

– Não, não tem, Chefe, eu via-a bem em Itália. Percebi... e disse-te, se bem te lembras... que algo se passava.

– Ela pode estar a manipular-nos, meu, a manipular-te. Já pensaste bem? Se calhar os sírios queriam que nós pensássemos que eles tinham levado as coisas para Wadi Barada.

– Não faz sentido, Chefe. Pensa nisso. Há aqui duas grandes coisas que são verdade. A primeira é que a Mariam me segue desde a embaixada para me dar pessoalmente a informação sobre Wadi Barada. A segunda é que mata três milicianos, para me salvar a vida.

– E tu estás a atravessar isto tudo sem meteres a pila onde não deves, Jagers? – perguntou Procter, claramente sem esperar resposta. Voltou a olhar para o quarto, e Sam percebeu que ela estava a dar voltas à cabeça para imaginar o que acontecera ali. Baixou um pouco a pálpebra esquerda e acenou-lhe com a cabeça para que continuasse.

– Se a Mariam tivesse mesmo passado para o outro lado, não agia assim – continuou Sam. – E se o Ali fosse esperto, coisa que é, não geria a operação desta forma. Primeiro, não mandariam a Mariam pessoalmente com a informação sobre Wadi Barada. Isso só levantaria grandes suspeitas, como aconteceu. Não, enviariam a informação pelo dispositivo. Simples e fácil. Em segundo lugar, se a Mariam fosse má, não matava os milicianos. Deixava-os fazer a detenção.

Procter ignorou a lógica, o que queria dizer que concordava, e, em vez disso, voltou a discutir:

– Então por que raio é que Bouthaina morreu?

– Aposto que Ali está a tentar expor o espião. Devem ter reduzido a lista de suspeitos a um número razoável. E não sabem que foi a Mariam a passar-nos a informação original sobre o teste com gás *sarin*. Ali deu-lhes algo que sabia que chegaria à Estação de Damasco. Nós apanhámos o isco de Bouthaina. Não sei como, os sírios inteiraram-se disso. Agora, ela está morta.

– Tretas – disse Procter sem convicção.

– Serão? Nós passámos a informação sobre Jableh e, numa questão de dias, a Guarda Republicana começou a evacuar o lugar. Muito poucas pessoas do regime sabiam desse lugar. Receberam informação (não sei de onde, afinal quantas pessoas em Washington leem o que nós mandamos, milhares?) e mudaram a coisa de sítio. A fuga reduziu a lista de suspeitos, por isso passaram informação falsa. Uma dessas pessoas há de ter sido Bouthaina. Alguém lhe falou de Wadi Barada, a Mariam ouviu, contou-me, eu contei-te a ti, foi distribuído por Washington, chegou a um espião anónimo e depois isso acabou nas mãos de Ali. Aposto que foi Rustum quem a matou. Não me parece ser o estilo de Ali. A Mariam não fazia ideia de que a informação era falsa, só sabia que parecia importante, por isso passou-ma, arriscando tudo para o fazer, foda-se.

Procter já estava do seu lado.

– A informação dela sobre as cinco instalações deve ser correta, então, se acham que Bouthaina era a espia. Estando ela fora do caminho, os sírios estariam à vontade para avançar com o ataque com gás *sarin*. A espia foi-se.

Ele tinha chegado ao cimo da escalada com Procter. Estava na altura de saltar. Se ganhasse a discussão, voltaria a correr perigo de morte. Se perdesse, Mariam provavelmente morreria. Endireitou-se para o golpe de misericórdia.

– Sim – disse ele. – A menos que bombardeemos os locais, claro. Nesse caso, Ali vai ter de parar. Vai perceber que Bouthaina não era a espia. Mesmo que desconfie que as imagens por satélite nos alertaram, vai investigar a fundo para ter a certeza. Vai fazer duas coisas, sem dúvida. Deter a Mariam para a interrogar. Vai saber que alguém passou informação sobre a instalação em Wadi Barada, e que não deve ter sido Bouthaina,

porque veja-se o ataque falhado horas após a sua morte, exonerando-a postumamente. Ali vai dirigir o olhar para a mulher no gabinete de Bouthaina, que talvez tenha sabido de Wadi Barada e cuja lealdade, aparentemente, levantava suspeitas suficientes para lhe terem prendido a prima como forma de a convencerem a colaborar. Vão torturá-la até ela ceder.

Procter tinha tirado a faca da mala, desembainhara-a e estava a rodopiá-la com a ponta na mesa, perdida em pensamentos, enquanto fazia um pequeno risco no tampo.

– Qual é a proposta de operação? – perguntou por fim.

– Acho que sei como proteger a nossa agente e mantê-la como tal. Dou a Ali o que ele quer, pessoalmente.

– Diz-me como.

*

Com a fúria aplacada, ela continuou a girar a faca e a escutar sem interrupção. Quando Sam terminou, ela embainhou-a e foi até ao quarto, perscrutando o interior, detendo-se nas marcas no colchão. As paredes tremiam. O estuque soltava-se das paredes em nuvens de pó. Ouviram o chiar de um jato a passar por cima do prédio. Procter estava perto dele, a fitá-lo a uns bons 30 centímetros de distância. Um Chefe de Estação político ou um burocrata com interesses próprios teria rejeitado o plano de imediato, e talvez até tivesse mandado os fuzileiros da embaixada à casa segura para o levarem e prepararem a sua retirada do país. Mas Procter não, embora tivesse tudo a perder. Se os mandarins de Langley exigissem cabeças, a sua seria a primeira no cesto debaixo da guilhotina. Contudo, Artemis Aphrodite Procter jogava apenas de acordo com duas regras: recolher a informação e proteger o agente. Mais nada importava. Sam oferecera-lhe uma forma de satisfazer os dois requisitos. Não obstante, era uma troca pesada.

– Já pensaste no que acontece se não ficarem satisfeitos com o nome? – perguntou. – Se a Casa Branca não for à luta? Se os sírios continuarem simplesmente a aumentar a intensidade? Se te tratarem como à Val?

– Nesse caso, voltamos à estaca zero. A Mariam no cepo. Mas, se tentarmos à minha maneira, temos uma oportunidade de a manter a salvo e em funções.

A Chefe assentiu com a cabeça e o seu olhar disparou para o quarto antes de se fixar nele. Cuspiu para o chão e nada disse.

Ela sabia.

Bradley no Cairo, há muito, muito tempo: Tem direito a uma asneira, Mr. Joseph, desde que confesse. Esconder-se, mentir, isso é pior do que fazer asneira, a propósito. Os bons agentes enganam-se. Mas não enganam. Pode mentir à sua esposa, à sua namorada, aos seus filhos. Mas

não à CIA.

Sam olhou para a Chefe. Ocorreu-lhe que, meses antes, teria considerado as repercussões profissionais do seu plano e da sua confissão. Agora, não se importava. Proteger o agente. Isso era tudo o que interessava. E não podia mentir a Procter. Estavam operacionalmente casados, e ele renunciara aos seus votos. Queria ser perdoado.

Tinha os olhos fixos nos dela, mas não a via. Via o seu próprio corpo a falar com ela a partir de um poleiro em cima do frigorífico, como um observador. Isso tornava a confissão mais fácil.

– Estou apaixonado por ela, Chefe.

Os olhos de Procter estreitaram-se. Ela deu um passo na direção dele.

Depois acertou-lhe com um gancho sólido vindo de baixo que terminou com um estalido na parte inferior do queixo dele. Sam caiu e Procter ficou por cima dele, apenas um torvelinho de cabelo negro, porque ficara com a visão turva. Ela ajoelhou-se, com os olhos ao nível dele. Sam tentou mexer o maxilar. Fez um esgar e levou a mão ao osso.

– Eu podia dizer que és uma desgraça – disse ela. – E, em certa medida, teria razão. Noutros aspetos, nem por isso. Mas agora tens um trabalho a fazer e isso transcende a tua indiscrição motivada pela pila. Depois, do outro lado deste espetáculo de terror, logo havemos de ajustar contas.

Ela levantou-o do chão e encostou-o à bancada. Depois virou-se e puxou a blusa cinzenta por cima dos ombros, revelando as costas: a tatuagem com as sete estrelas, as alças de um sutiã laranja esquisito com um padrão de palmeiras. Sam perguntou-se se estaria a alucinar por causa da força do golpe. Depois ela ajeitou a blusa e virou-se de novo para ele.

– Sete estrelas. Uma por cada agente abatido no ataque à Base de Khost em 2009. Fiz as tatuagens quando acabámos de matar os responsáveis. Eu liderei o esquadrão de ataque, fui o Anjo da Morte. E nada alguma vez foi mais satisfatório. Provavelmente, nada o será. Esta é a minha tribo. Eu escolhi o meu lado e tu, por ora, estás desse lado. Mas fica sabendo: se falhares, vou considerar-te pessoalmente responsável. Se tiver de pôr uma estrelas nas costas por ti, vou perseguir-te até do outro lado da vida.

Procter guardou a faca na mala e fechou-a lá dentro. Pôs a mala ao ombro e olhou novamente para Sam.

– Vou tomar nota dos alvos e enviar a mensagem durante a próxima hora. Depois podes dizer-lhe que vamos avançar.

Procter foi-se embora ao som de outra salva de morteiros sem sequer um olhar para trás.

Ali sentiu o telemóvel vibrar no bolso. Era Mariam.

– O que é que tem?

– Ele fez o sinal de reunião de emergência. Na casa segura.

– Quando?

– O sinal era de emergência, mas não especificava a hora. De certeza que também devem ter enviado alguma coisa para o dispositivo.

– Obrigado. Asseguro-lhe que a sua prima será libertada em breve. – E desligou.

A aposta de levar Mariam aos norte-americanos dera frutos. Ela desempenhara o seu papel, Ali tinha de o admitir. Conseguira o dispositivo e indicara-lhes a casa segura. Cumprira a sua parte, e a prima estava na sua prisão do Gabinete de Segurança, intacta e bem alimentada. Mariam nunca fora posta à prova. Ali necessitara de algo para a pressionar. Uma pressão inofensiva. E resultara.

Ali foi até ao *iPad* e desbloqueou-o com o floreado que Mariam tinha demonstrado. Realmente, os norte-americanos tinham tentado contactá-la:

1. REQUISIÇÃO DE REUNIÃO DE EMERGÊNCIA NO LUGAR HABITUAL. PRESENTE PELAS 22H00.
2. NECESSÁRIO MODIFICAR EXTRAÇÃO DADA VIOLÊNCIA NA CAPITAL.
3. TRAZER PASSAPORTE E MALA.
4. EXTRAÇÃO DECORRERÁ DIRETAMENTE APÓS REUNIÃO.

Ali olhou para o seu relógio: eram 20h30. Desceu até ao centro de comando russo e encontrou Volkov a bebericar da sua caneca.

– Ele deixou um sinal a pedir um encontro com a Mariam.

O rosto de Volkov manteve-se plácido.

– Para extração? Isso lá fora está uma merda.

– Sim. Precisam de modificar a rota e querem tratar dos pormenores pessoalmente, para depois a tirarem do país ainda esta noite.

Volkov resmungou.

– Tivemos uma equipa de contravigilância a observar a casa no Bairro Cristão durante todo o dia. Não viram nada. Está livre.

– Ótimo. Esta noite, pomos fim a esta loucura.

Na RDV até à casa segura, Sam rejeitou as vias principais para evitar postos de controlo, ziguezagueou até se aproximar do Bairro Cristão, manteve-se atento a rostos e veículos repetidos, debastou multidões o melhor que pôde. Já nada disso importava, mas ele fazia-o por instinto e porque, se estivessem a vigiar o seu percurso, tinha de parecer o que eles esperavam: um agente da CIA a encaminhar-se para se encontrar com uma espia valiosa no centro da Síria devastada pela guerra.

Subiu as escadas para o interior do edifício de pedra branca. Ao chegar ao último patamar, parou, fechou os olhos e recordou a última vez que ali estivera com Mariam, antes de Itália. Suspirou. Para alguém a assistir a uma transmissão de vídeo, de uma câmara provavelmente encaixada nas luzes do corredor ou nos detetores de fumo, teria sido quase impercetível.

Mas, nesse momento, entre o suspiro curto e abrir os olhos, viu o seu irmão mais novo, viu Val, as vidas que os seus erros haviam interrompido. Viu Mariam naquele vestido vermelho em Paris.

Abriu a porta da casa segura e ouviu os passos abafados nas escadas atrás de si: apressados, mais barulhentos a cada degrau. Sam já os esperava.

Ali estava na cozinha, a fumar. Sem sorrir, olhou para Sam.

– Tem aqui uma bela cozinha, meu amigo.

Atirou a beata para o chão de mármore e apagou-a com o sapato.

Depois, vinda por trás, por cima da cabeça de Sam: uma corrente de ar deslocado. Escuridão.

Bem cedo na manhã seguinte, o Presidente Assad, de braços e peito ainda envolvidos em ligaduras, convocou Rustum e Ali ao Palácio. O Presidente da Rússia tinha uma mensagem urgente e Assad queria que os irmãos escutassem a chamada.

Agora, sentado num dos sofás presidenciais, de auriculares nos ouvidos, Ali ouvia o inglês vacilante do Presidente da Rússia dar os bons-dias ao Presidente da República Árabe da Síria, transmitindo-lhe a sua preocupação sincera pela segurança de Assad na sequência do ataque, bem como a sua esperança de que as forças de segurança sírias derrotassem a praga do terrorismo onde quer que esta se encontrasse. Rustum pressionava a testa com as palmas das mãos, como se pudesse obrigar as palavras inglesas a fazerem sentido no seu cérebro.

Então Ali ouviu as palavras fatídicas naquele sotaque carregado:

– Acabamos de recebemos informação credível de Washington, de uma fonte bem posicionada do SVR, a indicar que os norte-americanos planeiam bombardear-vos. A nossa fonte recebeu esta informação diretamente de um funcionário da CIA que participou ontem em deliberações na Casa Branca. – Uma pausa para efeito dramático. – As nossas fontes indicam que a informação provém do espião altamente colocado que os norte-americanos recrutaram recentemente.

Putin prosseguiu:

– Prevemos que os norte-americanos usarão o *USS Abraham Lincoln* e o *Carrier Strike Group Twelve*, que agora se encontram no Mediterrâneo oriental. Pedimos mais informação aos nossos recursos de imagens por satélite e intercetção de comunicações, bem como, a nível mundial, às *rezidentura* do SVR. Obviamente, daremos mais pormenores à medida que fiquem disponíveis.

– A vossa fonte indicou quando seria? – perguntou Assad.

– Está iminente – respondeu o czar. – Segundo percebo, o ataque norte-americano pretende prevenir o uso daquilo que alegam ser armas químicas,

não ambiciona a deposição do seu governo. Ainda assim, a minha experiência a lidar com os americanos ensinou-me que só respondem à força. Um bombardeamento, ou até um conjunto de ataques isolados, tem de levar a uma resposta intransigente.

Assad murmurou a sua concordância, alardeando os adágios do pai acerca da resistência. Putin concordou apropriada e resolutamente.

Depois de trocadas cordialidades de despedida, ofertas vagas de assistência mútua e votos de afeto fraternal, Assad pousou o auscultador do telefone seguro no descanso, em cima da secretária. *Ya Allah. Al-Amyrikan Al-Malaeen Al Sharamheet! Haywanaat! Hameer! Shayateen!* Cabrões, animais, burros, demónios americanos, gritou ele aos irmãos Hassan. Tinham sido umas 24 horas complicadas para o Presidente, pensou Ali, a recuperar de uma tentativa de assassínio, a contemplar o uso generalizado de gás *sarin* contra o seu próprio povo e a debater-se com a possibilidade de um ataque retaliatório dos norte-americanos. Era muito, para qualquer pessoa.

– Rustum, quanto tempo até poder começar? – perguntou Assad, acalmando-se.

– Começámos a misturar o produto e a carregar as munições ontem ao final do dia. Podemos começar já com algum, se assim o desejar.

– Façam-no.

Assad carregou num botão na secretária e ordenou ao secretário pessoal que lhes levasse chá, fazendo esgares ao gritar por causa das queimaduras. Ali olhou de relance para o teto, a perguntar-se se o ataque norte-americano incluiria o Palácio.

– Agora – disse o Presidente –, o espião. Pensava que tínhamos identificado Bouthaina como sendo a fuga.

– É possível que haja outra – contrapôs Rustum, com o volume vocal estranhamente elevado, descalibrado, como se fosse um rádio com o botão do volume no máximo. Não estava com bom ar. Tinha o cabelo sujo, os olhos atormentados e raiados de sangue, o uniforme enrugado. Ali viu salpicos de sangue numa das meias do irmão, como se ele tivesse começado a mudar de roupa depois do assassínio de Bouthaina, e depois, distraído, tivesse desistido.

– Suponho que sim – disse Assad. – Ainda assim, temos de assumir o pior. Ali, conseguiu usar o dispositivo que a sua agente obteve?

– Estamos a ler o tráfego, mas ainda não conseguimos identificar positivamente quaisquer espões. Levará tempo. As mensagens são crípticas. Mas os iranianos acham que podem ajudar.

– Tem o americano detido, correto?

– Sim, Sr. Presidente, apanhámo-lo ontem à noite, quando ia encontrar-se com a nossa agente. Está preso.

– Submeta-o ainda hoje a interrogatório. Quero ter a certeza de que encontramos os espões dos americanos. Ele matou três sírios, os

americanos vão bombardear-nos, qualquer violência que lhe seja aplicada será justificada ou passará despercebida no meio da confusão. O que é preciso é obter a informação rapidamente.

– Sim, Sr. Presidente – disse Ali. – Vou interrogá-lo pessoalmente até termos nomes.

– Agora, Rustum. – Assad virou-se para o irmão mais velho de Ali, com um sorriso a crescer-lhe no rosto. – O Presidente russo está certo, se os americanos nos bombardearem, teremos de reagir com força. O que recomenda?

Rustum passou as mãos pelo cabelo, franziu as sobrancelhas e limpou algo translúcido do bigode.

– Nos últimos meses, temos brincado com a presença da CIA neste país como um gato a perseguir um ratinho de brincar. Temos feito operações elegantes para capturar um dispositivo, para lhes prender os agentes. Tudo muito sensato, a seu tempo. Mas agora eles vão atacar-nos na manhã da nossa maior vitória, depois de os seus aliados terroristas terem tentado matar-nos a todos, Sr. Presidente. Não, depois de as bombas caírem, a brincadeira tem de acabar. Se nos bombardearem como os russos dizem, sugiro que enviemos a milícia para tomar a embaixada e fazer reféns. Diremos que, levados por um fervor patriótico, invadiram a embaixada para protestar contra o bombardeamento americano e sionista da humilde Síria. – Rustum tossiu e limpou a fleuma das mãos no uniforme. – E assim acabamos-lhes com a possibilidade de nos espiarem no futuro. Vão fechar a embaixada, a Estação da CIA. Enviamos o Basil e a sua milícia, para lhes passar uma mensagem.

Assad coçou o cocuruto e mexeu nas ligaduras. Depois perguntou a Ali o que ele achava.

– Se fizermos isso, os norte-americanos vão aplicar ainda mais pressão. Mais bombardeamentos, assassínios seletivos, quem sabe? Isso vai extremar ainda mais o conflito.

Assad fitou-o, a considerar as opções, e Ali percebeu que tinha perdido.

– Teria razão, Ali, segundo as velhas regras. Mas agora receio bem que o seu irmão esteja certo. É preciso ensinar uma lição aos norte-americanos. – O Presidente apontou para as suas ligaduras. – Eles não seguem as regras do jogo. Nós também não as seguiremos.

Quinta Parte
Liberdade

Sam estava deitado e preso na cela, a tremer na escuridão fria de pedra. Tinham-lhe tirado as roupas depois de uma sova ligeira. Nada de muito grave, apenas umas pancadas nas costelas e no rosto. Estava dorido, mas era suportável. Ninguém lhe oferecera comida ou água. Tinha passado horas acordado enquanto música indistinguível – sons, na verdade –, saía aos altos berros de colunas ocultas. Não que ele tivesse conseguido dormir, fosse como fosse: havia muito a fazer.

Esforçara-se durante horas, preparando a mente para o ataque iminente, pondo itens nos devidos caixotes, compartimentos e cofres mentais. Não sabia que métodos iria Ali empregar, mas o padrão e o fluxo seriam semelhantes ao seu treino de havia muito na Quinta: uma escalada rumo ao cume da dor. No campo da base, Ali esperaria silêncio, mentiras e meias-verdades. À medida que subiam – até à eletricidade, talvez –, o sírio esperaria cedência: mais verdade, alguma inconsistência, menos mentiras. No cume, esperaria um nome. Depois verificaria tudo.

Para Ali ficar convencido de que capturara o seu espião, Sam teria de levar o sírio a pensar que vencera. A sua cedência final não poderia parecer apressada, e ele não podia mostrar-se submisso. Ali veria os dois resultados como evidência de subterfúgio e continuaria, rumo ao cume, mesmo depois de Sam lhe ter dado o nome.

Se isso acontecesse, o plano iria por água abaixo. Ali subiria a montanha, arrastando-o, até abrir um buraco – talvez literalmente – e chegar ao cofre escondido na sua cabeça. Esse cofre continha um nome: Mariam. Fora o primeiro item que Sam guardara, nas profundezas do labirinto da sua mente.

Agora, sozinho na escuridão, percorria a sua organização mental para arrumar o resto do material.

Classificou uns quantos itens como já revelados ou dispensáveis: a sua ligação à CIA, a casa segura, conhecimento da operação da Guarda Republicana em Jableh e o segundo local, Wadi Barada. Pensou num

conjunto de locais de entrega, sinalização ou passagem que já não fossem usados ou tivessem pouca utilidade e que a CIA pudesse substituir. Acabaria por revelar isso tudo, com o passar do tempo e sob coação extrema, depois das recusas no campo da base. Essas revelações seletivas formariam credibilidade aos olhos de Ali, convencendo-o erroneamente de que o seu caminho para o cume estava a dar frutos.

A prenda com laçarote que iria proporcionar a Ali continha um só nome: Jamil Atiyah. Com isso, Sam tinha de convencer Ali de que haviam chegado ao cume. Fim. Atirariam Sam novamente para a cela enquanto viravam o mundo de Atiyah de pernas para o ar em busca de provas. Encontrariam o dispositivo, o dinheiro, os passaportes norte-americanos com nomes falsos. Uma busca ao computador e ao telemóvel de Atiyah revelaria os estranhos *e-mails* e telefonemas.

A porta da cela abriu-se e umas barras ofuscantes de luz entraram. Dois homens agarraram-no pelos ombros e arrastaram-no para outra sala escura. As paredes estavam cobertas de canos enferrujados que serpenteavam por buracos grosseiramente abertos no teto. No centro da divisão, uma mesa frágil e iluminada, rodeada por quatro cadeiras. O chão estava revestido a ladrilho castanho e havia um esquadro debaixo da mesa.

Os dois homens sentaram-no numa das cadeiras e saíram. A luz fluorescente incomodava-o. Baixou a cabeça e fechou os olhos para obter alívio. Campo na base. A discussão inicial. Examinou outra vez a sua organização mental e guardou bem no fundo o cofre com o nome de Mariam. O que continha o seu conhecimento das verdadeiras lealdades dela: a operação no computador de Bouthaina e os locais da Guarda Republicana que ele calculava que em breve seriam destruídos por aviões de combate dos Estados Unidos.

Esperou o que lhe pareceu ser uma hora. Uma porta de metal abriu-se, a ranger, banhando de luz uma secção de canos corroídos. Tornou a fechar-se.

Ali Hassan sentou-se à frente de Sam e acendeu um cigarro. O sírio coçou a cicatriz, pousou as mãos na mesa, uniu-as e começou.

– Não fez caso do meu aviso – disse-lhe Ali em árabe. – Matou três sírios. Escondeu-se. Depois tentou retirar um dos seus espões do país. A Mariam agora está detida, claro. Nesta mesma prisão, na verdade. Foi assim que o descobrimos na vossa casa segura, ontem à noite.

Puxou uma passa do cigarro, a olhar para Sam, que fitava a mesa em silêncio.

– Há uma questão pendente, de enorme importância para o meu governo. O nome de outro espião. Sabemos que ela não era o vosso único contacto.

Sam procurou não reagir, não se mexer. Decidiu mencionar o nome dela, só para se pôr à prova. Desconfiava de que Ali usaria a sua detenção na casa segura como isco, que lhe diria que tinham apanhado Mariam e que

tentariam usar isso para o pressionar ou despistar.

– Julgava que tinha dito que já tinham capturado a Mariam – disse Sam.

Ali coçou a cabeça e tirou um maço de cigarros do bolso da camisa. Batendo com ele na mesa, apagou o cigarro aceso com a outra mão. Abanou a cabeça.

– As mentiras não vão ajudá-lo, Sam. Sei que há outro. Quero o nome e a informação específica que vos passou em relação aos nossos planos militares. Já.

Sam semicerrou os olhos para enfrentar as luzes fluorescentes e mostrar ao sírio que estava a olhar diretamente para ele.

– Não sei do que é que está a falar, Ali.

*

Ali saiu e os dois homens voltaram. Um segurou Sam de pé enquanto o outro lhe macerava as costelas com socos laterais, alternando os lados numa sucessão rápida. Ninguém dizia nada, mas a sala ecoava grunhidos e arquejos abafados, até que o atiraram de bojo para o chão. Um dos homens sentou-se nas costas dele enquanto o outro lhe deixava cair algo em cima do pé direito, virando-lhe o tornozelo de uma forma precisa. Com os músculos do pescoço a retesar e arcos de luz a bailarem-lhe em frente aos olhos, Sam ouviu um estalido. Gritou.

Viraram-no e depois dividiram as atenções entre o rosto e as falanges e os metatarsos do pé arruinado. O homem que se sentara nas suas costas estava agora sobre o seu peito, a agarrar-lhe tufos de cabelo para lhe estabilizar o crânio enquanto lhe esmurrava o maxilar, continuando o que Procter começara na noite anterior.

Atacar a cabeça, pensou Sam antes de desmaiar, um erro clássico. A inconsciência é uma bênção.

*

– Valha-me Deus, Coronel, não se deixa o sujeito inconsciente – zangou-se Ali quando Kanaan e o irmão, envergonhados, voltaram, depois de porem o americano na sala refrigerada e de lhe atirarem com água para o acordar. – Temos de o manter a falar.

– Gener...

– Nem uma palavra. – Ali coçou a cicatriz. – Chamem-me assim que ele acordar. E preparem a eletricidade para a próxima ronda.

Ali correu escada acima até ao seu gabinete, passando pelos russos entretanto desocupados, à espera de ordens para regressarem à *rodina*. Fechou a porta, sentou-se e olhou pela janela, para leste. Combatentes e uns quantos helicópteros de guerra operavam sobre Douma. Ele tinha andado meses atrás daquele americano, mas não fora capaz de descobrir todos os

seus espiões. Agora perguntava-se que diferença lhe fazia isso sequer, quando teria início o ataque de Rustum, quando é que os americanos os bombardeariam, o que estariam Layla e os meninos a fazer.

Ouviu uma explosão gigante ao longe. O edifício vacilou. Rustum devia ter começado. Acendeu um cigarro e foi até à janela, de onde viu uma torre de fumo sobre o quartel-general do SSRC, em Barzeh.

Depois viu um avião, que não era um *MiG* – não era sírio, nem russo – a planar sobre Qasioun. Reconheceu-o de um dos relatórios que os russos lhes tinham facultado. Era um *F-35* norte-americano, que largou várias bombas sobre o Palácio Shaab, provocando um clarão intenso e depois uma nuvem redonda de fumo. O avião saiu do seu campo de visão. *Os americanos*. Girou o pescoço para ver para onde fora o avião. Nada. Ouvia a sua própria respiração; tinha o estômago às voltas. Então o avião, ou talvez fosse outro, tornou a aparecer, vindo da montanha e virando para sul em direção a Kafr Sousa e ao Gabinete de Segurança.

Ali pensou em Layla e nos filhos e sentiu-se mal por não ter tido tempo de se despedir. Que cobarde era. O avião percorreu a distância em dois segundos. Voava a baixa altitude, aparentemente ao nível dos seus olhos. Ali recuou, virou costas e encolheu-se, tudo instintivo mas desnecessário, se o avião bombardeasse o edifício. No último momento, o avião virou para cima, evitando facilmente o edifício ao mesmo tempo que estilhaçava todas as vidraças da fachada norte.

Os cacos caíram sobre as costas de Ali, encolhido no chão. O guincho dos motores esmoreceu e ele levantou-se, a sacudir a poeira. Estava a tremer. Sentia um fino fio de suor na nuca. Ouviu gritos ao fundo do corredor. Cambaleou até à secretária e telefonou à mulher.

– Estás bem, *habibti*? – Ele gritava, a tentar sobrepor-se ao tinido nos seus ouvidos. Ouvia os gémeos a guinchar ao fundo.

Layla estava a chorar.

– Meu Deus, o que é que se passa, ouvi umas quantas explosões grandes, os meninos estão histéricos e faltou a luz e alguém com uma máscara de esqui apareceu à porta do apartamento e disparou uma arma para o ar. Ouviste-me?

Ele tinha ouvido muito do que ela dissera. Mas, caramba, o tinido.

– Estamos aqui enfiados à espera de morrer – gritou Layla. – E o que são aqueles aviões, são os israelitas? Estou no quarto agora a olhar para a rua e há milícia lá fora. Hoje de manhã alguém correu pela rua a carregar um televisor, Ali, a cidade enlouqueceu. Vem para casa, sim? Quando é que podes vir para casa? Quando é que podes vir para casa? Quando? Estás a ouvir-me? Ali? Ali?

O tinido só aumentava. O edifício tremeu quando outra bomba americana caiu. O vento quente do verão entrava pelas janelas abertas, metendo-lhe pó nos olhos.

Layla gritava, Sami dizia “Papá, papá, papá” mais ao fundo. Ouviu

outra explosão ao longe. Depois sirenes de ambulâncias e os alertas de ataque aéreo, ironicamente atrasados.

Mas sobretudo ouvia o tinido, santo Deus, o tinido.

– Fica aí, Layla – gritou. – Esconde-te no armário do quarto com os meninos. Vou agora. Amo-vos. Diz aos meninos.

Ali desligou. Dirigia-se para a porta quando esta se abriu violentamente, batendo na parede.

O seu irmão mais velho, Rustum, comandante da Guarda Republicana, herói de Hama, estava à entrada. Tinha o rosto contorcido e manchas de sangue no colarinho, que se colava ao pescoço magoado.

Agarrava o braço direito de Mariam, algemado ao esquerdo atrás das costas. O rosto dela estava corado e os olhos exaustos.

Ele tossiu algo vermelho e limpou-o ao braço.

– É hoje, mano mais novo.

*

Sam acordou na arca frigorífica, com a pele encharcada e frígida. Alguém disse “acordou” em árabe e depois um par de mãos brutas agarraram-no pelos ombros e levaram-no até à mesa. Ligaram-lhe elétrodos aos dedos e aos testículos e depois deixaram-no sozinho debaixo das luzes fluorescentes.

Sam olhou para o seu pé morto. Continuava a não conseguir mexê-lo.

A porta abriu-se e entraram três figuras. Ele não lhes distinguia os rostos, mas a segunda parecia estar a empurrar a primeira. A terceira, mais atrás, fechou a porta. O segundo homem levou a prisioneira para uma cadeira em frente a Sam. Ele semicerrou os olhos sob a luz brilhante e viu a silhueta da prisioneira.

Estava na hora da escalada.

*

Tinham planeado aquilo na casa segura. Antes de fazerem amor no colchão, com os corpos a implorarem perdão um ao outro. Ela, pela sua traição; ele, por a ter envolvido naquilo.

Mariam continuava nauseada por saber que os seus crimes não haviam sido idênticos. Ela quisera trabalhar com Sam, com a CIA, contra um governo que desprezava, contra uma vida que não controlava. Ela traíra-o em Itália, era verdade. Ela levava o dispositivo. Em vez disso, poderia ter falado a Sam e a Artemis das ameaças de Ali Hassan. E eles poderiam ter arranjado uma saída.

– Eles são capazes de te levar até mim – dissera Sam no colchão nessa noite. – Ali acha que eu julgo que és uma agente leal da CIA. Ele é capaz de usar isso para me pressionar. Podem pôr-te na mesma sala de interrogatórios, ou numa cela ao lado da minha. É importante que não te

descaias, que sigas as regras de Ali, que faças como ele quer.

Quando bateram à porta, ela esperava ver Ali, com um plano para vergar o espião americano. Em vez disso, era o irmão dele, Rustum, com sangue de Bouthaina seco no uniforme, um sorriso sinistro estampado no rosto, o pescoço manchado por hematomas.

– Sim? – perguntara ela.

Então ele esbofeteara-a, com força. Dois homens tinham entrado no apartamento atrás dele. Ela dera uma joelhada no entrepernas do primeiro, mas o segundo atirou-a ao chão, prendera-lhe as pernas atrás das costas e encostara-lhe o pescoço ao mármore. Depois ataram-na e meteram-na num carro, acelerando para o Gabinete de Segurança enquanto aviões norte-americanos pairavam por cima deles. Rustum bradava e gemia a cada explosão. Balbuciava as mesmas palavras ao longo da viagem: minha Bouthaina, minha Bouthaina, minha Bouthaina.

Agora, de olhos fixos no rosto espancado de Sam, Mariam imaginava-se a espetar a lima de unhas no pescoço de cada um dos irmãos, aqueles sádicos que se faziam passar por polícias. Mas, primeiro, tinha de se controlar.

– Porque é que estou aqui? – perguntou a Ali, debatendo-se contra as cordas.

Ninguém respondeu.

*

Um telefone tocou.

A cabeça de Sam girou lentamente ao perceber que era Rustum Hassan quem atendia.

– Tem a certeza? – Silêncio, e depois gritos ao telefone. – *Ya Allah*.

Bateu com o telemóvel na mesa. Sam sentia o cheiro de Rustum a aproximar-se. O hálito podre e quente. Rustum pousou-lhe uma mão no ombro e puxou uma cadeira para o seu lado, a ofegar. Baixou-se para examinar o pé de Sam. Depois calcou-o com a bota. Sam gritou e a sua visão encheu-se de pontos negros.

Rustum retirou a pressão e levantou-se.

– Parece que sobreviveu à parte fácil – disse ele. Depois olhou para a parede, para o chão. Apontou para uns metros à direita de Sam e aproximou-se. – A sua amiga Valerie morreu mais ou menos ali, no betão. Irónico, não é? – E despenteou-o.

– Quem é o espião? – perguntou Ali subitamente.

Sam viu que estava debruçado sobre uma pequena caixa preta. Sem avisar, carregou num botão.

Sam nada viu, mas sentiu tudo.

A dor era pura e saturada. Ele tinha sido treinado para aquilo, mas as simulações eram apenas simulações. Ele não sabia que sentiria que tinha

água a ferver pelos músculos, as veias e os ossos, uma corrente a fluir dos pés ao cérebro, que se expandia como um balão demasiado cheio e prestes a rebentar. Depois parou, sem mais, e a sala regressou numa maré de luz e barulho, ele viu o peito a agitar-se e vomitou no chão.

Ouviu Mariam a praguejar.

– Quem é o espião? – repetiu Ali.

No palácio de memória que construía na sua mente, Sam entreviu o cofre oculto que continha o nome de Mariam e a sua lealdade. Pestanejou para apagar a memória, tentou esquecer em que divisão estava, mas continuava ali, a chamá-lo. Sam tornou a pestanejar. Pensou no primeiro conjunto de caixotes e ofereceu-os, gaguejando rapidamente.

– Sou da CIA – disse ele. – Não sei quem é que querem, mas tenho conhecimento de lugares em Damasco. Casas seguras no sopé da montanha. Sinais, luzes, atingido pela Chefe, a Proctologista...

– Pare de falar em código – ordenou-lhe Ali.

– Entrega com passagem, junto à mesquita. – Mesmo que quisesse, não conseguiria juntar as palavras para formar uma frase completa. – Mapa. Eu mostro.

– Não queremos saber disso – disse Rustum.

Ali tornou a carregar no botão e o mundo desapareceu. O tempo era um círculo infinito e ardente, os arcos de luz dançavam-lhe na mente enquanto ele considerava o cofre e o seu conteúdo. Cheirava um pinhal no Minesota, ouvia a mãe a chorar. Depois colapsou novamente contra a cadeira. Seria aquilo o cume? Quanto tempo se teria passado?

Mariam gritava. Sam tossiu e escorreu-lhe sangue pelo queixo. Ouviu os dois irmãos a discutir, mas não conseguia perceber o que diziam. Ouviu outra vez a voz rouca de Mariam e a sua mente teve dificuldade em processar o árabe.

– Porque é que eu estou aqui? – perguntava ela.

– Como é que souberam de Jableh e Wadi Barada? – perguntou Ali.

A cabeça de Sam caiu para trás. Rustum empurrou-a para a frente.

O pico. Agora. Faz isso agora.

– Wadi foi ouvido no Palácio – gritou. – No corredor.

– O quê? Quem é que ouviu? Qual corredor? – perguntou Ali.

Sam não sabia quantas vezes Ali tinha carregado no botão. O tempo tinha parado e, na escuridão, ele via o cofre com o nome de Mariam. Num dos círculos, pousara-lhe a mão em cima, percorrera o metal irregular com os dedos, ouvira estalidos enquanto girava a combinação.

A eletricidade recomeçou. Ele procurou memórias mas não conseguia agarrá-las. Passavam sem cessar, todas escurecidas, com as bordas manchadas como velhas fotografias: os campos de milho de Shermans Corner, a mãe a ler-lhe um livro, a fábrica, Las Vegas, a cozinha húmida dos Bradleys no Cairo. Depois Mariam: a sua silhueta à luz das estrelas, o riso, a vinha enlurada. Lançava-lhes as mãos, tentava segurá-las como um

escudo contra as correntes loucas que lhe abalavam os ossos, mas, à medida que os seus dedos se esticavam, as memórias desapareciam. Gritou por ajuda no vazio, mas a única resposta era dor.

Então lembrou-se da caixa embrulhada para Ali. Faz essa jogada agora.

Cuspiu bôlis para o chão quando o mundo tornou a aparecer.

– Atiyah – arquejou. – Atiyah, Atiyah.

– Jamil Atiyah? – perguntou Ali.

À medida que o mundo recuperava a forma, Sam via o sírio a fumar, de dedo a tamborilar na mesa ao lado do botão da tortura. Parecia estar a considerar o nome.

Sam assentiu com a cabeça. Os seus olhos reviraram-se, depois a cabeça caiu para trás. Rustum voltou a empurrá-lo para a frente.

– Ouviu Wadi Barada. Bouthaina. Cilada – gaguejou.

Algo na escuridão lhe gritou. Depois ouviu cimento a raspar em metal e sentiu-se a deslizar para perto de alguém, a chiar pelo chão. Viu a forma de Mariam surgir no horizonte. O barulho parou. Estavam de frente um para o outro, com os joelhos a centímetros de distância, e ele cheirava-lhe o cabelo. Fitou-lhe os olhos.

Então sentiu o calor no pescoço. Um jato metálico percorreu-lhe a língua, e o calor abriu caminho para cima, pelo maxilar desfigurado, para o rosto. Ouviu nomes a serem gritados. Bouthaina, Atiyah. Viu o cofre novamente e esticou a mão para o alcançar.

*

Ali tinha virado costas ao interrogatório durante exatamente 15 segundos. Nesse intervalo, telefonou a Kanaan para lhe dar ordens para revirar o mundo de Jamil Atiyah do avesso, imediatamente. Que lhe revistassem o escritório, a casa, os computadores, os telefones. Tudo.

Quando se virou, viu o irmão a abrir uma linha como uma trepadeira irregular no pescoço do agente da CIA. Rustum gritava e dizia:

– Isto é pela minha querida Bouthaina.

Ali levou a mão à sua própria cicatriz e ficou a ver enquanto Rustum afastava a faca da face de Sam e se virava para Mariam.

*

Mariam gritou por socorro e sacudi as mãos e os braços atados contra a cadeira enquanto Rustum cortava Sam.

– Sabe que a matei? – chorava ele, com cuspo a cair no rosto caído de Sam. – Vocês obrigaram-me, armaram-lhe uma cilada.

Ele afastou a faca. Mariam viu o sangue a pingar. Sam cuspiu qualquer coisa. Fica comigo, *habibi*. Fica aqui.

Rustum pôs a mão à volta do pescoço de Sam e baixou-se para lhe fitar os olhos.

– Eu nunca gostei da tramoia com esta *sharmoota*. – Usou a faca para apontar para Mariam. – Gostava de saber o que ela vos contou em Itália. Ela trabalhava com a Bouthaina. Se calhar foi ela que ouviu a informação sobre Wadi Barada. Se calhar a Bouthaina deixava-a saber demasiado.

Rustum contornou as cadeiras até ao lado direito de Mariam e perguntou-lhe em voz baixa ao ouvido:

– Foi você que matou a minha Bouthaina?

– Quem é o espião? – ribombou uma voz.

Ela não sabia se era Ali, Rustum ou Deus.

Estremeceu e olhou para Ali, com a raiva a escapar-se. Pensou nos milicianos e em Villefranche, e passou-lhe pela cabeça a imagem de si a fazer o mesmo aos Hassan, a pôr-se sobre cada um dos irmãos e carregar no gatilho até o carregador ficar vazio.

– Seu sacana, Ali, tudo o que fiz foi cooperar. Trouxe-lhe o que queria e é esta a minha paga? Malditos sejam os dois, eu...

A faca deslizou-lhe pela ilharga, aprofundando-se mais enquanto Rustum sussurrava a mesma pergunta, vezes sem conta: Foi você que matou a minha Bouthaina? Acertou-lhe numa costela, mas ele fê-la avançar com um grunhido.

Ela tinha vontade de o encarar e gritar: *Sim, matei-a, seu monstro*, mas, em vez disso, olhou para a lâmina, oculta dentro do seu corpo. Só conseguia ver a pega molhada. Sam gritava, com os olhos enlouquecidos. Ela tentou fixar-se neles, como quando faziam amor, mas as coisas agora estavam trémulas e algo lhe escorria pela perna enquanto Rustum retirava a faca.

O rapazinho Ali estava caído no chão do quarto, com Rustum por cima dele, a tentar enfiar-lhe a faca na garganta, para acabar o trabalho interrompido, para vingar o pai e as duas mães.

Então o avô tinha atirado Rustum para o lado e começado a bater-lhe. O velho fora forte. Com falta de ar depois da luta, o avô sentara-se encostado à cama e abraçara Ali, que chorava. Rustum, inconsciente, estava deitado ao seu lado.

– De quem é a culpa, avô? – perguntara Ali, com as palavras trémulas e tensas. – De quem é a culpa, então?

Não é tua, meu menino. Não é tua.

Rustum afastou a faca da ilharga de Mariam e levou-lha ao pescoço.

Ali atirou-se contra ele. A lâmina caiu ao chão enquanto Rustum cambaleava para trás. Ali avançou de novo e atingiu-lhe o estômago com a palma da mão e depois atacou-lhe a cabeça, acertando em cada orelha com estrondo.

Rustum caiu. Tentou levantar-se. Ali agarrou na faca e pontapeou-lhe o peito, atirando-o de novo para o betão gelado. Depois sentou-se em cima dele, a dar-lhe com a pega da faca no nariz. Havia sangue a jorrar, imenso, e Ali repetia os golpes, ouvindo agora um estalido húmido e o guincho de

Rustum. Voltou a bater-lhe e sentiu os respingos no seu rosto.

Os olhos famintos do irmão fitavam-no, as mãos subiam a tentar agarrar a faca, um olho, alguma coisa. Ali mantinha-o no chão e correspondia-lhe ao olhar, irado. Depois enfiou a lâmina bem fundo no pescoço de Rustum, cortando a carótida e rasgando camadas de músculo até os olhos do irmão se apagarem, as pernas deixarem de se agitar e a sua respiração parar.

Ali rebolou para o chão e sentou-se.

Mariam estava calada, com a cabeça caída, e Samuel gritava que ela precisava de ajuda. A cadeira de Samuel caiu e ele tentou aproximar-se de Mariam arrastando-se. Ali foi até à mesa e quase colapsou em cima dela. O americano gritava e rastejava na direção de Mariam, que estava pálida e imóvel.

Um dos homens de Kanaan abriu a porta de supetão e levou as mãos à cabeça ao ver a carnificina. Fitou o corpo de Rustum e passou as mãos pelo rosto.

Ali atrapalhava-se para acender um cigarro.

– Tragam um médico. Já.

Sam arrastava-se para Mariam, a gritar-lhe para se manter acordada, e cada respiração parecia vidro nos seus pulmões. Embora mal conseguisse mover o pescoço enquanto rastejava, via o cadáver de Rustum esparramado no chão, Ali a comprimir a lateral de Mariam com a camisa e um homem a levar algo para a sala por entre uma luz enevoadada.

A cabeça de Mariam pendia, inerte. O brilho nos seus olhos desaparecera.

– Mariam! Mariam! Mariam! – gritou ele.

Alguém o levantou e ele sentiu o corpo inteiro a gritar ao aterrar numa maca. A sala de interrogatório desapareceu. Sentiu vento no rosto, luzes fortes por cima de si. Viu o cofre, por abrir, no seu quarto. Por um instante, viu Mariam numa maca a seu lado. Alguém, ao longe no horizonte, gritava. Ela estava de lado, com a ferida voltada para cima. A pessoa que gritava segurava uma bolsa de fluido. Havia tubos a sair do corpo dela.

Ele fitou-lhe os olhos em busca de alguma coisa, qualquer coisa.

Depois levaram-no dali.

Ali regressou ao seu gabinete em estado de choque e sem a camisa branca, que encontrara uma segunda vida como torniquete improvisado para Mariam. O impassível Volkov tinha ficado mesmo boquiaberto ao vê-lo passar pelo centro de comando russo. No seu gabinete, Ali limpou cacos de vidro da cadeira – resíduos da passagem do avião americano nessa manhã – e fumou seis cigarros um após o outro. Quando as mãos pararam de tremer, vestiu uma camisa limpa que guardava na gaveta da secretária.

Telefonou a Layla.

– Onde estás? – gritou ela. – Onde estás, Ali? Vem para casa agora! – Ele ouvia os gémeos a chorar.

– Estão em segurança? – perguntou-lhe Ali.

– Sim, por agora. Estamos no armário. Vem para casa.

– O Rustum morreu.

– Morreu? Como? As bombas?

– Aconteceu qualquer coisa. No escritório. Ele perdeu a cabeça. Foi-se.

– Perdeu a cabeça?

– Depois explico. – Os tremores apoderaram-se do seu pulso direito. Tentou tirar outro cigarro do maço, mas deixou-o cair ao chão. Apanhou-o.

– Estão a salvo? Tu e os meninos?

– Sim, mas vem para casa.

– Vou. Primeiro tenho de fazer uma coisa.

– Vem para casa! – gritou ela.

– Amo-te. – Ali desligou e acendeu o cigarro.

Quando chegou ao filtro, levantou-se e olhou pela janela estilhaçada para as colunas de fumo que se erguiam em Damasco, escutou o bramido das sirenes. Avaliou a situação caótica em que se encontrava.

Matara o irmão, o comandante da Guarda Republicana.

A sua agente, Mariam, estava a morrer num quarto de hospital improvisado vários pisos abaixo do seu gabinete.

Tinha torturado brutalmente e talvez até com sucesso um agente da

CIA, para obter informação. Continuava com o homem detido.

A turba de Basil estava naquele momento a invadir a Embaixada dos EUA.

O seu telefone vibrou. Kanaan.

– O que é?

– Estamos no gabinete de Atiyah. Encontrámos uma pasta de documentos com um compartimento oculto. Lá dentro havia passaportes norte-americanos com nomes falsos, com um aspeto bastante oficial, maços de notas e um dispositivo. Não sei o que tem, mas nunca vi uma coisa destas.

– E o computador, o telefone?

– Mensagens de texto estranhas de números americanos e europeus. Código, provavelmente. O mesmo com a conta de correio eletrónico.

– Façam a detenção. Tragam-no para cá e metam-no numa cela. Eu telefono para o Palácio com a notícia.

Ali desceu as escadas. Reparou nos russos a escrutinarem-lhe o rosto com olhos desconfiados e interrogadores. Não queria saber. Não tinha tempo.

– Volkov, ponha a Al Jazeera a dar.

O russo ligou um dos televisores.

As imagens mudaram – *Última Hora* – para o Presidente dos EUA a dirigir-se a jornalistas na Casa Branca. Dizia que os Estados Unidos tinham recebido informação credível de que o governo sírio planeava usar armas químicas. Consequentemente, explicava num tom duro, os EUA tinham bombardeado alvos na Síria para deter o ataque e transmitir ao bárbaro Assad que tal crueldade não seria tolerada. O Presidente disse que os EUA acreditavam ter impedido o ataque com armas químicas. Depois, permitiu que lhe fizessem perguntas. Um jornalista, comentando que o número de mortos da guerra civil já ascendia a centenas de milhares, perguntava por que razão os EUA tinham intervindo para impedir um ataque com gás *sarin* mas não a chacina convencional anterior. No pódio, o Presidente remexia-se nervosamente. Ali desligou o televisor.

Volkov parecia ter perguntas. Muitas. Em vez de ficar para lhe responder, Ali deu meia-volta e foi-se embora, recolhendo-se de novo no gabinete. Tinha de ir para casa. À sua secretária, com o vento a soprar-lhe nas costas pelas janelas quebradas, considerou desertar. Conduzir até à Jordânia com a família. As estradas estariam peçadas de postos de controlo, agora, depois dos ataques. O aeroporto também. Tinha documentos oficiais, talvez resultasse. Talvez não. Fugir podia fazê-lo parecer um assassino, coisa que até achava que era. O Mukhabarat deteria e interrogaria os pais e o irmão de Layla. Talvez ameaçasse violência, para o fazer voltar. Era assim que os prendiam ao trono.

Desceu as escadas e encontrou o arquivador. Abrindo a gaveta de cima, chegou à pasta identificada como “Nível das Águas do Lago Assad,

Relatórios e Análise, 1988-1992” e retirou de lá uma cassete de vídeo e fotos de dois cadáveres. Valerie Owens e o seu espião, Marwan Ghazali. Tirando uma caneta do bolso, escreveu um número e uma frase curta num papel, que guardou na pasta. Olhou por breves instantes para os olhos sem vida em cada foto. Telefonou ao médico enquanto subia as escadas.

– O americano está consciente? – perguntou.

– Sim. Em mau estado, mas capaz de falar. Apesar disso, eu não o submeteria a um interrogatório.

– Compreendo. Vou vê-lo.

*

Os médicos saíram rapidamente do quarto quando Ali chegou, deixando-o sozinho com Samuel. Uma fileira de pontos percorria o pescoço e a face do americano, cujo maxilar fora ligado, e um gesso novo envolvia-lhe o pé destruído.

Sam estava deitado de barriga para cima. Pestanejou ao ver Ali.

– A Mariam morreu? – perguntou.

– Não sei. Estou aqui consigo.

Ali queria fumar, mas o quarto era exíguo e ele não sabia se os pulmões do americano aguentariam. Esfregou a sua própria cicatriz.

– Agora vamos partilhar uma marca similar – disse-lhe. Sam fitava o teto, e tornou a pestanejar. – Hoje houve uma série de acontecimentos estranhos, Samuel. Nunca tinha tido uma manhã como esta. Quero ir para casa, estar com a minha família. Tenho a certeza de que você quer o mesmo. Por isso, tenho uma proposta para lhe fazer.

O americano tentou virar a cabeça para o encarar. Fez uma careta e tornou a encostar a cabeça, de olhar fixo no teto, à escuta.

– Eu poderia mantê-lo aqui indefinidamente, claro – disse Ali. – Esperar que recuperasse e depois voltar a submetê-lo aos choques elétricos para verificar tudo. Os nossos amigos do Hezbollah têm experiência a interrogar americanos durante longos períodos. Ficaram com o vosso Chefe de Estação de Beirute, William Buckley, durante anos, só para se assegurarem de que obtinham tudo. E para passarem uma mensagem, claro. Eu saberia mais se voltasse a torturá-lo.

Sam não falou.

– Os meus homens estão neste momento a deter Jamil Atiyah.

Mais silêncio do americano.

– Hoje de manhã, o vosso governo bombardeou a Síria, para travar um alegado ataque com armas químicas. Várias bases foram atingidas e o nosso ataque não pôde concretizar-se.

Sam tentou falar, gemendo com o esforço.

– Porque é que me está a contar isso?

– Sabe do que é que me apercebi? Não quero saber deste governo. Mas

quero saber da minha família. É tudo o que me importa. E sabe o que tem feito este regime? Compreende, nem que seja um pouco? Agarra em pessoas como eu e amarra-as ao sistema. O destino da minha família está interligado com o do governo. No vosso sistema, vocês têm escolhas, como é que se diz, autonom... auton...

– Autonomia.

– Precisamente. Autonomia. Há muito que você é um homem livre. Dá isso por garantido. Provavelmente, parte do princípio de que tenho a mesma margem de manobra aqui na Síria. É claro que não tenho. Sou um escravo, como os outros. Um escravo de alto estatuto, mas não deixo de ser um escravo. Mas não quero que a minha família morra. E não quero que o governo americano continue a perseguir-me. Por isso, quero oferecer duas coisas.

Ali pousou o ficheiro na cama.

– Esta é a primeira.

– O que é?

– É uma cassete de vídeo com o interrogatório a Valerie Owens e ao seu espião, Marwan Ghazali. Suponho que saiba que ambos morreram. Na cassete, verá que eu intervim, numa tentativa de salvar a vida dela durante o interrogatório. Não consegui. O meu irmão, Rustum, agarrou-me, enquanto um dos homens dele lhe cortava o cimo da cabeça. Depois obrigaram-me a escrever o relatório, a inventar uma treta qualquer acerca de ela ter tido uma sobredose de comprimidos.

Ali retirou a foto de Valerie Owens do ficheiro e pô-la nas mãos de Sam. O americano fitou-a com um ar conhecedor, como se já a tivesse visto.

– Como é que eu sei que isto não é falso? – perguntou Sam.

– Seria um plano bastante elaborado da minha parte, não? Fazer uma cassete como esta hoje e dar-lha? Tenho a certeza de que algures nos ficheiros da CIA ou do Mossad terão imagens ou comunicações intercetadas dele a falar. Poderão usá-las para corroborar esta cassete, para verificar que é o homem que eu digo.

– Nome?

– General Basil Mahkluf.

Ali levantou-se e aproximou-se mais de Sam, ficando diretamente sobre ele. Pousou a mão na grade da cama.

– Sei que não fala pelo seu governo, sobretudo não agora, mas quero a sua palavra de que, quando regressar, transmitirá aos seus superiores que ofereci esta informação de boa-fé. Gostaria de que isso fosse tido em conta quando escolherem futuros alvos para bombardear, ou se eu vos contactar nos últimos dias deste governo, a pedir ajuda. Compreendemo-nos?

Sam não respondeu.

– O que vai dizer que aconteceu ao seu irmão?

– A verdade. Ele trouxe a minha agente, Mariam, para o interrogatório,

para o pressionar. Perdeu o controle e eu matei-o antes que ele a assassinasse.

Sam assentiu com a cabeça.

– Duas coisas – disse. – Você disse que oferecia duas coisas antes de me libertar. A cassete com Basil é uma. Qual é a outra?

Na ilha grega de Hidra, uma velha vidente tinha mostrado a Artemis Aphrodite Procter, então com 9 anos, como seria a sua morte.

– E era bem mais violento do que esta merda – disse Procter a toda a Estação ao ouvir a segunda salva de granadas lançadas por foguetes a embater no edifício da chancelaria, por cima deles.

Os autocarros com *shabiha* tinham chegado à rotunda 30 minutos antes, a prometer mais uma manifestação, vandalismo e talvez uns quantos intrusos no complexo da embaixada. Em vez disso, pensava Procter a avaliar os estragos, tinham mandado um maldito grupo armado trepar os muros e abater uns quantos fuzileiros junto à entrada ocidental, após o que tinham arrombado as portas com *Semtex*, uma mina terrestre ou outra merda do género. Ela não assistira a isso, só ouvira uma chamada chorosa do tipo da Segurança Diplomática de cujo nome nunca conseguia lembrar-se. E depois: invasão. Uma data de milicianos maníacos a enxamear o complexo como insetos.

Procter deu ordens para que a Estação iniciasse a Fase 3 da Destruição (retirada de pessoal e autodefesa dos agentes). Destruíram os documentos, dissolveram os discos rígidos e o equipamento de comunicação nos destruidores de papel com ácido. Enquanto as máquinas iam devorando tudo, Procter telefonou a Bradley:

– Ed, precisamos aqui de um maldito regimento, com cavalos, helicópteros e essas merdas todas, porque estes lunáticos vieram para dar cabo de nós.

Levantou o telefone para que ele ouvisse os tiros e as explosões. Depois, desligou.

Foi até ao conjunto de monitores perto da secretária do agente de apoio. Mostravam imagens do circuito fechado do complexo. Viu fuzileiros a alvejarem milicianos na garagem, milicianos a correr para o gabinete do embaixador por uma porta rebentada na chancelaria, um grupo de pessoal do Departamento de Estado e de fuzileiros a fugir para o cesto da gávea do

terceiro piso, para se refugiarem e esperarem pelo fim do ataque. Um sírio a usar o uniforme de general da Guarda Republicana andava pelo segundo andar com uma metralhadora de combate e uma maldita faca. Caos total.

– Apanharam-nos de cuecas na mão – disse Procter à Estação. Olhou em volta, a contar os agentes. – Onde porra está a Zelda? – gritou. Outra investida de granadas atingiu a chancelaria e fez abanar as paredes da Estação.

Alguém disse que Zelda tinha ido à SCIF no piso de cima, para apresentar um relatório ao embaixador.

– Foda-se! – berrou ela. Todos tinham armas. Juntaram-se à volta de Procter enquanto esta observava os ecrãs. – Porque é que anda a porra de um general da Guarda Republicana a correr por aqui? – perguntou a todos. Viu o homem a desembainhar uma faca e a entrar num gabinete. Pelos ecrãs, viu dois milicianos a descerem pela escadaria na direção do corredor que dava para a Estação. Caminhavam lentamente, de AK-47 em riste, a espreitar para um lado e para outro.

– Que se foda isto – disse Procter, e pegou na sua metralhadora *Mossberg*, antes de abrir a porta blindada e saltar para o corredor. Disparou duas vezes contra os homens e girou de volta para a Estação. Ouviu gemidos e gritou em árabe que lhes oferecia uma morte rápida se lhe dissessem quem estava a liderá-los. Mais gemidos. Procter repetiu a proposta.

– General Basil Mahkluf – foi a resposta. – Ele alvejar guarda. Nós... nós não queríamos... – um gorgolejo, outro gemido e depois silêncio.

– Raios – praguejou Procter.

– Chefe, a Zelda está a fugir – disse alguém.

Procter virou-se para os monitores. Zelda corria para fora da SCIF e Procter viu o tipo da Guarda Republicana, o tal Basil, a sair do gabinete do embaixador. Disparou a metralhadora contra a analista em fuga. Outra câmara apanhou-a a cair por um lanço de escadas até ao patamar. Basil corria na direção dela.

Procter viu que Basil tinha na mão um escalpe vermelho e branco. Então a antiga explosão na Base de Khost, no Afeganistão, invadiu-lhe a mente. Recarregou a *Mossberg* e foi resgatar Zelda.

Virou a esquina e correu diretamente contra um miliciano. Apontou-lhe a arma aos malditos olhos gigantes e rebentou-lhe a cabeça com um só tiro. Zelda estava caída de barriga para baixo ao fundo das escadas.

– Vou só arrastar-te de mamas para baixo, OK, Z? Tu diz-me se fores desmaiar com a dor.

Procter disparou outra rajada contra um vulto ao cimo das escadas e agarrou Zelda por um ombro, arrastando-a pelo corredor para a Estação, com fragmentos de bala a ressaltarem das paredes à sua volta. Ouviu uma estranha voz grave a declarar que aquelas mulheres dos Ikhwan eram indecentes sem terem as cabeças cobertas. A voz pedia reforços. Que era

aquela merda dos Ikhwan?

Procter olhou para baixo, para o rosto empalidecido da analista. As pernas dela estavam completamente desfeitas.

– Z, estás aí? – gritou-lhe.

Ouviu um estrondo no corredor, virou-se e disparou, arrancando metade da perna a um homem que apontava um lança-granadas à Estação. Ele caiu.

– Agora estão a trazer as armas grandes – gritou ela. Olhou para Zelda. A analista não se mexia. – Alguém lhe faça pressão, arranjam um torniquete ou uma merda qualquer.

Um dos agentes de apoio começou a ligar as pernas desfeitas de Zelda.

– Aguenta, Z, aguenta.

Procter voltou a girar por uma esquina e disparou uma rajada da metralhadora contra outro homem que avançava pelo corredor. Ele caiu em frente à porta e olhou para cima, a guinchar. Procter encostou-lhe a *Mossberg* à têmpora, apertou o gatilho e regressou para dentro da Estação.

Então ouviu aquela voz esquisita outra vez, o tal Basil, e agachou-se para rolar de novo para o corredor, onde o viu de escalpe na mão. Ela disparou e ele caiu de barriga para baixo, após o que tentou recuar até à escadaria, para se proteger. Enquanto ele rastejava, Procter disparou novamente e ouviu o *zás* do projétil a alojar-se na coxa direita dele. Basil soltou um grito satisfatório e em seguida ela sentiu o calor pesado de projéteis a rasarem-lhe o rosto. Lembrou-se do que a velha vidente grega lhe dissera acerca do seu fim, o local específico, a hora e a selvajaria brutal, e ponderou acelerar pelo corredor afora, pois sabia que, naquele momento, era invencível. Mas não podia deixar Zelda.

– Dei-lhe no cu, Z – disse Procter enquanto voltava para dentro da Estação. – Mesmo no rabo. Tu aguenta-te, querida.

Uma granada lançada por foguete embateu na casa de banho destruída no lado de fora da Estação. Procter virou costas à explosão e depois levantou-se, com a imponente do seu metro e meio.

Em árabe, bradou que já vira como iria morrer, e que não ia ser assim.

Que ela, Artemis Aphrodite Procter, era o Anjo da Morte.

Sam não se lembrava de muito da viagem até à embaixada, para além de que Ali ia ao seu lado no banco traseiro, a dar ordens aos seus homens pelo rádio. Sam já não sentia o pé, e continuava com a visão trémula e turva: formas e cores formavam pontos em órbita, ocasionalmente interrompidos por breves momentos de clareza, logo obscurecidos por uma névoa que regressava.

Apercebeu-se de que algo se passava quando chegaram à embaixada: gritos ao longe, uma fumarada asfíxiante, o aviso de Ali para que esperasse no carro. Fosse como fosse, Sam não conseguia andar. Ouviu o rádio a crepitar e Ali a dar ordens a um grupo dos seus comandos junto ao veículo. Na cave do Gabinete de Segurança, Ali explicara que a sua segunda demonstração de boa vontade seria garantir-lhe uma passagem segura até à embaixada. E que seria insensato que mais alguém que não Ali o acompanhasse.

Agora, Sam tentava endireitar-se e espreitar pela janela, para a luz no exterior. Que entrada era aquela? A rotunda. Via autocarros. Uma multidão. Ouviu o matraquear de disparos de metralhadora dentro do complexo da embaixada. Depois, um tiro de uma pistola. Perto, na rotunda. Mais gritos. Iria acabar assim? Despedaçado por uma turba em frente à embaixada. Tentou sentar-se direito, mas não conseguia mexer o pé, não conseguia alavancar-se. Mais um tiro de pistola, agora mais próximo.

Uma voz elevada. Tiros. Mais gritos.

Ali abriu a porta. Sam sentiu pressão no ombro e depois várias mãos debaixo dos braços, a levantá-lo do seu lugar. Alguém (talvez o médico? Sam sentia o odor familiar a amoníaco) lhe espetou uma agulha de lado. Primeiro uma picada, depois agradável e quente nas veias. Estava a mexer-se, estavam a levá-lo para dentro. Via o chão por baixo, pedras, saibro e pavimento em movimento. Depois o padrão de soalhos de madeira. Virou a cabeça para a esquerda e viu Ali. Tinha a sensação de estar a cair num abismo, como num sonho febril. Queria o sol quente no rosto. Queria

Mariam consigo.

Fechou os olhos para imaginar os dela. Quando os abriu, havia uma silhueta por cima de si. Gradualmente, distinguiu o cabelo preto e frisado espetado para todos os lados, viu que a figura segurava um pau, uma arma ou qualquer coisa. Tentou mexer-se, mas não conseguia.

A figura ajoelhou-se e falou com ele.

– Jagers. Já estava na hora de apareceres.

Seis semanas depois

A câmara de visão noturna focou-se lentamente num *Pajero* estacionado junto ao passeio. A rua estava deserta, à exceção de um casal jovem a dar um passeio ao final do dia.

O operador da câmara tossiu, abanando a lente. Virou-a para o edifício de pedra suja. Quatro guardas iluminados por uma forte luz branca estavam em redor de uma portaria, a rir.

– Gostava de saber se vai passar lá a noite – alguém disse.

O operador de câmara tornou a tossir.

Um apito.

– Fala Gartner, do Conselho Geral. Continuamos à espera?

– Sim. Aquilo ali é uma festa do pijama – disse Procter.

– Cala-te, Procter – disse Bradley.

– Acabámos de pôr o Molly a comparar os vídeos recolhidos na semana passada e a fototeca. O algoritmo está a trabalhar agora. Não sei porque é que estava a dar erro antes.

– Entendido.

A câmara focou-se na entrada do Gabinete de Segurança.

– Está alguém a sair – disse o operador de câmara. A transmissão de vídeo mostrava uma figura a surgir dos portões.

*

Nas semanas desde a destruição da Embaixada dos EUA, Langley andara em crise total. O diretor estabelecera um grupo de trabalho para a Síria, incluindo, segundo Sam ouvira dizer, mais de 200 analistas, operadores, informáticos, linguistas e selecionadores de alvos. A perda da Estação de Damasco dera azo à criação de uma célula da CIA em Amã, cujo foco era a Síria, e que era comandada por Procter. Enquanto recuperava da cirurgia ao

pé na Alemanha, Sam soubera pelos rumores da CIA que a equipa de Procter fora encarregada de descobrir os responsáveis pelo caos em Damasco. Bradley fez-lhe o triste relato das contas durante um telefonema entrecortado. Catorze norte-americanos mortos, incluindo seis fuzileiros, o adido da Defesa e sete funcionários do Departamento de Estado. Doze sírios do Serviço de Estrangeiros também tinham falecido. Outros 26 norte-americanos haviam sido hospitalizados em Landstuhl, incluindo quatro funcionários da CIA, entre os quais se contava Zelda. Tinha sido, percebeu Sam ao fazer as contas mentais, o dia mais mortífero para a presença dos Estados Unidos da América no estrangeiro desde o bombardeamento das casernas dos fuzileiros em Beirute em 1983.

– Já sabemos quem liderou o ataque? – perguntara Sam.

Bradley, segundo ele percebia, não queria falar. Sam ouviu o telefone passar de uma orelha para outra. O velho agente tossicou. Sam deixou que o silêncio se prolongasse.

– O cabrão psicopata que matou a Val – acabou Bradley por dizer. – O general Basil Mahkluf. Tirou o escalpe a uns quantos dos nossos durante o ataque à embaixada. A Procter diz que também foi ele que alvejou a Zelda. Estamos a esforçar-nos por encontrar o sacana. É tudo o que posso dizer por ora, tu entendes.

Bradley tornou a tossir. E foi então, nesse segundo tenso de silêncio antes de Bradley ter a cortesia de mudar de assunto, que o cérebro de Sam começou finalmente a processar o buraco profundo em que se encontrava.

Afinal, tinham-lhe dado uma semana para recuperar no hospital em Landstuhl antes de o ataque burocrático começar. Bradley cumprimentou-o assim que saiu da ponte aérea, oferecendo-lhe um apartamento mobilado em Tysons Corner para os meses seguintes. Também lhe explicou que Sam havia sido colocado em licença administrativa, com todos os acessos temporariamente negados. Ed não estava zangado, apenas triste, como se tivesse tido de abater um cão adorado que tivesse mordido o filho do vizinho.

Os investigadores criaram um ficheiro exaustivo do caso para a audiência com o Comité de Avaliação de Pares – sem data ainda, iminente –, no qual um painel de altas patentes da Agência iria decidir o seu destino. No melhor dos casos: libertado de preocupações de contrainteligência e preso a uma secretária em Langley durante seis a 24 meses. No pior dos casos: destituído do serviço, perderia o distintivo azul e a autorização de segurança, teria de empacotar as suas coisas e preparar-se para o tédio esmagador da vida civil.

As semanas em Langley foram desagradáveis. Quatro exames psicológicos. Consultas diárias com a equipa médica da OMS. Três exames físicos formais. Uma dura entrevista de três dias com uma equipa rotativa de três interrogadores cada vez mais raivosos, decididos a construir uma cronologia exaustiva da sua última semana em Damasco. Entregou todos os

dispositivos de comunicação que tinha, pessoais e profissionais. Interrogaram-no acerca de todas as RDV. Passaram a pente fino todos os comunicados e avaliações de agentes que ele redigira desde o Cairo.

Os testes de polígrafo eram extensões da miríade de “entrevistas” e interrogatórios. Eram agressivos, ruidosos, coercivos. Mas ele oferecia a mesma história a cada grupo de investigadores de olhos de betão: a verdade. Os operadores do polígrafo enquadravam as perguntas de maneira a que ele pudesse responder com um simples sim ou não. Pediam detalhes íntimos, gráficos e cronológicos das suas ligações românticas com Mariam. Ele contou-lhes tudo. (*“Teve uma relação sexual com a sua agente, Mariam Haddad, em França, Damasco e Itália?”*) Queriam saber as circunstâncias da sua libertação da prisão de Ali e da sua subsequente aparição na embaixada destrozada. (*“Proporcionou ao general Ali Hassan informação confidencial, além do nome, dos lugares de entrega e das casas seguras já especificadas?”*) Perguntaram-lhe pelo triplo homicídio (*“Mariam Haddad disse-lhe que tinha ido ao exterior da embaixada para lhe passar informação fora do seu canal de comunicação com Ali Hassan?”*) *“Mariam Haddad matou os três milicianos?”*)

Duas semanas depois, Zelda morreu.

Tinha estado ligada às máquinas em Landstuhl. A CIA transportou-a para Washington para o funeral e a Contrainformação teve a cortesia de interromper as tarefas burocráticas para que Sam pudesse estar presente. Bradley e Procter estavam lá. Sam lembrava-se da analista a meter-se no carro da Chefe no Aeroporto Internacional de Damasco, cheia de energia, pronta para deslindar a rede de fornecedores do Palácio. A náusea ainda o acometia quando pensava no comunicado em que ele e Procter tinham prolongado a estada temporária de Zelda. **“ESTAÇÃO REQUISITA EXTENSÃO DE TRÊS MESES PARA APOIAR OPERAÇÕES CRÍTICAS E CONTÍNUAS DOS SERVIÇOS SECRETOS.”** Lixo antissético. Ele ajudara a matá-la. E a Val.

Tentou apanhar Procter depois do serviço fúnebre, mas a Chefe foi-se embora antes que ele pudesse chamá-la à parte.

Nessa noite, Bradley convidou Sam para jantar na sua quinta.

– É o meu primeiro jantar em casa em três semanas e escolho passá-lo contigo, como um idiota – disse Bradley.

Angela ajudou-o a sair do carro de Ed, deu-lhe um grande abraço choroso, grelhou hambúrgueres e deixou-os com uma embalagem de seis *Coors* no alpendre. Ficaram a ver a luz do final do verão a raiar as montanhas Blue Ridge e acabaram a primeira ronda em silêncio.

Bradley abriu a segunda cerveja e bebeu um trago. Sam achava que Ed parecia quatro anos mais velho do que antes de Damasco.

– Esta conversa nunca aconteceu, entendido? A Segurança vai dar-me cabo do couro se descobrir.

Sam engoliu o que lhe restava da primeira cerveja e assentiu com a

cabeça.

– Não sabemos nada de Athena. Nem um pio desde a cave de Ali. O que há, contudo, é um consenso crescente de que não nos manipulou, pelo menos não durante muito tempo. A história da prima foi corroborada por uns documentos roubados. Libertaram-na, já agora.

Sam esboçou um sorriso ténue ao ouvir aquela notícia, e depois virou-se para Bradley, o pai que tinha desiludido. Ou traído. Não sabia como pensar naquilo ao certo, mas não fazia diferença. Fosse como fosse, sentia-se envergonhado.

– Desculpa, Ed. Fiz asneira com ela. Espero que me perdoes.

Bradley assentiu com a cabeça.

– Posso perdoar-te. Já perdoei. Não te vou flagelar por isso. Confessaste. Assumiste o erro.

Sam baixou-se para tirar a segunda cerveja da geleira. Fez um esgar e arquejou ligeiramente, endireitando-se enquanto a abria.

Tornaram a beber em silêncio enquanto o sol mergulhava atrás da cordilheira.

– O sistema de comunicações clandestinas que fornecemos a Athena continua a intrigar – disse Bradley. – A Agência Nacional de Reconhecimento varreu a plataforma de satélite e encontrou uma coisa esquisita, tipo *malware*. Há poucos detalhes, mas fizemos a transição de todos os agentes e estamos atentos. É possível que Ali e os informáticos iranianos tenham roubado umas quantas semanas de tráfego de comunicações clandestinas. A Contrainformação está a cruzar a informação para ver se consegue determinar a identidade de alguém a partir desse tráfego. Talvez tenhamos de retirar uns quantos do terreno, se acharmos que estão comprometidos.

– Quantos espiões usam a plataforma?

– Quatro. Sem contar com Athena.

– Que embrulhada – balbuciou Sam.

– Sim. Quem me dera que ela te tivesse contado em Itália. Podíamos tê-la tirado de lá.

Sam pôs a lata e apoiou a testa nas mãos. Bradley pôs-lhe uma mão nas costas. Tornaram a ficar em silêncio. Uns minutos depois, Sam levantou a cabeça para olhar para as montanhas. Bradley segurou-lhe o ombro e bebeu outro trago de cerveja.

– O Comité de Avaliação de Pares deve ser marcado por volta do Natal. Os polígrafos correram bem, mas vai haver mais. É tudo o que posso dizer acerca disso, tu percebes. Acho que vão deixar cair o ângulo da contrainformação. Não acham que estejas a mentir, o que é um bom augúrio quanto a poderes permanecer no serviço. Já vi comités suficientes para saber que é sempre uma questão de contabilidade. Por um lado, têm a tua indiscrição romântica com uma agente e a decisão subsequente que ela tomou de entregar um dispositivo de comunicação clandestina a um serviço

hostil. Por outro, têm a confissão dela, veracidade e cooperação subsequentes e as vossas ações coletivas em Damasco nos dias 18 e 19 de julho. – Bradley acabou a cerveja e atirou a lata para o lixo. – Já agora, a minha opinião é a seguinte. A tua supervisão do caso de Athena levou a uma operação militar dos EUA que impediu um ataque devastador. Vocês os dois salvaram milhares de vidas. Isso vai ser claro como água para o comité. Preto no branco. Uma joia na tua coroa. Não, a controvérsia vai ser a decisão de te entregares. E, claro, a tua relação com ela. Será que isso te pôs, e aos nossos agentes, em *mais perigo*, e que criou dores de cabeça para a Contrainformação, porque é possível que não te lembres de tudo o que disseste a Ali?

– Se eu tivesse fugido e a Mariam tivesse denunciado Atiyah, Ali nunca teria acreditado na história dela sobre a informação de Wadi Barada. Haviam de ter escavado e torturado até ela admitir tudo.

Bradley assentiu com a cabeça.

– Eu percebo. Não faço é ideia de que como é que o comité vai ver isso.

– Mas tens visto muitas coisas destas. O que é te diz o instinto?

– Dois anos de período experimental no Quartel-General. Mas se calhar só aposto nisso a 50 por cento.

– E qual é o outro lado da moeda?

– Despedirem-te.

Sam assentiu com a cabeça, acabou a segunda cerveja com um longo trago e apercebeu-se de que não se importava, desde que Mariam saísse viva daquilo.

– Há mais uma coisa. Espera aqui. – Bradley entrou em casa e desceu as escadas até à Caixa. Voltou com uma folha e sentou-se. Abriu outra cerveja, coçou o queixo áspero e começou a falar, antes de se interromper abruptamente, como se reconsiderasse a sensatez do que estava prestes a dizer. Ou de dizer o que quer que fosse. – Estás de licença administrativa, portanto é claro que isto não é ético – disse. – Mas que se lixe. Preciso da tua ajuda.

Estendeu a mão, oferecendo-lhe uma folha dobrada.

Sam pegou no papel, virou-o e inspirou o cheiro a fumo e cinza. Estava ligado a uma bolsa com sedativos fortes na prisão da cave de Ali da última vez que tinha visto aquilo. Ficou maldispuesto ao vê-lo de novo.

A boca de Bradley virou-se para cima num sorriso sardónico.

– Talvez não te lembres, mas Ali meteu isto na cassete que te passou antes de te devolver à embaixada. O vídeo, já agora, confirma a história dele. O general Basil Mahkluf, sob o olhar atento do recentemente falecido Rustum Hassan, assassinou a Val e Marwan Ghazali durante um interrogatório.

Bradley fez uma careta e fitou os sapatos.

– O que é que Ali estava a fazer enquanto isso acontecia?

– Isso é o mais estranho. A cassete não é conclusiva, mas parece que tentou deter Basil. O irmão, Rustum, meteu-se no caminho e deixou que Basil cortasse a porra do escalpe à Val.

Sam assentiu com a cabeça.

– O que queres que faça?

Desdobrou o papel e viu os números, reconhecendo-os como um número de telefone sírio. Havia uma frase rabiscada em árabe. Voltou a dobrá-lo.

– Ainda não temos uma ordem para matar Basil, mas suponho que a tenhamos durante a próxima semana – disse Bradley. – O tipo está coberto de sangue. É responsável pelas mortes de 15 americanos, incluindo a Zelda e a Val. Mas o problema é o seguinte: não consigo encontrá-lo.

– O Presidente não quer voltar a bombardear Damasco?

– Basil desapareceu. Não há comunicações, não há idas ao escritório, abandonou a casa de campo. É um fantasma. Nem saberíamos o que bombardear.

– Eu também me esconderia, se tivesse assassinado uns quantos americanos – disse Sam.

– Olha, por esta altura, conheces Ali melhor do que qualquer outra pessoa no governo dos EUA.

– E queres saber se eu acho que nos ajuda a encontrar Basil.

– Sim. O que te parece? Disseste que ele era ambivalente em relação ao regime. Raios, passou-te uma cassete de vídeo que põe um alvo gigante nas costas de Basil.

Sam resmungou.

– Ali disse-me que queria consideração do nosso governo quando fossem escolhidos futuros alvos de bombardeamentos.

– Achas que ele nos ajuda a conseguir essa consideração? Se tu lhe pedires?

Ali. Sam olhou para o seu pé descaído, pensou na eletricidade que o fritara enquanto Ali procurava um nome. Depois lembrou-se do sorriso de Ali naquela noite, no restaurante com Zelda. Decente, quase amável. Recordou as palavras que dissera sobre o regime antes de o libertar, do ódio a inflamar-lhe os olhos ao pronunciar o nome de Basil Mahkluf.

– O Ali é um tipo complicado – foi tudo o que Sam conseguiu balbuciar.

– Lá isso é – concordou Ed, com um olhar de relance para o pé de Sam. Mosquitos atiravam-se às luzes do alpendre enquanto Bradley esperava que ele continuasse.

– Localizaram o número nesta folha? – perguntou Sam.

– Sim. É do gabinete de Ali.

– Então e a minha licença administrativa? Não tenho acesso.

– Quero que trabalhes nesta operação com a Procter, e que se lixe a licença administrativa. A Procter aceita. Não vamos contar a ninguém. Eu

trato de te restaurar o acesso. Temporariamente, claro. Começarias em Langley e depois fecharias a coisa no novo estaminé da Procter em Amã. Isto, partindo do princípio de que o Presidente assina uma nova ordem. – O olhar de Bradley regressou ao pé de Sam.

– Ed, obrigado, e tal, mas, por amor de Deus, para de olhar para o meu maldito casco. Hei de ficar bem. Nada me agradaria mais do que acabar isto. Conta comigo.

Sam acabou a terceira cerveja, esmagou a lata e dirigiu um olhar duro a Bradley. Queria a operação, mas duvidava de que isso o ajudasse a encontrar Mariam. A mulher que amava mais do que tudo tinha desaparecido no coração de Damasco: morta, capturada ou silenciada. Vista pela última vez numa maca, com uma faca nas costelas. E, como sempre quando essa imagem lhe surgia na mente, seguia-se um vácuo que o arrancava ao seu próprio corpo. Deixou que passasse.

– Quando é que começo? – perguntou.

*

Sam e Procter instalaram-se no planeamento operacional como um casal junto há muito depois de uma discussão: ignoraram as indiscrições dele, assumiram os velhos papéis e seguiram em frente, de queixo erguido. Sam mencionou Mariam uma vez, mas Procter, vendo-lhe a expressão culpada mesmo na videoconferência a partir de Amã, mostrara-lhe uma pequena mão granulada pelo ecrã. Quando a baixara, Sam vira-lhe os olhos zangados e redirecionara a atenção coletiva para uma série recente de imagens por satélite do Gabinete de Segurança, comentando que o número de automóveis estacionados na rua adjacente tinha aumentado consideravelmente nas últimas semanas. Procter assentiu com a cabeça e deu uma grande dentada naquilo que parecia ser uma barrita (tamanho gigante) de chocolate e amendoim.

– Foto seguinte – disse ela.

Por isso, não voltou a mencionar o assunto.

O desafio operacional mais urgente era a insistência contínua da Casa Branca e do Sétimo Piso de que a CIA autenticasse a identidade do alvo com Molly, o algoritmo, e Susan, a especialista em reconhecimento facial. A CIA não mantivera ninguém em Damasco. Quem poderia operar as câmaras? Quanto a isso, havia um aceso debate entre a equipa operacional, que culminara numa troca de comunicados em que Procter atacava a sugestão mais ou menos séria de Sam de testarem o *software* Molly com um *drone* de vigilância. Procter enviara um parágrafo em resposta, dizendo que a ideia de Sam era pura bosta operacional. Sam interpretou a grosseria como uma maneira retorcida de ela dizer que o perdoava. Aos inimigos, só oferecia silêncio.

No final, Sam defendeu a abordagem mais simples: usar os Banditos.

Tinham sido submetidos ao polígrafo. Conheciam as regras do jogo. São a nossa única hipótese, argumentou Sam. As aprovações foram espinhosas, os advogados estavam nervosos quanto a envolver diretamente indivíduos estrangeiros numa operação letal. Mas Bradley e Procter apoiaram a moção e não tardaram a ter uma cópia da ordem revista para a CIA matar o general Basil Mahkluf. Sam trancou-a no cofre debaixo da secretária. Para além de uns quantos copos vazios da *Dunkin' Donuts*, o seu espaço temporário de trabalho na quinta de cubículos de Langley estava vazio.

Só faltava uma coisa. A parte mais importante. Tinham de o encontrar. Sam passaria duas noites sem pregar olho.

Começou à hora de almoço, numa quarta-feira. Sam apareceu à porta de uma sala na cave de Langley, identificada com a placa inconspícua: SOLUÇÕES DE TECNOLOGIA GLOBAL. Levava o papel que Ali colocara dentro da pasta em Damasco. Um informático da Agência de Segurança Nacional abriu a porta e levou-o até uma sala de vidros fumados, com uma fileira de cubículos estéreis no centro e um conjunto de monitores televisivos a cobrir cada parede, todos a transmitir noticiários por cabo. O informático levou-o até outra sala. O rosto de Procter já estava escarrapachado num ecrã e um dos linguistas da CIA, Abdallah, que era sírio, encontrava-se à mesa. Havia um só telefone e um conjunto de computadores junto à parede. O técnico sentou-se ao computador e fez sinal a Sam para que se sentasse.

– Como dissemos, se os iranianos, os russos, ou seja lá quem for, tentarem localizar esta chamada, parecerá que foi retransmitida de uma torre no subúrbio de Mezzeh – disse o informático, a apontar para uma imagem de satélite do limite ocidental de Damasco, com as torres de telecomunicações assinaladas por pontos azuis.

– Já revimos isto umas 20 vezes, Jason, poupa-nos, caramba – disse Procter ao técnico, que não se chamava Jason. – Ponham todos os malditos auscultadores e vamos avançar. Sam, o espetáculo é teu.

Sam reviu o plano com Abdallah uma última vez. Depois desdobrou o papel e marcou o número. Eram oito da noite em Damasco. Ali devia estar no seu gabinete. O telefone tocou duas vezes antes de ele atender.

– Estou?

– Olá, amigo, peço desculpa por não ter telefonado ontem à noite, mas queria dizer-lhe que enviei o vinho – disse Abdallah num árabe levantino impecável, a ler da folha que Ali passara a Sam.

Uma pausa demorada. Sam ouvia respiração, o telefone a ser passado de uma orelha para outra, o ruído de uma gaveta e de papéis.

– Obrigado. Quanto lhe devo? – perguntou Ali.

Abdallah leu três preços que podiam ser unidos para formar um número de telefone.

– OK, obrigado – disse Ali.

A chamada caiu. O pescoço de Sam arrepiou-se, com todos os pelos no

ar.

Virou-se para o informático da Segurança Nacional.

– Pode fazer as verificações do reconhecimento de voz, mas é ele. É Ali Hassan. – Sam girou a cadeira para Procter. Ela mostrou-lhe os dois polegares voltados para cima. – Se ele nos ligar, vai ajudar-nos a encontrar Basil – disse Sam.

Procter passou um polegar pela traqueia e o seu ecrã ficou preto.

*

Sam encontrou Iona Banks sentada em frente à sua bancada dos Serviços Técnicos, numa sala sem janelas do Edifício Original do Quartel-General, saturada de luzes fluorescentes. A sorrir, ela passou uma mão pelo lado não rapado da cabeça e chamou-o à bancada. Afastando várias bolsas pretas da *Gucci* – “os chineses dos serviços secretos andam todos com estas” –, tirou uma pasta bege de uma gaveta e passou-a a Sam.

– Tenho tantas perguntas que não estou a fazer – disse ela.

– Esperta.

Ela levou a mão à pasta, puxando-a apenas um pouco.

– Mas tenho de fazer uma: qual é a probabilidade de isto fazer com que me despeçam?

Debruçando-se, ele apoiou os antebraços na bancada e olhou distraidamente para a fotografia no seu distintivo. Era tão novo quando fora tirada.

– Baixa.

Ela sorriu e soltou a pasta. As suas sobranceiras franziram-se ao ver o distintivo azul dele.

– Quando é que perdes isso, já agora?

– Em breve. Tenho umas coisas a tratar em Amã. Depois começa o processo do comité.

Abriu a pasta. Dentro estava um envelope com selos franceses. Tinha vários folhetos de casas de férias e hotéis. A folhear os papéis, parou quando chegou ao anúncio de um castelo em Èze.

– Como é que conseguiste esta imagem?

Iona limitou-se a franzir o cenho.

– O que é que disseste aos tipos dos Documentos?

– Disse-lhes só para o fazerem. Não fizeram perguntas. Eles adoram estas coisas.

– Vai parecer que veio de Villefranche? – perguntou ele.

Iona esboçou um sorriso arrogante.

– Vai. Na verdade, trata-se de um pacote promocional enviado pela boa gente do Gabinete de Turismo de Villefranche, esperando convencê-la a voltar à região para mais umas férias.

– Perfeito.

Seguiu-se um silêncio.

– Ela está bem? – perguntou Iona, com o rosto a ensombrecer-se.

– Não sei.

Então a fotografia do castelo de Èze fê-lo sentir um aperto no peito. Sam fechou a pasta.

Ela assentiu com a cabeça e manteve o silêncio.

Sam releu cinco vezes a morada de Damasco no envelope para ter a certeza de que estava correta. Enfiando o folheto do castelo de Èze novamente no envelope, devolveu a pasta bege a Iona e bateu duas vezes com os nós dos dedos na bancada.

*

Uns dias antes de partir para Amã, Sam coxeou até ao Centro de Mobilização Global com o seu passaporte diplomático preto e o comunicado de Procter a aprovar a sua deslocação temporária. O nome na placa no balcão proclamava que a funcionária com ar de avozinha se chamava Cornelia G. A bengala no chão e os óculos que pareciam lupas sugeriam que devia ter entrado ao serviço durante os últimos dias da administração Eisenhower. Sam sorriu e apresentou-se. Cornelia não o fez. Levantou-se, estendeu uma mão trémula para os documentos e começou a inserir a identificação de funcionário de Sam no seu computador.

Passados uns minutos, levantou a cabeça e releu o comunicado de Procter a aprovar a deslocação.

– Forjou isto, querido? – disse ela.

Sam riu-se. O rosto de Cornelia contraiu-se numa careta. Ele livrou-se do sorriso. – Não – respondeu. – Pode verificar na base de dados de comunicados.

Cornelia assim fez. Demorou muito tempo a marcar os números. Por fim, olhou para ele e falou em voz baixa:

– Como é que tirou isto da cartola, querido, estando de licença administrativa e tudo? Nunca vi uma coisa assim, e estou aqui há um bom tempo. Não devia sequer ter acesso a este comunicado de aprovação, quanto mais viajar a mando da Agência. – Cornelia apontou para o distintivo dele. – De que cor é isso, afinal? Tem o vermelho? Precisa de acompanhante? Alguma dessas pessoas simpáticas está de olho em si, a garantir que não leva documentos confidenciais dos cofres? – Apontava para as pessoas na fila atrás de Sam, que já se estendia até ao corredor.

Sam mostrou-lhe o distintivo azul.

– Por ora continua azul, Cornelia.

Ela sorriu então, e o seu olhar remeloso demorou-se na cicatriz recente.

– Bem, querido, quero perguntar que coisa horrível é que fez, mas vou poupá-lo. Quem é bisbilhoteiro não mantém um emprego destes. Vamos lá prepará-lo. – Sem que tal lhe fosse pedido, Cornelia leu em voz alta a

cláusula 41-2 dos Regulamentos da Agência como se fossem as Santas Escrituras: – “Qualquer viagem deve ter ou exceder 13 horas de duração, incluindo escalas, para merecer a aquisição de uma tarifa aérea superior a Classe Económica Básica, ou o seu equivalente mais próximo, numa linha aérea dos EUA (Delta, American, United, etc.)” –, dizendo o *et cetera* como se fosse um ámen.

Sam sabia que não se discutia com a Mobilização, pelo que sorriu e assentiu com a cabeça e disse que, com certeza, um lugar no assento do meio perto de uma das casas de banho seria excelente. Ela comprou o bilhete e imprimiu os documentos que o identificariam como segundo secretário (de Comunicações) e tratou de marcar o hotel.

– O quarto tem de ficar acima do quarto piso e abaixo do décimo, querido, já sabe. Não há exceções. Por cima do quarto piso para o manter a salvo de explosões de viaturas, abaixo do décimo para que as escadas dos carros dos bombeiros cheguem lá. Não podemos reservar-vos a *penthouse* assim à maluca. Ela olhou para a mão esquerda dele, desprovida de aliança, e deu um estalido com a língua.

*

Com o televisor desligado, Sam arrastou-se para a cama no seu quarto do Hotel Four Seasons em Amã. Sentou-se na beira da cama enquanto o trânsito do início do dia girava e gemia na rotunda lá em baixo. Olhou para o tapete, para o armário. Alisou os lençóis e inspirou profunda e dolorosamente.

Desajeitadamente e com dores, vestiu-se. Ouviu quatro batidas enquanto se encaminhava para a porta. Espreitou pelo olho mágico, tirou a corrente da fechadura e abriu-a.

– Jagers. Está na hora. Vai ser um grande dia.

Na Estação, o final da tarde deu lugar à noite. Procter emergiu do seu gabinete. Um agente de apoio de Amã levou comida do Bennigan’s para a equipa da operação, que se encontrava agora reunida à volta da mesa de conferências a debicar nos recipientes descartáveis: hambúrgueres, tiras de frango, aros de cebola e travessas cheias de batatas fritas.

– É o último Bennigan’s do mundo, segundo me consta – disse Procter. – Aqui mesmo no meio do deserto.

Bradley estava de vigia em Langley. Sam armaria a bomba a partir de Amã.

O telefone detonador encontrava-se agora entre Susan, a especialista em reconhecimento facial, e uma travessa intocada de cascas de batata fritas. Procter disse a Sam que tinha de ir à casa de banho.

– Sou a tua ama-seca aqui, por isso vens comigo.

Graciosamente, fê-lo esperar à porta da casa de banho das mulheres. Quando saiu, apontou para uma fileira de secretárias vazias e sentou-se. Ele

pullou uma cadeira para se sentar à frente dela enquanto Procter tirava um elástico do bolso para prender o cabelo.

– Não vais obter redenção da minha parte, mas perdoo-te. Isso é o melhor que posso fazer.

Ele tinha vontade de a abraçar.

– Obrigado, Chefe – disse-lhe em vez disso.

– E lamento a situação com Athena – disse Procter. – Era a nossa miúda em Damasco. Valia ouro, uma espia de primeira. Mais o facto de não se saber o que lhe aconteceu e essa merda toda. Supervisionei um tipo em Kandahar que nos desapareceu. Foi-se, simplesmente. Puf. Isso deu comigo em doida. Ainda hoje me incomoda. E eu nem sequer andava enrolada com ele.

Sam conhecia Procter o suficiente para interpretar aquilo como um sentimento genuíno, não um lembrete retorcido das suas infidelidades para com a CIA. Aquilo era empatia.

Sam assentiu com a cabeça. Os olhos de Procter fitaram os seus.

– Tens noção de que, mesmo que ela dê à costa, tu serás tão bem-vindo neste caso como um judeu em Meca, certo?

– Sim, claro. Vá lá, Chefe.

Procter assentiu a cabeça e cuspiu para um caixote do lixo. Soltou o cabelo e esticou o elástico à volta dos dedos.

– Aquela noite em que me confessaste a cena. Naquela casa segura merdosa em Damasco. Disseste uma coisa interessante.

– Disse muitas coisas.

– Sim. Mas usaste uma palavra intrigante, uma palavra que eu não comuniquei à Contrainteligência, nem à Segurança, quando me pediram a história depois de teres revelado tudo em Landstuhl. Disseste: “Estou apaixonado por ela, Chefe.” Estou a citar-te. Não disseste *Levei-a para a cama, Chefe*, nem *Temos andado a ter sexo, Chefe*. Apaixonado. Lembras-te?

Sam inclinou-se mais para Procter.

– Uma vez, o Bradley disse-me que podemos mentir a qualquer pessoa, exceto à CIA – disse ele. – Por isso, disse-te a verdade.

Ela abanou a cabeça.

– Nesse caso, qual é o plano? – perguntou ela. – Se fosse só sexo, imagino que, mais cedo ou mais tarde, ultrapassarias isso. Mas o amor, segundo me têm dito fontes seguras, é uma porra de um sentimento bem mais difícil de alguém se livrar.

– Não há plano – disse ele. – Não há nada a fazer.

Procter tornou a prender o cabelo.

– Suponho que não. Mas deixa-me fazer-te uma pergunta, Jagers. Quando te juntaste a mim em Damasco, eras um agente supervisor entusiasta, a caminho de um futuro glorioso. Agora... – Deixou a frase no ar. – Estás um bocado diminuído, digamos. – E dirigiu-lhe um sorriso

ténue.

– *Diminuído* é uma boa palavra – disse Sam. – Adequada. Mas qual é a pergunta?

– A Mariam valeu a pena?

A menção do verdadeiro nome de Athena, uma infração ao protocolo – uma infração intencional, desconfiava ele – apanhou-o de surpresa. No entanto, antes que pudesse responder, a voz de Susan interrompeu-os, vinda da sala de conferências.

– O Conselho Geral acaba de se juntar.

Sam e Procter voltaram para a sala, vendo Elias Kassab apontar a câmara ao edifício do Gabinete de Segurança. Sam sentou-se ao lado de Procter, a remexer-se na cadeira, desejando não ter negligenciado a toma da noite de *Vicodin*, para as dores do pé.

Viram Ali Hassan sair e começar a caminhar lentamente pelo passeio.

– Onde raio está Basil? – perguntou Procter. – Já não estamos a tentar matar a porra do Ali Hassan.

*

Ali acendeu um cigarro e caminhou até à guarita, olhando para um céu noturno com algumas nuvens. As últimas semanas tinham sido das piores da sua vida. Havia 15 dias que não ia a casa. Tinha deixado de olhar para o espelho. Já não importava.

O seu título não se alterara, nem o seu salário, e nem uma nem outra coisa eram invulgares para uma promoção na Síria. Mas o que era invulgar, e aterrador, era a abrangência da sua nova responsabilidade.

– Vai assumir a posição do seu irmão – dissera Assad, com um olhar duro, depois de Ali explicar que matara Rustum. O Presidente não reagira a tal confissão. – A Guarda Republicana é sua. Faça o que for necessário para esmagar a rebelião.

Ali desconfiava que Assad pusera em andamento uma força paralela para o investigar, mas, até então, esse fantasma mantivera-se à distância.

Desde então, Ali receava que a sua própria sanidade mental pudesse estar a escapar-lhe. Passara a ter um pesadelo recorrente no qual Layla gritava e depois desaparecia em chamas. Repetia-se num catre no seu gabinete, por norma mesmo antes de amanhecer.

Mas, naquela noite, tinha mais uma distração antes de voltar ao trabalho e aos pesadelos. Apagou o cigarro e acendeu outro enquanto serpenteava entre os carros no passeio.

Caminhava ociosamente, enchendo os pulmões de fumo. Imaginava-se a rasgar a garganta de Rustum e coçava a sua cicatriz enquanto pensava no irmão, a tentar conjurar alguma emoção. Raiva, culpa, perda, alegria.

Qualquer coisa.

Mas nada sentia e a memória desvaneceu-se na noite à medida que

caminhava.

Sam observava a transmissão de vídeo do passeio de Ali e coçava a sua própria cicatriz, que lhe apanhava o lado esquerdo do pescoço até à parte inferior da face. Percorreu-a com o polegar. Pressentiu o olhar de Procter e baixou a mão.

– Alguma coisa, Jagers? – perguntou Procter.

– Não. Ainda nada.

Ali estava a uns 50 metros do *Pajero*.

– Ele está a virar-se – disse Elias. – Muito, muito devagar.

– Foda-se – disse Procter. – Volta lá dentro e traz-me o Basil.

*

Kanaan aguardava por Ali no átrio do Gabinete de Segurança.

– Ele começou finalmente a falar, chefe. Eu sei que anda ocupado, mas acho que devia ir vê-lo.

Ali seguiu Kanaan para a cave, rumo à mesma cela onde tinham mantido a prima de Mariam Haddad, a magricela com aquela triste venda num olho. Kanaan abriu a porta e Ali entrou na sala gelada, juntando-se ao prisioneiro na cama de laje e acendendo um cigarro para se aquecer.

– Ibrahim – disse Ali. – Ou devo dizer Abu Qasim? – sorriu. – Segundo me consta, confessou ter construído a bomba que quase matou o Presidente?

– E a si – resmungou Abu Qasim. – Quase o matou a si.

– Sim – murmurou Ali.

– E ao seu irmão.

– Seria um favor que me teria feito. Assim, tive de ser eu a tratar disso.

Ali soprou-lhe fumo para a cara e Abu Qasim virou a cabeça, surpreendido, antes de tornar a fitar o chão. Ali deu um estalido com a língua.

– Mas não quero mais informação sobre o passado. Quero saber do futuro.

– O quê?

– Onde está a Peste Negra? A sua mulher, a atiradora? Onde é que ela está agora? Para onde é que vai?

Abu Qasim fechou os olhos. A sua respiração chiava. Depois, sorriu.

– Isso, general, é a única coisa que não posso dar.

Ali levantou-se e apagou o cigarro no chão.

– Não pode, mas vai.

Assentiu com a cabeça a Kanaan, que entrou com um balde de água gelada e o despejou sobre o prisioneiro para o preparar para outra sessão. Abu Qasim gritou e depois murmurou: Sarya, Sarya, Sarya. A forma como disse o nome fez Ali pensar em Layla.

*

Ali ouviu a voz distintiva ao chegar ao gabinete.

– Continuo a não obter as respostas de que preciso de Kanaan – disse Basil, sentado lá dentro. Ali juntou-se-lhe à mesa e acendeu um cigarro.

– Estou surpreso por conseguir sentar-se, com essa chumbada que a maluca da CIA lhe espetou no traseiro no seu raide lunático à embaixada.

Ali sorriu. Basil ignorou-o.

– Você é responsável por ter perturbado a minha operação... uma operação aprovada... contra a Embaixada dos EUA – disse. – Preciso de respostas e não as quero de Kanaan. Convocou-me aqui, ao seu gabinete. Por isso, é *você* que se encontra comigo – rosnou. – Não me mande o seu subordinado.

– Eu estou a tentar vencer uma guerra que você e o meu irmão quase perderam. Isso tem-me mantido muito ocupado. – Ali indicou-lhe a porta com a cabeça, dizendo-lhe que se fosse embora. Basil cuspiu para o chão. Lambeu o bigode e acendeu também um cigarro, soprando o fumo por cima da mesa, para o rosto de Ali. Permaneceu sentado. – Saia, Basil.

– Está a fazer...

– Saia.

Lentamente, Basil levantou-se, apagou o cigarro na mesa e virou-se para se ir embora.

Ali não costumava fazer ameaças. Nem revelava segredos em acessos de raiva. Não se chegava ao topo do Mukhabarat sírio abrindo a boca. Mas havia contas pendentes.

– Eu vi o que fez àqueles americanos na embaixada, Basil. – Basil, o Comanche, parou de avançar para a porta e virou-se lentamente, com as sobrancelhas unidas numa expressão confusa. – Fê-lo a Valerie Owens na cave deste edifício. Fê-lo em Hama.

Basil começou a sorrir de orelha a orelha.

– Basil – continuou Ali, apagando o cigarro no cinzeiro. – Sempre o considere um mafarrico, um demónio. Mas não passa de um cão raivoso que quer ser elogiado pela carcaça que leva ao dono. – Levantou-se e aproximou-se até sentir o cheiro do hálito húmido de Basil, até lhe ver o bigode molhado de saliva. Fitaram-se, olhos nos olhos. – O seu dono morreu, Basil.

Ali passou delicadamente um dedo pelo cimo da testa.

Basil tinha deixado de sorrir. Virou-se e saiu, cuspidando novamente para o chão.

Enquanto acendia outro cigarro, Ali abriu uma gaveta e tirou de lá um bloco de notas gasto. Folheou-o até encontrar a página. Um trio de preços. Um número de telefone.

Marcou os dígitos num telemóvel que tinha comprado com dinheiro. Depois enviou uma mensagem de texto.

O telemóvel de Sam apitou. O som era desnecessário; ele tinha passado a noite inteira a olhar para aquela maldita coisa. Leu a mensagem em árabe: *A sair*. Mostrou-a a Procter, que assentiu com a cabeça e disse:

– Foda-se, vamos a isto.

Sam ficou a observar enquanto o operador de câmara focava a entrada do Gabinete de Segurança. Basil passou pela guarita e foi para o passeio, avançando entre os carros estacionados.

– Susan? – perguntou Procter.

– A avançar, minha senhora. – Susan observou a transmissão de vídeo de Elias ao mesmo tempo que outro conjunto de vídeos passava num ecrã ao lado. – Damasco, pode ampliar um pouco mais a imagem?

Elias focou a lente no rosto dele.

– Obrigada. – Passaram-se vários segundos. – Acabo de enviar a avaliação ao Conselho Geral.

– Entendido. Tenho os resultados da Susan e do Molly – disse Gartner.

– É para avançar. É ele. É Basil.

– A rua e o passeio continuam livres – disse Elias.

– Vou armar a coisa – disse Sam.

– Ele anda mais depressa do que Ali quando dá o seu passeiozinho especial – avisou Procter.

Sam viu Basil passar pela bagageira do *Pajero*. Procter murmurou algo para si mesma, como um cântico.

– Val. Zelda. Em vossa homenagem. – disse Sam quando Basil se aproximou da porta do lado do passageiro.

A explosão arrancou a porta do *Pajero*, atirando uma torrente de plástico derretido e fragmentos de alumínio que atravessou a cabeça e o corpo de Basil e se espetou no muro de betão. A transmissão de vídeo mostrava uma nuvem de fumo proveniente de um incêndio dentro do carro. Elias concentrou a câmara na zona da explosão, mostrando a parede ensanguentada, um grande sapato preto, e um couro cabeludo.

Parecia ser o topo da cabeça dele.

*

Villefranche-sur-Mer tremeluzia ao longe enquanto a mulher punha um vestido vermelho, com o cabelo apanhado acima do pescoço. As janelas estavam abertas e as cortinas oscilavam com a brisa noturna. A cacofonia abafada de buzinas e sirenes ecoava nas ruas lá em baixo. Ele apertou o fecho-éclair do vestido de Mariam e ela deixou o cabelo cair pelas costas enquanto ele juntava os lábios ao pescoço dela. Enrolou uma mecha do cabelo comprido na mão e inspirou.

Se calhar, quando formos velhos, podemos viver assim.

Sam acordou com o som da chamada para a oração. Sentia-se esquisito e só depois de ter pegado nas muletas e andar de um lado para o outro no

quarto durante dez minutos, como os médicos de Langley tinham recomendado, é que percebeu o que era. Estava em paz. Pela primeira vez desde Damasco.

Preparou café e ligou o televisor, assistindo a uma reportagem sobre mais um ataque com mísseis dos EUA a Damasco e uma legenda que dizia *Forças Especiais dos EUA a operar na Síria*. Desligou o aparelho.

Ficou mais um dia em Amã. Dormiu. Leu. Bebeu mais café. Perguntou-se quando voltaria a sentir o pé.

Sobretudo, pensou nela.

Procter foi ao seu quarto de hotel ao pôr do sol, com uma única folha dobrada na mão estendida.

– Sei que perdeste os teus acessos e privilégios, Jagers, mas tenho uma entrega especial deixada no nosso velho território – disse ela. – Os Banditos continuam a fazer as rondas. Trouxe isto da Estação, infringindo vários regulamentos e leis durante o processo. Mas que se foda. Afinal de contas, está dirigido a ti.

Sam fitou-a com um ar desconfiado.

– Instinto maternal, pode dizer-se.

Ela piscou o olho enquanto se virava para se ir embora, sem o fazer lá muito bem.

Sam levou o papel para a varanda e desdobrou-o enquanto uma tempestade de areia se formava no céu avermelhado a sul.

Mariam subiu a montanha numa neblina de dor.

Agarrava o flanco direito, a arquejar, e olhava para a sua cidade devastada. Era a sua primeira grande caminhada desde que os médicos lhe tinham dado alta do hospital. Tivera sorte, diziam eles. A lâmina penetrara entre as costelas e furara-lhe um pulmão. Mas tinham estancado a hemorragia rapidamente. Recuperaria por completo. Agora queria ar. O médico concordara que isso lhe faria bem.

*

Nessa manhã, Razan chegara cedo ao seu quarto, bem antes de o dia raiar. Mariam, que não conseguia dormir, viu-a entrar por entre as sombras. Levava uma mochila velha.

– Vem comigo, *habibti* – disse Razan.

Mariam sabia que aquele dia chegaria. Desde que a tinham libertado da prisão de Ali Hassan e desde que o tio Daoud desaparecera durante o bombardeamento, Razan estivera calada. Mas não com a atitude indignada e amuada dos dias que se tinham seguido ao primeiro ataque do Mukhabarat. Estava concentrada. Estava a preparar-se. Estava pronta para se tornar uma refugiada. Mariam endireitou-se na cama e deu-lhe um abraço apertado.

– Não posso ir contigo, *habibti*. Quem me dera poder.

Choraram, e Razan passou as mãos pelos dedos de Mariam.

– Estão com melhor aspeto, *habibti* – disse Razan.

Ficaram as duas deitadas na cama. Mariam ia passando as mãos pelo cabelo de Razan e ambas foram adormecendo e acordando à medida que as horas intemporais avançavam rumo à madrugada. Numa das vezes em que acordou, Mariam levantou-se e foi até ao roupeiro. Deixou a porta aberta para que o luar entrasse. Encontrou um robe e vestiu-o. Se Ali tivesse instalado câmaras no seu quarto, poderia justificar a viagem. Sentando-se no chão, tirou uma caixa cheia de papéis de debaixo de um monte caótico

de roupas. Estava a abarrotar de fotos antigas, cartas, publicidade, revistas que ela não se dera ao trabalho de mandar fora. Encontrou o envelope que chegara no dia anterior, o que tinha selos franceses e lhe dera a volta ao estômago quando o vira pela primeira vez. Esperara todo o dia. Razan andava pelo apartamento e ela queria estar sozinha quando o abrisse. Silenciosa e cuidadosamente, separou o papel da cola e começou a abrir os folhetos. Viu o castelo de Èze. Fitou-o durante mais um momento até se aperceber de que tinha parado de respirar. Fechou os olhos e inspirou demorada e completamente. Ele tinha-lhe enviado um sinal a avisar que estava a salvo, que sobrevivera à prisão de Ali. Agora era a sua vez.

Voltou para a cama, aninhando-se em Razan.

*

– O tio visitou-me antes de desaparecer – disse Mariam por fim, quando o sol nasceu. Razan sentou-se, com um ar confuso. – Deu-me uma lista dos locais que a Guarda Republicana planeava usar durante o ataque com armas químicas.

Razan desviou o olhar de Mariam, sem querer acreditar. Em silêncio, olhou pela janela.

– Ele queria que eu passasse a informação a alguns amigos.

– Amigos?

– Sim.

– Ele *pediu-te* que fizesses isso?

– Sim. Insistiu. Apesar de saber o que isso implicaria para si.

– E tu passaste?

– Passei.

Razan ficou calada por um momento.

– Depois vieram os bombardeamentos – sussurrou. – E mataram o papá.

Mariam deitou-se novamente na cama e chorou. Razan aninhou-se ao lado dela. Ficaram em silêncio até ouvirem duas buzinas na rua. Depois uma terceira, mais demorada. Razan tirou um *hijab* da mochila e pô-lo.

– Trataste de tudo? – perguntou Mariam, a limpar os olhos. – Documentos, passaporte, dinheiro?

– Sim, *okhti*. Fui cuidadosa.

As pernas de Mariam tremiam muito enquanto as primas se abraçavam. Observou Razan, tentando tirar-lhe o máximo possível de fotografias mentais: o cabelo comprido, as pernas magras, o sorriso malandro, os olhos fogosos – embora imaginasse que a venda se fora e que os dois olhos eram saudáveis. Razan afastou-se e pôs a mochila ao ombro.

– Adoro-te, *okhti* – disse Razan. – E compreendo porque é que tens de ficar.

– E eu sei porque é que tens de partir, *okhti* – disse Mariam. – Mas

adoro-te mais.

Razan tinha começado a avançar para a porta.

– Espera – disse Mariam. – Não quero saber para onde vais, mas preciso de algo a que me agarrar. Para te imaginar na tua nova vida, para o caso de não nos vermos... durante... muito tempo. – Mariam cerrou o maxilar com força para não chorar. O rosto de Razan também estava tenso. – E se for o teu novo nome, o que vais usar para escapar? – perguntou-lhe.

O rosto da prima animou-se.

– Umm Abiha – respondeu. E depois virou-se e foi-se embora.

*

Agora, na montanha, com o ar do entardecer a vibrar-lhe na pele, Mariam avançava para o cume. A miúda é fogo, diziam depois de ela destruir oponentes em combate nos seus tempos de juventude em Paris. Golpes duros, ângulos tensos, uma energia brutal. A vingança a arder-lhe nos olhos. Cada pancada, cada investida era uma forma de se reclamar a si mesma, de destruir a jaula.

Avançou, olhando para a cidade lá em baixo. A Síria, dizia o seu tio, é o centro do mundo. Sangue antigo corre por este lugar. As suas cidades mantêm-se desde a criação e de pé permanecerão até ao final. E aqui, dizia ele, a apontar para o chão. É aqui que o mundo vai acabar.

Ela via as luzes a brilhar no centro de Damasco e torres de fumo a erguerem-se sobre os subúrbios em guerra.

A ofuscação do Palácio, de onde o Presidente geria os seus escravos.

Os estandartes negros da jiaide a agitarem-se na escuridão de Douma.

Lembrou-se de um protesto, do grito da sua prima, e sentiu a esperança entretanto destruída, substituída por uma guerra entre deuses rivais.

E eu destruir-vos-ei a ambos.

Já estava perto, a ofegar, a suar, a esforçar-se a cada passo para chegar ao cume. Não conseguia deixar de pensar em Sam. Eram companheiros de viagem, e o seu parceiro fora-se. Sabia o nome daquele sentimento e obrigou-se, finalmente, a sussurrá-lo enquanto marchava montanha acima.

Chegou ao cume quando os últimos raios de luz se escondiam atrás do horizonte ocidental de Damasco. Levou a mão ao flanco. Continua a andar. Continua a lutar. Continua a ir. Sentou-se num muro de pedra e olhou para o seu antigo lar lá em baixo. Perscrutou o espaço em volta para se assegurar de que estava sozinha. Tirou a nota do sapato.

Falou com ele por cima do papel, disse todas as coisas que não podia escrever.

Ajoelhou-se e deixou a nota na lata. Depois levantou-se e começou a descer a montanha.

Agradecimentos

Escrever um romance é um desporto individual. Na maioria dos dias, durante a temporada de escrita, eu sentava-me em frente a um computador, sozinho, a criar um mundo fictício habitado por personagens fictícias. A escrita é, pela sua própria natureza, um empreendimento solitário. Mas, no final, um livro requer que familiares, amigos e apoiantes o acompanhem para o trazer para o mundo real. E este romance teve-os aos montes.

Estou profundamente agradecido ao meu editor na Norton, Star Lawrence, que investiu em mim e nesta história e cuja primeira ronda de comentários enérgicos escritos à mão me ensinou lições preciosas sobre escrita e narrativa. Obrigado por apostar em mim.

O meu agente, Rafe Sagaly, leu os primeiros esboços e capítulos (muito rudimentares), afinou tudo e encorajou-me a continuar. Ajudou-me a encaminhar este projeto pela selva dos primeiros rascunhos até à terra prometida de um contrato de publicação a sério, algo pelo que lhe estarei eternamente grato.

Don Hepburn teve a cortesia de ser um conselheiro e confidente essencial durante o processo de escrita. Proporcionou-me uma fonte valiosa de experiência, histórias de guerra e lições operacionais que se refletem neste romance. Tudo o que escapa ao devido protocolo é, claro está, da minha autoria.

Dave Michael, amigo da faculdade e ocasional vítima das minhas partidas, esteve à altura do desafio e, ao rever este livro, também me ensinou a escrever bem. Obrigado por teres sido tão duro com este romance. É melhor por isso.

O meu pai, também ele um escritor, leu várias versões do manuscrito, proporcionou-me opiniões perspicazes e encorajou-me em todas as fases. Obrigado, pai, por me apoiares sempre.

Kent Woodyard, querido amigo e ser humano acima da média, ofereceu-me conselhos e ideias nos primeiros esboços, quando o conceito era pouco mais do que um rabisco num guardanapo. Anos antes, também

suportou a minha primeira tentativa de escrita, que era muito má. Obrigado por continuares a ler coisas quando tas envio e por me atenderes o telefone de vez em quando.

Alex Holstein ofereceu-me comentários sábios, ambiciosos e cândidos, bem como encorajamento e humor em todos os momentos. O apoio moral e a camaradagem fizeram toda a diferença.

Tim Grimmett assegurou-se de que eu não dava demasiado cabo das cenas passadas em Damasco, e poupou-me a vários erros embaraçosos.

É tremendamente satisfatório observar uma equipa a formar-se atrás da história. E a equipa da Norton, da ICM e da Curtis Brown uniu-se verdadeiramente. Nneoma Amadi-Obi manteve tudo em andamento. Dave Cole salvou-me de erros e tornou tudo melhor. Rory Walsh tinha as respostas. Stephanie Thwaites e Helen Manders, da Curtis Brown, promoveram o livro pelo mundo. José Prata, da Lua de Papel, em Portugal, com a sua enorme amabilidade, foi o primeiro editor estrangeiro a adquirir os direitos de publicação deste livro.

Muitos outros queridos amigos e antigos colegas da Agência leram versões anteriores do manuscrito e ajudaram-me pelo caminho. Hunter e Mary Beth Allen, Elisabeth Jordan, Blake Panzino, Marcus Gibbons, Mike e Jenny Green, Mark Weed, Griffin Foster, Jon Flugstad, Beryl Frishtick, John Wilson, Thomas Kivney, Anna Connolly, Erin Yerger, Sarah G., Becky Friedman, Betsy e Tim Martin, Elle Varnell, Joe L., James D. e Rob e Sahar Sea: todos dedicaram tempo a ler estas páginas e me ofereceram as suas opiniões sinceras. Estou muitíssimo grato a todos vós. Brice Wells, embora não seja um leitor, deu ao Departamento Gráfico da Norton um belo avanço, ao fazer um esboço da capa num guardanapo (literalmente), depois de vários *Ranch Waters* no bar Reata, em Fort Worth. No final, infelizmente, muito pouco desse conceito rudimentar sobreviveu.

Leitores a viver em Damasco – anónimos, para sua própria proteção – também me proporcionaram comentários e perspetivas preciosos, embora quaisquer erros ou liberdades criativas sejam só meus. Ainda que me tenha esforçado ao máximo por apresentar um retrato autêntico de Damasco, vale a pena referir um floreado criativo: embora haja de facto miradouros panorâmicos e um restaurante decente no monte Qasioun, os trilhos de corrida que surgem proeminentemente como o local para as entregas de Mariam são completamente ficcionados. A montanha propriamente dita está altamente militarizada e, de um ponto de vista operacional, seria um local de entregas atroz.

A Síria deste romance, embora fictícia, inspira-se em acontecimentos reais que tiveram lugar durante os dois primeiros anos da revolução, em 2011–2013. A Embaixada dos EUA em Damasco, por exemplo, foi de facto invadida e vandalizada por uma multidão pró-Assad em julho de 2011, que, embora não tenha cometido atos violentos, deixou realmente um rasto de fruta podre, *graffiti* obscenos e um sistema de ar condicionado

avariado. O rescaldo do massacre que Abu Qasim e Sarya observam a caminho de Damasco aconteceu realmente, em maio de 2012, em Taldou, uma de várias aldeias na região de Houla, no centro da Síria. Embora haja relatos diferentes, é provável que mais de 100 pessoas tenham sido assassinadas, a maioria em execuções sumárias, por forças militares e milicianas pró-governamentais. Mais de metade das vítimas eram mulheres e crianças. O fictício ataque com gás *sarin* perpetrado por Rustum, infelizmente, tem precedentes demasiado reais no campo de batalha sírio. Mais de 300 ataques com armas químicas ocorreram durante a guerra civil, tendo a grande maioria destes sido executada pelo regime sírio contra centros populacionais sob o domínio dos rebeldes. O mais infame, o uso de gás *sarin* em agosto de 2013, em Ghouta, um subúrbio de Damasco – de que Douma faz parte – poderá ter matado mais de mil pessoas. A bomba que quase assassinou Ali, Rustum e o Presidente Assad inspira-se num ataque ocorrido a 18 de julho de 2012, no qual – ainda que, mais uma vez, haja relatos contraditórios – um grupo rebelde provavelmente terá colocado uma bomba dentro do quartel-geral da Agência de Segurança Nacional no Centro de Damasco, detonando-a durante uma reunião de alto nível entre oficiais militares e dos serviços secretos. Entre as vítimas mortais incluíram-se o Ministro da Defesa, o Adjunto do Ministro da Defesa – que também era o cunhado do Presidente –, o Ministro da Administração Interna e um conselheiro do Palácio, antigo Ministro da Defesa. O Presidente – tal como, claro, os fictícios Ali e Rustum – não estava presente durante o ataque.

Este romance não teria sido possível sem a minha vida passada na CIA. Tentei apresentar a Agência – os seus funcionários, o protocolo e as operações – com a exatidão possível e apropriada, tendo em conta a necessidade imperativa de proteger informação confidencial. Devo agradecer ao Comité de Revisão de Publicações da CIA, cujos leitores se debruçaram sobre várias versões deste manuscrito para garantir que nada poria fontes ou métodos em perigo.

Criar a CIA fictícia deste romance foi bastante divertido, tal como inserir os verdadeiros pormenores que, por vezes, tornavam tão bizarra a vida no mundo secreto. De facto, do lado das coisas mais ligeiras, há (ou havia, pelo menos), uma máquina de venda automática de cachorros-quentes dentro do Quartel-Geral da CIA, em Langley, onde os relógios nunca estavam bem sincronizados; dependendo do país estrangeiro onde nos encontrássemos, era de facto possível regressar ao quarto de hotel e depararmo-nos com excrementos humanos na cama, e, tal como Sam lamenta, é verdade que a CIA tanto consegue localizar terroristas em estreitos montanhosos remotos como, por vezes, se vê com dificuldades em providenciar material básico de escritório.

E, não obstante, apesar de todos os defeitos e complicações, adoro e admiro a CIA, e espero que os leitores deste romance o terminem com uma

compreensão mais profunda da sua missão e dos sacrifícios feitos pelos seus agentes para proteger os EUA e a sua forma de vida. A CIA continua a ser uma instituição essencial para a conservação da nossa segurança e da ordem global. Os seus supervisores, analistas, selecionadores de alvos, funcionários de apoio, cientistas e técnicos, programadores, linguistas, gestores (alguns), empregados, informáticos, agentes secretos, agentes especiais, empreiteiros, soldados, médicos e inúmeros outros profissionais tornam o mundo um lugar mais seguro e melhor. Todos trabalham incansavelmente, e quase sempre nas sombras, pela nossa grande república. Devemos-lhes muito.

Também quero agradecer aos meus dois filhos, Miles e Leo, que, depois de cada dia de escrita, serviam como um alegre comité de boas-vindas – por vezes psicótico – ao mundo da realidade. A sua energia, entusiasmo, humor e amor incondicional influenciou este livro de inúmeras formas. Embora nenhum de vocês tenha idade para o ler (ou para ler o que quer que seja, já agora), espero que um dia este livro vos traga alguma da alegria que me deu escrevê-lo ao vosso lado. E à minha filha, Mabel, acabada de chegar a este mundo, espero que um dia isto te deixe orgulhosa.

E, por fim, o mais importante: todos os agradecimentos e todo o amor para a minha mulher Abby, que resolveu enredos e personagens fundamentais e foi a principal defensora, coconspiradora e musa deste livro. Em cada encruzilhada, quando desistir me parecia uma boa ideia, ela fazia-me avançar. Eu não poderia ter uma melhor companheira, seja na escrita, seja na vida.